This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

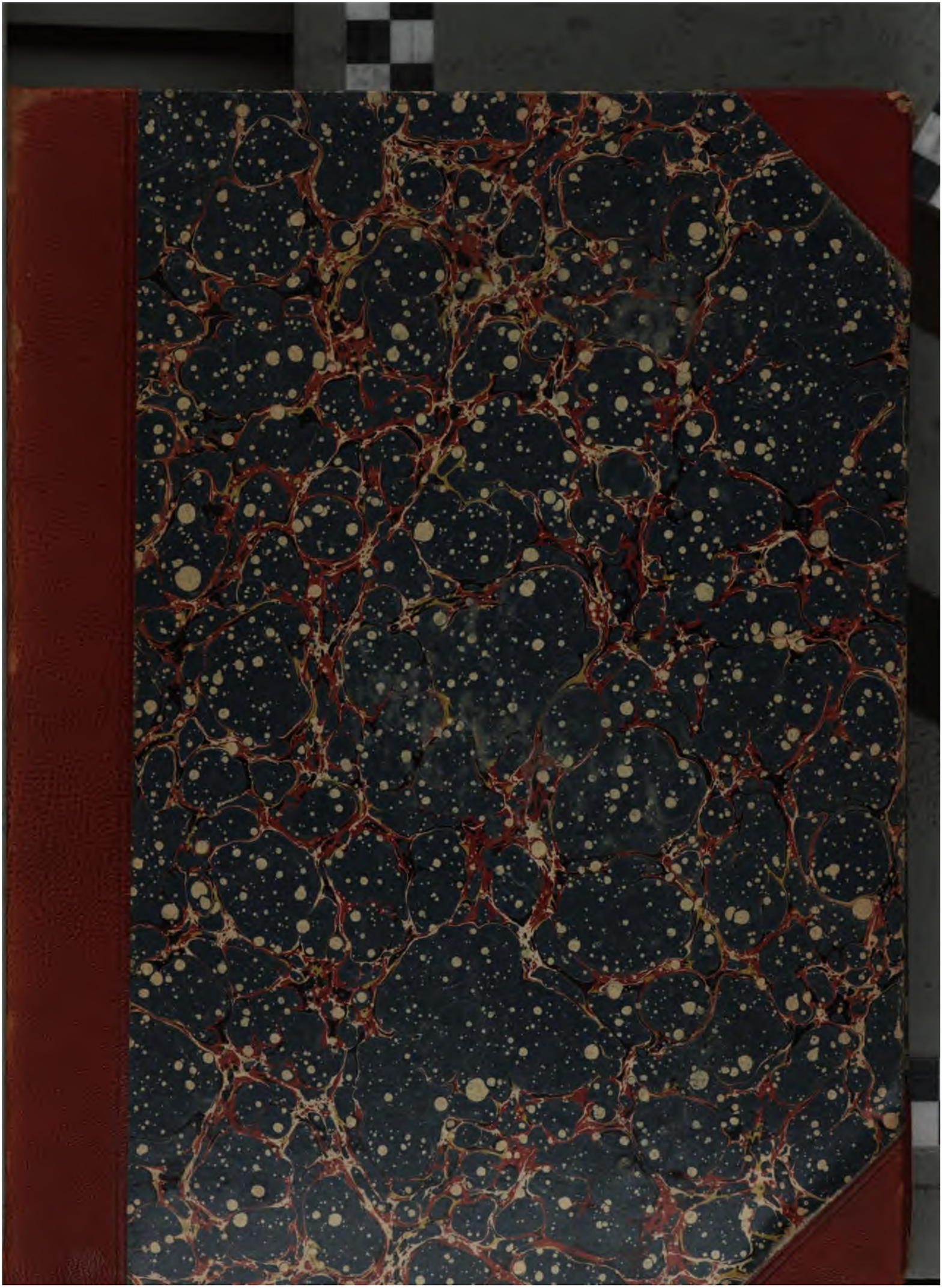
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

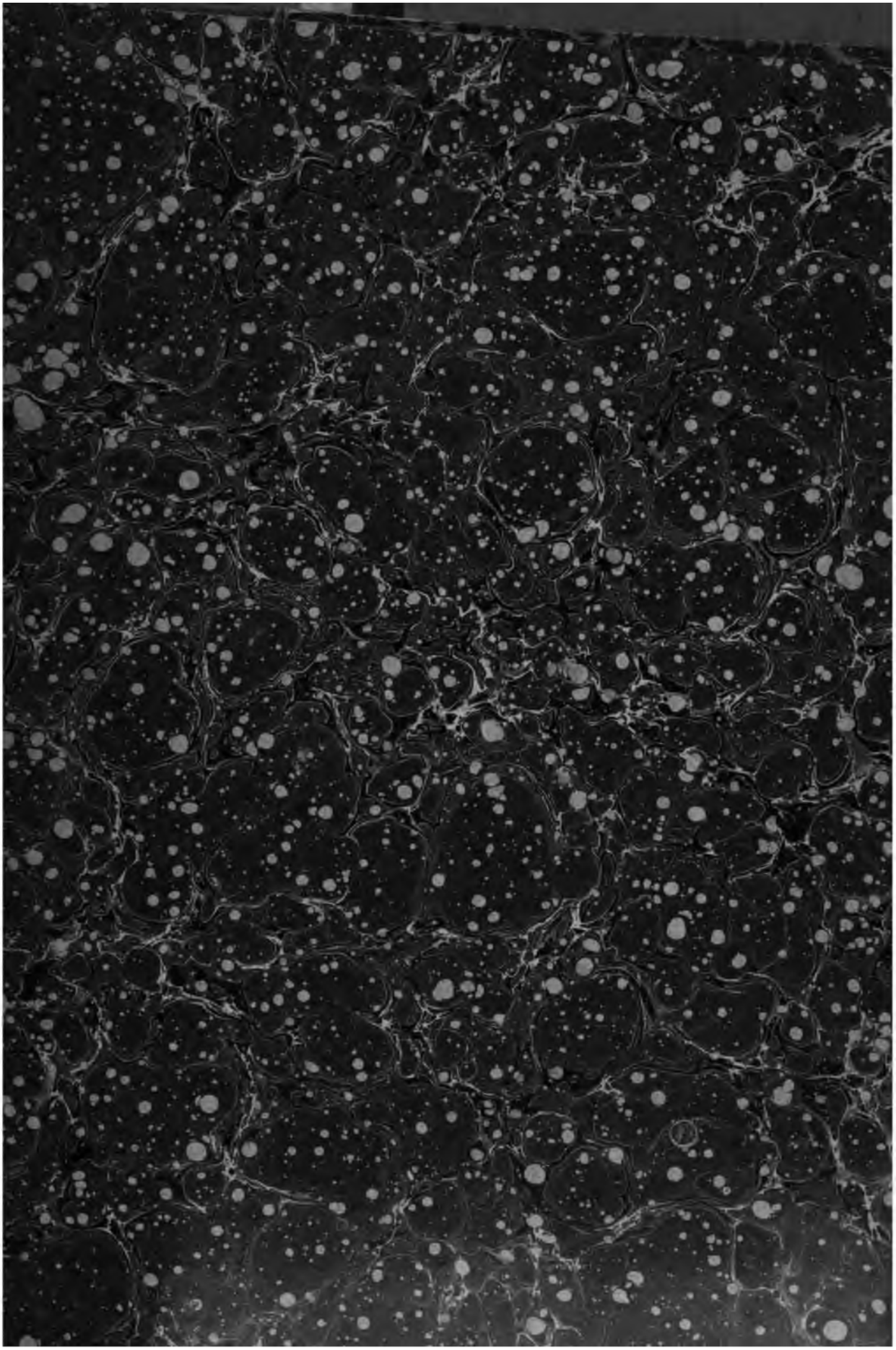
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`



LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
LIBRARY

THE GIFT OF

J. C. Branner



954.151
A168
v.6'

Brasilian Library

Academia das sciencias de Lisboa

COLLECÇÃO

DE

MONUMENTOS INEDITOS

PARA A HISTORIA DAS CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

EM AFRICA, ASIA E AMERICA

TOMO VI

1.ª SERIE

HISTORIA DA ASIA

NEWBERRY LIBRARY

265510

DECADA 13

DA

HISTORIA DA INDIA

COMPOSTA POR

ANTONIO BOCARRO

CHRONISTA D'AQUELLE ESTADO

PUBLICADA

DE

ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS-LETTRAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO

DE

Rodrigo José de Lima Felner

SOCIO DA MESMA ACADEMIA

PARTE I

LISBOA

Typographia da Academia Real das Sciencias

MDCCCLXXVI

A obra de Antonio Bocarro, a que elle chamou Decada, comprehende o que aconteceu no estado da India durante os cinco annos do vice-reinado de D. Jeronymo de Azevedo, de 1612 a 1617, e não liga, como o auctor desejava, com o que nos resta de Diogo do Couto. Entre as chronicas d'estes dois escriptores medeia um intervallo de doze annos, que tantos duraram os governos de Ayres de Saldanha, D. Martim Affonso de Castro, Dom Frei Aleixo de Menezes, André Furtado de Mendonça e Ruy Lourenço de Tavora. Procurando attenuar esta falta, a Segunda Classe determinou que se publicasse a parte dos *Documentos remettidos da India*, ou *Livros das Monções*, que podesse contribuir para o preenchimento da lacuna, e confirmar, ampliar, ou rectificar o que Bocarro escreveu de D. Jeronymo de Azevedo. Estão impressos dois volumes d'estes documentos, e continúa a imprimir-se regularmente o que falta para complemento do terceiro, com a presteza que permittem outros trabalhos da Academia.

A publicação da Decada de Bocarro foi dirigida pelo nosso socio de merito o sr. Lima Felner, a quem uma pertinaz enfermidade privou quasi completamente da vista, impossibilitando-o de prefaciar a obra com o elevado criterio, de que deu prova nos magnificos prologos das *Lendas da India* de Gaspar Correia, e dos *Subsidios para a Historia da India portugueza*.

Teve o nosso illustre consocio presentes para esta edição tres manuscriptos.

O primeiro, adquirido por compra pela Academia, é uma copia em boa letra, que parece do seculo passado, n'um volume in folio grande de 407 folhas, comprehendendo a 1.ª parte com 84 capitulos, e a 2.ª com os seguintes até 186. Tem por titulo:

Decada 13
da historia da India. P.e 1.ª
Composta
Por Antonio Bocarro
Chronista daquelle
Estado.

A divisão da obra é indicada unicamente pelas palavras *Parte secunda* (sic) escriptas no verso da folha 190, rematando o livro com a formula vulgar: *Finis, Laus Deo, Virginiq̃ Mariæ.*

O segundo manuscripto, offerecido generosamente por emprestimo á Academia pelo nosso socio correspondente o sr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, é um volume in fol. ordinario de 460 folhas, em letra do seculo XVII, e intitula-se:

DECADA 13
DA HISTORIA DA INDIA
PARTE I.ª
(*Logar das armas de Severim de Faria*[1])
COMPOSTA
POR ANT.º BOCARRO
CHRONISTA DAQUELLE
ESTADO.

[1] Acham-se estampadas n'um pequeno quadrado de papel, collado no frontispicio, e consistem n'um escudo partido com o brazão de *Severins* e o de *Farias:* para *Severins*, escudo partido em palla; na 1.ª, de prata, uma orla de 20 peças d'este metal e de vermelho; na 2.ª da mesma côr, duas pallas de prata: e para *Farias*, em campo vermelho um castello de prata entre 5 flores de liz do mesmo metal.

A parte segunda, que principia em fol. 222, continúa, como no primeiro manuscripto, com o capitulo 85 precedido por este frontispicio:

PARTE 2.ª
DA DECADA 13
DA HISTORIA DA INDIA.
(*Logar das armas de Severim de Faria, como na 1.ª parte*)

O terceiro manuscripto, pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa, que o comprou ha poucos annos, é um volume in fol. sem paginação, nem vestigios de ter tido folha de rosto. Contém sómente a segunda parte da Decada, lendo-se no alto da pagina em que está a Epistola dedicatoria: *Tomo 2.º da primeira Decada de Antonio Bocarro* etc. e acha-se encadernado em moscovia com lavores a ferros seccos na capa, que não tem pastas de papelão, mas unicamente a guarda pegada á moscovia.

Considerando bem esta encadernação, similhante á maior parte das que vinham da India; vendo a assignatura da Epistola dedicatoria (ainda que não conheçamos a escripta de Bocarro) e a letra do texto, que não é da peior do seculo XVII, não poderiamos ser arguidos de levianos, se tomassemos este codice por um duplicado remettido em 2.ª via para o reino, como se mandou o *Livro das plantas das fortalezas* do mesmo auctor, apezar de ser preciso repetir 52 desenhos.

Feita, como podémos, a descripção dos codices consultados para a presente edição, não devemos omittir as escassas noticias que nos restam ácerca de outros exemplares da mesma obra.

A *Bibliotheca Lusitana* menciona um manuscripto da Decada de Bocarro, existente na livraria do conde de Vimieiro, na qual o conde da Ericeira o viu, e d'elle deu conta á Academia Real de Historia na conferencia de 7 de agosto de 1724. Cremos ser este o mesmo codice que hoje possue o sr. Pereira Caldas, por ter as armas de Severim de Faria, e sabermos, pelo testemunho de Barbosa Machado, que a livraria do chantre de Evora passou para o conde de Vimieiro.

Na Bibliotheca Real de Madrid existe um manuscripto do *Tomo 2.º da primeira Decada*, de que faz menção Joaquim José Ferreira Gordo; e

provavelmente é o mesmo referido na *Biblioth. Orient.* de Antonio de Leão, citado por Barbosa Machado. O sr. D. Pascoal de Gayangos, examinando-o em 1870, considerou-o como uma copia.

É possivel que ainda exista mais algum manuscripto da Decada; mas não conhecemos outros além dos que acima indicámos. Cremos que esta edição não será por isso menos correcta. A nossa convicção é corroborada pela quasi conformidade dos tres codices, cujas variantes cuidadosamente notadas[1] podem em geral considerar-se como pequenos lapsos de copia, que em nada alteram o texto.

Para obviar algum reparo, notaremos que o titulo de *Decada* 13 conservado ao impresso, em conformidade com o manuscripto da Academia e com o do sr. Pereira Caldas, não nos parece dado por Bocarro, que chamou á sua obra, no tomo 1.º, *Decada primeira,* e no 2.º, *Tomo* 2.º *da primeira Decada.* Além d'isto a data da *Epistola dedicatoria* do 2.º tomo é de 1635, e a Decada 12 de Couto só foi publicada pela primeira vez em 1645. Ainda mais: nem o conde da Ericeira, nem Barbosa Machado, nem Ferreira Gordo indicam o numero 13, quando fallam dos codices que examinaram.

Tudo isto nos leva a crer que na primeira folha branca do exemplar do sr. Caldas se escreveu mais tarde que 1645 o numero 13 depois da palavra *Decada*, ou todo o frontispicio, não sendo possivel, n'este supposto, determinar quando se désse tal facto, por ser a letra uma imitação assaz nitida dos caracteres typographicos. Estamos convencidos de que a redacção da folha de rosto foi feita no reino; porque só fóra da India se poderia chamar ao auctor (que alli compoz a sua obra) chronista *d'aquelle* Estado. Se quizermos suppor que n'este codice, quando foi examinado pelo conde da Ericeira em 1724, já existia o titulo, teremos de concluir que o sabio academico não lhe prestou attenção, ou o despresou, guiado pelas mesmas considerações que temos expendido.

Achámos comtudo rasoavel acceitar o numero 13, imposto em qualquer época e por qualquer pessoa á obra de Antonio Bocarro. O exemplo

[1] Nas variantes da presente edição notou-se com a letra A o manuscripto da Academia, com B o da Bibliotheca Nacional, e com C o do sr. Pereira Caldas.

de Diogo do Couto continuando a serie numerica das Decadas de João de Barros, pareceu-nos de sufficiente auctoridade para nos absolver da culpa em que n'este caso houvessemos incorrido.

Antonio Bocarro na sua obra descreve scenas que se haviam passado vinte annos antes. Sente-se a escrupulosa consciencia do escriptor, quando nos revela as difficuldades em que se viu no apurar da verdade, difficuldades que affirma não ter logrado vencer algumas vezes [1], por lhe faltarem documentos e já não existirem testemunhas idoneas, que podessem auxilial-o com a narrativa authentica de factos importantes.

Seguindo a escola dos escriptores do seu tempo, Bocarro procura imitar os modelos latinos, fugindo, todavia, á concisão e elegante sobriedade de Tacito. A nosso ver, é em geral diffuso, e a maior parte das vezes descolorido na pintura dos grandes quadros e dos extraordinarios rasgos de valor, que vão quasi sempre até á heroicidade; unica herança e dote moral que por essa época ainda conservavam, com raras excepções, aquelles homens corrompidos. Na disposição das scenas, viveza das côres, pittoresco dos paineis, Gaspar Correia com a sua ingenua ignorancia, o seu estylo, que é por assim dizer um balbuciar infantil, leva, segundo a nossa opinião, vantagem, nas suas *Lendas da India*, não só a Bocarro, mas a todos os nossos escriptores da conquista do Oriente.

Antonio Bocarro, a par da consciencia com que procura descobrir a verdade e documentar os factos, é imparcial e severo na apreciação dos homens e das coisas. Não occulta, levado por vão patriotismo, as ulceras que lavravam até á medula nos principaes personagens d'aquelle tempo, nem esconde o estado de decadencia a que havia chegado o nosso poderio e o nosso commercio, n'uma época em que a gente da India parecia haver completamente esquecido a sombra d'aquelles vultos gigantes que sobresaíam entre tantos heroes, como D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque.

Apparece n'esta Decada, posto que fugitivamente, uma figura que nos inspirou o mais vivo interesse. É um inglez chamado Roberto Shirley [2]

[1] *Bocarro*—Decada, tom. I, p. 5 do Prologo.

[2] Bocarro escreve *Sarley*; mas as noticias inglezas que consultámos, trazem sempre *Sherley* ou *Shirley*.

homem intelligente, astuto e audaz, que mandado a Hespanha pelo Shah da Persia (1603), ora se apresenta como embaixador, ora como negociante. Depois de viver alguns annos em Madrid, desapparece subitamente da côrte, parte para Inglaterra e revela ao seu governo o fim que o levara a Hespanha.

Em principios de novembro de 1613 uma carta de Filippe III avisava as auctoridades da India que Roberto Shirley negociara com os inglezes navios para atacar Ormuz, e que saíra da Europa levando poderes para ajustar um tratado com o Shah sobre o commercio das sedas. Instava elrei pela fortificação de Ormuz contra a tentativa de Inglaterra, e recommendava que por todos os modos se houvesse ás mãos o embaixador do rei da Persia; mas foram baldadas todas as diligencias. Apezar de se ter entregue a commissão a D. Luiz da Gama, homem decidido e intelligente, Roberto Shirley conseguiu escapar e passou á Persia, onde urdiu e tramou as grandes calamidades, que depois com a vinda dos inglezes sobrevieram ás nossas possessões da Asia.

Parece que os ultimos annos da vida d'este perspicaz e ousado aventureiro, fallecido em Casbin a 13 de julho de 1628, foram cortados de graves desgostos, padecendo ainda algumas perseguições a sua corajosa viuva[1].

[1] Primum contingit quod rex Persidis Abbas, ut a principio exordiar, assumpserit in familiarem quemdam Anglum catholicum nomine Robertum Sirlei, postea creatum ab Imperatore comitem palatinum; quia a rege Persidis legatus missus est ad multos principes christianos. Cum invidia virtutem ordinariè comitetur, alii Angli mercatores ipsum persequi, imò apud regem diffamare coeperunt, praesertim quod suam uxorem e mahometana lege in christianam convertisset; aliaque his similia mentientes, adeo regem in illum commoverunt, ut e sua legatione redeuntem e curia recedere jussit. Miratur bonus ille comes, prae tristitia talis successus infirmatur, moritur, ac in nostram ecclesiam sepeliendus Aspahanum deportatur: ejus uxor nomine Theresia dicta comitissa Sirlei (quae nunc Romae commoratur, ibique nuper eam vidi) comprehenditur, ad judicium vocatur; sed seipsam justificans clarissimè demonstrat se ex Hircania adductam, christianis parentibus ortam ac semper fuisse christianam, asseverans, quidquid res tulerit, se semper talem futuram; minantur ignes, se ad ignem paratam pro fide Christi respondet: se eam ex altissima turre praecipitem daturos objiciunt, quod supplicium in Perside saepe reis imponitur, invincibili constantia replicat se nullum mortis genus propter Christi fidem illatum metuere: tandem quia judex nobis plurimum affectus erat, aliquibus muneribus flexus eam dimisit. Iterum eam die Ascensionis anno 1629 com-

Os *Documentos remettidos da India*, em via de publicação, referem-se por vezes a este notavel personagem, cuja biographia desenvolvidamente estudada ministraria bastantes subsidios para a historia da nossa decadencia commercial e da perda de Ormuz.

Além dos dois tomos da *Decada*, menciona Barbosa Machado mais as seguintes obras manuscriptas de Bocarro.

Da reforma do Estado da India, in fol. Conservava-se na livraria do chantre de Evora Manuel Severim de Faria.

Pelos dois documentos que adiante publicâmos (I e II) sabemos que em 1636 foi remettido para o reino este manuscripto com o dos *Feitos de Sancho de Vasconcellos*, livro que julgamos inteiramente desconhecido para Barbosa e para outros escriptores por nós consultados.

Livro dos feitos de Gonçalo Pereira, in fol. Existia na mesma livraria, que passou para o poder do conde de Vimieiro.

Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da India Oriental... Dedicado á Serenissima Magestade delRey Filippe o IV das Espanhas, e III de Portugal, Rey e Senhor nosso: in fol. grande, com 52 plantas illuminadas. Foi mandado para a côrte em duas vias, como o auctor diz na sua dedicatoria datada de Goa a 17 de fevereiro de 1635. O exemplar dado por Barbosa como existente na livraria do duque de Cadaval, é, como julga o sr. Rivara, o que se guarda hoje na Bibliotheca de Evora, devendo o segundo ser o que Ferreira Gordo viu na Bibliotheca real de Madrid, no qual os desenhos estão encadernados á parte. A casa dos marquezes de Castello Melhor possue outro exemplar, de que nos deu noticia o nosso erudito consocio o sr. Silva Tullio, que o examinou. É uma excellente copia, in fol. magno, em letra do seculo XVII, e com as 52 plantas feitas á penna.

Para esta obra trabalhou Pero Barreto de Resende, secretario do

prehendere voluerunt, eam in propria domo quaerunt; sed admonita, erat quippe in nostra ecclesia, effugit: latuit apud Armenos, ac paucis post diebus dimissa a nostris Patribus Constantinopolim, ac inde Romam petit, ubi nunc commoratur.—*P. Phil. a SS. Trinitate*—Itiner. Orient. Lugd. 1649, liv. 9, c. v.

Póde tambem ver-se: *Ch. Knight*—English Cyclopædia. Biography, vol. v; e *Céspedes y Meneses*—Hist. de Filippe III, p. 146 a 149.

vice-rei conde de Linhares, como elle mesmo declara no prologo da *Primeira parte das descripções das cidades e fortalezas da India Oriental*[1]: «Nas quaes costas tem S. Mag.de as fortalezas (que de fora deste livro vão estampadas noutro) e os Portugueses em todos reynos e provincias dellas os tratos e commercio, que se verão pelas descripções de cada huma, as quaes fez Antonio Bocarro chronista deste Estado da India, com immenso trabalho e disvélo, de que eu fui boa testemunha; porque tendo eu dado principio ás plantas deste livro, e determinado fazel-o da mesma forma que elle está para minha curiosidade, mandou S. Mag.de ao Conde de Linhares Viso-Rey da India (meu senhor) lhe mandasse hum livro desta mesma forma; e remettendo o Conde Viso-Rey o dito livro ao chronista Antonio Bocarro, para que o fizesse, lhe respondeu que as descripções faria elle por ser cousa tocante ao seu officio, mas que as plantas era impossivel podel-as elle fazer, se lhas eu não désse, por ter já maior quantidade dellas. E ordenando-me o Conde de Linhares (meu Senhor) o fizesse, desisti de certo intento que tinha, e as dei com a condição que me désse elle as descripções dellas, e nesta conformidade se acabou o livro que foi a Sua Mag.de

«E fazendo eu depois outro de todas as despesas e rendimentos de todo o Estado da India por menor, achei as contas das despesas e rendimentos das fortalezas, que elle poz nos livros que foram a El-Rey, muito erradas, e as emendei da forma que aqui vão, que são tiradas por menor de todas as contas que os feitores dão nos Contos desta cidade de Goa e da fazenda della, onde se pagam todos soldos e ordenados e ordinarias, e pelo regimento da matricula geral, onde se descontam todos os ditos soldos, ordenados e ordinarias, que me não custou pouco a alcançar, o que elle não pôde fazer, por se lhe não darem nos tribunaes os livros, e noticias que lhe eram necessarias.»

A carta regia que adiante publicamos (III) dirigida ao conde de Linhares, se não se refere ao *Livro das fortalezas*, prova, como nos parece, que Bocarro foi encarregado de outros trabalhos analogos.

Do homem que nos principios do seculo XVII exerceu os importantes

[1] Manuscripto pertencente á Academia

cargos de chronista e guarda mór da Torre do Tombo da India; que deve ter convivido com os grandes personagens do seu tempo; que foi auctor de obras importantes, nada conheciamos senão alguns dos seus escriptos. A sua biographia resumia-se na curta phrase de Barbosa: «Não sómente foi successor de Diogo do Couto na investigação, mas tambem no estylo com que escreveu e continuou a historia da India.» Tão poucas palavras só podiam, quando muito, auctorisar-nos a suppor a nomeação de Bocarro pouco posterior á morte de Diogo do Couto em 1616.

Com o fim de estudar o que fosse possivel a respeito do auctor da Decada, fizeram-se por varias vezes investigações na Torre do Tombo, mas sempre infructuosamente. A nossa boa fortuna, porém, quiz que ha poucos dias ahi se descobrissem os seis documentos ineditos que adiante publicâmos [1]. Dos tres primeiros já aproveitámos o que podémos para ampliar o que sabiamos das obras do chronista da India; offerecendo-nos os restantes (IV a VI) valioso subsidio para determinar a data da sua nomeação e aproximadamente o tempo do seu exercicio.

Depois da morte de Diogo do Couto não era facil achar na India quem o podesse substituir. Por esta ou por outras razões esteve o logar vago até 1631, em que o conde de Linhares, instado por apertadas ordens d'el-rei, nomeou Antonio Bocarro, que o chanceller Antonio Pinto da Fonseca lhe apresentou como homem de talento e dotado das qualidades necessarias para o bom desempenho do cargo. Estas qualidades mostrou-as com as suas obras, dando prova ao mesmo tempo da actividade com que desempenhava honradamente as commissões de que era encarregado, não desmentindo o bom conceito que d'elle se fizera, confirmado pelos documentos que nos restam.

Da carta regia de 10 de março de 1650 (VI) dirigida ao vice-rei deduz-se que no anno antecedente, pelo menos, já estava nomeado chronista e guarda mór da Torre do Tombo da India Francisco Monis de Carvalho. Se este facto não basta para assignar a época da morte de Bocarro, serve ao menos para nos convencer de que o seu exercicio não póde extender-se a uma data posterior a 1649.

[1] Encontrados pelo nosso distincto paleographo, o sr. José Gomes Goes, que tem collaborado na publicação dos Monumentos Ineditos desde o seu principio.

Incumbidos pela Segunda Classe de dar publicidade á obra de Bocarro, precedida por uma breve noticia, acudimos ainda assim a todas as fontes que nos podessem auxiliar na biographia do successor de Diogo do Couto. Á falta de pormenores sobre a sua vida intima, achámos o bastante para delinear as feições principaes da sua vida publica. É o mais importante.

Hospede por emquanto n'estes trabalhos, que demandam longa experiencia, receiamos aventurar alguns juizos, que ainda podiamos fazer, limitando-nos a publicar os documentos, muito mais importantes e valiosos que todas as nossas conjecturas.

Nov. de 1876.

B. P.

I

1636—março 10

Senhor—Os dous livros que vão nesta via do numero desta carta, me deu o Chronista Antonio Bocarro, pera os enviar a V. Magestade, como faço; hum he da reformação deste Estado da India, e o outro dos feitos de Sancho de Vasconcellos; e pareceu-me lembrar aqui a V. Mag.de que serve este homem bem em tudo o que toca a seu officio, e que em razão disso e da carestia da terra merece lhe mande V. Mag.de deferir á consulta que sobre elle faço pela lista dos despachos. Deus guarde a catholica e real pessoa de V. Mag.de como a christandade e seus vassallos havemos mister. De Goa a 10 de março de 1636.—Pero da Silva.

(Doc.s remett. da India, L.o 33, f. 266; e outra via L. 35, f. 43 v.o)

II

1638—março 23

Viso-rey da India amigo, eu el-rey vos envio muito saudar. Com a vossa carta de 10 de março de 636, vinda na nau Nossa Senhora da Saude de Penalonga, se receberam os dous livros que enviastes e compôs Antonio Bocarro, meu Chronista desse Estado, sobre a reformação delle e sobre os feitos de Sancho de Vasconcellos. E pareceu-me dizer-vos que dos

procedimentos de Antonio Bocarro fico com satisfação, e tenho mandado se lhe responda a suas pretensões, que me consultastes pela lista dos despachos, na forma que por outra carta se vos avisará. Escripta em Lisboa a 23 de março de 1638.—Margarida.

(Id. L.º 44, f. 33, e L.º 45, f. 27.)

III

1633—dezembro 24

Conde sobrinho, viso-rey da India amigo, eu el-rey vos envio muito saudar, como áquelle que muito amo. Havendo-vos ordenado pelos navios que o anno passado foram de soccorro a esse Estado, me enviasseis as descripções de todas as costas, portos, abras e surgidouros desse Estado, cada governo ou capitania de per si, com as mais declarações que na mesma carta se relatam, respondestes[1], pela naveta e galeão São Francisco de Borja, que para virem com a clareza e distincção que se vos ordenava, se trabalhava o possivel, e o não era virem com a vossa carta, e os enviarieis com a primeira monção; e posto que trabalhaveis na materia pessoalmente, tinheis remettido a parte que vos tocava ao chronista desse Estado: e porque fico aguardando estas relações, vos encommendo muito que não as havendo remettido nas naus que desse Estado se esperam no anno que vem, as enviareis nas primeiras. Escripta em Lisboa a 24 de dezembro de 1633.—Rey—O Duque de Villahermosa Conde de Ficalho.

(Id. L.º 31, f. 181.)

[1] A resposta do Vice-rei, a que esta carta se refere, é de 2 de janeiro de 1633.

IV

1631—agosto 19

Senhor—V. Mag.de me manda por apertadas ordens que busque homem que continue com a historia da India; e commettendo ao Doutor Gonçalo Pinto da Fonseca, chanceller deste Estado, o exame das pessoas que podiam servir a V. Mag.de nesta occupação, me nomeou para ella a Antonio Bocarro por pessoa de talento e em quem me affirmou concorrem algũas mui boas partes para a dita occupação: porque neste Estado, Senhor, ha grande falta de sujeitos, passaram-se-lhe os despachos necessarios para servir juntamente de guarda-mór da Torre do Tombo.

E porque tenho por noticia que Diogo do Couto escreveu até o tempo de Dom Jeronymo d'Azevedo, e cá não ha estes livros; e tenho ouvido que o marquez de Castel Rodrigo tem parte delles de letra de mão, sirva-se V. Mag.de de mandar que se envie hũa copia delles, para se emendar a parte em que elle houver sido diminuto, e se poerem nesta Torre do Tombo, que está em tal miseria que não ha nella hum só papel em que se faça fundamento, nem ainda para dar lume á historia; a que tenho grão lastima, e vou dando o remedio que me he factivel. Deus guarde a catholica e real pessoa de V. Magestade, como a christandade e seus vassallos havemos mister. De Goa a 19 de agosto de 1631.

(Id. L.º 29, f. 89.)

V

1638—novembro 26

A Antonio Bocarro se communicou a lista e confirmação da tença que V. Mag.de lhe mandou acrecentar, e só parece que se alcança erro na declaração da moeda, porquanto se mostra pela mesma lista haver de ser

ametade da que tinha Diogo do Couto, que não passava de quinhentos xerafins, e na lista se declaram duzentos e cincoenta mil réis pela ametade do que o mesmo defunto tinha; em cujo negocio deve V. Mag.de mandar dar a declaração que fôr mais de seu serviço. E no tocante aos procedimentos do mesmo Antonio Bocarro, seus volumes o devem mostrar, assi em talento, como em sufficiencia. Nosso Senhor a catholica e real pessoa de V. Mag.de guarde, como a christandade ha mister. Goa 26 de novembro de 638.—Pero da Silva.

(Id. L.º 44, f. 220, e L.º 45, f. 27.)

VI

1650—março 10

Conde viso-rey amigo, eu el-rey vos envio muito saudar, como áquelle que muito amo. Francisco Monis de Carvalho, provido por mim no cargo de chronista e guarda mor da Torre do Tombo desse Estado, me enviou representar que na carta que se lhe passou do mesmo cargo, se não declarou o ordenado que devia vencer cada anno; pedindo-me (com o exemplo de seu antecessor Diogo do Couto, que vencia quinhentos mil réis) mandasse declarar que devia ser pago da mesma quantia. E porque Antonio Bocarro, que foi o ultimo proprietario do dito cargo (e a quem succedeu Francisco Monis) vencia sómente ametade, que são duzentos e cincoenta mil réis, e este he o ordenado que lhe toca; o mesmo lhe haveis de mandar pagar, e passar disso a provisão necessaria, como hei por bem se faça, não se vos offerecendo cousa que o encontre. Escripta em Lisboa a 10 de março de 650.—Rey · ⁝ ·

(Id. L.º 61, f. 101.)

INDICE

DOS

CAPITULOS CONTIDOS NA PARTE I

DA

DECADA DE ANTONIO BOCARRO

PAG.

Noticia preliminar..... v
Epistola dedicatoria a el-rei D. Filippe IV das Hespanhas e III de Portugal..... 1
Prologo..... 3
Capitulo I.—Como D. Hieronymo de Azevedo succedeu por viso-rei d'este Estado da India, e das ordens que para isso mandou Sua Magestade..... 7
Cap. II.—Como o viso-rei D. Hieronymo de Azevedo se partiu de Ceilão, chegou a Cochim e a Goa, e da entrega que se lhe fez do Estado..... 13
Cap. III.—Do estado em que estavam as cousas do Norte, quando o viso-rei D. Hieronymo tomou posse do Estado..... 17
Cap. IV.—Como o capitão do Chaul, D. Francisco Rolim, passou a Chaul de cima, e do que lá lhe succedeu..... 21
Cap. V.—Da briga que teve Nuno da Cunha no Norte com os ingrezes..... 24
Cap. VI.—Do fim que teve esta briga de Nuno da Cunha com os ingrezes..... 28
Cap. VII.—Do que fez o viso-rei D. Hieronymo de Azevedo no principio do seu governo, sobre as dividas que o viso-rei Ruy Lourenço tinha deixado feitas; e do embaixador da Persia que veiu do reino..... 32
Cap. VIII.—Do que mais ordenou o viso-rei dom Hieronymo de Azevedo no provimento de differentes fortalezas..... 37
Cap. IX.—Do que succedeu aos tres navios com que o viso-rei Ruy Lourenço de Tavora tinha mandado André Coelho á costa de Coromandel..... 41
Cap. X.—Do estado em que ficou Ceilão quando veiu D. Hieronymo de Azevedo, e o mais que n'elle aconteceu..... 45
Cap. XI.—Do que mais se obrou em Goa depois da chegada da armada do Norte. 48

PAG.

CAP. XII.—Do que mais se ordenou em Goa no provimento das armadas e materias de governo, mandando a Ruy Dias de Sampaio por capitão mor do Norte, e do que lhe succedeu 55
CAP. XIII.—Do que Ruy Freire ficou fazendo na defensão dos rios de Taná e passos da jurisdicção de Baçaim 59
CAP. XIV.—Do que mais se ordenou em Baçaim com a chegada da armada de Ruy Dias de Sampaio 63
CAP. XV.—Como Ruy Dias de Sampaio ficou com a cáfila em Baçaim, e o mais que se procedeu no descurso das guerras em que andava 66
CAP. XVI.—Do que em Damão fez Ruy Freire nas guerras para que ficou n'esta cidade 70
CAP. XVII.—Do que em Goa se ordenou depois da vinda das naus, sobre a fortaleza de Moçambique, e do estado d'ella e das minas da prata 74
CAP. XVIII.—Como D. Henrique de Noronha foi até Cochim, e despediu a armada do Cabo, e o mais que obrou no serviço de Sua Magestade 77
CAP. XIX.—Do que em Goa se ordenou sobre algumas cousas tocantes ao Idalcão, e os direitos da alfandega de Ormuz, e como se procedera nas guerras do Norte 81
CAP. XX.—Do que continha o regimento do viso-rei D. Hieronymo, e o que mais se ordenou sobre estas guerras do Norte 85
CAP. XXI.—Como o viso-rei mandou a Nuno da Cunha por capitão mór das guerras do Norte, e da gente que levou, e sua chegada a elle 88
CAP. XXII.—Da armada de galeões que o viso-rei Ruy Lourenço tinha mandado á China com Miguel de Sousa Pimentel, capitão mór d'elles, e de outra que mandou o viso-rei D. Hieronymo, para que ambas viessem juntas 93
CAP. XXIII.—Da armada que o viso-rei Ruy Lourenço mandou a Malaca com Diogo de Mendonça Furtado, em setembro de 612, e do successo d'ella 98
CAP. XXIV.—Da armada de galeões que mandou o viso-rei á China n'este maio de 613, a cargo de João Caiado de Gamboa, capitão mór d'ella, e do que lhe succedeu 103
CAP. XXV.—Do que n'este inverno de 613 succedeu em Chaul e Baçaim nas guerras do Melique 106
CAP. XXVI.—Do que fez Nuno da Cunha em Baçaim pelo descurso d'este inverno. 109
CAP. XXVII.—Do qne havia succedido na fortaleza de Mombaça, e foi succedendo pelo descurso do tempo, até esta era de 613 112
CAP. XXVIII.—Do cerco que o rei de Ová poz á nossa fortaleza de Serião, e das causas que houve para se fundar em Pegú por Filippe de Brito de Nicote... 117
CAP. XXIX.—Do desafio que tiveram o principe de Pegú e o rei preto de Sião, e do que n'elle succedeu 119
CAP. XXX.—Como o rei de Arracão alevantou o cerco, e o de Tangu o continuou até se lhe entregar o imperador Bramá; e do que mais n'isso houve..... 124
CAP. XXXI.—Como Filippe de Brito considerou o logar para a fortaleza que determinava fazer em Serião, e do que fez depois n'esta materia 128

PAG.

Cap. XXXII.—Como el-rei de Arracão mandou armada a tomar a fortaleza de Serião, e do que lhe aconteceu..... 131
Cap. XXXIII.—Do que ordenou Filippe de Brito na fortaleza de Serião, e da armada que sobre elle mandou el-rei de Arracão, e briga que teve com ella... 135
Cap. XXXIV.—Do que mais succedeu a este principe de Arracão, até ser captivo e tornar outra vez para o seu reino..... 139
Cap. XXXV.—Do que mais passou o principe de Arracão em nosso poder, até tornar para o reino..... 143
Cap. XXXVI.—Do que mais succedeu aos reis d'estas partes, com que deram occasião a Filippe de Brito fazer uma guerra de que lhe nasceu sua perdição.. 149
Cap. XXXVII.—Do que fez el-rei de Ová com estas novas da tomada do rei de Tangu e como desceu sobre Filippe de Brito com uma poderosa armada, e tomou a fortaleza de Serião..... 153
Cap. XXXVIII.—Como o viso-rei D. Hieronymo de Azevedo mandava soccorrer a fortaleza de Serião, e do successo que teve este soccorro..... 159
Cap. XXXIX.—Da viagem que fez a armada dos galeões de João Caiado de Gamboa, de Malaca até a China..... 165
Cap. XL.—Do que mais passaram os portuguezes até chegarem a Macau, juntamente com os mais galeões da armada..... 169
Cap. XLI.—Do que em Goa ordenou o viso-rei D. Hieronymo de Azevedo, emquanto succederam as cousas até aqui referidas..... 174
Cap. XLII.—De uma caravela que mandou o viso-rei á ilha de São Lourenço, e do effeito que fez, e do mais que em Goa se ordenou..... 177
Cap. XLIII.—Do que a nau de D. Luiz da Gama passou nas Duas Irmãs e ilha de Socotorá, e de como veiu para Goa, e do mais que n'ella se ordenou, sobre o soccorro que o rei de Banguel e Carnate pediam, e cidade de Meliapor.... 181
Cap. XLIV.—Do que o rei de Ová intentou depois que tomou a fortaleza de Serião, e como Diogo de Mendonça chegou a Malaca..... 184
Cap. XLV.—Do que fez Luiz de Brito de Mello, sendo capitão mór da enseada de Dio, na tomada de uma nau de Meca, do Mogor..... 189
Cap. XLVI.—Como o viso-rei mandou a Malaca o desembargador Antonio Barreto da Silva por ouvidor geral e veador da fazenda, e das ordens que levou, e o que sobre ellas fez..... 193
Cap. XLVII.—Do que mais obrou Antonio Barreto da Silva em Malaca..... 196
Cap. XLVIII.—Como o capitão de Pondá fez presa de um portuguez que ia buscar a pimenta ao Canará, e do que sobre isso se assentou, e sobre os vassallos do Mogor; e a ordem que veiu de Sua Magestade sobre D. Roberto Sarley, inglez. 199
Cap. XLIX.—Do que n'este meio tempo succedeu nas guerras do Norte..... 203
Cap. L.—Da sahida que fez Gaspar de Mello em Por, e do que n'elle lhe succedeu 207
Cap. LI.—Do mais que fez esta armada no Norte, até tornar a Goa..... 212
Cap. LII.—Do que fez Ruy Freire em Chaul, estando por capitão mór das guerras; e da arribada das naus do reino, e outras cousas..... 218

PAG.

CAP. LIII.—Do que se assentou sobre o aviso que veiu de Mombaça, do que lá havia succedido, e os direitos que poz o conde almirante em Malaca, e a gente que havia mister a fortaleza de Moçambique, e os requerimentos da cidade de Cochim para desembarcarem as fazendas dos seus casados..... 222

CAP. LIV.—Do que succedeu este verão de 614 no Norte á armada de Gaspar de Mello, e nas guerras dos decanis que n'elle havia..... 228

CAP. LV.—Da ordem que deu o viso-rei ao capitão das terras de Salsete para adestrar em alardos a gente d'ellas; e da sahida da armada de Francisco de Miranda Henriques e partida da nau do reino..... 234

CAP. LVI.—Do que tinha succedido em Mombaça, até ao tempo que Simão de Mello Pereira chegou a ella..... 239

CAP. LVII.—Como Gaspar de Mello e Antonio Pinto foram soccorrer a fortaleza de Manora, que estava de cerco, e deram no arraial dos inimigos e o desbarataram 244

CAP. LVIII.—Do assalto que deu Gaspar de Mello com a gente de Damão no rei Choutia..... 248

CAP. LIX.—Do que n'este tempo succedeu nas guerras de Chaul, e obrou Gaspar de Mello de Sampaio com Ruy Freire de Andrade, na sahida que fizeram aos inimigos..... 251

CAP. LX.—Da jornada que fez Gaspar de Mello e Antonio Pinto da Fonseca á serra de Aserim, a provel-a de mantimentos e munições..... 255

CAP. LXI.—Dos mais capitães que se proveram nas fortalezas, e ordens que levaram, e do successo dos oito sanguiceis malavariscos e armada do Canará..... 259

CAP. LXII.—Da vinda da frota dos galeões da China, e de como chegaram a Malaca e Goa a salvamento, e do provimento que fez o viso-rei com a gente d'elles nas guerras do Norte..... 264

CAP. LXIII.—Dos provimentos que fez o viso-rei ás cidades do Norte que estavam em guerra, e do que n'elles ordenou antes da entrada do inverno d'este anno de 614..... 270

CAP. LXIV.—Do que mais ordenou o viso-rei a Manuel Mascarenhas, do como se havia de haver em todos os particulares da guerra, e de como mandou Lopo Sarmento de soccorro a Malaca, e depois João Pinto de Moraes com o aviso que veiu de Sua Magestade..... 275

CAP. LXV.—Do que succedeu nas guerras de Chaul e Baçaim pelo descurso d'este inverno..... 281

CAP. LXVI.—Do que mais succedeu pelo decurso d'este inverno nas guerras em Chaul..... 286

CAP. LXVII.—De umas caravellas que Sua Magestade mandou de Calix a Manilha, pelo cabo da Boa Esperança, a cargo de Ruy Gonçalves de Sequeira, e de sua viagem, e chegada das galeotas que com Gonçalo Rodrigues de Sousa mandou o viso-rei a Maluco..... 291

CAP. LXVIII.—Do que em Goa se assentou sobre a fortificação da cidade de Meliapor, e outras cousas de serviço de Sua Magestade..... 296

PAG.

CAP. LXIX.—Da congregação que os padres da Companhia de Jesu ordenaram na casa professa de Bom Jesu de Goa, e das queixas que d'ella houve, e do que sobre isso se assentou 299

CAP. LXX.—Como o viso-rei mandou a Antonio Monteiro Corte Real por embaixador ao Idalcão, e despediu a Luiz de Brito de Mello por capitão mór do Norte 303

CAP. LXXI.—Do recontro que teve a armada de Luiz de Brito e gente da cidade de Damão com os mogores, e do que lhe succedeu 308

CAP. LXXII.—Como Luiz de Brito e Antonio Pinto da Fonseca foram dar no arraial do Melique, e do que lhe succedeu 315

CAP. LXXIII.—Do que em Goa ordenou o viso-rei sobre o Samorim e el-rei de Parú que tambem faziam seus movimentos de guerra 318

CAP. LXXIV.—Da partida das naus do reino para este Estado o anno presente de 614, e de sua viagem e chegada 323

CAP. LXXV.—Como o viso-rei tratou de fazer jornada ao Norte em pessoa, e mandou diante a D. Manuel de Azevedo, com uma armada, por capitão mór dos aventureiros 327

CAP. LXXVI.—Do assalto que deram as tres armadas, de Luiz de Brito, D. Manuel de Azevedo e D. João de Almeida, em Goga, e como a tomaram e destruiram 331

CAP. LXXVII.—Da pimenta que se mandou buscar para as naus, e mais aprestos que se lhe deu, e da vinda da armada do Cabo, e apparelho da ida do viso-rei ao Norte 335

CAP. LXXVIII.—Da viagem que fez o viso-rei D. Hieronymo de Azevedo ao Norte, e do successo d'ella 339

CAP. LXXIX.—Do que mais passou o viso-rei em Surrate, e das novas que lhe chegaram de Ormuz, da perda do Comorão; e do que sobre isto fez 344

CAP. LXXX.—Do que mais se passou em Surrate, e o viso-rei com a sua armada até tornar a Goa 349

CAP. LXXXI.—Do que mais succedeu no Norte até o fim d'este verão de 615.... 353

CAP. LXXXII.—Das novas que vieram do Sul a Goa, e da armada de galeões que para lá ordenou e mandou o viso-rei 358

CAP. LXXXIII.—Das ordens que vieram de Sua Magestade sobre a venda das fortalezas, cargos e viagens d'este Estado, e de como se poz em effeito, e da partida das naus do reino, de D. Manuel Coutinho, e do successo que tiveram..... 362

CAP. LXXXIV.—Da causa da vinda do embaixador castelhano D. Garcia da Silva a este Estado, e do effeito para que viera, e recebimento que lhe fez o viso-rei e como elle procurava sua partida 369

STANFORD LIBRARY

Decada primeira de Antonio Bocarro, chronista de Sua Magestade, do Estado da India, dos feitos dos portuguezes no Oriente, dedicada á serenissima Magestade d'elrei Philippe IV das Hespanhas e III de Portugal[1].

EPISTOLA DEDICATORIA AO DITO SENHOR.

Esta' fundado o verdadeiro serviço de V. Magestade n'este Estado, poderoso monarcha, em tanta honra e gloria, que não podem deixar os que vivem d'ella [2], de o desejarem effectuar conforme a excellencia de cada qual d'estas cousas; e assim como ellas attrahem a todos os que se querem adiantar no caminho da virtude, é forçado entrem com seu desejo os que tiverem este conhecimento; e como a mim se me offereceu chegar ao proposto fim, por meio de tão difficultosa empreza, qual é tirar á luz os feitos obrados ha mais de vinte annos por todo este Oriente pelos portuguezes, leaes e valerosos vassallos de V. Magestade, não recusei o grande trabalho de os procurar tirar do esquecimento onde estão sepultados, investigando e descubrindo o que n'este primeiro volume offereço a V. Magestade por mostra da vontade com que me emprego n'esta occupação, tanto com maior fervor, quanto conheço o aperto com que V. Magestade manda e encommenda, ha tantos annos, se ponha em execução esta obra, sem haver quem se dispuzesse a ella, e quanta foi a difficuldade que se me oppoz para vencer, e fico ainda contrastando para sahir á luz com este effeito; porque nem bastaram ordens, que o conde visorei mandou mui apertadas a todas as cidades e fortalezas d'este Estado para contribuirem com a noticia do que por ellas havia succedido,

[1] Este titulo, e a epistola dedicatoria, não vem no Ms. Caldas, que nos serve de texto, mas acha-se no que hoje pertence á Academia Real das Sciencias. Quando nos referirmos a elles designaremos o primeiro por um C, e o segundo por um A. Advertimos que a lettra da dedicatoria é differente da do prologo e do resto da obra.

[2] Seria melhor leitura — que não podem deixar os que vivem d'elle.

nem as diligencias que ainda hoje manda fazer para este fim, mais que para com os favores e mercês, que para esta occupação fez, me animar a poder vencer todas estas faltas, que experimento não só em os muitos que são mortos, de dez annos que vou escrevendo a esta parte, em guerras, perdições e doenças, mas ainda na vontade com que se dispoem a me responderem com a verdade que sabem dos successos das cousas; queixa já muito antiga do chronista Diogo do Couto, que em mim fica sendo tanto com mais fundamento quanto maior era a dependencia que todos tinham d'elle, por lhes passar as certidões de todos seus serviços, que hoje V. Magestade ordena se não passem n'esta Torre do Tombo mais que em uma absencia ou morte dos capitães móres, sendo além d'isso os feitos, que então se obravam e perguntavam, de tanto valor e merecimento para todos (pelas victorias e bons successos de que constavam), que ninguem devia deixar de concorrer com summo gosto para se poderem tirar á luz, e o que n'este livro se contém, e vou ajuntando para escrever em outros, vai entrechado com muitas perdas, mortes e desastres, que quando não sejam por culpa dos vassallos de V. Magestade em cujo detrimento succederam (como na verdade não foram muitos senão pela variedade dos successos da guerra), comtudo informam-se mui pesadamente, escrevem-se com sentimento, e ouvem-se com maior mágoa, d'onde tambem nasce o receio de não ser tão agradavel a todos esta escriptura, e particularmente áquelles a quem tocaram algum d'estes sentimentos: inconveniente não para reparar pouco n'elle. Mas como nunca o muito custou pouco, em logar das muitas vidas que dera no serviço de V. Magestade com obrigação de verdadeiro vassallo, offereço a V. Magestade estes trabalhos, difficuldades e inconvenientes, porque sempre trabalharei por romper para pôr em todo o cumprimento devido ao serviço de V. Magestade.

O tempo d'onde começo é do governo de D. Hieronymo de Azevedo, porque como Diogo do Couto morreu no fim d'elle, e se achou uma carta sua em que diz havia de trabalhar por deixar escripto té o governo de Ruy Lourenço de Tavora, a quem D. Hieronymo succedeu, parece-nos estarão nas Decadas d'este tempo com outras suas que n'este reino ha por imprimir; do que V. Magestade póde mandar tomar a informação verdadeira, para conforme a ella ajustar eu a historia, para que não fique faltando parte nenhuma d'ella.

PROLOGO.

Todas as obras humanas, curioso leitor, tomam o ser do fim a que se dirigem, e conforme a este tambem lhe damos o nome e a nobreza; e sendo esta tão certa verdade podemos mui bem chamar a esta conquista, que temos ha tantos annos n'este Oriente, dilatação e exaltação da fé catholica, pois assi como foi esta primeira tenção do serenissimo infante D. Henrique, que lhe deu principio, se foi a mesma continuando em os reis catholicos que até'gora a sustentaram e sustentam; senão que d'antes póde ser que não fosse tão pura, pelos grandes interesses que d'antes tiravam do commercio, e agora, este para nós já quasi de todo extincto, [1] se não tem respeito mais que a esta christandade, e levar o nome de Christo nosso senhor e seu Evangelho sancto a nações remotas que o conheçam e confessem. E bem como as palmas d'este mesmo Oriente

> Nititur in pondus palma, et consurgit in altum,
> Quo magis et premitur, sic magis tollit onus,

para que cresçam é necessario lhes ponham algum peso em cima, porque então contra elle é que mais lançam raizes para baixo e crescem para o céo, da mesma sorte quando agora com o peso das muitas guerras, e assi dos mesmos naturaes, que exercitados na nossa eschola são mui differentes do que quando ao principio os venciamos, como dos re-

[1] Sobre a decadencia, ou quasi nullidade, a que o commercio estava reduzido n'este tempo, veja-se o que escreveu Bocarro no cap. VIII.

beldes de Hollanda, e quasi todas as nações do Norte, que[1] com elles vem a este Estado, parece deviamos abaixar o orgulho e brio a tão desegual partido, assi na multidão infinita, como nos petrechos e armas com que nos guerreiam, então dobramos, pois não póde ser o numéro dos corpos, ao menos o esforço dos corações, com que desprezando perigos e mortes, mais por divina do que humana potencia conseguimos ainda assi insignes victorias. *Quomodo poterit resistere unus contra millia, nec duo adversus decem millia!* Com que forças humanas, diz o Espirito Sancto, poderá resistir um a mil, e dous contra dez mil? Pois muito mais sahe de mil a cada um de nós, e de dez mil a cada dous, comparada a multidão e potencia de quantos povos ha por todo este Oriente, e dos mais que vem[2] da Europa, com os poucos e limitados portuguezes que ainda sustentam, e hão de sustentar com o favor do céo, n'estes mares e terras, aquelle estendarte da cruz sagrada, symbolo de nossa redempção. *Non cupiditate sed misericordia;* Diz Tullio que os romanos conquistavam o mundo não por cubiça de gosarem seu senhorio, senão por piedade de os tirarem de seus barbaros costumes e os instruirem em leis de humanidade e justiça, e assi podemos[3] com muito mais razão[4] dizer tanto das serenissimas Magestades catholicas de nossos reis, como de seus ministros e vassallos, que não por cubiça ordenam e mandam os grandes soccorros com que os mais dos annos acodem ás perdas e trabalhos da India, senão pela verdadeira piedade e misericordia christã[5], tractando não só de vencer e sojigar reinos e senhorios, mas de os ganhar para Deus, e para si com sua eterna salvação. Este é o fim da conquista que hoje trazemos n'este Oriente, tocado na mór brevidade que para este prologo se podia buscar, porque para o tractar na fórma que a grandeza d'elle está pedindo, ha mister outros requisitos mui differentes; e assi conforme o ser e nobreza[6] que de tão alto fim se póde considerar a este Estado, tambem se póde vêr o que haja mister quem ha de escrever as chroni-

[1] com elles a este Estado — A.
[2] de Europa — C.
[3] com muita rasão — A.
[4] dizer tanto mais das — A.
[5] tratando só de — C.
[6] que de tanto alto fim — A.

cas d'elle; e póde ser que, por esta consideração, muitos a quem sobejariam partes para poder tomar esta carga de tanto peso, nunca até'gora se dispuzeram ao fazer[1]; causa por que de tantos annos a esta parte ficou tudo sepultado em esquecimento, que para o poder tirar á luz e memoria não ha diligencia, nem trabalho, com que se possa conseguir. E se aquelle insigne capitão dom Fernão Alvares de Toledo, duque d'Alva, dizia que nunca pudera apurar a verdade de qualquer batalha que elle mesmo dera, porque com a pressa e cuidado de cada um acudir á sua obrigação, e com a poeira do chão, ou fumo da polvora, ninguem se podia parar a conhecer e ver o modo com que cada qual se havia, para se lhe poder dar o louvor ou vituperio que merecessem, como de cousas ha mais de vinte annos[2] passadas em partes tão remotas, por mar e terra, se poderá tirar a noticia verdadeira do que cada um n'ellas obrou, os motivos e causas que houve para se fazerem d'esta ou d'aquella sorte, e as circumstancias que houve e concorreram, convenientes ou desconformes ás tenções e successos? O que tudo é tão proprio da obrigação do chronista, como ha mister proceder sua historia com o conhecimento verdadeiro de todas estas cousas, para o que deviam sempre serem-lhe tão presentes, que nem o mais intimo secreto do principe e seus conselhos se lhe encobrisse; porque a historia é alma da vida, para que conforme a ella saibam os presentes pelos passados dispôr e ordenar o futuro. Por onde se, pela falta que digo de plenas informações, não ficarem tão satisfeitos os que forem tão interessados em algum particular que deva escrever-se com todas as circumstancias, devem não m'o imputar, pois a causa não procede de minha falta, que quando houvera meio para poder com diligencia alcançar tudo, maior interesse ficava eu recebendo em satisfazer assi com minha obrigação, do que ninguem outrem que o esperava mui aventejado, como se póde vêr em algumas materias que refiro com toda a particularidade, por achar de quem as pudesse saber n'esta fórma. Mas póde ser que o que n'este livro não pude alcançar, possa conseguir nos que fico procurando tirar á luz, que aindaque não vão os tempos em seu devido logar, comtudo é este menos inconveniente do que faltar com a noticia da verdade em cousas que

[1] cousa por que — A.
[2] passados — A.

devam não ficar em esquecimento, que se cada um dispuzera o que em si estivera para se conseguir o intento d'esta obra, não faltaram diligencias até do mesmo conde visorei, que [1] como quem tem mais obrigação de pôr em cumprimento o que sua Magestade n'este particular ha tantos annos encarrega, o procurou mais que todos, sem até'gora lhe responderem as cidades e fortalezas com as informações e noticias que lhes puderam custar menos trabalho, pois era do que n'ellas havia acontecido; porém ainda que com maior o procurei [2] por minhas noticias para o tirar á luz na fórma que apresento este volume, o que se não for com a devida perfeição, nem satisfazer a todos os que o quizerem ler na fórma que desejo, ao menos me ficará por refugio conhecer o muito que disponho de minha parte para este fim, e hei de dispôr em quanto o alento e vigor me durar, seguindo a soberana guia de quem me deu esta occupação, o illustrissimo conde de Linhares, visorei d'este Estado, que quando dos mais inuteis está formando ao seu modelo em todas as materias grandes servidores de sua Magestade, parece-me não devo largar a esperança de poder vir a ser *d'estes*, porque emfim o trabalho vence tudo, conforme o poeta.

[1] como tem — A.
[2] com minhas — A.

CAPITULO I.

COMO D. HIERONYMO DE AZEVEDO SUCCEDEU POR VISOREI D'ESTE ESTADO DA INDIA, E DAS ORDENS QUE PARA ISSO MANDOU SUA MAGESTADE.

Tendo ordenado a catholica Magestade d'elrei Philippe III das Hespanhas e segundo de Portugal, rei e senhor nosso, succedesse a Ruy Lourenço de Tavora, visorei que era d'este Estado da India, dom Hieronymo de Azevedo com o mesmo titulo de visorei, que havia muitos annos assistia por capitão geral da conquista e ilha de Ceilão, mandou em janeiro de 612 despachar de Madrid um correio por terra para este Estado, para trazer estas ordens, o qual chegando a Ormuz já em fim de maio seguinte, que se presumia seria entrado o inverno na costa da India, mandou logo o capitão da fortaleza Pedro de Brito de Mello, que por vias havia succedido no logar por morte de dom Jorge de Castel Branco, as vias de sua Magestade ao Sinde, ao feitor, para que d'ahi as encaminhasse por terra a Dio, d'onde se mandassem a esta cidade de Goa, como em effeito vieram. E estando o visorei Ruy Lourenço de Tavora antevespera de são João do mesmo anno jogando lhe foram dadas as cartas de sua Magestade, que elle leu, e disse aos circumstantes: «Temos visorei que não ha de arribar, porque sua Magestade ordena que dom Hieronymo de Azevedo me succeda por visorei d'este Estado.» E como este fidalgo se tinha quasi criado na India, pelos muitos annos que havia continuado n'ella, tinha muitos amigos, e conhecidos, que se alegraram com estas novas.

Mandou tambem sua Magestade n'este anno de 612 dois galeões a Moçambique em direitura, pelas novas que teve de se aprestarem para este Estado grandes esquadras de naus inglezas e hollandezas; para que, provída a dita fortaleza de gente e de tudo o mais de que tivesse necessidade, se viessem os dois galeões para Goa. Vinha n'elles por capitão mór em um Antonio Pinto da Fonseca, que havia militado em Flandes

e ganhado grande nome e fama; por onde o mandava sua Magestade por visitador e provedor geral das fortalezas da India: o capitão do outro galeão se chamava João Cortez de Mendonça; os quaes chegaram a Moçambique, onde acharam dom Estevam de Ataíde por conquistador e descobridor das minas da prata. E depois de ficar a fortaleza provída, querendo-se Antonio Pinto vir para Goa com os dois galeões, sobre querer trazer dois parentes seus, que achou casados na dita fortaleza de Moçambique, chegou a desavir-se com dom Estevam, dizem que induzido dom Estevam de algumas más vontades, com que chegou a abalar-se da fortaleza com soldados, e o ouvidor que então era d'ella, Pedr'Alvares Pereira, com muita gente a vir prender Antonio Pinto, que n'este tempo estava na egreja dos padres da Companhia. E esteve a [1] causa bem arriscada, porque Antonio Pinto tinha tambem gente comsigo; porém metteram-se de permeio religiosos, e não se chegou a mais.

João Cortez de Mendonça não quiz vir por capitão do seu galeão para a India, ficando com licença de Antonio Pinto, com pretenção de passar aos rios de Cuama [2]. promettendo dom Estevam de Ataíde dar-lhe a prata que achasse ou descubrisse, para levar a sua Magestade; o que não houve effeito, por não achar prata, e assi veiu em seu logar, no galeão, Manuel de Tavora, que tinha ido a Moçambique com gente de soccorro, mandado pelo visorei Ruy Lourenço de Tavora, e parece que ainda com a paixão [3] atrazada fez dom Estevam de Ataíde a este Manuel de Tavora capitão mór tambem do galeão de Antonio Pinto, que vinha por capitão mór por sua Magestade, e chegando á barra de Goa ambos com bandeiras de Christo, em septembro de 612, indo o visorei Ruy Lourenço á barra viu dois capitães móres de dois galeões, e informando-se da verdade mandou a Manuel de Tavora tirasse logo a bandeira de Christo. N'estes galeões veiu tambem ordem de sua Magestade para ser visorei d'este Estado dom Hieronymo de Azevedo, e como as boas novas sempre ha tantos que desejam leval-as, quiz dom Estevam de Ataíde mandar estas a Ceilão a dom Hieronymo de Azevedo, e assi negociou um patacho que alli havia ido de Goa, e o despediu com as cartas de sua Magestade

[1] esteve a cousa — A.
[2] promettendo-lhe dom Estevam — C.
[3] atracada — C.

entregues a Estevam Estacio natural de Moçambique, como pessoa d'onde havia[1] de haver as alviçaras. Por capitão e piloto do patacho foi Gaspar Gomes, patrão mór da ribeira de Goa, homem pratico e experimentado nas cousas do mar.

As naus[2] de viagem se negociaram este anno de 612 e partiram de Lisboa para este Estado, a 27 de março, tres; por capitão mór em uma dom Hieronymo de Almeida, capitão d'outra dom Luiz da Gama[3] el palm.te, capitão d'outra Christovam de Siqueira d'Alvarenga. Vinham n'estas naus fidalgos Nun'Alvares de Sousa, Pero de Sousa de Meneses, Antonio d'Azevedo de Vasconcellos, Manuel de Vasconcellos seu filho, Lourenço de Sousa, Antonio de Mello de Sousa, João Gomes d'Abreu, dom Luiz Lobo, Antonio de Sousa de Mello, dom Luiz de Mello, Gaspar de Sousa Lobo, Francisco Giraldes, Manuel de Sousa de Alarcão, José de Mello Feio, Francisco de Mello Feio seu irmão, dom Aleixo de Menezes principe de Badaxao, dom João de Castro, Manuel de Brito, dom João Mascarenhas, dom Francisco Mascarenhas, dom Vasco da Gama, Antonio de Sousa Coutinho.

As mesmas ordens, que tinham vindo pelas duas vias apontadas, mandou tambem sua Magestade com mais abundancia e distincção n'estas naus. A de dom Luiz da Gama se apartou das outras duas logo a poucos dias de viagem, e estando já de Moçambique para cá com altura cheia, deteve-se tanto em demandar terra que antes de a poder ferrar lhe iam já faltando os mantimentos, e agua, de que partiu e veiu sempre necessitada, e para confirmação de não chegar n'esta monção á India, vindo já com signaes de terra, lhe deram em fim de septembro, cousa bem desusada n'esta costa, uns desgarrões tão tezos, que fazendo-a tornar a descahir muito para o mar, houveram conselho, e assentaram que antes de entrarem em mais necessidade voltassem a arribar á ilha de Sacotorá, como fizeram, e não a podendo tomar ficou a nao nas Duas-Irmãs padecendo bem de trabalhos, e não menos[4] os que a vigiavam e guardavam. D'alli mandou os doentes para a ilha, e foi Deus servido

[1] haver alviçaras — A.
[2] as naus da viagem — A.
[3] Assim se lê no Ms. Caldas. No da Ac. vem — Elpalmante
[4] os que vigiavam — A.

que indo obra de trinta em uma embarcação de mouros da terra se virou junto da ilha, e se afogaram os mais d'elles, salvando-se só alguns que tinham melhor disposição; onde os deixaremos padecendo tambem na ilha seus trabalhos até monção de virem para a India. E tornando ás outras duas naos, vieram com bom tempo seguindo sua derrota até que passado o cabo de Boa Esperança, estando entre a ilheta do baixo de João da Nova e o baixo da Judia, tiveram vista de uma nau sem mastro grande, e um patacho, o qual vindo-se logo para a nossa capitaina, que tambem se foi para elle, conhecendo-se de ambas as partes, como era ingrez inimigo sem mais nenhuma circumstancia começaram o jogo da artilheria, de sorte que o patacho matou o estrinqueiro da nossa capitania, que lhe respondeu de maneira que como era mais ligeiro se afastou d'ella e foi em companhia da sua nau, e as nossas vieram fazendo sua viagem, com que em cinco mezes e meio chegaram a vêr terra defronte de Goa, mas não a podendo logo tomar foram descahindo até Angediva, e d'ahi até Onor, onde lançaram alguma gente em terra, e ellas andavam ao mar. Do que sendo avisado o visorei Ruy Lourenço de Tavora mandou aprestar a dom Henrique de Noronha com dezeseis navios e muita brevidade, para ir logo em busca das naus [1]. Elle o fez, e partiu com os capitães que adiante se nomearão quando forem ao Malavar com elle, e chegando ás naus brevemente as ajudou com refrescos, tomando-lhe os doentes, e o cabedal de uma por ordem que para isso levava, e acabou de aprestar de gente em estas naus tres [2] navios, com que o visorei Ruy Lourenço de Tavora tinha mandado a André Coelho por capitão mór n'um, e capitão dos dois Nun'Alvres Teixeira e Francisco Pereira, á costa de Coromandel, a petição do bispo de Meliapor dom Frei Sebastião de São Pedro, e de Manuel de Frias capitão da mesma cidade, para tornarem a ir sobre o forte de Paleacate, dos hollandezes, que tendo-lh'o tomado e desfeito o anno d'antes o tinham já reformado, e feito uma tranqueira de madeira mui forte. E ordenava o visorei a André Coelho que depois de com o dito bispo, capitão e cidade, tomar e arrasar Paleacate, passasse logo na mesma monção a Pegú a soccorrer a nossa fortaleza de Serião, por haver novas estar de cerco, e ter mandado pedir soccorro com esse

[1] e elle o fez — A.
[2] navios que o viso-rei — A.

receio o capitão mór d'ella Philippe de Brito de Nicote. Os quaes tres navios, providos mui bem de soldados e o mais que traziam de Goa, se partiram, a 10 de septembro, das naus e foram seguindo sua viagem.

As naus chegaram d'alli a poucos dias a Goa, onde houve logo alguns homens, amigos e parentes de dom Hieronymo de Azevedo, que negociaram navios á sua custa para o ir buscar a Ceilão, e juntamente por fazer este serviço a sua Magestade. E assi levou um navio dom Christovam de Noronha, outro dom Manuel de Azevedo, outro João Caiado de Gamboa, outro João Leitão, que havia sido bandigarrala, que é capitão da guarda, do mesmo dom Hieronymo de Azevedo em Ceilão; e tambem dom Diogo Coutinho, capitão de Cochim, mandou outro navio seu, por se dar e ficar por amigo do visorei. Os quaes navios chegando brevemente a Ceilão não foram os primeiros em darem as novas a dom Hieronymo de Azevedo, porque já lá tinha chegado o primeiro de septembro o patacho que dissemos partira de Moçambique, o qual chegando ao porto de Negumbo deu as cartas a Lourenço Teixeira de Macedo, capitão d'ella, que as mandou logo, pelo mesmo que as levava, a dom Hieronymo, que andava pela terra dentro da ilha, fazendo guerra para as partes de [1] Triquinimale, e dando-lhe as cartas e ordens de sua Magestade se alegrou muito conforme ao que continham, fazendo particulares mercês ao que lhas levou, com que se veiu logo e preparou para fazer jornada para Goa. Onde é muito para considerar quão differente fim tenham as cousas do que [2] aos homens lhes parece. Estava este fidalgo havia muitos annos ganhando credito e reputação em Ceilão, onde postoque muitos o não tinham por de tanto valor, comtudo havia continuado muitos annos a guerra com esforço e melhoramento, ou fosse seu ou de seus capitães, que teve alguns de muita consideração; e assi estava sua Magestade quasi senhor absoluto da ilha, e elle tão bem acreditado que o subiram ao logar de visorei com grandes esperanças de que remediasse as necessidades da India, e tão cheio de riquezas que fazia mercês com mais largueza do que o mesmo visorei, que confessou Ruy Dias de Sampaio lhe chegára a dar uma vez cousas que valiam vinte mil xerafins, e praticando outra com Nuno da Cunha, dizendo-lhe Nuno da Cunha que

[1] Triniquimale — A.
[2] dos homens — A.

estava já diminuto do que trouxera de Moçambique, mas que ainda tinha dozentos mil xerafins em dinheiro, lhe respondeu dom Hieronymo : « Isso tenho eu em bestas. » E valiam pouco menos os elephantes que tinha. Com que se teve em Portugal que o não haver mister o de elrei, junto com a grande experiencia e conhecimento que tinha da India, como davam mostras suas cartas mui conhecidas e elegantes, com a larga lição de livros que o ajudava, e ser desobrigado de mulher e filhos, fariam n'elle um perfeito visorei ; o que querendo elle começar a exercitar, em [1] requerimento da mercê e vantagem que de sua Magestade recebera, propoz logo de não levar nenhuns ordenados de sua real fazenda, como lh'o escreveu, e não cumpriu ; porém elle, quando se considerava e tinha por mais alevantado, como não ha duvida o ficou na melhoria do logar, veiu a perder as honras, bens e riquezas que por tanto tempo tinha ganhado, até morrer n'uma aspera prisão, sem deixar com que o podessem enterrar. O [2] discurso de cujo governo nos fica para escrever, onde como elle, não por defeito de vontade nem desejo, que nunca podia deixar de ir encaminhado [3] ao melhoramento, o não póde conseguir em tudo o que emprehendeu, mandou e ordenou, assi nos ha de ser forçado fazer narração inteira dos mesmos casos, ora tristes, ora alegres, porque onde só a nação portugueza, tão breve em numero como estendida em animo e reputação, tem guerra com os mais poderosos reis do mundo, nunca póde trazer a fortuna tão enfiada com a vontade que lhe conceda sempre felices victorias ; mas quando os portuguezes, e todos os mais que com elles militam n'esta gloriosa conquista, as não alcancem corporaes, nunca deixarão de as conseguir contra o inferno, ou diminuindo seus ministros, ou fazendo pelos merecimentos de suas mortes, trocadas com a vida eterna, que nosso senhor os venha ainda a diminuir todos com o pequeno instrumento dos portuguezes poucos d'este Estado, para mostrar mais seu poder em confusão de seus inimigos.

[1] agradecimento (?)
[2] decurso — A.
[3] a melhoramento — A.

CAPITULO II

COMO O VISOREI DOM HIERONYMO DE AZEVEDO SE PARTIU DE CEILÃO, CHEGOU A COCHIM, E A GOA, E DA ENTREGA QUE SE LHE FEZ DO ESTADO.

Com a chegada a Ceilão dos cinco navios referidos se acabou de negociar o visorei, e despedindo-se de todos os soldados e capitães, casados, e gente preta, com quem militára tantos annos, de quem era amado, porque já em certo modo o conheciam e tinham em logar de pae, se embarcou para Goa no navio que levou João Leitão, por ser mais capaz, e vir n'elle um portuguez mui antigo e experimentado no mar, chamado Antonio d'Almeida, cujo o navio era; porque se conheciam do tempo em que ambos militaram. Chegou a Manar, onde estava por capitão Antonio da Silva Dalte, que lhe procurou fazer grandes festas e mimos. Alli achou mais dois navios de elrei, que armou para o virem acompanhando, um dos quaes encarregou a João Homem da Costa, ouvidor que havia sido da mesma fortaleza de Manar, e outro a Ignacio de Azevedo, casado em São Thomé. D'alli trouxe grande cafila de embarcações, que pela segurança da companhia do visorei se apparelharam e partiram com elle, e chegando a Tutucorim lhe fizeram tambem os parauás o recebimento e festas que puderam; porque a um visorei não ha por todo este Estado quem o não deseje agradar, servir, e em certo modo idolatrar, particularmente os que tem dependencias e pretenções com elle. D'onde partindo e chegando ao cabo [1] de Comorim tiveram vista de septe parós, que estavam ao mar, aos quaes foram logo demandar; porém elles, não ousando de esperar, deram á vela e fugiram. Com que veiu seguindo sua derrota até Cochim, e não achando cousa que o encontrasse chegou a elle, onde a cidade lhe fez o recebimento costumado com as festas que pôde, e dom Diogo Coutinho, capitão d'ella, grandiosos serviços. Depois de sua chegada, e o mandarem visitar todos aquelles reis visinhos com quem corriamos em amisade, e o de Cochim o fazer pessoalmente, correspon-

[1] de Camorim — C.

dendo-lhe tambem o visorei na mesma fórma, chegou d'ahi a poucos dias dom Henrique de Noronha, que o visorei Ruy Lourenço tinha mandado com uma galé e vinte fustas, com ordem que fosse até Cochim, ou até onde mais pudesse pela[1] costa abaixo até encontrar o visorei. Iam por capitães das fustas Salvador Vaz da Guerra, Diogo de Abreu, Antonio de Araujo, Nicolau do Soveral, Manuel Pereira, Nun'Alvres Teixeira, Manuel d'Almada, Manuel da Camara de Noronha, Fernão Vaz de Siqueira, Lopo Gomes de Abreu, Alvaro Lobo, João da Costa de Meneses, Bernardo Malheiro, Francisco Vaz d'Almada, dom Diogo de Sousa, Lopo de Sousa, Nicolau d'Abreu de Mello, Thomaz de Brito. Na galé iam fidalgos Manuel de Vasconcellos, André de Vasconcellos, dom Diogo de Sousa, Nuno Borges de Sousa, Thomaz Tavares, Antonio Carneiro Mascarenhas, dom João Mascarenhas, dom Francisco Mascarenhas, dom Luiz de Mello, Ambrosio Beringel, dom João da Silveira, Fernão Martins de Sousa, Manuel Pereira Cesar, Bento de Valladares Soutomaior, dom Luiz Lobo, Fernão de Brito Correia, Luiz Martins de Sousa, Alvaro de Mesquita, Jacome de Mello Pereira; e em toda a mais armada iam fidalgos João Gomes Serrão, Francisco Cardoso d'Almada, Francisco de Mello Feio, José de Mello, e seu irmão Bartholomeu de Mello de Pina, Duarte da Silva, Balthazar da Camara de Noronha, João Gomes de Abreu, Francisco Giraldes, Antonio d'Azevedo de Vasconcellos, Manuel de Azevedo de Vasconcellos, Bartholomeu Lobo, Manuel Correia da Silva, João Pereira, Antonio da Costa, Henrique de Vasconcellos, Hieronymo Coutinho, Francisco de Brito, Diogo de Sá. Levava tambem muitos homens nobres, que pelo serem quasi todos os mais não é possivel nomearem-se senão quando se offerecer algum feito sobre onde se acharem. Levava tambem o capitão mór dom Henrique ordem do visorei Ruy Lourenço para que trouxesse juntamente a pimenta de Cochim e Coulão para as naus do reino, que com a presença do visorei se negociou com mais brevidade. E assi partiu no fim de novembro para Goa, mandando primeiro de Cochim quinze navios para o cabo, por não ficar a costa desamparada. Foram a cargo de Jorge de Castilho; e elle com o restante da armada se veiu para Goa, onde o veiu tambem acompanhando o mesmo capitão da cidade de Cochim, dom Diogo Coutinho, em um navio armado á sua custa. Veiu

[1] pela carta abaixo — C.

o visorei visitando todas as fortalezas do Malavar, e recebendo visitas e embaixadas dos reis d'elle, procurando saber a fórma em que estavam e o que havia nas fortalezas que houvessem mister remediar-se e prover-se, para o fazer logo. E assi sem lhe succeder cousa de consideração chegou a Goa vespera de natal de 612, e agasalhando-se no collegio dos Reis Magos sito em Bardês, como é costume, lhe fez entrega o visorei Ruy Lourenço de Tavora, e elle deu a menagem [1] d'elle nas mãos do mesmo Ruy Lourenço, declarando como o recebia todo de paz com os naturaes, e só a cidade do Chaul um pouco desavinda com o tanadar de Chaul de cima, mas não ainda em guerra de todo aberta.

Preparou a cidade de Goa seu recebimento e festas como é costume, com que o receberam com as demonstrações possiveis de alegria; fez-lhe uma falla Manuel Raposo Magro, em que lhe encareceu por muito bom modo a grande confiança, que cobravam todos, de em seu tempo verem alcançados grandes melhoramentos e victorias por todo este Estado. E recolhido ao paço, a primeira cousa de que tractou foi aprestar as naus do Reino e dar cumprimento ás ordens de sua Magestade, como é ordinario entrarem com grande zelo os que começam servir algum cargo; procurando fazer as armadas necessarias para acudir com tempo a todas as partes d'este Estado, pois n'isto consistia o bom effeito d'ellas [2], que como este visorei tinha tanta experiencia da India, sabia mui bem o que para cada uma [3] convinha, sem haver mister estar dependendo de informações, que commummente não se dão senão conforme o animo e tenção de quem as dá, que sempre na India vão acompanhadas com respeitos tão desviados do serviço de sua Magestade como dirigidos por interesse, odio, e affeição, que são os eixos em que se [4] revolvem as pretenções todas.

Confirmou o visorei a dom Henrique de Noronha no logar de capitão mór do Malavar em que o havia eleito Ruy Lourenço de Tavora, e o mandou ao Norte, até Baçaim, com a galé e obra de dez navios, para ajudar a trazer a cafila, por estar reteúda n'aquella cidade, por haver novas de muitos parós; do que avisou dom Francisco Soutomaior, capi-

[1] d'elles — A. Subintende-se que lhe deu menagem do Estado da India.
[2] N'esta viciosa redacção quiz talvez Bocarro referir-se ás ordens regias.
[3] das partes da India (?)
[4] resolvem — A.

tão mór do Norte, ao qual tinha mandado o inverno atrazado a invernar [1] em Baçaim o visorei [2]. Ruy Lourenço, por já se recear rompesse guerra o Melique, e para d'alli sahir no cedo a impedir o commercio da gente da terra ás naus inimigas, [3] ingrezas ou hollandezas, que viessem a Surrate, e juntamente para esperar e tomar as naus de Meca que viessem sem cartaz; por quanto teve aviso que os mouros de Surrate com o cartaz que tomavam para uma mandavam muitas, e á vinda [4] trazia a que vinha com o cartaz o cabedal de todas, que como era de ouro, coral, e similhantes cousas de pouco volume, cabia tudo n'ella. E sahindo em cumprimento d'esta ordem dom Francisco Soutomaior, de Baçaim, em septembro de 612, com uma armada de doze navios, de que eram capitães Antonio de Azevedo, Miguel de Abreu, dom Lourenço Soutomaior, Pedro Cornejo, Manuel Fernandes, Luiz de Moura Rolim, Salvador Vaz, Thomé do Valle, dom Pedro da Silva, Antonio de Paiva, Bento Quaresma, onde iam fidalgos João Freire de Sousa, Christovam de Bairros da Silva, Miguel de Macedo, Luiz Martins de Sousa Chichorro, Diogo de Castro Fogaça, Antonio da Costa, Bartholomeu de Mello, Duarte da Silva, Hieronymo Coutinho d'Eça, Diogo Lopes de Sequeira, Antonio Tavares, foi a Surrate, onde achou [5] já no poço o patacho e a nau de [6] ingrezes [7] de que atraz fizemos menção. Encontraram e brigaram com as nossas duas naus, onde os [8] ingrezes lhe tiraram muitas bombardadas, e o capitão mór lhes fez algumas emboscadas em terra, mas nenhuma teve effeito, por estarem os inimigos sobre aviso. D'alli se foi a Dio a levar o veador da fazenda Francisco Rebello Rodovalho, e tornou ao mesmo porto de Surrate, onde tomou tres [9] ingrezes e ajudou a Nuno da Cunha, que com quatro galeões os foi buscar por mandado do visorei [10] Ruy Lou-

[1] a Baçaim — A.
[2] Lourenço de Tavora — A.
[3] inglezas — A.
[4] traziam a que vinha — C. No Ms. da Ac. lê-se: — trazia o, etc.
[5] achou no poço — C.
[6] inglezas — A.
[7] que atraz — C.
[8] inglezes — A.
[9] inglezes — A.
[10] Ruy Lourenço de Tavora — A.

renço; de cuja briga adiante faremos menção. E assi vindo-se com a cafila até Baçaim se metteu dentro, esperando ordem do visorei conforme o tinha avisado, o qual mandou, como fica dito, a dom Henrique de Noronha, para que ajudando a trazer a cafila de Baçaim trouxesse tambem uma galé nova, e alguns navios que se tinham mandado fazer em Baçaim para as armadas. E vindo com tudo junto, chegando a Chaul lhe vieram os da cidade dar conta como estavam já em guerra aberta com o Melique, por onde que lhe pediam deixasse alli gente; e o capitão mór dom Francisco Soutomaior lhes deixou tres navios da armada com sua gente, convem a saber, o de seu irmão dom Lourenço Soutomaior, o de Antonio Furtado, e Manuel Freire, até que o visorei lhe mandasse o provimento que convinha; e com toda a mais armada e cafila se vieram para Goa, onde chegaram em janeiro de 613, sem lhe succeder cousa que peça particular menção.

CAPITULO III.

DO ESTADO EM QUE ESTAVAM AS COUSAS DO NORTE QUANDO O VISOREI DOM HIERONYMO TOMOU POSSE DO ESTADO.

Sendo capitão de Chaul dom Francisco Rolim, na era de 612, veiu por tanadar a Chaul de cima um mouro casta nathia, chamado Abdalá Carimo, mal inclinado, com dois dedos menos na mão direita, que lhe cortaram os portuguezes n'uma briga, na Galiana. Este, postoque por si não era valente, comtudo usava de tantos ardís e [1] traças contra nós que nos veiu a fazer romper a paciencia, posto que diziam alguns que tarde, conforme os motivos que para isso nos tinha dado, e porque chegou a fazer com pancadas arrenegar da nossa santa fé os escravos christãos dos portuguezes que iam a Chaul de cima buscar alguma cousa, tomando por achaque um certo foro chamado *roios*, qne os nossos costumavam pagar ao Melique, dos palmares que tinham nas suas terras; dizendo que os não pagavam havia muitos annos, por onde que havia de arrecadar tudo o atrazado até o presente. E houve tambem desavirem-se na conta-

[1] traça — C.

ria que o capitão de Chaul costuma mandar trazer das terras do Melique para o tracto dos rios de Cuama, que é o principal rendimento que dá a fortaleza de Chaul aos capitães; de sorte que mandando-lhe o capitão fazer queixa dos excessos e desaforos que em Chaul de cima os mouros usavam com os nossos, parece que, com soberba de ver que lhe não respondiam logo com as armas na mão, respondeu mui fóra de proposito; porque os tyrannos, como se lhe não rebate sua maldade na mesma substancia ou com avantajado rigor, sempre [1] se vão [2] empeorando, e accrescentando males a males, e muito mais que em nenhuma parte do mundo os naturaes d'este Oriente, cujo animo como vive fóra de toda a policia divina e humana, e se não governa mais que por medo ou interesse, [3] só com estes dois respeitos vivem e teem commercio comnosco, e de que no tempo em que escrevo esta Decada se fizeram maiores experiencias.

Vendo o capitão dom Francisco Rolim não emendava seu procedimento o dito tanadar, para saber d'onde isto procedia mandou fazer queixa ao mesmo rei Visamaluco, para poder proceder com toda a justificação; porém respondeu-lhe tão desvairadamente como seu governador, ameaçando-nos com hollandezes e parós, tendo-se já confederado com estes para que estivessem em Dandá, fortaleza do mesmo Melique cinco leguas abaixo de Chaul, d'onde sahissem correr a costa até a barra da cidade, como em effeito se viam andar já trinta parós, que lhe tomavam tudo quanto por mar lhe vinha, o que juntando-se a lhe tolher o Melique por terra todo o mantimento, até a agua, padecia a nossa gente necessidades mui grandes. E chegaram depois os mouros de Chaul de cima a concertar-se com estes parós para que entrassem a barra e dessem na cidade pela fralda do mar, que elles tambem lhe dariam pela banda da terra, onde o menos mal que lhe podiam fazer era queimar-lhe os arrabaldes; o que considerado na fórma que o [4] podiam conseguir foi não menos fraqueza de uns e outros mouros, do que particular mercê de Deus em lhes não deixar pôr em effeito este pensamento.

Este tanadar nomeado de Chaul de cima, indo cada vez empeorando

[1] senão — vem em ambos os manuscriptos.
[2] empurrando — A.
[3] e so com este — se lê nos dois Mss.
[4] podiam fazer e conseguir — A.

no animo para comnosco, soube que um casado de Chaul, chamado Jorge Henriques, estava em o seu palmar fóra da cidade; por onde o foi logo demandar com muita gente de armas, e pondo-se elle em defeza o matou, e saqueou a casa, levando-lhe a mulher e duas filhas pequenas. Acudiram logo os religiosos[1] a Chaul de cima, com grão fervor por se não perderem estas almas christãs, e fizeram tanto que as trouxeram, dando o tanadar por escusa do que fizera que lhe fôra pedir os ditos *roios*, e que por lhe responder com as armas na mão o matára. Com que ficaram os nossos de todo desavindos com elle, e[2] clamando logo o povo ao capitão que rompesse de todo a guerra com elle e tomasse satisfação de tantos aggravos, respondeu elle que no que tocava a guerra a não podia romper de todo sem ordem do visorei, a quem tinha avisado e dado conta de tudo; e quanto á satisfação elle lha daria mui cumprida com o que andava traçando como lhe poderia mandar fazer alguns assaltos, que não fossem por guerra aberta. E postoque os negros se vigiavam grandemente, comtudo chamou o capitão a João Barbosa Calheiros, e[3] Bartholomeu de Lemos, soldados velhos que em Chaul tinham invernado, e lhes encommendou que fossem de noite com quinze ou dezeseis companheiros por aquelles passos onde se os mouros estavam vigiando, e vissem se podiam matar alguns; para o que lhes deu um filho de Chaul, que sabia a lingua dos mouros, chamado Ruy Salgado, para lhe poderem responder por ella, com que os não estranhassem, e poderem assi chegar melhor a effeituar o que queriam. Foram os ditos soldados com quinze ou dezeseis homens, que buscaram todos mui bem negociados de espingardas, pistoletes, e armas curtas; e chegando a um pagode no caminho de Chaul de cima, chamado da Ramaceira[4], acharam obra de trinta mouros, que, como estavam vigiando-se, em apontando os nossos lhe[5] bradavam que se tivessem e não chegassem, ao que, postoque respondeu o filho de Chaul pela lingua que eram mouros amigos, tornaram a bradar que não chegassem; mas os nossos sem embargo d'isso se foram chegando

[1] religiosos de Chaul — A.
[2] clamando o povo logo — A.
[3] Bartholomeu de Lima — A.
[4] Romaceira — A.
[5] bradaram — A.

até lhes pôrem as boccas das espingardas nas barrigas, com que mataram dez ou doze, e trouxeram tres vivos, e o capitão lhos tornou a mandar levar e que os matassem dentro nas suas terras. Sobre o que logo pela menhã o tanadar de Chaul de cima lhe escreveu com grandes queixas e á cidade; porém todos lhe responderam que não sabiam quem fossem os auctores d'aquella obra, porque poderiam tambem ser mouros seus inimigos [1], ou os homisiados que estavam em Chaul de cima, onde os tinham comsigo para se poderem haver com elles como quizessem. E assi ficou a materia sem haver mais satisfação sobre ella, nem communicação alguma de parte a parte.

Mandou tambem dom Francisco Rolim um filho de Chaul, chamado Pedro Cornejo, com trinta homens que elle mesmo buscou, pela barra fóra dar em uma aldeia dos mouros chamada Tal; como foi, e chegou a ella [2] em embarcações, que estava legua e meia de Chaul para o Norte; onde desembarcando, e tomando a todos descuidados, lhes pôz fogo á povoação, matando quantos achou, e deu fundo a duas embarcações que estavam carregadas de arroz e areca, por assi lho ordenar o capitão, sem querer que nem [3] de captivos, nem de fazenda se aproveitasse ninguem, nem tomasse cousa alguma, por não estar ainda a guerra declarada. E assi tambem pelo rio acima lhe mandou tambem fazer alguns assaltos, em que sempre lhes matavam gente, sem da nossa parte se receber damno. Com que ficou largamente vingada a morte de Jorge Henriques, e todos os mais desaforos que em Chaul de cima os mouros tinham usado com os christãos; e nem ainda assi o povo de Chaul se dava por satisfeito, querendo que sem mais consideração da licença do principe, nem do poder que havia mister para continuar na guerra aberta, a mandasse apregoar e se arremeçasse a fazer cousas d'onde póde ser que não tirasse nenhuma honra nem credito; porém a prudencia de dom Francisco Rolim temperava tudo de maneira que nem os de Chaul ficassem murmurando com causa, nem os mouros sem pagarem mui bem o que contra elles tinham feito.

[1] ou homisiados — A.
[2] e embarcações — C.
[3] dos captivos, nem das fazendas — A.

CAPITULO IV.

COMO O CAPITÃO DE CHAUL, DOM FRANCISCO ROLIM, PASSOU A CHAUL DE CIMA, E DO QUE LÁ LHE SUCCEDEU.

Haviam precedido no inverno de 612 em Chaul as cousas referidas no capitulo atrazado, e como dom Francisco Rolim tinha avisado de algumas ao visorei Ruy Lourenço, chegou em septembro do dito anno a resposta ao dito capitão, em que lhe ordenava passasse a Chaul de cima, e sem fazer damno na povoação se fosse ás casas do tanadar, e o procurasse prender e trazer á nossa fortaleza, e quando não o matasse. O capitão se negociou para pôr isto em effeito, ordenando tres companhias, uma dos filhos dos portuguezes naturaes da mesma cidade, de até oitenta pessoas, de que fez capitão a Miguel de Abreu de Lima, fidalgo tambem d'alli natural, a quem deu a dianteira de todo o esquadrão; outra dos soldados portuguezes que alli tinham invernado, de que fez capitão a João Barbosa Calheiros, pessoa de muita confiança, com obra de cem homens, a quem deu a vanguarda; a outra dos casados da cidade, em que ia o mesmo capitão; com que perfez um esquadrão de tresentos e cincoenta homens de armas pouco mais ou menos. Mandou diante a Miguel de Abreu com a sua companhia, que fosse pelo Vellado sahir á rua dos Rabaneiros, que está no meio da povoação dos mouros, e elle se foi pelo passo das Almadias com a mais gente. Miguel de Abreu chegou, e commettendo os inimigos com grande impeto pela rua dos Rabaneiros, que é mui estreita, ficaram os nossos n'ella algum tanto apertados e os mouros n'um largo em que a rua vinha a sahir, d'onde feriram na nossa dianteira, por não poderem brigar senão os poucos que lhe permittia a estreiteza do logar. E assi nos mataram tres pessoas, das quaes um foi o mesmo Miguel de Abreu com uma espingardada n'uma ilharga; porém apertando os nossos com a chegada do capitão dom Francisco Rolim e o mais corpo da gente, sahiram ao largo e foram dando e matando nos mouros, de sorte que os puzeram em fugida, e não ousaram mais fazer rosto aos portuguezes, os quaes foram andando até as casas do tanadar, que acharam vasias e sem resistencia alguma, e assi lhe puzeram

o fogo. E vindo-se recolhendo, na rua dos Tecelões junto com a ponte, se metteram os mouros nas casas, e por setteiràs espingardeavam e matavam os nossos; porém João Barbosa Calheiros vendo isto, postoque o capitão lhe tinha mandado que não fizesse mal em outra parte mais que nas casas do tanadar, mandou pôr fogo em todas as da dita rua: com que os mouros se sahiram um pouco apressados, e os portuguezes, fazendo tranqueira do mesmo fogo, os espingardeavam e matavam mais á sua vontade. E assi não só ficaram livres d'este perigo, mas o converteram contra os mouros, fazendo-lhe que seu ardil os ficasse a elles mais empecendo. Chegando os nossos á ponte acharam tambem alguns mouros de pé e de cavallo, mas parece que, como não tinham onde se encobrir e repairar dos pelouros dos portuguezes, não ousaram esperar sua chegada, nem ainda, parece, onde elles os podessem alcançar; por onde sem mais impedimento se recolheram os nossos á cidade, só com a perda dos tres referidos, deixando por onde passaram, particularmente em Chaul de cima, o chão semeado de mouros mortos, assi mesquinhos como soldados, porque o tempo nem a occasião dava logar a fazer differença de nenhum.

Ficando a guerra entre os nossos e os de Chaul de cima já descoberta, se foi continuando lenta, pelo pouco poder que havia de parte a parte, sahindo só algumas vezes os mouros ao campo a cortar as hortas e palmares que os portuguezes n'elle tinham, os quaes logo os sahiam a receber, [1] porém *sem* os ousarem á esperar lhe voltavam as costas, e as mais das vezes era para os alongar da cidade, e metter em ciladas que lhe tinham armado com maior copia de gente, com que voltavam sobre os nossos e os faziam recolher com mais pressa do que tinham ido; e como não havia poder da nossa parte, nem capitão mór de guerra que a soubesse [2] e traçasse de fazer conforme a disposição das cousas dos sitios, e da natureza e modo dos inimigos, se padecia este detrimento, porque, postoque nenhuma cousa faltava em dom Francisco Rolim, como lhe faltava gente, e tinha dado homenagem de Chaul, qualquer d'estas cousas lhe era bastante impedimento para não obrar, e mostrar a suffi-

[1] receber para os ousarem a esperar — A. No Ms. C. lê-se: — receber porem os ousarem a esperar. — Ficará a passagem intelligivel com o que lhe accrescentamos em italico.

[2] e tratasse — A.

ciencia que para tudo tinha, como depois mostrou a experiencia. Até que passando por alli dom Francisco Soutomaior, em novembro, com a armada do Norte, pedindo-lhe os da cidade algum soccorro, lhe deixou tres navios com trinta soldados cada um, de que eram capitães dom Lourenço Soutomaior irmão do mesmo dom Francisco, Antonio Furtado de Mendonça, e Manuel Freire; e assi levando mais ao campo esta gente, de que era cabo dom Lourenço Soutomaior, representavam aos mouros maior esquadrão [1]; e elles tambem já vinham acrescentados com gente que lhe tinha chegado de soccorro da terra dentro. E como os portuguezes com a confiança dos novos companheiros se alargavam mais em algumas sahidas, succedeu que n'um rebate sahiu Antonio Furtado de Mendonça com dois soldados, mais depressa do que convinha, porque, sem esperar pelos companheiros, se foi metter entre os mouros, dando n'elles com grande grita; mas como não eram mais de tres foram cercados de muitos mouros que os procuravam matar, e elles se defendiam com notavel valor; onde não pôde deixar de ser morto Antonio Furtado de Mendonça, pelejando e fazendo maravilhas: os outros dois escaparam com a chegada dos nossos. E por outra vez, indo os portuguezes dando nos mouros com um santiago de grande grita e corrida, e elles fogindo com não menos pressa, para os metterem n'uma cilada que lhe tinham armado, em chegando a ella sahiram os mouros de tropel, [2] muitos mais do que os nossos, e arremettendo com elles junto de umas casas de Gonçalo de Abreu, que estavam no campo e elle mesmo as sustentava com dez soldados, mataram ao proprio Gonçalo de Abreu; com o que se largaram as casas e se foi continuando a guerra mais frouxamente, não deixando tambem os portuguezes de matarem [3] n'estas sahidas muitos mouros, que por não serem tão conhecidos se não faz particular menção d'elles. E assi depois de alguns dias passou por alli Nuno da Cunha nos quatro galeões com que tinha brigado com os [4] ingrezes, ao qual foram logo os da cidade pedir soccorro de gente, como adiante diremos, e elle de cada galeão lhe deixou uma estancia de trinta homens, de que eram capitães

[1] e elle — A.
[2] muito — C.
[3] n'esta sahida — A.
[4] inglezes — A. E assim por diante.

Pedro Gomes de Sousa, Pedro Gomes o Villão, Gonçalo de Proença, Luiz Téllo de Meneses; com que os portuguezes sahiam ao campo com mais força e se alargavam em commetter[1] os inimigos, alcançando sempre o melhor d'elles; mas como o capitão da cidade não sahia mais que até a Madre de Deus, e d'alli despedia os soldados a brigar com os mouros, não se trazia a gente do campo com a ordem conveniente, postoque nunca houve ruins successos por esta causa; mas dizem que os pudera haver melhores, porque tambem dom Lourenço Soutomaior, em quem concorriam todas as boas partes eguaes á sua qualidade, como não tinha nomeação do visorei para governar aquella gente e guerra, postoque andava n'ella e dispunha ás vezes como cabo tudo com mui boa ordem, não se queria empenhar muito em mandar, porque não parecesse a alguns, conforme a malicia com que sempre julgam na India, que queria elle já introduzir-se no logar que ainda lhe não era dado.

CAPITULO V.

DA BRIGA QUE TEVE NUNO DA CUNHA NO NORTE COM OS INGREZES.

Postoque Nuno da Cunha fosse mandado pelo visorei Ruy Lourenço de Tavora, comtudo o successo de sua armada foi quasi no tempo do visorei dom Hieronymo de Azevedo, d'onde esta obra toma principio, e assi nos pertence dar rasão d'elle. Partiu Nuno da Cunha de Goa em novembro de 612 com uma armada de quatro galeões, e elle por capitão mór n'um, e por capitães dos outros Francisco de Miranda Henriques, Gaspar de Mello de Sampaio, Manuel de Andrade Beringel, onde foram fidalgos embarcados, na capitaina Antonio Moniz Barreto, Francisco de Mello Pereira, Diogo Lopes de Sequeira, Tristão de Ataide, Pedro Leitão de Saldanha, dom Fernando, filho de dom João de Meneses, dom Luiz de Ataide, dom Leonés de Castro, que se embarcou em Surrate, do navio de dom Manuel de Meneses, da companhia de dom Francisco Soutomaior, dom João Pereira, Manuel de Sousa Pereira, que foi de Baçaim[2], Onofre

[1] aos inimigos — A.
[2] Inofre Pereira de Sampaio — A.

Pereira de Sampaio, Antonio de Abreu Toscano, que sem ser fidalgo foi encarregado de capitão [1] da artilheria de baixo; no galeão de Gaspar de Mello foram fidalgos Antonio de Sousa de Mello, Martim Affonso de Sousa, Fernão de Sampaio. No galeão de Manuel de Andrade foram fidalgos Sebastião de Brito, [2] Antonio de Meira, Manuel de Brito, Luiz Mendes de Vasconcellos. No galeão de Francisco de Miranda iam fidalgos Fernão Lopes de Sousa, dom João de Almeida, Domingos Borges Pacheco, Affonso Vaz Coutinho, Jacome de Mello Pereira. E partindo d'esta cidade negociados conforme o tempo [3] permittia, mui bem para todas as outras nações, mas para brigar com inimigos de Europa com muitas faltas, assi de artilheria de ser mui pouca, porque não levava cada galeão mais que a capitaina vinte e oito peças, e outros, um dezoito, e os outros dois ainda menos, os bombardeiros mui poucos e muito menos destros, marinheiros portuguezes tambem menos do que se haviam mister, e em seu logar [4] lascaris mouros, marinheiros que como não andam mais que a fazer proveito, pelo pouco que lhes vêm das brigas as desviam e impedem o mais que podem, e por conclusão os galeões, postoque grandes e fortes, mui [5] zorreiros em comparação dos inimigos, que vai a dizer muito na guerra naval, e só o que lhes não faltava era mui bons capitães, e soldados pelo conseguinte de experimentado valor; foram até Surrate, sem no caminho lhes succeder cousa de consideração, e no mesmo dia que chegaram, os ingrezes, que estavam no [6] poço com uma nau e um patacho, se sahiram logo para fóra com receio de os irem abalroar dentro, fiados na ligeireza de suas embarcações, e vieram demandar os nossos galeões ás quatro horas da tarde e brigaram com elles até noite, onde nos mataram muita gente, não ficando nenhum galeão sem ter sua parte assi no dar como no receber, sendo por todos os mortos da nossa parte n'este dia trinta, pouco mais ou menos, conforme a fraca noticia que d'isso pude alcançar. E nem os nomes pude saber dos mortos, tanto

[1] de artelharia — A.

[2] Antonio de Noronha — se lê no Ms. d'A. em logar de Antonio de Meira, que vem no Ms. C.

[3] promettia — C.

[4] lascares — A. e C.

[5] soreiros — A. e C.

[6] passo — C.

para sua memoria, como para gloria e satisfação d'aquelles a quem tocam, ou em amisade, ou em parentesco, ou em conhecimento. Onde os soldados, que se viam matar dos pelouros da artilheria, como não lhes dava o tempo e a occasião logar para empregarem seu valor na vingança que desejavam e puderam fazer, maldiziam o primeiro inventor d'esta invenção consumidora e destruidora de todos os valentes do mundo. Veiu a noite, com que se apartaram da briga, e os nossos galeões surgiram, pelas grandes correntes que ha n'aquella paragem, e em amanhecendo tornou a nau e o patacho em demanda dos galeões, e tornaram a travar a briga de bombardadas, trabalhando-se de parte a parte com todo o fervor possivel; e indo o galeão de Gaspar de Mello pondo o gorupez na popa do patacho inimigo para o [1] abalroar, deu o galeão em secco e o patacho se safou por cima dos baixos, que são umas restingas que estão ao mar do Poço de Surrate; e o mesmo aconteceu a Manuel de Andrade Beringel, indo com o seu galeão em alcance da nau para a abalroar; porque como estes inimigos tinham suas naus mais apatanadas que as nossas demandam muito menos agua, e assi fogem quando lhe parece, e accommettem quando querem, não fazendo brio de nunca virarem as costas como nós quando pelejamos com elles, porque em sendo embarcação [2] da armada havemos ter grande desar fazer qualquer desvio de os encontrar, e elles, como não tenham seu partido senão no jogo da artilheria de fóra, fogem e tornam quando lhes parece, o que [3] podem conseguir pela ligeireza de suas embarcações, bons apparelhos e melhor marinheiradas. Que se houvera [4] de nossa parte em tudo egualdade póde ser que conseguiramos d'elles melhores successos; o que na India raramente se poderá conseguir, porque como as viagens são tantas, onde os homens do mar ganham grossos salarios, lançam-se todos a ellas, sem haver cousa que os possa impedir, pela largueza de suas terras. Mas como a guerra não he mais que uma invenção e modo de cada um se melhorar de seu inimigo, devem procural-o todos [5] os que o puderem fazer, por quaesquer meios, excepto os infames, que os levarem a este fim.

[1] abarroar — C.
[2] de armada — A.
[3] pode — A.
[4] da nossa — A.
[5] os que puderem fazer — A.

Nuno da Cunha e Francisco de Miranda, vendo como os dois galeões da sua companhia estavam em secco, se afastaram com os seus para fóra dos baixos, e surgiram, ficando a nau inimiga mui longe; e tornando a maré da tarde nadou o galeão de Gaspar de Mello primeiro que o [1] de Manuel de Andrade, e se veiu para o seu capitão mór, ao qual juntamente com o galeão de Francisco de Miranda, em quanto os outros dois estavam em secco, veiu demandar só a nau ingreza, e brigou com elles ás bombardadas mui bem de uma e outra parte, e mandou ao patacho que fosse aos galeões que estavam em secco, e como demandava pouca agua se chegou bem perto ao de Manuel de Andrade, que estava mais em secco, e de ambos os lados lhe deu muitas bombardadas, empregando todas n'elle, de que lhe fez grande damno; porém vindo a maré se poz em nado, e foi para o seu capitão mór. N'este dia se achou presente a esta briga dom Francisco Soutomaior com a armada do Norte, de que era capitão mór de doze navios, e como se não tinha ainda posto em effeito brigar com elles contra suas naus e patachos, não tractou mais que de ajudar aos nossos galeões para tudo o que era mandado e convinha [2] fazer em seu beneficio. Porque como viam que qualquer patacho nosso com quatro falcões atravessava seguramente toda esta costa da India contra grandes esquadras de parós, que [3] acommettem com toda a deliberação e esforço, parecia-lhes não podiamos alcançar mais contra estes inimigos; porém a deliberação dos portuguezes n'este particular excede a qualquer outro esforço, e tão famintos e desejosos andam de buscar outro partido, que não seja o de artilheria, com estes inimigos, que até naus á vela [4] lhes abalroaram com navios de remo, d'onde lhe succedeu muitas vezes não conseguirem d'elles tão bons successos.

[1] do Manuel de Abreu, ou Andrade — A.
[2] fazerem seu — C.
[3] comettem — A.
[4] lhe — A.

CAPITULO VI.

DO FIM QUE TEVE ESTA BRIGA DE NUNO DA CUNHA COM OS INGREZES.

Acabou-se o segundo dia da peleja com se ajuntarem os nossos quatro galeões, que como os viram juntos os inimigos, tendo já conhecido que nossa pretenção não era mais que abalroal-os, onde elles não podiam mostrar a destreza da sua artilheria, se fizeram na volta da outra costa; e assi quando amanheceu ao outro dia já os não viu a nossa armada, e apparecendo Luiz de Brito de Mello com a de Dio, onde andava por capitão mór, lhe deu [1] nova como os ingrezes iam para a costa de Dio; por onde fazendo o capitão mór Nuno da Cunha signal de leva, deu a vela, e se foi em seu seguimento, mandando a Luiz de Brito que fosse diante descobrir onde os inimigos estavam, para o vir avisar. O que Luiz de Brito cumpriu inteiramente; porque estando Nuno da Cunha com os galeões defronte da barra de Dio, chegou Luiz de Brito e lhe disse que os ingrezes estavam no Castellete, que é pela costa abaixo de Dio leguas [2]. Nuno da Cunha se não quiz deter nada, fazendo-se logo na volta do Castellete, e mandou aos tres galeões de sua companhia que abalroassem os inimigos de noite; porém depois lhe mandou outro recado que o não fizessem, por saber estavam surtos em tres braças, que era mui pouco fundo para os nossos galeões; industria que o inimigo usou para se prevenir contra este nosso intento. Em amanhecendo, que os inimigos viram os nossos galeões, se vieram logo para elles, parece que pela reputação que não queriam perder com um capitão do Mogor, que em terra tinha de cerco a fortaleza de Castellete, [3] e a estava batendo com duas peças grossas, que para este effeito lhe emprestámos, tirando-as da fortaleza de Dio; pelo muito que nos convinha extinguir esta colheita de parós que

[1] novas — A.

[2] Falta o numero das leguas em ambas as copias, que o Castellete, situado na enseada de Cambaia a E. da ilha de Beth, distava de Dio.

[3] e estava batendo — C.

continuamente estavam no Castellete, e o negro capitão d'elle, que os favorecia e amparava pelo muito [1] que lhe davam, tanto que veiu a levantar-se contra o seu rei; com o que toda aquella costa era notavelmente infestada de parós, e padecia d'elles grande detrimento.

Brigaram os nossos galeões com o inimigo dois dias de sol a sol, sem nunca os poderem abalroar, por ser a sua nau e patacho muito mais ligeiros que os galeões, e além d'isso andarem tão acautelados que nunca brigaram senão de balravento, e se alguma hora ficavamos d'elle não tractavam mais que de metterem pela bolina até nol-o tornarem a ganhar; onde nos mataram muita gente, sem haver certeza da que lhe nós matámos a elles, porque n'este particular em quanto se não vê nunca se póde ter por certo mais que algumas inferencias de os nossos galeões nunca deixarem [2] de tirar, e como davam nos cascos das embarcações dos inimigos sempre havia de ser á custa de suas vidas.

Ao segundo dia da briga, com uma bombardada que deram no galeão capitaina lhe tomou fogo a coberta debaixo, e indo com elle acceso, que se podia mui bem vêr, na volta da terra, o foram demandar logo os seus tres galeões, para o soccorrerem no que podessem e saberem o estado em que ia; e chegando a elle acharam que já tinha apagado o fogo, mas com grande trabalho, depois de lhe haver queimado dois camarotes da dita coberta e feito grande estrago. N'este tempo a nau inimiga lançou uma bandeira negra por quadra, por que diz significava era morto o seu capitão mór, e fazendo-se á vela outra vez para Surrate se foi com o seu patacho sem curar da briga, mais que ir com todo o panno dado.

O capitão mór Nuno da Cunha tornou ao Castellete, por ver se podia fazer com o capitão d'elle lhe entregasse a elle a força, antes que aos negros da terra que a tinham de cerco e estavam batendo; e mandando-lhe um recado sobre isto, por um soldado chamado Hieronymo de Figueiroa, negociou elle de sorte que os negros houveram por melhor entregar a fortaleza a Nuno da Cunha, do que aos mogores, receando que os matassem a todos. Mas como os maus de todos temem e desconfiam, o capitão do Castellete, cuidando que com este seguro de Nuno da

[1] que lhe dava — A. — que lhes dava — C.
[2] de atirar — A.

Cunha não boliriam os mouros com elles, não se quiz entregar a Nuno da Cunha, e de madrugada, elle e todos os que tinha comsigo, despejaram a fortaleza e se acolheram em cavallos que tinham pela terra dentro; porém os mogores mandaram em seu seguimento, e a todos mataram, sem perdoar a nenhum; porque é justo juizo de Deus que os que por suas maldades de ninguem se querem fiar, em ninguem tambem achem valhacouto, nem soccorro.

Ao outro dia pela manhã entraram os mogores na fortaleza, e mandaram dizer a Nuno da Cunha que se podia ir muito embora em busca dos ingrezes, que não havia já alli que fazer; e arrasaram a fortaleza sem lhe deixar pedra sobre pedra, porque [1] não houvesse mais, nem tornasse mais a levantar-se alli cousa que lhes désse similhante trabalho.

Nuno da Cunha, sem fazer detença alguma, deu a vela para Surrate em demanda dos ingrezes, para onde lhe disseram que tinham ido, e chegando uma tarde já que não eram horas de briga, ao outro dia pela manhã viu a nau e patacho, que deram á vela e se foram por cima das restingas, sem [2] carga, nem parece que vontade alguma de tornarem a brigar. Nuno da Cunha os foi seguindo com os seus galeões o mais que pôde, até que, por serem tão ligeiros como temos referido, os perdeu de vista. E assim, vendo quão embalde os seguia, se veiu para Surrate, onde tomou conselho com os seus capitães se poderia haver modo de darem na feitoria d'estes inimigos em terra, e concluindo todos que se mandasse saber da sorte que estavam, para conhecer o como se deviam demandar, mandaram Gaspar de Mello disfarçado, para que com sua prudencia e entendimento visse e considerasse bem tudo. Foi elle e trouxe [3] resposta de não estarem as cousas dispostas para se poder fazer nenhum bom effeito, referindo tambem como achára novas nos inimigos de que lhe matámos o seu capitão mór e muita gente. E vendo Nuno da Cunha que não tinha alli mais que fazer, deu a vela e se veiu caminho de Goa, tomando as fortalezas do Norte, para vêr se havia cousa do serviço de sua Magestade que devesse fazer; e chegando a Chaul lhe veiu a cidade

[1] não houvesse mais tornar-se a levantar alli — C.
[2] cargas — A.
[3] reposta — A.

dar conta como [1] estava já em guerra aberta com o Melique, por onde que lhe [2] pediam que lhe deixasse alguma gente. E assi lhe deixou quatro estancias de trinta homens cada uma, e por capitães d'ellas [3] Pero Gomes de Sousa, [4] Pero Gomes o Villão, Gonçalo de Proença, Luiz Téllo de Meneses; e dando a vela para Goa chegou a ella em março de 613, achando já governando dom Hieronymo de Azevedo, que o recebeu com todas as mostras de alegria. E postoque entre [5] alguns não deixou de se fallar n'este tempo, que conforme o muito que se esperava de Nuno da Cunha não obrára tanto n'esta jornada, comtudo, como esses haviam brigado poucas vezes com ingrezes e hollandezes em embarcações de alto bordo, e com as differenças que atráz deixo apontadas e os defeitos das nossas, afóra [6] as perfeições das suas em marinheiros, bombardeiros, e artilheria, houveram depois, assi por estas considerações que fòram vendo por experiencia muito á custa de quem [7] a fez, como pelos successos que com aventejados poderes d'elles alcançamos, satisfizera mui bem Nuno da Cunha com sua obrigação, sem descahir nada da predicação em que d'antes estava, porque ao menos, quando não pôde tomar os inimigos, pelas rasões apontadas, os fez desalojar o porto, fugirem, e irem-se sem carga, á vista dos naturaes da terra; que se pudera sempre effeituar-se isto, fòra para este Estado um dos grandes bens a que se podia chegar.

[1] estavam A.
[2] pedia — A.
[3] Pedro — A.
[4] Pedro — A. E assim por diante.
[5] algumas — A. e C.
[6] a perfeição — A.
[7] o fez — A.

CAPITULO VII.

DO QUE FEZ O VISOREI DOM HIERONYMO DE AZEVEDO NO PRINCIPIO DO SEU GOVERNO, SOBRE AS DIVIDAS QUE O VISOREI RUY LOURENÇO TINHA DEIXADO FEITAS; E DO EMBAIXADOR DA PERSIA QUE VEIO DO REINO.

Achou o visorei dom Hieronymo o Estado tão exhausto e necessitado que não sómente lhe faltava com que fazer as armadas ordinarias, mas ainda lhe deixou o visorei Ruy Lourenço de Tavora muitas dividas de dinheiro, que tinha tomado emprestado para o serviço de sua Magestade, e como havia passado obrigações aos acredores para o pagar como Ruy Lourenço, vendo quão alcançado ficaria na fazenda se houvesse de pagar da sua todas estas dividas, que importariam ao redor de duzentos mil xerafins, fez petição com a lista d'ellas ao conselho de Estado, para que se obrigasse o visorei dom Hieronymo a pagal-as, quebrando-lhe logo as consignações dos pagamentos áonde se haviam de fazer, pois o dinheiro, que mostrava dever, todo fôra entregue e carregado ao thesoureiro e despendido no serviço de sua Magestade, mostrando a rasão e obrigação que ao dito senhor corria de não consentir que elle pagasse o que com tanto trabalho buscara para as occasiões, que se não lhes acudira podiam causar damnos irreparaveis. A qual petição vista no conselho se assentou por todos os d'elle que estava o visorei obrigado a satisfazer o tal dinheiro, visto constar, sem duvida nem cousa que mostrasse conluio, despender-se no serviço de sua Magestade, em armadas, provimentos de fortalezas e cousas similhantes, e que nem só em rasão de consciencia e christandade convinha haver muita puntualidade n'estes pagamentos, mas que tambem em rasão de estado se devia conservar o credito dos visoreis, para que em necessidades urgentes se pudessem valer dos emprestimos dos vassallos para [1] lhes serem pagos não sómente pelos proprios que tomaram os emprestimos, mas tambem pelos visoreis ou governadores que lhe succedessem, pois a fazenda de sua Magestade padecia tanta falta e de ordinario se offereciam similhantes necessidades; por onde se

[1] lhe — C.

consignaram os pagamentos das taes dividas nas alfandegas de Ormuz, Malaca, e outras partes onde pudesse haver dinheiro com que se fazerem. E assi foi este um dos grandes esforços, em principio de seu governo, que mostrou o visorei dom Hieronymo, tomando sobre si a machina grande do governo d'este Estado, de fortalezas, cidades e conquistas tão distantes e afastadas, que continuamente hão mister soccorros de armadas, provimentos, presidios e fortificações, para o que tudo se [1] requer grandes copias de dinheiro; e não só não achar nenhum, porém muitas dividas, e obrigar-se a pagal-as, é consideração que a quem por experiencia conhece o que isto ha mister não poderá deixar de julgar o que atraz digo. E assi, com sahir este assento do conselho de Estado, ficou o visorei Ruy Lourenço de Tavora tão duvidoso de se lhe dar cumprimento que se não quiz ir para o reino n'estas naus, porque depois de ido não ficassem as ditas consignações e quebramentos sem se pagarem, e [2] depois de se lançarem em dividas velhas não houvesse visorei algum que quizesse satisfazel-as, como elle por experiencia tinha visto, d'onde o fossem demandar os acredores, e não houvesse remedio para deixar de pagar; e com esta determinação se foi para nossa Senhora do Cabo, para poder alli ficar mais retirado, conservando a auctoridade de quem era, e do logar que servira.

O Xá, rei da Persia, chamado Abbas, tinha mandado a sua Magestade á Europa muitas embaixadas em tempo dos visoreis passados, procurando por todos *os meios* fizesse com o imperador de Allemanha movesse por Europa ao grão Turco toda a mais guerra que pudesse, porque na mesma fórma elle pela banda de seus reinos, que na Asia confinavam com os do Turco, o apertaria com a maior a que se estendessem suas forças; levando tambem estes embaixadores a cargo fazerem com sua Magestade lhe mandasse comprar a seda toda que tinha em seus reinos em grande copia, para o que a mandaria pôr ou no bandel do Comorão, ou na fortaleza de Ormuz, na fórma que se assentasse. O que pretendia não sómente para ficar tendo mais commercio, tracto e alliança, com os vassallos e estados de sua Magestade, mas tambem para tirar das terras do Turco esta fazenda, que com grandes interesses lhe passava por

[1] requere — A.
[2] depois lançar-se — A e C.

todas ellas, com que ficasse diminuindo mais e afracando. Esta era a substancia[1] do que sempre o Xá pretendeu de sua Magestade, e para que seus embaixadores na corte de Madrid mettiam nos conselhos muitos memoriaes, sem nunca verem effeito a nenhuma d'estas pretenções, porque quando o Xá andava mais acceso em guerras com o Turco os annos de[2] fez o imperador de Allemanha pazes com elle. E no tocante á seda, mandando o Xá ultimamente um embaixador Darisbeque Zeabassi[3] com uma grande copia d'ella, tornou a mandar tractar com sua Magestade os dois pontos referidos já, parece que não esperando de sua Magestade a conclusão d'elles, senão para o fim de outros seus intentos; e assi mandava a seda mais por veniaga que por presente, como depois se viu.

Era este rei grande homem de guerra, assi no espirito como de invenções e traças para poder conseguir o que pretendia, fosse por quaesquer meios que pudesse, sem guardar fé nem palavra; antes o seu modo, por onde vinha a alcançar algumas cousas, era debaixo de fé e palavra de tregoas, ou algum concerto, tanto que até os mesmos refens que dava bem sabiam iam já offerecidos á morte, E assi depois que viu que sua Magestade lhe não deferia nada[4] ás suas pretenções não deixava de mandar embaixadores, e fingir amisades e grande desejo de as conservar, porém debaixo d'isto fazia cousas que mostravam bem differente animo, como foi na tomada da ilha de Barem, que sendo uma das melhores que possuia elrei de Ormuz, e sua Magestade melhor por elle ser seu vassallo, não teve o Xá socego até[5] a pôr debaixo de sua jurisdicção; e sobre isto dizia que não queria senão paz e muita amisade com sua Magestade. Via a fortaleza de Ormuz de tanto credito e rendimento que chegou a dizer muitas vezes, entre os seus, que ainda que lhe custasse ametade do seu

[1] de que sempre o Xá prendeo de sua magestade — A.

[2] Falta o anno nas duas copias. Parece porém alludir á tregoa de 20 annos, feita pelo imperador Rodolpho com Achmet, aos 9 de novembro de 1606, ou ao tractado de paz da Persia com a Turquia em 1611.

[3] Darisbeque é erro commum a ambos os exemplares. Danisbeque Sidebase se lê em *Faria y Sousa*, Asia Port., tom. III, part. III, cap. I. No decurso da Decada de Bocarro vem sempre Danisbeque.

[4] a suas — A.

[5] o pôr — C.

reino, [1] a havia de tomar. E assy mandou na era de 603 a Hespanha a sua Magestade, por embaixador com as suas primeiras pretenções, um dom Roberto Sasley, [2] de nação inglez, que tinha assistido muitos annos com elle; homem de notavel astucia e invenção, quasi n'isto conforme á natureza do mesmo Xá. Este, depois de assistir em Madrid alguns annos, tractado e respeitado como embaixador de um rei tão poderoso, desappareceu da corte, e se foi a Inglaterra sua patria, e communicou com o rei d'ella a materia da embaixada que tinha trazido a Hespanha; parece que por ordem do mesmo Xá, convidando aos ingrezes com o contracto da seda, debaixo de lhe prometterem, como depois se entendeu, de o ajudarem com as suas naus contra nós, pera tomar a fortaleza de Ormuz. Os ingrezes, que, depois *que* começaram a declinar da verdadeira fé catholica romana de Christo nosso senhor, não repararam em crime nem abominação contra os catholicos, vieram de mui boa vontade em uma cousa e outra, pela entrada que já começavam ter em Surrate, d'onde faziam conta carregar de roupas para a Persia e trazerem d'ella sua seda com aventejados interesses.

O Xá, para poder encobrir estes tractos, e com capa de amisade ir mettendo todo o pé que pudesse [3] até chegar a possuir Ormuz, mandou, [4] como digo, Danisbeque com a dita seda, que postoque parecia ia de presente a sua Magestade pera amostra do contracto d'ella, que offerecia, ha opiniões certas que não ia senão por veniaga, entregue ao seu embaixador, para que, ou de retorno do presente, ou da venda da seda, lhe trouxesse o procedido d'ella empregado com todos os ganhos; porém o embaixador, como vinha com este [5] nome, a entregou na cidade de Goa aos ministros da fazenda de sua Magestade, d'onde, postoque houve queixas que se tirára alguma, que foram a sua Magestade e elle mandou ao visorei dom Hieronymo n'estas naus que procurasse saber a certeza, e achan-

[1] a havia tomar — A.

[2] da nação — C. *Faria e Sousa*, Asia Port., tom. III, part. III, cap. XIII, transcreveu uma inscripção, aberta no tronco d'uma arvore do porto de Santa Clara, que dizia: *Dñus Robertus Schurleius, Legatus Regis Persarum. Roberto Sirlei* se lê porém n'uma carta regia de 23 de dezembro de 1611, de que existe o original na Torre do Tombo.

[3] té — A.

[4] como Diogo Danisbeque — C.

[5] nome entregou — A.

do-se alguem culpado se castigasse com todo o rigor, por informações que o visorei mandou tirar constou que ninguem arredára nada da seda, a qual entregue aos ministros de sua Magestade em Portugal, mandou o dito senhor, não com conta de mercador [1], por quão indecentes sejam a similhante monarcha, respondendo ás materias do persa, dar-lhe um presente para trazer a seu rei, de cousas mais de estima que de valia, e d'esta tambem não pequena ; [2] ordenando tambem, pelas toadas que houve [3] de a seda ser mais da que lhe fôra apresentada, que n'este Estado acrescentasse o visorei d'elle ao dito presente uma boa copia do que lhe parecesse mais conveniente. O que posto em conselho se assentou que fosse quinze mil xerafins empregados em Goa em canella, cravo, [4] noz, maça, e pimenta, que postas estas cousas na Persia, sem fretes nem direitos, valiam preço mui aventejado.

Vinha com este embaixador Danis-Beque, dom Frei Antonio de Gouveia feito bispo de Sirene, para ir para a Persia tractar da sua christandade. Postoque a d'esta terra chamada Sirene era mui pouca, comtudo não faltavam christãos por aquellas partes em grande [5] cantidade, assi armenios, como gorzins, que são os de são João, bem necessitados não só de um, mas de muitos bispos que os reformassem.

Mandou o visorei fazer aqui particulares mercês ao embaixador [6] Danis-Beque, que tambem vinha com outras de Hespanha feitas por sua Magestade ; e assi tambem se deu ao bispo de Sirene o necessario para passar á Persia com doze criados, como mandava sua Magestade, que ficava para despedir um embaixador conforme o Xá lhe pedia, pessoa de auctoridade, para poder tractar por seu meio, e não de frades, as cousas que se offerecessem tocantes a ambos os estados. E assi ficou esperando monção para se partir este embaixador [7] Danis-Beque, e o bispo referido, de cuja viagem á Persia e successos adiante faremos menção.

[1] Lê-se em ambas as copias «porque quão indecentes sejam» — o que cortava o sentido.

[2] ordenando juntamente — A.

[3] da seda — A.

[4] noz e maça, pimenta — C.

[5] quantidade — A.

[6] Danisbeque — A.

[7] Danisbeque — A.

CAPITULO VIII.

DO QUE MAIS ORDENOU O VISOREI DOM HIERONIMO DE AZEVEDO NO PROVIMENTO DE DIFFERENTES FORTALEZAS.

O visorei dom Hieronymo, como tinha muita experiencia de todas as cousas e partes da India, foi ordenando e dispondo em tudo na fórma que lhe pareceu mais conveniente ao melhoramento d'ellas e serviço de sua Magestade; e como tinha assistido tanto tempo em Ceilão sabia o que era necessario e convinha prover-se. E assi mandou logo a Antão Vaz Freire, veador da fazenda de sua Magestade na dita ilha, um regimento em que lhe especificava mui particularmente como se devia haver em todas as materias da fazenda, assi aldeias, como elephantes, areca e canella, encaminhando tudo de maneira que ficasse rendendo com que a ilha se pudesse sustentar [1] de guerra, e não dar occasião a levantamentos, evitando-se toda a força e demasia aos naturaes vassallos de sua Magestade, e apontando as despezas mais principaes, [2] antre as quaes punha o hospital, encarregando grandemente o provimento d'elle e o zelo de quem lhe assistisse, como quem sabia que por esta falta padeciam os soldados da conquista, [3] e que assi n'este ponto, e em dar de comer aos lascarins, não só qnando andavam na guerra senão que ficasse a suas familias, e juntamente a todos os officiaes e servidores do muito serviço de sua Magestade que ha naquella ilha, fundava uma grande parte de seu governo; porque tinha conhecido o damno que causavam as muitas faltas que em todos estes particulares havia.

Para prover a ribeira de navios, galés, e embarcações d'alto bordo, e os almazens de munições, petrechos e tudo o mais necessario, mandou a Luiz Barbalho, escrivão da fazenda de sua Magestade, de Goa ao Norte, com largos poderes para fazer vir algumas d'estas cousas que estavam feitas, como um galeão, uma nau, uma galé, e alguns navios

[1] da guerra — C.
[2] entre — A.
[3] e quasi — C.

de remo, apontando-lhe o contractar outras, e todas[1] as miudezas pertencentes a embarcações, para que ficassem em muita abundancia na ribeira e almazens.

E assi tambem despediu a Antonio Pinto da Fonseca, que atraz dissemos mandara sua Magestade a este Estado por visitador e provedor geral das fortalezas d'elle, para ir visitar as do Norte, como Chaul, Baçaim, Damão, e Dio, apontando-lhe particularmente procurasse vêr os mosteiros e egrejas, que em Dio se faziam, de são Domingos, e dos padres da Companhia, para que achando que eram, ou podiam vir a ser de algum prejuizo á nossa fortaleza, os não consentisse edificar, antes fizesse derrubar tudo o que se tinha principiado, como fez com effeito; mas a egreja dos padres da Companhia, que lhe pareceu, pelo modo com que se fundava, um grande forte contra a fortaleza de Dio, não podia mais que represental-o n'esta fórma ao visorei, que os ditos padres tomaram á sua conta defender, e assi ficaram mui sentidos por isto de Antonio Pinto, e a egreja indo por diante até se acabar na fórma que hoje está; e na presente era de 634 se conheceu bem que lhe não[2] fazia damno. E assi tambem levou regimento do visorei para traçar e ordenar a obra do baluarte, que se fazia na barra da mesma cidade de Dio, de que era capitão Gonçalo de Almeida; como cumpriu inteiramente. E da mesma sorte levou apontadas outras cousas, que havia de ordenar e prover, tocantes á fortificação das cidades de Damão, Baçaim e Chaul, porque tinham muitas que considerar e emendar, que lhe podiam ser de muito momento, em damno ou utilidade em qualquer occasião de guerra; ordenando-lhe tambem soubesse o que se tinha feito do rendimento do um por cento de todas estas fortalezas applicado para a fortificação d'ellas, e o fizesse pôr em arrecadação por todos os modos, para o trazer ou mandar a Goa, e se empregar em cobre e fundir artilheria para se mandar ás mesmas fortalezas e cidades, com que ficassem provídas para sua defensão. E estas, com outras ordens que trazia de sua Magestade sobre estes mesmos particulares, trabalhou todo o possivel por cumprir Antonio Pinto da Fonseca com o zelo e applicação que sempre exercitou no serviço de sua Magestade, ajuntando a isso um animo tão desinteressado

[1] as mais miudezas — A.
[2] faria — A.

como livre de todos os mais respeitos, com que fazia tudo o que lhe parecia conveniente ao serviço de sua Magestade; e pelos muitos annos que militou em Flandes tinha conhecimento de fortificações, havendo-se achado em ganhar e defender fortalezas.

Dom Henrique de Noronha, a quem, como atraz temos dito, o visorei confirmou no mesmo logar de capitão mór do Malavar, que d'antes lhe tinha dado o visorei Ruy Lourenço de Tavora, depois de chegar do Norte foi mandado para o Malavar, ajuntando mais oito navios aos vinte nomeados com que tinha ido a Cochim, de que eram capitães Francisco Ribeiro Alcoforado, [1] Francisco d'Eça, Domingos Fernandes, Francisco Matella, Antonio de Almeida, Simão Fernandes, Domingos Pereira, Vasco Gomes de Mello, com ordem que, chegando ao mar de Mangalor, com toda a brevidade possivel despedisse logo, para o cabo de Comorim, Jorge de Castilho, com vinte navios, por capitão mór do cabo; porque já tinham chegado a Goa com uma grande cafila quinze que dom Henrique despediu de Cochim, como atraz fica dito, [2] a cargo de Jorge de Castilho quando d'alli partiu com o visorei dom Hieronymo. E é muito para considerar que com a India n'este tempo estar tão necessitada que deixou o visorei Ruy Lourenço empenhado o Estado na fórma referida, já n'este tempo, que era em fevereiro, tinha vindo uma cafila da costa de [3] Coromandel, e da Pescaria, e cabo de Comorim, em companhia do visorei quando veiu de Ceilão, e outra depois com estes quinze navios, e agora se mandava buscar a ultima da tarde com as embarcações do Sul, que sempre era a maior de todas; não estando nunca aquelles mares e costa de Cochim para baixo sem armada, a cuja sombra tambem navegavam muitas embarcações de Coulão e de toda a costa [4] de Travancor. O que tudo fazia crescer grandemente o rendimento das alfandegas e não menos os vassallos em riquezas; e se foi descahindo d'este costume de maneira que passa ás vezes o anno inteiro sem chegar armada ao cabo, fazendo os parós notavel damno em tudo o que navega, que assi como procede ás vezes de necessidades de tudo, as fica tambem depois causando maio-

[1] Francisco de Sá — A.
[2] o cargo — C.
[3] Choromandel — A.
[4] de Travancos — A.

res, porque é tanta já a falta de commercio que não ha que ir buscar ao cabo.

Ordenava tambem o visorei a dom Henrique de Noronha que entrasse em Mangalor com o restante da armada, e chamando o rei de Banguel o confortasse e animasse para defender suas terras do Ventapanaique, que lhe movia guerra e o queria despojar do seu reino, como tinha feito a outros muitos; para o que, postoque o rei de Banguel tinha pedido favor ao Estado, como irmão em armas que era de sua Magestade e tão fiel e amigo do Estado como sempre se tinha experimentado, comtudo não se resolveu o visorei a lho dar descoberto, por não mover guerra ao [1] Ventapanaique estando em suas terras nossas duas fortalezas de Barcelor e Onor, onde havia de ser forçado acudir, e empenhar com a muita gente. E assi ordenou só a dom Henrique de Noronha trabalhasse por unir ao rei da terra e o de Carnate com o de Banguel, para ficarem ligados e obrigados a se defenderem todos do Ventapanaique, fazendo um corpo de seus reinos, com que lhe poderiam melhor resistir que cada um por si, porque contra todos tambem vinha o Ventapanaique movendo guerra e conquistando. Para cujo effeito tractou dom Henrique de Noronha de ajuntar estes tres reis na nossa fortaleza de Mangalor, procurando-o por todos os modos convenientes, como em effeito o conseguiu, e lhe propoz a muita rasão e causa que tinham de se confederarem e unirem todos, para poderem resistir a um inimigo tão commum de todos como era o Ventapanaïque; que entendessem que qualquer [2] que se tirasse do corpo dos outros dous não éra mais que abrir-lhe caminho e entrada para [3] sogigar e conquistar todos tres, e que para esta união e liga o Estado não faltaria com o favor e ajuda que de sua parte pudesse, para os poder conservar; fazendo n'isto ainda mais demonstrações [4] e encarecimentos. E considerado pelos reis a importancia da causa, fizeram juramento e promessa nas mãos do capitão mór de estarem todos unidos e germanados contra o Ventapanaique, para se defenderem d'elle assi cada um per si como uns aos outros, como se o reino de cada qual fosse pro-

[1] Bentapanaique — C.
[2] que tirasse — A.
[3] sojugar — A.
[4] e encarecimento considerado pelos reis — C.

prio de todos; e feito juramento d'isto, a seu modo, prometteram de o guardar e cumprir inteiramente, e ficaram tambem agradecendo ao capitão mór dom Henrique de Noronha a diligencia e cuidado com que tractava a conservação de cada um d'elles como se n'isto fôra muito interessado; não alcançando ainda quanto o ficava o serviço de sua Magestade em não termos nunca por visinhos de nossas fortalezas reis, ou para melhor dizer tyrannos poderosos, porque [1] estes sempre, por cubiça ou por suberba, proprios attributos dos que merecem este nome, como são os mais d'este Oriente, ou emfim por odio da lei de Christo nosso senhor, não guardam fé nem amisade, senão só em quanto lhes está bem para effeito de seus intentos, sendo entre os portuguezes o contrario tão certo, como se poderá ver em muitas partes pelo decurso d'esta historia as grandes cousas que puderam alcançar, se deixaram descuidar-se mui pouco na inviolavel guarda de sua fé e palavra. O que concluindo se foi dom Henrique de Noronha seguindo sua viagem pela costa do Malabar até Cochim, onde os deixaremos, por dar rasão do que n'este tempo aconteceu por outras partes.

CAPITULO IX.

DO QUE SUCCEDEU AOS TRES NAVIOS COM QUE O VISOREI RUY LOURENÇO DE TAVORA TINHA MANDADO ANDRÉ COELHO A COSTA DE [2] COROMANDEL.

Deixámos atraz a André Coelho feito á vela com os tres navios que foi acabar de prover de gente ás naus de dom Hieronymo de Almeida, e indo correndo a costa até Cochim se refez alli de algumas cousas de que não ia de todo negociado, com as quaes se fez á vela pela costa abaixo, aonde passou o cabo de Comorim, chegou a Tutocorim, e tomando nos baixos foi a' Manar, e como dom Hieronymo de Azevedo estava já por ordem de sua Magestade nomeado visorei d'este Estado, lhe mandou o visorei Ruy Lourenço [3] dar rasão de sua viagem, para saber o que dis-

[1] este — C.
[2] Choromandel — A.
[3] dar-lhe razão — C.

punha sobre ella; porque tambem podia succeder serem-lhe necessarios aquelles navios para o acompanharem; e assi lhe enviou André Coelho recado por terra, e esteve esperando reposta alguns dias, a qual mandou o visorei logo, em que ordenava que André Coelho fosse seguindo sua viagem a San-Thomé, a cumprir o que levava por regimento. Com o que se levou para o caes dos elephantes e d'alli se partiu para Negapatão, onde tomou falla conforme levava por regimento, e d'alli, indo fazendo seu caminho, n'uma restinga que está defronte do Clorão, um pouco ao mar[1] do Porto novo, lhe carregou uma noite o tempo de sorte que parecendo-lhe ser vara, como n'aquella costa não tem nenhum abrigo, se levou e veiu arribando outra vez caminho do caes, onde chegando outra vez tornou a avisar ao visorei dom Hieronymo de Azevedo como tornou alli arribado com a força do tempo; que lhe ordenasse o que havia de fazer. Ao que lhe respondeu dom Hieronymo fosse lançar a gente, que trazia, em Ceilão, e se tornasse com os navios para Goa. Com o que se foi logo por Manar, caminho de Ceilão, e lançou os soldados em[2] Negumbo, e passados alguns dias partiu uma tarde ao longo da costa para vir a Tutocorim, e no quarto da prima lhe deu a vara de Cachão, que é noroeste, e lhe ficava sendo pela proa. Com que surgiu, e apertando o vento muito pela madrugada, foi forçado aos navios levarem-se, por não poderem esperar surtos. O de André Coelho[3] e o de Nuno Alvares Teixeira, depois de levados, não podendo vingar a restinga de[4] Negumbo, se metteram dentro na bahia, onde o tempo os fez varar em terra, mas como alli ha muita gente, levaram os navios nas mãos sem se desfazerem. O de Francisco Pereira, como o tomou o tempo mais ao mar, por conselho dos pilotos quiz ir para Columbo, e depois de levado, como não ia em popa, foi o tempo crescendo de sorte que o tomaram os mares de travez, e o cavalgaram n'um momento e alagaram, e ainda assi alagado foi navegando com a vela, que nunca quiz amainar, como seu total remedio, até que d'esta sorte entrou na bahia de Columbo,[5] onde surto so-

[1] de Porto novo — A.
[2] Nigumbo — C.
[3] e de — C.
[4] Nigumbo — C.
[5] onde solto — A.

bre amarra, era o tempo tão grosso que sem dar em terra o fez o mar em pedaços, e toda a gente se salvou.

Passada a força da tormenta se concertaram os outros dois navios que estavam em Negumbo, e se fizeram á vela para o cabo do Comorim, e chegados a [1] Tutocorim, cinco leguas do mesmo cabo, se chegaram os navios á terra e surgiram; onde estando surtos, cresceu de noite o vento de maneira que os fez dar á costa, o de André Coelho feito em pedaços, e o de Nuno Alvares Teixeira se pôde ainda varar, com que se salvou o falcão, como tambem se salvou do outro, e toda a gente. Os portuguezes seriam por todos quinze, e quatro ou cinco pretos, que eram tambem de armas, e mais de cem marinheiros e moços de portuguezes. Os negros da terra se ajuntaram em grande copia, parecendo-lhes tinham uma grande preza, visto pelo contracto das pazes ser seu tudo o que dá á costa em suas terras, e como os nossos estavam juntos com suas armas, representando assi todos um grande corpo de gente, não ousaram nunca os da terra commettel-os, mais que mandar-lhes alguns recados que déssem tudo o que alli tinham, pois era seu, conforme as condições das pazes que comnosco tinham; parecendo-lhes, como fica dito, eram cousas de muito porte; porque é para notar que todos os naturaes d'este Oriente em vendo qualquer portuguez logo se persuadem trazem comsigo grandes riquezas, e não ha conceberem que muitos são muito pobres. E assi vendo estas embarcações suas dadas á costa, não imaginando nunca fossem senão de mercadores, ao menos as faziam carregadas de fazendas de muita valia. Foram-se com este pensamento ajuntando mais de mil e quinhentos homens de armas entre de pé e de cavallo, com os quaes se concertou André Coelho lhe daria por todo aquelle fato certo numero de fanões, que não passava de duzentos xerafins, o que não acceitaram os negros *não só* por se *não* contentarem com isto, [2] senão porque vendo os portuguezes sem armas, mettendo logo em partido que lhas entregariam e os falcões em penhor de cumprir o promettido, faziam conta de se fazerem senhores de tudo, não obstante o concerto, pois de direito era seu: com o que correram os christãos da terra chamados patangantins, que são como maioraes entre elles, e ficaram com os negros da terra gentios por

[1] Tutacorim — C.
[2] senão para que — C.

este concerto, e dando-lhe cumprimento, vendo elles os portuguezes sem armas, os mandaram metter n'um pagode e foram revolver e examinar muito bem o fato que tinha dado á costa, e como não acharam o que cuidavam, sem se desenganar ainda de sua cubiça, faziam passar aos nossos grandes fomes, por ver se lhe podiam tirar o dinheiro que cuidavam [1] tinham dentro em si, porém como não havia nenhum padeciam os pobres por mais não poderem, até que vendo e conhecendo-o bem os negros da terra lhe tornaram a dar suas armas e pediram o dinheiro do concerto, mas como o não havia para lho darem, tornaram [2] logo a pedir as armas; porem [3] os portuguezes estavam sentidos da fome, e tinham já n'este tempo chegado de Tutocorim uns tones que lhe haviam mandado de soccorro os [4] vigarios d'aquellas christandades, por onde lhe responderam com muitos pelouros, com que os negros se afastaram d'elles mais de uma legua, e d'alli lhe mandavam recados. Embarcaram-se os portuguezes nos tones, concertando-se André Coelho para [5] lhes pagar o dinheiro assentado, [6] e lhes dar por penhor os mesmos falcões, porque tambem não tinha embarcações capazes para os poder trazer; e chegaram n'elles [7] marinheiros e todos ao cabo do Comorim, onde por amor dos parós se tornaram a desembarcar, e vieram por terra caminho de Coulão, onde chegaram sem lhe succeder mais cousa alguma, e alli se embarcaram na armada de Jorge de Castilho. E este foi o fim d'estes tres navios, que sendo tão poucos, por serem mandados a tão boa conjunção, se chegaram aos effeitos a que iam, de tanta consideração, remediavam duas cousas de tanta importancia como a de Paleacate, e a nossa fortaleza de Serião; mas como o tempo, que é tão justo ministro de Deus, e outras cousas, [8] os não deixou passar, fique á consideração dos que isto lerem a magoa conforme ao zelo que tiverem do serviço de sua Magestade.

[1] tinham em si — A.
[2] logo pedir — C.
[3] os portuguezes como estavam — A.
[4] vigarios — A.
[5] lhe — C.
[6] e lhe — C.
[7] Temos para nós que assim se deve lêr, e não *n'ellas*, como vem em ambos os codices; por isso que foi nos tones em que se embarcaram os portuguezes.
[8] o não — C.

CAPITULO X.

DO ESTADO EM QUE FICOU CEILÃO QUANDO VEIU DOM HIERONIMO DE AZEVEDO, E O MAIS QUE N'ELLE ACONTECEU.

Tinha dom Hieronymo de Azevedo continuado em Ceilão dezoito annos por capitão geral, depois da morte de Pero Lopes de Sousa, onde com muitos bons successos chegou a conquistar quasi todas as terras que estão das serras de [1] Balane para baixo, havendo feito por muitas vezes grandes e [2] felizes entradas em Candia, com notavel perda e assolamento das terras, e chegou a fazer a fortaleza de Balane, lá em cima da serra, de pedra ensosso, onde assistiam da porta para fóra quatrocentos lascarins de gente preta, e dentro oito companhias de portuguezes cada uma de trinta, revezando-se do arraial, que assistia em Manicavare, todos os mezes indo uns e vindo outros; e fizeram as tranqueiras fóra dos muros para poderem guardar as aguas, que lhe ficavam de fóra n'uma bica entre as tranqueiras e os muros, as duas fortalezas de Caluture, e de Galle, e os fortes de Chilão, Negumbo, e Maluana, que eram os que se sustentavam pelos portuguezes com capitães e guarnição de gente, afóra outros muitos que havia feito em varias partes da ilha pelo descurso d'este tempo. E as guerras e alevantamentos haviam acabado, principalmente [3] a maior que teve na era de 603, a que chamaram a famosa retirada. A qual ilha n'esta fórma conquistada, e a reputação das armas de sua Magestade no maior predicamento *a* que tinham n'ella chegado, vindo-se para Goa a governar este Estado entregou a dom Francisco de Meneses Roxo, a quem suas obras haviam feito de soldado particular, e não conhecido mais que por Francisco Roxo como do reino tinha vindo o anno de noventa e seis, capitão de estancias muitas vezes n'esta ilha, e depois de um galeão, e capitão mór de armadas do reino e dos soccorros que se mandaram a Ceilão, e n'elle outra vez capitão mór do campo, e ultima-

[1] Balame — C.
[2] felices — C.
[3] o maior — C.

mente capitão geral da ilha e conquista; parecendo-lhe a dom Hieronymo de Azevedo que quem por seu valor tinha alcançado os logares atrazados, junto com a grande experiencia e conhecimento que tinha da guerra da ilha, e particular esforço com que n'ella se havia sempre mostrado, merecia mui bem este logar, e [1] faria n'elle o serviço de sua Magestade como a ambos convinha, sem para isto lhe servir [2] ainda mais que o valor de sua pessoa [3] as mais partes concernentes ao sangue de que depois se soube que procedia, em ser filho de dom Diogo de Meneses conde da Ericeira, e bisneto de dom Henrique de Meneses governador que foi d'este Estado. Por onde vindo-se o visorei em novembro tractou logo dom Francisco de Meneses de fazer a sua volta, como era costume dos geraes fazerem-na duas vezes no anno, uma em março, outra em septembro. E assi partindo para a primeira de março não encontrou inimigos, [4] que então não havia outros mais que elrei de Candia que lhe fizessem rosto, nem dessem assaltos, mais que mandarem tirar duas espingardadas d'entre o mato, das quaes uma lhe acertou na cana do seu palanquim pela banda da cabeça. E depois de recolhido o capitão geral a Maluana, desceu elrei de Candia com todo seu poder sobre a fortaleza de Balane, trazendo mais de dois mil homens de armas, com que [5] arremettendo com ella de noite por assalto pôde levar as tranqueiras, não sem muita perda sua e tambem suspeitas de se haver contractado com os lascarins de Tumpane, d'onde estavam alguns n'ellas; [6] porque a um soldado que estava de posta, e perguntou, ouvindo o estrondo que fazião no mato os inimigos quando vinham, que era aquillo, lhe respondeu um da dita terra que eram os elephantes que andavam no matto; o que tambem verificado por outros indicios, particularmente por deixarem entrar o inimigo pela sua terra sem nos avisarem, lhe custou mui caro. Os portuguezes que estavam em Balane acudiram com as armas na mão e se defenderam com notavel esforço, particularmente no baluarte da porta, que chamavam da

[1] faria n'elle a sua magestade o serviço que a ambos convinha — A.
[2] ainda mais o valor — A.
[3] e mais partes — A e C.
[4] que então havia — A.
[5] remettendo — A.
[6] porque estando um soldado de porsa perguntou — A.

resistencia, onde os inimigos chegaram a entrar, e lhe mataram os nossos mais de mil homens; com que por fim os tornaram a lançar fóra, mas tambem á custa de alguns portuguezes que na multidão de tantos pelouros [1] e tantos inimigos não podiam deixar de os alcançarem, e particularmente indo-se todos metter na maior furia d'elles. O inimigo, posto que a perda que tinha recebido era tanta que desejou retirar-se, vendo que não levára logo a fortaleza do assalto que lhe dera tendo-a chegado a tanto perigo, comtudo não se retirou, parte por vergonha, e parte por esperança de os de dentro se não poderem sustentar muito, [2] por lhe ter a agua tomada, e parecer-lhe que não podiam ser tão depressa soccorridos; porém os nossos em vendo o inimigo, ainda assi de noite lançaram logo por uma porta da outra banda dois ou tres negros, que fossem por entre o matto e trabalhassem por dar aviso em Manicavare ao nosso arraial, para que d'alli se mandasse tambem logo ao geral; e chegando a uma e outra parte, como tambem se abalou o arraial se sahiu sem deter-se momento o capitão geral dom Francisco de Meneses, e mandou que todos quantos pudessem tomar armas o fossem seguindo; com que se abalaram a maior parte dos casados, e gente de armas de Columbo, e foram traz elle, que o primeiro dia por seu pé caminhou só dez leguas, e não parando de dia e nem de noite em tres chegou a Balane, e o inimigo, como estava com vigias, tendo aviso de sua vinda não se atreveu ao esperar, antes levantou o cerco e se foi; e chegando dom Francisco a Balane reformou as tranqueiras, [3] provendo-as com a gente necessaria, e trazendo os feridos, deixou a fortaleza com a gente e tudo o mais que lhe podia ser necessario para qualquer occasião, dando os louvores merecidos a Manuel Falcão, que n'ella estava por capitão mór. E quando se veiu, por pagar a elrei de Candia a vontade e obra com que desceu sobre Balane, passou á Candia, e o rio, sem achar quem lhe fizesse resistencia, onde destruiu e assolou todas as terras que pôde alcançar, não achando inimigo em que empregar a sanha com que ia, e assi, depois de não [4] vêr onde fazer mais vingança, se recolheu [5] para a Maluana, sem

[1] e com tantos — A.
[2] por lhe ter a agua, e parecer-lhe — A.
[3] provendo-a — A.
[4] haver — A.
[5] para Malvana — A.

haver recebido perda alguma, e tendo-a feito ao inimigo, como fica dito. Onde é para louvar e imitar a resolução da brevidade com que este fidalgo acudiu a soccorrer a fortaleza que sabia estar de cerco; o que se na India se puzera em effeito todas as vezes que houvesse occasião de trabalho em qualquer cidade ou fortaleza do Estado, póde ser que houveram sido até'gora menos os ruins successos; porque não houve prevenção, nem soccorro de proveito, senão o que se fez a tempo, e com elle chegou á necessidade [1] que se estava padecendo.

CAPITULO XI.

DQ QUE MAIS SE OBROU EM GOA DEPOIS DA CHEGADA DA ARMADA DO NORTE.

O embaixador do Melique, que estava assistente em Goa, como soube das differenças e brigas que havia entre o capitão da cidade de Chaul e o tanadar de Chaul de cima, pediu licença para se ir; o que tractado em conselho de estado assentaram que se lhe désse, e sobre isso lhe fizeram mercês, porque os embaixadores não tem culpa no que obram os que os mandam, antes pelas leis e tractos das gentes são libertos em toda a parte: e assi se foi este para o seu reí.

O visorei Ruy Lourenço tinha provido a Ruy Freire de Andrade o anno de 612 de capitão mór do Canará, com que o tinha mandado em outubro para a costa do Norte com nove navios, em demanda da nau de dom Luiz da Gama, que se dizia estar ao mar de Carcapatão por uma que se havia alli visto; e fazendo as diligencias para a descobrir achou ser outra embarcação; d'onde conforme seu regimento voltou á barra de Goa, e d'ella o tornou a mandar o mesmo visorei Ruy Lourenço para a mesma costa do Norte, com doze navios e sanguiceis, para chegar até Chaul, a vêr o estado em que estavam as cousas com o Melique, e levar-lhe alguns provimentos de polvora e munições. Chegando ao rio de Queley [2] encontrou com dois parós, e pelejando com elles alguns navios

[1] que se padece — A.
[2] Quelly — A.

da armada lhe feriram e mataram alguma gente, por onde não se podendo já acolher para o mar, nem defender, se metteram pelo dito rio acima, e para haver de os tirar e render foi necessario desemmastrear cinco sanguiceis, com que os foi demandar, e lançando gente em terra e chegando a elles pelo rio se deram fogo, de sorte que pareceu a Ruy Freire acabal-os de queimar, por não ficarem em estado de poderem navegar. E[1] chegando até Chaul cumpriu o que lhe era mandado, e não lhe parecendo necessario fazer detença, pelas guerras procederem com vagar, tornou para o Canará ao apresto da pimenta para as naus do reino, e no caminho teve um sanguicel de sua companhia de que era capitão[2] Azidoro de Lemos de Mesquita, um recontro com dois parós, com que brigou elle só mui bem, e os poz em fugida. E assi negociou do Canará a pimenta com as cafilas de Onor e Barcelor, com que chegou á cidade de Goa a 22 de dezembro do mesmo anno de 612, e o visorei dom Hieronymo de Azevedo o proveu no mesmo logar de capitão mór dos sanguiceis aventureiros para o Norte, com que partiu para elle o primeiro de janeiro de 613, com doze sanguiceis, em corso dos parós e guerrear as terras do Melique; de que eram capitães Isidoro de Lemos de Mesquita, Angelo[3] Rebello, Thomé do Valle, Balthazar Lobo, Manuel de Sousa Coutinho, Francisco Salema, Thomaz Borralho, Bernardo de Mello, Vasco Gomes de Mello, Francisco Ribeiro Alcoforado, Francisco de Brito Godis. Os fidalgos que iam embarcados n'esta armada eram Francisco de Brito, Garcia de Sá de Meneses. Com que foi entrando todos os rios d'esta costa até chegar a Chaul, e ahi, vendo-se com o capitão dom Francisco Rolim, ordenaram passar a Chaul de cima, como fizeram, com a gente de sua armada e a mais que havia na cidade, indo Ruy Freire por capitão mór, e sem achar corpo de inimigos que se lhe oppuzesse, mais que alguns espalhados por entre as casas, chegou e destruiu muita parte da povoação, e se recolheu sem perda alguma. O Melique, como se viu em guerra aberta com o Estado, determinou de lha fazer por todas as vias, e assi a moveu por toda a ilha de Salsete e suas tanadarias, até a cidade de Baçaim, e Aga-

[1] chegando a Chaul — A.

[2] Azidoro de Lemos vem aqui em ambos os manuscriptos, e mais adiante Izidoro de Lemos.

[3] Rabello.

çaim, onde chegavam suas terras; para o que, ajuntando muita gente e confederando-se com os trinta parós que atraz dissemos tinha em Dandá, estava para passar á ilha de Salsete e dar em Agaçim. Do que tendo aviso o capitão de Baçaim, Manuel d'Andrade Beringuel, mandou recado a Ruy Freire de Andrade passasse lá com sua armada com toda a brevidade, porque tambem se entendia estavam os mouros de Salsete unidos com os inimigos para lhe [1] vedar esta passagem. Ao que Ruy Freire acudiu logo com toda a pressa, e chegando a Baçaim por dentro dos rios foi mui bem recebido, e se alegraram todos com a sua chegada, pelos grandes receios em que estavam, e tractando com o capitão e com os de governo da cidade a ordem que se havia de ter na defensão da ilha de Salsete e todos os portos d'ella, se foi a Taná com a sua armada, por assi lho pedir e requerer a cidade e capitão, para dar guarda aos rios e vigiar a ilha, como elle fez com todo o cuidado. E assentaram fosse soccorrer a fortaleza de Caranja, que como tinha quasi por visinho o tanadar de Chaul de cima, que nos moveu todas estas guerras, não deixava de pôr em effeito todos os meios por onde pudesse fazer-nos mal, e assi sollicitou outros muitos mouros, [2] como elle nathias, que vivem na fortaleza e terras de Caranja, para que matassem ao capitão d'ella, chamado Balthazar [3] Rebello de Almada, e lhe entregassem a fortaleza. E como esta nação de mouros tem mais particular odio á nossa santa fé de Christo e aos christãos e portuguezes, houve mister pouco para o poder acabar com elles; por onde concertados os mouros que viviam [4] nas nossas terras de Caranja com os da terra firme, metteram na ilha de Caranja com os da terra firme, metteram na ilha de Caranja alguns mouros, e indo um dos que moravam nas nossas terras, mui conhecido, chamado Melique Rurane, a horas de ave marias acompanhado de quinze mouros da terra firme com armas escondidas á fortaleza, acharam o capitão sentado á meza ceando mui descuidado, com que logo o [5] mataram, e acudindo a mulher e uma filha as feriram de maneira que as deixaram por mortas, e ma-

[1] lhe dar esta — C. lhe darem esta A.
[2] como elles — C.
[3] Rabello — A.
[4] em nossas — A.
[5] o mataram acudindo — C.

taram logo uma irmã da dita mulher, e fechando a porta da fortaleza se foram metter em uma torre. Os portuguezes vieram logo para a vigia, como a terra estava de guerra; e achando a porta da fortaleza fechada sentiram os mouros dentro, e queimando as portas entraram e mataram a todos os mouros, sem deixar [1] vivo nenhum, com que ficou a terra por então quieta. E avisando do caso ao capitão de Baçaim, de cuja jurisdicção é esta ilha, elegeu por capitão a João de Sousa Perestrello thio da dita mulher do capitão ferida, que ainda escapou e juntamente a filha, o qual ficou servindo até que casando esta viuva do dito Balthazar Rebello de Almeida com [2] Fernão de Sampaio da Cunha, que serviu logo o logar de capitão, em 13 de abril de 614 vieram entrando esta ilha de Caranja grã copia de mouros com o seu capitão mór [3] Abascão, e indo o dito Fernão de Sampaio, e Simão Rangel de Castello Branco, que alli estava por capitão mór da gente da guerra, com trinta soldados esperal-o [4] aos passos, [5] representando com toda a copia da gente branca e preta, e ainda os que não eram de armas, um grande esquadrão, para que com temor os mouros não passassem, fizeram elles mui pouco caso d'isso, antes pondo-se o dito [6] Abascão, com outro esquadrão maior e de toda a gente de guerra, defronte da outra banda, fazia a mesma representação e mandava aos seus passar á ilha, como iam fazendo pouco a pouco, até que já tinham passado muitos; o que vendo Fernão de Sampaio, deixando alli parte da gente fazendo a mesma representação para que não passassem os mouros todos de borbotão, se veiu com alguma gente á povoação, mandando primeiro que todo o que não quizesse brigar se fosse para ella, porque se via já em estado que á pura força de armas se havia de levar o negocio, e não queria que alguns com menos valor lhe perturbassem os outros mais, que elle conhecia mui deliberados. E assim indo-se os que quizeram, mandou vinte espingardeiros, destros e ousados, que por entre as moutas e arvores viessem espingardeando os mou-

[1] viso a nenhum — A.
[2] Fernando de Sampaio da Cunha — A.
[3] Abbascão — A.
[4] ao passo e apresentando — A.
[5] representado — C.
[6] Abbascão — A.

ros, para que não chegassem á povoação tão depressa nem tanto a seu salvo, até que elle fosse provêr o que convinha. E assi [1] indo-se á fortaleza nomeou a pessoa que havia de ficar em seu logar, e como se havia de recolher e fechar se visse succeder algum desastre. O que feito, viu que postoque a povoação estava mui bem entrincheirada andavam já muitos inimigos por dentro d'ella roubando e matando, porém com muita desordem. Ao que despediu o dito capitão mór Simão Rangel que fosse reprimir aquelles mouros, e se achasse alguma boa occasião a não perdesse. Foi elle com dezesete portuguezes e um homem da terra pratico n'ella para o guiar, e vendo a desordem e pouca cautela dos mouros, gritou santiago, e foi dando n'elles com tanta furia [2] que matando os que achou diante, se puzeram os mais em fugida [3] a todo o correr; o que vendo Fernão de Sampaio, mandando fazer signal aos que estavam junto do rio que cercassem, foi elle tambem accommettendo com o mesmo santiago. E postoque os mouros estavam já todos na ilha, muitos mais que os nossos, vendo ir fugindo os seus fizeram tambem o mesmo; porque n'estas brigas as primeiras acções de medo ou esforço são as que fazem a victoria ou desbarate; porque quanto mais os mouros fugiam tanto os nossos cobravam animo para os irem seguindo e matando, sendo muito menos em numero. O que vendo e considerando Fernão de Sampaio, e os poucos christãos em meio de tantos mouros, que posto fugiam despejadamente, comtudo podiam voltar, e como tinham as armas na mão, e os nossos iam mui desordenados e cansados, podia succeder-nos um mau successo, fez alto, recolhendo todos e pondo-os em ordem, e logo foi com elles correndo traz os mouros, porque os não sentissem menos; e assi matando muita copia d'elles, todos os que escaparam foram sem armas, deixando a ilha cheia d'ellas, espingardas, lanças, espadas e rodellas. Prometteu Fernão de Sampaio um larim por cada cabeça de mouro, com que lhe foram logo aquelles christãos da terra trazer muitas, que mandou de presente a Baçaim, com que seus moradores se alegraram muito. D'aqui em diante nunca mais estes mouros visinhos de Caranja tiveram animo para virem sobre ella, antes o dito capitão Fernão de Sam-

[1] indo á fortaleza — A.
[2] que mettendo os que achou — C.
[3] a todo correr — A.

paio foi ás suas terras por muitas vezes fazer-lhe grandes assaltos, em que lhes captivou mais de tres mil almas; e achando um dia os da passagem do rio na outra banda dois mouros os amarraram e trouxeram ao capitão, pedindo-lhe a sua parte. Perguntou-lhes o capitão quem eram, e porque se vieram alli pois, sabendo que os haviam de matar ou captivar. Responderam elles que a sua fama entre os mouros era grande, e particularmente em dar resgate a todos e cumprir sua palavra; que vinham resgatar parentas e conhecidas. Ao que disse o capitão que sua fé lhes valesse; que se fossem embora, que de lá tractariam do resgate. E assi os mandou sem querer nada por elles, nem consentir que lhes fizessem nenhum mal.

Mas tornando ao capitão morto, viu-se bem n'elle o descuido e confiança, tão natural em os portuguezes, que faz commover o animo dos que se tem por amigos para vacillarem na fé, até fazer-lha romper a opportunidade da occasião que lhe offerecemos. E ficando assi de guerra esta fortaleza a foi visitar e soccorrer Ruy Freire, levando por guia um Francisco Salgado, casado em Caranja, para o levar a dar um assalto nas terras dos inimigos, e por não advertir em escolher bom logar para desembarcar o foi fazer em uma parte d'onde para poder passar á aldeia a que se ia dar o assalto haviam de passar o rio, e posloque o passaram a vau, comtudo houve tanta detença n'isto a respeito de esperarem a baixamar, que quando chegaram á aldeia, tres quartos de legua pela terra dentro, já parece que com aviso a tinham toda despejada, e ainda os nossos que foram na dianteira viram aos mouros[1] ir fugindo, e lhe foram no alcance até onde a mosquetaria podia chegar. E assi se voltaram sem effeituarem nenhuma outra cousa mais que pôrem fogo ás palhotas da povoação.

Chegou Ruy Freire a Caranja, onde visitou o logar e fortaleza, vendo e considerando o modo em que estava, e deixando-a provida como convinha se tornou para Tana; e no caminho deu em uma aldeia dos inimigos, onde lhe sahiu alguma gente de pé e de cavallo, aos quaes Ruy Freire, matando alguns com a mosquetaria, os fez recolher com perda e aos seus com nenhuma. Chegou tambem a Galiana com todos os sanguiceis, que é uma aldeia dos dequines, mui boa, pela copia dos mantimentos que

[1] indo fugindo — A.

n'ella ha, e assi mui nomeada; á qual indo amanhecer, esteve considerando o sitio e uma nau que estavam fazendo, e por não levar ordem para dar n'esta paragem o não fez, postoque[1] conheceu bem perdia uma boa occasião, mas como essa se podia tornar a buscar, não quiz passar ponto do que tinha assentado com a cidade de Baçaim e o capitão d'ella. E vindo mais adiante para Tana, chegando a uma aldeia nossa já despovoada, lançou alguns marinheiros em terra a fazer agua e lenha, onde tiveram vista de uma manga de gente de cavallo, cousa de quinhentos, com um elephante armado, que trazia um falcão ou berço no castello, e juntamente um camello, ou para espantar ou para trazer algumas munições, e fazendo um esquadrão a modo de lua se puzeram a olhar os sanguiceis; e porque alguns soldados, que estavam em terra passarinhando, se recolherem com mais pressa, mandou Ruy Freire afastar os mais sanguiceis para fóra e chegar o seu a terra, d'onde desembarcaram doze soldados. Vendo os mouros a pouca conta que d'elles faziam se adiantou um capitão de oitenta de cavallo e veiu commetter aos soldados, que logo o derrubaram com uma mosquetada mortal, e feriram ao cavallo, e querendo os soldados trazer o mouro vivo para o sanguicel[2] lhes morreu nas mãos. Os mais não se buliram d'onde estavam; o que vendo os doze soldados lhe mandou um d'elles, chamado Jorge Marinho, um[3] cartel de desafio ao seu capitão, que o não quiz acceitar. Com que os nossos se embarcaram e chegaram a Tana dia de entrudo do mesmo anno de 613.

[1] conhecendo bem perdia — A.
[2] lhe — C.
[3] quartel — A.

CAPITULO XII.

DO QUE MAIS SE ORDENOU EM GOA NO PROVIMENTO [1] DAS ARMADAS E MATERIAS DE GOVERNO, MANDANDO A RUY DIAS DE SAMPAIO POR CAPITÃO MÓR DO NORTE, E DO QUE LHE SUCCEDEU.

Dom Francisco Soutomaior, chegado do Norte, determinou ir-se para Portugal a despachar n'estas naus, por onde largou o logar de capitão mór da armada d'elle, em que o tinha provido o visorei Ruy Lourenço de Tavora, e assi elegeu o visorei para capitão mór do Norte Ruy Dias de Sampaio, fidalgo velho, de valor e experiencia em todas as cousas de guerra, e lhe deu uma armada de dezeseis navios, de que eram capitães Ignacio de Azevedo, dom Pedro de Meneses, Miguel Homem Pinto, Luiz de Moura Rolim, Luiz Pinheiro, Bento Quaresma, dom Manuel de Meneses, Miguel de Abreu, Antonio de Azevedo, Jorge da Silva, Manuel Pereira, Antonio Tavares, Pero Vaz de Siqueira, Manuel Freire de Andrade, dom Diogo de Sousa da companhia de dom Henrique de Noronha, do Malavar, e Braz Nogueira, capitão da sua manchua; onde foram embarcados os fidalgos adiante nomeados, [2] Pero Vaz de Siqueira, Bartholomeu de Mello Coutinho, Manuel de Sousa Chichorro, Manuel [3] Danhaia Coutinho, Francisco de Mello Pereira, José Pereira de Sampaio, Antonio Vas Pinto, dom Luiz da Silva, dom André de Meneses, Antonio de Sousa de Lima, Luiz de Brito, Diogo de Crasto Fogaça, Hieronymo Pereira da Silva, [4] Bastião de Brito, Miguel Nunes de Carvalho, Lourenço de Mello, João da Cunha. E como estava o visorei dom Hieronymo com justa indignação contra o Melique pela guerra que nos tinha movido, sem occasião nem motivo algum que para isso lhe dessemos, respondendo com tanta suberba e descortezia aos [5] termos com que o capitão de Chaul [6]

[1] das armadas e mandado — A.
[2] Pedro Vaz de Sequeira — A.
[3] d'Anhaya Coutinho — A.
[4] Sebastião de Brito — A.
[5] termos do capitão de Chaul
[6] queria preceder as sem razões — A.

queria proceder sobre as sem razões de seu tanadar, mostrava-se mui desejoso de lhe fazer conhecer quanto deviam procurar, ainda reis mais poderosos que elle, não terem por inimigos os portuguezes, postoque fosse por cousas mui pesadas; e assi dizia o visorei ao capitão mór Ruy Dias de Sampaio que o principal intento com que [1] o elegera para este logar fôra por confiar de seu valor, e experiencia, que com a armada que levava saberia fazer conhecer isto ao Melique; encommendando-lhe que em todas as suas terras fizesse toda a destruição e assolamento que pudesse e as occasiões lhe mostrassem *ter* logar com a segurança e consideração conveniente. E assi o mandava passar á enseada de Cambaia e d'alli a Goga, onde diz*iam* que estava uma nau grande carregando para Meca, com duas ou tres pequenas; a grande com carta do visorei passado, e as pequenas com cartazes de outras pessoas, a quem diz*iam* que foram bem pagos; e mandava-lhe [2] o visorei, com todo o rigor, que a nau grande por nenhum modo carregasse, nem partisse de Goga, pelo grande prejuiso [3] de que ficava sendo á alfandega de Dio, senão que a trouxesse para Surrate e atoasse com os navios da armada, se fosse necessario, e que carregasse d'alli e partisse, e as outras naus pequenas fossem a Dio d'onde se lhe daria cartas de graça pela razão apontada, e iriam para d'onde quizessem, pagando direitos na alfandega de sua Magestade; encommendando-lhe com o encarecimento conveniente que se não dobrasse com nenhum dinheiro, do muito que costumavam dar os mouros de Surrate e Cambaia aos capitães móres [4] do Norte, em notavel descredito e detrimento do serviço de sua Magestade. E a primeira diligencia que mandava fazer com a armada [5] era que entrasse em [6] Seitapor, rio nas terras de Idalcão, onde achando alguns portuguezes, de que tinha noticia, vindos de Ormuz com cavallos, [7] os combatesse e tomasse com maior rigor do que se foram inimigos, pelos grandes desserviços de sua Magestade que traziam estas suas

[1] o elegera fôra — A.
[2] o visorei que com todo — A.
[3] do que ficava — A.
[4] do Norte e em — A.
[5] era entrasse — A.
[6] Ceitapor — A.
[7] os tomasse e batesse com maior — A.

viagens, e os guardasse mui bem presos em Chaul, para lhe serem aqui trazidos.

Partiu Ruy Dias de Sampaio com esta armada para estes effeitos a seis de fevereiro de 613 e não tendo noticia de cousa nenhuma que estivesse em [1] Seitapor, nem modo para fazer guerra na costa ao Melique, passou brevemente a Chaul, e postoque Ruy Freire, como fica dito, tivesse feito sahida com dom Francisco Rolim a Chaul de cima, e ambos a queimassem e destruissem no que puderam, comtudo como nunca os mouros a deixavam de tornar a refazer para d'alli, como de mais perto, nos sahirem, e terem aquelle valhacouto onde se recolherem nas destruições que vinham fazer nas hortas e palmares dos portuguezes, pelas que tambem elles lhes faziam ordinariamente nos seus, determinou passar lá Ruy Dias, como fez, com a gente de sua armada e a que estava em Chaul de presidio; porém os mouros não tractavam já de se pôr em resistencia, conhecendo bem o mal que d'ahi [2] lhes vinha, [3] no tocante a esquadrão formado, senão ladrando de alguma paragem onde não pudessem ser offendidos. Por onde fazendo destruição nas casas com fogo, e tudo o mais que os podia pôr por terra, se recolheu sem receber nenhum damno. Trazia Ruy Dias ordem do visorei que com a gente [4] de guerra que havia na cidade, e a que levava na sua armada, perfizesse dez companhias de soldados, de trinta cada uma, que assistissem na cidade e seus arrebaldes, de que eram capitães dom Lourenço Soutomaior, capitão mór, [5] Pero Gomes de Sousa, Gonçalo de Proença, [6] Pero Gomes o Villão, Luiz Téllo, Manuel Freire, Antonio Furtado de Mendonça, primo de outro do mesmo nome que mataram; e as outras tres d'este numero puzeram na fortaleza do Morro, de que eram [7] capitães, de uma o capitão da fortaleza do Morro Francisco de Faria de Caldes, de outra João Barbosa Calheiros, de outra Antonio de Valladares Soutomaior. E deixando assi isto ordenado, foi o

[1] Ceitapor — A.
[2] lhes — A.
[3] nocante — C.
[4] da guerra — C.
[5] Pedro — A.
[6] Pedro — A.
[7] capitães, uma — C.

capitão mór Ruy Dias passando com sua armada até Baçaim, a prover as cousas necessarias sobre a guerra do Melique, onde chegando viu como se não tinham feito ainda sahidas da cidade aos inimigos, tractando só de conservar o grande districto da ilha de Salsete com suas tanadarias e mais tranqueiras das nossas aldeias, particularmente sabendo como os inimigos se tinham confederado com os parós que temos dito, para os ajudar a dar nas nossas terras. E conforme a largueza d'ellas, e grande districto da jurisdicção de Baçaim, não foi pequeno esforço poder conservar tudo contra os inimigos do mar e terra, sem novos presidios e guarnições de gente, conforme os inimigos a tinham accrescentado.

Alli achou Ruy Dias de Sampaio carta do capitão mór da armada de Dio, Luiz de Brito de Mello, em que lhe dava rasão como grã copia de paráos, que passavam de trinta, o estavam esperando, e elle, por não ter mais que onze navios, se não dispunha a sahir com a cafila de Cambaia, por lhe parecer não era bastante armada para a defender d'elles; e como este era o intento principal, não convinha pôr a cafila e armada em perigo tão manifesto.[1] O capitão mór Ruy Dias se foi logo em soccorro da armada de Dio, deixando os passos da ilha de Salsete, e rios de Taná, o melhor que puderam ser providos com os sanguiceis de Ruy Freire d'Andrade, e chegando a Balçar onde estava, como os parós tiveram noticia d'elle se foram, e ambas as armadas se vieram andando com a cafila, e em Surrate tiveram aviso, por duas cartas, como os parós estavam sobre Agaçaim; com que, mettendo a cafila em Damão se vieram as armadas sómente com toda a pressa em demanda d'elles, e sendo tanto ávante como Agaçaim, vindo Ruy Dias de Sampaio diante com quatro navios, já perto da noite viu irem sahindo do rio de Agaçaim uma esquadra de parós, que seriam trinta e septe, os quaes foi logo demandar assi á véla como ia, e como o vento era do mar tinha-lhe o balravento ganhado, mas como os mais navios vinham a perder de vista e a noite entrando, tomou a véla e deu o traquete para esperar por elles, parecendo-lhe fariam todo o possivel por chegar de pressa; porém elles tambem tomaram a véla e deram o traquete, com que não puderam chegar a seu capitão mór a tempo que[2] fossem de effeito contra os parós, os quaes com

[1] O capitão Ruy Dias — A.
[2] fosse — A.

toda a força de véla e remo [1] procuraram fugir, não deixando o capitão mór com os mais navios de os irem seguindo [2] e acalçando, dando-lhe muitas falcoadas, até que por mais ligeiros lhe fugiram e desappareceram. De Damão tinha sahido com a armada um André Pereira de Sousa, alli casado, em um sanguicel armado á sua custa para servir a sua Magestade em o que lhe fosse mandado. Chegando as duas armadas a Baçaim souberam como os parós tinham dado na tanadaria de Agaçaim com os negros da terra, de que adiante faremos menção.

CAPITULO XIII.

DO QUE RUY FREIRE FICOU FAZENDO NA DEFENSÃO DOS RIOS DE TANÁ E PASSOS DA JURISDICÇÃO DE BAÇAIM.

Chegando Ruy Freire a Taná mandou a Mombaim buscar uns falcões que alli estavam de Gaspar Pereira, capitão de Baçaim para fazer uma tranqueira defronte [3] de Parcica, que é á entrada dos rios de Galiana, por lhe ser forçado repartir os sanguiceis para soccorrer Agaçaim com dois navios mais que alli armaram. Deixou providos os rios de Taná com nove sanguiceis, e n'elles por cabeça Izidoro de Lemos de Mesquita, e elle mesmo se foi a Agaçaim com septe, onde achou os casados todos em dissensões, que por mais que fez pelos apaziguar nunca pôde, e com serem tão poucos que não chegavam a cincoenta, e estarem n'uma povoação aberta, sem poder nem fortaleza que os defendesse dos [4] decanis, que não haviam de deixar de os commetter com muita gente de pé e de cavallo que tinham, e juntamente dos parós [5] que andavam nas grandes esquadras que temos dito, e cada hora se [6] esperava entrassem pelo rio dentro e levassem tudo nas mãos, pois não havia com que lho defender, comtudo isto,

[1] procuraram não deixando o capitão mór — A.
[2] e calçando — A. Encalçando (?)
[3] de Parina — A.
[4] Dequanis — A.
[5] que nas grandes esquadras — A.
[6] esperavam — A.

se não quizeram nunca conformar estes poucos portuguezes para se poderem defender de tantos inimigos, sendo que nem com se conformarem o poderiam fazer; e assi o certo é que por esta causa se não conformavam, porque onde falta o necessario para similhante necessidade tudo é confusão e desavença. Cada um dos casados dizia que elle defenderia sua casa, e depois todos não puderam defender uma só. Ruy Freire lhe deixou dois sanguiceis [1] e sahiu para fóra a esperar a enchente para ir a Manorá, e no entretanto vieram os mouros, obra de dois mil de pé, a dar no logar. A gente se recolheu alguma a são Francisco e os sanguiceis com os falcões e espingardaria se puzeram a varejar o rio para a ponte por onde os inimigos passavam; por onde se detiveram e não passaram, não fazendo mais que queimarem algumas palhotas pelas hortas e palmares. Vindo a maré, entrou logo de noite Ruy Freire, tendo-lhe já mandado dizer por uma manchua que se apparelhassem mulheres e meninos para irem com elle para Baçaim; e fortificando as casas de João de Caldas, pondo-lhe um presidio de trinta homens e por capitão d'elles Jorge Marinho, soldado do sanguicel, deixou o logar e se [2] veiu trazendo por todos os sanguiceis as mulheres, meninos, e mais gente que não prestava para armas, que depois mandou em dois a Baçaim, e elle voltou a soccorrer a fortaleza de Manorá, onde em chegando avisou ao capitão de noite, o qual lhe mandou muitos fachos de fogo pera se ir ver com elle, como fez. E assentando que convinha dar um castigo no Collé, regulo quasi sujeito ao Melique, por se haver passado a elle, [3] e procurar fazer-nos guerra e todo o mal, se poz logo a caminho com cem soldados portuguezes e alguns piões do forte, para uma povoação que estaria pouco mais de uma legua de Manorá, porém os d'ella com a chegada da armada se haviam posto em salvo, mettendo-se para os mattos. Ruy Freire mandou pôr fogo á povoação e a muita madeira que tinham alli cortada, que não foi pequena perda, e se veiu sempre brigando com os do matto, e já perto de Manorá lhe sahiu um esquadrão de inimigos, de obra de quinhentos de pé, n'umas vargeas, com tanto impeto que che-

[1] e se sahiu — A.

[2] veio por todos os sanguiceis trazendo — A.

[3] Lê-se em ambos os Mss.: — e procurava fazer-nos guerra e todo o mal, e assi se pôz logo, etc.

garam a pegar no guião de nossa Senhora do Rosario, que trazia Manuel Ambrosio, capitão do campo de Manorá; mas o mouro que o fez não ficou sem paga, porque logo o derrubou um pelouro, para mostrar a Senhora o cuidado que tinha d'aquelles poucos christãos que iam debaixo da sua bandeira. Os inimigos, fazendo um esquadrão a modo de lua, com grande grita, cercaram a nossa dianteira, mas os portuguezes arremettendo a elles com santiago [1] lhes fizeram desfazer a lua, e pôr-se em fugida, e andando assi baralhados, sahiu de repente uma manga de gente de cavallo com grande impeto contra os nossos; o que vendo Ruy Freire tocou logo a recolher com boa ordem, e ficando no meio do campo quatro soldados, e os inimigos entre elles, se ajuntaram assi os soldados e pondo as costas uns nos outros, sendo [2] accommettidos dos de cavallo, se houveram de sorte que matando-lhe onze cavalleiros e nove cavallos, sem os inimigos lhe poderem fazer nenhum mal os largaram, e escarmentados do que [3] viam fazer nos companheiros, com que não ousaram de chegar mais aos portuguezes, vindo-lhe sempre picando nas costas, e sendo muito mais em numero. Porém Ruy Freire se houve de sorte que, matando-lhe muitos assi de pé como de cavallo, os deixaram, contra sua vontade, chegar á forteleza de Manorá sem damno de consideração. E deixando-a mui bem provida se veiu para Baçaim, d'onde o mandou o capitão e cidade a Bandora para a prover do que houvesse mister; e foi e n'ella prendeu alguns mouros vassallos de sua Magestade, cabeças dos que alli havia, por haver indicios estarem confederados com o Melique, e os entregou ao capitão. Com o que se tornou para os rios de Taná, indo continuando na guarda d'elles, e muitos assaltos em terra, onde fazia grandes males aos inimigos.

E n'este comenos, chegando Nuno da Cunha á barra de Baçaim, com os quatro galeões com que tinha brigado com os ingrezes em Surrate, lhe mandou á cidade e o capitão d'ella pedir, por Ruy Freire, cem homens, e por capitão d'elles Gaspar de Mello de Sampaio, para continuarem com a guerra do Melique, pelo grande poder com que nol-a fa-

[1] lhes desfizeram a lua, e puzeram em fugida — A.
[2] comettidos — A.
[3] viram — A.

zia. Em o que não pareceu a Nuno da Cunha lhe convinha por ora vir, e assi se escusou. D'onde vindo-se Ruy Freire para Baçaim com seis sanguiceis, por vasar a maré e ser grande a corrente ficaram de fóra dois, de que eram capitães Angelo Rebello e Francisco Salema, e de noite vieram quatro parós a brigar com os sanguiceis, e o fizeram de sorte que lhe mataram muita gente, sem os parós poderem fazer-lhe mais que ferir e queimar-lhe alguns. Não tardaram muitos dias que não tivesse recado o capitão de Baçaim como Agaçaim estava posto em grande aperto [1] pelos do Melique, ao que mandaram [2] logo os fosse soccorrer Ruy Freire, como foi com todos os sanguiceis, e chegando á bocca do rio vasava a maré, que lhe não deu logar a entrar, com que os inimigos o tiveram [3] de encherem de palha as logeas de [4] João de Caldas, que alli tinha fortificado, e lhe puzeram o fogo; mas um soldado, chamado Diogo Rodrigues Caldeira, assaz conhecido por todo o Oriente, com uma rodella embraçada e uma espada de quatro palmos, desceu por uma corda ao apagar, tendo já os mouros n'este tempo morto a Jorge Marinho, que ficára por capitão das casas, e a outro soldado cujo nome não chegou a noticia. E porque os inimigos tinham feito uma tranqueira na distancia que havia das casas até o rio, por se lhe não sahirem os portuguezes, em chegando Ruy Freire lhe gritaram os nossos das casas que tomassem primeiro a tranqueira; o que fizeram, saltando só quatro soldados em terra, e dando um santiago com que os mouros a largaram e se recolheram, e Ruy Freire trouxe os vivos para Baçaim, d'onde se foi para Taná, e tendo aviso como uma nau do Melique estava n'um rio dos por alli visinhos, foi lá e a tomou sem resistencia e trouxe a Baçaim. E quando os parós e os negros da terra tornaram [5] a Agaçaim, já lá não havia gente que lho defendesse, nem a quem fizessem males, e assi em falta d'ella os fizeram ás casas, hortas e palmares.

N'este meio tempo chegou Ruy Dias de Sampaio, e Luiz de Brito de Mello com as suas armadas, e ajuntando-se todas com a de Ruy Freire

[1] pelo de Melique — A.
[2] logo soccorrer — A.
[3] para encherem — A.
[4] João de Caldes — C.
[5] a Baçaim — A. Aliás — Agacim.

em Baçaim quinta-feira de endoenças d'este presente anno de 613, deram rebate que estavam os mouros no campo, onde acudiram todos com dom Francisco de Meneses, capitão mór d'elle; mas Ruy Dias de Sampaio com a bandeira de Christo. Como os negros viram os nossos, onde iam alguns sessenta de cavallo, começaram de se retirar, como sempre costumavam, para nos alongarem da cidade e da sombra de artelharia, e nos levarem a alguma cilada de maior copia de gente do que traziam descoberta. E indo assi os portuguezes seguindo aos inimigos, que se iam retirando, mataram a um cidadão de Baçaim, [1] muito grande cavalleiro, chamado Jorge de Abreu de Lima; o que vendo o capitão mór dom Francisco de Meneses fez signal aos seus de se recolherem, ao que logo obedeceram, e postoque os mouros ficaram ainda no campo, pelos portuguezes os não seguirem e lançarem d'elle pela causa referida, se recolheram todos para a cidade com geral sentimento da morte do cidadão nomeado; postoque alguns o fizeram muito contra sua vontade, pela que tinham de se verem baralhados com os inimigos, porém antes quizeram obedecer, tendo por tanto maior esforço fazerem-no, como d'ahi pende muitas vezes a occasião de grandes successos.

CAPITULO XIV.

DO QUE MAIS SE ORDENOU EM BAÇAIM COM A CHEGADA DA ARMADA DE RUY DIAS DE SAMPAIO.

Sabendo Ruy Dias de Sampaio e Luiz de Brito de Mello como Ruy Freire tinha provido as tanadarias e passos d'aquelle districto, e que estava tudo de sorte que se não podia por ora recear ruim successo, particularmente ficando Ruy Dias de Sampaio com a sua armada em Baçaim para acudir onde fosse mais necessario, mandou a Ruy Freire e Luiz de Brito de Mello fossem ambos com as suas armadas a Damão buscar a cafila que n'ella tinham deixado, d'onde Luiz de Brito se partisse com o que fosse de Dio e Ruy Freire se viesse para Baçaim. E assi chegando es-

[1] muito grande e cavalleiro — C.

tes dois capitães móres á cidade de Damão a acharam de guerra com o[1] Virsy rei de Sarceta, que com a occasião, que adiante diremos, começou a correr as terras e aldeias da nossa cidade com gente de armas de cavallo e de pé, levando-lhe muito gado e gente captiva, e matando aos que se queriam pôr em resistencia. Por onde o capitão da cidade, Nuno Alvares Pereira, e os mais do governo d'ella vieram pedir e requerer a Ruy Freire, da parte de sua Magestade, se não fosse, antes ficasse n'aquella cidade com algumas estancias de soldados, as que parecessem bastantes para a defender, pois que as armadas de sua Magestade para isso andavam na costa, e quando fizesse o contrario que lhe protestavam por todo o damno que a cidade[2] e todas suas terras ficassem recebendo. O que considerando Ruy Freire lhe pareceu estava obrigado a ficar guardando e defendendo a cidade de sua Magestade, sua fortaleza e terras; por onde escolheu de sua armada cem homens, com que ficou em Damão com tres sanguiceis, de que fez em terra tres estancias. Um dos capitães era Francisco de Brito Godins, e dos outros dois não nos chegaram os nomes. E mandou a cafila para Baçaim com o restante da armada á sua custa para servir a sua Magestade. Esta armada e a cafila chegou a Baçaim, onde Ruy Dias de Sampaio sabendo que Ruy Freire tinha ficado em Damão[3] com occasião de guerra do Virsy, teve particular sentimento por lhe faltar um similhante capitão nas guerras que entre mãos tinha, e continuando com ellas no melhor modo que pôde, sahia muitas vezes ao campo em tocando rebate de haver mouros n'elle, d'onde se recolhia as mais d'ellas com bom successo, [4] tirado uma, que mandando a Ignacio de Azevedo casado em San-Thomé, com tres estancias se fosse metter na egreja de são Lazaro por uma banda do campo, e por outra[5] André de Sousa com outras tres, para se irem ajuntar com o mesmo Ignacio de Azevedo na dita egreja, com que ficariam dando uma volta ao campo alimpando-o de inimigos, porém a cousa succedeu-lhe ao contrario do que imaginou, porque depois de estar Ignacio de Azevedo com as tres

[1] V. Rey de Sarceta — A.
[2] e todas as suas — A.
[3] com accasião de guerra, teve — A.
[4] tirado que uma mandando — C.
[5] Antonio de Sousa — C. André de Sousa parece ser o verdadeiro nome.

estancias mettido na egreja de são Lazaro, indo para ella com as outras tres pela outra banda André Pereira de Sousa, lhe sahiram os mouros por entre umas hortas, até se baralharem com os nossos, e mostrando-se mui poucos, [1] indo-lhes dando os portuguezes faziam que fugiam ou se retiravam com medo, vagarosamente para que os nossos cuidassem que os [2] podiam alcançar, até que os foram levando pelas hortas adiante, de maneira que os apartaram um grande espaço, e depois sahindo-lhe uma grã copia de mouros de pé e de cavallo, [3] cercaram aos portuguezes de maneira que sem poderem ser soccorridos acabaram ally todos; cujos nomes referirei aqui os mais que me chegaram á noticia, porque se assi como elles arremetteram com valor, e acabaram pelejando valerosamente, tivera quem os guiava acordo para saber retiral-os, não só não tiveram os mouros logar para lhe fazer nenhum mal, mas antes se foram com o que lhe tinham feito a elles no primeiro commettimento. Ruy Dias de Sampaio tinha sahido fóra da cidade até o chalé de Marcos Rodrigues, e vendo o mau successo das tres estancias, esteve para abalar com o restante da gente para tomar satisfação dos mouros; porém como eram muitos e muito mais em numero que os que alli tinha, e os havia de ir demandar apartando-se muito dos muros e da sombra da artelharia da cidade, e houve fazerem-lhe requerimentos e lembranças alguns homens considerados, e elle não menos ponderando o pouco que podia ganhar, assi pela copia dos inimigos, como pelo sitio do logar, e quebrantamento do animo com que os portuguezes estavam aquelle dia com o principio do ruim successo, se deixou alli ficar, [4] e a Ignacio de Azevedo em são Lazaro, por não arriscar tudo em uma hora má, pelo muito que estava dependendo da gente de armas que tinha comsigo, e o quanto n'ella se ficava arriscando; e assi, com esta conveniente resolução, se recolheu tão desgostoso como o successo o requeria, e foi continuando com a guerra, sahindo aos mouros ao campo todas as vezes que a elle vinham, e brigando como pedia a occasião, mas não sem a cautela que o successo atrazado

[1] indo-lhe — C.
[2] poderiam — A.
[3] cercaram os portugueses — A.
[4] e Ignacio de Azevedo — A.

lhe tinha mostrado, que posto nunca ella [1] n'este fidalgo tinha faltado, comtudo faltou n'esta occasião a prudencia em André Pereira e nos mais capitães e companheiros, porque nem sempre se ha de seguir o esforço e deliberação do animo, senão medil-o com as circumstancias do tempo, logar e mais requisitos que se devem primeiro considerar conforme a prudencia e experiencia, que sendo tão necessarias em todas as outras cousas, na guerra se hão mister tão aventejadas, que se hão de vêr e adivinhar os successos para se levar disposto o remediado conforme a elles.

CAPITULO XV.

COMO RUY DIAS DE SAMPAIO FICOU COM A CAFILA EM BAÇAIM, E O MAIS QUE SE PROCEDEU NO DISCURSO DAS GUERRAS EM QUE ANDAVA.

Trazia Luy Dias de Sampaio encarregado pelo visorei dom Hieronymo de Azevedo o melhoramento das guerras do Melique, na fórma e com a confiança que atraz temos apontado. Por onde, vendo quanto se iam ateando por todo o Norte, com a grande copia de inimigos que o inimigo trazia por terra, que diziam ser mais de quatro mil de pé e outros tantos de cavallo entre estes, todos gente escolhida e destra, de que era capitão mór um mouro chamado Sulanção, e o da dianteira seu thio Atascão, e em ausencia d'este vinha um mulato portuguez arrenegado, muito valente, e isto só para sahir ao campo de Baçaim, onde estava o maior peso da guerra; e que a este mesmo exemplo os regulos da [2] Sarceta e o Colle tambem faziam seus movimentos, correndo-nos com a gente de guerra nossas terras, e fazendo n'ellas todo o mal que podiam, lhe pareceu mui necessario ficar com sua pessoa em Baçaim com a mais gente que pudesse de sua armada, e da de Ruy Freire, com que tambem houvesse sanguiceis para guardarem os rios de Tana e Mombaim, pela muita importancia de que era ás nossas tanadarias e á ilha de Salsete, assi para sua segurança, como para se poderem fazer por estas partes muitos assaltos aos inimi-

[1] n'este negocio n'este fidalgo — A.
[2] Çarceta — C.

gos. E para se tudo poder melhor pôr em effeito, fez ficar alli invernando esta segunda cafila que trazia, para que com a gente d'ella, postoque não fossem todos soldados de profissão, [1] se poder ficar mais aquentando a cidade, e fazer representação, e tambem acudir ás muitas partes d'onde era necessario; ordenando logo tambem manchuas que andassem nos rios por onde os sanguiceis não pudessem, que encarregou a alguns filhos e moradores de Baçaim, fidalgos dos muitos que n'ella ha, que elles acceitaram de mui boa vontade, negociando-as bem, e acudindo com presteza aonde convinha; cujos nomes porei os mais que com diligencia e trabalho pude alcançar, desejando que nenhum, que obrasse feitos dignos de memoria, deixasse de o nomear e encommendar a ella com os merecimentos dos louvores. Lopo Gomes de Abreu, Jorge de Abreu, Antonio Coelho da Silva, Manuel de Mello de Castello Branco, os quaes quando logo se começou a guerra, antes que viesse Ruy Freire, nem Ruy Dias de Sampaio, foram cada um com sua manchua á sua custa a uma aldeia buscar um Antonio Rodrigues que alli estava n'uma torre, por lhes parecer se não podiam sustentar, o qual podendo não se quiz vir logo, [2] cuidando que poderia com oito ou dez espingardas sustentar a torre; porém depois, vendo que não era possivel, fazendo os inimigos volta para outra parte se veiu para Baçaim com os companheiros.

E com esta ordem se foi por este verão de 613 continuando com as guerras na cidade de Baçaim, onde o inimigo acudia, como temos dito, com mais poder, porque tinha mais terras e partes onde nos poder buscar pelos districtos de todas as nossas, onde postoque estavam com alguma prevenção, comtudo nunca era tão bastante que podessem resistir ao poder do inimigo.

Para Chaul determinou o visorei mandar por capitão mór a dom Manuel de Azevedo, que se dava por seu parente, e como havia cursado a guerra em Ceilão e procedido n'ella com mui bom accordo, pareceu-lhe que sendo tambem a guerra de Chaul [3] de terra, se haveria n'ella com o mesmo melhoramento, e assi o mandou em março d'este anno de 613 em uma almadia, com obra de vinte homens dos mais seus amigos de

[1] se poder mais ficar aquentando — A.
[2] cuidando poderia — A.
[3] da terra — A.

quem fazia mais confiança, onde iam Fernão Gomes de Lemos e Manuel de Azevedo fidalgos; e chegando a Chaul, no fim do mesmo mez, tomou posse do presidio, que lhe entregou dom Lourenço Soutomaior, postoque resentido de o visorei lhe mandar successor, havendo elle sempre cumprido tão bem com sua obrigação. Mas nem por isso deixou de ficar continuando na mesma cidade em sahir ao campo todas as vezes que a elle se ia, onde com as forças e animo de que era dotado, e a muita destreza [1] no tirar da espingarda, se assignalava muito entre os mais. Sahiu logo dom Manuel de Azevedo ao campo, a vêr e notar todas as partes d'elle e os sitios d'onde convinha ter noticia, para saber usar do melhoramento que pudesse tirar d'elles nas occasiões que se offerecessem. E informando-se depois, e vendo a fórma e copia com que os inimigos vinham ao campo, que ordinariamente era de seiscentos até septecentos, postoque muitas vezes variavam em muitos mais, ou muitos menos, [2] entresachados nos de pé alguns cavallos ligeiros, que chegando onde os nossos [3] estavam, nos arrabaldes dos muros a fóra, os feriam e matavam, e quando se picava o sino, que acudiam da cidade, já eram idos; para remedio do que pôz dom Manuel de Azevedo uma estancia de trinta soldados no mosteiro da Madre de Deus [4] e outra de outros tantos n'umas casas de um Francisco Bocarro, e outra na de Gonçalo de Abreu que se tinha [5] largo. Com que ficou o campo e districto d'elle como cercado, e em apontando os mouros se desparava uma camara, com que logo acudiam da cidade, e não havia logar para [6] fazerem o damno referido; antes o recebiam elles dos portuguezes, particularmente em uma emboscada que o capitão mór dom Manuel de Azevedo lhe armou, mandando a Pero Gomes de Sousa com quarenta soldados esconder em um logar de que

[1] no atirar — A.

[2] entrecechados nos de pé muitos de cavallo ligeiros — A. nos de pé e alguns cavallos — C.

[3] moravam — C.

[4] e outras tantas — A.; e outra de tantas casas — C. Julgamos dever fazer a pequena emenda que exigia o sentido.

[5] Largo por largado (?) Quereria Bocarro no estylo conciso, a seu modo, de que usa, dizer que n'esta casa, d'antes desamparada, tinham feito uma estancia, etc.

[6] fazerem o referido — A.

os mouros não tinham [1] suspeita. Vindo elles, usou do mesmo ardil que os mouros costumavam muitas vezes, que era mostrarem que fugiam por não poderem soffrer o impeto dos portuguezes, até que os veiu trazendo a paragem que lhe ficauam os nossos nas costas, e tendo-os assi, fez signal que sahissem aos que estavam na cilada, como fizeram com grande impeto e vozaria, e dom Manuel [2] por a outra parte virou para os mouros, e se arremessou com os mais a elles com um santiago e tanta deliberação, que todos os que ficaram no meio nenhum escapou que não fosse morto ou captivo. Com que conheceram os mouros que aquelle modo de guerrear era mui differente do que até então tinham experimentado em os portuguezes, não pelos acharem d'antes menos esforçados, senão pelos verem de presente mais industriosos e acautelados; porque commummente os que fazem de si grande confiança, e se tem por de valor, não se empregam tanto em usarem da industria e enganos e cautelas, que na guerra são tão ordinarias, por onde vemos muitas nações, que nunca foram tidas no mundo por esforçadas e briosas, por se darem e pôrem sua confiança a invenções de guerra e industrias alcançarem victorias de outras, a quem com grande distancia não podiam egualar. E estes de ordinario são os portuguezes n'este Estado, assi para com todos os naturaes d'elle, como com mais razão e evidencia para com os hollandezes e ingrezes, e todos os mais que de Europa vem com elles, até que a necessidade nos venha *chegando* a confiarmos em mais que no valor dos animos e braços, pois não é só isso o que se ha mister para a guerra.

Postoque os mouros ficaram com este successo mais acautelados, nem por isso deixaram os portuguezes de alcançar d'elles com este capitão outros similhantes, porque no descurso d'este verão passou dom Manuel de Azevedo duas vezes a Chaul de cima, e queimou a povoação, brigando sempre com o arraial do inimigo, que estava ao pé de uma serra chamada Ramanaguer, pouco distante de Chaul de cima, d'onde acudiam logo em os portuguezes sahindo fóra, que sabiam tanto por espias que para isso tinham, como por qualquer som de guerra que de nossa parte lhe chegava, e nunca assim d'estas duas vezes, como de outras muitas que chocaram, houve desordem nem ruim successo da nossa parte, postoque não

[1] noticia — A.
[2] por outra — A.

deixava de haver feridos e mortos, que é o mantimento de que a guerra por força se alimenta, não isentando muitas vezes aos mesmos victoriosos d'este tributo, como aqui de ordinario nos acontecia.

CAPITULO XVI.

DO QUE EM DAMÃO FEZ RUY FREIRE NAS GUERRAS PARA QUE FICOU N'ESTA CIDADE.

Entre os inimigos, que correm a roubar e damnificar as terras da jurisdicção de Damão, ha um capitaneado do rei de Bagul chamado Vayal, sito entre [1] mattos mui cerrados, em que assiste cavallaria e pionagem. E como este rei quizesse fazer seus os choutos que algumas aldeias da pragana Puary pagavam a uma mulher gentia, que se intitulava rainha, chamada Verba, mandou fazer algumas entradas e damnificações nas mesmas aldeias, cuidando que este era o mais facil meio para alcançar o que queria, usando não só de rapinas de gados, mas de [2] permudar a gente das nossas aldeias para as suas; com que as deixava despejadas, em notavel perda dos possuidores, parece que cuidando que como os portuguezes estavam occupados com a guerra do Melique não poderiam [3] acudir á que lhe fazia, particularmente pela paragem dos mattos onde vivia; mas como [4] para com os portuguezes não é este o meio por onde se alcança nada, ficou este inimigo de peior condição [5] para sua pretenção, pelo modo por onde a quiz levar; o que tudo representaram os do governo da cidade, e o capitão d'ella Nuno Alvares Pereira a Ruy Freire d'Andrade quando alli esteve, para o obrigarem a ficar, e elle [6] nunca se acabou de resolver n'isso, por dizer que havia para o poder fazer mister ordem de seus maiores, que por então o era Ruy Dias de Sampaio, a quem vinha

[1] matos muitos serrados — A.
[2] permudar gente — A.
[3] acodir ao que elle lhes faria — A.
[4] para os — A.
[5] para esta pertenção sua. Os do governo — A.
[6] nunca se resolveu n'isso — A.

subordinado, e [1] sahindo-se para fóra com a cafila para [2] se vir sendo em abril, tempo em que ordinariamente ventam noroestes na costa com grande força, parece que por particular ordem divina ventaram por então sues e sudoestes, com que não pôde por então fazer viagem. O que vendo o dito capitão e cidade vieram ao navio de Ruy Freire com maiores protestos e encampações, allegando os signaes que o céo mostrava de o não querer deixar ir d'aquella cidade, senão que ficasse n'ella para seu amparo e defensão. Ao que Ruy Freire lhe pareceu não convinha mais dar escusa nem resistir ao céo, e assi desembarcou, e ficou na fórma referida, e procurando empregar-se no effeito para que alli ficara, e sabendo como o inimigo estava alojado na praça [3] do Vayal, dist*ante* quatro jornadas de Damão, fez junta e conselho com o capitão da cidade e mais pessoas praticas, e assentaram que o fosse demandar, e dar-lhe, como melhor podesse [4] nos seus mesmos alojamentos; porque, vendo como n'elles mesmos o iam guerrear, soubesse como lhe poderiam os portuguezes defendér os proprios. O que resoluto e assentado, convocou-se a cavallaria, assi da mesma cidade de Damão, como de Maim e Trapor, e ajuntou-se a guarda das tranqueiras que asseguram os passos, e com soldados e toda a mais gente que pôde ajuntar se sahiu da cidade e a largas jornadas, com segredo e diligencia de modo que nenhum aviso pudesse ir primeiro, se alojou a terceira noite o nosso arraial pouca distancia do inimigo, d'onde na segunda vigia de noite se moveu com toda a pressa, silencio [5] e boa ordem, para que antes [6] do romper [7] d'alva pudesse dar n'elle, para o tomar desapercebido e sepultado no somno e descanço da noite, como em effeito lhe aconteceu; que os bons discursos, quando são acompanhados de egual diligencia e applicação de tudo o necessario, raramente deixam de conseguir o fim que n'elles se propôz. E

[1] sahindo para fóra — A.
[2] servir — C.
[3] quatro legoas — A.
[4] nos mesmos seus alojamentos — C.
[5] silencio, e brevidade, e boa ordem — A.
[6] de — C.
[7] da lua — se lê em ambos os exemplares; mas achámos muito melhor lêr-se — d'alva, palavra que toda esta narrativa estava pedindo, e que facilmente se confunde na escripta com aquell'outra, pela frequentissima troca de *v* em *u*.

como o inimigo estava bem fóra do receio de poder ser buscado em similhante logar, acharam-no os portuguezes na fórma que podiam mais desejar, [1] dormindo a somno solto, parecendo-lhe que assi a distancia das nossas terras, como a fórma em que estavam fortificados, os podiam fazer mui seguros. E assi, vencido o trabalho do caminho, para vencer o da fortificação, que era toda de bambuaes [2] fortissimos e mui cerrados, que por seus espinhos intractaveis são as arvores a que tem mais respeito todos os animaes, porém não o valor dos homens, como logo [3] se verá, pela pouca dilação que requeria a materia, por estar n'isso o ganho ou perda do successo, [4] não houve *mais* que o ferro romper pelos espinhos dos bambuaes, por onde abriram e fizeram entrada os portuguezes por varias partes no dito alojamento, tomando o mesmo Ruy Freire a dianteira com a sua gente de pé; e em se vendo com o inimigo foi pondo a incendio e ruina a maior parte de toda aquella gente, que, tomados tão de repente, muitos se acharam primeiro no inferno que despertassem do somno em que estavam, e assim os que [5] puderam acordar ao alarido e estrondo das armas, feridos e *quasi* mortos, não tractaram mais que de fugir, ficando presos e captivos os que o não puderam fazer. E era muito para vêr acordar alguns mouros e para [6] fugirem mais depressa arremetterem com os cavallos e subirem-se em cima, d'onde [7] os estavam esporeando e açoutando para correrem, e os cavallos, presos e peados, por mais que trabalhavam por isso não podiam, até que chegavam os portuguezes e os tomavam e matavam, sendo os inimigos mais de quinhentos de pé, e de cento de cavallo, e os portuguezes não chegando uns e outros a duzentos. E lhe mataram mais de sessenta de cavallo, jarretando aos cavallos,

[1] dormindo o somno solto — A.

[2] fortissimos encerrados, que por seus — A.

[3] se verá por que pela — A. e C.

[4] não houvesse que o ferro — A. e C.

[5] puderam acordar ao alarido e estrondo das armas, mortos e feridos — A. e C. As notas antecedentes mostram como emendámos, para a tornar intelligivel, esta passagem, em que Bocarro, arrebatado pelo turbilhão da sua eloquencia, fizera até fugir os mortos, se lhe não acudiramos com algum correctivo.

[6] que para fugirem — C. que para fugir — A.

[7] os estavam espoliando — C. os tinham esporiando-os — A. D'estas duas variantes adoptamos o que nos pareceu melhor.

por se espantarem da nossa espingardaria e não os poderem os nossos trazer comsigo; além de outros muitos de pé que tambem morreram. Puzeram fogo ao alojamento, onde se queimaram [1] muitas e grandes cousas, e sendo já manhã tocou a recolher o capitão mór, por andarem os soldados mui espalhados e enfrascados na presa do despojo. E n'este incendio acabaram tambem muitas mulheres e meninos patanes mui bem ageitados, mandando-lhe primeiro dizer o capitão mór se queriam vir-se com elle, que lhe faria mui bom tractamento, e não querendo [2] tel-o nem fazerem-se christãos, por não poder trazel-os amarrados os deixou perecer no meio do fogo, para provarem o que haviam de ter eternamente.

Vendo o capitão mór o campo despejado, que o fogo fez com a presteza e velocidade com que costuma obrar, por não dar tempo ao inimigo de se reformar e ajuntar, sem detença alguma se tornou a pôr a caminho para Damão com a boa ordem que convinha, não deixando comtudo o inimigo de o vir seguindo e picando com mais de septecentos homens, sem nunca o descompor, nem [3] ousar de chegar a isso, porque o rosto dos victoriosos, e a vista dos despojos e bandeiras vencidas e arrastradas, [4] influem nos vencidos um pavor que raramente se atropella dos que já provaram com elles sua sorte. E assi em toda esta jornada e caminho não receberam os portuguezes mais damno que ferirem-lhe um soldado, que não morreu, deixando elles feito tanto estrago; onde pondo-se um inimigo com tanta ousadia diante de Ruy Freire com uma espada e rodella, agachado, fazendo os floreios que costumam, lhe deu Ruy Freire um [5] golpe pela cintura com que o partiu em duas metades, ficando só ambas pegadas por um pequeno de espinhaço; golpe que depois foi muito celebrado.

Chegaram os nossos a Damão, onde foram recebidos com grande alegria de todos e muitos parabens de tão bom successo, de que logo deram conta ao visorei, pedindo-lhe muito toda a cidade lhe confirmasse a

[1] grandes e muitas cousas — C.
[2] sel-o — C.
[3] ousar chegar — A.
[4] influam — C.
[5] golpe que depois — A.

ficada[1] de Ruy Freire por capitão mór d'aquelle presidio, [2] para o que lhe despediram correio juntamente com umas cartas do Mogor, que alli tinham chegado. E deixando as cousas do Norte em o estado que temos referido, daremos conta das[3] de Goa, do que ha muito nos temos afastado.

CAPITULO XVII.

DO QUE EM GOA SE ORDENOU DEPOIS DA VINDA DAS NAUS, SOBRE A FORTALEZA DE MOÇAMBIQUE, E DO ESTADO D'ELLA E DAS MINAS DA PRATA.

Mandou sua Magestade n'estas naus de dom Hieronymo de Almeida ordem ao visorei d'este Estado mettesse de posse da fortaleza de Moçambique a Ruy de Mello de Sampaio, que havia sido tirado d'ella pelo contracto que fez o visorei Ruy Lourenço com dom Estevam de Ataide sobre a conquista e descobrimento das minas da prata; e ordenava que servisse o seu triennio por em cheio, sem lhe ser descontada nenhuma cousa do tempo que tinha servido quando o tiraram. Para o que mandou notificar a Ruy de Mello em Portugal esta ordem, e quando não viesse, aos mais providos da dita fortaleza a que coubesse entrar, para que o pudessem vir fazer; e quando nenhum d'elles se achasse n'este Estado, ordenava ao visorei mandasse pessoa de qualidade e partes conforme ás que se costumam despachar com similhante praça, e que tractasse mais do que[4] conviesse a seu real serviço[5] do que de tractos e mercancias. O que pondo-o em conselho de estado o visorei dom Hieronymo de Azevedo, assentaram todos que podia mandar por capitão da dita fortaleza a dom João de Azevedo, seu irmão, porque n'elle ficava bem cumprido o mandado e ordem de sua Magestade. E no tocante á pensão de quarenta mil xerafins, que cada anno pagavam os capitães para as ordinarias e presidios

[1] de Ruy Freire d'Andade — A.
[2] para o que despediram — A.
[3] de Goa, que ha muito — A.
[4] convinha — A.
[5] do que tractos e mercancias — A.

da fortaleza, assentaram que visto ir dom João de Azevedo só por um anno até vir provido por sua Magestade, que não podia faltar nas primeiras naus, pagasse só vinte cinco mil xerafins, para tractar, conforme sua Magestade mandava, mais [1] da segurança da fortaleza do que de proveito [2] e de interesses. O que sua Magestade não approvou, antes mandou que pagasse o visorei de sua fazenda os quinze mil que faltavam para os quarenta.

Sobre as minas ordenava sua Magestade entregasse dom Estevam de Ataide a conquista e descobrimento d'ellas a Diogo Simões Madeira, que havia muito tempo andava nos rios de Cuama e fôra mui cabido do imperador de Manamotapa, particularmente quando vendo-se pelos seus despojado do seu reino se facilitava muito mais para comnosco, [3] e querendo-nos obrigar ao favorecer, como a mostrar o agradecimento do muito que por elle tinham os portuguezes feito, fez doação a sua Magestade de todas as minas de prata, ouro, e quaesquer outros metaes que houvesse em todo o seu imperio, como largamente vae adiante descripto tudo, com a relação de todas as terras, e graças atrazadas, em que recebeu a dita ajuda e favor nosso, aindaque seja de outros tempos fóra d'aquelles que vou escrevendo; porque [4] como o intento só d'esta historia é dizer a verdade, tudo o mais fica sendo menos, e assi tambem se teve por menos inconveniente ir lançada esta relação adiante, por se não alcançar senão depois do livro acabado, com que apenas houve logar de se metter. Em fim, não devem os leitores reparar em circunstancias de ordem, comtanto que lhe não impida saberem o que pretendem, porque é tão pouca a que tem os que dão as informações, que se não padece n'isto menos do que em as buscar e averiguar.

Mandava tambem sua Magestade que juntamente com o capitão de Moçambique fosse um desembargador da [5] rolação de Goa devassar, e tirar [6] regidencia dos capitães de Moçambique atrazados, e do mesmo dom Es-

[1] de segurança — C.
[2] e interesses — A.
[3] e querendo-o obrigar a favorecer — A.
[4] como intento — A.
[5] da relação — A.
[5] residencia — A.

tevam de Ataide. Nomeou-se [1] logo o desembargador Francisco da Fonseca Pinto para ir juntamente com o capitão da fortaleza dom João de Azevedo, a quem o visorei seu irmão deu um regimento com muitas particularidades do que havia de obrar na fortaleza de Moçambique, como quem havia estado n'ella e sabia o que lhe convinha muy bem, entre as quaes a que mais lhe encommendou foi fazer a cava pela banda da terra, como cousa tão necessaria, apontando-lhe da sorte que se havia de aproveitar dos moços, dos casados e toda a mais gente do serviço, com que pudesse fazel-a com menos gasto, pois a obra *era* de tanto serviço de sua Magestade, como em beneficio de todos. Partiram este capitão e desembargador em janeiro de 1613, e chegando a Moçambique sem contradicção, tomou um posse da fortaleza, e outro se pôz a tirar as devassas como lhe era mandado.

Dom Estevam, depois de vir dos rios, lhe deram em Moçambique umas febres das que alli [2] são tão ordinarias, que foram bastantes para lhe tirar a vida; e fazendo-se inventario de seu fato se achou que em ouro e marfim, e outras miudezas, lhe ficaram cento e dez mil cruzados, os quaes depositou o dito desembargador na mão do feitor de sua Magestade para se fazer d'elles o que fosse justiça, e deixando as cousas da conquista entregues a Diogo Simões Madeira, como levava por regimento, se veiu para Goa com as [3] regidencias que tinha tirado.

Este foi o fim de dom Estevam de Ataide, e das promessas e esperanças com que o mandaram por conquistador e descobridor das minas da prata; que de as haver não ha duvida pelo testemunho das mesmas pedras, e quanto ser na paragem da Chicova, onde as primeiras se acharam enterradas, postoque alguns ministros tem averiguado que não é o logar nem disposição da terra conveniente para minas, adiante se verá onde se acharam muitas pedras; e estas, como se não houverem de descobrir por pessoa que tenha mais intento em o fazer do que a resgatar o muito ouro que por alli se faz, com muita facilidade e grandes ganhos, nunca se ha de alcançar mais que fazer grandes despezas á fazenda de sua Magestade e opprimir os vassallos moradores de Moçambique, que me-

[1] logo desembargador — C.
[2] são ordinarias — A.
[3] residencias — A.

recem a sua Magestade todos os favores e accrescentamentos, pelo como tem defendido aquella fortaleza, e por viverem em terra tão doentia, d'onde só os pode obrigar algum interesse e ganho para sua sustentação.

CAPITULO XVIII:

COMO DOM HENRIQUE DE NORONHA FOI ATÉ COCHIM, E [1] DESPEDIU A ARMADA DO CABO, E O MAIS QUE OBROU NO SERVIÇO DE SUA MAGESTADE.

Dom Henrique de Noronha, como atrás fica dito, depois de fazer ligar o rei de Olala e o de Banguel, e o da Serra, para se defenderem todos de Ventapanaique, foi seguindo sua viagem até Cochim, onde chegando, sem entrar, despediu da barra Jorge de Castilho por capitão mór do cabo do Comorim, o qual se foi té Santo André, onde esteve tres dias esperando pela cafila que havia de sahir de Cochim, e em sahindo se foi com ella pela costa abaixo até Coulão, onde achou muitas embarcações de San-Thomé, e Negapatão, e mais partes do Sul, as quaes trouxe até Cochim; e d'alli tornou ao cabo a esperar pelas que viessem no tarde. Onde o deixaremos, por dizer como dom Henrique de Noronha veiu de Cochim para Cananor, para trazer umas jangadas de madeira, por não haver cousa particular em que se empregasse; d'onde as trouxe e veiu com ellas andando, trazendo as cafilas de Mangalor e Barcelor, e chegando a Onor encontrou uma galé de que era capitão [2] Pero Peixoto da Silva, e tres navios de que eram capitães dom João de Almeida, Theodosio de Oliveira, Diogo Borges Pacheco, em os quaes todos foi só embarcado um fidalgo chamado Martim Affonso de Sousa. Mandava o visorei dom Hieronymo de Azevedo estas quatro embarcações para trazerem a cafila dos mantimentos, por quanto a armada do capitão mór do Malavar nunca as costumou trazer senão quando vinha da recolhida; pelas quaes mandou o visorei uma carta a dom Henrique de Noronha, em que lhe ordenava

[1] despediu armada — C.
[2] Pedro Peixoto da Silva — A.

que onde quer que aquella o tomasse mettesse a cafila no mais perto porto, e elle passasse com a sua armada a Cochim, a soccorrer a fortaleza de Cranganor, que o havia [1] mister. Elle o fez assi, mettendo a cafila em Onor, e dando á vela para Cochim soube do capitão e [2] veador da fazenda que postoque a costa estava desapressada de parós, comtudo o Samory se tinha muito avisinhado á nossa fortaleza de Cranganor, havendo-se apoderado de Cranganor de cima, pouco mais de um tiro de peça da dita nossa fortaleza, que como era cousa tão desejada por elle, e que lhe impedia a passagem para as terras de elrei de Cochim, se podia mui bem recear que debaixo da paz, em que dizia que estava com o [3] Estado, tractasse de a tomar e senhorear quando estivesse menos precatada. Dom Henrique de Noronha se foi a ella, e deixando-lhe mais alguma gente da que tinha, e com o provimento de tudo o necessario para qualquer occasião, se veiu seguindo sua viagem para Goa, trazendo as cafilas que havia para dar guarda, e no caminho de Cananor para cá, tanto ávante como os ilheos de Batacala, encontrou vinte parós, e como trazia muita cafila e só onze navios de armada, afóra as duas galés, por estarem os parós de balravento e não poder haver esperança de a remo os poder alcançar por sua muita ligeireza, não tractou de os seguir, por que descompondo o modo com que trazia a sua cafila guardada lhe não viessem dar os parós n'ella, ou estes que pareciam, ou outros que de novo arrebentassem em quanto os ia demandar, como já algumas vezes tinha acontecido a outros, d'onde lhe resultou ficarem antes recebendo perda do que poderemna dar aos inimigos; e assi veiu guardando e conservando a cafila, fazendo comtudo os nossos navios [4] da armada largarem os parós um que traziam tomado de preza, porque como com elle não podiam ser tão ligeiros como elles, sempre lhe era certo ficar aos nossos. E não lhe succedendo mais até Goa cousa digna de memoria, chegaram a ella a vinte e tres de abril de 613, a salvamento, com tudo o que trazia, que é o fim para que se ordenam estas armadas e um dos bons effeitos que se póde conseguir com ellas.

[1] mester e elle — A.
[2] veedor — A.
[3] Estrado — C.
[4] de armada — C.

Jorge de Castilho, quando tornou ao cabo, da segunda vez, achou nas barreiras de Berinjão o patacho e a nau ingreza que tinham ido de Surrate, e procuravam communicar-se com os da terra; o que trabalhou por lhe tolher, como em effeito conseguiu, pelo bom modo e diligencia que n'isso teve, porque andando d'antes com messages de parte a parte, em chegando a nossa armada nunca mais tractaram de nenhuma, com que largaram a costa, não menos em reputação do que em melhoramento do serviço de sua Magestade, pelas embarcações que vieram depois do Sul, que como sempre vem de mar em fóra demandar as barreiras vermelhas de Berinjão, lhe haviam de vir cahir na mão.

Chegando esta armada ao cabo, e estando surta nas pedras de Canapatão, onde levava por regimento do visorei esperasse a cafila [1] de Tutocorim e mais embarcações do Sul, appareceu um paró ao mar, muito longe da armada. Levou-se logo a elle o sanguicel de que era capitão Francisco de Sousa Pereira, que levava dezeseis soldados, e como era muito ligeiro em breve foi entrando ao paró, e o ia alcançando. O capitão mór, postoque levava por regimento não désse caça a parós senão com toda a armada, porque não abrisse caminho a algum ruim successo, comtudo, como viu aqui um só paró não lhe pareceu que era necessario mandar mais que um ou dois navios, como mandou, que fossem acompanhar a Francisco de Sousa, e soccorrel-o, sendo necessario. Os navios não foram com a pressa conveniente, nem endireitaram para o dito sanguicel, que já ia perto do paró e mui afastado da armada, senão foram-se para umas naus que viram ao mar, que eram [2] de Banguela. O paró, que era uma galeota mui grande com perto de cento e oitenta mouros todos de peleja, com uma peça de coxia pela proa, afora outra artelharia miuda que trazia pelas perchas, em vendo o sanguicel, tão pequeno e desamparado de todo o mais soccorro da armada, voltou a elle, [3] que posto conheceu o capitão e mais soldados a differença do numero dos mouros e

[1] Tutucorim — C.

[2] Benguella — C. Bengala ou Banguel (?)

[3] A grammatica exigia que escrevesse — que posto conheceram. Se fossemos a corrigir todos os erros d'esta natureza, que ha em Bocarro, pouco ficaria sem grandes alterações. Mas não deixaremos de o fazer quando as incorrecções, tão amiudadas n'este escriptor, transtornarem de algum modo o sentido.

da grandeza da embarcação e petrechos de guerra, comtudo [1] o investiram com muita deliberação. O paró desparou a sua artelharía dentro no nosso sanguicel, que lhe fez em pedaços tres ou quatro marinheiros e feriu alguns soldados, com que os mais marinheiros se lançaram todos ao mar, deixando o sanguicel manco e desamparado, e quando se lançaram o tiveram quasi virado; com que os mouros se deliberaram ao entrar como fizeram, porém foram rebatidos dos portuguezes com particular esforço, até que vindo já terceira vez, estando os soldados muitos mortos e os outros mui mal feridos, o acabaram de entrar, ficando só vivos o capitão Francisco de Sousa Pereira, Antonio de Navaes soldado muito valente, Miguel Rangel de Castello Branco, [2] Francisco de Sousa, Gaspar de Carvalho, Affonso Gomes de Lara, já tão espedaçados de feridas que nem vigor tinham pera se ter em pé. Morreram aqui Manuel Delgado, Pero Pires Pinheiro, Marcos Correia, Antonio de Sousa, Manuel de Ponte, Manuel Garcia de Ponte, Miguel Coutinho, Pero Viegas de Almeida, os mais d'elles com foro na casa de elrei. Chegaram depois os dois navios, tão fóra de tempo que não acharam mais que a mortandade dos corpos que estavam mortos no sanguicel, que trouxeram para a armada; e o paró se acolheu a remo, com muitos tambem feridos e alguns mortos, levando os tres já referidos que ficaram com vida, que depois os curaram e se resgataram. Jorge de Castilho sentiu muito o caso, e mandou refazer este sanguicel da gente dos mais navios, e esteve esperando pela cafila. Onde o deixaremos até a trazer mui grande. Não deixando de conhecer que por falta dos marinheiros foi a principal causa de matarem estes soldados, e que havia mister um exemplar castigo para poder [3] isto ter emenda, mas tambem considerando sua natureza tão contraria de armas e brigas, e que se nos não alugam mais que para o remo, deixou de o fazer, porque tambem nem fôra esta a primeira, nem havia de ser a ultima *vez* que padecessemos estes trabalhos por similhante occasião; sendo muito para se procurar remediar, pelas cousas de muita consideração que podem ás vezes depender de nós não desampararem os marinheiros nas brigas, porque nunca póde deixar de ser de muita importancia a

[1] a investiram—A. e C.
[2] Gaspar de Carvalho, Francisco de Sousa—A.
[3] ter isto—A.

applicação d'este remedio. E postoque o capitão mór se não quiz applicar ao castigo dos dous capitães que mandára em soccorro do sanguicel, o capitão d'elle ferido, depois de são, se satisfez muito á custa dos ditos capitães.

CAPITULO XIX.

DO QUE EM GOA SE ORDENOU SOBRE ALGUMAS COUSAS TOCANTES AO IDALCÃO, E OS DIREITOS DA ALFANDEGA DE ORMUZ, E COMO SE PROCEDERA NAS GUERRAS DO NORTE.

Pelo rio acima d'esta ilha de Goa e cidade d'ella, junto de Ganga, se ia fazendo e fortificando pelos mouros vassallos do Idalcão um pagode á maneira de fortaleza, e defronte da ilha dos Mortos, junto ao passo de Sant'Iago, iam tambem os mesmos mouros fazendo um vallado no rio, com que elle se estreitava, e nos poderia vir a impedir a navegação d'elle; o que sabendo o visorei dom Hieronymo de Azevedo no principio do seu governo, em janeiro de 613 mandou a Antonio Pinto da Fonseca, provedor e visitador geral das fortalezas d'este Estado, fosse vêr uma e outra cousa, para dizer o que d'ellas lhe parecia. Foi elle e [1] viu-os mui bem, e respondeu que o pagode era uma fortificação mui bem entendida, e que o dito vallado levava [2] um revez, ou cotovelo, em que parece havia malicia no intento com que se fazia. O que propoz o visorei em conselho de estado, para se determinar o que convinha fazer sobre a materia, porque estava com aviso de presente como no vallado se trabalhava com muita gente; onde se assentou que o pagode lhe não podiamos impedir fazerem-no com toda a fortificação que quizessem, por quanto era dentro nas terras do Idalcão, onde elle era senhor de alevantar e derrubar tudo o que lhe bem parecesse, mas no tocante ao vallado se devia ordenar com que não fosse por diante, e que isto se podia commetter ao capitão do passo de Sant'Iago, para que fosse, como disse, com a gente necessaria a desfazel-o, dando-se por auctor d'isso, por lhe competir em rasão do seu cargo. E em cumprimento d'isto, que foi ordenado e en-

[1] e vios bem — A.
[2] uma — A.

carregado ao dito capitão do passo de Sant'Iago, se apresentou elle com os moradores, e piões, e soldados da guarda e vigia, e foram onde se fazia a dita parede, e a quebraram, e desfizeram grã parte, sem os que andavam na obra d'ella lhe fazerem resistencia alguma. Com que se ficou evitando o ir-se com ella por diante; porque é mui ordinario em todos estes naturaes intentarem o que querem, para provar se lho consentem, e quando não se deixam esquecer como quem não faz caso.

Pagavam na alfandega de Ormuz os armenios vassallos do Xá uns direitos, além dos reaes ordinarios, a que chamavam [1] curujos, de que o Xá rei da Persia e o [2] Cam de Xirás mostravam particular sentimento; de maneira que se presumia que só por este respeito se despertariam mais a intentarem tudo o que pudessem contra a fortaleza de Ormuz, postoque não era necessario para o fazerem mais motivo que o de sua cubiça e tyrannia, como já se tem apontado; mas pelas muitas queixas que o Xá d'isto fazia, e o como os mesmos armenios o tinham por grande affronta, pareceu ao visorei dom Hieronymo se devia considerar a materia, e provêr n'ella como melhor parecesse. E assy, chamando os do conselho de Estado, e proposta a causa pelo visorei com mais algumas circunstancias, particularmente de serem estes armenios mui grandes mercadores, porque, deixando a milicia e cultivação dos campos, se não empregam mais que em tracto e mercancia, e que resentidos d'este tributo abriam o caminho de Laor e [3] Candar, por não irem por Ormuz, ficando por tão pouco rendimento perdendo muito a fazenda de sua Magestade, e o mesmo se deixava vêr das informações que se deram para que nenhum dos ditos armenios vassallos do Xá e do Cam de Xiraz, nem mouro [4] parsio paguassem tambem os direitos que se haviam posto de novo nas fazendas layos de Baçora, e que os pagassem só os alabins e armenios vassallos do Turco, sobre o que se assentou, pelas rasões e fundamentos referidos, que nenhum dos ditos armenios, nem parsios, pagassem os ditos direitos chamados [5] curujos, nem os outros impostos de novo ás referidas

[1] curuyos — C.
[2] Camdexiras — A.
[3] Candor — A.
[4] percio — A.
[5] curuyos — C.

fazendas, e que para constar quaes eram os vassallos [1] do Turco e os do Xá, trouxessem a Ormuz escriptos do bispo de Sirene, em quanto estivesse na Persia, e em sua ausencia do embaixador de sua Magestade que lá estivesse, e na de ambos do prior do convento de Aspão, os quaes escriptos se lhe passariam com todas as circunstancias necessarias para serem bem conhecidos, particularmente os armenios catholicos, a quem por taes se queria fazer aquella graça, importando tambem o que fica apontado, em rasão do interesse e melhoramento do commercio de Ormuz.

Em Chaul se continuaram as guerras com o Melique na fórma que atraz fica apontado, sendo dom Manuel de Azevedo capitão mór d'ellas, e sahindo ao campo todas as vezes que os mouros n'elle appareciam, d'onde raramente [2] se recolheram com a melhor, pela boa ordem com que o capitão mór governava. E não se contentando só com isto fazia tambem algumas sahidas a cortar palmares dos mouros, na conformidade que elles tinham cortado os mais dos portuguezes, onde todos brigavam e trabalhavam com esforço e cuidado; e passando uma vez a um palmar chamado Cojequi, que um mouro d'este nome havia deixado para sustento de pobres, mui fertil e grande, o puzeram os nossos quasi todo por terra. De que os mouros tiveram tanto sentimento que até as mulheres vinham gritar dos outeiros aos portuguezes para que destruiam a fazenda e sustento dos pobres; porém tendo a piedade mais logar em a nação portugueza que em outras muitas do mundo, as leis da guerra não consentiram aqui usar d'ella, e postoque os mouros vieram a defender este palmar com todo o poder, comtudo, nem por isso deixaram de receber quasi o mesmo damno que as palmeiras, antes de alguns que os portuguezes mataram, e tomaram as espingardas, se conheceram serem canarás, de alguns d'esta nação com que o Idalcão, a quem elles reconhecem vassallagem; ajudava ao Melique n'estas guerras, por estarem ambos germanados para se ajudar um ao outro em todas as que tivesse.

Recolheram-se os nossos com pouca ou nenhuma perda, deixando aos mouros resentidos não menos da que lhe deram nas fazendas do que nas pessoas. E succedendo uma vez demandar um dos soldados do capitão mór dom Manuel de Azevedo a uma moça donzella pela egreja,

[1] ao turco — C.
[2] se colhiam com — A.

para casar com ella, levando-a á sé a perguntas acudiu o capitão mór da cidade, dom Francisco Rolim, em favor do pae da moça, e pela outra parte veiu um rancho de soldados dos [1] bravos do capitão, por ser o pretensor parente de um André Cordeiro, pessoa n'elles de respeito; houve na sé differenças, de parte a parte, de sorte que os criados e escravos do capitão da cidade deram uma catanada na cabeça de André Cordeiro, de que ficou mui maltractado. O que passado, indo continuando as sahidas que os nossos faziam ao campo aos mouros, onde vinha o capitão da cidade com os casados até a Madre de Deus, e d'alli partia o capitão mór a demandar os mouros ao campo, succedeu um dia, que estando já o capitão da cidade na Madre de Deus, indo sahindo o capitão mór, baralharam os seus soldados sobre cousa de mui pouco momento com o capitão da cidade, em que chegaram a lhe dar duas lançadas, indo-se ateando a briga de sorte que se os padres capuchos não abriram a portaria e metteram n'ella por força [2] ao capitão da cidade, entende-se que sem duvida o matariam. Ao que acudiu o capitão mór, não com a pressa que pedia a materia, por onde deu motivo a se cuidar que tambem elle dera motivo a se fazer. Recolhido o capitão da cidade ficou logo em bandos divididos com o capitão mór, de maneira que se não fazia o serviço de sua Magestade com *a* perfeição necessaria. Do que sendo avisado o visorei, propoz a materia em conselho de estado, e depois de varios pareceres se determinou lhe [3] mandasse regimento separado a cada um, assi do que tocava á sua jurisdicção, como dos modos com que se deviam haver na guerra para a poderem fazer como convinha; postoque, para paixões tão propinquas e acesas, era pouco efficaz o remedio de regimentos de longe, para os em que a presença e encontros das pessoas e amigos havia de fazer alteração em animos tão promptos a paixões e brigas, como são os dos portuguezes.

[1] brabos — A.
[2] o capitão — A.
[3] mandassem — A.

CAPITULO XX.

DO QUE CONTINHA O REGIMENTO DO VISOREI DOM HIERONYMO, E O QUE MAIS SE ORDENOU SOBRE ESTAS GUERRAS DO NORTE.

Como a causa principal porque o visorei fez particular regimento, com separação de jurisdicções do capitão mór e capitão da cidade, para se haver de proceder n'estas guerras, foi pelas differenças de que temos dado conta, o primeiro e principal de que tractou foi de lhes [1] encarregar com toda a exageração de palavras a paz e união entre todos, porque o contrario havia de estranhar, tanto com castigos como com toda a mais demonstração com sua Magestade; lembrando-lhes que os mandava fazer guerra aos mouros de quem estavam cercados, e não aos portuguezes; mostrando a obrigação que tinham os casados de ajudarem em tudo aos soldados, pois vinham offerecer a vida em defensão de sua terra e familia, e não menos os soldados quanto deviam de trabalhar por defender a lei e a patria, servir a seu Deus e rei, e não serem antes oppressão do que alivio a seus naturaes e companheiros; para cujo effeito ordenava que os capitães fizessem continuamente confessar a seus soldados, e o capitão mór aos seus capitães, porque andando em continuos rebates e brigas de pelouros, bombas de fogo, e toda a mais sorte de armas que lhes tirava a vida, deviam como christãos trazer as almas apparelhadas como quem tinha fé da eterna, para onde caminhavam.

E como a principal fortaleza d'esta cidade de Chaul seja a do Morro, pois por sitio é fortissima, ordenou o visorei em primeiro logar estivessem n'ella sempre cem soldados de presidio, sessenta a cargo dos capitães, cada hum com trinta, e os quarenta com o capitão da fortaleza, cujos nomes temos já nomeados; e juntamente que se mettessem n'ella mantimentos e agua bastante para tres mezes, nos quaes se não bulisse, senão quando alguma cousa se fosse corrompendo a gastassem, e fossem logo comprando outra boa em seu logar; mandando ao capitão mór dom

[1] entregar — C.

Manuel de Azevedo fosse muitas vezes visitar esta fortaleza do Morro, para vêr se tinha assi a gente, [1] como provimentos, e provesse tudo o que visse falto, assi na vigia, como em [2] repairar muros, e o que lhe parecesse mais conveniente para sua defensão, tendo particular cuidado de que não houvesse n'ella descuido, nem padecesse falta alguma, antes mostrando que na segurança d'esta fortaleza do Morro consistia o bom successo d'aquella guerra, por trazerem todos os inimigos do Norte olho n'ella mais que em [3] outro algum logar, e se entender que para este desenho assistiam tantos parós na fortaleza de Dandá, dos inimigos.

Ordenou mais o visorei que nenhum soldado se alojasse por fóra em hortas, nem palmares, com casados, como era informado que o faziam para lhos ajudarem a guardar, d'onde se podiam occasionar ruins successos e risco da mesma fortaleza e cidade; mandando que, tirada a estancia da Madre de Deus, que estaria a cargo de um capitão de esforço e experiencia, com berços e mosquetes e todos os petrechos necessarios, a mais soldadesca se alojaria toda de São Sebastião para dentro, fortificando-se as boccas das ruas com tranqueiras fortes e cavas, para que não pudessem ser alguma noite tomados de sobresalto, e na mesma egreja de São Sebastião houvesse corpo de guarda, que nunca seria de menos que de duas estancias, que estariam sempre prestes para acudir onde comprisse, de dia e de noite, e que d'estas tranqueiras para fóra não moraria nenhuma gente, e o rebate se daria com o sino d'esta egreja de São Sebastião e com o da Madre de Deus, a quem responderia o da cidade, para que fosse a todos notorio que corriam mouros o campo.

E assi tambem lhes mandou que quando os mouros viessem, e os portuguezes lhe sahissem, não se consentisse sahir nenhum de sua ordem e fileira, por mais que os inimigos [4] dessem occasião a isso, antes, depois que o capitão mór reconhecesse mui bem todos os logares e sitios do campo, e seus visinhos, e paragens por onde houvesse de fazer caminho, [5] talhasse e puzesse tudo em fórma que nunca houvesse modo

[1] como os provimentos — C.
[2] repairar os muros — A.
[3] outro lugar — A.
[4] a isso dessem occasião — A.
[5] puzesse e talhasse tudo — A.

d'onde os inimigos pudessem fazer cilada nem damno algum; encarregando-lhe particularmente que sempre procurasse ter em seu arraial as espias que parecessem necessarias, onde a substancia era serem confidentes, para que pudesse ter continuos avisos do desenho, ordem e copia dos inimigos, como a principal causa que se convem saber na guerra, e particularmente se vinham com artelharia grossa, porque em tal caso convinha proceder n'outra fórma, e fazer a defensão dos muros e não dos arrabaldes?[1]

E por particular instrucção ordenou o viso-rei que se armassem manchuas no rio, para inquietar os inimigos fazendo-lhe assaltos nas povoações, e impedindo-lhe a serventia dos rios, e os caminhos que por terra vão ao longo d'elles; como logo se ordenaram, elegendo a Antonio Serrão por capitão mor d'ellas, onde procedeu com muita satisfação. E apontou mais o visorei, como tão experimentado nas cousas de guerra, que se procurasse entresachar com o nosso esquadrão de pé alguns homens de cavallo, para que seguissem o alcance dos inimigos com a ordem e cautela necessaria. E por conclusão d'este regimento lhe pôz, que por quanto não podia anteuer todos os casos que na guerra podiam succeder, ordenava que se fizesse conselho de guerra, em que entrasse o capitão mór dom Manuel de Azevedo, dom Francisco Rolim capitão da cidade, Jorge de Abreu de Lima capitão do campo,[2] e o vereador que n'aquelle tempo fosse do meio, e o que assentassem se puzesse em execução, com assento assinado por todos; e nos casos repentinos no campo obrasse dom Manuel de Azevedo,[3] como melhor lhe parecesse, de cuja prudencia *tinha* confiança se haveria com todo o esforço e bom modo. O qual regimento, recebido e declarado aos que pertencia, o procuraram sempre cumprir em tudo, com que as cousas d'alli por diante se fizeram n'aquella guerra com a consideração conveniente.

Em Baçaim se continuava a guerra com todo o fervor, não só na cidade, mas por todos os rios e tanadarias, porque como os sanguiceis

[1] No Ms. C. lê-se — dos mouros e não dos arrebeldes. — E no da A. vem — dos mouros e não dos rebeldes. — Ambas as lições nos pareceram absurdas, e por isso lhes substituimos o que, provavelmenie quereriam escrever.

[2] e vreador — A.

[3] como lhe parecesse — C.

da armada de Ruy Freire tinham ficado para este effeito, como atraz dissemos, e juntamente com a ficada da cafila, não faltava gente e tudo o necessario para se [1] proseguir como convinha, postoque tambem o maior poder dos inimigos estava sobre esta cidade, como fica dito, não deixando sempre de haver varios recontros por todas as tanadarias, assi nos sanguiceis em os muitos assaltos a que sahiam em terra, como em Taná, que por ter uma povoação maior lhe puzeram uma estancia de trinta soldados, e por capitão mór [2] não deixando porém de causar o ruim successo, que referimos, das tres estancias, mais consideração em os portuguezes do que ordinariamente costumavam ter onde [3] podiam chegar a provar a mão com os inimigos. E como o visorei dom Hieronymo de Azevedo tinha tanto diante dos olhos esta guerra, por ser a primeira em que se empregava depois de tomar sobre si o governo d'este Estado, acudia-lhe com particular cuidado, até que antes de entrar o inverno determinou de o prover com mais gente e novo capitão mór, como adiante diremos.

CAPITULO XXI.

COMO O VISOREI MANDOU A NUNO DA CUNHA POR CAPITÃO MÓR DAS GUERRAS DO NORTE, E DA GENTE QUE LEVOU, E SUA CHEGADA A ELLE.

Nuno da Cunha, depois de chegar do Norte, da briga que teve com os ingrezes, por estar pouco tempo ocioso, para não deixar de empregar o grande zelo que este fidalgo tinha para o serviço de sua Magestade, o mandou aprestar o visorei dom Hieronymo de Azevedo para passar a Baçaim por capitão geral de todas as guerras do Melique; o que elle fez com muito cuidado, convocando muitos soldados de brio e valor, porque aos mais d'estes fazia elle muito favor e mercê. E assi, ajuntou obra de quatrocentos, em treze navios chatins, com que partiu de Goa a 13 de

[1] proseguirem — A. e C.
[2] Em ambos os exemplares ha uma lacuna para o nome do capitão mór de Taná.
[3] podia — A.

maio d'este anno de 613, não refusando a jornada por ser tão tarde, porque em nada que fosse de risco e perigo parecia deixaria de contrastar seu animo constante. Foi já com os capitães nomeados para as estancias, com que haviam de assistir em terra, os quaes eram Lopo de Sousa, Lopo Sarmento de Carvalho, Miguel Ferraz, Gonçalo de Ponte, dom João de Almeida, Ignacio de Azevedo, Antonio Moniz Barreto, dom Diogo de Sousa, Tristão de Ataide por capitão mór dos rios. Os fidalgos que foram n'esta companhia são os seguintes: Jacome de Mello Pereira, Luiz Mendes de Vasconcellos, Manuel de Brito, Henrique de Vasconcellos, André de Vasconcellos, Manuel de Vasconcellos, dom Pedro de Meneses, Pero Leitão de Saldanha, Nuno Borges de Sousa, Luiz de Sousa de Mello, Diogo [1] do Souro, Martim Affonso de Miranda, Gonçalo de Barros, Bento de Valadares Soutomaior, Fernão Martins de Sousa, Antonio da Costa, João Gomes de Abreu, Bartholomeu Lobo, Manuel de Sousa de Larcão, Diogo de Castro Fogaça. Onde foram mais por capitães Bernardo Malheiro, Manuel de Almeida, Vicente Monteiro, Manuel Pereira de Sampaio, Marcos de Oliveira Garcez, João da Costa de Meneses. O navio em que ia dom Diogo de Sousa com os soldados da sua estancia, indo por entre os Ilheus Queimados, postoque de dia, deu n'uma pedra, onde se quebrou e perdeu; cuja gente se salvou, e esteve alguns quarenta dias reteúda no Idalcão, mas no cabo d'elles os largaram e se vieram para Goa.

Levava Nuno da Cunha um regimento mui largo do visorei, de como se havia de haver n'estas guerras, porque se prezava de ter tão boa informação, e eleição para o que n'ellas era necessario, que lhe apontava com muita particularidade o procedimento [2] que devia ter no essencial e em todas as circunstancias d'ellas; encarregando-lhe particularmente o cuidado e zelo com que se devia haver até o mesmo visorei vir, na entrada do verão seguinte, como determinava, para tomar conclusão com o Melique, porque, em falta de sua pessoa, só na d'elle Nuno da Cunha tinha confiança que supprisse o que se devia obrar. E assi o advertia da brevidade com que se havia de apressar para passar a Baçaim antes que

[1] do Zouro — A.
[2] que havia ter — A.

[1] entrasse o inverno, pela muita força com que o inimigo estava, para com a gente que levava e que lá assistia lhe poder fazer a guerra conveniente; e que da passagem em Chaul procurasse fazer uma sahida a Chaul de cima, não havendo o inimigo engrossado mais do que té então se mostrava; ordenando-lhe porém fosse com o parecer das pessoas que na dita cidade assistiam, e tinham continuado a guerra [2] com a experiencia e conhecimento que o descurso d'ella lhe mostrára, para o que fosse dom Manuel de Azevedo na dianteira e á recolhida viesse na retaguarda; mandando a Nuno da Cunha lhe désse as graças de sua parte do bem que no logar havia servido a sua Magestade. E chegando Nuno da Cunha a Chaul com toda a sua companhia, parecendo a todos que se fizesse a sahida a Chaul de cima, como cuidava que os soldados e fidalgos, que levava, podiam obrar tanto com seu esforço como qualquer outrem que tambem o ajuntava com a experiencia, não fez tanto caso de cumprir o que o visorei lhe tinha ordenado, de dar a dianteira a dom Manuel de Azevedo, e assi [3] se apparelhou; em cujo dia estando Antonio Moniz Barreto repartindo polvora aos seus soldados tomou fogo por desastre a de um barril, que o abrazou todo grandemente, de que escapou [4] com vida, depois de estar muito no cabo d'ella. Por capitão mór da dianteira foi Tristão de Ataide, e passando a Chaul de cima, recrescendo os mouros, por o dito Tristão de Ataide não ter conhecimento do modo com que se [5] deviam guerrear por aquellas paragens e logares, houve algum embaraço; o que sentindo dom Manuel de Azevedo, mandou a Pero Gomes de Sousa, e outro capitão com suas estancias acudirem com muita brevidade, como foram e puzeram a cousa no modo que convinha, de maneira que não houve nenhuma desordem, que antes levaram os inimigos a peior, como sempre tiveram n'esta cidade, e os nossos se recolheram sem perda alguma. E póde ser que se dom Manuel soubera como vinha apontado pelo visorei para ir na dianteira, e Nuno da Cunha o não quizera pôr n'ella, deixára antes abrir logar a algum ruim successo do que procurar reme-

[1] entrasse inverno — C.
[2] com experiencia — A.
[3] se apparelhou, e em cujo dia — C.
[4] com a vida — C.
[5] devia — A.

dio, para mostrar a importancia de que era seu esforço e experiencia; que não ha querer a nação portugueza acabar comsigo [1] de os louvar em outrem, tendo cada um tanto para ser louvado. Perfez Nuno da Cunha n'este presidio de Chaul duzentos soldados, como o visorei lhe ordenava, onde ficou Manuel de Almeida com a sua estancia de trinta e cinco homens, pagos todos de seus quarteis e os capitães com suas mercês; o que feito se partiu para Baçaim por dentro dos rios de Mombaim, onde chegou já em junho, e foi mui bem recebido na cidade, com geral alegria de todos pelo grande soccorro de gente que levava. Ruy Dias de Sampaio lhe entregou o governo da guerra, e ficou invernando em Baçaim, não deixando de haver muitas differenças entre elle e Nuno da Cunha, ou pelas fomentarem os soldados que defendiam cada uma das partes, para por aqui se verem mais estimados e pretendidos, ou pelos animos d'estes dous fidalgos serem tão desconformes como ordinariamente são os da India, e muito mais em logares e successões d'elles, como se tem visto em muitas partes; e n'esta cidade se podia tambem considerar a grã copia de inimigos de que por todas as partes estavamos cercados, e sendo tão poucos não deixavamos tambem de nos perseguir uns aos outros, e sermos de sua parte, em nosso proprio damno.

Levava Nuno da Cunha mui encarregado pelo visorei que em chegando a Baçaim tractasse de prover logo todas as tanadarias e fortalezas que tinhamos em seu districto e terras de [2] Salsete, para que depois com a entrada do inverno lhe não ficasse sendo mais difficultoso o podel-o fazer, pelo perigo que de uma e outra parte se poderia offerecer; o que pôz logo em effeito, encarregando de capitão mór dos rios a Tristão de Ataide, seu sobrinho, com doze manchuas e sanguiceis, de que eram os mais capitães Angelo Rebelo, Francisco de Revoredo, dom Luiz de Ataide, Christovam de Bulhão, Martim de Andrade Botelho, Francisco Ribeiro, [3] Antonio Botelho de Monroy, Cosmo do Couto, Jacome de Mello, [4] Pero da Silveira de Monte Roy, Vasco Gomes de Mello, os quaes se re-

[1] de os louvarem outros — A.
[2] Calcete — A.
[3] Antonio Monteiro de Monroy — A.
[4] Pedro da Silveira Monteroy — A.

vezavam por varias vezes, ora uns ora outros, com que [1] se faziam muitos assaltos por todas as terras circumvisinhas dos inimigos, que a este respeito estavam quasi despovoadas, particularmente as fraldas do rio, salvo alguma paragem onde os mouros tinham força a cuja sombra estivessem mais seguros, como a [2] Galiana, que o visorei encommendava muito a Nuno da Cunha a tomasse e desfizesse, e lançasse fóra de [3] Salsete e das mais terras nossas os inimigos, para que se pudessem cultivar com segurança, e colher-se o fruito d'ellas, e cobrar os foros de sua Magestade; apontando-lhe que o fizesse, ou dando-lhes batalha de poder a poder com evidentes esperanças de conseguir a victoria, ou fazendo-lhe um assalto a deshoras, e com tanto segredo que fosse facil o desbaratal-os, que a mais da gente natural d'este Oriente se não leva nunca a brigar de noite, salvo quando são excitados e obrigados a isso, ou passando a guerra a suas proprias terras, para com isso os obrigar a acudir a defendel-as; elegendo de cada qual d'estas cousas a que lhe [4] parecesse mais [5] conveniente, [6] e o tempo ao modo d'ellas abrisse melhor logar. O que foi mui bem considerando Nuno da Cunha para poder conhecer o de que melhor podia lançar mão; e para segurança de Manorá, mandou Thomé do Valle com uma estancia, que lhe assistisse, e a Caranjá Christovam Folgado com dez soldados. Onde os deixaremos, por tornar a outras partes d'este Estado, a referir o que [7] n'ellas n'este tempo acontecia.

[1] se fazia — C.
[2] Galcaria — A.
[3] Salcete — A.
[4] parecer — A.
[5] inconveniente — A. e C.
[6] e o tempo e modo — A. e C.
[7] n'elles — A. e C.

CAPITULO XXII.

DA ARMADA DE GALEÕES QUE O VISOREI RUY LOURENÇO TINHA MANDADO Á CHINA COM MIGUEL DE SOUSA PIMENTEL, CAPITÃO MÓR D'ELLES, E DE OUTRA QUE MANDOU O VISOREI DOM HIERONYMO PARA QUE AMBAS VIESSEM JUNTAS.

Postoque seja forçado tornar atraz algum tempo pareceu assi conveniente, para dar perfeita noticia da armada dos galeões com que Miguel de Sousa Pimentel passou á China, que posto foram em tempo do visorei Ruy Lourenço, comtudo, vieram no de dom Hieronymo de Azevedo. E assi, para darmos rasão das cousas do seu primeiro fundamento, hemo-nos de [1] tornar a algum do tempo atrazado, *que melhor é* do que deixar de escrever com a noticia necessaria. Em maio de 610 tinha aprestado o visorei Ruy Lourenço de Tauora uma esquadra de cinco galeões, e por capitão mór d'elles Miguel de Sousa Pimentel, e capitães dos outros Diogo de Mendonça Furtado com titulo de almirante, Francisco Ferreira d'Eça, Antonio Rodrigues Soares, Simão Nunes da Costa, levando mais duas naus de mercadores, uma de João Serrão da Cunha, que ia fazer viagem ao Japão, outra do capitão de Malaca dom Francisco Henriques. Dois galeões d'esta armada se foram diante concertar e apparelhar a Cochim, que o visorei Ruy Lourenço encarregou a dom Diogo Coutinho, capitão da dita cidade, com quem corria em particular amisade, e assi esta o obrigava a se ajudar d'este fidalgo com mais largueza, porque não só o concerto e apparelho, mas até o gasto para tudo, lhe encommendava puzesse do seu e o emprestasse a sua Magestade, por quão exhausta estava sua real fazenda; para o que houve mister pouco, sendo isto o que mais difficultosamente se costuma fazer, porque o zelo com que o dito fidalgo se empregava no serviço de sua Magestade não reparava em difficuldade, postoque lhe [2] custasse tanto como o vencimento d'esta lhe havia de custar. E assim concertou e apparelhou e negociou mui bem os dous galeões de tudo o necessario para similhante viagem, em que gas-

[1] tornar algum — C.
[2] entrasse tanto — C.

tou muitos mil xerafins do seu dinheiro, que depois se lhe não pagaram, por mais ordens que sua Magestade mandou para isso. O que não obstante, gastou depois outras quantias, não pequenas, do seu, em o proprio serviço; que parece andava á porfia a vencer com serviços o mesmo que o podia fazer afastar d'elles n'este particular. Com o que deram motivo muitos fidalgos e pessoas nobres, gastando n'este Estado grandes copias de dinheiro no serviço de sua Magestade, vendo o muito menos que lhe podia importar o despacho que pretendiam, de serem tidos por de pouco juizo, como sem duvida podiam ser se houveram de se considerar todos mercadores e [1] tractantes; porém o estatuto do serviço de Deus e de sua Magestade de tão mais alto sujeito do que professam, lhe faz não reparar em nenhuma d'estas contas, senão gastar e servir, e ainda o que tiram dos despachos, comprados com tanto dispendio e trabalho, tornal-o a gastar logo no mesmo serviço de sua Magestade.

Apparelhados os dois galeões em Cochim, e vindo os de Goa a tomal-os á barra, sahiram e partiram d'ella a 22 de maio do anno referido, que postoque tarde, se não tiveram contrastes puderam mui bem passar a Malaca e China na mesma monção; porém apartando-se logo ao partir com força de tempo puzeram muitos dias em chegar á ponta de [2] Gomespolla, e conhecendo-a bem os [3] metteu em grande confusão, por se acharem por fóra da ilha do Achem, e assi viraram todos na outra volta para tornarem por dentro, onde se encontraram todos e não se apartaram mais; porém como n'esta ida que tinham feito por fóra e volta que fizeram gastaram tempo, tendo partido tão tarde, chegaram [4] a Malaca já em dez de agosto, tempo em que, quando tiveram boa viagem, podiam chegar á China. E assi se fez conselho em Malaca com o capitão geral Manuel Mascarenhas Homem, o da fortaleza, e todos os das embarcações, com os pilotos, e assentaram que já não era tempo para passarem á China, por onde que se não podia fazer outra cousa mais que invernarem em Malaca, como em effeito ficaram invernando. O que vendo o capitão mór Miguel de Sousa, e considerando a muita copia de gente

[1] contradores — A.
[2] Gomes Polla, reconhecendo-a bem — A.
[3] metteram — A. e C.
[4] a Malaca em dez — A.

que estava e entrava de novo em Malaca, e os poucos mantimentos que havia n'ella, conforme os muitos que havia mister, ordenou uma armada de remo para os ir buscar aos estreitos. Nomeou por capitão mór d'ella Diogo de Mendonça Furtado, seu almirante, que trazia provisão para na volta que fizesse da China ficar em Malaca por capitão geral, em logar de Manuel Mascarenhas Homem, assignando-lhe a armada que na terra havia: quatro galeotas de coberta, um çalamute, dois bateis dos galeões, e seis [1] bantins. Os capitães das galeotas foram o capitão mór Diogo de Mendonça, Fernão da Costa, Antonio de Andria, Diogo de Sousa Pimentel; dos bateis Roque Falcão, Manuel Matoso; do calamute não nos chegou o nome; dos bantins o capitão mór d'elles André de Gouveia, e dos mais Hieronymo de Mendonça, Antonio Cardoso, Francisco de Caceres de Azevedo, e Manuel Coelho de Ilher, Manuel de Allemão. Com esta armada partiu Diogo de Mendonça em 8 de septembro seguinte, e se foi, conforme se lhe ordenava no regimento, na volta do estreito do Sabão e d'alli a Linguá, onde esperou os juncos que iam para os reinos de Pão [2] e Jor, que encontrou muitos, e tomando-lhe os necodás, que são como capitães, por refens, mandou a Malaca passante de cento, os quaes todos vieram e se juntaram tantos como nunca se acorda verem-se na dita fortaleza; d'onde procedeu serem os mantimentos e fazendas em tanta copia, que valendo d'antes ordinariamente dez gantas de arroz um cruzado, chegaram então a dar sessenta, com o que trouxeram de veniaga para Cochim; e as drogas, diziam os velhos e antigos, havia muitos annos que com tanta abundancia se não tinham visto, com que os direitos da alfandega cresceram em [3] grã quantidade.

Depois de o capitão mór fazer esta diligencia, seguindo seu regimento, que lhe ordenava fosse ás Orelhas de Lebre, e passasse a outro mar por fóra de Bintão e fosse ao reino de Pão, onde soubesse o estado do reino de Patane, com quem estavamos de guerra, e lhe fizesse toda a que pudesse; o que cumprindo inteiramente Diogo de Mendonça chegou ao reino de Pão, e achou n'elle o rei de Jor com toda a sua armada; e postoque este rei estava de paz com a fortaleza de Malaca, comtudo, vendo

[1] banquins — A. e C.
[2] e Jorque encontrou — A.
[3] grande — A.

a nossa armada [1] receou-se pelejassemos com elle, e assi se metteu do rio para dentro. O capitão mór não mostrou entendel-o, nem signal algum de desconfiança, antes lhe fez offerecimentos; e se levou de dia, começando a fazer seu caminho para Malaca, e tanto que foi noite voltou sobre o caminho de Patane, e foi-se pôr nas ilhas de Pulo Reydão, que são oito leguas de Patane, [2] paragem que os juncos que partem d'este porto vem buscar, e como elle estará uma legua d'ellas tudo vem cahir na mão aos que alli estiverem; por onde no mez de outubro, que alli esteve a armada, tomou oito juncos carregados de differentes fazendas, como louça, benjoim, alguma seda e outras fazendas da China, e muito arroz. D'estes oito juncos quatro se tomaram sem gente, porque se acolheram para terra nos seus bateis, que sempre trazem fóra amarrados pela popa. E sabendo Diogo de Mendonça, pelos captivos que tomou nos outros quatro, não haver mais juncos, se veiu para o reino de Pão a resgatal-os e desfazer-se dos juncos, por ser cousa que dava grande trabalho trazerem-se para Malaca, por quanto se navegava para ella do estreito de Sincapur com ventos contrarios. E assi, chegando á dita fortaleza a 20 de novembro acharam n'ella a Manuel Mascarenhas Homem com titulo de capitão geral do mar e terra do Sul, e a Miguel de Sousa, que com o restante dos soldados, e mais gente de serviço que trazia nos galeões, se não havia [3] occupado em mais que em fortificar a cidade, acarretando os soldados ás costas tudo o necessario, com particular zelo com que fazia a todos empregarem-se tambem da mesma sorte. Vendo Miguel de Sousa o trabalho que lhe tinha custado sustentar aquella gente, e o desgosto com que via a Diogo de Mendonça, por se não vêr com a esperança de ficar por capitão geral do Sul, que já tinha trazido, tendo acrescentado os merecimentos d'esta jornada, de tanto [4] fruito e trabalho, fez conselho e se assentou n'elle que dos cinco galeões, que alli estavam, mandasse dois para Goa, dando guarda á nau das drogas e mais embarcações que n'esta monção estavam para partir; em cujo cumprimento se negociou Diogo de Mendonça por capitão mór e Francisco Ferreira d'Eça por seu almirante,

[1] receou pelejassemos — A.
[2] paragem em que — A. e C.
[3] occupado mais — A.
[4] fructo — A.

e partiram de Malaca a dez de dezembro do dito anno de 610, vindo tambem n'uma urca de dom Diogo Coutinho, capitão de Cochim, dom Nuno Soutomaior, que tinha vindo de embaixador de Japão, [1] onde, com os japões serem de [2] animo mui grandiosos, este fidalgo se houve de sorte que os deixou espantados da grandeza do seu, e do que mais representava de toda a nação portugueza. Vinha tambem n'esta companhia uma galeota de gavias, do mesmo capitão de Cochim, que tinha ido a Maluco fazer resgate de cravo de que vinha carregada, e com ir armada de soldados para qualquer occasião, forão excessivos os interesses que trouxe, porque debaixo dos grandes riscos d'esta jornada ha inda hoje n'ella maiores proveitos, e com não menos serviço de sua Magestade, pelos provimentos que levam á sua fortaleza, e outras muitas commodidades que d'este commercio resultam. Com estas embarcações chegou Diogo de Mendonça a Ceilão, e deixou n'elle cem soldados para acompanharem a dom Hieronymo de Azevedo, que ainda então era geral da ilha, na jornada que estava para fazer a Candia; e d'alli se partiu para Goa, onde chegou a 4 de março de 611, e logo o mandou aprestar o visorei Ruy Lourenço, com os mesmos dois galeões e uma nau para irem a Chaul, onde estavam duas ingrezas, querendo o mesmo visorei embarcar-se, e levar por seu almirante a Nuno da Cunha; porém, vindo [3] novas como as naus iam para Surrate, se desfez a jornada, e nomeou para a [4] barra a Nuno da Cunha por capitão com os ditos galeões, onde estiveram por todo o março, e sabendo como os ingrezes eram idos se acabou a assistencia, e tractou o visorei de mandar ao Sul almirante que fosse com a armada de Miguel de Sousa, e juntamente dando guarda ás naus das droguas do capitão de Malaca, e mais embarcações que para lá partiam n'esta monção de abril de 611. E para isso elegeu a Pero Rodrigues Botelho, soldado e capitão antigo, de quem se tinha geralmente muita confiança; o qual com um galeão partiu no fim de abril de 611, com mais quatro naus de mercadores, a que ia dando guarda. E vindo novas, antes de partir vinte ou trinta dias, como na costa de Malauar estavam tres naus

[1] onde os japões — C.
[2] animos — C.
[3] novas que as naus — A.
[4] barra Nuno — C.

ingrezas, julgando-se que estariam esperando esta frota, mandou o visorei meter a artelharia em duas naus de particulares, n'uma em que ia Gaspar Affonso de Mello servir de capitão da fortaleza de Malaca, e n'outra João Pinto de Moraes por veador da fazenda d'ella, para irem eguaes aos inimigos; mas não os encontraram, e assi foram seguindo sua viagem até chegar a Malaca, onde achou Pero Rodrigues ordem do mesmo visorei Ruy Lourenço, conforme tambem levava por seu regimento, mandado depois de sua partida, *que* fosse á China ajuntar-se com o seu capitão geral Miguel de Sousa, e avisando-o de uma esquadra de naus hollandezas que vinham para o Sul; por onde mandava estarem apercebidos em Malaca e na China, sobre quem se podia receiar trouxessem intento. Pero Rodrigues foi passando de Malaca á China, dando guarda a algumas embarcações que para lá iam, onde chegou sem contraste na propria monção, e achou a Miguel de Sousa com os tres galeões, que tambem haviam partido n'ella mais cedo de Malaca, e chegado pelo conseguinte sem cousa que lhe fizesse impedimento.

CAPITULO XXIII.

DA ARMADA QUE O VISOREI RUY LOURENÇO MANDOU A MALACA COM DIOGO DE MENDONÇA FURTADO, EM SEPTEMBRO DE 612, E DO SUCCESSO D'ELLA.

Porque nos não fique no meio, para enfiarmos as armadas de Miguel de Sousa e João Caiado, esta de Diogo de Mendonça Furtado, tive por necessario dar razão d'ellas. Sua Magestade avisou a este Estado o anno atrazado de 611 por duas caravelas, onde vinham por capitães André Coelho e Antonio de Abreu, como em Hollanda se apparelhavam muitas naus para virem sobre Malaca e China, e o mesmo aviso [1] mandou tambem por terra para que se apparelhassem todas as cidades e fortalezas do Sul, e estivessem esperando pela vinda d'estes inimigos. Chegadas as duas caravelas a este Estado, as despediu ambas em varios tempos, no mesmo anno, o visorei Ruy Lourenço para Malaca e China com o dito

[1] mandou por terra — A.

aviso, e em septembro seguinte de 612 despediu a Diogo de Mendonça Furtado com oito galeotas de soccorro a Malaca, de que eram capitães João de Andrade Caminha, Diogo de Mendonça da Silva, Christovam de Brito de Vasconcellos, Miguel Ferrão de Navaes, Constantino [1] de Sá, Matheus da Fonseca, João de Siqueira, Luiz Serrão, onde foi só embarcado fidalgo, dom Francisco de Castello Branco. Indo esta armada o primeiro de outubro do dito anno de 612 fazendo seu caminho da barra de Goa com a monção tendente, que é d'este tempo, no golfam de Ceilão lhe deu um temporal com que as mais das galeotas se apartaram e derrotaram, mas indo todos a Pulobotum, que era a paragem do regimento, [2] os que chegaram primeiro se foram sem esperar o seu capitão mór, e só ficaram esperando por elle tres galeotas, de Christovam de Brito de Vasconcellos, Diogo de Mendonça da Silva, Constantino de Sá de Miranda, os quaes, ajuntando-se com elle, viram o dia que se aviam de partir uma soma de jaos, que, contra as ordens da fortaleza de Malaca tractava com o reino de Quedar nosso inimigo e juntamente navegava do cabo Rachado para o Norte; porque tambem era perdida. Por onde o capitão mór, pôsto em armas com mais os tres navios referidos se foram para ella, que os recebeu na mesma fórma, e ainda chamando-os que subissem acima, tirando-lhe com muitas roqueiras, e berços, e frechas de peçonha. Sem embargo de que, o capitão mór lhe poz á proa, dois navios de uma banda e dois da outra; mas como na soma havia septenta jaos, que já estavam como amoucos e desesperados, brigaram valentemente, e lhe defenderam a entrada por algum espaço, onde mataram quatro soldados e feriram dez, mas esta resistencia não serviu de mais que de [3] espertar o esforço dos portuguezes, com que apezar d'ella a renderam á espada, e os que ficaram vivos mandou tambem matar o capitão mór, pelo desgosto dos soldados que lhe mataram e feriram, havendo-se todos os quatro navios com egual valor n'esta briga, que todo lhe foi necessario para os jaos desenganados a morrer. Rendida a soma, sem ficar n'ella jao com vida, se partiu o capitão mór d'alli a 25 de outubro, e indo correndo a costa com o vento de monção chegou á barra de Perá, onde querendo entrar não

[1] d'Eça — A. Deve lêr-se — de Sá.
[2] os quaes chegaram primeiros — C.
[3] esperar — A.

teve quem lhe mostrasse o canal, e assim, por não arriscar os navios a algum desastre, foi seguindo seu caminho para Malaca, onde chegou [1] ao primeiro de novembro, e em lançando ferro veiu á sua galeota o capitão geral Manuel Mascarenhas Homem, e lhe pediu, (porque mandar não podia, por vir com provisão em que o isentava com aquella armada da sujeição de ninguem, para com ella fazer o que mais conviesse ao serviço de sua Magestade), [2] que pois vinha soccorrer aquella cidade, [3] e a achava sem aperto nem cerco, quizesse ir ao reino de Pão, a trazer uns principes de Burno que lá estavam, que os trazia André Toscano, obrigados só da curiosidade de vêr Malaca, pelo nome que André Furtado tinha ganhado n'ella. E eram como pessoas que andavam vendo cousas grandes, e lhes parecia que com verem Malaca tinham visto todo o mundo, conforme as guerras e façanhas que ouviam se obravam n'ella continuamente; e assi dizia André Toscano que esta [4] viagem faziam estes principes como uma grande romagem. Diogo de Mendonça, postoque vinha com a isenção do mandado do capitão geral, comtudo, não era para deixar de fazer tudo o que lhe mostrasse era serviço de sua Magestade, e assi logo em 3 de novembro partiu para o estreito para passar a Pão, postoque n'aquelle tempo era ir contra monção, com que lhes foi forçado passarem ao estreito ás varas, e sahindo a romania foram sempre com tormentas de ventos pela proa, que a qualquer outro animo, que não fôra o de Diogo de Mendonça, fizeram tornar atraz; porém como o seu não trazia mais diante que servir a sua Magestade, por cima de quantos inconvenientes se podiam vencer, não recusava trabalho para o poder fazer, e assim chegando a Pão, e convidando aos principes a fazerem jornada, duvidaram elles sahir a barra, por verem o tempo tal que cada hora lhes parecia comia as galeotas, e o mesmo capitão mór se metteu n'um balão e lhe foi dar toa, para os tirar do rio para fóra e com isso os obrigar a se virem. E assi, em os tirando para fóra e pondo em caminho da viagem, elle deu á vela e se foi para o estreito, a esperar as cousas da China e Manilha. N'elle achou um bantim com aviso que lhe

[1] o primeiro — A.
[2] e que — A. e C.
[3] e achava — C.
[4] jornada — A.

mandava o capitão geral [1] Manuel Mascarenhas, como no reino de Perá estavam tres naus de Busarate muito ricas, e tinham feito tres mil bares de calaim, no que recebiam as alfandegas de sua Magestade grande perda, e não menos seus vassallos, em lhe tirarem os ganhos e direitos de toda aquella fazenda; por onde visse quanto convinha vir logo sem mais dilação a demandar estas naus. Diogo de Mendonça em recebendo as cartas que continham o referido, sem mais dilação, deixando n'aquella paragem tres navios para recolherem *os* que viss*em* da China e Manilha, que eram o de João de Andrade Rego, Miguel Ferraz, e Diogo de Mendonça da Silva por cabo d'elles, e que *os* trouxess*em* a Malaca, e d'ahi se fossem a Perá, se veiu com outros tres, o seu com o de Christovam de Brito de Vasconcellos e [2] Constantino de Sá de Miranda, e chegando a Malaca, vendo-se logo com o geral, se concertaram e negociaram o melhor que puderam para a empreza, ajuntando uma armada, entre galeotas de chalins e bantins e mais embarcações, [3] sufficiente para qualquer occasião, porque constava de septe galeotas, um calamute, um sanguicel, cinco bantins, uma [4] jaliá. O geral Manuel Mascarenhas ia no calamute, Diogo de Mendonça Furtado, capitão mór, na sua galeota de remo, Christovam de Brito, Constantino de Sá de Miranda, Francisco da Fonseca nas suas galeotas de remo, [5] Manuel Gomes Rojas, Sebastião Alvares Barreto, Francisco de Carvalho, cada um em sua galeota de gavias, Antonio Dandria por capitão mór dos bantins, e nos outros quatro João Dandria seu filho, Manuel de Loureiro, Paulo de Cananor, Manuel de Allemão; na [6] jaliá se não alcançou o nome do capitão. Dia de natal, tendo ouvido missa, deram a vela, e chegaram a Perá a 2 de janeiro de 613, e por espia souberam que as naus estavam tomando carga. Foram pelo rio acima até o Betango, onde as tres naus estavam com roqueiras e cabos em terra, e artelharia toda a uma banda, e só ao longo d'ellas era o canal, e por força se havia de tomar, uma e uma, porque o

[1] Manuel Mascarenhas Homem — A.
[2] Constantino d'Essa de Miranda — A.
[3] sufficientes — A. e C.
[4] galia — C.
[5] Manuel Gomes Roxas — A.
[6] galia — C.

canal não era capaz de poderem ir por elle mais que dois navios, sendo tão estreito que se chegavam mais a terra embaraçavam-se com as arvores. Mas, sem mais conselho nem [1] detença, o capitão mór pôz a proa na primeira pela popa, e no capitão mór a pôz Christovam de Brito, e lhe lançou toda a sua gente dentro. Pela proa do capitão mór entraram alguns soldados seus na nau, e do navio de Constantino de Sá, que [2] atracou pela outra banda. Os negros se defenderam com muito esforço por grande espaço. N'esta entrada se aventejaram alguns soldados, como Luiz da Maia, [3] Miguel Ferrão de Castello Branco, Hieronymo de Mendonça, e outros que entraram atraz d'estes, cousa de vinte homens; porém os negros, vendo-se atracados e entrados, usando da desesperação que costumam os d'estas partes, foram pôr fogo na polvora, e como por ella iam entrando na outra foi [4] causa de custar muita gente, porque além da que morreu no incendio a mais cahiu ao rio mui maltractada, onde correram o mesmo perigo de agua e fogo. A segunda não custou tanto, porque se acolheram os negros logo. A terceira ficava acima um pedaço, e como a gente estava alguma do fogo mui maltractada, e outra cansada de pelejar, e em saquear o calaim, que é cousa de muito [5] peso, e veiu a noite de permeio, tractou-se por então somente de curar os feridos, para pela manhã se tomar a outra; porém ella se deu pela noite a tanta pressa que se foi pelo rio acima até se pôr debaixo da fortaleza da cidade dos malaios, *o que* d'aqui os nossos navios não puderam fazer, por mais diligencias e traças que buscou o capitão geral Manuel Mascarenhas, e assi se ficou perdendo esta nau pela confiança com que se fazia já conta d'ella. E desenganando-se de quão pouco montavam todas, repartindo o calaim da nau queimada pelas [6] galeotas, só com uma nau se vieram para Malaca, trazendo trinta e duas peças de artelharia, entre grandes e pequenas, que lhe tomaram, e cinco bantins de calaim, afóra o que estava na nau. A todo o soldado deram quartel, e dez bares de calaim aos ca-

[1] detença, pôz o capitão mór a proa — A.
[2] atrassou — C.
[3] Mignel Ferrao Castello Branco — A.
[4] cousa — C.
[5] preço — A.
[6] galeotas e só com uma — C.

pitães. Chegaram a Malaca, onde logo se fez prestes o capitão mór Diogo de Mendonça, como levava por regimento, para se partir para Goa, como fez, com algumas galeotas de gavias, de mercadores, com que partiu a 1 de fevereiro de 613, e tomando Ceilão fez pouca detença, e se veiu seguindo sua viagem. Chegando ao cabo de Comorim achou Jorge de Castilho, que com a armada que tinha a seu çargo veiu acompanhando, cada um com seu farol, por assi o ordenar o visorei dom Hieronymo de Azevedo, vindo tambem em sua companhia uma caravela da China, de Antonio de Abreu, que lá passou com o aviso que sua Magestade mandou, que tinha vindo do estreito com Diogo de Mendonça da Silva, e todos a salvamento chegaram a Goa a 8 de maio de 613.

CAPITULO XXIV.

DA ARMADA DE GALEÕES QUE MANDOU O VISOREI Á CHINA N'ESTE MAIO DE 615 A CARGO DE JOÃO CAIADO DE GAMBOA, CAPITÃO MÓR D'ELLA; E DO QUE LHE SUCCEDEU.

Chegado que foi á China Pero Rodrigues Botelho com o seu galeão, e juntamente as novas que o visorei dom Hieronymo lhe enviou, do aviso que teve de sua Magestade, da esquadra de naus hollandezas que passavam a estas partes, particularmente para as do Sul; considerando os moradores da cidade de Macau o estado em que estavam, abertos, sem cerca, muro, nem tranqueira que os pudessem defender, e pelo conseguinte faltos de artelharia e todos os mais petrechos de guerra, e vendo tambem a pouca confiança que nos chinas podiam ter para os ajudarem contra os hollandezes, fizeram conselho com Miguel de Sousa Pimentel, mostrando como tambem [1] por via do Japão confirmavam as novas que tiveram *pelo* aviso de sua Magestade, e assim que sendo aquella cidade e o tracto d'ella de tanta importancia, não devia elle Miguel de Sousa de a largar e desamparar em similhante perigo, porque depois de se vêr baralhada com o inimigo não havia logar de [2] pedir nem buscar soccorro a parte alguma;

[1] por via de Japão — C.
[2] pedir e buscar — A.

por onde, por todas as vias e razões estava obrigado a se não vir n'esta monção para Goa, senão ficar invernando em Macau até vêr onde arrebentavam estes inimigos. Não era Miguel de Sousa dos fidalgos que se faziam muito de rogar para o que entendesse ser serviço de sua Magestade, e como lhe pareceram estas razões forçosas, veiu com muita facilidade em todas, e conheceu estava obrigado a não desamparar a terra; por onde ficou invernando n'ella com a sua armada de quatro galeões, e avisando d'isto ao visorei, pela caravela que atraz dissemos veiu da China em companhia de Diogo de Mendonça, e por capitão d'ella Antonio de Abreu. E recebendo o visorei dom Hieronymo as cartas, considerando o muito cabedal que estava na China, de todo este Estado, e que se as naus dos hollandezes que dizi*am* vinham estavam já n'elle, em qualquer parte onde esperassem a frota da China, quatro galeões era mui pouca armada para lhe poder resistir, mandou aprestar outros tres, nomeando a João Caiado de Gamboa por capitão mór d'elles, fidalgo de conhecido valor, e a João Rodrigues Camello por seu almirante, capitão de outro, e a Belchior Pita de Vasconcellos por capitão de outro. O galeão de João Rodrigues se mandou a Cochim concertar, carregar e prover de soldados, e os dois se ficaram negoceando em Goa com a brevidade possivel, até que [1] estando já de todo prestes, partiram da barra d'ella a 2 de maio de 613, para irem a Cochim e levarem em companhia o outro galeão. E assi chegando a elle, estando já o galeão prestes, sahiu e se foi com os mais a 13 d'este mez de maio com muitas embarcações de mercadores em sua companhia. No abril passado tinha mandado o visorei uma caravela no cedo, diante, para passar a Manilha e China com cartas de sua Magestade, de que foi por capitão André Coelho, onde foi só embarcado Pero Sanches da Fonseca fidalgo, com avisos e cartas de sua Magestade.

Deu o visorei a João Caiado um largo regimento de como se havia de haver na navegação, para não poder ficar por fóra da dita ilha de Samatra, como aconteceu a Miguel de Sousa, porque poderia ser causa de não ter tempo para passar na mesma monção á China; encarregando-lhe a pouca detença que [2] devia fazer por todas as partes, nem ainda para ir

[1] já estando — A.
[2] podia fazer — A.

seguindo naus inimigas, quando não fosse ir juntamente fazendo caminho de sua viagem; mostrando-lhe o modo com que devia levar sua armada bem governada, e os soldados quietos, evitando com todo o rigor qualquer genero de vicio, não só em o seu, mas em os mais galeões; para ajuda do que fizesse haver prégações e praticas espirituaes pelos padres que iam n'elles, obrigando-os [1] a confessarem muito a miude, porque só por este meio se poderia obrigar a Deus a lhes dar bom successo na armada, e os soldados d'ella ficariam valentes e sem temor, por quão certo isto seja em os que com a consciencia pura e desencarregada se empregam em defender a fé e destruir seus inimigos.

E porque não houvesse occasião de differença alguma entre elle e João Caiado, e Miguel de Sousa, sobre as preeminencias e jurisdicções dos logares, lhes deu a cada um regimento particular de como n'isto se deviam haver, separando a cada qual a jurisdicção de sua armada, em que só mandasse, assi na China como no caminho [2] da viagem, onde trariam ambos suas bandeiras e forocs, e vindo na dianteira, e os dois almirantes na retaguarda, tambem com suas insignias; [3] ordenando-lhes se tractassem um ao outro, e os subditos ao capitão mór a quem não estivessem sujeitos, com toda a cortezia, particularisando mui bem n'este ponto todas as circunstancias que podiam causar duvida, conhecendo quão ordinario é entre os portuguezes tomarem motivo de similhantes materias para grandes discordias, d'onde se occasionam muitos desastres. Partida esta armada de Cochim, foi seguindo sua viagem com prospero tempo até chegar a Malaca em trinta e cinco dias, sem no caminho lhe succeder cousa que peça particular menção. Alli acharam uma embarcação de cravo, que o governador de Manilha, dom João da Silva, mandava para despeza do soccorro que pedia da armada de alto bordo, para que junta com a sua fizessem guerra aos ingrezes e hollandezes, e os lançassem do Sul, como sua Magestade ordenava. Manuel Mascarenhas Homem, capitão geral do mar e terra de Malaca e [4] partes do Sul, por estas armadas irem isentas de sua jurisdicção fez requerimento ao capitão mór João

[1] a confessar muito a meudo — A.
[2] de viagem — C.
[3] ordenando se tractassem um ao outro dos subditos ao capitão mór — A.
[4] parte — A.

Caiado para se ir ajuntar com o governador dom João da Silva, pelo muito effeito de que podia ser este soccorro para os intentos que o [1] levavam, pois não ia elle João Caiado a soccorrer nenhuma fortaleza, nem armada, que estivesse de cerco, mais que para poder segurar as embarcações de tracto, que melhor se podia fazer com ajuntar as armadas d'este Estado ás de Manilha, para afugentar e destruir de todo o inimigo de [2] quem se pretendiam segurar. Conheceu mui bem João Caiado a força d'estas razões, e os proveitos que se podiam esperar d'elle se deixar levar [3] d'ellas e fazer o que Manuel Mascarenhas lhe requeria; porém como ia por mandado do visorei, lhe respondeu que mostrando-lhe alguma ordem de sua Magestade ou do visorei, porque derogasse as suas e regimento que levava, estava prestes para a cumprir. E assim, não lha mostrando, foi elle seguindo sua viagem para a China, e perdendo-se uma das grandes occasiões que teve este Estado para poder prevalecer contra ingrezes e hollandezes, em se não [4] juntar esta armada com a do governador dom João da Silva. Onde a deixaremos ir fazendo sua viagem para a China, que tem bem de que dar relação, para a podermos fazer do que n'este tempo por outras partes aconteceu.

CAPITULO XXV.

DO QUE N'ESTE INVERNO DE 613 SUCCEDEU EM CHAUL E BAÇAIM, NAS GUERRAS DO MELIQUE.

Deixámos as cidades e fortalezas de Chaul e Baçaim mui bem provídas de gente, com a que lhe mandou o visorei dom Hieronymo, por Nuno da Cunha, com provimento de tudo o mais necessario para a continuação d'esta guerra. Em Chaul andavam os portuguezes tão enflascados n'ella, que sahiam ao campo mais por gosto que por necessidade, em tanto que

[1] levava — A.

[2] de quem é que se podiam segurar — A.; de quem é que se pretendiam segurar — C.

[3] d'elles — A.

[4] ajuntar — A.

se faltavam os mouros alguns dias n'elle já n'um certo [1] modo o sentiam, desejando de se [2] verem em continua refrega com elles, pela victoria que ordinariamente alcançavam; porque é tão grande o gosto d'ella, particularmente aos que tem esperança de lhes não custar mui cara, e pelejam pela razão, e com confiança de que perdendo a vida a ficam ganhando para sempre, que com andar a morte, feridas e aleijões, tão ordinaria junto dos mesmos victoriosos, não ha quem deixe de procurar de o ser, não reparando no custo e preço porque se alcança. Todo o modo e invenção porque dom Manuel de Azevedo se havia n'estas guerras, e tinha sempre bom successo n'ellas, era de ciladas, com que os inimigos andavam á sua custa tão acautelados que raramente quando os nossos se retiravam os vinham elles seguindo, receando-se já de todas as partes; o que não obstante muitas vezes ficavam enganados do mesmo em que se queriam prevenir, porque a industria do capitão mór [3] era mui singular para isto, não sendo menos o damno que lhe mandava fazer pelos rios, onde o capitão mór d'elles, Antonio Serrão, com seis manchuas os trazia tão açoutados que por todas as terras circumvisinhas havia já mui poucos habitadores, por lhe ter morto ou captivo os mais d'elles, trazendo da mesma sorte não pequena copia de gado, que foi particular soccorro para a sustentação do presidio e todo o povo da cidade, porque chegaram com estas guerras a tanta fome e necessidade que se dava no hospital aos doentes e feridos bufara por mantimento, carne tão calida que aos sãos que a comem faz muito abalo. E um dia d'este inverno succedeu virem obra de mil e quinhentos mouros emboscar-se n'uns mattos, que estavam ao pé da fortaleza do Morro, que os portuguezes alli deixavam crescer para uma necessidade maior de lenha, e assi são mui espessos e crescidos, de moutas e arvoredos. Abrindo-se pela manhã a porta da fortaleza do Morro, e mandando os nossos á cidade, como acostumavam, a buscar o necessario, estiveram os da porta em vigia notando que tardavam muito os moços a ir passar no balão, e fazendo-o saber ao capitão da fortaleza Francisco de Faria de Caldes, mandou alguns soldados a vêr de que procedia aquella tardança, os quaes, sahindo com suas es-

[1] modo os sentiam — A. e C.
[2] ver — A.
[3] era singular — A.

pingardas nas mãos, viram a grande quantidade de mouros, que despararam n'elles uma surriada de espingardaria com que feriram muitos, e os soldados, desparando tambem os seus mosquetes nos mouros, se foram bradando para á fortaleza que havia muitos mouros; e sahindo os portuguezes nas ameias dos muros, para os verem, foram tantas as espingardadas que tiraram a ellas, que ninguem mais ousou [1] assomar, e como alli a terra é muito a pique, não se podia fazer do muro tiro nenhum ao inimigo. Por onde mandou o capitão da fortaleza sahir a João Barbosa Calheiros com a sua estancia com boa ordem. Elle o fez, e como os mouros eram tantos, da primeira surriada que lhe deram lhe feriram septe ou oito soldados, e se lhe puderam tomar as costas alli acabaram todos, porém João Barbosa, como era soldado velho e acautelado, nunca deixou de as ter seguras na fortaleza, sem abrir logar nem modo para que os mouros lhas pudessem tomar, por mais que trabalharam e fizeram por isso, antes brigando sempre á sombra dos muros da fortaleza, e mandando os feridos a ella, os foi entretendo até sahir outra estancia em seu soccorro, e ambas começaram a brigar com os mouros, dando e recebendo espingardadas, e ficando sempre a estancia do capitão da fortaleza, por ordem que havia que nunca essa podia sahir fóra. Os da cidade de Chaul, como ouviram e viram a briga que ia no Morro, se metteram logo nas manchuas todos os que puderam, e vieram acudindo á [2] praia do Morro, vindo n'ellas o mesmo dom Manuel de Azevedo. No qual tempo sahiram tambem os mouros ao campo pela banda de Chaul, e tocaram n'elle a rebate, para que nos divertissem, com que não pudessemos acudir ao Morro, ou ao menos o fizessemos com menos poder; mas as manchuas nem por isso deixaram de remar com toda a força e pressa, as quaes em os mouros que estavam no Morro as divisando, se começaram a retirar ainda com maior pressa [3] da que elles traziam, com que teve logar a artelharia do Morro de os ir varejando, e elles de se acolherem mais escandalisados, de maneira que os que vinham a emboscar-se nos mattos, para d'elles poderem matar aos portuguezes, ficaram mortos nos proprios mattos por elles: que esta é muitas vezes à sorte

[1] somar — C.
[2] plaça — A.
[3] de que — A.

das cousas humanas, nos males que os homens se procuram fazer uns aos outros.

CAPITULO XXVI.

DO QUE FEZ NUNO DA CUNHA EM BAÇAIM PELO DESCURSO D'ESTE INVERNO.

O inimigo em Baçaim, tanto que soube da chegada de Nuno da Cunha, reformou o seu arraial que tinha assentado em Virar, aldeia de dom Francisco de Meneses, uma legua e meia da cidade, e veiu logo dar mostras d'elle, pondo-se pela praia de nossa Senhora [1] dos Remedios; sendo muito para notar que em toda a guerra que houve n'esta cidade com estes inimigos, estando n'esta egreja um presidio de soldados, d'onde sahiram muitas vezes quando eram necessarios e d'ella feriam e espingardeavam os inimigos, nunca os mouros tiraram aos portuguezes d'esta egreja uma só espingardada, pelo respeito que lhe tinham, e os muitos milagres que d'ella ouviam, a que muitas vezes vinham até os mesmos gentios a offerecer azeite e pedir o remedio de suas necessidades, em tanto que já não passavam [2] perto d'onde o presidio, que aqui estava, lhe pudesse tirar, nem fazer damno, pois elles lho não haviam de fazer.

Por esta praia se vieram os mouros mostrar, por ser parte em que a sua gente de cavallo podia escaramuçar, ainda quando houvesse chuvas. O capitão geral os sahiu a receber, pondo-se com elles a tiro de mosquete, e nunca mais distancia de um de peça da nossa fortaleza, para nos ajudarmos d'ella; onde não houve por esta vez recontro, porém, com não sahirem os portuguezes ao campo senão quando vinham os inimigos, muitas vezes sahiam duas e tres no diá, e tambem algumas cada quatro e cinco dias uma vez, e tambem cada oito, em o que se passou a maior parte do inverno, sem haver rompimento de poder a poder, nem se pôz em effeito nenhuma das cousas que o visorei apontava em seu regimento, do modo com que se devia guerrear ao inimigo; porque como ordenou ao capitão geral não obrasse nada sem o conselho das pessoas que já te-

[1] do Remedio — C.
[2] parte — C.; porte — A.

mos referido, nunca lhes pareceu que se tractasse mais que de conservar a cidade e ilha de Salsete, porque o inimigo tinha o numero referido de oito mil homens, gente destra e esforçada, em que entravam tres ou quatro mil de cavallo, e os nossos seriam até mil e quinhentos soldados, e os mais casados, onde [1] tinham trinta de cavallo, de que era capitão dom Francisco de Meneses. E assi todas as vezes que sahiam os portuguezes ao campo sempre de cada uma vinham mortos septe ou oito, e vinte até vinte cinco feridos, e por todo o inverno matariam quarenta portuguezes, entre os quaes foi um Fernão de Sousa, fidalgo, com uma bomba de fogo de que logo ficou no campo morto, e depois Francisco Pereira Pinto, sendo tambem os que se mataram aos mouros de muito maior contia, conforme as [2] rolações que d'isso houve, e como se devia conjecturar, por terem mais em que se empregassem os pelouros que os portuguezes tiravam com mais destreza. Além d'este numero tinhamos o presidio referido em nossa Senhora dos Remedios, de cincoenta homens, e outro na Madre de Deus, de outros tantos, e outro similhante nas casas de Marcos Rodrigues, d'onde poucas vezes brigavam com os inimigos.

Na entrada de agosto se deliberou o capitão gèral Nuno da Cunha a ir queimar a cidade de Galiana, pelo rio acima, a mais perto que tem os mouros de nossas terras. Foi com muitas embarcações de remo da armada que andava nos rios, e outras manchuas, onde chegou de madrugada, e commettendo dois baluartes que estavam á borda do rio houve no primeiro pouca resistencia, porque logo o desampararam os mouros, e os portuguezes o tomaram, com alguma artelharia miuda que tinha, que logo recolhemos aos navios. No segundo houve muita resistencia, por acudirem muitos mouros de cavallo, que o defenderam, e procuraram com grande esforço lançar e matar aos portuguezes; mas por fim muitos dos mouros ficaram estirados no campo, e os mais fizeram os nossos retirar á pura força de braço; com que o baluarte foi entrado, e mortos os que n'elle estavam, em o que se mostrou Lopo Sarmento de Carvalho e os seus soldados com muito valor, sendo atropellado dos cavallos e ferido de tres feridas; e nas mais das sahidas ao campo foi por capitão mór da dianteira, onde o fez mui bem.

[1] tinha — A.
[2] relações — A.

Depois do baluarte entrado, só com morte de um soldado e de muitos inimigos, foram os portuguezes caminhando para a cidade, e no caminho, que seria distancia de tiro de um falcão, deu uma chuva tão grande que os obrigou a se tornarem a recolher ás embarcações, e vieram para Baçaim, onde se foram continuando as guerras nas sahidas ao campo com muitas escaramuças e recontros das dianteiras, onde se baralhavam muitos, e se pelejava mui travada e esforçadamente de parte a parte; mas em batalha de [1] total rompimento nunca, sendo que as mais das vezes os mouros eram os que viravam, a que os portuguezes iam seguindo, mas não que ficassem desmanchados e fóra do soccorro dos seus. Dia de Todos os Santos, tempo em que os rebates não eram já tão continuos, comtudo, metteu o inimigo n'este dia todo o seu cabedal, por vêr se nos podia levar; e assi veiu pela varzea, por onde nunca tinha vindo, cuidando estaria já sêcca de agua e lamaceira que tinha, para se poder ajudar de sua cavallarja, e estando o poder á vista um de outro, vieram dizer ao nosso capitão geral acudisse á praia, porque eram chegados muitos parós que desembarcavam com grã pressa. Voz que foi lançada pelo inimigo para que nos divertisse, e apartasse aquelle poder; porque sahindo-se o capitão para acudir á praia com alguma gente, deixando a Antonio Pinto da Fonseca em seu logar, sem mais dilação os mouros á rédea solta commetteram os nossos de cavallo que estavam na dianteira, fazendo-os retrahir algum tanto, até os cavallos dos inimigos atolarem na lamaceira da varzea, com que os nossos tiveram acordo de voltar sobre elles, e os puzeram em fugida, matando-lhe alguma gente e tomando-lhe os cavallos. E n'esta occasião se aventejaram muitos soldados, particularmente Balthazar Mendes Vasques, natural da cidade de Evora, que com mais dois, chamados Diogo Quaresma e Francisco Tavares, quizeram suster o impeto dos inimigos, que carregaram todos sobre elles, de sorte que a Diogo Quaresma mataram logo, e a Francisco Tavares derrubaram com uma cutilada na cabeça, [2] e o Balthazar Mendes, que levava o guião de Lopo Sarmento, tirando d'elle uma lança onde o levava, o embrulhou no braço, e enristou a lança contra os inimigos, que como eram muitos o atropellaram e derrubaram, onde lhe deram quatorze feridas estando debruçado

[1] tal — A. e C.
[2] e a — C.

sobre o guião, sem nunca lho tirarem; até que tornando os portuguezes se ergueu elle com grande animo, e lançando mão á espada foi correndo traz os mouros, todo banhado em seu proprio sangue, que era uma formosa vista; achando-se tambem n'esta occasião, como em todas as mais, um mouro por nome Baly, morador em Baçaim, servindo n'esta guerra contra os seus proprios, a cavallo, com muito esforço.

CAPITULO XXVII.

DO QUE HAVIA SUCCEDIDO NA FORTALEZA DE MOMBAÇA, E FOI SUCCEDENDO PELO DESCURSO DO TEMPO, ATÉ ESTA ERA DE 613.

Entrando por capitão da fortaleza de Mombaça Manuel de Mello Pereira, em março de 610 visitando o sultão [1] Azan rei de Mombaça, irmão em armas com sua Magestade, como é costume nas entradas do capitão, logo que os mouros de Melinde fallaram com elle, e lhe conheceram sitio para fazerem seu [2] negocio, entraram com o capitão, dizendo que o capitão Pedro Alvares de Abreu obrigára ao dito rei a lhe dar quinhentos fardos de mantimentos; que o mesmo devia elle fazer. O que mandando o capitão communicar ao rei, se escusou elle, dizendo que tal força se lhe não fizera nunca, mas que, por escusar differenças, daria tresentos fardos; o que não quiz acceitar o capitão, antes com esta linguagem, que os mouros mais lhe ratificavam, e não menos alguns portuguezes da terra, disse ao [3] rei o havia de obrigar a lhe dar os quinhentos fardos. Não deixou o rei de tornar de se escusar com muitas palavras, dizendo que colhia mui pouco mantimento, e que esse todo era para os muzungullos; por onde que lhe não podia dar a quantidade que aquelles mouros e portuguezes diziam. Ao que o capitão lhe disse que, além do que elle já dera, tinha aviso de sua Magestade em que mandava estivese aquella fortaleza mui bem provída, por vir uma esquadra de naus dos rebeldes de Hollanda para estas partes, e se não sabia para onde; mas

[1] Assan — A.
[2] negocio, dizendo — A.
[3] rei havia — C.

sem embargo d'isso estivesse aquella fortaleza, como todas as mais, mui bem provídas; por onde que estava elle rei obrigado a provel-a. Ao que tambem se escusou o rei por muitas vezes. Com o que ficou o capitão arruinado com elle, e assi lhe começou a fazer acintes d'esta sorte. Era costume mandar elrei uma embarcação a Brava buscar provimentos para sua casa, de manteigas, carneiros, e outras cousas necessarias para sua sustentação, pelas não haver em seu reino. Pediu cartas ao capitão e elle lho negou e não quiz dar, dizendo que era irmão de sua Magestade, que podia fazer a viagem livremente, e que elle hia para Paté e diria ao capitão da vigia o que fosse mais necessario. E ordenando o rei a embarcação a mandou a Paté, com carta ao capitão que lhe désse cartas. O capitão a despediu, e ella foi fazendo sua viagem para Brava, aonde achou o capitão da vigia dos turcos, que lhe tomou a embarcação com tudo o que n'elle levava, captivando-lhe alguma gente. Vindo novas ao rei d'este successo, mandou chamar Antonio da Cunha, feitor e alcaide mór, que era ao tal tempo, de Mombaça, e lhe fez queixa do capitão e da affronta que lhe fizeram, e o feitor procurou com razões applacar o rei para que se não odiasse de todo com o capitão, dizendo-lhe que fizesse queixa ao visorei, porque o proveria com justiça, porque na terra não tinha a quem recorresse para lha fazer. Com que o rei ficou mais brando, mas sempre mostrando-se mui sentido do que com elle usou o capitão. E as mostras que d'isto fez foram quando veiu o capitão de Paté não o foi vêr o rei á fortaleza; de que o capitão se queixava publicamente. Ao que o rei dizia que o não queria ir visitar, pois elle o affrontára publicamente; que para com os portuguezes não se lhe dava nada; que só o sentia por respeito dos reis visinhos, que todos lhe queriam mal, e assi que haviam de alegrar-se de o verem tractar d'esta sorte; que este era só o sentimento que tinha.

Correndo alguns dias não aquietava o animo, assi do capitão como de alguns mouros parentes do dito rei; e assi lhe foram armando, dizendo que o rei mandava vir muzungullos á ilha, e que não sabiam para que, e como os muzungullos quando vem á ilha he costume que o rei lhe ha de dar de comer e beber, e quando se vão a cada um seu panno, o rei ficava destruido, e attonito de os vêr tão a miudo; e perguntando-lhe quem os mandava vir elles não diziam mais senão que vinham por sua vontade. Continuavam em virem uns e irem outros, e o rei se via

pasmado, e mandando chamar ao dito feitor Antonio da Cunha lhe fez queixa da entrada d'estes cafres, perguntando-lhe se seria isto traça do capitão, ou dos mouros seus inimigos. Respondeu o feitor que do capitão entendia que não podia ser, que não sabia se o era dos mouros seus parentes. E fallando o feitor com um mouro thio do rei, que era cabeça do motim, como depois se viu claramente, pelejando de palavras com elle, e dizendo-lhe que havia de escrever ao senhor visorei quão prejudicial era n'aquella terra, [1] pois a andava amotinando, cessaram com estes ameaços de virem os cafres á ilha, e o rei ficou quieto.

Passou isto [2] da referida era de 610 até 611, em que chegando André Coelho do reino, em uma caravela com aviso a todas as fortalezas d'este Estado de se aprestarem em Hollanda muitas naus para passarem a elle, mandando sua Magestade estar todas as praças e fortalezas com a prevenção e vigia necessaria, com a qual occasião mandou o capitão chamar ao feitor, e o mandou com um recado ao rei, em que lhe manifestava a carta de sua Magestade que era necessario prover-se aquella fortaleza. A que o rei respondeu que o que fosse n'elle e estivesse em sua mão que o faria de focinhos, como leal vassallo de sua Magestade; mas nem com esta resposta se deu o capitão por satisfeito, dizendo que o rei era alevantado pois, não queria ir á fortaleza a seu chamado. Ao que o rei respondeu que alevantado não, antes muito obediente aos mandados de sua Magestade; que no que tocava ao presidio da fortaleza, de cafres, que se lhe pedia, que já tinha dado recado que tanto que ouvissem certo signal acudissem logo; e no que tocava ao mantimento, que elle tinha em sua casa cinco mil fardos de mantimento, que tanto que chegasse o inimigo á barra cada pessoa levaria um fardo, e assi que em breve metteria na fortaleza quanto mantimento quizesse o capitão; que antes de virem inimigos não queria [3] metter nenhum mantimento na fortaleza, para que o capitão lho não tomasse, pois tinha entendido d'elle a boa vontade que lhe tinha; mas no que tocasse a elrei de Portugal, de quem tantas mercês havia recebido, não havia de faltar em cousa alguma, como seu pae fizera sempre, e todos os seus antepassados. E não se satisfazendo o capitão com

[1] pois andava — C.
[2] na referida — A.
[3] metter mantimentos nenhuns — A.

isto, tornou a [1] chamar o feitor, e o mandou com outro recado a elrei para que viesse á fortaleza. A que elle foi, e além do recado o obrigou com suas razões a vir á fortaleza, como veiu de noite com todo o seu apparato, e chegou á porta [2] d'ella e a achou fechada, e o capitão repousando, e tardando-lhe em abrir lhe fez mui pouca honra e cortezia; de que o rei ficou mais estamagado, e comtudo, lançando a culpa á pouca criação que no capitão poderia haver, se foi, e ficou correndo com sua obrigação, não fóra d'este sentimento e todos os mais atrazados.

Correndo o tempo, como o animo do capitão estava tão damnado para com o rei com nenhuma cousa se satisfazia, e assi foi outra vez [3] lançando voz de que o rei estava alevantado, tomando pareceres se daria n'elle e lhe faria todo o mal que pudesse, escondendo tudo do dito feitor e alcaide mór Antonio da Cunha; mas como em terra pequena tudo se sabe, em lhe vindo á noticia foi logo fallar com o capitão, e teve muitas palavras com elle, fundadas só em que não quizesse o capitão, por serviço de Deus e de sua Magestade, fazer arrebentar o soffrimento de um rei que tanto se mostrava obediente a tudo o que lhe mandassem; que não estavam os portuguezes n'aquella ilha com tantos presidios, e muros, e gente de armas, que pudessem assi escandalisar e apertar com um rei, que, postoque vassallo, era senhor, e tinha muitos cafres, e terras onde poder viver; principalmente havendo sido todos seus antepassados tão leaes ao serviço de sua Magestade [4] e a todos os portuguezes, e publicando-se elle por esse. E passando n'isto outras razões concernentes a estas, lhe respondeu o capitão que pois queria aquietar um alevantado contra sua Magestade que o trouxesse á fortaleza, e se o trouxesse que seu animo ficaria quieto. Ao que lhe disse o feitor que com pouco se satisfazia; que elle se obrigava a trazer o rei á fortaleza trinta vezes cada dia, se tantas fosse necessario, ou conviesse ao serviço de sua Magestade. Com que se despediu do capitão, e com outros portuguezes, que quizeram ir com elle, foi fallar ao rei na desconfiança que o capitão tinha d'elle. Ao que lhe respondeu o rei, sem haver mister muitas persuações,

[1] chamar ao feitor — A.
[2] d'ella a achou — A.
[3] lançado — A. e C.
[4] e aos portuguezes — A.

que ao outro dia iria á fortaleza por serviço de sua Magestade, e quietação da fortaleza, uma e muitas vezes; e ficando n'isto o feitor com o rei, veiu [1] dar a resposta ao capitão do que com o rei assentára, de que ao outro dia viria á fortaleza. O capitão n'esta noite armou dois bateis de artilheria e soldados, [2] e os mandou pôr no passo dos Imbas. Tantoque elrei o soube mandou chamar [3] o feitor, e lhe disse como os bateis estavam no passo dos Imbas negociados. Ao que lhe respondeu o feitor que seriam a outro fim, mas que tocante a sua alteza que por nenhum modo; e que não devia recear-se, nem parecer-lhe outra cousa; que elle offerecia sua vida a se não [4] fazer aggravo nenhum a sua alteza; que fosse á fortaleza como tinha ficado e dado sua palavra real. E como o rei não tinha malicia em seu animo [5] não a cuidava tambem dos outros; e assi, dando credito ao feitor, se preparou com muita pressa, e mandou recado ao capitão que ia á fortaleza e o feitor em sua companhia. E o capitão respondeu que estava prestes para o receber. Foi o rei com o seu apparato, e o capitão o recebeu em companhia de toda a gente da fortaleza, e depois das visitas costumadas disse o rei ao capitão, em presença de todos, que no que tocava ao serviço de sua Magestade sempre estava prestes para o fazer de focinhos; que sua mercê o tractasse com honras, como sua Magestade mandava, e á conta de seu serviço o não quizesse affrontar, pois era tão leal vassallo e tão mimoso de sua Magestade. A que o capitão respondeu que nunca tivera outra tenção, nem á mostrára por obra, nem por palavra. E acabadas as visitas foram todos acompanhando o rei até sua casa, e o mesmo capitão com os mais; de que o rei ficou satisfeito.

[1] dar reposta — A.
[2] e o mandou — C.
[3] ao feitor — A.
[4] fazer nenhum aggravo — A.
[5] não cuidava — A.

CAPITULO XXVIII.

DO CERCO QUE O REI DE OVÁ POZ Á NOSSA FORTALEZA DE SERIÃO, E DAS [1] CAUSAS QUE HOUVE PARA SE FUNDAR EM PEGÚ POR PHILIPPE DE BRITO DE NICOTE.

CHEGARAM n'este maio de 613 cartas ao visorei dom Hieronymo de Azevedo, de Simão de Brito de Nicote, filho de Philippe de Brito de Nicote, em que lhe dava razão como seu pae ficava cercado na fortaleza de Serião pelo rei de Ová, com cento e vinte mil homens por terra, e quatrocentas embarcações por mar; que pedia o soccorressem com a brevidade e poder que requeria similhante necessidade. O que posto em conselho, se assentou que logo em acabando o inverno se lhe mandassem doze galeotas mui bem negociadas, por quanto já antes d'elle não havia tempo para se poderem aprestar. E postoque seja cousa atrazada de muitos annos, [2] que devia ser tractada por alguns, assi dos que tiveram este cargo, como dos que escreveram por curiosidade as cousas de [3] Bengala e Pegú; comtudo, para perfeita noticia dos motivos e razão que tivemos para fundar a fortaleza em Serião, que fez Philippe de Brito de Nicote, não deixarei de referir brevemente o primeiro fundamento d'onde teve origem.

Reinava em Pegú no anno de 1590 um rei chamado Ximindo ginico, senhor dês dos confins e raizes da Grã Tartaria até as derradeiras terras que confinam com a nossa fortaleza de Malaca. Tinha em sua corte os principes filhos dos reis de Ová, Tangu, Porão, Lanjão, Jangomá, Sião, Camboja, e outros muitos reinos, com que vinha a fazer numero de trinta e dois de sombreiro branco, porque se entendiam senhores de reinos, que lhe estavam sujeitos, só a fim de não deixar criar nos paes pensamento algum de se lhe alevantarem. E [4] assi era sua corte em Pegú,

[1] cousas — C.
[2] que deve já ser tractada — C.
[3] Bangala — vem nos dois manuscriptos.
[4] assi tem sua corte — A.

com estes principes e senhores, uma das grandiosas e magnificas do mundo. O rei de Sião não deixou, comtudo, de aspirar á liberdade, e assi desejando-a teve modo para que seu filho herdeiro do reino fugisse da corte do imperador; como fez com effeito e se rebellou, negando a vassallagem que d'antes lhe dava. O imperador, levado de toda a ira e paixão contra o rei de Sião, mandou fazer gente, e ajuntou um exercito de novecentos mil homens, em que iam cento e vinte mil de cavallo, cinco mil elephantes de guerra, duas mil carretas em que ia artelharia de campo de septe até dez libras de pelouro; e todo o mais restante do campo era de infanteria de capacetes e rodellas douradas, que, além de serem tantos que cobriam a terra, faziam o representavam uma formosa vista: na qual empreza mandou o principe seu filho, herdeiro do seu imperio, chamado Uparaja. Levava n'este exercito quasi todos os seus principes e reis seus vassallos, [1] e alguns mercadores portuguezes que se acharam em Martavão fazendo seus tractos. Foi o rei marchando e entrando todo o reino de Sião, sem achar quem lhe resistisse, até a cidade de Odia metropole d'elle, a qual poz de cerco mui apertado, e tendo-a assi morreu o rei de Sião, e lhe ficou succedendo seu filho, o principe que vulgarmente chamavam o rei negro, pelo ser em extremo, sendo todos os siões brancos, pouco menos que os portuguezes. Este rei preto se resolveu a sahir da cidade a brigar com o principe, fiado assi em seu grande animo, como nas traças e industrias de guerra, de que era mui ardiloso. E assi mandou um recado ao Uparaja, dizendo-lhe que não era bem matarem elles tanta gente como estavam de uma e outra banda, o que se podia escusar se ambos brigassem mano a mano em cima de seus elephantes. O que o principe de Pegú, sem dar conta aos seus, nem fallar nem tomar conselho com nenhum capitão, acceitou logo, com tão pouca prudencia como quem entregava ao inimigo a victoria que tinha em suas mãos. E assi mandou dizer ao rei de Sião que era muito contente; que elle só no campo o esperava, não querendo levar comsigo nenhum dos seus, nem quem o ajudasse, mais que o seu elephante, em que ia cavalgado, que era o mais formoso que havia em todo o seu imperio, com que seu pae d'este principe, o Ximindo ginico, havia conquistado os mais dos seus reinos.

Posto o principe de Pegú, Uparaja, defronte da cidade de Odia, dis-

[1] e alguns portuguezes mercadores — A.

tancia de um quarto de legua, com o seu poderoso exercito nas costas, lhe sahiu o rei preto de Sião com quatro elephantes, todos com as insignias reaes, sombreiros brancos com suas fulas de ouro pelas franjas, os piões de puro ouro, marchetados com pedras de grã valor. Seguiam a estes quatro elephantes quinhentos de guerra, com dez mil homens de cavallo, e cincoenta mil infantes de capacetes e rodellas douradas, todos mui lustrosamente vestidos. Bem puderam os pegús impedir ao seu principe similhante prova, d'onde se não podia seguir mais que o risco de sua morte, e pôr em balanço a victoria, que de outra maneira tinha tão certa; mas como estes negros sejam tão sujeitos e captivos do seu rei que nom ousem [1] de lhe tocar nunca em cousa que lhe possa dar desgosto, ninguem se atreveu ao desviar de tão pouco prudente desafio e prova, estando elle nas forças tão aventejado. E assi quando acerta um rei d'estes de não ter o entendimento mui claro, e a vontade mui bem encaminhada por natureza, cahem em absurdos e torpezas que depois tarde conhecem, quando muitas vezes já lhes não vêem remedio.

CAPITULO XXIX.

DO DESAFIO QUE TIVERAM O PRINCIPE DE PEGÚ E O REI PRETO DE SIÃO, E DO QUE N'ELLE SUCCEDEU.

O principe de Pegú, [2] Uparaja, em vendo o exercito do inimigo, por desprezo e pouco caso que d'elle fez, mandou apartar os seus, e elle só em cima do seu elephante se foi para outro onde lhe pareceu que vinha o rei de Sião; que como todos vinham com castellos armados em cima, e gente n'elles de guerra, não se podia [3] differençar aonde estivesse o rei; por onde se enganou o principe de Pegú, porque não era aquelle o elephante aonde vinha elrei de Sião. Travada a briga e justa de tão poderosas e grandes alimarias, era muito para vêr o impeto com que se commettiam.

[1] a lhe tocar — A.

[2] Uparaya — A. Uparaga — C. Mapa Raja, segundo *Faria y Sousa*, Asia Port. Tom. III, Part. II, Cap. IV.

[3] differenciar — C.

E pelejando não menos o principe Uparaja com o contrario o fez fugir, apertando o seu elephante com o outro furiosissimamente, de que morreu logo o capitão que vinha no castello. Sahiu-lhe logo outro elephante do mesmo rei de Sião, ao que o Uparaja com o seu fez o mesmo que ao primeiro, com o que sahiu o rei preto no seu elephante, tão descoberto que todo o exercito contrario o conheceu, e brigando valerosamente o feriu o contrario com o gancho [1] da cornaca. Vendo-se o rei de Sião quasi vencido gritou a dois portuguezes, que trazia comsigo e tinha perto, que atirassem ao principe de Pegú, porque era tempo; e assi se ouviu logo desparar uma espingarda, que ao parecer d'elles julgaram ser [2] de portuguez, com que o principe Uparaja ficou ferido de morte, e encostado na charola do elephante, onde o acabou de matar o rei de Sião, e cavalgou logo no seu elephante [3]. E com esta grande victoria [4] arremetteu o rei preto com toda a sua gente ao grande exercito de Pegú, pelos vêr irresolutos e pasmados, sem cabeça, morto o principe, e os fez retirar obra de duas leguas dos muros da cidade; com que se satisfez. E vindo a noite fizeram junta e conselho os principes do exercito do imperador de Pegú sobre o que fariam, e sendo os mais de parecer que tornassem sobre o Sião, até pôrem a cidade por terra e captivarem o rei, para com isso darem satisfação ao imperador Bramá da morte que seu filho voluntariamente quiz tomar, mandando que nenhum do seu exercito acudisse, que elle só bastava para vencer o rei do Sião; comtudo, postoque estiveram resolutos n'este parecer, pela madrugada d'esta noite começaram de gritar uns pavões, de sorte que se persuadiram os pegús que era o rei de Sião que vinha sobre elles, e assi alvoroçando com tão pequena cousa seu exercito, gritando pane, pane, que quer dizer em pegú, guerra, guerra, se matavam uns aos outros, e fugia cada um qual mais podia, com que em breve ficaram destruidos, e desfeito um tão grande exercito, sem nin-

[1] de cornaca — C.

[2] de portuguezes — A.

[3] Com a narrativa de Bocarro, ácerca da morte do herdeiro d'este reino, concorda o que se refere no *Breve discurso em que se conta a conquista do reino de Pegú*, incorporado no IV volume da edição rollandiana da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Não assim o que escreveu sobre este mesmo assumpto Faria y Sousa, na *Asia Portugueza*, Tom. III, Part. II, Cap. IV.

[4] remetteu — A.

guem o perseguir mais que a sua má fortuna e pouco governo. Soube o rei de Sião d'esta desordem, e aproveitando-se da occasião sahiu em seu seguimento e captivou mais de cincoenta mil homens, os mais d'elles pegús.

Chegadas estas novas ao imperador Brama, persuadido que os pegús não quizeram acudir a seu filho, mandou cortar a cabeça aos principaes d'elles, e muitas vezes mandava fazer cercas grandes a modo de corro de touros, e cheias de pegús lhe mandava pôr o fogo, onde morriam todos com uma crueldade estranha. E vindo-lhe dizer como os pegús diziam que tinham por suas prophecias que um [1] talapõi, que são os seus padres de sua nação, havia ainda de ser rei d'elles, mandou metter trinta e cinco talapões, de vinte até trinta annos de edade, em uma cerca, e alli os mandou degollar a todos, e depois queimar. E assi com estas [2] crueldades tão [3] estranhas se lhe foram rebellando quasi todos os pegús e fugindo para outros reinos circumvisinhos. E não contente com isto este tyranno, mandou a estes poucos pegús que ficaram puzessem fogo a suas sementeiras e fruitos, e matar-lhe todo o gado, para que acabassem de perecer á pura fome e se extinguisse de todo a nação pegúa. O que posto em effeito como o imperador mandou, chegaram a tão miseravel estado os pegús, que por não terem que comer, nem se lavrar nem se semear em seus reinos cousa alguma, se sustentavam de carne humana, de que havia trinta e tres açougues d'ella publicamente, com tão grande horror dos miseraveis que a comiam, que muitos acabavam, por não chegarem ao fazer. N'este tempo foram muitos portuguezes com mantimento de [4] Bengala e Negapatão para este reino, onde o venderam por grandes preços, recebendo tudo em ouro, de que muitos ficaram mui ricos, e se vendia de sorte que se pesava de uma parte arroz e da outra ouro, e ainda assi não achavam os miseraveis pegús quem lhe levasse mantimento, porque lho tolhiam, como adiante se verá.

Estando as cousas do reino de Pegú n'este estado, o Silimifa, rei de Arracão visinho d'este reino, entrou em pensamento de poder casar com a filha do imperador Brama, visto o miseravel estado em que estava, e

[1] talapoy — A.
[2] crueldades estranhas — A.
[3] estranhas lhe foram — C.
[4] Benguela — C.

assi lhe mandou embaixadores com esta proposta, a qual ouvida do imperador ficou mui indignado, e postoque os seus conselheiros lhe disseram que pois estava tão desbaratado e falto de gente lhe não vinha mui desconveniente dar sua filha por mulher a elrei de Arracão, que tinha grande poder no mar, e com suas jalias e armadas chegava meia legua de sua cidade Borgolo, metropole de todo seu imperio, d'onde o podia chegar a desbaratar e destruir com muita facilidade, e pelo contrario que tendo-o por genro, pois era herdeiro do seu imperio o podia com sua ajuda facilmente ir restaurando pouco a pouco, pois lhe estava quasi rebellado e destruido; não quiz o imperador Brama condescender em tão bom conselho, antes deu uma palmada muito grande, dizendo: « Mas que » « me perca, não hei de dar minha filha a um cão. » E sem mais outra resposta despediu os embaixadores do rei de Arracão, o qual, affrontado com ella como era razão, ajuntou uma grande armada, em que vinham muitas jalias e navios de portuguezes, que este rei traz em suas guerras com grandes pagas, e o mesmo Philippe de Brito de Nicote, [1] de quem fazia mais conta que de todos, chamando-lhe por outro nome o changá, que quer dizer bom homem em sua lingua, o qual chegando a Pegú, soube como era chegado o rei de Martavão, doze leguas da cidade nova de Pegú, e o rei preto de Sião com grande exercito, com que vinha em demanda do imperador seu senhor para o acabar de destruir, e logo sem mais detença [2] despediu o Mogo rei de Arracão seiscentas jalias de sua armada, que fossem a Martavão a impedir a passagem a elrei de Sião, como em effeito impediu, particularmente porque soube o rei de Sião como elrei de Arracão se tinha confederado com elrei de Tangú, irmão do mesmo imperador Bramá, para que ambos juntos viessem pôr cerco ao imperador, o rei de Arracão por mar e o de Tangú por terra, e que tomando-o partiriam os despojos pelo meio, e levaria mais elrei de Arracão a filha do imperador para se casar com ella, e o elephante branco, e amêtade da artelharia, e que [3] ficariam ambos estes reis irmãos em armas e confederados para sempre.

[1] de quem mais conta fazia — A.
[2] despediu o rei d'Arracão — A.
[3] ficariam estes reinos ambos — A.

Partido elrei de Sião para o seu reino, [1] sem por então tractar da empreza para que sahiu d'elle, ajuntou elrei de Arracão a sua armada, e com ella por mar, e elrei de Tangú por terra, *se* puzeram de cerco ao imperador Bramá, não consentindo que lhe entrasse nenhuma sorte de mantimento, antes elrei de Arracão represava os portuguezes que lhe levavam mantimento, não os consentindo entrar com elle. Em o que succedeu que sahindo uns portuguezes com cinco ou seis galeotas carregadas de arroz, os reteve e não deixou entrar a armada d'elrei de Arracão, onde estàva o principe seu filho. E como elle se tinha por amigo dos portuguezes, não dizia totalmente que os não queria deixar entrar em Pegú, senão dilatava-os um dia e outro, de maneira que os homens se viram perdidos, e por mais instancias que todos os dias iam fazer á galeota do principe nunca puderam acabar com elle os deixasse entrar dentro. Com que, levados do estimulo d'esta sem razão, determinaram commetter um feito estranho, e assi, communicando-o com um mulato portuguez, cujo nome nos não [2] chegou, lhe pareceu *tal* que, por temor, ou por outra alguma cousa, o estranhou aos mais, por razões que não tinham fundamento mais que em sua covardia; porém elles, sem se lhe dar nenhuma cousa d'ellas, fingindo que já estavam fóra de tal pensamento, se concertaram sem o mulato para ao outro dia irem, como foram, em as barquinhas de suas galeotas muitos mais dos que de antes [3] acostumavam, todos mui concertados com armas occultas, e aquellas que por ornamento de suas pessoas não podiam dar suspeita. E chegados á galeota do principe de Arracão como d'antes, fazendo seus requerimentos, e sendo respondidos d'elles na fórma que até então o fazia, de dilações e escusas, foram tomando as armas de repente, e arremettendo com os da galeota com notavel deliberação e esforço. Fazendo o mesmo as barquinhas ás outras jalias e galeotas da armada de Arracão, e levando-se tambem n'este tempo as galeotas dos portuguezes, e vindo dando por toda a armada de Arracão com muita mosquetaria e artelharia, como o successo foi tão de repente, os tomaram tão desapercebidos que matando a muitos, os outros se lançaram ao mar. Com que o mais d'aquella armada ficou des-

[1] sem por então entrar nem tractar — A.
[2] chegou e lhe pareceu — C.
[3] costumavam — A.

baratada, e assi se acolheram os que puderam, e os portuguezes entraram em Pegú e venderam seu mantimento muito á sua vontade. E n'este tempo que governava o conde da Vidigueira, da primeira vez, sabendo o estado em que Pegú estava, teve ordenado uma armada para mandar lá, e a dom Pedro Manuel por cabo d'ella; que depois não houve effeito, porque parece nos não estava guardado tanto bem; porque dizem todos que, se lá fôra, sem duvida se entregára antes o imperador de Pegú ao capitão mór, do que a nenhum de seus vassallos.

CAPITULO XXX.

COMO O REI DE ARRACÃO ALEVANTOU O CERCO, E O DE TANGÚ O CONTINUOU ATÉ SE LHE ENTREGAR O IMPERADOR BRAMÁ; E DO QUE MAIS N'ISSO HOUVE.

Além d'este successo, que teve a armada de Arracão com os portuguezes, lhe vieram novas como no seu reino havia alguns movimentos, e lhe tinham armado uma grande traição. Ao que acudiu logo, deixando comtudo algumas jalias continuando o cerco até quasi todo o agosto de 602, mandando sempre o rei de Tangu ao imperador Bramá seu irmão, e a seus sobrinhos, filhos do mesmo imperador, muito bem de jantar com um apparato real, e muito betre, e presentes aos seus capitães. E vendo o imperador que se acabava o inverno, e entrava o verão, em que o rei de Arracão tinha promettido de tornar a continuar o cerco, resolveu-se a entregar-se antes a seu irmão, com seus filhos e thesouros, do que depois ser-lhe forçado fazel-o a elrei de Arracão, a quem tinha tão escandalisado. E o imperador tambem tinha jurado que se tal succedesse se havia antes de matar a si, e a todos os seus; com que se acabou de resolver, e mandou chamar a seu irmão o rei de Tangù, dizendo-lhe que viesse tomar posse de tudo, porque elle não queria para si mais que uma esmola, como [1] talapoi, que responde aos nossos religiosos, que bastasse só para o sustentar. Veiu o rei de Tangu e tomou posse de infinitas riquezas que havia na cidade de Pegú, como corte que havia sido muitos

[1] talapoy — A.

annos de tão grande principe, e juntamente dos grandes thesouros do imperador, que se affirma serem os maiores que nunca teve rei nem senhor, porque andaram dois mezes continuos acarretando mil carretas e mil embarcações, ouro, prata, e pedraria d'alli para Tangu, que eram só cinco dias de caminho, afóra a artelharia que havia de partir com o rei de Arracão, muita, grossa e miuda, além de umas grandes figuras de metal que o imperador tinha em Pegú, para ostentação de sua grandeza: [1] o que foi depois causa de tambem ter muitas guerras o rei de Tangú, com que foi por vezes despojado d'estas riquezas; porque a fama d'ellas excita a cubiça dos poderosos do mundo, com que não consentem paz nenhuma a seus possuidores, e em logar de quietação, e descanso, vieram a causar estas ao rei de Tangú chegar a vêr-se preso e captivo, como adiante veremos; porque tambem o que se adquire sem justiça, só por força e violencia, quando lhes parece aos que o alcançam tem o effeito de seus desejos, então ordena a disposição divina lhe seja tirado com a mesma violencia, [2] padecendo os mesmos e maiores detrimentos que deram aos que elles despojaram.

A cidade de Pegú, pouco d'antes tão magnifica e gloriosa, habitada de tantos [3] senhores e reis seus vassallos, cheia de grã quantidade de riquezas, com uma multidão de povo immensa, ficou despojada de tudo isto, porque os poucos que restaram de tantas desolações e mortes se espalharam por diversos reinos, fugindo d'aquella terra como amaldiçoada por Deus, onde se tinham visto tão extraordinarios rigores e estremos de necessidades, que [4] se houvessem de se referir todos, e os casos miseraveis que passaram por grandes pessoas, e modos nunca vistos com que cada um os procurava remediar, seria fazer um discurso mui lamentavel, e mais largo do que requere o [5] instituto de minha profissão, postoque seja [6] cousa tão digna de memoria; porque o meu intento não foi mais que ir tocando as summas d'este caso tão estranho, para intelligencia do que

[1] o que depois foi — A.
[2] padecendo os maiores ditrimentos — A.
[3] senhores seus vassallos — A.
[4] se houvessem de referir — A.
[5] estatuto — A.
[6] cousa digna — A.

propuz no principio, aindaque nos mais [1] delle*s* se não achassem muitos portuguezes; por cuja razão [2] não fica tão fóra da chronica de seus feitos esta, postoque larga digressão.

Elrei de Arracão, sabendo como o imperador Bramá se entregára ao rei de Tangú com todas as suas riquezas, lhe mandou por embaixador a Philippe de Brito de Nicote, [3] de quem fazia muita confiança, para que lhe mandasse cumprir o que ficára com elle. Ao que lhe respondeu o rei de Tangú que sua alteza tinha muita razão se o imperador seu irmão se rendera por armas, e ainda em tal caso havia de estar presente elle rei de Arracão com [4] todo seu exercito e armada, como estava quando se celebraram os concertos entre elles na fórma que se tem referido; mas que comtudo lhe daria as principaes cousas que ficára com elle; convém a saber, a filha do imperador, sua sobrinha, para que casasse com ella, o elephante branco, metade da artelharia, e alguma gente pegúa, dos mais graves e senhores bramás, que iriam acompanhando a filha do seu imperador; e no tocante ás terras, que tambem ficaram se [5] partiriam, possuisse o rei de Arracão mui embora todas as que pudesse, e lhe consentissem os reis visinhos que haviam sido vassallos do imperador; porque cada um d'elles tambem as havia de procurar. Acceitou o partido elrei de Arracão, e mandou a [6] Philippe de Brito e o seu [7] corangary, que é o capitão geral do mar, para acceitarem as cousas que o rei de Tangú promettia; mandando com elles seiscentas jalias com os manguitos dourados, e cento d'ellas com charolas no meio, douradas, todas de vidraças, para virem as damas da rainha. E para a mesma pessoa d'ella mandou uma embarcação [8] mais alterosa e larga, toda cosida em ouro, com charolas de vidraças que se fechavam tambem por dentro, com muitas cortinas de estremadas sedas e figuras mui [9] formosas. Chegando Phi-

[1] d'elle se achassem — C.
[2] não fica fóra — A.
[3] de quem muita confiança fazia — A.
[4] todo o seu — A.
[5] partiriam e possuisse — A. e C.
[6] Philippe de Brito de Nicote — A.
[7] caranjari — A.
[8] mais larga e alterosa — A.
[9] fermozas — A.

lippe de Brito, e o dito capitão geral do rei de Arracão, com este apparato a Tangú, os recebeu o rei com grandes mostras de alegria, [1] tractando de lhe cumprir tudo o [2] que promettêra, e assi em principio d'isto entregou a rainha filha do imperador, que [3] posto se mostrou descontente d'este casamento, porque era muito grande a desigualdade da grandeza de seu pae, onde ella fôra nascida e criada, para o estado do rei de Arracão, conformou-se com a sorte, e se vêr captiva; e assi, postoque com este descontentamento, todavia foi onde era mandada. Para o que, não querendo metter-se na embarcação que o rei de Arracão lhe mandava para sua pessoa, lhe deu o de Tangú seu thio a propria do imperador seu pae, em que se costumava embarcar quando ia a algumas festas nos rios, e assi era muito mais grande e [4] formosa; dando-lhe juntamente cinco mil homens pegús e bramás, que a acompanhassem, em que entravam alguns irmãos da rainha, e Ximicoliar filho bastardo do imperador, a quem a rainha queria muito por se haverem criados ambos, e alguns outros fidalgos e senhores grandes, bramás e pegús, a que o rei de Arracão fez muitas honras e mercês, e obrigados d'ellas se ficaram com elle, com aprazimento do rei de Tangú. Á rainha fez um recebimento e festas as maiores que nunca se viram em seu reino, onde se acharam e o ajudaram muitos portuguezes, que são os de que se vale e serve este rei, mais que nenhum outro d'estas partes, e assi por esta via é temido, particularmente pela armada que tem no mar, com que faz muito mais do que suas forças e poder se estendem.

[1] tractando de cumprir — A.
[2] que lhe promettera — A.
[3] postoque se mostrou — C.
[4] fermosa — A.

CAPITULO XXXI.

COMO PHILIPPE DE BRITO CONSIDEROU O LOGAR PARA A FORTALEZA QUE DETERMINAVA FAZER EM SERIÃO, E DO QUE FEZ DEPOIS N'ESTA MATERIA.

PHILIPPE de Brito, quando d'esta vez veiu de Arracão, passando por Serião, que he um rio de agua doce, mui capaz, que vem do sertão da terra dentro pelo rio de Pegú uma legua da cidade de Macao, e por outro nome Boga, corte que foi dos imperadores de Pegú, considerou quão accommodada paragem era para poder fazer n'ella uma fortaleza, e assi pediu ao rei Mogo, a quem servia, puzesse alli uma feitoria, com um capitão seu, para que servisse tambem de alfandega, onde lhe pagariam direitos, assi os portuguezes, como os mais mercadores de outras nações que costumavam vir contractar a Pegú. Pareceu isto mui bem ao Mogo, e assi o pôz logo em effeito, e fez uma feitoria com uma cerca, onde se vieram ajuntando alguns pegús pescadores, dos quaes se fez cabeça um pegú chamado o Banhadelá, e pelo tempo em diante foi este fazendo alli uma fortaleza de madeira, cousa mui pequena, que estes chamam [1] dopo, com suas guaritas, tendo [2] á porta guardas, que não deixavam entrar os portuguezes mercadores com armas, nem cada vez que quizessem, senão por ordem e licença do Banha; e só a tinha o padre frei Belchior da Luz, da ordem de são Domingos, para fallar com elle cada vez que quizesse, sem pedir licença, porque o Banha o amava e venerava como se [3] fôra seu proprio padre, dizendo que via n'elle um rosto de santo, como na verdade o parecia. Ouvindo Philippe de Brito o modo d'este Banha, com que se ia impedindo o effeito de sua pretenção, e que o rei de Arracão aprestava um capitão seu com alguns mogos para assistirem junto do Banhadelá, buscou cincoenta homens portuguezes, e a cada um pagou seu quartel de cem pardaos, e os mandou a Salvador Ribeiro, a quem tinha

[1] do Po — A.
[2] ás portas — A.
[3] fosse — A.

posto na dita feitoria de Serião, já com desenho e pretenção de fazer alli fortaleza para a entregar ao visorei da India, com que se pudesse apossar das terras de Pegú, porque a desolação em que estavam promettia que qualquer cousa bastava para isto, e tornando-se depois a povoar poderiam ser de mór rendimento e proveito a sua Magestade, e a todo o Estado da India, do que nenhuma das outras que n'elle houvesse. E assi ordenou a Salvador Ribeiro trabalhasse todo o possivel por lançar fóra da dita feitoria ao Banha, e depois de o conseguir se fortificasse o melhor que pudesse, e avisasse a elle Philippe de Brito, para lhe poder mandar algum soccorro, e desapaixonar ao rei de Arracão do que houvesse succedido.

Não tardaram muitos mezes que não viesse a effeito esta pertenção de Philippe de Brito, porque succedeu declarar-se o Banhadelá por inimigo de Salvador Ribeiro e dos que com elle estavam, fazendo-lhe algumas semrazões e affrontas, afim só de ter occasião de se alterarem os portuguezes, e elle poder dar n'elles e os fazer largar o posto em que estavam de Serião, porque sentia com elles o Banha grande sobr'osso. E para este effeito, tendo-se já declarado, começou o Banha a armar grandes carros de fogo, para vir queimar a nossa feitoria. O que entendendo Salvador Ribeiro, como esforçado e prudente que era, mandou confessar a todos e tomar armas, dizendo-lhes que tinha alcançado o mal que lhe pretendia fazer o Banha, e para o saber mais de certo procurou uma espia, que tomou, e soube d'ella como a mesma noite procurava o Banha dar sobre os portuguezes, e queimar-lhe a tranqueira e matar os que pudesse; como em effeito aconteceu, porque, em sendo as horas [1] da noite que tinha assentado, sahiu o Banha com muitos carros de fogo, e seiscentos rodelleiros pegús que trazia, para abrasarem a tranqueira e egreja que dentro estava de são Domingos. E assi, forçado Salvador Ribeiro, e os mais soldados que com elle estavam, do fogo, desampararam a tranqueira e se foram metter na mesma do Banhadelá, e [2] d'alli lhe fizeram tanta guerra e mataram tanta gente que o Banhadelá fugiu com a pouca que lhe ficou para a ilha de Delá, meia maré de Serião, e ahi se fortificou, e ajuntou [3] a si mais de mil homens, appellidando-se e chamando-se vas-

[1] de noite — C.
[2] d'ahi — C.
[3] assi — C.

sallo do rei Mogo. E para poder sustentar aquella guerra se apoderou de passante de quatrocentas biças de ouro, que cada biça tem dois arrateis e meio dos nossos, tirando-o e furtando-o de um seu templo, ou pagode mui afamado, que chamam a varela de Digão, e o repartiu por todos os seus soldados.

Avisando Philippe de Brito do que tinha succedido não tardou tambem muitos dias que o Banhadelá não [1] avisasse a elrei de Arracão, o qual se ressentiu notavelmente, e bradava com os seus grandes, achandose mui alcançado de conceder fortaleza aos portuguezes, cuidando que elles eram a causa de se não povoarem outra vez as terras de Pegú, para onde pretendia de passar, e largar Arracão a um de seus filhos, e coroarse por imperador de Pegú. Mandou aprestar logo muitas jalias, e capitães para irem em favor do Banhadelá. Ao que lhe disse Philippe de Brito: «Senhor, para que manda vossa alteza tanta gente, e faz caso de «um ladrão que roubou a casa do mesmo Deus?» Ouvindo o rei estas palavras, lhe respondeu: «Dizeis muita verdade, Changá», que é o nome porque o rei sempre o chamava, e era conhecido de todos os do seu reino. E continuando mais elrei: «Os portuguezes, que o fizeram fugir e «lhes mataram sua gente, mandae-os chamar de minha parte, que lhes «quero fazer muitas honras e mercês.»

Passados alguns dias, estando o rei Mogo já desapaixonado, lhe pediu licença Philippe de Brito para ir a Pegú quietar os portuguezes e fazel-os amigos do Banhadelá, para assi ser sua alteza bem servido. E veiu de boamente o rei n'isto, e para acompanharem a Philippe de Brito até Pegú lhe deu quarenta jalias, e alguns mogos principaes, que ajudassem [2] fazer a amisade que ia tractar. Chegando a Pegú Philippe de Brito acabou facilmente as amisades entre elle e o Banha; e assim feito debaixo do nome de feitoria, começou a fazer a fortaleza de Serião, com os muros de taipa de duas braças de largo, em partes doze de alto, em quadro, com quatro baluartes pequenos de pedra, e pôz n'elles algumas peças de navios de mercadores, dizendo sempre que aquella feitoria era d'elrei Mogo seu senhor, e a fazia assi por amor dos ladrões à não quei-

[1] avisasse tambem ao rei — A.
[2] fazer amisade — C.

marem, nem as fazendas dos mercadores que viessem da costa, [1] agasalhando n'ella e aposentando os capitães d'elrei de Arracão, juntamente com os mercadores portuguezes, para assi melhor dissimular sua tenção; mandando entregar todos os direitos das fazendas aos feitores d'elrei de Arracão que alli estavam.

Passados dois annos n'esta conformidade, entrou em pensamento Philippe de Brito do modo com que poderia vir a Goa a offerecer a dita fortaleza ao visorei da India, e levar armada com que a pudesse sustentar e conservar, pois o reino de Pegú estava de sorte que facilmente se poderia d'alli ficar senhoreando. E para tirarem suspeitas do intento d'esta vinda a communicou com os reis circumvisinhos, dizendo que se cada um d'elles conseguia ser irmão em armas de sua Magestade facilmente poderia vir a ser rei de Pegú; persuadindo-os a que mandassem embaixadores ao visorei para este effeito. O que fizeram alguns, em cuja companhia se veiu Philippe de Brito para a India, dizendo a elrei de Arracão que vinha buscar gente para o fazer imperador de todo Bengala, e dos [2] Bojões, que eram doze senhores cada um de suas terras, mas unidos contra o rei Mogor, e o Mogo, e os mais inimigos seus.

CAPITULO XXXII.

COMO ELREI DE ARRACÃO MANDOU ARMADA A TOMAR A FORTALEZA DE SERIÃO, E DO QUE LHE ACONTECEU.

O rei de Arracão, em se ausentando Philippe de Brito, lembrando-lhe bem pouco dos serviços que lhe tinha feito e os portuguezes, mandou uma armada com cincoenta jalias, com ordem que tomassem a nova fortaleza de Serião, e matassem todos os portuguezes que n'ella estavam, e a arrasassem de maneira que quando Philippe de Brito voltasse da India não tivesse em que se recolher, e assi com facilidade o captivasse a elle e a todos os que comsigo trouxesse.

[1] agasalhando e aposentando n'ella — A.
[2] Boyões — A.

Já n'este tempo Salvador Ribeiro era vindo para a India, e estava por capitão da fortaleza Rodrigo Alvares de Siqueira, homem nobre e esforçado, que sabendo a ordem que esta armada trazia do rei de Arracão, por intelligencias que para isso teve, os não deixou desembarcar. Sahindo-lhe elle ao encontro com alguns navios de mercadores, e pelejando com as jalias do Mogo, as destruiu e desbaratou de maneira que ficaram mui poucas que lhe pudessem levar a nova. Destruida a armada, [1] para que lhe não ficasse nada para fazer, e [2] proseguir o impeto da victoria, foram os portuguezes sem largar as armas da mão dar no Banhadelá, e o destruiram de todo, queimando-lhe a sua feitoria, e fazendo-o fugir para o reino de Prom, com que não ficava em todo reino de Pegú mais que o Banha de [3] Cosmim, terra junto a Negraes, que se nomeava por vassallo d'elrei de Arracão, e era adorado dos pegús que trazia, como se fosse rei; o qual, tanto que soube que os portuguezes não estavam por elrei de Arracão, mandou cercar de taipa a sua cidade, onde tinha feitoria e tracto dos mogos vassallos d'elrei de Arracão, e assi elles lhe trouxeram algumas peças de artelharia pequenas, e espingardas, com que se fortificou de maneira que não ousaram nunca os nossos accommettel-o.

Vendo alguns pegús, que andavam pelo matto escondidos, que os portuguezes tinham dado seguro em nome de sua Magestade a todo o pegú que se quizesse vir para elles, se vieram muitos, e assi se começou a povoar Serião, de sorte que quando tornou Philippe de Brito estavam na nossa fortaleza passante de dous mil pegús com suas mulheres e filhos.

Porém tornando a Philippe de Brito, chegou a Goa, e propondo ao visorei Aires de Saldanha a materia com a relação verdadeira de tudo o que n'ella tinha passado, e offerecendo a fortaleza a sua Magestade, consultou o visorei a muitos letrados theologos e de toda a sorte, que n'este tempo não faltavam em Goa, se podia sua Magestade com justo titulo acceitar o senhorio d'aquella fortaleza, e alfandega; e muitos foram de parecer que se não podia acceitar uma cousa nem outra, nem havia ra-

[1] porque — A.
[2] por seguir — A.
[3] Losmim — A

zão, causa ou justiça, por onde pertencesse a sua Magestade nada d'aquelle reino de Pegú, que tyrannicamente fôra tomado a seu rei natural, e que, quando elle o não quizesse, pertencia direitamente ao rei de [1] Zangoma, que confina com a Tartaria junto á China, que de crer era viria a apossar-se [2] d'elle, e ainda que o não fizesse, sua Magestade, obrigado da consciencia, mandaria arrasar a tal fortaleza.

[3] Da contraria opinião tambem havia muitos, trazendo em prova d'ella muita copia de razões, que seria largo referir; por onde se mandaram fazer tractados, para que vistas umas e outras se resolvesse o que parecesse mais justiça e razão. Os quaes feitos, se assentou que se acceitasse a fortaleza, sendo principal fundamento para se poder prégar o Evangelho áquellas nações, e introduzir e ensinar-lhes o caminho de suas salvações; e que sendo possivel se conservasse a amisade [4] do rei de Arracão, e se mandasse embaixador ao rei de [5] Jangoma, que pois o reino lhe pertencia por direito alli estava aquella fortaleza a seu serviço e se quizesse pôr [6] n'ella seus feitores o podia fazer, na conformidade que elrei de Cochim os tinha na nossa cidade. E assi se tomou [7] menagem a Philippe de Brito da fortaleza de Serião, e na era de 605 despediram uma armada de tres galeotas e dois navios, em que foram por capitães. [8] Mathias de Reis Francez, do habito de Aviz, Bernardo Soares de Albergaria, João Zuzarte Tição, Antonio Zombo de Almeida, [9] Francisco Mendes de Crasto, e mais outra galeota que se entregou a Paulo do Rego Pinheiro, que se [10] estava aprestando em Negapatão para acompanhar a Philippe de Brito n'esta empreza, levando provisão [11] de capitão geral das partes de Pegú, além de capitão da fortaleza de Serião. E assi partiu a armada, Philippe de Brito

[1] Zangoma vem em ambas as copias. —Jangoma (?)
[2] d'ella — C.
[3] De contraria — A.
[4] de elrei — A.
[5] Jaogoma — C.
[6] n'ella a seus — A.
[7] homenagem — A.
[8] Mathias Francez — A.
[9] Francisco Mendes de Castro — A.
[10] esta — C.
[11] do capitão — A.

n'uma galeota de coberta, por capitão mór, [1] Mathias de Reis em uma escusa galé, Francisco Mendes de Crasto em uma galeota, Christovam Raposo n'outra, e os mais que acima dissemos. E mandou o visorei Aires de Saldanha n'esta armada a dom Francisco de Moura, seu sobrinho, parente do marquez de Castello Rodrigo, fidalgo mancebo de muitas esperanças, pelo talento, brio e esforço que mostrava nos poucos annos que tinha; e casou o mesmo visorei a Philippe de Brito com uma filha bastarda que tinha Manuel de Saldanha, sua sobrinha, que estava em [2] nossa Senhora da Serra, com que o ficou obrigando por honra e todos os mais caminhos a corresponder em tudo á muita confiança que d'elle fazia.

Chegada esta armada á fortaleza de Serião, as primeiras novas que tiveram foram como havia pouco tinha tomado fogo, onde arderam todas as casas com o mais que n'ellas havia, de sorte que não ficou de tudo mais que as paredes dos muros, que pela banda do rio ainda não estavam acabados de alevantar, senão só fechados com uma tranqueira de madeira, que tambem o fogo levou. Por onde se detiveram todos nos navios, sem desembarcarem até se fazerem gasalhados onde pudessem recolher-se, que em breve se fizeram, e juntamente se acabou de fechar o muro da fortaleza, e se fez egreja, em que se celebravam os officios divinos pelo padre frei Francisco da Annunciação, religioso da ordem de são Domingos, e prégador geral n'ella, que assistiu na fortaleza e foi [3] a muitas partes em embaixador, com todo o cuidado e zelo do serviço de Deus e de sua Magestade.

Sendo o rei de Arracão sabedor da chegada de Philippe de Brito, e do poder e armada que trazia, que para tudo tinha espias, conforme o animo que o levava a procurar-lhe todo o mal, para mais o dissimular, d'ahi a poucos dias [4] mandou um seu mensageiro á fortaleza de Serião, porque o mandava visitar e dar-lhe as boas vindas, e perguntar-lhe que ordem trazia do Estado, e se havia de vêr-se com elle brevemente, porque o esperava com grande desejo de lhe fazer muitas honras e mercês. Philippe de Brito lhe respondeu mui correspondente ao que mostravam

[1] Mathias dos Reis em uma golé — A.
[2] nossa Senhora da Serra, por honra — A.
[3] a muitas partes e embaixador — C.
[4] o mandou visitar, e dar-lhe — A.

estas palavras, e para lhe levar a carta e embaixada do visorei, com um presente de peças de muita valia e estima que lhe mandava, despediu a um portuguez chamado Bartholomeu Nogueira, o qual chegando a Arracão foi recebido do rei com mostras de grande alegria e amor, não deixando porém de guardar em seu animo o odio e má vontade que tinha a Philippe de Brito e a todos os portuguezes, como em tendo occasião o pôz logo em effeito; e se assi como foi Bartholomeu Nogueira ao seu reino, fôra Philippe de Brito, póde ser que logo o executára n'elle; porque a crueldade e tyrannia com que os reis d'este Oriente reinam, e querem cumprir seu gosto e appetite, a nenhuma lei divina nem humana tem respeito.

CAPITULO XXXIII.

DO QUE ORDENOU PHILIPPE DE BRITO NA FORTALEZA DE SERIÃO E DA ARMADA QUE SOBRE ELLE MANDOU ELREI DE ARRACÃO, E BRIGA QUE TEVE COM ELLA.

Trazia por regimento Philippe de Brito puzesse alfandega em Serião, á qual viessem fazer direitos todas as embarcações que de todo este Estado fossem commerciar aos reinos de Pegú e portos de Martavão, Tavay, [1] Tenassarim, em [2] Junçalão. O que mandou logo apregoar Philippe de Brito por uma provisão que levava, e publical-a nos mesmos portos. A que alguns mercadores e senhores de navios da costa de Coromandel não quizeram obedecer, o que obrigou Philippe de Brito mandar uma armada de seis navios e galeotas com lustrosa e boa soldadesca, e a dom Francisco de Moura por capitão mór d'ella, para que correndo a costa de [3] Tanassarim obrigasse a todas as embarcações que encontrasse virem a fortaleza de Serião fazer direitos. Partida a armada encontrou na costa de Tanassarim duas naus do Achem, com que brigou com todo o valor, e as rendeu e trouxe para Serião, e as entregou dom Francisco de Moura [4] com

[1] Tanaçarim — A.
[2] Juncalão — A.
[3] Tanaquary — C.
[4] com todo seu — A.

todo o seu recheio ao capitão mór Philippe de Brito, cuja presa se carregou sobre o feitor de sua Magestade, dando aos soldados a sua parte, com que todos ficaram mui satisfeitos.

Vendo o rei de Arracão o grande augmento em que ia a fortaleza de Serião, assi em commercio, como em respeito, pelas embaixadas que os mais dos reis visinhos lhe mandavam, conservando-se por sua Magestade, mandou vinte jalias, a tractar com o rei de Tangú, irmão do imperador que foi de Pegú como atraz dissemos, se juntassem ambos, como já o tinham feito para [1] destruirem ao dito imperador, e que arrasassem a fortaleza de Serião, e lançassem os portuguezes do reino de Pegú, para que a alfandega qne alli puzessem rendesse para ambos os reis, e não para outrem. O que vindo á noticia de Philippe de Brito, mandou dar n'estas jalias por Bartholomeu Ferreira, capitão mór dos nossos sanguiceis, e as rendeu e destruiu, sem escapar uma só d'ellas; porém a gente fugiu a mais d'ella para as terras do rei de Jangoma, onde os encontrou o padre frei Francisco da Annunciação, que, como este rei era irmão do imperador Bramá de Pegú, estava tractando com elle o que em Goa se tinha assentado lhe mandasse dizer o Estado, para que com justo titulo pudesse possuir a fortaleza de Serião. Como em effeito tractou; e o rei de Jangoma respondeu em fórma que ficámos dando satisfação á justiça do direito e posse com que podiamos ter e possuir a dita fortaleza de Serião.

Com este successo ficaram os mogos por inimigos descubertos, e conhecido o seu rei de Arracão que não podia mais encobrir os maus intentos e animo que tinha para com os portuguezes; por onde tractou de lhe fazer guerra descobertamente, e metter n'ella poder bastante para os destruir; e assi ajuntou uma armada de seiscentas jalias, vinte cinco navios, dez galeotas e outras embarcações miudas, e mandou n'ella, na era de 607, o principe seu filho, já jurado, a quem em sua lingua chamam o Hirrião; mettendo n'esta copia de embarcações quatro mil homens, e juntamente os filhos do imperador do Pegú, que lhe haviam ido com a rainha sua mulher, [2] chamados Ximicolia e Marequestão, e junta-

[1] destruirem o imperador — A.
[2] chamada Ximicolia emareque o tão — C.

mente mandando o seu capitão geral do mar dos [1] reinos de Arracão e Chitigão, com outros mais senhores e fidalgos do seu reino, em que entravam mil pegús e bramás seus vassallos, que com alguns elephantes vieram até a fortaleza [2] de Chismy acompanhando ao principe. Certificado Philippe de Brito d'esta grossa armada, que, como quem conhecia o animo do Mogo, nunca deixava de procurar saber seus desenhos, mandou armar septe navios e alguns sanguiceis, e nomeando por capitão mór d'elles a Paulo do Rego Pinheiro, o mandou com ordem e regimento que commettesse o principe de Arracão no mar, antes que entrasse os rios e barra de Negraes, que é a bocca de todos os do reino de Pegú; porque como a armada de Arracão não vinha junta, e os marinheiros não eram bons, facilmente os poderiam desbaratar. Como aconteceu em parte, porque antes da barra de Negraes, junto a Cambalão, encontrou Paulo do Rego dez navios e galeotas de mogos que se haviam adiantado, deixando o seu principe desviado de maneira que os não podia soccorrer, e remettendo com ellas facilmente as rendeu e desbaratou e tomou, e assi levou os cascos para Negraes, aonde se foi esperar a mais armada, com desenho de brigar com ella antes que entrasse; para o que mandou ter grandes vigias ao mar, para o avisarem de sua vinda. O principe de Arracão, sabendo que a nossa armada estava em Negraes aguardando na Ilha [3] da Caça, ajuntou todas as embarcações [4] a si, e juntas em duas esquadras entrou por Negraes, e vendo Paulo do Rego que lho não podia impedir, porque a sua armada não era bastante a isso contra uma tão poderosa, considerando que a nossa fortaleza ficava quasi sem gente, por vir [5] a mais d'ella n'esta armada, e que as embarcações do inimigo as mais d'ellas eram muito ligeiras, se veiu por fóra dos rios com toda a pressa para a nossa fortaleza antes que o inimigo chegasse a ella, trazendo comsigo as dez galeotas que tomára, com muita artelharia e munições; e chegou á fortaleza quatro dias antes que o principe chegasse, no qual tempo se aprestou de todo o necessario, e se armaram mais al-

[1] remos — A.
[2] de Chismim — A.
[3] de Caça — C.
[4] assi — C.
[5] n'esta armada a mais d'ella — A.

gumas embarcações, que juntas a esta armada foram esperar o inimigo na ponta de Degu, um quarto de legua da fortaleza de Serião, como de Ribandar a Goa, e quasi com as mesmas confrontações. O que vendo dom Francisco de Moura, que na fortaleza estava já de partida para Goa, como veiu logo, não lhe pôde soffrer o coração deixar de se achar n'esta briga, e assi se veiu da fortaleza para a armada, que já achou baralhada com o inimigo, e se metteu na galeota do capitão mór Paulo do Rego. E foi Deus servido que dois navios que Philippe de Brito tinha mandado buscar uma nau de Cochim, que tinha ido ao porto de Martavão, chegassem aqui a tempo que a briga se começava, e foram de tanto effeito que, juntamente com o esforço dos mais, chegaram a pôr em fugida ao principe de Arracão, que cuidava ter já rendida a nossa armada, pelo sanguicel em que ia por capitão Estevam Mendes, da obrigação de dom Francisco de Moura, tomar fogo, procedido de umas panellas de polvora que, antes que os nossos as lançassem, tomaram fogo por desastre; mas como n'elle se trabalhou e brigou com todo o esforço e cuidado, apagaram o fogo em tempo que todos os mais acabavam de desbaratar a armada do inimigo, de sorte que o principe de Arracão, deixando as embarcações grandes todas rendidas, não tractou mais que de se pôr em fugida com as ligeiras para poder escapar a vida; mas as nossas embarcações tambem ligeiras [1] se adiantaram, e lhe tomaram o rio que vae para Negraes defronte da varella de Degú. O que sabendo o principe se metteu com a mais armada em outro rio que não tem sahida, junto da dita varella, onde lhe foi tomado [2] tudo o restante da armada com seus despojos; e o principe se acolheu para terra com alguns mogos e bramás, que ao todo foram tres mil, com novecentas espingardas, e os principes do Ximindo, com desenho de se irem para Tangú, d'onde se passassem ao seu reino de Arracão, se a fortuna lhe não fôra tão contraria como ao diante se verá.

[1] se adiantaram e tomaram — A.
[2] todo o mais restante — A.

CAPITULO XXXIV.

DO QUE MAIS SUCCEDEU A ESTE PRINCIPE DE ARRACÃO, ATÉ SER CAPTIVO E TORNAR OUTRA VEZ PARA O SEU REINO.

DESBARATADO o principe de Arracão com a sua armada, como se tem referido, e indo elle fugindo já por terra, Paulo do Rego Pinheiro, capitão mór da armada dos portuguezes, se embarcou na ligeira que havia tomado aos inimigos, e se foi a [1] Chismy, fortaleza qne [2] estava pelo rei de Arracão, não longe de Serião, para que com o impeto da victoria, e medo, que levavam os inimigos, lhe não ficasse nenhum tão perto. E assi, sem lhe pôr sitio nem a combater, a desampararam os inimigos, e em chegando Paulo do Rego foi entrando com toda a pressa, tomando e captivando todos os que dentro estavam e a mulher do Banha. E estando recolhendo a gente e despojos, chegou o geral Philippe de Brito com algumas embarcações ligeiras, para tomar a dianteira ao principe antes que se escapulisse de todo, por ser mui pratico e visto por todos aquelles rios e terras de Chismy; e achando em Paulo do Rego mais lembrança de acabar de despojar a fortaleza que tinha tomado, do que o intento que a elle o trazia, se foi logo ao pôr em effeito, sem o querer levar comsigo, senão só a alguns [3] da sua armada, assi embarcações como soldados, onde foi dom Francisco de Moura; deixando a Paulo do Rego encommendado que se não apartasse da fortaleza de Chismin sem a deixar posta no estado que convinha, só com os pegús de quem era habitada, nem rasto nenhum de mogo, nem cousa que tivesse [4] nome ou lembrança do rei de Arracão. Como tudo cumpriu inteiramente Paulo do Rego, com o esforço e prudencia que em todas as cousas exercitava.

E tornando a Philippe de Brito, chegando a certa paragem dos rios de Chismim, soube por espias que era tambem alli chegado o principe

[1] Chismim — A.
[2] estavam — C.
[3] de sua — A.
[4] nome nem lembrança — A.

de Arracão com o seu [1] general *ou* corangarim, e os infantes de Pegú; e estando [2] irresoluto no que devia fazer, por elle não trazer mais que quatorze jalias com duzentos pegús e septenta portuguezes, e ter espias que o principe trazia muito maior poder, porque era de numero de tres mil, que já dissemos, fizeram conselho, onde sendo alguns, e o mesmo Philippe de Brito, de differente parecer, disse dom Francisco de Moura que o que a elle lhe parecia era que se commettesse ao inimigo, assi por ser já honra do capitão geral, pois que viera em sua busca, como porque ainda que vinham tantos, comtudo, era tudo gente que vinha fugindo do vencimento, e o desbarate que lhe haviam elles mesmos dado ha pouco; por onde dando-lhe uma madrugada, sem se verem uns aos outros nem [3] poderem notar se eram poucos ou muitos, só com ouvirem os gritos e vozes dos portuguezes haviam de ficar de todo vencidos, e nós [4] alcançarmos a victoria, pois a senhora d'esta invocação era a que tinham tomado por advogada n'esta empreza, e defensora da fortaleza de Serião. Vendo Philippe de Brito tanto valor e prudencia nos poucos annos d'este fidalgo, que não chegavam a vinte, e considerando juntamente que se não tomava este conselho, e se *não* aproveitava da occasião, lho poderiam dar em culpa, particularmente estando em risco de captivar a mesma pessoa do principe, com que depois poderia fazer os concertos que quizesse, além da gloria que n'isto alcançavam as armas de sua Magestade em tão remotas partes, lhe respondeu: «Parece-me muito bem o «que vossa mercê diz. Apparelhe-se, que esta madrugada vossa mercê» «é o que ha de ir por capitão do assalto que se ha de dar ao prin-» «cipe, na fórma que tem praticado.» O que dom Francisco de Moura acceitou com muito gosto, e lhe deu as graças da confiança que d'elle fazia, e praticando com os capitães das jalias, que eram dom Francisco de Moura, Braz do Rego, Thomé Cordeiro, Paulo Pereira, e outros cuja noticia não foi possivel alcançar, todos muito seus amigos, se confessaram á noite os portuguezes, e pegús que eram christãos, e mandou dom Francisco de Moura a um pegú que vinha com os nossos, chamado Chimi-

[1] geral — A.
[2] resoluto — C.
[3] poder — A.
[4] alcarmos — C.

toto, com mais septe pegús, a tomar alguma espia; porque era este negro determinado, e disse que com estes se atrevia ao fazer, e mettendo-se por umas cannas, para não ser visto, mandou subir em cima de uma arvore alta dom Francisco de Moura a um pegú, e divisou debaixo de umas arvores, [1] distancia de uma grande legua, vulto de chusma, e por cima d'elle tremularem alguns pendões ao vento; d'onde sahiram septe ou oito [2] pessoas, e vindo-se para a parte onde estavam como emboscados os nossos pegús que foram com Chimitoto, lhe [3] sahiram elles, e travando briga durou pouco, porque em os nossos lhe captivando dois se vieram com elles; dos quaes souberam que o principe trazia quatro mil homens, em que entravam novecentos espingardeiros, mas que todos vinham com grande medo; o que não diminuiu nada o animo dos portuguezes antes lho accrescentou para desejarem ver-se já com elles em baralha. E assi, chegada a madrugada, lhe sahiu dom Francisco de Moura, e posto em boa ordenança se foi chegando para os mogos, como elles tambem vinham, [4] e em amanhecendo antes que chegassem, lhes pareceu aos nossos [5] lhes seria de muito prejuiso, porque se poderia ver o pouco poder que levavam; porém em logar da escuridade da noite ficou uma nevoa tão espessa que se não podiam vêr uns aos outros, aindaque estivessem mui perto. Os nossos pegús iam diante, e deram primeiro santiago, com que os mogos se não alvoraçaram muito; mas depois que os portuguezes romperam com a furia costumada ficaram os mogos de todo quebrantados, não para que deixassem de brigar, mas como quem o fazia sem esperança de victoria. O principe de Arracão vinha com o seu [6] corangary, e um mouro valente chamado Matuya em sua guarda, com quem topou o nosso pegú Chimitoto, indo já os mogos de vencida. Com que o pegú teve tanto animo que, com pensamento de captivar o principe, arremetteu com elle e todos os da sua companhia, que começaram a defendel-o mui bem, e o nosso pegú, não querendo feril-os, se defendia sómente, gri-

[1] distancia de uma legua — A.
[2] peças — C.
[3] sahiram a elles — A.
[4] e amanhecendo — C.
[5] lhe — C.
[6] Corangali — A. Corangarim, ou corangary, parece preferivel.

tando [1] raia, raia, como quem dizia que aquelle era o rei, que chegassemos e o captivassemos. Mas, n'esta baralha o feriram; com que elle não esperou mais cumprimento nem cortezia á pessoa do principe, antes cerrou com elle, e dando-lhe uma cutilada no rosto o derrubou, e esteve alli o principe arriscado ao matarem, porém foi captivo e entregue a dom Francisco de Moura, e como ainda em partes [2] durava a briga, disse dom Francisco ao principe mandasse aos seus que se entregassem, senão que o matariam a elle. O que logo mandou o principe, e n'um momento foi obedecido; mas ainda esta briga não era bem acabada quando se ouviu grande rumor de armas, n'uma paragem em que os portuguezes estavam ainda brigando. Era a causa chegarem dois mil homens de armas que o rei de Pren [3] mandava em seguimento do principe de Arracão, sabendo ir por aquellas terras fugido; ao que acudindo os nossos houve uma [4] briga mui travada e bem pelejada, porque sobreveiu estando elles já bem cansados da briga que não tinham bem acabada, mas os de Prem, bem descorçoados de verem alli portuguezes, tendo já sentido em suas carnes seu ferro se retiraram a seu pesar. O principe de Arracão pediu a dom Francisco lhe não maltractassem suas mulheres, e elle procurando por ellas lhas deram os soldados com muita vontade, o qual *as* mandou entregar ao principe, e se veiu andando com elle para as jalias, aonde chegando, tomando-o dom Francisco por uma mão e ao pegú que vinha com elle por outra, os entregou a Philippe de Brito. O que vendo o de Arracão arrebentou n'um choro mui grande, por se ver captivo de Philippe de Brito, que havia sido captivo de seu pae; como tambem chorou quando viu suas mulheres. Os mogos vieram acompanhando o seu principe até as jalias, querendo todos vir captivos com elle, mas como não era possivel caberem todos n'ellas, estavam á borda do rio esperando que os portuguezes escolhessem quem quizessem, tendo-se por ditosos os que eram chamados para virem captivos, por ser em companhia do seu principe; que tanto o amam estes infieis. E assim, quando se partiram as jalias, os que ficaram se puzeram em grande

[1] raya, raya — A.
[2] durasse — A.
[3] Em logar de — Pren, ou Prem, como vem mais abaixo, lêa-se Prom ou Prome,
[4] trisca — A.

choro; muito para notar em gente que não guarda fé a Deus guardaram-na d'esta sorte a quem são mais tyrannos que reis. Outro mouro vinha com o principe de Arracão, grande pessoa, chamado Matuntum, que, porque na destruição de Pegú tinha morto e cortado as mãos aos portuguezes que lhe levavam mantimento, se escondeu n'esta occasião de maneira que por mais que os nossos trabalharam pelo achar, para se satisfazerem n'elle dos damnos passados, nunca o puderam descobrir.

CAPITULO XXXV.

DO QUE MAIS PASSOU O PRINCIPE DE ARRACÃO EM NOSSO PODER, ATÉ TORNAR PARA O REINO.

Vindo captivo o principe de Pegú, pediu tambem de mercê ao capitão geral Philippe de Brito o mandasse tractar como principe que era, e a todos os seus, e elle [1] lhe prometteu de o fazer assi; por onde o mandou metter em uma embarcação com alguns criados e mulheres que o [2] servissem muito á sua vontade, em uma charola, que tinha, dourada, no meio, [3] de madeira; que só na falta de seu estado e da liberdade podia sentir o captiveiro. E n'esta fórma chegaram á fortaleza de Serião, onde havia ficado por capitão Manuel Pereira de Lacerda, que o [4] visorei dom Martim Affonso de Castro tinha mandado com tres navios de soccorro áquella fortaleza, onde foi recebido Philippe de Brito dos seus com grandes festas, trazendo o principe dentro na sua charola dourada 'apresentar a nossa Senhora da Victoria, como despojo a ella particularmente devido. O rei de Arracão, chamado Xilimixa, sentiu como era razão a perda da sua armada, e muito mais o captiveiro de seu filho; por onde se dispoz a tractar de pazes com Philippe de Brito, que não deixou tambem de o fazer, pelo muito que lhe [5] convinha amizade e paz d'este rei. E assi, de-

[1] o prometteu fazer assim — A.
[2] servissem á sua vontade — A.
[3] da madeira — A.
[4] visorei Martim Affonso de Castro — A.
[5] convinha a amizade — A.

pois de avisar ao visorei da India dom Frei Aleixo de Meneses, que então governava, e elle lhe ordenar que tornasse o principe de Arracão a seu pae, sem por isso lhe pedir cousa alguma, senão fazerem pazes e amizade com todo o bom modo, e conveniencia da fortaleza, mostrando Philippe de Brito o fazia tambem em reconhecimento do soldo que já havia recebido d'este rei, postoque merecido com muitos serviços, se veiu a concertar com elle em que fazendo juramento solemnissimo, com todos os grandes de seu reino, em que tambem entrassem os seus principes grandes, que chamam rolins, de nunca mais fazer guerra á fortaleza de Serião, pois sua Magestade tinha posto n'ella suas armas, e elle Philippe de Brito lhe tinha dado menagem d'ella, e dando-lhe o rei de Arracão duzentas mil tangas, que cada uma vale duzentos e cincoenta reis, que lhe custára a armada que lhe fizera fazer para se defender da que mandára contra elle, se fariam pazes para sempre. E postoque o rei de Arracão não reparou no juramento, comtudo reparou nas tangas, e assi em recados e embaixadas de parte a parte se gastou perto de um anno, e por fim [1] veiu elrei a concertar-se com Philippe de Brito em cem mil tangas, e que lhe désse as terras de Ugila, junto a Chitigão, porto grande de Bengala, que ainda que estavam algum tanto despovoadas, comtudo, povoando-se e cultivando-se podiam ao diante vir a ser de proveito; porém o rei de Arracão não deixou de sentir muito a paga das cem mil tangas, dizendo que era resgate que lhe tomava Philippe de Brito por seu filho, e por mais que elle dizia que não era, sempre o rei, com grande sentimento, repetia que era resgate. Feito o juramento, que não tardou muito que o rei o não quebrasse, veiu o capitão geral Philippe de Brito com o principe, e todos os mais fidalgos e senhores que com elle estavam captivos, e os levou a [2] Chidube, pesqueiras do mesmo principe, e o entregou, recebendo as cem mil tangas promettidas. E fazendo-lhe salva com a artelharia, aconteceu matarem-lhe de uma pelourada o Mirda, que que é o que tomava o leme de sua jalia, e cahindo morto sobre o principe, o tomou elle em tão mau agouro, e ficou tão desconfiado, que depois trabalhou e machinou todos os males que pôde contra os portuguezes e fortaleza de Serião. E assim, d'alli a dois annos tornou o rei de

[1] veiu a elrei o concertar-se — C.
[2] Chidusbe — C.

Arracão a juntar uma armada muito mais poderosa e aventejada que esta, convocando o rei de Tangú para que viesse ajudal-o contra nós, como em effeito veiu com um grande exercito por terra com que sitiou a nossa fortaleza de Serião, e o Arracão veiu por mar trazendo mais de oitocentas embarcações de guerra, com mais de dez mil homens de armas n'ellas. E tendo aviso Philippe de Brito d'esta armada, mandou negociar a sua, que não chegava a ser de oitenta embarcações entre galeotas, sanguiceis e jalias, porém mui bem negociadas todas, e as entregou ao esforçado capitão Paulo do Rego Pinheiro, para que fosse [1] esperar o inimigo, e brigasse com elle no mar, como [2] de antes tinha feito. Elle o fez com todo o esforço, esperando o inimigo na ponta de Degú, onde [3] d'antes alcançára d'elle outra victoria; porém d'esta vez deu a sua galeota em secco, com que o veiu logo atracar toda a armada ligeira do inimigo. E vendo Paulo do Rego sua perdição certa, estando já atracado de grande [4] cantidade de embarcações, não conhecendo nem vendo outro modo para os poder destruir e livrar-se [5] a si, por se não gloriarem os inimigos de o levarem ou vivo, ou morto, deu fogo á sua galeota, com que voou feita em pedaços, e todos quantos com elle vinham, entre os quaes foi um padre da companhia de Jesús, chamado [6] Natal Salermo, de exemplar virtude e religião. E não menos voaram muitas embarcações dos mogos que estavam atracados da galeota, e morreram grande copia d'elles. Feito de tanto zêlo e esforço, reputação e auctoridade das [7] estimas de sua Magestade, que requeria differentes encomios e louvores, do que a minha limitação lhe póde dar; mas não deixarei com ella de o encommendar á memoria eterna dos homens, para que viva tanto n'ella como merece quem depois de illustres feitos dá a vida, [8] que é o mais que tem e póde, para com ella, como outro Sansão, fazer por acabar a de todos seus inimigos e de Deus.

[1] esperar ao inimigo — C.
[2] de antes o tinha — C.
[3] de antes — C.
[4] quantidade — A.
[5] assim — C.
[6] Natal Salermo — A. e C. Salerno (?)
[7] estimas — A. e C. armas (?)
[8] que é o que mais tem — A.

A nossa armada, como ficou sem capitão mór, vendo-se tão inferior á dos inimigos, não tractou mais que de recolher-se á fortaleza, [1] para com a gente d'ella a ficar soccorrendo, por ser a que alli vinha a principal [2] que a havia de defender, como em effeito fez. O rei de Arracão, que vinha em pessoa n'esta armada, chegou logo a pôr sitio á nossa fortaleza por todas as partes mui apertado, em companhia do rei de Tangú, que tambem nos apertava quanto podia, fazendo todos conta de acabarem d'esta [3] vez a fortaleza; mas o geral Philippe de Brito, e todos os mais portuguezes que dentro estavam, que seriam até duzentos e vinte, e mais de tres mil pegús christãos, resistiram aos inimigos de maneira que, em dois mezes que estiveram de cerco, não alcançaram mais que fazerem-nos gastar os mantimentos; com que no cabo d'elles estava a fortaleza em notavel aperto. O que vendo Philippe de Brito que os pegús que comsigo tinha iam já perdendo o animo, usou de uma industria por ultimo remedio, pois não tinham outra parte d'onde humanamente o pudessem esperar. Esta foi mandar trazer todo o restante do mantimento que tinha, e pôl-o no ultimo sobrado de uma tulha de tábuas, que chamam pataya; cousa mui grande, que ficava sendo o primeiro, com que todos os mais ficavam cheios; e fez que de proposito, que [4] parecesse acaso, mandassem uns mogos, que tinha captivos, a buscar mantimentos que se haviam de comer este dia, e depois mandou chamar estes mogos, e os mandou a seu rei com uma carta na fórma seguinte:

«Muito alto e poderoso rei de Arracão, senhor dos dois elephan-»
«tes brancos. Não vos canseis no cerco grande que me tendes posto,»
«porque espero em Deus que muito cedo vos tenha n'esta fortaleza, co-»
«mo tive ao principe vosso filho. Dizem-me que morre a vossa alteza»
«muita gente á pura fome. Se assim é, pela obrigação antiga que tenho»
«a vossa alteza, e pelo amor que ao principe sempre tive, póde vossa»
«alteza mandar buscar aqui mantimento para suas damas; porque»
«quando as captivar as tenha vossa alteza n'esta fortaleza muito gor-»

[1] para que com — C.
[2] que havia — C.
[3] vez esta fortaleza — A.
[4] parece — C.

«das e [1] formosas. E porque espero em Deus [2] de cedo ter a vossa al-»
«teza, como [3] tive ao principe seu filho, escuso mais palavras.»

Lida a carta diante d'elrei de Arracão, principe, e capitães de sua armada, deu o rei uma palmada muito grande, dizendo: [4] «Cucurpare.» Que que quer dizer: «Este filho da puta poderá conseguir o que diz. Ide,» «trazei-mo aqui, para lhe dar o castigo que merece.» Ditas estas palavras mandou desparar toda a armada, e chamar a conselho todos os capitães, para ordenar o dia e hora em que havia de commetter e escalar a fortaleza. Juntos todos, mandaram chamar os mogos que trouxeram a carta, e lhes fizeram perguntas em que estado estava a fortaleza, se tinha mantimentos e quantos; e [5] respondendo elles que, [6] conforme o que gastavam, tinham mantimentos ainda para quatro ou cinco mezes, assentaram que remettessem todos á fortaleza, e achando-a forte se fosse sua alteza para Arracão passar o inverno, e no principio do verão seguinte lhe tornariam a pôr cerco, e á pura fome a tomaria, e mataria a todos os que dentro estavam. O que parecendo bem ao rei de Arracão, tractou com o rei de Tangú que désse certo dia na fortaleza por terra, e elle daria por mar. E informado o rei de Tangú do que determinava o rei de Arracão, e do que tinha assentado em seu conselho, temendo que os [7] mogos o deixassem a elle só no cerco, determinou de lhes ganhar por mão, e assim lhes respondeu que estava mui prestes, que o avisasse sua alteza [8] o dia e hora que havia commetter a fortaleza, para elle tambem o fazer; e a noite de antes, em rendendo o quarto da prima, com grão silencio levantou o campo, e se foi para o seu reino de Tangú com a maior pressa que pôde, sem o fazer saber a ninguem, de maneira que quando amanheceu não pareceu [9] da parte d'onde estava o Tangú uma só pessoa. O que vendo os nossos pegús sahiram fóra, com grande alarida e festa, bus-

[1] fermosas — A.
[2] de todo ter — C.
[3] tive a seu filho — A.
[4] encur páre — A.
[5] respondendo que — A.
[6] conforme ao que — A.
[7] mogo os deixassem — C.
[8] o dia a hora — C.
[9] de parte do Tangú — A.

car algum mantimento e despojos que ficaram do exercito do rei de Tangú, que por ir mais leve e desembaraçado os não quiz levar. Certificado o geral Philippe de Brito como o rei de Tangú havia [1] levantado o cerco que pela banda da terra lhe havia posto, mandou sahir aos soldados e capitães, com suas bandeiras, pifaros e tambores, e desparando a artelharia, como que puzera em fugida ao rei de Tangú. Vendo o rei de Arracão tão grande [2] novidade dos pegús andarem passeando ao longo do rio, outros lançando navios ao mar, como que o faziam para virem brigar com elle; não vendo o rei de Tangú, nem rasto ou signal d'elle, nem do seu arraial, concebendo maior medo do que levava o Tangú, parecendo-lhe que já via cumprido tudo o que Philippe de Brito lhe tinha escripto, deu signal de leva a toda a sua armada, e com grã pressa se acolheu. O que vendo os nossos, o não [3] podiam acabar de ter por certo, por serem livres tão brevemente de um cerco tão apertado, que os tinha já reduzido quasi ao ultimo, sem obrar n'isto outra cousa mais que a pura misericordia de Deus, a que se não fartavam de dar graças por tão assignalada mercê. E postoque não faltava animo e fervor a Philippe de Brito para se poder aproveitar da occasião em seguir ao inimigo até o destruir, como já tinha feito á outra armada; comtudo, era muita a differença da [4] grandeza e força d'esta, e da pouca que elle tinha com a falta do valor de Paulo do Rego e seus companheiros, e do estado miseravel em que estava com um tão apertado e prolongado cerco, e assi, seguindo o conselho [5] de que ao inimigo que foge ponte de prata, deixou ir embora ao rei de Arracão, e se converteu a refazer das faltas e necessidades em que o tinha posto a guerra atrazada, conhecendo bem, pelos poderosos e muitos inimigos que tinha, lhe convinha, abaixo de Deus, pôr só em suas armas toda a esperança e fortaleza com que se havia de defender d'elles.

[1] alevantado — A.
[2] novidade aos pegús — C.
[3] podiam ter — A.
[4] grança — C.
[5] de que o inimigo — C.

CAPITULO XXXVI.

DO QUE MAIS SUCCEDEU AOS REIS D'ESTAS PARTES, COM QUE DERAM OCCASIÃO A PHILIPPE DE BRITO FAZER UMA GUERRA DE QUE LHE NASCEU SUA PERDIÇÃO.

Com esta victoria, que os portuguezes de Serião alcançaram de dois tão poderosos reis com tão pouco custo, ficaram em grande reputação entre estes povos, e lhes parecia que a pequena fortaleza de Serião, e Philippe de Brito, capitão d'ella, podia competir com qualquer rei em forças, e saber defender-se. Com que Philippe de Brito se ia alevantando mais do que eram os alicerces e fundamento sobre que se podia fundar, postoque o esforço de seu animo a tudo o levava.

Succedeu n'este tempo que o rei de Ová ajuntou um poderoso exercito de cento e cincoenta mil homens, onde entravam trinta mil de cavallo, tres mil elephantes de guerra, duas mil embarcações, entre grandes e pequenas, e se veiu com todo este poder pôr cerco ao reino [1] de Porão, que levou com muita facilidade; e deixando pouca gente na cidade principal, levando captivos o rei e a rainha, com os mais principaes senhores d'este reino, e tudo o que havia n'elle de força, se foi sobre o reino de [2] Tangú, e tendo-o de cerco dois mezes, o rei se lhe entregou a partido de que seria seu vassallo, e lhe daria todos os elephantes, rubins de fama, e mais peças que tinha tomado ao imperador de Pegú. E sendo entregue de tudo, rodeou elrei de Ová os muros todos da cidade em um throno mui levantado, levando á sua mão esquerda o rei de Tangú, seu primo, em cima de uma alia, que é a femea do elephante, e com este triumpho lhe fez entrega das chaves da cidade de Tangú com alguns elephantes de pouco porte; e deixando-lhe alguma ar-

[1] Aliás — de Prom, conforme já advertimos. Assim o escrevem Faria y Sousa, na sua *Asia Portug.*, e Bruzen La Martiniere no *Grand Diction. Geograph.* Prome se lê, porém, tanto na *Relation de l'Ambassade Anglaise envoyée dans le Royaume d'Ava*, Tom. II, pag. 56, e seg. como na carta que a acompanha, desenhada por Thomaz Wood em 1795.

[2] Tánga — A. e C.

telharia miuda, como berços e roqueiras, com alguma gente de cavallo, pouca, com um capitão de que o rei de Ová se fiava muito, [1] levando comsigo para Ová todos os capitães e pessoas de consideração que havia n'este reino [2] de Tangú, o deixou offerecido a quem quer que quizesse intentar ou reinar sobre elle. O que deu occasião a Philippe de Brito para vêr e considerar como este reino [3] e o de Porão ficaram assolados e desamparados de defensores; com que mandou a sua armada [4] dar no Porão na era de 610, e não achando resistencia entrou a cidade e saqueou o pouco que n'ella havia, e trazendo alguns pegús comsigo se veiu retirando para a fortaleza de Serião, pelo rei de Ová ter já mandado muita gente e cavallaria em soccorro [5] de Porão, que confina com o Pozão e cidade de Ová, ou Anvá, que quer dizer cercada por todas as partes de rios, onde nascem e se tiram todas as pedras preciosas que ha n'estes reinos, a saber: rubins de summo valor, saphiras as boas que ha, e toda a mais sorte de pedras preciosas, tirado diamantes, que ha poucos.

N'esta occasião se germanou Philippe de Brito com um regulo de Martavão, dez leguas de Serião, casando seu filho Simão de Brito com a filha d'este rei, por ordem do padre frei Francisco da Annunciação, da ordem de são Domingos, de que atraz fizemòs menção, e assi, catechisada e baptisada esta senhora, se fizeram os desposorios diante de Philippe de Brito, que estava embarcado com toda a sua soldadesca n'uma grande armada, que tinha junto aos muros de [6] Marmulão, reino que está contiguo com Martavão; mas não se viu. Philippe de Brito de rosto a rosto com o Banhadelá, que era o mesmo rei seu consogro, porém ordenaram que o Banhanoy, filho do Banhadelá, fosse com Philippe de Brito assistir em Serião, e que Simão de Brito ficasse em Marmulão com elrei seu sogro. Embarcado na armada o Banhanoy, mandou Philippe de Brito ao [7] padre Francisco tomasse juramento ao Banhadelá, e elle Philippe de Brito o faria tambem em nome de sua Magestade, de serem ambos irmãos

[1] levando comsigo todos — A.
[2] de Tangú para Ová o deixou — A.
[3] de Porão — A. e C. De Prom. Vid. a Nota 1 da pag. antecedente.
[4] no de Porão — A. e C. Idem.
[5] de Porão — A. e C. Idem.
[6] Marulão — A. Deve lêr-se Marmulão.
[7] padre frei Francisco — A.

em armas, amigos de amigos e inimigos de inimigos, e tendo algum d'elles algum trabalho, e necessidade, se ajudariam um do outro em tudo o que pudesse cada qual dar sua ajuda. E assi, [1] posto o Banhadelá perante os seus, e o referido padre com o lingua, disse o padre ao Banha que mandasse sua alteza trazer um logar mais alto para pôr a nossa Senhora, sobre a qual havia de jurar. Não reparou n'isso o Banha, e assi mandou vir um escabello dourado. Com que os seus começaram a dizer uns para os outros: «O Banha está doudo, ou tem grande medo dos portuguezes.» E sentindo elle este rumor, vendo a imagem de nossa Senhora mui formosa, que o visorei Aires de Saldanha tinha dado a sua sobrinha, mulher de Philippe de Brito, disse o Banha: «Sei o que faço, porque tão» «formosa senhora não póde ser senão mãe ou filha de Deus.» E lhe offereceu logo sacrificio de betre e areca; de que ficaram pasmados todos os seus. Feitos os juramentos, começaram a consultar Philippe de Brito e o Banha em irem ambos sobre o rei de Tangú, vassallo do rei de Ová, dizendo Philippe de Brito que o juramento que tinha feito de ser amigo do rei de Tangú, como na verdade fizera, fôra antes que elle fosse vassallo do rei de Ová, seu inimigo, pelo que não estava obrigado ao cumprir; nem elle n'esta occasião ia fazer guerra ao rei de Tangú, senão a um vassallo do rei de Ová. E assi se resolveram em ir Philippe de Brito sobre o dito Tangú, juntamente com os capitães e gente do Banhadelá seu consogro. Partiu com uma formosa armada no fim do anno de 610, em que levava mais de cem embarcações, nas quaes iriam vinte de portuguezes com duzentos homens, e as mais de christãos e gentios pegús, e a gente do dito rei de Martavão. E chegando n'esta fórma á cidade de Tangú, lhe mandou dizer o rei que elle se faria vassallo de sua Magestade, se não procurava outra cousa; mas como Philippe de Brito levava o intento mais adiante o poz sem embargo d'isso de cerco, e havendo cinco dias que o tinha sitiado, sabendo a pouca defensa de poder e gente que havia na cidade, lhe mandou subir os muros com septenta soldados, os melhores que Philippe de Brito trazia; como subiram, e apoz elles outros, que brigaram com muito valor contra o rei de Tangú e duzentos homens de cavallo do rei de Ová que havia dentro da cidade, dos quaes

[1] postoque — A.

era capitão Mareco Joab, irmão do rei de Tangú, [1] sendo tambem geral d'este reino, o qual n'esta occasião veiu em cima de um poderoso elephante, e apertou tanto com os nossos que os teve quasi [2] lançado fóra da cidade; porém Francisco Martins, soldado e capitão [3] de muito animo e esforço, lhe tirou com um mosquete e matou ao dito Mareco; com que voltou o elephante, e a cavallaria de elrei de Ová, que o acompanhava, tudo por causa d'este ditoso tiro. Tocou logo as suas trombetas o rei de Tangú, e mandou dizer a Philippe de Brito que era vassallo do grande rei de Portugal; que viesse tomar posse de sua pessoa, e de quanto tinha comsigo. Com este recado se deteve a briga por espaço de tres horas, em que fugiu a rainha de Tangú com a mulher d'este principe Mareco Joab, levando as mais preciosas peças que o rei tinha em seu thesouro, por uma porta falsa que a cidade tinha, de que não fizeram caso os soldados, por ser mui grande [4], e não haver gente para cercar o cerco d'ella. E com levarem estas rainhas o mais precioso, ainda importaria [5] o que Philippe de Brito trouxe e os soldados novecentos mil cruzados, em prata, ouro, duas jarras martavanas cheias de pedraria não muito fina, dois rubins que estavam na porta do oratorio do rei de Tangú, cuja grandeza dizem ser do [6] tamanho cada um de uma pellota; onde valha antes a fé devida e auctoridade do mesmo frei Francisco da Annunciação, por cuja informação escrevo isto, dada por preceito de obediencia de seu prelado, do que a censura que podem fazer os que tractam e conhecem estas pedras, postoque n'estes reinos, onde ellas nascem, as ha mui aventajadas das que passam á Europa. Traziam, além d'isto, o rei de Tangú e seus filhos em suas pessoas muitas pedras de subido valor; com os quaes todos, e as riquezas referidas, entrou Philippe de Brito triumphante em Serião, levando o rei captivo á sua mão direita, que aposentou em umas casas mui nobres junto das suas em que vivia, que haviam sido baluarte da fortaleza velha, em que dom Francisco de Moura teve

[1] sendo-o — C.

[2] lançados — A.

[3] valor, animo, e esforço — A.

[4] A cidade, e não a porta.

[5] Se Bocarro observasse as leis da grammatica, escreveria — ainda importaria o que Philippe de Brito e os soldados trouxeram, etc.

[6] tamanho de cada um — C.

a sua estancia e preso ao principe de Arracão e ao infante de Pegú. E estes trabalhos tinham até agora causado as riquezas do imperador de Pegú, e ainda foram causando outros, como adiante se mostrará.

CAPITULO XXXVII.

DO QUE FEZ ELREI DE OVÁ COM ESTAS NOVAS DA TOMADA DO REI DE TANGÚ, E COMO DESCEU SOBRE PHILIPPE DE BRITO COM UMA PODEROSA ARMADA, E TOMOU A FORTALEZA DE SERIÃO.

Além do parentesco que este rei de Tangú tinha com o rei de Ová, estava por seu vassallo e debaixo de sua protecção, e como o curso das victorias que havia pouco tinha alcançado o tinham ensuberbecido, parecendo-lhe que não havia quem já se lhe pudesse atrever, foi notavel o sentimento que recebeu quando soube o que Philippe de Brito tinha feito em Tangú; de maneira que despiu a cabaia e lançou a touca no chão, que são as maiores demonstrações que chegam a fazer por desgosto; e sahindo-se da sua cidade, fez grandes juramentos ao idolo Biay de Degú de não entrar mais n'ella, sem primeiro tomar vingança da morte de seu primo [1] Mareco Joab, e das affrontas que lhe tinha feito o capitão geral Philippe de Brito. Por onde, mandou logo por todos os seus reinos fazer gente, com bandos de grandes rigores, que nenhum homem de vinte annos para cima deixasse de o acompanhar. Com que brevemente ajuntou um exercito da copia que temos atraz referida, de cento e vinte mil homens, e com quatrocentas embarcações pelo rio, onde vinham, além de outra gente de armas, seis mil mouros de carapuça; e com todo este poder se veiu andando para a fortaleza de Serião.

Chegou o rei de Ová com o referido numero de gente á fortaleza de Serião a 19 de fevereiro de 613, e logo ao outro dia vieram tres mil de cavallo, e por uma banda e por outra queimaram tudo o que estava da fortaleza para fóra. E ao seguinte dia á noite chegaram a pôr muitas escadas no baluarte de Francisco Mendes, onde tinham posto a Agostinho de Sousa por capitão; mas foram tão mal recebidos que se afastaram,

[1] Marêco Joab — A. e C. Marco — vêm antes em ambas as copias.

sem mais terem nem pensamento [1] de as tornarem a pôr, senão levar a guerra por outro modo. Estava esta fortaleza de Serião n'este tempo em miseravel estado, porque tinha o capitão geral Philippe de Brito deixado vir a mais da gente para a India; não havia polvora mais que a que faziam cada dia, que apenas bastava para carregar as espingardas, e assi nenhuma bombardada tiraram a todo este exercito; por onde se atreveram a lhe chegar tão perto. E foi tão pouco prevenido, que tomando no Tangú muita copia de polvora, a estimou tão pouco que lhe poz o fogo, e podendo-a mandar buscar a [2] Banguela por um casado da mesma fortaleza, a mandou buscar por um soldado, que não só lha não trouxe, nem se lhe deu nada da necessidade, e *do* que podia vir a padecer por sua falta, mas ainda se lhe alevantou com o que lhe entregou para esse effeito; e postoque tambem a mandou pedir a San-Thomé em uma galeota de um casado de Serião, comtudo, não foi Deus servido que lhe fosse de nenhuma parte d'estas, nem soccorro algum. E dentro na fortaleza tambem havia tantas insolencias, que a justiça e razão eram as que tinham menos logar. Matavam-se homens por qualquer appetite, e Philippe de Brito não tinha animo [3] para o castigar, porque as insolencias dos portuguezes em começando a desenfrear-se tudo atropellam. Quando se lhe poz o sitio estava com noventa e septe portuguezes e melhoria de tres mil pegús, que não tendo com que brigar, mais que com breu, agua e azeite fervendo, se punham em cima dos muros por mostrarem representação de gente. A primeira noite mataram os nossos mesmos a Gomes da Costa, que estava por capitão mór da gente de guerra, porque suas obras fizeram que um soldado lhe désse por detraz uma mosquetada, de que logo cahiu morto. Ao outro dia pela manhã elegeram por capitão mór a um Agostinho Fernandes, que tinha vindo de Banguela, e a um portuguez d'alcunha o Dominus-tecum, para que com a ametade da gente acudisse onde houvesse mais necessidade. Os nossos, assim homens como mulheres, não faziam mais que forrar o muro por dentro com terra amassada; e quando foi a terceira noite amanheceu o inimigo com uma tranqueira feita de nossa Senhora do Monte para o Norte, pela mesquita de mouros e até o

[1] de os tornarem — A.
[2] Assim vem nos exemplares A. e C. Bengala (?)
[3] para castigar — A.

baluarte de Francisco Mendes, e d'ahi até a Ganga, pela rua do Aljube até o baluarte da praia, e da fortaleza sem despararem uma só peça de artelharia. E carregando um soldado um camelete com sua polvora, e dando-lhe fogo, veiu Philippe de Brito e pelejou muito como elle, [1] dizendo que com uma bombardada queria matar um homem. E assi se foi descobrindo a sua falta de polvora.

Da tranqueira que os inimigos fizeram da banda de loeste vieram minando até a borda da nossa cava, com obra de quatrocentas minas, sem serem sentidos; e logo em chegando amanheceu posta alli outra tranqueira, e começaram a vir com minas até o muro e bater [2] o baluarte São Domingos, e deram com elle em baixo, e d'alli varava o pelouro o baluarte do capitão geral e dava pelo oratorio, e fazia muito medo ás mulheres. Esta peça era uma que os inimigos tinham tomado a um navio, que estando alli chegou de Bengala, o qual se não pôde defender a tantas embarcações como o foram abalroar, e assim foi tomado; porque os inimigos não tinham artelharia grossa. Vendo-se os nossos com a fortaleza minada, e quasi derrubada e entrada, tomaram conselho, e assentaram que sahissem tres navios a dar um toque na armada inimiga, parecendo-lhe que todos estavam em terra; e assi foram todos tres em ala. O que foi da banda da terra de nossa Senhora do Monte abalroaram tantas embarcações com elle, e passaram cordas a terra porque puxaram de sorte que puzeram o navio inteiro em terra, e alli mataram a todos, sem ficar mais que um só homem. Os outros dois vieram na volta do mar, e tantos foram os que os abalroaram que ficaram sem perchas, e todos feridos, e ainda se puderam tornar para a fortaleza, e foram pôr-se sobre o muro.

D'alli a dez dias, indo os inimigos continuando as minas e os nossos esperando o baque d'ellas, abaixou o baluarte São Francisco cousa de uma braça, com tres falcões que em si tinha, e os inimigos vieram commetter a entrar pela banda de leste, mas foi-lhe defendido de maneira que de mortos se encheu a cava, e [3] se fez de nossa parte mui bem aquelle dia. Pela banda do norte do baluarte de Francisco Mendes até as

[1] dizem — A. e C.
[2] o baluarte de São Domingos — A.
[3] se fez mui bem da nossa parte aquelle dia — C.

casas do Pinto sentiram os nossos todo minado; o que logo contraminaram o melhor que puderam, e ás lançadas os deitaram fóra; e os inimigos encheram as minas todas por [1] baixo de paus da tranqueira.

Depois de vinte e dois dias de cerco, andavam os portuguezes e todos [2] os seus tão cansados de trabalharem e brigarem de dia e de noite, que lhes gritaram os pegús: «Brigae portuguezes, que não sabeis que cousa é captiveiro de bramás.» Mas como o que tinham com que o fazer não era mais que o referido, de azeite, breu e agua fervendo, como os inimigos o experimentavam [3] atreveram-se muito mais a chegar ao muro, e os pegús começaram a rosnar e tractar [4] mal o padre de são Domingos, a que não era tempo de poder acudir. E já então os portuguezes não eram mais de cincoenta, porque n'uma tranqueira, que fizeram para defeza de um baluarte [5] arruinado, lhe mataram dezeseis abrazados com fogo.

Aos trinta e quatro dias de cerco tomaram os nossos entre si [6] conselho qual seria melhor, se entregarem-se elles aos bramás, se entregarem-nos os pegús, porque esperavam que cada dia o fizessem ou os nossos a elles; e assentaram que vissem se lhes [7] queria dar o rei a vida, e deixal-os sahir n'um navio, para o que fizeram uma ola, que é o mesmo que carta, em que lho pediam pelas melhores palavras que puderam. Veiu com ella um portuguez chamado Sebastião Rodrigues Panchina, porém não lhe quizeram os inimigos acceitar a ola, nem o deixaram entrar na sua tranqueira, e mandaram recado ao rei, o qual deu por resposta que se fosse muito embora, porque os havia de matar a todos. Com que se tornou bem triste, e o fez sua resposta a todos os de dentro. N'este tempo o Mogo, rei de Arracão, que já estava amigo e em paz com Philippe de Brito, vendo quão visinho lhe ficava um tão poderoso inimigo como o rei de Ová, que não [8] havia de deixar de entender com elle, por

[1] baixos — C.
[2] os seus cansados — A.
[3] travessarem-se — C.
[4] mal ao padre — A.
[5] arruinando — C.
[6] conselho se entregarem-se — A.
[7] queria o rei dar a vida — A.
[8] havia deixar — A.

vêr se o podia evitar, mandou cincoenta jaliás de soccorro á nossa fortaleza, que não [1] serviram de mais que lançar lenha no fogo; porque veiu a poderosa armada do rei de Ová, [2] e em mui breve as desbaratou e tomou; de que escaparam só poucos mogos, que se foram para a fortaleza. Depois d'isto brigaram os nossos mais tres dias, e aos trinta e seis de cerco commetteram os inimigos os nossos de noite por todas as partes, por mar e terra, e n'esta mesma noite puzeram fogo a todos os paus [3] da tranqueira, e quando foi pela manhã, até as oito ou nove horas, ficaram os nossos todos feridos, e a mór parte mortos, e os inimigos tambem taes que não ousaram de os commetter, os quaes, vendo que as panellas que lhe lançavam os nossos, que elles cuidavam ser de polvora, eram só de cal, que lhes faziam mui pouco damno, veiu toda a guarda de elrei n'um corpo. Em este mesmo tempo saltou o mesmo capitão dos pegús, chamado Banhalao, para fóra dos muros, e logo [4] entraram os inimigos, sem lhe poderem fazer mais resistencia. Os poucos nossos foram correndo para a casa do geral, pondo fogo nas casas, e era tal o vento que lhe não deu logar para nada; porque se assi não fôra nenhum escapára, porque o rei mandava que a pessoa nenhuma dessem vida, e assim aos que alcançaram não perdoaram a nenhuns, quer homens, quer mulheres; mas o mesmo fogo fez sahir aos nossos. Philippe de Brito e a mulher ficaram na fortaleza velha sem ninguem bulir com elles, e os padres de são Paulo e alguns soldados; e a mais gente tinham uma cerca de paus, iam-nos mettendo dentro, e amarrando e cortando. Ao poço de Francisco Mendes, e por toda aquella fortaleza, matariam melhoria de séptecentos homens, entre pegús, canarins e alguns portuguezes. Ás quatro horas da tarde chegou o principe que hoje reina, e o seu irmão pequeno, e deliveram os seus que não cortassem mais. E como anoiteceu levaram a Philippe de Brito, e a mulher, e a Sebastião Rodrigues, até a cruz da Madre de Deus, e alli chegou recado, e tornaram a trazer os dois, levando a mulher. Chegaram a São Paulo ao quarto da modorra, amarraram-nos a ambos cada um em seu pau, e a Philippe de Brito deram

[1] serviram mais — A.
[2] e muito brevemente a desbaratou — A.
[3] das tranqueiras — A.
[4] entram — C.

garrote, e o mataram, e depois o espetaram no pau, e o arvoraram; e a Sebastião Rodrigues, pela manhã, amarrado o metteram n'um balão, [1] e com um sino o levaram a correr toda a armada, e depois o metteram n'uma capoeira com uma canga ao pescoço; e d'ahi a oito dias começaram a ir mandando a gente para Ová, e a Sebastião Rodrigues, com o vigario e mais quatro [2] portuguezes, detiveram em Pegú, dizendo que queriam concertar o porto [3] com o visorei.

Confessaram os inimigos que lhe mataram os portuguezes trinta mil homens, sem terem polvora nem tirarem um só tiro de artelharia, que quando a tiveram e se defenderam como convinha, ou não foram tomados ou lhes custára mui caro.

Este foi o fim de Philippe de Brito e da fortaleza de Serião, já mui acrescentada em habitadores e riquezas, de maneira que levou d'ella captivos o rei cinco mil christãos da terra, que nem depois de captivos retroceram a fé; cento e sessenta portuguezes entre os que ficaram da armada e tomaram na fortaleza, vinte e duas mulheres brancas. E estava em tanta reputação esta fortaleza que, se Philippe de Brito quizera contentar-se com ir senhoreando Pegú pouco a pouco, sem se adiantar a tão difficultosas emprezas e a ganhar tantos e tão poderosos inimigos, pudera vir a ser uma das grandes, ricas e poderosas fortalezas que sua Magestade possuira n'este Estado, e em paragem d'onde se puderam tirar maiores interesses, tanto em riquezas, como em conversão das almas, que de nenhuma outra parte. Mas, como a cubiça nunca deixou de ser damnosa para o mesmo que a cria, veiu a parar n'isto a de Philippe de Brito, não a medindo com as forças que tinha, nem se acautelando para sustentar o que obrava; sendo que da destruição de Pegú escreveram ao visorei d'este Estado ficára Philippe de Brito com novecentos mil xerafins, afóra o que depois grangeou n'esta fortaleza, que tudo perdeu, e acabou como fica relatado, e assi se vae mostrando o juizo divino em que os que contra a lei [4] da justiça e razão querem encher-se [5] de riquezas,

[1] e com um cirio levaram — C.
[2] portuguezes e os detiveram — A.
[3] o porto — A. e C. porte (?)
[4] de justiça e da razão — A.
[5] de riquezas não se contentando — A.

que além de as perderem vem a perder a propria vida com ellas: não se contentando de se vêr, do estado que teve de captivo que havia sido do rei de Arracão, onde se sustentáva de fazer carvão e o vir vender á cidade, capitão geral de uma fortaleza, e quasi senhor do reino de Pegú [1].

CAPITULO XXXVIII.

COMO O VISOREI DOM HIERONYMO DE AZEVEDO MANDAVA SOCCORRER A FORTALEZA DE SERIÃO, E DO SUCCESSO QUE TEVE ESTE SOCCORRO.

Acabado este inverno de 613, em que o visorei dom Hieronymo de Azevedo mandou aprestar algumas galeotas para logo em septembro mandar em soccorro á fortaleza de Serião, conhecendo que lhe não davam as

[1] Querem que uma das principaes causas que contribuiram para a perda da fortaleza de Seriam, ou Seriang, e a lastimosa catastrophe que se lhe seguiu, fosse a impudicicia de D. Luiza de Saldanha, mulher de Philippe de Brito de Nicote. Era ella, como vimos, filha de Manuel de Saldanha, irmão do vicerei Aires de Saldanha, e, segundo Faria y Sousa, d'uma mulher natural da ilha de Java. Criada nos regalos de Goa, onde nascêra; senhora de gentil presença, e vaidosa da sua formosura, D. Luiza, casada com o Nicote, filho de pai francez, e que do estado infimo se elevára quasi ao de rei, deshonrava a seu marido commettendo adulterio com um dos capitães portuguezes. Vociferou contra o escandalo a soldadesca, e aquella desatinada, para diminuir o numero dos maldizentes, aconselhou ao marido diminuisse a guarnição da fortaleza, por ser, além d'inutil, muito dispendiosa. Tomou Nicote o fatal conselho; desguarneceu Seriam, e com mais este erro facilitou ao rei d'Avá a conquista. Mandou-o elle empalar, e padecendo tão cruel supplicio ainda o Nicote viveu dois dias. A' mulher fêl-a mundificar n'um rio, com o proposito de a tomar para sua concubina; mas negando-se ella, com heroicidade não esperada, a satisfazer-lhe os desejos, condemnou-a a que lhe esfolassem as pernas (outros dizem a que lhe furassem uma perna de banda a banda), e reduziu-a á condição d'escrava. Sobre estas particularidades, de que Bocarro não tracta, consultem-se Faria y Sousa, *Asia Port.* Tom. III, Part. III, Cap. II, e o *Journal* de Peter Williamson Floris, que se acha extractado no Tom. V *da Histoire Generale des Voyages*, de Prevost, pag. 322 e 323.

Philippe de Brito de Nicote, nascido em Lisboa, teria algum parentesco com

posses logar conforme a vontade e a importancia da empreza o estava pedindo, não [1] arribou mais que as cinco galeotas d'armada, de que fez capitão mór a Diogo de Mendonça Furtado, fidalgo de muitas partes convenientes a seu sangue, com que era merecedor de avantajados logares. Acceitou este, por não recusar nenhum que fosse de servir a sua Magestade. Os mais capitães foram Gaspar da Fonseca com titulo de almirante, [2] Hieronymo de Ceita e Mendonça, Constantino de Sá de Mello, Diogo de Mendonça da Silva, onde foram embarcados fidalgos Francisco Cardoso de Almeida, Alvaro de Mesquita, Manuel Correia da Silva. E como para o poder que Philippe de Brito escrevia [3] estava sobre *elle* era este um tão limitado, mandou o visorei, pelo inverno, ordem a Negapatão e San-Thomé que nenhuma pessoa fosse com embarcação a Bengala, nem ás partes de Pegú, senão em companhia de armada. E assi, a despediu a dezoito de agosto de 613, achando ainda o tempo tão verde que houve muitos dias que não faziam comer de fogão. E levando de Tutocory embarcações para mudarem o fato e poderem passar os baixos de Chilao, depois de o terem feito se viram em mór perigo, dando os navios [4] n'elles em secco, com que foi forçado saltarem ao mar marinheiros e soldados, e ainda assi trabalharam cinco dias para [5] os poderem safar. Levava mui encarregado Diogo de Mendonça pelo visorei levasse todas as embarcações que pudesse, de mercadores, e de qualquer outra condição que fossem, com que [6] fizesse ostentação de muito maior poder; e que em San-Thomé soubesse o estado em que estava a fortaleza que os hollan-

Jão Nicot, que foi embaixador de França em Portugal pelos annos de 1560 em diante, e se tornou celebre dando o seu nome á planta do tabaco, introduzida por um sobrinho do nosso historiador Damião de Goes? A similhança dos appellidos, e a comparação das datas, auctorisam a crer que poderá este nosso reparo dar emprego á perspicacia e estudo dos indagadores de genealogias.

[1] arribou — A. e C. aviou (?)

[2] Jeronymo da Seta de Mendonça — C. Hieronymo de Secta de Mendonça — A. Preferimos escrever este nome como o traz Faria y Sousa, *Asia Port.*, Tom. III, Part. III, Cap. II, § 9.

[3] estava era este — A.

[4] n'elle — A.

[5] as poderem — A.

[6] fizessem — A.

dezes tornavam a erguer em Paleacate, para que podendo [1] com pequena detença dar sobre ella, com ajuda da cidade de [2] Meliapur, o fizesse, parecendo-lhe podia conseguir algum bom effeito; porém isto com tanta brevidade que por essa causa não perdesse occasião de ir soccorrer a fortaleza de Serião, que era o principal intento para que se ordenava esta armada, pelo aperto em que era certo estar, e quanto convinha mais conservar e sustentar o ganhado do que intentar novas empresas, e particularmente quando esta de Paleacate havia pouco tempo que nós a tinhamos ganhado aos inimigos, e por não termos com que a povoar arrasámos e largámos; ordenando-lhe o visorei que se não detivesse n'esta, nem em outra alguma occupação, de sorte que não partisse d'esta costa de Coromandel até vinte de septembro. E assi lhe mandava que em Musulupatão tomasse de caminho todas as naus e mais embarcações que achasse sem cartazes, como ordinariamente navegam todas as d'este porto e as que vem a elle; para o que fizesse mui pouca detença em San-Thomé, para que não fosse*m* pela costa novas da armada, como costumam ir com grã brevidade; mas sempre com presupposto [3] de por nenhum d'estes fins deixar de partir até o referido tempo, para poder ir fazer o soccorro com que fosse de effeito. Chegando esta armada a Negapatão, mandou o capitão mór lançar pregão, por ordem que para isso levava do visorei, que toda a pessoa que se quizesse embarcar n'esta armada lhe [4] perdoaria todos os crimes que tivessem, para ficar*em* em caminho de livramento os que por culpas se homisiavam, e juntamente introduzidos no serviço de sua Magestade, onde *as* purgasse*m* e os ficasse elle ganhando com não menos proveito d'elles. Mas ainda assi houve mui poucos que se embarcassem; e por tambem não haver nenhuma embarcação de mercadores, que pudesse levar comsigo, se partiu logo Diogo de Mendonça para San-Thomé, onde tambem não achou nada em que fizesse detença, nem occasião de poder intentar Paleacate, como levava por regimento, porque [5] estava já uma fortaleza de pedra e cal na fórma em que hoje se vê,

[1] com pouca detença — A.
[2] Meliapor — A.
[3] de que por A. e C.
[4] perdoariam — C.
[5] estava uma — C.

que havia mister mui differente poder do que levava, porque os hollandezes não se descuidaram, [1] na fórma em que nós fizemos, de a refazer e restaurar, para nos fazerem os males que d'ella hoje se padecem. Chegou Diogo de Mendonça á sua barra, onde achou uma nau hollandeza ao mar surta á sombra da fortaleza, com que arremetteu com os navios, e a nau não fez mais que dar pique ás amarras, e juntamente ás velas para o mar, onde, postoque [2] a foram os navios seguindo, entrou-lhe vento fresco, com que a nau se foi mais depressa, e os navios [3] se vieram para terra, onde tomaram uma nau mourisca que estava á sombra da mesma fortaleza de Paleacate, que lhe tirou muitas bombardadas, mas não foi [4] isso parte para os nossos navios a não renderem. Fugindo para terra os hollandezes que estavam n'ella, e subindo os portuguezes, tomaram armas e bandeiras, e a nau largaram, por haver sido de um gentio, e os hollandezes a terem havia pouco tomado. D'aqui se partiu Diogo de Mendonça com toda a brevidade, e não achando em Musulupatão, por onde passou, em que se empregar, foi seguindo sua derrota a Martavão. Postoque o visorei lho mandava tomar para que d'alli soubesse o que passavam em Serião, foi entrando logo pelo rio acima obra de quatro leguas, por quintas mui frescas com casas mui formosas e douradas, e ao dobrar de uma ponta viu uma armada de até vinte e duas embarcações, em que entravam septe galeotas e sanguiceis, os quaes em vendo os nossos navios se vieram a elles com toda a pressa, e o de Constantino de Sá, que ia diante, abalroaram, e os nossos, como viram os outros com capacetes e rodellas douradas, pareceu-lhes, na primeira vista, serem os portuguezes da armada que Philippe de Brito trazia por estas partes, até que, desenganados com o recebimento de pelouros e mais commettimento de armas que lhe faziam, lhe deram tambem a resposta na mesma moeda, e tão aventajada que chegando os mais navios e embarcações [5] dos inimigos, e acudindo Diogo de Mendonça com os seus, se travou uma ba-

[1] na fórma em que a nós fizemos — C.
[2] o foram — C.
[3] se foram para — A.
[4] isto — A.
[5] de inimigos — A.

talha *que*, postoque não de muitas embarcações da nossa [1] parte, ao menos era muito para vêr, porque foi das bem pelejadas que houve; que como se podiam chegar com o remo cada vez que quizessem foram os portuguezes abalroando as galeotas dos inimigos, e fazendo n'ellas notavel destroço, com que os obrigaram a despejal-as. E os outros, vendo o que acontecia a seus companheiros, não tractavam mais que de se pôr em salvo, e assi remando pelo rio acima se puzeram em fugida, deixando nas mãos aos nossos quatro galeotas, e alguns captivos, vassallos d'elrei de Ová, de quem Diogo de Mendonça soube o que tinha acontecido em Serião, de que ficou com o sentimento devido, sentindo mais não o ter sabido antes da briga para com maior fervor tomar vingança d'estes inimigos. Alli soube tambem como o filho de Philippe de Brito, chamado Simão de Brito, que estava casado n'este reino com a filha do rei d'elle, como já temos referido, em se tomando a fortaleza de Serião, vindo parte do rei de Ová, o [2] fizera matar o seu proprio sogro, que levado do temor de tão poderoso rei, e de ser já tambem morto Philippe de Brito, não respeitou a parentesco, antes despertou o odio que tinha aos portuguezes, com que matou a Simão de Brito: do que tudo [3] ficou Diogo de Mendonça, e todos os da sua companhia tão tristes como o pedia a razão de todas estas desgraças.

Levava Diogo de Mendonça por regimento que, quando não achasse a fortaleza de Serião em estado que a pudesse soccorrer com a armada que levava, fosse a Bengala vêr-se com Sebastião Gonçalves, que estava por senhor da ilha de Sundiva, e fizesse com elle o ajudasse com mais algumas embarcações, para que pudessem fazer o soccorro; e juntamente assentasse com elle as pareas que offereceu pagar a sua Magestade do senhorio da dita ilha, que era um galeão carregado de arroz todos os annos; e procurasse tirar-lhe algumas jalias esquipadas, com que, não sendo necessario na enseada de Bengala e Pegú, passasse a Malaca com mais duas galeotas das suas, e as tres mandasse para Goa com Gaspar da Fonseca, correndo toda a costa, e obrando n'ella o que lhe parecesse

[1] parte, era muito — A.

[2] matar a seu — C.

[3] ficou Diogo de Mendonça tão triste, e todos os da sua companhia tão tristes — A.

mais conveniente ao serviço de sua Magestade. E assi, em cumprimento d'isto, se foi Diogo de Mendonça a Bengala a vêr-se com Sebastião Gonçalves, onde o rei de Arracão lhe mandou offerecer ajuda da sua armada para tornar a cobrar a fortaleza de Serião. E como se conhecia bem de seu animo que o não fazia por amor que tivesse aos portuguezes, senão por suas conveniencias de não ter por visinho a um rei tão poderoso como o de Ová, não pareceu a Diogo de Mendonça lançar mão do offerecimento, particularmente quando tambem trazia encommendado pelo visorei soubesse mui bem, e visse, sendo possivel, o estado do seu reino de Arracão, e artelharia que dizi*am* tinha em grande quantidade, para que juntamente com o castigo de quantas vezes procurou destruir a fortaleza de Serião e fez guerra aos portuguezes, visse se podia [1] intentar [2] provêr-se d'aqui o Estado de alguma artelharia, pela grande necessidade em que estava d'ella, e para juntamente a ficar tirando a este inimigo, e tendo menos estas armas quando nos quizesse mover guerra, como se podia sempre d'elles esperar. Não tractou Diogo de Mendonça [3] a Sebastião Gonçalves em mais que em lhe dar algumas jalias com que passar a Malaca, e assi lhe pôde tirar dez mui bem esquipadas de paiques, que são os seus marinheiros. Com que, sem se occupar mais em outra cousa, se partiu para Malaca, deixando a Gaspar da Fonseca com mais duas galeotas para [4] se vir para Goa, como o visorei lhe ordenára; e elle se partiu com a sua e a de que era capitão [5] Hieronymo de Ceita de Mendonça, levando mais tres que tomára ao rei de Ová. Onde deixaremos a uns e outros seguindo sua viagem, para dar razão do que por outras partes n'este tempo passava.

[1] intentar-se — C.
[2] provêr-se o Estado — A.
[3] a Sebastião Goncalves mais — A.
[4] servir — C.
[5] Hieronymo da cita de Mendonça — C.

CAPITULO XXXIX.

DA VIAGEM QUE FEZ A ARMADA DOS GALEÕES DE JOÃO CAIADO DE GAMBOA, DE MALACA ATÉ A CHINA.

Deixámos a João Caiado de Gamboa despedido de Malaca com os tres galeões com que partiu de Goa, e feito á vela para a China a dois de julho de 613. E chegando aos Estreitos achou o Achem com uma grande armada com que tinha tomado a cidade de Jor, e conquistado o reino de Malaio e captivo o [1] Retabonço, irmão d'elrei de Jor, a principal pessoa de guerra entre os malaios; e acalmando-lhe o vento, e surgindo os galeões, vieram algumas embarcações do Achem pelejar com a caravela onde ia por capitão André Coelho, mas ella [2] os fez mui bem afastar, [3] e o capitão mór a chamou com uma bombarda, por não ter vento para a [4] poder vir soccorrer. E assi, passando seguras as embarcações que iam para Manilha e outras partes, indo já perto do golfo de Ainão, o galeão de João Rodrigues Camello, almirante, uma noite perdeu [5] o farol de vista; que isto causa muitas vezes a ruim vigia, tão importante a todos os que andam no mar. Ao outro dia pela manhã, como este galeão se viu só, parecendo-lhe que iam os dois na volta da terra se fez n'ella, onde o escrivão, a cujo cargo estava a repartição da agua, veiu dizer ao capitão que a não havia para a viagem; por onde, estando já á vista de terra, mandaram uma embarcação pequena a reconhecel-a e saber se havia agua. Foi um marinheiro portuguez com algumas patacas, e desembarcando em terra lhe fugiram todos os que n'ella estavam, sem quererem esperar que lhe fallassem; até que mostrando-lhe dinheiro vieram logo, e por lhe dar algum lhe mostraram agua, de que trouxe dois barris. E chegando ao galeão com elles se negociou o batel com muitas vasilhas,

[1] R onço — C.
[2] o fez — A.
[3] e o capitão a chamou — A.
[4] poder soccorrer — A.
[5] o forol — A.

como jarras, barris, e quartos, e foi com doze lascaris dos melhores, e doze soldados com seus mosquetes para os guardarem e ajudarem em tudo o que pudessem; e detendo-se o batel dois dias em terra começou a dar o tempo, não muito rijo, e vindo-se o batel já com elle se perdeu á vista do galeão, e todos os d'elle se foram a terra a nado, e d'alli correndo a costa até Macau, achando nos chinas assi o sustento como toda a mais ajuda necessaria. O tempo, que [1] era do sul, e ficava sendo travessão, foi crescendo de sorte que com um pé d'elle grandissimo se quebraram as arvores todas, sem ninguem lhe pôr ferro; e assi tambem não ficou amarra que não quebrasse, sendo algumas dez ou doze, porque as levavam com ancoras para os galeões de Miguel de Sousa, que as haviam mister. Tudo levou o vento, com uma furia que mostrava cada ora [2] submergil-os com montes de agua que pareciam nuvens, até que não tendo mais com que surgir o fizeram com uma peça de artelharia, que, como não prendia no chão mais que com o peso, era este de tão pouca força para a immensa do vento que foi logo arrojando o galeão, até dar com elle n'uma restinga obra de legua e meia de terra, onde deixando a quilha se fez em pedaços. A gente, que toda estava cansadissima do muito que até alli tinha trabalhado sem proveito, vendo-se no embate das ondas furiosas, alguns lhe fizeram repairo com os mesmos pedaços do galeão, que em quanto eram grandes, que os podiam ter sem se virarem e leval-os debaixo, os abrigavam alguma cousa: e estes foram os que passaram melhor. Outros, em vendo que não havia amarra que pudesse ter o galeão, começaram a fazer jangadas em que pudessem ir-se para terra; e d'estes foi um o capitão João Rodrigues Camello, que em uma muito grande, vendo o galeão em pedaços, se lançou ao mar só com os lascaris, onde iam muitos coroas, que são mergulhadores, que nunca mais pareceram: seria isto ás dez horas da noite. E os que não sabiam nadar se foram para o castello da proa. Crescendo cada hora a tormenta, se apartou a prôa da pôpa, e todos os que foram no castello da prôa se salvaram, por ir dar em terra, onde puderam sahir sem muito trabalho, tirado um cego portuguez, que depois de levar mil patacas, querendo tambem levar ás costas um cofrinho seu, cahiu na agua, que dava pela cinta,

[1] era o sul — C.
[2] submergidos — C.

e alli se afogou com o cofrinho, em pago de sua cubiça. Dos que foram nas jangadas se salvaram poucos, assi porque se viravam com a furia das ondas e levavam [1] debaixo a todos, como por um penedo, que estava meia legua ao mar, onde ia dar tudo o que sahia do galeão, e alli o faziam as ondas em pedaços. Ajuntaram-se em terra cincoenta e oito portuguezes e oitenta moços, [2] levando só o galeão, de gente branca, entre marinheiros, passageiros, mercadores e soldados, cousa de duzentos homens. Todos estes que escaparam hiam despidos, e andando pela praia deram com um caixão de saraças, camisas, dinheiro e outras cousas que davam n'ella, com que se proveram e cobriram sua desnudez.

Foi esta tormenta tão grande que cresceu o mar sobre a terra de sorte que alagou muitas povoações, particularmente as que estavam perto das praias; a gente que estava por ellas morta, assi do nosso galeão, como dos da terra, era muito para vêr e compadecer. Passaram os portuguezes por uma cidade que estava alagada, dando-lhe a agua pela cinta, com muita gente morta: os mais d'elles eram pescadores, que fugiam dos nossos, e por nenhum modo lhes chegavam; o que alguns dos portuguezes tiveram por melhor, por não acharem quem lhes fizesse mal. A paragem onde se perderam se chamava Sanchão, sessenta leguas de Macau. Os portuguezes se ajuntaram todos em umas palhotas ao longo da praia, onde tomaram conselho do que deviam fazer, e entre os soldados e mercadores de mais experiencia assentaram fizessem capitão que governasse esta gente, promettendo de lhe obedecer como a tal, [3] para poder castigar quem o merecesse e os poder levar em paz. E assi, elegeram a Gonçalo Machado, soldado velho, que na India tinha militado muitos annos, o qual logo partiu o dinheiro que tinham achado por toda a gente, que eram cinco saccos com duas mil e quinhentas patacas, tirando um sacco, que ficou de fóra para o que fosse necessario. Feito isto, vieram quatro chinas, gente humilde, ter com os nossos, trazendo-lhe um pouco de vinho do seu e algumas fruitas, que lhes foi de grande alivio em tempo de tanta necessidade; pelo que lhe deram uma pataca, de que os chinas se mostraram mui contentes, e em signal d'isto deram aos nos-

[1] debaixo todos — A.
[2] levando o galeão só — C.
[3] para o poder — A. e C.

sos umas capas de palha para repairo da chuva, que foram d'elles não pouco estimadas. Os chinas foram dar aviso de tudo ao mandarim, que são as suas justiças e governadores, que estava em uma cidade d'alli uma legua; e entretanto os portuguezes foram á praia, vêr os despojos que achavam do galeão, e juntamente a dar sepultura aos mortos, os quaes todos tinha o mar lançado n'ella, tirado o capitão, piloto e mestre, e assi os enterraram na praia como puderam, onde acharam muitas espadas e algum fato mais de que se proveram. O que acabado, se foram para as palhotas d'onde tinham vindo, para se determinarem [1] no que haviam de fazer. No mesmo dia, sobre a tarde, viram vir um homem a cavallo com quatorze ou quinze de pé, e negociando-se com suas armas para tudo que pudesse succeder, chegando o homem de cavallo lhe disse que já tinham noticia da sua perdição; que o seu mandarim grande os mandava chamar para saber d'elles que sorte de gente eram, se ladrões ou mercadores, e que quaesquer que fossem podiam vir seguros, porque lhes não haviam de fazer nenhum mal. Os portuguezes praticaram entre si se lhes convinha irem com este china, e assentaram que si; por onde se partiram logo, e em começando a andar, vendo o china de cavallo que os nossos respeitavam a Gonçalo Machado como seu superior, lhe offereceu o cavallo em que vinha, e não o acceitando elle, se desceu o china, e foi tambem a pé, por lhe fazer esta cortezia. Levou-os logo a primeira noite a dormir a uma aldeia perto, onde mandou o china dizer aos portuguezes se traziam alguma prata para pagarem sua hospedagem. Respondendo-lhe [2] elles que só tres ou quatro patacas [3] salvaram, que se as queria que alli as tinha, se calou o china, e mandou logo fazer grande copia de canja de arroz, que bastou para todos se refazerem da fome em que estavam; e entretanto se cosiam muitas gallinhas, arroz, e porco, que comeram á noite em muita [4] abastança. E pela manhã cedo, quando houveram de partir, lhes deu o capitão quatro patacas pelo comer que lhe haviam dado, que com ser para cento e cincoenta pessoas, tão famintas, até mais não quererem, ficaram tão contentes e satisfeitos

[1] do que — A.
[2] elles que tres — A.
[3] salvaram, se as queria — C.
[4] abastancia — A.

como se lhes deram muitos cruzados. [1] Ao outro dia foram caminhando para a cidade, com muitas aguas pelos caminhos, da tempestade passada; e chegando [2] a ella acharam as ruas cheias de agua, pela mesma causa. O que os levou os deixou em umas casas, e foi dar recado ao mandarim grande como alli estavam; e no entretanto escondeu Gonçalo Machado o sacco do dinheiro, que levava de fóra, em um cesto de arroz, para o que pudesse succeder, como depois lhe foi bom e muito melhor usar d'esta industria.

CAPITULO XL.

DO QUE MAIS PASSARAM OS PORTUGUEZES ATÉ CHEGAREM A MACAU, JUNTAMENTE COM OS MAIS GALEÕES DA ARMADA.

Não tardou muito o china com a resposta do mandarim grande, antes veiu logo, dizendo que mandava chamar a todos os portuguezes e mais gente que comsigo trazia, e estava esperando por elles. E assi levaram a todos, sem deixar nem moço, nem cousa alguma que trouxessem, e os metteram n'um pateo grande, que o mandarim tinha nas suas casas ao seu modo, onde os veiu receber, mostrando-lhe muito bom rosto; e de um banda pôz aos moços em carreira, e da outra aos portuguezes, e elle no meio em pé, onde lhe fez uma pratica que o seu rei era amigo dos portuguezes mercadores, que se elles o eram, como diziam, não tinham para que temer nada, antes fizessem conta que estavam entre os seus, e que [3] entrementes lhe haviam de dar todas as armas que traziam. E recusando-*se* a isto o capitão Gonçalo Machado, acudiram [4] os mercadores que alli estavam, e soldados velhos que tinham já passado á China, dizendo que se elles eram tão poucos, e estavam pela terra dentro perdidos e sem *ter* que comer, como se poderiam defender de um reino tão grande [5] e poderoso, como este em que estavam? E assi, parecendo bem a todos dar

[1] E a outro — A.
[2] a ella passaram e acharam ruas cheas — A.
[3] em mentes — A. e C.
[4] os mercadores, e soldados que alli estavam, que tinham — A.
[4] e poderoso em que estavam — A.

as armas, as entregaram, que não eram mais que algumas espadas. Depois lhe pediram algumas capas de panno que traziam, das que acharam na praia; sarassas e camisas, e o mais fato que traziam, tudo entregaram. E depois os mandou buscar o mandarim e lhes [1] tomou todo o dinheiro que lhes acharam, assi *aos* moços como *aos* portuguezes; o que feito, mandou tomar a rol todos, pretos e brancos, cada um por seu proprio nome, e lhes mandou dar umas casas grandes e espaçosas em que todos largamente cabiam, e alli ordenou se lhes désse todo o necessario, a cada portuguez tres gallinhas cada dia e arroz gerical em abastança, e porco, lenha, e agua, e para os moços arroz e porco, tudo em muita abundancia. D'ahi a dois dias os veiu vêr, e lhes pergnntou se estavam agastados contra elle; e respondendo-lhe que não, antes que lhe estavam mui obrigados e agradecidos, pelas grandes mercês que lhe faziam, [2] lhes mandou dar todo o fato que lhes tinha tomado, e cem patacas para se vestirem e outras cento para se repartirem por todos. E de dia e de noite mandava ter vigias nas portas das suas casas, não para lhes tolher, nem a brancos nem a pretos, irem e virem aonde quizessem; e mandou pòr dentro [3] no pateo das casas um bazar de muitas cousas [4] de comer muito baratas; até os virem todos os dias pela manhã alimpar de immundicias, e lhes darem por isso dinheiro.

Depois dos portuguezes estarem aposentados, sahiram fóra a vêr a terra, onde toda a gente os fazia entrar em suas casas, mostrando-lhes seus filhos e filhas, [5] e pondo-lhe sempre a mesa para comerem; mas como as viandas eram quasi cruas, na fórma que os chinas as costumam comer, e o peixe misturado com a carne, não comiam os portuguezes mais que alguns doces de laranjas, e bebiam do seu vinho, tractando-*os* sempre os chinas com tanta cortezia e amor que nem em seus proprios parentes o poderiam achar similhante. E andavam com tanta liberdade que davam em quem queriam, sem por isso lhes fazerem nada, dizendo só que eram captivos d'elrei.

[1] tornou — C.
[2] lhe — C.
[3] no pateo um bazar — A.
[4] de comer baratas — A.
[5] e porem-lhe sempre — A.

Passados poucos dias, em que os nossos viviam d'esta sorte, mandou o mandarim grande chamar a Gonçalo Machado, e lhe disse que os chinas estavam alli sem armas e os portuguezes eram muitos; por onde que era necessario repartil-os para outra terra; que lhe daria embarcações e tudo o que houvessem mister. E respondendo-lhe Gonçalo Machado que postoque nos portuguezes nunca se achára vileza, nem traição nenhuma, comtudo, fizesse sua senhoria o que quizesse, que elles estavam prestes para lhe obedecerem, agradeceu o mandarim, e assi mandou a trinta portuguezes e quarenta moços, indo Luiz da Maia por capitão d'elles, a quem Gonçalo Machado deu ametade do sacco de dinheiro que salvára no cesto de arroz; e o correr com os que ficavam e com os que iam foi na mesma fórma que até então se havia feito. Estiveram alli os portuguezes perto de dois mezes, entretendo-os o mandarim, que mandava saber quem eram a Macau, sem n'este tempo saberem, os que se tinham apartado, uns dos outros; de que não tinham muita pena, pela largueza e regalo em que viviam, que já os nossos não queriam comer gallinha, nem porco, nem arroz, senão gallinhas barradas com assucar; onde as vendiam, *para comprarem* vinho, [1] que os transtornava de maneira que iam tomar os cavallos que achavam ás portas dos mandarins, e se iam correndo n'elles pela cidade, até que os mandarins vinham fazer queixa a Gonçalo Machado, e só com fazer que pelejava com elles se davam por satisfeitos. E [2] os portuguezes se entretinham em contínuas sahidas aos rios, onde os mandarins cada um tem uma embarcação tamanha como uma galeota, com salas, camaras e antecamaras, e varandas, tudo tão limpo, dourado e formoso, que lhe não levavam ventagem os paços mais ornados de Europa, e por duas tangas, que são dois reales, iam os nossos n'uma embarcação d'estas, dez ou doze vezes, tendo no campo, liberto, sem lhe custar nada, muita [3] fruita de peros, peras, castanhas, e laranjas, que estas levam vantagem ás de Portugal, afóra outras fruitas da terra não inferiores, e no rio agua doce mui boa, solho, e outros peixes como os de Portugal, e alguns melhores no sabor e na bondade.

Postoque os portuguezes vivessem entre os chinas d'esta sorte, com-

[1] que transtornava — A.
[2] os portuguezes entretinham — C.
[3] fructa — A.

tudo, os mercadores e casados desejavam vêr-se em Macau, e assi pediam ao capitão fosse ter com o mandarim grande, e [1] lhe pedisse licença para mandarem um dos soldados, que parecesse mais sufficiente, a Macau, para trazer ordem e licença de se poderem vir para suas terras, visto serem mercadores; pois a que por sua via se tinha mandado vir tardava tanto. Foi o capitão e lho pediu; o que elle fez logo, e lhe deu um mandarim para ir com os portuguezes, que foi Estevam da Gama, o qual se deu a tanta diligencia que d'alli a vinte dias mandou recado, de uma cidade perto, pelo mandarim que foi com elle, para deixarem ir todos os portuguezes, visto serem mercadores. E assi lhe mandou o mandarim grande se negociassem para se irem cada vez que quizessem, e logo o mesmo mandarim o pôz por obra, dando-lhes todo o necessario de cavallos para as pessoas e carretas para o fato, e cem patacas para o caminho, e ordem para em todas as terras de sua jurisdicção lhe darem tudo o necessario; tomando-os outra vez por rol, e assi por elle os entregou o mandarim que os levou, para elle os entregar ao outro, como é seu costume. E assi foram caminhando com uma taboa alevantada em uma hastea em nome d'elrei, *em signal de* como eram senhores de tudo o que queriam, sem ninguem entender com elles; levando alguns chinas diante, e outros detraz em guarda, para se alguem ficasse doente, ou tivesse qualquer outro impedimento, lho aliviassem e tirassem para irem por diante; porque como lhe iam entregues por rol, se por elle os não entregassem lhe haviam de pedir estreita conta. Com que não faltou mais que um portuguez casado, que por sua culpa se afogou ao passar de um rio, e fizeram grandes provas de como elles não tiveram culpa, esperando dois dias para vêr se sahia a terra, para examinarem se levava a pedraria que dizia. O caminho todo era cheio de estalagens, com sapos e minhocas feitos em iguarias, que, em quanto os portuguezes não sabiam o que era, comiam, e lhe sabia muito bem. E quando chegavam a alguma cidade mandavam os mais graves da terra seus presentes ao capitão, que eram bufetes cheios de iguarias feitas a seu modo, como atraz dissemos, de que só o doce comiam; porém é muito para notar que com toda a familiaridade, com que esta gente tractava aos portuguezes, assi na cidade em que estiveram quando

[1] lhes — C.

logo se perderam, como depois pelos caminhos e terras que [1] passavam, nunca houve poder nenhum d'elles ter cousa alguma de nenhuma mulher, de qualquer estado e condição que fosse; e aconteceu a Gonçalo Machado, na cidade onde estiveram logo *depois* da perdição, pegar de uma moça muito formosa, que sem gritos nem estrondos se defendeu d'elle, e logo no mesmo ponto tornava a fallar com elle, sem escandalo, nem ella por isso descer de sua honestidade: que é muito para envergonhar a todas as mais nações do mundo. E o mesmo aconteceu [2] a muitos outros portuguezes; os quaes assi foram chegando a Macau, onde os receberam com particular amor, e cada um achou em seus patricios e amigos ajudas, e soccorros, com que não sentiram tanto a perdição.

Postoque nos divertimos um pouco com a perda d'este galeão e o que passou a gente d'elle, que particularisei tanto, para exemplo de muitas cousas que d'alli se podem tirar, comtudo, é razão que tambem se dê do effeito que fez a tormenta nos mais galeões, e ao capitão mór, com o outro, na cabeça da ilha de Arião, quando lhe deu o vento com que se fez na volta do mar, que sempre é, como dizem, cama [3] das embarcações, e raramente se perdem quando tem para onde correr, e quem trabalhe. E postoque os grandes mares o abalaram de maneira que fazia muita agua, e lhe renderam o leme, e a verga grande foi ao mar e os do galeão *a* acabaram de lançar, pelo muito que o trabalhava; e cada hora encontrava com signaes dos baixos que estão defronte da dita ilha, não lhe dando o vento logar a outra cousa, porque, só com a moneta cingida na prôa, iam para onde o vento os levava tão furiosamente que bastaria qualquer [4] adinacão de tomarem os mares em pôpa para [5] o sossobrarem ou fazerem em pedaços; mas quando estavam mais desesperados se virou o vento, postoque com a mesma furia, que commummente n'estes tufões corre todos os rumos, e assi puderam, postoque com grande trabalho, tornar a sua viagem, fazendo muita agua, por cuja causa foi o capitão mór tomar o boqueirão da ilha dos Veados, doze leguas de Macau, onde

[1] passaram — A.
[2] a outros muitos — A.
[3] da embarcação — C.
[4] ladinação — A. ladeação (?)
[5] os assobrarem — A.

achou a caravela, e d'ahi a dois dias chegou o outro galeão, tambem mui maltractado; e acabada a força da tormenta se foram para Macau.

Miguel de Sousa Pimentel, que estava em Macau com a sua armada apparelhada para ir dar guarda á nau de João Serrão da Cunha, que ia fazer a viagem de Japão, foi Deus servido que ao sahir désse a dita nau em um penedo. Ao que acudiu Miguel de Sousa com os seus galeões para a salvar, como salvou; e pela detença, que fez n'isto, não sahiram, para os não tomar a tormenta fóra, que sem duvida os tractaria mui mal.

CAPITULO XLI.

DO QUE EM GOA ORDENOU O VISOREI DOM HIERONYMO D'AZEVEDO, EM QUANTO SUCCEDÉRAM AS COUSAS ATÉ AQUI REFERIDAS.

Postoque havia ordem de sua Magestade que a Ormuz não fosse veador da fazenda, senão que se arrecadasse o rendimento da alfandega pelo feitor, procurando o visorei dom Hieronymo arrendal-o não achou quem désse por ella mais de cento e trinta e cinco mil pardaos, de cinco larins ao pardao. E proposto em conselho da fazenda se convinha dar-se por este preço, se assentou, por [1] voto de todos, que era mui baixo em respeito do que sempre andára, e que não convinha pôr-se tanta diminuição em alfandega de similhante importancia; e assi que se arrecadasse por conta da fazenda de sua Magestade. E por quanto na dita alfandega estava um feitor de muita idade e pouco apto para a tal arrecadação, que sempre se havia de fazer contrastando as grandes liberdades que os capitães da fortaleza, e seus criados, querem ter nos direitos de sua Magestade, cano, e meio principal, por onde se consumia grande parte d'elles, assentaram que, sem embargo da ordem de sua Magestade, se devia mandar pessoa a Ormuz com poderes de veador da fazenda, com que tivesse auctoridade e constancia para constranger a todos a pagarem os direitos reaes; e para este se elegeu o licenceado Nicolau da Silva, em quem concorriam as partes de intelligencia, inteireza, bom discurso, e tudo o mais que se podia desejar para similhante cargo. Ao qual mandou o visorei a Ormuz, com

[1] votos — C.

largos poderes para se empregar na boa arrecadação dos direitos da alfandega, dando-lhe um largo regimento de como se havia de haver, e juntamente os regimentos e provisões que levaram e tiveram Garcia de Mello e o licenciado Julião de Campos Barreto, para que, conforme a todos, désse á execução o que lhe melhor parecesse para boa [1] arrecadação da fazenda de sua Magestade; e que juntamente recenseasse as conta do feitor, examinando particularmente todas as despezas e cousas d'ellas; encarregando-lhe o provimento das fortalezas [2] não fosse de cousas que tivessem nem suspeita da bondade, que por respeitos particulares era ordinario não haver n'isso o zêlo necessario; nem a essa conta se fizessem compras ao capitão, como é costume, onde a real fazenda ficava mui léza.

Partiu Nicolau da Silva com estas, e outras ordens mui particulares sobre as armadas d'aquelle estreito, para se empregarem só no serviço de sua Magestade, e não em outros fins e modos, com que havia queixa se faziam, e davam mais para interesses particulares do que para servir elrei.

[3] Como a fazenda de sua Magestade estava tão alcançada, offereceu o visorei duzentos e cincoenta bares de canella, que trouxe de Ceilão em uma nau sua, para se vender, e empregar no serviço; e assi a mandou em companhia de Nicolau da Silva, para que em Ormuz a procurasse vender primeiro, e mandasse o procedido d'ella juntamente com o rendimento da alfandega para o dito effeito.

Foi tambem n'esta companhia o embaixador do Persa, de que atraz fallamos, chamado Cide Sabe, com o presente que sua Magestade lhe tinha mandado para o seu rei, e accrescentado em Goa pelo visorei dom Hieronymo com quinze mil xerafins empregados nas cousas apontadas; em cuja companhia foi o bispo de Sirene dom Frei Antonio de Gouveia, para passar á sua christandade. Chegaram a Ormuz todos na monção de abril de 613, onde tomou posse Nicolau da Silva do cargo de veador da fazenda, e o começou a servir executando pontualmente as ordens que levava; e tirada uma devassa do procedimento de Julião de Campos Bar-

[1] arrecadação de sua Magestade — C.
[2] nem fossem — A. e C.
[3] E como a fazenda — A.

reto e Garcia de Mello, do tempo que serviram de veadores da fazenda d'aquella fortaleza, a mandou ao visorei, e d'elle foi remettida ao juiz dos feitos; e como constava d'ella de algumas culpas dos sobreditos sobre uns quarenta mil pardaos de larins, que se tomaram emprestados ás nações de Ormuz para a jornada de dom Martim Affonso de Castro, que a requerimento de Gonçalo Pinto da Fonseca, procurador da coroa, por reputação do Estado e se poderem achar similhantes emprestimos, mandou o visorei Rui Lourenço a Garcia de Mello que os pagasse, remetteu o juiz dos feitos a devassa ao reino, onde ambos se purgaram e mostraram livres da dita culpa. O embaixador Cide Sabe se partiu [1] para a Persia com favores e mercês que recebeu em Goa do visorei, e não menos do capitão de Ormuz. E não lhe pareceu ao bispo de Sirene ir logo com elle, por ter toadas em Ormuz do mau animo que o Xá tinha para com elle; e assi quiz esperar, a vêr o modo com que se havia com o seu embaixador sobre a resposta que lhe trazia de sua Magestade: resolução tão acertada como depois mostrou bem o successo; porque o Xá, como o embaixador Cide Sabe lhe não trouxe o retorno de sua seda com as contas e ganhos, que como mercador fazia, sabendo as mercês e bom tractamento que sua Magestade [2] e o visorei da India lhe fizeram, em logar de agradecimento d'isto, pois tudo se fazia a seu respeito, por cubiça de alguma cousa que devia sentir ao embaixador, e sentimento de lhe não cumprir seu intento, o mandou matar e lhe tomou quanto tinha, e conforme a paixão em que tinha entrado contra o bispo de Sirene, se o lá acolhera tambem se entende lhe fizera bem mau tractamento, porque sobre lhe dizerem que o bispo chamava suas ovelhas aos christãos armenios seus vassallos, mandou fazer mouros e arrenegar da fé de Christo nosso senhor a seis mil armenios, que o fizeram por força, e depois, ou por ella, ou por vontade, ficaram mouros. E assi *não* nomeava o Xá a este reverendo bispo senão por nomes mui desconvenientes de quem elle era e sua virtude e letras, que bastaram para declarar bem seu animo. De sorte que se não atreveu mais o bispo a passar á Persia, deixando na confiança da misericordia divina, e juntamente na diligencia dos religiosos de sua ordem de santo Agostinho, e dos carmelitas descalços, a cultivação d'esta

[1] para Persia — A.
[2] e o visorei lhe fizeram — A.

tão grande vinha de Deus, que, pelos terriveis espinhos de infieis com que communica, está quasi [1] feita um matto bravio e ha mister particular zelo, trabalho e ajuda do ceu, para poder fazer algum [2] fruito em tantas almas de armenios, e christãos de são João, que por estas partes tem só o primeiro leite da fé catholica, porém misturado com tantos erros, que se deve trabalhar e cansar mais com elles, do que com aquelles que nunca a souberam, nem conheceram.

CAPITULO XLII.

DE UMA CARAVELA QUE MANDOU O VISOREI Á ILHA DE SÃO LOURENÇO, E DO EFFEITO QUE FEZ, E DO MAIS QUE EM GOA SE ORDENOU.

O visorei dom Hieronymo de Azevedo procurava conseguir tudo o em que pudesse melhorar o serviço de sua Magestade, e o augmento da christandade; e assi, parecendo-lhe convinha muito para estes fins mandar á ilha de são Lourenço, o pôz em effeito, enviando uma caravela aprestada com gente do mar portugueza, e soldados, e por capitão d'ella Paulo Rodrigues da Costa, homem mui pratico e experimentado nas cousas do mar; encarregando-lhe fosse em direitura a Moçambique, onde tomasse pilotos e quem soubesse fallar a lingua da dita ilha, e passasse a ella, e fizesse todo o possivel por descobrir se havia por toda a ilha alguns portuguezes das naus que tinham desapparecido, ou os seus descendentes, e considerasse se convinha mais deixar parte d'elles na ilha para introducção do evangelho; porque esta era uma das principaes cousas para que era mandado, e levava padres da companhia de Jesu, que o prégassem, e ficassem na ilha, sendo necessario, para o que tambem lhe ordenava fizesse todo o possivel por saber os reinos da ilha, quem os possuia, e de que gente eram habitados, seus costumes e modos de vida, com tudo o que havia de fazendas, mantimentos, drogas, e o que mais houvesse que notar para se poder ter perfeita noticia; e pelo conseguinte corresse e sondasse todos os portos de rios, abras, bahias, surgidouros, que houvesse

[1] feito — A. e C.
[2] fructo — A.

na dita ilha pela banda de fóra, [1] e pela de dentro; considerando as monções de ventos, e correntes das aguas que em tudo havia, do que trouxesse feito um roteiro mui particular, com as arrumações e pontos necessarios de todos os baixos e restingas, para que se accrescentassem nas cartas, e nos pudessemos aproveitar nas navegações das naus do reino, e todas as mais embarcações nossas que por estas partes navegassem. Para cujos effeitos lhe deu uma embarcação pequena, que [2] levasse com a caravela, e ordem que em Moçambique o provessem de todo o necessario, além de levar d'esta cidade provimento para dois annos, que era o que julgava o visorei se poderia deter no cumprimento d'estas ordens. E assi com ellas partiu d'esta cidade em fevereiro de 613, e seguindo sua viagem chegou á dita ilha de são Lourenço, sem achar cousa que lhe fosse de impedimento, levando o padre Pedro Freire, da companhia de Jesu, por capellão, e para tambem vêr e considerar o caminho por onde se poderia metter na dita ilha de são Lourenço a prégação do evangelho. Tomou esta caravela o porto de são Lucas, da banda de fóra da ilha em altura de vinte e cinco graus e meio da banda do sul; e começando a ter tracto e communicação com a gente da terra, viram pelo modo d'ella que podiam correr risco estando em terra, e assi dissimulando este risco se foram transferindo para a caravela, não de modo que o dessem a entender, de sorte que o rei d'aquelle Concão, chamado Bruto Champanga, entre a mais communicação que com elles tinha, trouxe um seu filho de pouca idade para vêr a caravela dos portuguezes como cousa nova; o qual determinando tomar-lho Paulo Rodrigues, não tendo cousa alguma em terra, se pôz no batel com marinheiros para o [3] feito, e suas armas, e mandou a quatro mui bem dispostos que fossem pegar do moço e o trouxessem e mettessem no batel. Elles o fizeram, porém o pae, como estava desapercebido e sem gente, levado do amor paternal arremetteu [4] ao batel, que ia despedido, e andando pegou d'elle e o fez deter; [5] po-

[1] e pela banda de dentro — A.
[2] levava — A.
[3] effeito — A.
[4] o batel — C.
[5] por o — A. e C.

rém o mestre [1] Antonio Gonçalves Lousada, não menos bom soldado que official, levando da espada lhe deu uma grande cutilada pelas costas ao rei, com que quasi o escalou, e o fez largar o batel, que chegando á caravela, como não tinha necessidade de outra cousa, se levaram e deram a vela, vindo correndo por esta banda de fóra todos os [2] portos, bahias, e surgidouros, e o mesmo fez pela banda de dentro, [3] * de que fez uma carta particular com suas arrumações, na fórma que o visorei lhe ordenava, e se veiu virando pela banda de dentro *, tambem pondo o mesmo em effeito; e como por nenhuma d'ellas achou noticia alguma de portuguezes, veiu fazendo sua viagem para Goa, onde chegou no mesmo anno, e entregou ao visorei dom Hieronymo de Azevedo o dito filho do rei de Matacasse, chamado Anria Mussa, e juntamente lhe entregou a carta com a descripção da ilha na fórma referida, que se mandou guardar para os padrões das cartas; e ao dito moço mandou catechisar no collegio dos padres da companhia, d'onde se baptisou dia de santo André, pondo-lhe o nome d'este santo, fazendo-lhe o visorei muitas honras, até o pôr comsigo á mesa.

Teve o visorei, em junho d'este presente anno, aviso de um homisiado que andava na outra banda nas terras do Idalcão, com o xarife Melique, capitão de Pondá, que ora vinha da corte do dito rei. Trazia determinação e ordem para entrar as terras de Salsete e Bardez, e para isso esperava alguns capitães e gente que chegariam brevemente, e que já era vinda alguma; e que no mesmo dia havia de passar para a outra banda o embaixador do Idalcão, que em Goa assistia, para com elle se tomar assento sobre a entrada das ditas terras. O que mandando espiar o visorei, achára que o embaixador se negociava para partir, e como se conformava o aviso com isto, propoz a materia no conselho de Estado, e como o dito embaixador pretendia do visorei que lhe entregasse os presos vassallos do Idalcão, que se passaram das suas terras para as nossas, d'onde foram fazer alguns furtos nas suas e se tornaram a recolher para cá, os quaes estavam presos por ordem do visorei; pedindo junta-

[1] Antonio Gonçalo Pousado, segundo Faria y Sousa, *Asia Port.*. Tom. III, Part. III, Cap. XIV.

[2] portos, rios, e surgidouros — A.

[3] Falta no exemplar d'Academia tudo o que encerrámos entre os asteriscos.

mente os proprios furtos para se tornarem a seus donos; allegando que, além de ser isto conforme as capitulações das pazes, tinham elles tambem largado certos portuguezes, que sendo presos da outra banda os pedíra o visorei, e lhos entregaram. O que considerado por todos, assentaram, que postoque o dito capitão de Pondá fôra sempre tido por mal intencionado contra as cousas do Estado, e que desejava mover guerra e o persuadia assi ao Idalcão, todavia, em quanto não houvesse mais certeza d'elle a [1] intentar que o que se avisava, não convinha fazer-se de cá movimento, por se lhe não dar com isso motivo para justificar sua má tenção e o que obrasse conforme a ella; e que pela mesma razão se não devia impedir a ida do embaixador, mórmente por as terras de Salsete e Randins estarem tanto á vista de Goa, e juntamente estando já sobre aviso se poderia facilmente acudir a qualquer necessidade que succedesse; e que, comtudo, se devia ter toda a intelligencia para se alcançar e saber a certeza do dito aviso, porque conforme ao que mais em certo se averiguasse veriam o que se devia fazer; ordenando tambem que se entregassem os ditos presos, visto ser cousa assentada por condição das pazes, e juntamente o que tinham tomado, pois [2] havia o exemplo dos portuguezes que elles tinham largado; por não convir dar-se motivo algum da nossa parte para o Idalcão, nem nenhum dos seus, cumprirem suas tenções, se é que as tinham contra o Estado. E depois se achou que o embaixador que se não fôra, antes veiu pedir ao visorei que lhe concedesse, além dos cartazes do contracto, mais quatro, um para Patane, outro para Jor, outro para Ara e outro para Malaca, como o seu rei lhe pedia [3] por um seu formão, que mostrava. E postoque no capitulo do contracto das pazes diz que os seis cartazes, que lhe concede, seriam para onde os elle quizesse, se tractou em conselho de Estado a materia, onde se assentou que para Patane se lhe não devia dar cartaz, por estar este porto de guerra e ser muito frequentado dos hollandezes, e poder a communicação, que os mouros do Idalcão alli tivessem com elles, causar grandes movimentos contra o serviço de sua Magestade; porém que se lhe dessem os outros tres, particularmente pelos portos de Jor e Ara terem pou-

[1] intentar do que se avisava — A.
[2] havia exemplo — A.
[3] por um formão — A.

cas drogas, e haver menos inconveniente em ir a elles, que aindaque houvera alguns, não estavam as forças do Estado de sorte que se não pudessem passar, por evitar todas as occasiões de rompimento com os naturaes, para nos empregarmos com todas as forças em procurar lançar os hollandezes e ingrezes do Oriente, que com toda a pressa se iam fazendo senhores d'elle; e particularmente com os avisos, que sua Magestade mandou, das esquadras de naus de uma e outra nação que vinham para este Estado.

CAPITULO XLIII.

DO QUE A NAU DE D. LUIZ DA GAMA PASSOU NAS DUAS-IRMANS, E ILHA DE SOCOTORÁ, E DE COMO VEIU PARA GOA, E DO MAIS QUE N'ELLA SE ORDENOU, SOBRE O SOCCORRO QUE O REI DE BANGUEL E CARNATE PEDIAM, E CIDADE DE MELIAPOR.

A nau de dom Luiz da Gama, que atraz dissemos ficou invernando nas Duas-Irmans, e se tinham afogado os doentes que mandou á ilha de Socotorá, padeceu bem grandes trabalhos n'esta invernada, assi na vigia com que os homens lhe assistiam com muitas descommodidades e fomes, como nas extorsões e tyrannias que o xeque da ilha usou com elles, por cuja causa pereceram e acabaram muitos, porque como não tinham, particularmente os soldados, outra parte d'onde se pudessem valer mais que das duas patacas e meia de [1] mantimento, que lhe davam cada mez, pôz o xeque tudo em tanta careza que lhe não bastavam nem para quinze dias; fazendo-lhe comprar uma vacca por dez patacas, e pelo mesmo um fardo de arroz comido do bicho, muito ruim, negando-lhe [2] até agua, que tambem os naturaes biduins, com se terem por christãos, lhe não quizeram mostrar em um mez e meio, até que os nossos foram dar com uma fonte d'ella mui boa, meia legua d'onde viviam: e assi vieram a morrer quatrocentas pessoas na ilha e pelo mar. Vinha n'esta nau Affonso Rodrigues de Guevara por secretario do Estado, Francisco Borges de Sousa por inquisidor, Diogo da Cunha de Castello Branco por ouvidor geral do

[1] de mantimentos — C.
[2] até a agua — A.

crime, Pedro Sanches de Paredes, despachado. E tambem morreu na nau dona Maria Rolim, mulher de dom Luiz da Gama.

O rei de [1] Banguel, que atraz dissemos pedia com muita instancia soccorro ao Estado contra Ventapanaique, tornou a escrever ao visorei, com a rainha de Carnate, em que lhe davam conta como estavam concertados, e juntamente o rei de Aguilhor e Condegare para se defenderem do Ventapanaique, que os [2] pretendia dèsapossar de seus reinos; e que este concerto haviam feito pelo dito rei de Banguel lhes offerecer ajuda e favor d'este Estado, que de outra maneira lhes não seria possivel resistir-lhe, assi como o não puderam fazer outros reis visinhos, cujos reinos tinha o dito Ventapanaique entrado e apoderado-se d'elles; e assi pediam se lhes enviasse armada para [3] tomarem a fortaleza de Mombalão, e bazar de Olalà, porque com isso ficariam sem receio, e a rainha de Olala offerecêra tres mil fardos de arroz de pareas, enviando-se-lhe trinta portuguezes para se metterem na sua fortaleza de Torotale, com o que tambem o capitão da fortaleza de Mangalor pedia gente para segurança d'ella. E considerado pelo visorei e os mais do conselho de Estado, onde a materia foi proposta, o grande poder que cada hora hia mais adquirindo o Ventapanaique, e de quanto detrimento seria, para as nossas fortalezas do Canará, vir-se a fazer senhor de todos os reinos atraz referidos, e a fidelidade que sempre havia guardado o rei de Banguel, pagando pareas e juntamente o rei de Carnate, e o descredito que seria não os soccorrer, e deixal-os entrar [4] este inimigo; e considerado por outra parte que nos reinos de Ventapanaique estavam contractados dois mil oitocentos e cincoenta quintaes de pimenta para a carga das naus do reino, com que poderia faltar, se visse davamos ajuda e favor contra elle, se determinou que, visto o risco que corriam as fortalezas do Canará, se o Ventapanaique se avisinhasse a ellas, e que o que de presente se podia atalhar com pouco cabedal, ficar*ia* depois em duvida de poder ter remedio com muito, e estar obrigado o Estado, além do credito que n'isto lhe ia, 'ajudar e acudir aos reis seus vassallos, os ajudassem e soccorressem, porém de

[1] Bange — A.
[2] pertendia de os desapossar — C.
[3] tornarem — C.
[4] d'estes inimigos

modo que a pimenta se não arriscasse; procurando, em quanto chegava a occasião da armada com que isto se havia de obrar, recolher a pimenta, e entreter e animar os ditos reis, para se lhes acudir em sendo tempo; e que por quanto tambem se corria em amisade com Ventapanáique, não convinha fazer-se nenhum effeito com elle, escrevendo-lhe, ou mandando-lhe dizer que não fizesse guerra aos taes reis, pelas razões que o Estado tinha para os não haver de desamparar; porque sendo cousa sabida que elle por isso o não deixaria de fazer, se ficava assi empenhando muito o Estado: [1] o que se não fizesse senão com o soccorro que a armada do Malavar désse; porque se pudesse attribuir ao capitão mór d'ella o haver feito de seu [2] motivo, e dar-se isto por escusa ao Ventapanaique, quando conviesse.

O visorei, com os avisos que sua Magestade mandava das naus hollandezas e ingrezas, desejava provêr a cidade, de Meliapôr, pelo grande cuidado que lhe dava, em razão de lhe parecer que os inimigos a demandariam para se senhorearem d'ella, e d'aquella costa, pelo commercio das roupas d'ella para o sul, como parece já o intentavam com a fortaleza que tinham principiado em Paleacate, pelo grande damno que d'isto podia resultar a este Estado, e ainda ruina d'elle, porque apoderando-se estes inimigos do commercio das roupas, não tinham os portuguezes com que negociar no sul, e assi haviam os inimigos de ficar senhores [3] de um e de outro commercio; e como a materia era da consideração que se deixava vêr, e não menos estar alli o corpo do glorioso são Thomé, desejava o visorei mandar algum soccorro de armada e presidio que ficasse assistente na dita cidade, com uma pessoa dos principaes fidalgos d'este Estado, que com seu zêlo e auctoridade fomentasse estas cousas com o respeito que o Rayo, senhor d'ella, lhe devia ter, particularmente com o animo que tinha mui affecto para com os portuguezes; e juntamente pudesse evitar e atalhar as desavenças e brigas [4] em que continuamente andavam os ditos moradores, d'onde não menos se lhes occasionavam grandes ruinas. E sendo mui approvado o visorei n'este parecer por todos os

[1] a que se não — A.
[2] motivo A. e C. motu (?)
[3] de um e outro — A.
[4] com — A.

do seu conselho, querendo tambem lhe apontassem o fidalgo que para isto devia eleger, sahiu por commum voto de todos dom Bernardo de Noronha, que o visorei mandou ficar em silencio até negociar a armada com que houvesse de partir.

CAPITULO XLIV.

DO QUE O REI DE OVÁ INTENTOU DEPOIS QUE TOMOU A FORTALEZA DE SERIÃO, E COMO DIOGO DE MENDONÇA CHEGOU A MALACA.

O rei de Ová, como se viu senhor da fortaleza de Serião com os grandes despojos que d'ella houve, acrescentados aos que tinha havido no reino de Tangú, com que ficou senhor da maior parte dos thesouros do imperador de Pegú, como não [1] havia rei circumvisinho que lhe pudesse fazer rosto, pois o de Arracão, que só ficava no meio, fôra tantas vezes vencido d'esta fortaleza de Serião, que o de Ová com tanta facilidade levára, sendo ella só a que ia senhoreando o reino de Pegú, se determinou logo constituir por senhor d'elle e coroar por imperador, como o fôra o Bramá de que temos dado razão; e assi, depois da tomada da fortaleza de Serião a poucos mezes, se fez coroar por imperador de Pegú na cidade velha [2] de Macau, ou Buguo, procurando fazel-a povoar, e todo o reino o mais que pôde. E assi, como o curso d'estas victorias o [3] tinham mui alevantado e ensoberbecido, como é natural fazerem as prosperidades e boas fortunas, principalmente a quem vae mui empenhado n'ellas, pareceu-lhe [4] que se havia de fazer senhor de todos os reinos comarcãos; por onde fez uma armada [5] de quinhentas velas, e com a gente que mandou n'ella, e um exercito poderoso por terra, perfez copia de quarenta mil homens d'armas; o que entregando a um seu irmão, veiu sobre o reino de Tavay, que, não tendo poder com que lhe resistir, se lhe entregou, e ficou o rei sendo seu vassallo. D'alli passou logo a Tanaça-

[1] havia circumvisinho — A.
[2] de Machao ou Bugo — A.
[3] tinham levantado — A.
[4] que se lhe havia — A.
[5] de quinhentas e com — C.

rym, onde estavam muitos portuguezes mercadores com suas embarcações de tracto, a quem o rei da terra tinha tomado as armas, para os ter mais humildes e quietos; porém, em vendo a poderosa armada com que o de Ová vinha sobre elle, mandou chamar aos portuguezes, e entregando-lhes suas armas, lhes encarregou defendessem a desembarcação ao rei de Ová, pois era tão grande inimigo nosso, e tinha tomado a fortaleza de Serião, e feito n'ella o referido. Estava n'este reino um Christovam Rebello, que havia sido casado em Cochim, e por crimes que n'esta cidade tinha se acolheu para o rei de Sião, de quem era cabido, o qual juntamente com os mais portuguezes ordenaram as embarcações e as prepararam com todo o cuidado e boa ordem, estando com grande vigia para que [1] o de Ová os não tomasse de sobresalto nem desapercebidos; sendo até quarenta portuguezes com septenta moços seus, que tambem tomavam armas, e as galeotas quatro. A quinze de janeiro de 614, das duas para as tres horas depois da meia noite, veiu o inimigo, irmão do rei de Ová, entrando com a sua armada pelo rio de Tanaçarim, onde abalroou com grande impeto as galeotas dos portuguezes, de maneira que a não estarem com tanta vigia, e tão bem apercebidos, sem duvida os levariam. E succedeu que da primeira bombardada, que os inimigos tiraram aos nossos, levaram um crucifixo que tinham [2] arvorado por seu capitão mór; com que desappareceu. D'onde um soldado portuguez tomou occasião para gritar: «Victoria! victoria! Deus nosso senhor nol-a deu.» E mais se podia chamar milagre do que victoria, [3] obrado por Christo nosso senhor em vingança do desacato feito á sua santa imagem, e dos mais que estes inimigos fizeram nas egrejas e cousas sagradas da fortaleza de Serião; porque, baralhando-se a briga, bastaram estes tão poucos portuguezes, e menos embarcações, para matarem aos inimigos dois mil homens, em que entraram tres capitães geraes; e lhe queimaram muitas embarcações, sendo algumas galeotas grandes com peças de coxia pela proa. De que os inimigos ficaram tão amedrontados que se puzeram os mais d'elles em fugida, e não se querendo sahir logo de todo para fóra, pa-

[1] os de Ova — A.
[2] alvorado — A.
[3] obrada — A. e C.

rece que por algum intento para se segurarem [1] até se irem, taparam o rio com fortes estacadas, parecendo-lhe que os portuguezes os haviam de ir seguindo até os acabarem de desbaratar, sendo que os que ainda ficavam eram bastantes para matar mui aventejado numero dos nossos, ainda que fôra só de cansados de os matarem a elles; mas não era muito, quando n'esta batalha se viu a Virgem nossa Senhora, como Christovam Rebello tirou por instrumento de muitas testimunhas que a viram, [2] e o mostrou a muitas pessoas. O rei de Sião, vendo a sua terra livre de tão poderoso inimigo, [3] que como se foi a armada do mar tão maltractada não ousou vir o exercito da terra, só pelo esforço de tão poucos portuguezes, lhe fez muitas e assignaladas mercês, pondo-lhe nome de leões, e outros similhantes a estes, e dando-lhes grandes liberdades e honras em seus reinos; e despediu logo uma embarcação a Diogo de Mendonça Furtado, que sabia andava pela costa com armada, por uma carta que elle tinha escripto, de que não esperou resposta, em que lhe escrevia e dava razão do successo, offerecendo-lhe uma fortaleza para sua Magestade, se a quizesse fazer em Marmulão ou Martavão, onde melhor lhe parecesse, porque lhe daria para sua sustentação, e da armada que por alli andasse, a renda de quatrocentas aldeias; e a Diogo de Mendonça promettia fazel-o conde, com rendas convenientes a este titulo; offerecendo tambem cincoenta mil homens para estarem em guarda do rio em quanto a fortaleza se fazia, porque da outra banda eram terras do rei de Ová, e a poderia vir impedir; fazendo n'isto contas tanto de agradecido como de bom guerreiro, porque os portuguezes em qualquer paragem d'estas impedissem a passagem ao rei de Ová para o seu [4] reino; havendo, pelo que lhes tinha visto fazer, que qualquer braço e poder seu bastava para este intento, e mais sendo ajudado por elle, que, se não era tão poderoso como o rei de Ová, comnosco esperava de o ser mais, e assi fazia estimação de qualquer portuguez como do mais esforçado e insigne capitão que tinha em seus reinos. Não encontrou o mensageiro a Diogo de Mendonça; por onde se não lançou mão d'esta occasião, e quando o encon-

[1] até sahirem — A.
[2] e a mostrou — C.
[3] que quando se foi — A.
[4] reino e havendo-lhe — A.

trára, não tinha pouco que considerar se devia fazer-se, pela insconstancia d'estes reis, que nenhum tracta de nós mais que em quanto lhe servimos para seus commodos, postoque tambem com este intento nos puderamos ajudar d'elles para os nossos, com muita conveniencia de ambas as partes.

Diogo de Mendonça chegou a Tanaçarim em tempo que a armada do rei de [1] Ová a tinha de cerco, [2] ou o estava antes dos poucos nossos que dentro estavam; e não sabendo a briga que tinha havido, parecendo-lhe que estava para fazer seu effeito, e vendo como não havia alli que buscar provimentos de que tinha necessidade, nem a sua armada era para intentar fazer damno a uma tão poderosa, ficando d'isto com o sentimento que o animo e esforço lhe pedia, se foi seguindo seu caminho, porque como nas jalias vinham os marinheiros forçados em cadeias, ficando em todo o serviço a que iam a terra tão amarrados e teimosos, que, postoque os soldados apertavam com elles, parece que antes queriam alli morrer do que andar em sua companhia, e nem os capitães tinham experiencia e conhecimento das jalias, e modo com que se haviam de haver n'ellas; mas a necessidade, como é mestra de todas as cousas, metteu a caminho uns e outros de maneira que, antes de chegarem a Malaca, já [3] parece não tinham aprendido outra maneira de navegar e guerrear senão em jalias. E assi, para se poder remediar, determinou Diogo de Mendonça de as mandar pelo caminho até Malaca ás prezas; e por elle ser egual no trabalho, mandando as galeotas diante se metteu na jalia de João Rodrigues de Paiva, onde chegando a Quedá lhe deu um assalto de madrugada, e tomando-os desapercebidos, queimou a povoação, e tomaram muitos mantimentos e algum calaim. E da mesma sorte deram estas jalias em Parles, que tambem puzeram a ferro e fogo, e queimaram tres casas cheias de pimenta, por não haver em que a trazer, e tomaram muitos mantimentos. Em Barvas tomaram um balão de calaim, e os negros d'elle deram novas estar Malaca de paz e sem trabalho. O que ouvindo o capitão mór mandou apertar o remo, e chegou a ella a dezoito do mez de abril de 614, onde foram mui bem recebidos e se alegraram todos de

[1] Ová tinha — C.
[2] ou estava antes — A.
[3] parece que nos tinham — A.

verem as muitas jalias que levava, por quão necessarias são estas embarcações na dita cidade, [1] como do excellente *modo* com que servem.

Levava Diogo de Mendonça um regimento separado do que devia fazer em Malaca, para onde ia por capitão mór da gente de guerra de mar e terra. A primeira cousa que o visorei lhe encarregava era que, em chegando, fizesse logo a toda a gente [2] de armas, que achasse na dita cidade, particularmente [3] os soldados que militavam, assentar em companhias, para entrarem e sahirem de guarda com seus capitães, alferes, sargentos, e ajudantes, na fórma que se milita em Flandres; porque, como esta praça é tão commettida de toda a sorte de inimigos, era mui necessario que o presidio que tivesse fosse mui destro, e se andasse exercitando sempre com as armas na mão; o que tambem podia ser freio para não reinarem alguma traição sobre ella os muitos estrangeiros que continuamente lhe entram e sahem, vendo os soldados com as armas na mão; e por outras muitas razões dignas de se ter muita conta com ellas.

E assi elegeu logo Diogo de Mendonça quatro capitães de infanteria, cada um com uma companhia de cento e vinte soldados. Os capitães foram Diogo de Mendonça da Silva, Pedro Sanches da Fonseca, Francisco Lopes Calheiros, Hieronymo de Mendonça, aos quaes deu seus officiaes de alferes e sargentos. No primeiro de maio de 614 lançou os soldados, e começaram a entrar e sahir de guarda, fazendo o corpo d'ella na porta da cidade junto á ponte, como o visorei lhe ordenava, por ser alli o logar de mais concurso. O que feito, e posto em caminho de se ir assi continuando, como sempre foi, tractou de pôr a armada no mar para se embarcar, conhecendo bem que tanto n'esta, como em todas as praças que temos n'este Estado, a maior segurança d'ellas, além de outros fins que com isto se conseguem, são armadas com que senhoreamos os mares. Achou só quatro navios de remo e seis jalias que se pudessem negociar, a que logo nomeou capitães para as terem negociadas e prestes para toda a occasião, os quaes foram, depois da sua capitania, Hieronymo de Mendonça, Manuel Borges Corte Real, Francisco Lopes Calheiros, e a Diogo de Mendonça da Silva por capitão mór das jalias, e os mais

[1] como do excellente que servem — C.
[2] de guerra — A.
[3] aos soldados — A.

capitães Hippolyto Furtado de Mendonça, Francisco Carvalho da Maia, Rodrigo Ferreira, Simão Simões, André de Gouveia. Onde o deixaremos, por tornar atraz dar razão do que por outras partes d'este Estado se obrou n'este tempo.

CAPITULO XLV.

DO QUE FEZ LUIZ DE BRITO DE MELLO, SENDO CAPITÃO MÓR DA ENSEADA DE DIO, NA TOMADA DE UMA NAU DE MECA, DO MOGOR.

Postoque fomos com o tempo mui adiante, por levar enfiada a jornada de Diogo de Mendonça até o fim, convém tornarmos a dar razão como estava no anno de 613 por capitão mór da armada de Dio, Luiz de Brito de Mello, um fidalgo que se tinha havido com particular satisfação em todo o serviço de sua Magestade, sendo de muito prestimo para elle, e havendo-se achado em muitas occasiões. A este ordenou o visorei dom Hieronymo de Azevedo, que, [1] pois em Surrate os mogores admittiram os feitores dos ingrezes, sem respeito á nossa amisade, com que tinha mandado sahir o que lá assistia por parte do Estado, chamado Antonio Soares da Rua, viesse, em lhe dando o tempo logar, e se fosse metter no rio de Surrate, onde esperasse pelas naus de Meca, e em vindo fizesse presa n'ellas, e as trouxesse a Goa, para que conhecessem os mogores o proveito de que lhe era a nossa amisade, e o quanto sem ella podiam viver. Cumpriu Luiz de Brito o que pelo visorei lhe foi mandado, e assi, em agosto de 613, sahiu de Dio com doze navios e um [2] sanguicel da armada, que era a que trazia na costa, a mais bem negociada que o tempo lhe deu logar, e se veiu metter no rio de Surrate, estando com boa vigia para vêr se apontava alguma nau, para que não tivesse aviso [3] da armada, e se fosse para Goa. E assi tambem estava com não menos resguardo e vigia para com os da terra, porque não quizessem antecipada-

[1] pois os mogores em Surrate — A.
[2] sanguicel que era da armada que trazia na costa, o mais bem — A.
[3] de armada — A.

mente tomar vingança da que os portuguezes [1] queriam fazer em suas naus. Não tardou muito, depois que a armada esteve em Surrate, que não visse vir uma nau muito grande, á qual se foi logo com todos os navios, e a reconheceu ser nau de Meca, que se pôz em defensa, sem querer consentir que lhe chegassem, e como era mui alterosa, cheia de gente e bem artilhada, postoque os navios a investiram com todo o esforço, comtudo, como vinha á vela os rebateu e afastou de si, matando-lhe alguma gente; mas nem por isso deixaram [2] de tornar a pôr-lhe a prôa muitas vezes, e os mouros tambem de dentro a se defenderem com notavel valor e deliberação, vindo sempre pelejando e andando á vela para Surrate. E como chegou em conjuncção de maré cheia, fizeram os da nau conta de entrarem assi á vela pelo rio acima de Surrate, ajudando-os o vento, que tambem era em pôpa; porque como fossem do rio para dentro, aindaque désse a nau em secco, era tudo vaza, e acudiria a gente da terra de uma e outra banda, e a poderiam defender, por ser estreito, com espingardaria ou como melhor pudessem. E não ha duvida que, se a nau pudera entrar pelo rio acima, eram mui boas as contas que elles lançavam; porém succedeu-lhe a cousa mui differente, porque indo a nau á vela, brigando e defendendo-se, deu em secco n'uma restinga que corre ao mar de uma ponta do rio, e antes que chegasse a dar n'ella, já pelo rio de Surrate lhe vinham de soccorro septe barquinhas carregadas de gente de armas, para ajudarem a defender; em que tambem com os mogores vinham alguns inglezes, até doze, parece que [3] para sargentearem e ordenarem a briga. Luiz de Brito, em vendo as barquinhas, se foi a ellas antes que chegassem á nau, e como eram navios muito maiores que os seus facilmente os pôde alcançar; porém foi só a duas [4] que ousaram esperar, que logo desbaratou e tomou os cascos, lançando-se a gente a terra, que como era perto não quizeram experimentar a furia do braço portuguez. As outras barquinhas, em vendo que os nossos navios largavam a nau e endireitavam para ellas, não fizeram mais que voltar

[1] quizessem — A.
[2] de tornar-lhe a pôr — A.
[3] para negociarem e sargentearem a briga — A.
[4] que ousaram a esperar — C.

com a maré que lhe servia, [1] e se tornaram para Surrate. Vendo-se Luiz de Brito desembaraçado d'ellas, se tornou para a nau, que ainda estava em fórma de se defender, e como, [2] em a vendo, e a grandeza d'ella, e como vinha bem apparelhada em a fórma que se defendia, esperando tambem o soccorro que lhe havia de vir de Surrate, mandou logo Luiz de Brito a Damão um sanguicel a Ruy Freire, que alli havia invernado como atraz fica dito, pedir o ajudasse com alguns navios e gente, assi para acabar de render a nau, como para estar prestes para tudo o que viesse de dentro de Surrate, Ruy Freire, que mui bem conhecia o que convinha acudir com brevidade, negociou logo dois sanguiceis que alli tinha, dos seus em que tinha andado o verão passado, e mettendo-lhe os soldados que mais prestes se acharam, [3] os despediu logo a Luiz de Brito; de que foram capitães Francisco Salema, e *do* outro não soubemos. Os quaes chegados onde estava Luiz de Brito brigando ainda com a nau; e como, em quanto elle tinha ido demandar as barquinhas e ella dera em secco, vendo-se os mouros sem remedio se tinham acolhido os principaes no batel para a terra, levando o mais precioso e de valor que vinha na nau, houve depois menos, assi pera a defenderem, como tambem que defender; por onde foram rendidos e entrados, custando alguns de parte a parte, porque da nossa foram mortos seis soldados, dos quaes não houve poder tirar do esquecimento seus nomes, [4] mas em logar da memoria, a que os pudera entregar, estão elles gosando da gloria, com que não curarão de nenhuma outra fama.

Tomada a nau, postoque o capitão mór não quiz dar nada d'ella a sacco, comtudo, não pôde tolher que com o impeto da guerra não entrassem os soldados e a voltas de acabarem de render aos inimigos não pegasse cada um no que mais á mão se lhe offerecia. E vinha a nau tão rica que com se dizer havia tres annos que estava em Meca, e lhe terem tirado e levado os que se foram no batel o melhor que trazia, acharam os soldados muitos venesianos de ouro, e outras cousas de grande valor, com que os mais d'esta armada se encheram. Como a nau estava em

[1] e se foram para — A.
[2] em o vendo — C.
[3] os despachou — A.
[4] mais em lugar de memoria — A.

secco, parecendo a Luiz de Brito que haveria mister muito *tempo* para se tirar, e inda assim podia haver duvida n'isso, por ser tão grande, não quiz esperar que de Surrate, como terra de tanta gente de armas, e de um senhor tão poderoso como o Mogor, lhe viesse outro soccorro, que postoque o não temia, comtudo, poderia ser de mais força, e os successos não estão sempre nas mãos dos homens; e assi, não fazendo caso do casco da nau, a escorchou e lhe poz o fogo, e deixando-a já meia queimada se veiu com o recheio em os navios para Goa. Á nau, depois de arder té o lume de agua, acharam ainda os mouros de Surrate muito coral, e póde ser que tambem achassem ouro, como já por vezes aconteceu em estas naus de Meca. [1] Luiz de Brito veiu fazendo sua viagem, e sem lhe succeder cousa de consideração chegou em outubro seguinte de 613 a Goa, onde foi mui bem recebido do visorei dom Hieronymo, pela presa que trazia, e juntamente por haver dado ao Megor este pezar; porque só o que se entregou para a fazenda de sua Magestade importou muitos mil pardaos, afóra o que se tem dito levaram os soldados, que andavam em Goa comprando com tanta largueza, que, como quem não sabia as contas nem ganhára similhantes moedas, pagavam tudo com veneseanos. E não deixou de se fallar em que a nau trazia muito mais copia de dinheiro e fazenda do que se [2] entregára, do que, postoque logo se não pediu conta, comtudo, veiu depois ordem de sua Magestade que a désse mui estreita o capitão mór, do tronco; mas postoque os rigores que no principio se mostravam pareciam [3] que não se desfariam tão depressa, comtudo, vieram a tornar-se serenos, como a seu tempo se dirá.

[1] Luiz de Brito fazendo — A.
[2] entregaram — C.
[3] que se não — A.

CAPITULO XLVI.

COMO O VISOREI MANDOU A MALACA O DESEMBARGADOR ANTONIO BARRETO DA SILVA POR OUVIDOR GERAL E VEADOR DA FAZENDA, E DAS ORDENS QUE LEVOU, E O QUE SOBRE ELLAS FEZ.

N'este septembro de 613 mandou o visorei dom Hieronymo de Azevedo para Malaca Vicente Rebello, fidalgo, por capitão mór do soccorro que para ella mandava, que não era mais que de cincoenta soldados, que iam na mesma galeota com a polvora e munições para a fortaleza, que lhe pareceram [1] necessarias, e mais algumas galeotas de mercadores, em uma das quaes hia Antonio Barreto da Silva, fidalgo e desembargador, da inteireza e partes que pediam as cousas de que o visorei o encarregava. Em dezenove dias chegaram a Malaca com viagem prospera, onde o principal que Antonio Barreto levava encarregado pelo visorei era a cobrança dos direitos da frota da China, que haviam de vir com as duas armadas de Miguel de Sousa e João Caiado, de que se tem feito menção; para o que levava poderes de superintendente da fazenda de sua Magestade, e mui encarregado de que não consentisse desencaminharem-se os direitos reaes, como alli se custumava; levando juntamente quebrados muitos pagamentos de dividas que a fazenda real estava devendo, para os fazer do rendimento da dita alfandega, sendo a maior parte d'ellas as que o visorei Ruy Lourenço havia feito, que se tinha assentado em conselho de Estado, como atraz referimos, se pagassem. E para o fazer como convinha quiz o visorei mandar Antonio Barreto, o qual chegando a Malaca tractou com toda a brevidade pôr em caminho as cousas da justiça, que tambem levava particularmente encommendadas pelo visorei, porque como estas terras, na fórma que as mais d'este Estado, [2] estão tão misticas com mouros e gentios, e os homens [3] afastados da presença do seu prin-

[1] necessarios — C.
[2] estão misticas — A.
[3] afastados do seu principe — A.

cipe, [1] tem sempre muita necessidade de uma visita de justiça recta, desinteressada, que tracte mais de castigar para remediar do que para assolar e destruir; porque quando não levam esta tenção não ha inimigo tão cruel que assi destrua e ponha por terra uma cidade ou povoação de portuguezes; e postoque elles o mereciam, não faltam muitos meios de castigos conservatorios e redundantes em grande serviço de sua Magestade.

Em breve tempo tirou a residencia de dom Francisco Henriques, do logar de capitão da cidade, que servíra, e juntamente dos juizes e mais logares de quem se podia tirar de alguns annos para cá; e no tocante ás armadas e apresto d'ellas, que lhe encommendava o visorei puzesse em a devida ordem, mandando ao estreito a quem lhe parecesse com os avisos necessarios, como Diogo de Mendonça não era ainda chegado, buscando navios para o fazer, achou só tres de homens de San-Thomé que lhos davam, com condição que os concertasse; e mandando-o fazer a um por via do feitor, informando-se das cousas que lhe dava em despeza, achou ser sua Magestade o mais mal servido dos officiaes de sua fazenda, do que ninguem n'estas terras afastadas; porque não só convertem toda em seu proveito, com verdade ou sem ella, mas são causa com estes intentos de se não fazerem algumas por falta do necessario, que se correra por outras mãos nunca pudera faltar. E comtudo, não podendo Antonio Barreto levar ao feitor que se conformasse com os preços da terra, se pôz elle a concertar dois navios, que, havendo cada um d'elles mister muito mais obra que o primeiro, lhe custaram ambos muito menos; com que os despediu o mais brevemente que pôde para o estreito, dois que primeiro se negociaram, de que foram por capitães, de um [2] João Carlos de Pina, grande servidor de elrei e muito bom soldado, e do outro não se soube o nome, para avisarem a armada, que havia de vir da China, se havia ou não inimigos. E se ficou Antonio Bárreto occupando em fazer almazem de mantimentos e munições, pelos não haver em Malaca. Cousa tão digna de remedio, que sendo avisado o visorei d'isso, o encarregou a Antonio Barreto como a importancia da materia o pedia; para o que concertou a torre que fez o insigne Affonso de Albuquerque, com que no alto ficasse servindo para polvora e munições, e embaixo de mantimen-

[1] tem sempre necessidade de uma justiça recta — A.

[2] João Cardoso de Pina — A.

tos; que concertou com traves postas em cima do chão, e sobre ellas um soalho de taboados, e fazendo o mesmo pelas paredes das ilhargas, com que ficou um celeiro tão conservativo de mantimento, que por todas as casas da cidade se damnava em breve tempo, e alli se conservava dobrado. O que fez tambem em razão do visorei lhe encarregar muito trabalhasse por deixar postos em deposito, n'esta cidade, mil candis de arroz por conta da fazenda real, para prevenção dos continuos cercos em que se via dos inimigos; os quaes se renovassem todos os annos, vendendo-se o velho e comprando-se outro novo, mas [1] com ordem que se não desfizessem de um sem primeiro outro estar na terra. O que procurando pôr em effeito Antonio Barreto, se foram n'uma noite todas as embarcações de jaos que estavam no porto com arroz, a quem o elle determinava comprar, e vendo-se pela manhã sem ellas, conheceu que não podia nascer isto senão dos mesmos portuguezes, particularmente dos casados, e assi mandou a um chamado Luiz Paes Pacheco, que occupava em muitas cousas do serviço de sua Magestade, pelo achar prompto e confidente para elle, fallar com os jaos e malayos, que estavam em um rio perto, [2] a persuadil-os se viessem para Malaca, que nenhuma cousa se lhe havia de tomar sem primeiro lha pagarem pelo preço que corria na terra. Vieram todos, ficando-lhe por isso Luiz Paes, e soube d'elles Antonio Barreto se tinham ido por lhe dizerem, os casados da terra, lhes não havia de pagar nada do que lhes tomassem, só a fim de elles o comprarem como quizessem, para depois o venderem da mesma sorte; causa porque entre os portuguezes ha tanta carestia e fomes, e porque nossas terras não são frequentadas com grandes commercios e cheias de muitos mantimentos e fazendas. Comprou-lhe o arroz pelo que valia, e em tudo favorecia e ajudava aos estrangeiros, de sorte que os reis visinhos de Malaca mandaram pedir a Antonio Barreto, com grandes rogos, quizesse ficar na dita fortaleza, e não se ir para Goa, que elles o pediriam de mercê ao visorei, e de sua fazenda pagariam os ordenados do que elle [3] gastasse ou houvesse mister; que assi obriga a verdade e justiça, ainda aos que a não conhe-

[1] com ordem de que — A.
[2] a persuadil-o — C.
[3] gastasse e houvesse — C.

cem mais que pelos fruitos d'esta vida. [1] Estes mil candis de arroz se foram guardando alguns annos pela dita ordem; com que estava aquella cidade e fortaleza tão prevenida que nunca, n'este tempo, houve n'ella fomes de consideração; mas veiu emfim a extinguir-se este arroz e tão conveniente prevenção, e como as necessidades foram [2] crescendo, tambem se não procurou pôr remedio n'esta, que, não tanto pelo presente como pelo futuro, póde vir a ser mui damnosa.

CAPITULO XLVII.

DO QUE MAIS OBROU ANTONIO BARRETO DA SILVA EM MALACA.

Fazia o visorei em seu regimento grande encarecimento a Antonio Barreto sobre estranhar dizerem-lhe estava a artilheria de Malaca lançada no chão, sem repairos, como se não fôra uma praça tão cubiçada, e commettida de tanta sorte de inimigos; e assi lhe encarregava o remedio d'isto, como pedia a importancia da materia, e juntamente fazer com a cidade, a cuja conta estavam os muros, tractasse de os acabar, e provêr a terra de condestables e bombardeiros, de que estava mui falta. Os repairos, como em Malaca não havia tabuões de que se obrarem, não os pôde fazer Antonio Barreto a vinte peças de artilheria que haveria n'ella, por mais que n'isso trabalhou. Á obra dos muros *se* applicou por todos os meios com que lhe pareceu podia ir por diante; mas como em nós ha tão pouco cuidado ás vezes do mais importante, postoque se foi adiantando alguma cousa, nem então, nem muito depois, se acabou esta obra como convém e havia mister similhante praça. Os condestables não havia mais que um, e esse estava embarcado para ir buscar seu remedio, por lhe não pagarem muitos quarteis que lhe estavam devendo. Mandou-o tirar da embarcação, e fez-lhe paga de todos; com que ficou quieto, esperando pelos galeões da China, para d'elles se provêr dos mais que eram necessarios.

Havia n'esta cidade de Malaca antigamente fundição, quando nos não

[1] E estes — A.
[2] crescendo e tambem — A. e C.

era tão necessaria artelharia para os inimigos de Europa, e depois que encheram este Oriente se acabou, de sorte que nem memoria havia d'ella. Comtudo, não deixou o visorei de encommendar muito a Antonio Barreto o inquirisse, e soubesse se havia algum metal, ou peças derretidas, como tinha por informação; em o que lhe foi necessario usar de toda a industria, porque, como Malaca é tão pequena, estava já todo o chão, e circuito que d'isto havia [1] servido, povoado de casas, e ainda assi foi dar em umas com um forno de fundição, que tinha, meia dentro e meia fóra, uma peça de artelharia de metal meia derretida, e assi, depois de a tirar, mandou cavar o logar, postoque com muita repugnancia dos moradores e donos das casas, onde foi achando algum metal a [2] pedaços, e n'uma parte um pelouro d'elle, tão grande que foi necessario romper a parede, e fazer muitas invenções para o tirarem, porque era de mui demasiado peso. E este é o descuido com que n'uma cidade e praça similhante, mui falta de artelheria, estava cobre para muitas peças. Foi necessario para se poder embarcar cortar este pelouro em quatro pedaços, o que quiz Antonio Barreto fazer, e tiral-o como todo o mais metal á sua custa, para perfeiçoar mais este particular serviço que fez a sua Magestade.

E porque havia tambem em tempo atrazado casa de polvora em Malaca, encarregou o visorei a Antonio Barreto soubesse onde fôra, e a tornasse a pôr em seu ser, tirando-a de quem quer que fosse, como cousa de tanta importancia; em o que fez toda a diligencia, mas [3] não achou rasto por que pudesse pegar com justiça, porém ordenou de sorte que nunca faltassem muitos materiaes para a polvora, além de a deixar mui bem provida d'ella. E andando pondo em execução estas e outras cousas do serviço de sua Magestade, com tanto trabalho que nem logar tinha para repouso, senão cheio de muitos negocios, succedeu vir um dia um casado de Malaca, chamado João Delgado de Brito, mui triste e desconsolado pelos hollandezes lhe haverem tomado uma embarcação, que vinha carregada de noz e massa que importava muitos mil cruzados, por elle vir só, sem defeza alguma, e os hollandezes obra de vinte, com quatro peças de artilheria em uma embarcação como palaxo. Ao que desejando

[1] servindo e povoado — C. servido e povoado — A.
[2] pedaços em uma parte — A.
[3] não rasto — A.

acudir Antonio Barreto se foi ter com Vicente Rebello para que quizesse sahir-lhe na galeota d'elrei, em que tinha vindo de Goa; e representando-lhe elle [1] alguns inconvenientes e impedimentos, como viu que não era tempo da detença com que se podiam desfazer, mandou chamar Francisco Lopes Calheiros, que alli estava com um seu navio armado de soldados, e lhe mostrou quão grande serviço faria a sua Magestade em sahir a cobrar a embarcação do portuguez, e vêr tambem se podia tomar a dos inimigos. Estava Francisco Lopes com o navio prestes e apparelhado de tudo, e elle com animo não menos prompto para qualquer commettimento, pelo esforço e deliberação de que era dotado, e assi respondeu a Antonio Barreto que iria de muito boa vontade, mas que não tinha mais que dezoito soldados; que o provesse com mais dez, e tres dias de mantimentos, dentro dos quaes, se não conseguia o que hia obrar, que lhe parecia o não faria em mais tempo. Agradeceu-lho Antonio Barreto, e por não andar buscando outros soldados, dos que tinha em sua casa mandou logo dez a Francisco Lopes, e os provimentos que lhe pediu; com que partiu sem mais dilação, e da sua partida a dois dias tornou com a embarcação do casado de Malaca e o pataxo dos hollandezes, porque investindo-o com grande esforço o entrou e rendeu á espada, sem os inimigos fazerem mais que renderem-se, vendo-se abordados e entrados pelos portuguezes, e que como leões famintos arremettiam a elles. E assi, mettendo-os Francisco Lopes no seu navio, entrou em Malaca ás dez horas da noite, d'onde mandou logo recado a Antonio Barreto, que se alegrou tudo o que podia ser, e muito mais quando pela manhã viu dezenove hollandezes captivos, mui grandes e bem dispostos para os poder trazer ao visorei, por serem dos primeiros que se tomaram n'este Estado. A Francisco Lopes, e a seus companheiros, deu as graças devidas a tão honrado feito, e entregando a João Delgado a sua embarcação sem lhe faltar nada, julgou a dos hollandezes por perdida para Francisco Lopes e seus soldados, e juntamente a artilheria, por ser de ferro; e Francisco Lopes, por seguir o estylo de similhante obra, deu o pataxo aos capuchos; que assi como um abysmo chama outro, com muito mais força uma virtude e feito heroico encaminha e leva o animo a produzir sempre outros aventejados.

[1] alguns impedimentos — C.

Tinha o visorei dom Hieronymo mandado em agosto de 613, antes que partisse Antonio Barreto, uma caravela, e por capitão d'ella Gaspar Dias Cardoso, para que trabalhasse por ir a Malaca, e d'ahi a Manilha, e de Manilha á China, com as novas que sua Magestade [1] havia mandado este anno por terra, de se apparelharem muitas naus inglezas e hollandezas para passarem a este Estado, ás partes do Sul; levando mui encarregado fizesse todo o esforço para [2] passar a todas as ditas partes. Chegou a Malaca, para onde levava alguns soldados de soccorro, e postoque lhe deram todo o necessario com a brevidade possivel, quando se quiz partir para a Manilha estavam duas naus hollandezas sobre a barra, por cuja causa não pôde passar, porque se não foram senão depois de ser passada a monção; e chegando no cedo uma caravela da China com novas de não haver inimigos no estreito, deixou por esse respeito Antonio Barreto de mandar outro navio que estava negociando para o estreito, e negociou a mesma caravela de Gaspar Dias, que mandou a Goa no cedo, como lhe ordenava o visorei, com novas do estado em que ficavam aquellas partes sem inimigos, e do que tinha obrado nas cousas que levava encarregadas.

CAPITULO XLVIII.

COMO O CAPITÃO DE PONDÁ FEZ PREZA DE UM PORTUGUEZ QUE IA BUSCAR A PIMENTA AO CANARÁ, E DO QUE SOBRE ISSO SE ASSENTOU, E SOBRE OS VASSALLOS DO MOGOR; E A ORDEM QUE VEIU DE SUA MAGESTADE SOBRE DOM ROBERTO SARLEY, INGLEZ.

Em outubro d'este anno de 613, Luiz de Lemos, contractador da pimenta, indo por terra a Canará negocial-a e abreviar a vinda d'ella, assim por o tempo estar mui adiante, como pelos respeitos atraz apontados, e levando comsigo quantidade de dinheiro, foi detido por [3] Xarife Melique, capitão de Pondá, afim de se lhe entregarem certos gentios que estavam nas galés, e uma quantia de santhomés de ouro, que por ordem

[1] tinha mandado — A.
[2] passar todas — C.
[3] Xarife Melipe — A.

da justiça se tinham depositado em Goa, por se tomarem a um gentio que se havia acolhido para á outra banda; do que avisando ao visorei, propoz elle a materia em conselho de Estado, para que votasse o que se devia sobre ella ordenar. Onde, considerando-se as guerras que se traziam com o Melique por todo o Norte, e as que tambem se esperavam ter com o Mogor por respeito de sua nau de Meca, que lhe tomou Luiz de Brito, como fica tractado, e não sendo até este tempo chegadas as do reino, que se esperavam com o soccorro da gente, e mais cousas [1] de que o Estado tinha tanta necessidade; e a carga da pimenta das naus que se não devia pôr em risco; e sobre tudo procurar livrar-nos de todas as occasiões de guerra com os naturaes, para nos poupar [2] e empregar todos nas dos inimigos ingrezes e hollandezes, se assentou, que visto os gentios serem vassallos do Idalcão, e a causa de sua prisão não fosse mais que por serem prejudiciaes em passar ouro á outra banda contra as prohibições que n'isto havia, e se ter d'antes assentado se soltassem sobre fiança, que se fizesse assi, e não reparasse o veador da fazenda n'ella, por todas as ditas causas; e que no tocante aos santhomés se determinasse logo em relação, como d'antes estava para se fazer, para que, quando fosse justiça daremse-lhe, se ficasse conhecendo o fizeram por essa causa. E, vistas as razões que para isso havia, se deu tenção que se tornasse o dinheiro ao dito gentio; com o que cumpriram uma e outra cousa com pretexto de que o faziamos por guardar inteiramente justiça, e não por desviar occasião de mover alterações com o Idalcão; porque quando [3] o Estado estivera sem outras de mais consideração, não deixára de acudir ao pouco respeito com que o capitão de Pondá deteve os Portuguezes, sem ter resalva com o visorei, como estava obrigado.

O Mogor, tanto que soube da tomada da sua nau de Meca, que lhe fez Luiz de Brito, mandou lançar mão de todas as fazendas dos portuguezes e vassallos de sua Magestade e de suas proprias [4] pessoas, todos quantos se acharam em suas terras, que chegavam a mais de vinte, e as

[1] de o Estado — C.
[2] e entregar todos — A.
[3] o Estado sem — A.
[4] pessoas de quantos — A.

fazendas muita quantidade de mil cruzados. E não [1] sabendo ainda a certeza d'isto o visorei, como o receava pelo que discursivamente se podia julgar da materia, propoz aos do seu conselho se seria conveniente, antes que tivessem aviso para se ausentarem, lançar mão em Goa de todas as fazendas e vassallos do Mogor, que havia em muita copia, para ficarmos com o mesmo penhor que os mogores, com que depois se pudesse fazer a troca de uns e outros; porém não pareceu conveniente exasperar mais o caso da nau, nem mostrar que nós principiavamos a guerra, quando a não pretendiamos com os mogores, senão mostrar-lhe quanto mais lhe convinha a nossa amisade que a dos ingrezes e hollandezes; particularmente quando para este effeito nunca poderia faltar tempo, nem os guzerates ter aviso tão breve que não chegasse tambem ao visorei, para fazer na materia o que melhor lhe parecesse.

No principio de novembro d'este presente anno chegou uma nau de Mascate, com uma carta de sua Magestade por terra, em que avisava como dom Roberto Sarley, ingrez que havia ido por embaixador do Xá a sua Magestade, se passara de Madrid a Inglaterra a negociar navios para passar a estas partes, com desenhos prejudiciaes a este Estado, e em particular contra a fortaleza de Ormuz; ou que tambem viria para assentar com o Xá o commercio da seda para a Inglaterra; que uma e outra cousa convinha se atalhasse, e quando não pudesse ser por via de armas, se procurasse, por qualquer outra, que não fosse por nenhum modo á Persia o dito dom Roberto. E a mesma nau de Mascate trouxe aviso como uma ingleza fôra ao Sinde e lançara n'elle ao mesmo dom Roberto. E juntamente avisava sua Magestade como em Inglaterra e Hollanda se aprestavam muitas naus para virem a este Estado; o que proposto aos do conselho, se determinou que para provimento das fortalezas de Ormuz e Mascate se enviasse logo dom Luiz da Gama, (que se andava negociando para ir entrar em Ormuz, por quanto estava esta fortaleza, por morte de dom Jorge de Castello Branco, sem capitão proprietario) e que este fidalgo com seu zêlo e animo poria o cuidado conveniente na defensão da dita fortaleza; e que em Mascate se puzesse no forte do padrasto um presidio de trinta soldados, com capitão de valor e experiencia, como sua Magestade ordenava por particular instrucção; e que a ida de dom Luiz

[1] sabendo a certeza ainda d'isto

da Gama fosse em navios de remo, assi por escusar o risco de sua pessoa, [1] como para poder passar mais de pressa, e chegar ao Sinde, e pôr em effeito o que sua Magestade ordenava sobre dom Roberto. E aprestando-se dom Luiz da Gama partiu em dezembro d'este anno. Foi, por ordem do visorei, por todas as fortalezas do Norte, para levar todas as embarcações que houvessem de partir para Ormuz, para ir assi com mais corpo de armada e maior seguridade de todos; levando juntamente uma nau e quatro navios de remo, para que, quando em Dio houvesse novas de haverem passado para Ormuz naus ingrezas, se passasse aos navios, com que, em todo caso, procurasse haver dom Roberto á mão para lho enviar preso a mui bom recado, aindaque para isso fosse necessario dar ao mira ou governador do Sinde alguma peça, de qualquer quantia que fosse, por conta da fazenda real. Onde [2] chegando, dom Roberto, como quem estava culpado, fez todo o possivel por se resguardar dos portuguezes, e conhecendo com sua grande sagacidade que o procuravam haver por via do mira, se acolheu a unha de cavallo, sem parar em terra de sua jurisdicção, d'onde passou depois á Persia, e urdiu e traçou todos os males que com a vinda dos inglezes vieram a este Estado. Levava dom Luiz da Gama [3] um largo regimento do visorei de como se havia de haver na fortaleza de Ormuz, que todo se incluia nos particulares de a ter bem provida assi de soldados, com o numero prefeito de septecentos que sua Magestade ordenava houvesse n'ella, como de mantimentos, munições e polvora, com que a fortaleza estivesse sempre mui bem provida para qualquer occasião, pelas muitas que se podiam esperar com os ingrezes e hollandezes, e do mau animo do Xá contra esta fortaleza, sobre o qual e todos os seus desenhos lhe encarregava muito trouxesse todas as intelligencias para que lhe não faltasse aviso ordinariamente d'elles; e que a armada se não empregasse mais que no serviço de sua Magestade, pelo quão ordinario era fazerem d'ella tracto e proveito; por onde, que se entregasse a pessoas que nenhuma pretenção nem intento d'elle tivessem; e que aos navios dos portuguezes que passavam ao Estreito com pimenta, e cousas defezas, se fizesse mais guerra do que aos mesmos inimigos, to-

[1] como para passar — A.
[2] chegando como dom Roberto — A. e C.
[3] um grande regimento — A.

mando-os de presa, pelo grande [1] prejuizo de que são ao serviço de sua Magestade.

E sendo caso que não pudesse haver ás mãos dom Roberto, escrevia o visorei uma carta ao Xá, em que lhe dizia quem eram os ingrezes, e que todo seu fundamento faziam em ser piratas do mar, e que a vinda que faziam a este Estado era sem licença de sua Magestade; por onde, se elle queria conservar sua amisade, os não havia de consentir em portos, nem ter commercio com elles por via d'este Estado. A qual mandou ao bispo de Sirene para que [2] lha enviasse, conforme [3] o estado em que comnosco estivesse; e como o bispo conhecia o animo do Xá, lhe pareceu que se não perdia nada na carta, e assi lha mandou, como em effeito viu nem perder nem ganhar com ella. Chegou dom Luiz da Gama a Ormuz a salvamento em janeiro de 614, onde tomou posse da fortaleza, e tractou de pôr em effeito tudo o que o visorei lhe ordenava, como conseguiu em as mais das referidas materias, postoque não deixou de ter maus successos.

CAPITULO XLIX.

DO QUE N'ESTE MEIO TEMPO SUCCEDEU NAS GUERRAS DO NORTE.

As guerras do Norte se iam continuando n'este meio tempo em todas as nossas cidades e fortalezas, porque além de Chaul e Baçaim, que as tinham tão accesas, como o referimos, com os decanis, e Damão com o [4] Choutia e Colle, o Mogor, escandalisado de lhe tomar Luiz de Brito a nau de Meca, começou a movel-a ás terras de Damão. E como o visorei dom Hieronymo teve aviso por via de Damão da armada de Luiz de Brito estar em Surrate com a nau que tomou em briga, mandou aprestar com muita brevidade a dom Diogo de Vasconcellos, que estava nomeado por capitão mór do Malavar, (porque dom Francisco de Sousa, que foi nomeado por capitão mór do Norte, não achou gente para a sua armada)

[1] prejuizo que são — A.
[2] lha mandasse — A.
[3] o estado que comnosco — A.
[4] Chotia, Colle e Mogor — A.

com dezesete navios, de que foram por capitães Gaspar de Mello de Sampaio, que estava nomeado por capitão mór do Cabo, e dom Jeronymo da Silveira, do Canará, João de Andrade, Diogo de Abreu da Silva, João Fernandes Ramalho, Nicolau de Soveral, Thomaz de Brito, Ignacio de Azevedo, João Pinto Pereira, Luiz Mendes de Vasconcellos, Manuel Pereira de Sampaio, Antonio Baracho, Salvador Vaz da Guerra, Miguel Ferrão de Castello Branco, dom João Mascarenhas, Bartholomeu de Quadros. Os fidalgos que foram embarcados n'esta armada, são: Diogo Lopes de Sequeira, Vasco Gomes de Abreu, Diogo de Brito da Silva, dom João da Silveira, Thomé Lobo Teixeira, Francisco de Brito Gudis, Gonçalo de Barros, Sebastião de Sousa, dom Miguel Pereira, Fernão de Sampaio, Francisco Pereira de Azevedo, Martim Affonso de Sousa, dom Francisco Mascarenhas, Francisco Giraldes, Ruy de Brito de Noronha sem paga, [1] Diogo Deça, dom Diogo de Sousa, Simão de Sousa de Meneses, dom Pedro de Meneses. *E* lhe ordenou que fosse com a brevidade possivel ao Norte, e passando por Chaul levasse comsigo a dom Manuel de Azevedo, que havia estado por capitão mór d'aquelle presidio, para ser capitão da fortaleza de Dio, por ser morto n'ella Sebastião de Macedo, que estava servindo; e que passasse por Baçaim, só para dar n'ella as cartas e ordens que levava, em que ordenava que, como até o tempo em que esta armada partia não haviam chegado naus do reino, e faltava soldadesca para as armadas da costa, não houvesse em Baçaim mais que tresentos soldados, cento para assistirem na cidade de presidio, e duzentos para andarem pelos rios, em que consistia a mór parte da defensão d'aquellas terras, e em Chaul duzentos e cincoenta na cidade, e cincoenta no Morro; com que n'estas duas cidades se não tractasse mais que de conservar, e o restante da gente se mandasse a Goa, para se fazerem as armadas do Norte e Malavar.

A principal causa a que o visorei mandou esta armada de dom Diogo de Vasconcellos ao Norte foi a que trabalhasse por chegar com toda a brevidade a Surrate, parecendo-lhe estaria ainda alli Luiz de Brito embaraçado com a nau de Meca; e assi lhe ordenava que quando não estivesse tomada, e os de Surrate mostrassem alguma razão, ou ao menos que se queriam pôr n'ella, para fazerem alguma composição da quebra

[1] Diogo de saa —A.

que teve a alfandega de Dio nas fazendas que a nau levou e trouxe, viesse n'ella no melhor modo que lhe parecesse, mostrando que o nosso animo não era de querermos quebrar a paz e amisade que elrei Mogor tinha com o Estado, senão de conservar o que nos é devido; e que as mais fazendas [1] largasse a seus donos, por mostrar o pouco que nós levavamos de interesse, e desejo que tinhamos de conservar o que nos é devido; e que quando a nau fosse entrada para Surrate sem a poderem tomar, fizesse por compôr o escandalo e aggravo com que os mogores haviam de [2] estar dos portuguezes, aindaque fosse, sendo necessario, com despôr a Luiz de Brito do logar de capitão mór da armada, para se poder evitar occasião de abrir guerra com o Mogor, pela falta de naus e gente, e havermol-a mister para a guerra de Decanim, e as muitas partes do Sul que estavam puxando por soccorros. Porém que sendo a nau tomada a trouxesse a Dio e pedisse particular e estreita conta de tudo o que trazia, e recolhido o depositasse no collegio da companhia d'aquella cidade. E com estas ordens lhe acrescentou outras da guarda que havia de fazer na costa do Norte, dos parós, e do castigo que trabalhasse por dar nas terras do Melique; e esta segunda accrescentou depois que soube que Luiz de Brito vinha com a nau [3] tomada. E ordenou mais a dom Diogo de Vasconcellos que fosse esperando por Luiz de Brito, para que juntas ambas as armadas pudessem melhor obrar o que lhes ordenava. Partido dom Diogo esperou por Luiz de Brito no rio que está em passando o pagode das Biqueiras, o qual não tardou muito, e assi, em chegando, foram todos fazendo viagem, e amanheceram um dia no rio de Sifardão, que é já da jurisdicção do Melique, onde determinando dom Diogo desembarcar o fez com toda a gente, para lhe dar um castigo. Deu a dianteira a Gaspar de Mello, e não achando resistencia mais que alguns mouros, que não fizeram mais que desamparar as palhotas em que viviam e fugirem para a serra, se detiveram todo o dia em derrubarem pagodes e poucas casas de pedra da povoação, que estava despejada, e os mouros acolhidos a uma casa forte de um seu regedor, que estava um pouco afastada, e não parecendo necessario ao capitão mór il-a demandar, se con-

[1] entregasse — A.
[2] estar com os — A.
[3] tomada a ordenou — A. e C.

verteu a queimar a povoação, como fez, e mais de sessenta manchuas e redes de pescar, e a cortar, [1] e destruir-lhe muitos palmares e hortas muito frescas; o que fizeram sem receberem damno algum. E era muito para sentir aquelles mouros as assolações e destruições que recebiam, pela teima e semrazão do seu rei querer fazer guerra aos portuguezes, sem elles lhe darem occasião alguma para isso; e estando nós sempre com os braços abertos para recebermos a paz, não doía a este rei infiel a destruição de suas terras e vassallos, para lha querer evitar com a paz. D'onde se deixa bem conhecer que aonde não alumia a lei de Deus, não tem logar a justiça e razão, senão por accidente.

Passaram os nossos adiante, e chegaram a Dandá, fortaleza do Melique mui aventejada a todas as que tem na [2] frol do mar, e antes não tem outra que possa ter [3] esse nome senão esta, porque está n'uma ilheta á entrada de um rio, feita em redondo, e com tres lanços de muros que uns ficam cavalleiros aos outros, e um baluarte em cima cavalleiro a todos, cheio tudo de artelheria, postoque não grossa, senão a mais d'ella miuda, de falcões e berços, ficando um tiro de pedra da terra firme, onde não deixa de ter um morro por padrasto, de que se póde mui bem bater. De maré cheia podem passar navios entre ella e a terra, e de vasia fica quasi em secco. Foi sempre esta fortaleza acolheita [4] de parós, assi pela commodidade de se acoutarem á sua sombra, como pelo rio ser mui capaz, onde podem entrar naus e pagueis. De presente estavam alli alguns parós, que encostados á fortaleza se tinham mui bem entranqueirados; e considerando o capitão mór o muito que lhe havia de custar se os quizesse tirar, não tractou d'isto, antes foi passando ávante a Chaul, para levar a dom Manuel de Azevedo, e fazer o que mais trazia por ordem do visorei. Com cuja chegada vieram logo os mouros ao campo fazer suas algazaras com bombas de fogo e muitos floreios; ao que lhe foi sahindo o capitão mór com toda a gente da armada, porém elles estavam tão sentidos da guerra que se lhes havia feito, que não esperaram [5] a pôr-se

[1] e o destruir-lhe — A.
[2] frol — A. e C. fralda (?)
[3] este — A.
[4] dos parós — A.
[5] opor-se — A.

em risco de os offenderem os portuguezes, indo-se com menos floreios e gritas do que trouxeram. E não fazendo mais detença, pelas apertadas ordens que n'isto trazia, foi passando a Baçaim, entrando pela barra de Mombaim, para passar por Taná por dentro, por estar tudo de guerra, para se empregar no que fosse necessario. Tristão de Ataide assistia nos rios por capitão mór d'elles, na fórma que temos referido, onde não se offerecendo cousa de particular relação, se foi até Baçaim, levando o farol coberto e a bandeira fóra, por cortezia e respeito de Nuno da Cunha que alli estava por capitão geral, não obstante levar dom Diogo de Vasconcellos poderes do visorei; porém esta mesma foi a causa para Nuno da Cunha fomentar desavenças e discordias, sahindo sempre pela cidade com tambor diante, e dom Diogo sem elle; porque sempre entre nós fez maior damno a vã presumpção de honras, e logares, do que os mesmos inimigos.

Sahido de Baçaim dom Diogo de Vasconcellos com sua armada, e pouco gosto pelas dissensões que se iam ateando entre elle e Nuno da Cunha, se foi para Surrate, onde não vendo cousa em que se poder occupar passou a Dio, para andar franqueando a costa, como o visorei lhe encarregára; e chegado a ella ouviu as forças e semrazões que fazia o Renao e negros de Por Mangalor, e determinou de lhe mandar dar um castigo, para que estes vassallos de Mogor soubessem que em se desmandando lhes não havia de faltar logo o que por suas obras merecessem, para que considerasse seu rei o bem, ou mal que lhe estava levantar-nos guerra.

CAPITULO L.

DA SAHIDA QUE FEZ GASPAR DE MELLO EM POR, E DO QUE N'ELLE LHE SUCCEDEU.

Metteu [1] dom Diogo de Vasconcellos a dom Manuel de Azevedo de posse da capitania de Dio, conforme levava por ordem do visorei, tomando-lhe a menagem d'ella, e pôz em arrecadação da fazenda de Sebastião de Macedo, capitão que havia sido da dita fortaleza, grã copia de dinheiro que

[1] dom Diogo de Vasconcellos de posse a — C.

se achou dever á fazenda de sua Magestade, e como a costa de Pormangalor estava em foro de não pedir cartazes para as embarcações que d'alli mandavam para Meca, por estar algum tanto desviada, com que raramente se lhe [1] tomava nenhuma, defraudando com isto grandemente o rendimento da alfandega de Dio, onde haviam de vir carregar todas estas fazendas; assi, tanto [2] por esta causa, como pela suberba das semrazões que usavam com qualquer cousa nossa que alli fosse, mandou dom Diogo de Vasconcellos, ao segundo dia de sua chegada, a Gaspar de Mello de Sampaio fosse com dezeseis navios, ficando só o seu, e desembarcando em Por [3] trabalhasse por lhe dar um castigo como elles mereciam. Partido Gaspar de Mello pela costa chegou em breve a Por, que são quarenta leguas de Dio, e fazendo por chegar de noite não lho [4] soffreu o tempo senão ao amanhecer; e para divertir os da terra, lançou na costa brava soldados, e os mandou fallar com os negros e offerecer-lhe se queriam fizesse elle alguma cousa, e pedir-lhe quizessem vender algum refresco. Elles responderam que não queriam nada, e venderam o que os soldados quizeram comprar, os quaes recolhidos ás quatro da tarde se fez o capitão mór á vela na volta do mar até que bem anoiteceu, e no quarto da modorra tornou sobre a terra, e achou os negros vigiando com as armas na mão, porque é mui certo que a consciencia culpada nunca se assegura, e estes como viram a armada, que raramente lá passava, tiveram motivo para se arrecear, havendo que não podia ir a outra cousa mais que aos castigar; e sendo já quasi manhã, determinando entrar por um esteirinho do mar que lhe serve de barra, por onde não podia ir mais que um e um navio, por ser cousa mui estreita, foi entrando a armada e na dianteira dom João Mascarenhas, que assi o havia ordenado dom Diogo de Vasconcellos a Gaspar de Mello, aonde de um baluarte, que tinha da banda da terra, muito grande, com muita gente, [5] roqueiras e espingardaria, fizeram nos portuguezes muito damno, e encravaram a muitos com frechas. D'este ia um panno de muro para a costa brava, e de

[1] toma — A.
[2] por esta culpa — A.
[3] trabalhou — C. trabalhar — A.
[4] offereceu — C.
[5] roqueiras espingardaria — C.

traz vae continuando o muro da cidade, de que é cercada toda com muitos baluartes, sendo por si muito grande, d'onde nos serviam da mesma sorte, e como os navios não podiam ir senão um a um, pelo rio ser tão estreito, tinham tempo e logar para descarregar em cada um uma nuvem de setas e pelouros por meio dos quaes entraram todos um pouco do esteiro, e desembarcando na costa brava, (por não poderem chegar mais a respeito da maré) em um caes que havia pegado ao referido baluarte, foram marchando em boa ordem, e antes de chegarem [1] ao muro e baluarte nos mataram dezoito pessoas e um frade de são Francisco, irmão da mulher do capitão mór Gaspar de Mello de Sampaio, o qual, vendo a difficuldade de poderem entrar a cidade, pretendeu com machados de cortar uma porta que estava ao pé do mesmo baluarte e [2] mandou-os trazer, e foi um soldado dos seus com uma lança tentando umas pedras do muro que estava junto do mesmo baluarte, por onde do mar dizem que viam descer e subir os mouros, onde achou a pedra ensosso, sem caliça, e assi foi derrubando n'ellas, e acudindo todos ao mesmo derrubaram o muro; com que puderam entrar, fazendo-se n'isto honrados feitos, porque, antes de se achar esta paragem, houve soldados que por lanças e bambus, e pela mesma parede por não levarem escadas, foram subindo pelos muros, d'onde sempre foram lançados com muita frechada e espingardada e toda a sorte de armas; onde houve um soldado que, com tres frechas pregadas na cabeça e uma debaixo de um braço, não desistia de ir subindo, até que o capitão mór lhe disse: «Basta, soldado, basta.» Entrada a cidade, vieram os mouros receber os portuguezes ao pé do baluarte grande, de que temos dito, que seriam obra de quatro mil, porém os nossos apertaram com elles de sorte que, não os podendo esperar, lhe foram largando a cidade e fugindo para o campo, ficando logo alli mortos muitos d'elles, acolhendo-se grande copia a um forte que estava no meio da cidade, que os nossos procuraram combater, porém, não tendo instrumentos com que o fazer e sendo o forte por obra fortissimo, desistiram d'esta pretenção, e os inimigos tentearam logo se podiam remir-se por algumo via, e assi mandaram commetter a Gaspar de Mello se queria cincoenta mil patacas que lhas dariam, com tanto que se fosse e os

[1] aos muros — C.
[2] mandou-as — A. e C.

deixasse. Ao que lhe respondeu que elle não vinha buscar dinheiro, senão castigal-os dos insultos que tinham feito contra nós; que se queriam ir-se e largar o forte lhes daria licença para isso, e senão, que todos [1] havia de passar ao fio da espada; e mandou logo trazer os falcões dos navios para bater o forte. Vieram e começou a tirar-lhe, mas como o pelouro era de pedra, e viram os inimigos o pouco damno que lhe [2] fazia, não se lhes deu nada de nós, nem commetteram mais partido. O capitão mór, tornando á cidade, mandou repartir pelos baluartes as estancias de soldados, e fechar a porta do campo, e abrir a do mar para serviço dos navios; e deu licença aos soldados mettessem a terra a saco, ficando com elle corpo de gente bastante para qualquer successo. Foi a cidade saqueada, onde acharam muitas riquezas em fazendas, que como a armada appareceu tão repentina não tiveram os mouros logar de as pôr em salvo, nem tambem os portuguezes de as recolher aos navios.

Aquella noite mandaram os inimigos, que se tinham acolhido ao baluarte, muitos velhos, meninos e mulheres, a passarem o esteiro do mar referido, para ficarem mais desembaraçados para [3] brigar e poder soffrer algum cerco, se lho quizessem os nossos pôr; porém os portuguezes que estavam de posta tiveram vista d'elles na passagem do esteiro, e acudiram tirando-lhe muitas espingardadas, com que mataram muitos, e captivaram mais de tresentas pessoas, de que houveram mui bom resgate. E mandou logo o capitão mór a um soldado seu, por nome Luiz Borges, com alguma gente queimar onze pagueis que estavam varados em terra; o que fez, postoque achou alguma resistencia. E depois de ter dado saco aos soldados o dia que entrou a cidade, á noite lhe mandou pôr fogo, e com ser de telha ardeu com grande furia, cheirando mui bem as cousas aromaticas que se queimavam. Ao outro dia se embarcou, deixando pela cidade, assi de mortos nas brigas, como de fogo, mais de oitocentas pessoas, sendo os mais d'elles regibutos, mouros valentes de sua pessoa; e dos nossos [4] morreriam dezoito, os mais d'elles na entrada, entre os quaes foi um fidalgo mui honrado, chamado Pedro Leitão de Salda-

[1] haviam — C.
[2] faziam — A. e C.
[3] brigarem — A.
[4] morreram — A.

nha, a quem deram com uma frecha pela testa, que lhe entrou de sorte que nunca houve força nem industria com que lha pudessem tirar, até lhe escalarem a cabeça para isso, de que morreu ; [1] e outro fidalgo, chamado dom Francisco Mascarenhas, indo do canto de uma rua lançar a cabeça para vêr o forte dos mouros, que estava no meio da cidade, onde elles se tinham acolhido, e em descobrindo a cabeça, lhe deram com um pelouro pela testa, de que cahiu logo morto ; que este appellido illustre parece não ha parte alguma n'este Estado que não tenha regado com seu sangue, e ennobrecido com seu esforço e valor. Seu corpo lhe lançaram no mar, que é a mais ordinaria e não menos honrada sepultura que tem os que andam n'este exercicio das armas. Os nossos feridos, afóra os mortos, seriam quarenta, de que muitos ficaram aleijados. E foi este um [2] dos honrados feitos que se fez na India, porque os mouros são tão valentes que andando gritando um de noite pela cidade que lhe queimavam sua casa, mandou o capitão mór a um [3] soldado que o fosse matar. Foi, e postoque o viu desamparado, que é a maior valentia d'estes infieis, embebeu n'elle a lança, e o mouro atravessado foi entrando por ella até pegar do soldado, e andou com elle a braços, trabalhando ainda n'aquelle estado pelo matar, de sorte que foi forçado ao portuguez bradar que lhe acudissem, como fizeram, e o acabaram de matar. Embarcou-se o capitão mór na armada, deixando bem assignalados estes regibutos de suas mãos, com que não houve fazerem tantas dissoluções ; e assi chegou a Dio alegre e [4] ufano com a victoria, e cheio de despojos, com que foi mui bem recebido do seu capitão mór dom diogo de Vasconcellos, e do da fortaleza, e mais povo, pelos insultos que d'estes mouros haviam recebido.

[1] e a outro — A.
[2] dos mais honrados feitos — A.
[3] soldado chamado .... que o fosse matar — C.
[4] ufano de victoria — C.

CAPITULO LI.

DO MAIS QUE FEZ ESTA ARMADA NO NORTE, ATÉ TORNAR A GOA.

Fez pouca detença em Dio dom Diogo de Vasconcellos depois de chegar a sua armada de Por, não mais que a que foi [1] necessaria para a cura dos feridos; o que concluido, e entregue a armada de Dio a Francisco Sodré, que estava despachado com a capitania mór d'ella, como o visorei ordenava, a Luiz de Brito de Mello, se veiu elle tambem n'esta companhia, e se fez á vela a armada para Damão com os navios da cafila que houve, e chegado a ella, sabendo como até então não havia o Mogor feito nenhuns movimentos de guerra, partiu com alguns navios de roupa da que se faz n'aquella cidade e seus limites, mui boa, e se nos dispuzeramos a querer que dentro em Damão se fizera a feira das roupas de Cambaia e Baroche fôra de tanto menos trabalho e risco, do que ir aos macareos de Cambaia, onde se perdem cada momento os navios, quanto o proveito dos mercadores da cidade e da alfandega de sua Magestade crescera em grande copia; porém depois que ingrezes e hollandezes continuaram o tracto de Surrate, e ficaram n'elle seus feitores, que por todo o anno e por todas as terras vão comprar tudo o que lhe é necessario, militam outras razões, e convem-nos trabalharmos mais por impedir o tracto d'estes inimigos do que buscarmos nenhum outro fim. Partida a armada de Damão, veiu correndo a costa até o rio de [2] Agaçaim, que os decanis, com ajuda dos parós tinham o anno atrazado queimado, e navegando pelo quarto [3] de alva algum tanto ao mar, por salvar as muitas restingas que ha por aquella paragem, que lançam muito ao mar, Miguel Ferrão de Castello Branco, que vinha por capitão de um navio e servia com particular curiosidade e desejo de se assignalar, sendo pessoa de talento, esforço, e animo, mandou tomar a vela e chegar-se para terra a remo, e vindo já outra vez com o traquete, divisou diante quatro vultos de

[1] necessario — A.
[2] Agaçaim porque os decanis — A.
[3] da lua — A.

navios, e sem o [1] fazer saber aos marinheiros, por não se perturbarem como ordinariamente succede, mandou remar com toda a pressa, e indo-se chegando á vela e remo foi sentido dos parós, e juntamente os seus soldados e [2] marinheiros os acabaram de vêr; e comtudo, não deixou de ir para elles como até então. Os parós foram sahindo da sombra da terra onde estavam, indo já esclarecendo a manhã, e por detraz da ilha das Vaccas remando para se metterem no rio de Agaçaim, e como a armada vinha ao mar, Miguel Ferrão, por lhe fazer signal, e juntamente porque já estava a tiro, lhe tirou com o falcão aos parós; o que sendo ouvido dos mais navios, vieram todos para terra, e devisando os parós que se iam meltendo no rio, entraram os que vinham detraz pela outra banda de cima da ilha das Vaccas, para que não pudessem safar-se por ella, e Miguel Ferrão foi traz os parós, levando-os sempre á vista. Onde é muito para considerar que sendo estes mouros malavares os mais ardilosos que nenhuma outra gente da India, tiveram tão pouco discurso [3] estes quatro parós que estavam de vigia, que, em vendo a armada, em logar de irem safando á pura força de remo, pois o podiam fazer tendo alguma ventagem na dianteira em que iam a Miguel Ferrão, (sendo que debaixo das mesmas proas tem escapado muitas vezes aos navios da armada) para que quando não pudessem fugir a remo, o que raramente acontece, vararem na terra, que estava por elles e contra nós, (como dizia depois o [4] Pocrassem, capitão mór d'estes e dos mais que dentro estavam, queixando-se do que estava por cabeça dos quatro parós vigiando cá fóra, chamando-lhe botiqueiro, e não mouro ladrão, que é o nome de que elles se jactam,) [5] foram fugir para dentro, onde, além de não [6] terem nenhum remedio, [7] foram descobrir ao Pocrassem, que lá estava com mais doze parós. E assi que [8] chegaram os quatro [9] aos doze se puzeram to-

[1] fazer a saber — A.
[2] marinheiros acabaram — C.
[3] estes quatro que estavam — A.
[4] Pacrassem — A.
[5] foi — A. e C.
[6] ter — A. e C.
[7] foi — A. e C.
[8] chegados os quatro — A. e C.
[9] aos outros — C.

dos n'uma ala, com as proas viradas para a entrada do rio, em modo de brigarem com os nossos navios, os quaes em chegando, que devisaram dentro mais os doze parós, levaram o remo, porque a este tempo não eram mais que seis, e estavam sem o capitão mór dom Diogo de Vasconcellos, que ainda vinha muito ao mar, e vendo-se defronte dos parós, que estavam em som de guerra, por não darem occasião a algum ruim successo brigando poucos e poucos com os parós que estavam juntos e encorporados, tendo quasi certa a victoria commettendo-os toda a armada, se foram sahindo para fóra do rio a buscarem o seu capitão mór, fazendo conta que tinham certos os parós. E ficando ultimamente dom João Mascarenhas e Miguel Ferrão com os seus navios, e dizendo os soldados a dom João que fizesse o que faziam os mais navios, e elle tendo por não tanta gentileza tirar-se da presença dos parós, lhe respondeu que [1] fizessem o que fazia o outro navio; e mostrando-lhe elles a obrigação que tinha de ir buscar o seu capitão mór, e não querer fazer aquelle dia triste, que nosso Senhor lhe mostrava podia ser mui alegre, vendo que o capitão mór se vinha já chegando se foi vindo para elle, ficando só Miguel Ferrão, que como a maré ia enchendo o ia levando para os parós, e por se não ir metter entre elles metteu os remos na agua, para os soster até chegar o capitão mór, que já vinha entrando [2] o rio, e mandando chamar a Miguel Ferrão, que se atracasse com elle, ajuntou nove navios, que os mais tinham ido a tomar a outra bocca da barra que pela ilha se fazia, sendo os que alli se acharam mais bem afortunados pela melhor occasião que tiveram.

Juntos todos estes navios, foi o capitão mór posto n'uma ala andando para os parós, tendo já feito [3] conselho de que se commettessem. Os parós da mesma sorte vinham andando para os nossos. Mandou o capitão mór lançar um bando, de que, sob pena de caso maior, ninguem tocasse tambor, nem tirasse nenhum tiro, sem o capitão mór fazer signal. Vinham os parós tocando os seus tambores e trombetas, em tão bom gesto, que parece haviam de levar tudo o que se lhes puzesse diante, e che-

[1] fizesse — C.
[2] no rio — A.
[3] conselho em que se — A.

gando a tiro de peça, deram a carga [1] de toda a sua artelheria e espingardaria, e com uma nuvem [2] de frechas, e grandes vozes e gritos, que com tudo ser em grande multidão foi cousa notavel, e quasi tido por milagre não matarem nem uma só pessoa dos nossos, que tudo passou por alto; os quaes, [3] sem declinarem, nem descompassarem de seu caminho, foram chegando-se mais aos parós, e estando já d'elles bem a tiro de espingarda, deram santiago com toda a artilheria, trombetas, pifaros e tambores, que mostravam uma confusão e estrondo como em similhantes rompimentos costuma haver. Desfeita a fumaça da polvora, se viram os parós encostados a terra, e os mouros d'elles lançados ao rio, fugindo para ella; e por mais que os portuguezes se apressaram, remando para os tomarem na agua, já os mouros eram sahidos, e se iam acolhendo a mais andar pela terra dentro. Desembarcaram com a mesma pressa os nossos, e lhe foram no alcance com as armas na mão; mas não os puderam alcançar.

Tinham estes parós vindo a chamado dos decanis, por muito dinheiro que lhe prometteram e deram para os passarem a outra banda de Agaçaim, como tinham feito o anno atrazado, parece que com o mesmo intento de o destruirem e assolarem, como fizeram. Por onde, quando logo chegaram os seis navios dos nossos, e os parós estiveram em ala em fórma de arremetterem, não o fizeram por terem ametade da sua gente em terra com os decanis; porque sem duvida, se então vieram dando pelos seis navios, postoque recebessem damno, tambem o haviam de fazer, e ao menos escapar a maior parte, como eram dezeseis, porque os nossos navios, quando muito fizessem, não se podia occupar cada um mais que com tomar o seu paró, e os mais, como safassem do rio, podiam a remo cuidar que tambem safariam, por serem muito mais ligeiros que os nossos. Mas a boa fortuna de dom Diogo de Vasconcellos a nada d'isto lhes abriu o juizo, nem deu logar, por onde quando [4] n'este ponto corriam em terra [5] em seu alcance os portuguezes, vieram os decanis em soccorro dos malava-

[1] de sua — A.
[2] de frechas, vozes — A.
[3] Refere-se aos nossos navios.
[4] n'este tempo — A.
[5] no seu — A.

res, tendendo suas bandeiras, e marchando para a praia. O que vendo dom Diogo de Vasconcellos mandou tocar a recolher, e parando os soldados, que iam com a furia da briga espalhados correndo apoz os mouros, os mandou recolher com boa ordem aos navios, como fizeram, e se apossaram dos dezeseis parós. Onde succedeu que querendo dom Diogo de Vasconcellos abalroar o capitão mór d'elles, vendo um paró grande, novo, com um toldo vermelho, parecendo-lhe que este o era, o investiu e levou, mandando-o amarrar pela sua pôpa; [1] e Miguel Ferrão de Castello Branco, como era cubiçoso de honra, teve sentido em um paró grande, que estava detraz dos outros com uma bandeirinha na pôpa, cheio de mouros, o qual era o capitão mór Pocrassem, que fazendo conta que os navios da armada, que eram nove, se occupariam com os mais parós, que eram treze, e elle, com uma manchua mui pequena que tinha ao longo, poderia vir descendo a voga arrancada com a repontante da vasante, *esperava que* assi escaparia á pura força de remo; porém notando-o, como digo, Miguel Ferrão, não se querendo empachar com nenhum dos outros parós, foi endireitando com elle, e quando Pocrassem viu que este navio vinha demandando-o, veiu tambem investindo com elle, e antes de se chegarem desparou um sagre de metal, que trazia na pôa, com berços e mosquetes de Ceilão, e espingardaria e frechas, do que nada fez mal a nenhum dos nossos, que parece foi toda a briga d'este dia em favor dos portuguezes com notaveis mostras de [2] milagres. Chegou-se Miguel Ferrão mais ao paró, e bem junto d'elle mandou pôr fogo ao falcão mui bem apontado, que com a roqueira tractou mui mal aos mouros, e começando uma nuvem de panellas de polvora de parte a parte, correndo os soldados á pôa para saltarem dentro do paró, um que tinha a cargo o leme, que em similhantes occasiões convém entregar-se a pessoa de consideração, não lhe soffreu o animo deixar de [3] correr a entrar tambem no paró, com que o leme virou logo, e juntamente o navio, atravessando-se no canal, de maneira que o paró, com a furia do remo com que vinha, metteu a pôa pelos lambaranes do nosso navio com tanta força que lhe fez tomar muita agua pela outra banda, e se fôra

[1] e Miguel Ferrão, como — A.
[2] milagre — A.
[3] correr tambem a entrar — A.

em mar póde ser que se não endireitasse mais, e nem tambem a manchua pequena, que vinha com o paró, pôde passar pelo canal, que era estreito e estava o nosso navio atravessado n'elle; com que se lançaram todos ao mar, e não menos os do paró [1] capitaina, e o Pocrassem, já mui abrazado e queimado das panellas de polvora, os quaes foram dar a terra a tempo que os portuguezes se vinham recolhendo d'ella para os navios, por virem recrescendo os decanis, onde lhe cahiram quasi todos nas mãos, e os mataram e captivaram. Com que se acabou esta victoria celebre, não custando aos portuguezes nem uma só pessoa, e matando muitos mouros, e trazendo outros captivos, com dezeseis parós a toa, que faziam uma formosa vista; com que partiram d'aquelle rio e vieram a Baçaim, onde entraram com esta representação, para quebrantar o animo dos decanis, que tanta confiança tinham n'estes parós, e tanto se tinham valido da sua ajuda contra nós. Partida a armada, entrou em Chaul para o mesmo effeito, onde achou já Ruy Freire de Andrade, que tinha vindo de Damão por ordem do visorei para ser capitão mór d'aquellas guerras, onde fazendo pouca detença se veiu seguindo sua derrota para Goa, e antes [2] de chegar a ella com toda a armada mandou dom Diogo de Vasconcellos [3] diante um aviso ao visorei dos successos que havia tido, de que o visorei ficou mui alegre, e os veiu receber á barra, abraçando aos capitães, e fazendo a todos muitas honras e mercês. Nuno da Cunha veiu de Baçaim por ordem do visorei em um pataxo para Goa, deixando as guerras do Norte encarregadas a Antonio Pinto da Fonseca com o mesmo logar de capitão mór d'ellas.

[1] capitania — A.
[2] de chegar com toda — A.
[3] hum aviso diante — A.

CAPITULO LII.

DO QUE FEZ RUY FREIRE EM CHAUL, ESTANDO POR CAPITÃO MÓR DAS GUERRAS; E DA ARRIBADA DAS NAUS DO REINO, E OUTRAS COUSAS.

Veiu Ruy Freire de Andrade, de Damão, onde assistia por capitão mór do presidio e guerras que trazia com o Choutia, a Chaul, por mandado do visorei dom Hieronymo de Azevedo, assistir por capitão mór da guerra que tinha com o Melique, porque, quanto o Choutia, depois do assalto que referimos lhe dera Ruy Freire, se deixára ficar em seus mattos e [1] serras, sem procurar fazer os damnos ás terras de Damão, em que se tinha de antes exercitado, tanto o Melique [2] se accendia sempre mais nas guerras que trazia com os portuguezes, convocando não sómente todo seu poder e dos visinhos, mas tambem ajudando-se de parós, na fórma que no capitulo atrazado se deu conta; e por mais que em muitas partes levava o peior, nem por isso desistia, antes se enfrascava mais em procurar a vingança em damno dos portuguezes. Por onde, sendo provido dom Manuel de Azevedo por capitão da fortaleza de Dio, foi mandado vir Ruy Freire em seu logar para este presidio de Chaul, onde chegou em outubro de 613, porém como n'este anno ainda até este tempo não tinham chegado naus do reino, e o visorei havia mandado levar alguma gente dos presidios d'esta cidade, e de Baçaim, para as armadas da costa, achou-se Ruy Freire com mui [3] pouca, que não passava de sessenta soldados; por onde, considerando o remedio que poderia applicar a tão urgente necessidade, lho buscou mui conveniente, e foi que da gente preta da terra, christã, os que podiam tomar armas introduziu á milicia, e fez soldados em uma estancia de sessenta, dando-lhe capitão da mesma nação um mestre da eschola, chamado Estevam da Cunha, exercitando-os sempre em continuas escaramuças e ensaios, para os adestrar, particu-

[1] terras — A.
[2] se accendia mais — A.
[3] pouca gente que — A.

larmente em tirar com espingardas, que para isso lhe buscou e fez concertar mui bem com todos seus apparelhos; e lançando juizo de que mais se poderia valer, achou que os mesmos gentios que serviam nos palmares dos portuguezes, a que chamavam chaudaris, costumados a subir ás palmeiras a lhe tirar [1] a sura e colher os cocos, que são a novidade que dão, era gente ligeira e ousada, e assi os chamou, e com honras os obrigou a que tomassem as armas, e que sahissem tambem aos mouros ao campo, para o que lhes buscou suas espadas, terçados, e arcos e frechas, e outras armas que mais o tempo offerecia; com que tambem fez outra estancia de soldados do mesmo numero, e com capitão da mesma nação, procurando-os sempre adestrar o mais que podia, e trazendo-os com pagas, honras e mercês contentes, que é o que mais levanta o animo para o esforço. E sahindo com estas duas [2] companhias mais ao campo quando os mouros vinham, não sómente faziam mais corpo e representação de gente de armas, mas tambem quando se offerecia occasião de chegarem aos mouros e [3] brigarem o faziam com animo e deliberação, porque á vista e em companhia dos portuguezes e seu esforço se podiam criar muitos similhantes, e Ruy Freire particularmente tinha modo para saber dos mais timidos e ineptos fazer soldados ousados e valorosos, porque as cousas sempre produzem effeitos correspondentes e similhantes a ellas. E porque os arrabaldes da cidade estavam desamparados, e os mouros quando vinham ao campo entravam muitas vezes n'elles, com não pequeno damno dos que os habitavam, fez Ruy Freire baluartes de pedra e barro nos passos por onde os mouros podiam entrar, e assi tambem um de madeira, que proveu com dez ou doze soldados que assistiam para as vigias de noite, e para fazerem de dia signal de quando havia no campo mouros; aonde passando o capitão mór o acompanhavam e á vinda ficavam nos seus baluartes, que foi uma obra de muita importancia, porque depois d'ella nunca mais os inimigos passaram aos arrabaldes e assi não sómente sahia ao campo todas as vezes que os mouros n'elle apontavam, mas tambem fazia muitas sahidas ás suas terras a cortar-lhe palmares; ao que os mouros acudiam com grande valor, mas nem isso era parte

[1] a surra e colher os fructos cocos que são — A.
[2] companhias ao campo — A.
[3] brigarem o animo e deliberação — A.

para Ruy Freire deixar a obra de os cortar, respondendo-lhe tão bem ás suas surriadas e impetos, que haviam elles por melhor o damno das palmeiras que o das pessoas, e cuidando que á recolhida poderiam mais a seu salvo dar nos portuguezes, [1] lhes succedia tambem pelo contrario; porque, além da boa ordem e esforço com que Ruy Freire o fazia, sempre lhes deixava alguma cilada feita no caminho, com que de ordinario lhes matava muitos, e tomavam outros vivos; de maneira que quando o visorei dom Hieronymo de Azevedo mandava, pela falta de gente, que se não tractasse mais que de conservar estas guerras do Melique, deixando de sahir ao campo, pelo governo e modo com que Ruy Freire soube criar soldados d'onde menos parece que se podiam tirar, não sómente n'esta cidade de Chaul se não diminuiu a guerra da parte dos portuguezes, mas ainda se acrecentou, e faziam mais sahidas e [2] damno aos inimigos.

Partiu este anno de 613 para a India dom Manuel de Meneses por capitão mór de quatro naus para este Estado, em treze de abril, sendo capitão das outras Paulo Rangel de Castello Branco com titulo de almirante, Luiz Furtado de Mendonça, Manuel de Vasconcellos, os quaes vindo fazendo sua viagem vieram tão mal navegados que chegaram a ter vista da ilha de Fernão de Noronha, com que, depois de cinco mezes de viagem, assentaram que não podiam vir á India; com que arribaram de commum consentimento todas as ditas quatro naus, voltando as proas para Portugal, onde chegaram em o referido tempo, e postoque com poucas doenças, assaz tristes e descontentes, porque é pouco menos que uma perdição similhante arribada.

E assi, ficando sem naus a India em tempo que trazia guerras tão accesas com o Melique, e de novo as tinha abertas com o Mogor, além da grande copia de hollandezes e ingrezes que com suas naus enchiam todo este Oriente, se achou o visorei mui atrazado em seus intentos para a guerra que determinava fazer a todos estes inimigos; com que, accommodando-se á necessidade do tempo, procurou lançar as armadas ordinarias da costa, e assi proveu em capitão mór do Norte a Gaspar de Mello de Sampaio, pelo bem que se tinha havido nas occasiões que n'aquelle verão se haviam offerecido, como a de Por, em que elle havia sido cabeça,

[1] lhe succedia tambem o contrario — A.
[2] damnos — A.

e a dos parós do rio de Agaçaim ; [1] encarregando-lhe mui em particular a brevidade e pressa com que havia de chegar ás fortalezas de Chaul e Baçaim, pela necessidade em que podiam estar [2] com a pouca gente que tinham de presidio, pela muita que havia vindo para Goa ; para que com a presença da armada se provessem, segurassem e animassem, particularmente a cidade de Baçaim, onde era o maior peso da guerra, que governava, como temos referido, Antonio Pinto da Fonseca, com grande esforço e satisfação. E assim tambem lhe ordenava o visorei que passasse de Damão para diante, até Surrate e Cambaia, e mandasse dizer aos da terra que estava prestes com a armada para trazer todos os navios de cafila que quizessem ; não mostrando que pelo successo da nau cuidavamos que já se havia roto a guerra ; dizendo, se fosse necessario, que os da nau mesmo tinham a culpa do que lhe havia acontecido, em se pôrem logo em armas com a nossa armada, sem darem razão de si, nem mostrarem o cartaz que diz tinham, que se lhe havia de guardar inteiramente quando se tiveram havido conforme a elle ; em confirmação do que, lhe dissessem que já haviam mandado soltar todos os que tinham tomado na nau ; e se para se acabarem de desenganar [3] de não lhes movermos guerra fosse conveniente mandar-lhe lá alguns navios, o fizesse, com tanto que fossem de gentios, e não fossem n'elles nenhuns portuguezes ; e fizesse toda a diligencia possivel, com credito e reputação, para que os de Cambaia mandassem suas fazendas [4] e embarcações de cafila, ou a Goa ou a Damão, a fazer tracto como era costume ; e lhes dissesse viessem buscar o cartaz para a nau do Mogor para Meca, que estava prestes para lho dar. E, depois de cumprir estas ordens, lhe encarregou o visorei se não sahisse com a armada de Damão até Baçaim e Chaul, representando-se aos decanis, para os inquietar e não saberem onde podia dar com ella, e poder [5] soccorrer a qualquer das nossas cidades e fortalezas, em tendo necessidade ; porém não lhe dando licença para sahir a fazer assaltos em terra, senão com muita segurança, tendo sabido o po-

[1] encommendando-lhe — A.
[2] pela pouca — A.
[3] de lhe não — A.
[4] ou embarcações — C.
[5] soccorrer qualquer — A.

der da gente que havia e o estado d'ella que promettesse bom successo, e isto em caso que os decanis andassem ainda fazendo sahidas á nossa terra; porque, quando assi não fosse, senão estivessem recolhidos em seus arraiaes, tal não fizesse, parece que para as pazes em que já se fallava de sua parte; e como o Estado estava tão falto de gente, postoque logo as não concedemos, não era por deixar de vermos quão necessarias eram, e particularmente com o Mogor estar sentido da tomada da nau, e quasi com guerra aberta: o que tudo pesava e considerava mui bem dom Hieronymo de Azevedo. E assi com este [1] regimento despediu Gaspar de Mello a cinco de janeiro de 614, [2] que partiu para o Norte com uma armada de dezeseis navios, em que iam por capitães Miguel Ferrão de Castello Branco, Fernão de Sampaio, João de Andrade Rego, Luiz Mendes de Vasconcellos, Antonio Baracho, Antonio de Lucena, Gonçalo de Proença, Diogo de Abreu da Silva, Thomaz de Brito, Francisco Vaz de Almada, Francisco de Macedo, Francisco Dias Bocarro, Bartholomeu de Mello, Antonio Botto de Monroy, Jorge da Silva, todos mui bem petrechados e negociados, com que iriam quatrocentos soldados velhos, os mais d'elles cursados nas guerras por todo este Estado; e assi foram mui bons os effeitos que com elles se obraram.

CAPITULO LIII.

DO QUE SE ASSENTOU SOBRE O AVISO QUE VEIU DE MOMBAÇA, DO QUE LÁ HAVIA SUCCEDIDO, E OS DIREITOS QUE PÔZ O CONDE ALMIRANTE EM MALACA, E A GENTE QUE HAVIA MISTER A FORTALEZA DE MOÇAMBIQUE, E OS REQUERIMENTOS DA CIDADE DE COCHIM PARA [3] DESEMBARCAREM AS FAZENDAS DOS SEUS CASADOS.

Com em Mombaça terem as cousas succedido na fórma que atraz fica apontado, que pude alcançar por relação de pessoa mui desinteressada, comtudo, como as informações que ordinariamente se dão por todo este

[1] regimento se despediu — A.
[2] que partiu com uma armada — A.
[3] desembarcarem n'ella as fazendas de seus — A.

Estado sejam conforme [1] os respeitos com que cada um é levado, teve o visorei dom Hieronymo muitas de Mombaça mui differentes do modo que dissemos se tinha procedido. Porque lhe escreveram que [2] Munganaje com outros mouros fôra uma noite bater á porta da fortaleza de Mombaça, pedindo que lhe abrissem, por cumprir assi ao serviço de sua Magestade e bem d'ella; e sendo recolhidos dentro, disseram ao capitão como o dito rei estava alevantado contra a fortaleza e povoação dos portuguezes, e tinha cafres para metter dentro na ilha, como [3] em effeito o fez, e queimaram duas casas, e mataram duas ou tres pessoas christãs, e por se haver acudido a isso não fizeram mais damno; e que [4] o dito rei, [5] tendo succedido isto, se sahira da ilha e tornára a metter cafres n'ella com mão armada, os quaes destruiram tudo o que na terra havia, roubaram a cidade, e mataram muita gente, e particularmente nove portuguezes que estavam em guarda do passo dos Zimbas, e arrasaram um forte que alli tinha o capitão feito, e apoz isto se tornára o rei para a ilha, e se mettera na sua cidade dos mouros, e commettera pazes, dizendo que não queria guerra com os portuguezes; [6] e que pelo estado em que se achava aquella fortaleza de provimentos, e com a fortificação [7] imperfeita, e em tempo que se esperavam naus hollandezas, conforme os avisos que se tinham de sua Magestade, havia sido forçado dissimular-se por então; e o principe de Melinde, vendo estes procedimentos do rei seu irmão, se havia vindo a Mombaça, a metter-se na fortaleza, para se vêr que se conservava a fidelidade antiga dos seus passados, e se offerecer a tudo o que cumprisse por conservação d'ella. Mas o dito rei de Mombaça não deixou tambem de escrever desculpando-se do succedido, dizendo que se havia ido para a terra firme obrigado de o lançarem da sua cidade ás bombardadas, e pedindo que se mandasse averiguar a verdade por pessoa inteira, porque, achando-se culpas contra elle, estava offerecido para

[1] aos respeitos — A.
[2] Munganaye — A.
[3] em effeito fez — A.
[4] visorei — A. e C.
[5] tendo isto succedido — C.
[6] e pelo — A.
[7] imperfeita, em tempo — A.

receber o castigo. E vendo o visorei a contradicção [1] e variedade que havia sobre a verdade do que n'isto passára, propoz a materia no conselho de Estado, pela importancia e consideração d'ella, onde pareceu a todos, que, ainda que a desordem que aquelle rei tinha commettido não houvera chegado a tanto, e fôra sómente [2] o que bastasse para não ser tido por muito confidente, se não devia de nenhuma maneira dissimular com elle, nem convinha que isto passasse assi sem demonstração, porque do contrario tomaria elle motivo para com qualquer outra occasião se levantar, e ajuntar com quaesquer inimigos do Estado ; e que postoque se lhe houvesse dado occasião, o não podia ella desculpar d'elle por si se querer satisfazer, tendo sua Magestade em Goa seu visorei, a quem se devera e pudera queixar, e esperar por esta via o remedio e satisfação ; pelo que, e por esta materia ser de exemplo, e para que todavia fosse o dito rei ouvido, se assentou que fosse ordem para ser preso e trazido a esta cidade, aonde, depois de averiguada a verdade e de elle dar razão de si, se tomaria a resolução que fosse justa; e ainda que se julgasse não tinha culpa, comtudo, sempre seria de importancia haver-se feito esta demonstração com elle, para exemplo de outros e credito do Estado ; e tambem se averiguasse se o capitão havia dado occasião para o que este rei fez, e achando-se-lhe culpa seria castigado exemplarmente, para que se visse que se fazia [3] egual justiça com todos. Por estas razões e fundamentos, se mandou esta ordem a Mombaça ; porém, como foi por informação tão diminuta, não deixou de lhe causar a injustiça que continha, postoque não fossem da tenção nem vontade dos que assi o dispuzeram, os ruins effeitos que ao diante se experimentaram.

Ordenava sua Magestade se consultasse a todos os prelados e desembargadores d'este Estado, se os direitos que o conde almirante mandára pôr na alfandega de Malaca, que pagassem por sahida todas as fazendas que fossem para a costa de Coromandel, foram justa e direitamente impostos, e se os ministros que n'isto intervieram tinham necessidade de se descarregar, por estes direitos se haverem postos a principio sem auctoridade de sua Magestade, e poder haver n'isso escrupulo, por

[1] e variedade do que n'isto passara — A.
[2] a que — C.
[3] justiça egual — A.

ser um dos casos da Bulla da Ceia. Fez junta o visorei das ditas pessoas, e começando a consultar e votar na materia se advertiu que no regimento [1] que o conde almirante, sendo visorei, deu ao licenceado Julião de Campos Barreto, pelo qual, entre outras cousas, lhe ordenou que puzesse em Malaca os direitos de que esta carta tracta, *se* diz que elle, e o visorei Mathias de Albuquerque, [2] haviam tido para isso ordem de sua Magestade, e em conformidade d'ella tinham passado provisões, que até aquelle tempo se não tinham cumprido, e por isso lhe encarregava a elle esta execução; e com isto se assentou pelos mais votos que os taes direitos eram justos, e que, se era assi que o conde [3] tivera para isso ordem de sua Magestade, o tinha feito com bastante auctoridade, e n'este caso não tinha necessidade de absolvição; porém que se não teve ordem devia absolver-se *ad cautellam*. E votos houve que foram de parecer que como logo reescrevera a sua Magestade não tinha necessidade de absolvição; e todos concorreram em que Julião de Campos a não tinha de se absolver, porque o que fizera fôra mandado por superior, a que tinha obrigação de obedecer, e de se presumir que lho mandava com bastante fundamento, mormente dizendo-lhe no regimento que havia ordem de sua Magestade para isso.

Propôz tambem no principio d'este mez de janeiro de 614 o visorei, [4] em conselho, como pela grande falta que havia de gente estava impossibilitado de poder mandar alguma a Moçambique, para que, em caso que alli não estivessem as naus do reino que tinham faltado o anno passado, não ficasse a dita praça desprovida, e sem bastante defensão contra quaesquer inimigos que a viessem demandar; e pareceu a todos que estando lá as naus tudo estaria seguro, pois era certo que, haviam de deixar na dita fortaleza a gente necessaria, porém que, por quanto poderia succeder que não houvessem tomado aquelle porto, por trazerem outra ordem de sua Magestade, como se deu ás do anno atrás, se não podia

[1] que o conde almirante, sendo visorei, deu ao licenciado Julião de Campos Barreto em regimento — A.

[2] haviam para isso ordem — A.

[3] tivera ordem de sua Magestade para isso — A.

[4] em conselho pela grande — C.

n'esta duvida [1] deixar assi arriscada uma fortaleza de tão grande importancia, e convinha acudir-lhe de todo o modo logo, e pois n'este Estado se não achava gente que lhe pudessem logo enviar, se ordenasse a Diogo Simões Madeira acudisse com a que lhe tinha deixado dom Estevam de Ataide nos rios, visto que não havia lá que defender nem conservar com ella, nem tão pouco havia com que a sustentar, por dom Estevam não haver entregue nenhum resgate, nem outra cousa da fazenda de sua Magestade com que se pudesse fazer, e que além d'isto se davam grandes queixas do dito Diogo Simões tomar o fato das partes, que havia [2] nos rios, a titulo e com pretexto da sustentação d'esta gente, e se temia que de tudo lançasse *mão*, e que a este respeito [3] seccasse totalmente o commercio, pelos homens não quererem arriscar suas fazendas, e que ainda quando isto não estivera de permeio, e o dito Diogo Simões tivera cabedal para [4] sustentar a gente, sempre em caso de necessidade precedia a conservação e segurança da fortaleza a tudo o mais, porque com ella sempre a conquista se poderia fazer, e sem a fortaleza não podia haver conquista. E assi na forma d'este [5] acordo se mandaram as ordens a Moçambique a Diogo Simões, e juntamente que se lhe notificasse não bulisse com nenhuma fazenda das partes, porque se houvesse de faltar o commercio por essa causa, era a maior guerra que á fortaleza podia fazer.

A cidade de Cochim, sabendo como o visorei tinha dado ordem ás armadas que se esperavam da China, e mais partes do Sul, não tomassem a dita cidade, senão passassem em direitura a Goa, lhe fez petição como esta ordem encontrava o contracto com que a alfandega d'ella se tinha assentado, sentenças dadas no caso, e cartas de sua Magestade porque o mandava cumprir, e assi que lhe pedia mandasse dar ordem para os casados da dita cidade desembarcarem n'ella com suas fazendas. O que propoz o visorei em conselho, dizendo que o tinha assi ordenado em

[1] assi deixar — A.
[2] no rio — A.
[3] cessasse — A.
[4] sustentar gente — A.
[5] acordam — A.

respeito dos grandes [1] desencaminhamentos, que se faziam na dita cidade de Cochim, dos direitos reaes, desembarcando alli quasi todas as fazendas em nome dos casados da mesma cidade, particularmente as dos [2] mercadores da China e Malaca, por forrarem os mais que pagavam a sua Magestade dos tres e meio por cento que pagavam a elrei de Cochim, ficando assi defraudando tudo á fazenda de sua Magestade; e que não era justo que em tempos tão apertados, e com tantas guerras abertas, e tantas impossibilidades e faltas [3] da real fazenda para se acudir a ellas, se deixasse assi quasi sabidamente desencaminhar o remedio, que para isto se podia tirar, dos direitos das fazendas que as ditas armadas e mais embarcações do Sul traziam; e que havendo-se de escolher [4] o menor dos inconvenientes, se não podia duvidar ser de menos consideração o de virem os casados de Cochim despachar a Goa suas fazendas, que o de se desencaminhar lá tudo, como a experiencia em outras occasiões tinha mostrado; e que nem isto que ora ordenára de vir tudo em direitura a Goa era cousa nova, antes se havia feito outras vezes, com o mesmo fundamento das desordens que em Cochim se commettiam, e acrescia serem as necessidades d'este tempo maiores que as dos passados, e haver muito mais cousas a que acudir. E depois de o visorei dar assi a razão do que tinha ordenado, disse aos do conselho que votassem sobre a materia, os quaes, ou por verem o visorei tão inclinado a sustentar o que tinha mandado, ou por acharem o fizera com muita justiça e fundamento, disseram todos que não havia outro modo de poder atalhar as desordens, e fraudes, que na dita cidade se commettiam contra a fazenda de sua Magestade, postoque de direito e em consciencia havia obrigação de se lhe guardar o contracto, e o mais que apontava de sentença e ordens de sua Magestade; visto o estado presente da necessidade da real fazenda, e das guerras em aberto, em que os visinhos deviam ter [5] postos os olhos, porque se em Cochim, indo alli n'esta occasião as frotas do Sul, se tivesse o mesmo procedimento que nas passadas, se arriscaria notavelmente este

[1] descaminhos — A.
[2] moradores — C.
[3] de real — C.
[4] o melhor — A.
[5] posto olhos — C.

Estado, e que em termos similhantes era justo e devido precedesse o bem publico e commum de todo elle ao particular da dita cidade de Cochim. Por onde se lhe não deferiu a sua petição, considerando-se tambem que se as ditas frotas, que se esperavam, tocassem Cochim se arriscariam notavelmente a não poderem chegar a Goa, a respeito dos tempos. E n'esta fórma se foi começando a defraudar uma cidade e praça tão nobre e de tanta importancia como a de Cochim, sendo os visoreis os primeiros que [1] se lhe começaram a mostrar inimigos, por não trabalharem e fazerem toda a diligencia para evitar as ditas desordens e desvios da fazenda de sua Magestade, que póde ser não chegassem aos estremos em que se punham a respeito tambem do que em todas as mais partes d'este Estado se obra n'este particular.

CAPITULO LIV.

DO QUE SUCCEDEU ESTE VERÃO DE 614 NO NORTE Á ARMADA DE GASPAR DE MELLO, E NAS GUERRAS DOS DECANIS, QUE [2] N'ELLE HAVIA.

Mandou tambem este anno de 614, em janeiro, o visorei dom Hieronymo a Francisco Ferreira de Sá, fidalgo [3] de mui boa reputação, por capitão mór de um galeão em que elle ia, e um pataxo onde ia por capitão [4].... com ordem que se fossem pôr sobre a barra de Surrate, para que não deixasse entrar nenhuns pagueis, nem qualquer outra sorte de embarcação, nem sahir, quando não estivessem os de terra em paz com o Estado, e em caso que a tivessem fossem só as embarcações que levassem cartazes de quem pertencia passar-lhos; ordenando-lhe fosse primeiro a Dio levar provimentos e munições necessarios para esta fortaleza, d'onde tomando agua para quatro mezes, e pilotos que soubessem mui bem as restingas do poço de Surrate, se viesse pôr n'elle em paragem que pudesse impedir as embarcações que quizessem entrar pela barra, e ficando o galeão surto n'este logar, mandasse o pataxo andar bordejando d'alli

[1] se lhe mostraram inimigos — A.
[2] n'ella — A. e C.
[3] de muita reputação — A.
[4] Falta o nome d'este capitão em ambos os exemplares.

até Goa, para conseguir os mesmos effeitos tambem n'esta cidade; ordenando-lhe que por nenhum modo sahisse em terra, por se não occasionar com os d'ella alguma desavença, pois lhe iam tolher as embarcações de seus portos. O qual galeão e pataxo iam tambem debaixo das ordens do capitão mór do Norte, Gaspar de Mello, porém sómente no que não encontrasse o seu regimento; ordenando assi a uns como a outros que, quando houvesse necessidade de se obrar qualquer effeito, concorressem todos ao que dispuzesse Gaspar de Mello, para o que algumas vezes fosse com armada de remo até a barra de Surrate, a vêr o que convinha fazer-se.

Este galeão e pataxo foi na fórma que lhe ordenou o visorei, e assistiu na barra de Surrate, onde este anno de 614 não vieram ingrezes, por cuja causa cumpriu tudo o que lhe foi ordenado, e os de Surrate e Cambaia, como souberam a assistencia do galeão e pataxo, não lançaram nenhuma embarcação.

Gaspar de Mello foi com a sua armada seguindo a derrota até Chaul com a brevidade que lhe ia tão encommendada, onde achou a Ruy Freire por capitão mór d'aquelle presidio e guerras continuando na fórma atraz referida, e como viu alli a cousa em tão bom estado, pelo esforço e zelo de Ruy Freire, foi passando adiante até Baçaim, onde era o maior pêso da guerra, e como, conforme a ordem do visorei, pela falta de gente com que se achava este presidio não tractava mais que de conservar, sem procurar sahir ao campo aos inimigos, pareceu a Gaspar de Mello, que, [1] pois alli chegava, convinha [2] mudar-se estylo, e fazer algumas sahidas, como fez varias, em que não houve recontro de consideração, nem os portuguezes levaram [3] a peior, porque não havia mais que algumas escaramuças que [4] os mouros vinham fazer ao campo, a que os nossos sahiam e com espingardadas de parte a parte, e bombas de fogo, (de que os decanis usam muito, que são uns foguetes de ferro que vem com tanta força, que dando n'uma palmeira a passam de parte a parte) se apartavam e recolhiam. Até que uma vez, em fevereiro, tendo Gaspar de Mello man-

[1] depois — C.
[2] mudar-se de estylo — A.
[3] o peior — A.
[4] os mouros faziam no campo — A.

dado a Fernão de Sampaio com septe navios até Cambaia com recado aos da terra, na fórma que o visorei lhe ordenava, se queriam mandar cafila, de que não deram resposta conveniente, sahindo Gaspar de Mello um dia em amanhecendo para fóra com o restante da armada a esperar Fernão de Sampaio, e ir tambem correndo a costa até Surrate, a ver-se com Francisco Ferreira de Sá, que alli assistia, para obrarem o que fosse necessario no mesmo tempo, viu que Fernão de Sampaio vinha com os septe navios da armada, e na cidade tocavam os sinos a rebate, pelos mouros que vinham correr o campo; por onde, virando as proas aos navios as foram pondo todos os dezeseis na praia da cidade, e desembarcaram com suas armas [1] na mão, e porque Antonio Pinto da Fonseca com a gente do presidio e cidade tinha já sahido ao campo para a parte esquerda, Gaspar de Mello, ou por querer só a gente de sua armada o louvor do que se obrasse aquelle dia, ou por se afastar, como a alguns pareceu, de Antonio Pinto, que como capitão mór d'estas guerras assistia com a bandeira de Christo, se foi com a sua gente para a parte direita a um chalé que chamavam de Marcos Rodrigues, onde tirando-lhe de uma nora, que temos referido no tempo de Ruy Dias de Sampaio, algumas espingardadas, se foi andando para ella, postoque ficava já algum tanto afastado da sombra de artilheria dos muros e fortaleza, porque já não podia chegar alli por pontaria, senão a montão, e mandou ir andando diante seis soldados seus em que fazia muita confiança, todos espingardeiros, ordenando-lhes que em vendo alguns mouros tirassem só duas espingardadas, e os quatro ficassem sem desparar para se defenderem. E posto que elle ia detraz com o corpo da mais gente não os perdendo de vista, comtudo, como iam por entre [2] cardeiras e sebes de hortas, e palmares, se encobriam muitas vezes; e assi, vendo os seis soldados dianteiros um golpe de mouros que lhe arrebentaram de uma ilharga, fizeram signal com as espingardas, e sem se poderem ter, gritando santiago se foram arremessando a elles. O que vendo Gaspar de Mello, parecendo-lhe que iam os soldados levados a alguma cilada, ou copia grande de mouros, encommendando a Miguel Ferrão e a outros dois capitães que tivessem a gente para que não fosse toda desordenadamente, se arremessou elle,

[1] nas mãos — A.
[2] cardeiros e sebes das hortas — A.

gritando aos soldados que se tivessem, indo ao maior correr que podia, onde o foram seguindo perto de quarenta, e assi por se alongarem um pedaço, como pela causa referida das muitas cardeiras e sebes, se transpuzeram da vista da mais gente, de maneira que, indo o corpo do esquadrão marchando a passo largo postos em ordem, lhe sahiu por uma ilharga uma manga de mouros de cavallo, obra de oitenta, e quizeram arremetter a romper os nossos, para o que, apertando as pernas aos cavallos, e fechando as cabeças com os arções, se arremessaram a todo o correr; porém os portuguezes, sem alteração nenhuma, postos em sua ordem lhe deram uma surriada de espingardaria, com que os fizeram voltar quasi com a mesma pressa para a banda direita, com que a nossa retaguarda os ficou tambem varejando, com morte de muitos mouros. E estando n'esta refrega veiu um cafre gritando aos portuguezes que o seu capitão mór fazia briga com muitos mouros; e postoque os capitães até então iam sustentando a gente, que se não desmandasse a correr traz os inimigos, por se não occasionar algum ruim successo, comtudo, em ouvindo esta nova puzeram azas aos pés, e cada um, quem mais pôde, foi correndo para onde estava o capitão mór, ao qual acharam junto a um [1] tanque, que chamam nossa Senhora da Graça, com quinze ou vinte soldados, e cinco ou seis portuguezes de cavallo, dos casados de Baçaim, fazendo rosto a muitos mouros, que estavam da outra banda do [2] tanque, servindo-lhe elle como de trincheira, que os inimigos não ousavam passar; parecendo cada hum dos portuguezes mui gentil homem na postura da resistencia que faziam, particularmente Francisco Pereira Pinto, capitão mór da gente de cavallo dos nossos, que com a lança em reste parecia oppor-se a todos inimigos, e não menos o capitão mór Gaspar de Mello, postoque com maior perigo de sua pessoa do que convinha ao logar. E assi chegando a elle Miguel Ferrão lhe disse: « Senhor capitão » « mór, basta. Que sempre vossa mercê ha de querer fazer certo o que » « se diz d'elle, que os pelouros o não vem buscar, senão que vossa mer- » « cê os vae buscar a elles, para que acertando-lhe um possa fazer algum » « desarranjo! » Ao que respondeu elle: « Não é tempo d'estas altercações. »

[1] fanque — A. e C. Mas tanque vem mui claramente escripto adiante, em ambas as copias.

[2] fanque — A. C.

«Vá-me vossa mercê com sua gente tomando aquelle tezo, que está da» «outra banda do tanque, e enxotando aquelles mouros.» Como em effeito foi fazendo, e os mais capitães, pondo os inimigos em fugida, que assi como eram faceis em a tomar, estavam já os portuguezes mui acautelados em seu seguimento, como aqui se retiveram, por se não tirarem de entre os palmares, onde os mouros de cavallo, de que havia muita copia, não podiam escaramuçar, nem valer-se dos cavallos tanto á sua vontade.

Antonio Pinto da Fonseca, que estava da outra banda com a gente do presidio, tanto que sentiu e viu a briga que os mouros cá tinham com os portuguezes, se veiu aos soccorrer, andando passo cheio, e mandou um soldado [1] correndo diante dizer a Gaspar de Mello, e a todos os mais da sua companhia, que os advertia e requeria da parte de sua Magestade se não desmandassem a ir mais por diante, porque sabia que estava alli todo o arraial dos inimigos, que era um poder mui aventejado ao nosso. Veiu o soldado, chamado Luiz da Cunha, como lhe foi mandado, e em [2] começando achar onde pudesse ser ouvido dos de Gaspar de Mello lhes foi gritando n'esta fórma. Antonio Pinto, chegando ao meio do caminho que havia entre elle e Gaspar de Mello, encontrou um grosso esquadrão de mouros de cavallo, que vinham cercar a Gaspar de Mello pelas costas, porque os mais estavam pela dianteira; porque tomando [3] aos nossos todos no meio fechavam uma banda e de outra, e dessem n'elles á sua vontade, como costumavam ordinariamente fazer os decanis n'estas guerras, sempre no principio fugirem ao primeiro impeto dos nossos, até os afastarem bem da sombra da artilheria da cidade e fortaleza, e depois lançar-lhe muita gente pelas costas para os ficarem cercando e tomando no meio, com que tinham conseguido, particularmente n'esta cidade, onde lhes não faltava quanta gente queriam, os effeitos d'este desenho, mas em cousas de pouco momento: por cuja causa foi o successo d'este dia mais para estimar. Antonio Pinto em vendo o esquadrão dos mouros de cavallo se foi a elle [4] em boa ordem, entresachando os de lança com os de

[1] diante correndo a dizer — A.
[2] começando a achar — A.
[3] aos nossos no meio — A.
[4] com boa — A.

espingarda, com que, quando, não só d'esta mas [1] por muitas outras vezes, vinham os mouros de cavallo, era ordinario costume recebel-os; dizendo aos soldados que tivessem as lanças em tezo, como o fizeram mui bem, descarregando as espingardas nos mouros, com que a seu pezar e custa mudaram sua tenção, e se foram para os mais que estavam na dianteira. Junto Antonio Pinto com Gaspar de Mello, estiveram por algum espaço dando-se conta do succedido, e os mouros se vieram chegando com grande poder para a vista dos portuguezes, porém como ainda se não tinham sahido de entre os palmares, pela razão referida, não ousaram mais [2] que virem sahindo alguns peões espingardeiros a fazer tiro aos portuguezes, que lhe responderam tão aventejadamente que se recolheram com mais pressa do que vieram. Gastou-se n'isto todo o dia desde pela manhã [3] até cinco horas da tarde, em que os portuguezes começaram a marchar para a cidade, postos em mui boa ordem, sem haverem recebido damno algum, e deixando-o feito não pequeno em os inimigos; e assim entrando pela cidade, sem terem no dia outra refeição mais que a da briga, eram recebidos de todos com grande applauso, e até as mulheres pelas janellas lhe davam as boas vindas; ficando os mouros conhecendo a differença que houve n'este dia a muitos outros em que lhe valeram mais suas estratagemas.

[1] por outras muitas vezes — A.
[2] que vêr — A.
[3] até as cinco — A.

CAPITULO LV.

DA ORDEM QUE DEU O VISOREI AO CAPITÃO DAS TERRAS DE SALSETE PARA ADESTRAR EM ALARDOS A GENTE D'ELLAS; E DA SAHIDA DA ARMADA DE FRANCISCO DE MIRANDA HENRIQUES, E PARTIDA DA NAU DO REINO.

PARECEU ao visorei dom Hieronymo de Azevedo que a gente que vivia nas terras de Salsete, vassallos de sua Magestade, assi christãos como gentios, deviam ordenar-se de modo que podessem [1] per si defender-se quando fosse necessario, sem pucharem muito pelos [2] portuguezes, e antes em alguma occasião forçosa se pudesse lançar mão dos que mostrassem mais alento, para ajudarem ao Estado; porque em todas as conquistas que houve no mundo sempre se fez e buscou modo com que os mesmos conquistados ficassem tambem ajudando aos conquistadores para outras emprezas, o que se conseguiu ainda entre aquelles a quem não obrigam as leis de tanta justiça, christandade e união, como a de Christo nosso senhor. E assi passou o visorei uma provisão a dom Lopo de Almeida, capitão de Rachol e mais terras de Salsete, para que da gente de todo elle se fizessem companhias, que não fosse cada uma de menos de duzentos homens, nem passassem de trezentos, [3] onde assentasse todo o homem que fosse de sessenta annos para baixo e de dezoito para cima, com seus capitães portuguezes, quando os houvesse moradores nas mesmas terras com as partes convenientes para isso, e não os havendo fossem dos mesmos naturaes canaris, e assi os alferes e sargentos; e o capitão de Rachol nomeasse um sargento mór portuguez, pessoa pratica e exercitada em ordenar companhias, formar esquadrões, e adestrar em todo o genero de armas, para poder ensinal-as [4] a todos os que as não soubessem com a perfeição necessaria; ordenando-lhes que cada mez fizessem alardo, sendo cada companhia de uma freguezia, ou duas, conforme o numero da gente ou grandeza das freguezias, para ficarem mais unidos e conformes, apontando-lhe logo o logar dos alardos,

[1] por si — A.
[2] portuguezes, antes em alguma occasião precisa se pudesse — A.
[3] onde se assentassem — A.
[4] a todos que — A.

que seria ás portas das egrejas de cada companhia, ou em algum campo que tivesse logar accommodado, com tanto que fosse dentro de suas proprias terras; e que todos os annos fariam dois alardos geraes nas oitavas das duas festas de Natal e Paschoa, que seriam em Rachol, onde diante do capitão se examinaria a destreza de cada um, e as armas que devia ter, para o que seria obrigado pelo capitão com as penas que lhe parecessem necessarias. O que assi ordenado, se começou a pôr por obra, vencendo as difficuldades que ao principio mostrava, como é ordinario nas cousas que se introduzem de novo, indo-se adestrando esta gente para poderem ser de prestimo [1] assi, e em qualquer outra occasião onde fossem occupados.

Para effeito de se despedir a nau do reino, em que dom Luiz da Gama tinha vindo da ilha de [2] Socotorá, onde havia invernado com os trabalhos que atraz temos dito, mandou o visorei a Francisco de Miranda Henriques, capitão mór [3] de duas galés, dez navios, e um sanguicel, até Cochim, buscar a pimenta; por capitão de outra galé foi Afonso Vaz Coutinho, e dos navios dom João de Almeida, Francisco Ribeiro Alcoforado, Theodosio de Oliveira, Nuno Alvares Teixeira, Antonio Homem de Azevedo, Domingos de Abreu da Silva, João Pinto Pereira, Manuel Pereira de Sampaio, Ignacio de Azevedo, dom Miguel Pereira, Thomé de Valladares Soutomaior. Foram n'esta armada embarcados os fidalgos seguintes: Manuel de Azevedo de Vasconcellos, Jorge de Mello Coutinho, Thomé de Sousa Coutinho, Hieronymo de Sousa Coutinho, Manuel de Anhaia, João da Cunha, dom João de Castro, Diogo [4] de Ozouro Coutinho, Francisco de Mello, dom Luiz Lobo, Luiz de Moura Rolim, dom Francisco Coutinho, Manuel da Camara, Manuel de Azevedo, João Sanches, Gaspar de Sousa Lobo, Miguel de Macedo, Sebastião de Sousa, Hieronymo Coutinho de Sá. Com que partiu a primeira jornada a quatro de novembro de 613, para deixar no Canará os navios da pimenta e cafila, e passar a Cochim com os outros, como fez; e negociando tudo com a brevidade necessaria trouxe de Cochim a pimenta e cafila, com que chegou a

[1] assi e em qualquer — C. assi em qualquer — A. A si (?)
[2] Sacotorá — A.
[3] das duas — A.
[4] de Ozorio Coutinho — A.

Goa a primeira oitava de Natal do mesmo anno, e tornando-se a negociar partiu a vinte e cinco de janeiro do anno seguinte de 614, levando a Affonso Vaz por capitão de um navio com os fidalgos Antonio de Sousa Coutinho, André Gonçalves Maracote, Jacome de Mello Pereira, indo já nomeado por capitão mór do cabo de Comorim. Ia dom Hieronymo da Silveira, com uma galé e quatro navios, para capitão mór do Canará, que com mais oito sanguiceis malavariscos dos que [1] tinha tomado o anno atrazado dom Diogo de Vasconcellos, fizeram copia de vinte e oito navios, com titulo de capitão mór do Malavar; e os mais capitães foram João da Costa de Meneses, Miguel Ferraz, [2] Antonio de Proença, Antonio de Abreu Toscano, Balthasar Lobo de Sousa, Antonio Rebello, Lobo de Sousa, Diogo de Brito da Silva, Manuel Freire, Simão Ferreira, Antonio de Almeida, Miguel Mansilha, e alguns periches de Mangalor e Cananor. Os fidalgos que mais foram embarcados n'esta armada foram dom Constantino de Meneses, Francisco da Silva de Meneses, Antonio da Costa, dom João Mascarenhas, Manuel de Sousa Chichorro, Luiz Martins de Sousa.

Levava Francisco de Miranda por ordem e regimento que em sahindo da barra de Goa despedisse oito sanguiceis malavariscos, que levava em sua companhia, para andarem soltos e ligeiros em busca [3] dos parós, como adiante diremos, e elle se fosse seguindo sua viagem a Cochim, visitando as fortalezas do Malavar, e deixando no Canará a dom Hieronymo da Silveira com uma galé e quatro navios, e um periche dos d'esta companhia, passasse a Cochim, d'onde despedisse Affonso Vaz Coutinho por capitão mór do Cabo, como fez.

A nau do reino, que estava aprestada, se negociou brevemente e partiu no cedo, onde foi o visorei Ruy Lourenço de Tavora, que tinha invernado e assistido, a maior parte d'este anno que se deteve na India, em nossa Senhora do Cabo, fazendo as mais das obras que hoje se vêem n'aquelle convento; porque era este fidalgo dotado de não menos piedade e caridade christã do que de liberalidade, que póde resplandecer mais

[1] tinham — C.
[2] Antonio de Presença — C.
[3] de parós — C.

n'aquelles a quem [1] o ceo repartiu e deu mais copia de bens da terra. E assi tambem conseguiu Ruy Lourenço n'este anno [2] o effeito que principalmente o fez ficar, que foi pagarem-se as dividas que como visorei tinha feito, do dinheiro que tomou emprestado para o serviço de sua Magestade; porque todo se pagou nas consignações e quebramentos que fez o visorei dom Hieronymo para satisfação d'estas dividas.

Partiu, n'este mez de janeiro de 614, Simão de Mello Pereira por capitão da fortaleza de Mombaça, a quem o visorei deu particular regimento de como se havia de haver n'ella, ordenando-lhe que em tomando posse tractasse sempre de ter inteiro o numero dos soldados que alli ordena sua Magestade haja de presidio, que são cento, e que désse fim ás obras da fortaleza, com que a aperfeiçoasse até ficar em fórma [3] defensavel contra quaesquer inimigos; dando-lhe muitas roupas, que é a melhor fazenda e moeda d'aquella costa, de cujo procedido, e do um por cento, se fizessem as taes obras. E assi lhe deu provisão para obrigar a todas as embarcações, que fossem á dita costa, para que primeiro que a nenhuma outra parte fossem fazer direitos á alfandega de Mombaça; e não menos lhe encarregou a boa correspondencia com os mouros da terra, não consentindo se lhe fizesse nenhum aggravo, força, nem semrazão, porque esta era uma das melhores prevenções para sua defensão. E, comtudo, o mandava estar tão prestes com a vigia e numero de soldados, mantimentos para septe ou oito mezes, e apparelho de artilheria e munições, como se cada hora houvera de ser commettido e [4] sitiado; para o que lhe mandou dar um navio armado de soldados que o ajudasse a estes effeitos, e para o mandar a alguma parte onde fosse necessario, e particularmente a soccorrer a fortaleza de Moçambique, pelo muito que esta praça é commettida dos inimigos de Europa, e poder tambem servir as naus do reino, que se presumia ficariam por aquellas partes invernando por falta de monção para chegarem á India. Para o que mandou tambem Gaspar de Abreu de Lima, fidalgo, por capitão mór de duas galeotas, sendo capitão da ou-

[1] o seu — A.
[2] o effeito de que — A.
[3] defensivel — A.
[4] citado — A.

tra Antonio Homem de Azevedo, para que fosse direito á ilha [1] Socotorá, a vêr se ficaram alli as naus do reino, e não as achando passasse [2] a Melinde, ou a Mombaça, ou a Moçambique, onde quer que tivesse novas que estavam, e os servisse com tudo o que lhes fosse necessario, e viesse com elles para Goa, [3] trazendo nas galeotas as vias de sua Magestade, em cada uma sua; e offerecesse a Pedro Correia de Azevedo, que tinha novas vinha por [4] veador geral da fazenda d'este Estado, a galeota de Antonio Homem de Azevedo, seu irmão, para vir n'ella por capitão. E ordenando a Gaspar de Abreu que não achando naus do reino, sabendo por alguma via [5] estar Moçambique sitiado por inimigos, levasse mais de Mombaça o navio que levava Simão de Mello Pereira, e com todos os mais soccorros, que elle désse e pudesse por todas as vias ajuntar, se fosse metter na dita fortaleza, pelo muito effeito de que lhe poderia ser e a importancia de similhante praça; e ultimamente lhe ordenava o visorei que quando viesse sem navios trabalhasse por trazer preso o xeque da ilha de [6] Socotorá, pelos insultos e enganos que usou com a nau de dom Luiz da Gama e a gente d'ella, por onde morreu tanta.

Levava tambem Simão de Mello Pereira ordem particular para levar a Goa preso o rei de Mombaça sultão Asem, conforme se tinha assentado [7] em o conselho de Estado que referimos, para o que procurasse trazel-o por bom modo á fortaleza; onde o prendesse. E n'esta fórma se ordenaram as cousas para a costa de Melinde e Mombaça; porém os effeitos foram mui differentes dos que se pretendiam, como se verá pelo descurso adiante.

[1] Sacotora — A.
[2] a Melinde, ou a Moçambique, ou a Mombaça — A.
[3] trazendo as galeotas — A.
[4] veador da fazenda geral — C.
[5] estar sitiado Moçambique — A.
[6] Sacotora — A.
[7] em conselho — A.

CAPITULO LVI.

DO QUE TINHA SUCCEDIDO EM MOMBAÇA, ATÉ AO TEMPO QUE SIMÃO DE MELLO PEREIRA CHEGOU A ELLA.

Os mouros de Mombaça parentes do rei sultão Asem, e particularmente [1] Munganaje seu thio e outros de sua facção, não cessavam de inventar modos para destruir ao dito rei, ajudados do sitio que acharam no capitão Manuel de Mello Pereira; para o que o accenderam na fórma que já temos referido, e assi depois que o rei veiu á fortaleza uma vez e outra, [2] sobre todos os sentimentos que tinha do capitão, vendo os ditos mouros seus parentes que o não podiam levar por aqui, se começaram a armar outra vez, dizendo que vinham cafres á ilha, apertando muito com esta voz; e assi, uma tarde se vieram escondidamente, em janeiro de 612, para a fortaleza [3] Munganaje e outros seus parentes, e logo á noite começaram a dizer que elrei os queria matar, [4] e que por esse respeito se acolheram para ella. Ao outro dia mandou o capitão a um escrivão do ouvidor ter com o rei, [5] a perguntar-lhe porque queria matar aquelles mouros vassallos de sua Magestade, e o rei, como parece que tal não cuidára, lhe respondeu que [6] nunca nem lhe viera isso ao pensamento, antes que elle capitão não devia recolher na fortaleza amotinadores, como aquelle mouro era e todos os que o seguiam, que não andavam mais que para [7] desinquietar a terra, e desavir a elrei com o capitão, [8] por vêr se podiam tecer ou ordenar algum mal [9] ao dito rei. Ao que o capitão não respondeu mais que mandar chamar o feitor e pedir-lhe polvora e pelou-

[1] Munganaye — A.
[2] sobre os sentimentos — A.
[3] Munganaye — A.
[4] e por esse respeito — A.
[5] e perguntar-lhe — A.
[6] nunca lhe viera — A.
[7] inquietar — A.
[8] para vêr — A.
[9] ao rei — A.

ros para derrubar as casas [1] de elrei, por ser um alevantado que queria matar [2] a Munganaje. Ao que lhe respondeu o feitor que devia considerar bem o negocio, para tomar a resolução conveniente e o que estivesse melhor ao serviço de sua Magestade; que querer o rei fazer justiça de seus vassallos não era alevantar-se contra sua Magestade, pois era rei e senhor d'elles [3] e de suas vidas; que mandasse [4] primeiro ao rei saber a causa de raiz, e não se arremessasse inconsideradamente. Ao que respondeu o capitão que quem queria matar a [5] Munganaje era alevantado contra sua Magestade; que não havia mister mais prova; e assi que désse logo a munição e pelouros. O que o feitor deu, fazendo seus protestos; com que lhe mandou o capitão logo [6] tirar com algumas peças de alcance, e entrando os pelouros pela casa do rei [7] se sahiu elle d'ellas com toda a sua gente, com uma bandeira de Christo que tinha; e se passou á outra banda do rio e foi aposentar em um logar que chamam Quelifi, septe leguas de Mombaça, dando por razão que queria dar vasão á paixão do capitão. Onde esteve o rei oito mezes, e o capitão da fortaleza entregou o governo a [8] Munganaje, cabeça dos amotinadores, o qual governando seis mezes, ordenaram mandar buscar a Melinde um irmão do rei, mais moço, para lhe entregar o governo, como fizeram; e vindo elle se lhe entregou, mas não era rei mais que no nome, porque tudo fazia Munganaje. E correndo o tempo, e as cousas n'este estado, não faltavam mouros e cafres que excitavam ao rei fosse dar em seu irmão e Munganaje, e os matasse, pois d'aquella sorte lhe estavam governando o seu reino; e por estes ditos se negociaram os cafres e pediram licença [9] a elrei para ir matar a Munganaje e a seu irmão. Ao que respondeu elrei que não convinha entrar a ilha á força de armas, por quanto era contra sua lealdade. Não se satisfizeram os cafres com estas razões e outras, an-

[1] do rei — A.
[2] ao Munganaye — A.
[3] e suas vidas — C.
[4] primeiro recado ao rei — C.
[5] Munganaye — A.
[6] atirar — A.
[7] se sahiu elle logo com toda — A.
[8] Munganaye — A.
[9] ao rei — A.

tes disseram que haviam de entrar a ilha, quer elle quizesse quer não; e o rei, quando os viu deliberados, lhes disse que não entendessem com portuguezes, nem bulissem com elles, nem viessem á fortaleza, por assi ser credito seu. Os cafres vieram uma noite e entraram a ilha por uma paragem do rio, estreita, não vindo pelo passo onde estava o baluarte com alguns portuguezes, e se foram em direitura á cidade dos mouros a casa [1] de elrei, e como os que n'ella estavam não deixavam de se vigiar mui bem, foram avisados antes que os cafres chegassem, e se acolheram para a fortaleza. Os cafres, [2] sem irem a mais nenhuma parte, se tornaram pelo passo do Zimba, onde está o baluarte, e os portuguezes lhe sahiram, sahindo-se do baluarte para isso, onde mataram a maior parte d'elles, morrendo tambem alguns portuguezes, e os mais se vieram para a fortaleza; e tendo isto feito, d'alli a oito ou dez dias foram [3] alguns mouros a buscar a elrei, e o trouxeram [4] e o metteram nas suas casas, e logo ao outro seguinte mandaram a Antonio da Cunha, feitor como temos dito, com um recado a elrei, em que lhe estranhavam o mau termo que tivera na entrada da ilha. A que elle deu muitas razões, e por fim d'ellas disse que o capitão e todos estivessem quietos, [5] que elle não vinha fazer guerra á fortaleza de que sua Magestade [6] era senhor. E assi se tornou o dito feitor com esta resposta, e depois veiu outro recado e ordem com que se celebraram pazes entre o capitão e elrei, e assi estiveram por alguns poucos mezes, sem haver mais alteração nem desavença de parte a parte que pedir elrei a Munganaje, que era seu vassallo, dizendo que tambem tinha errado contra sua Magestade, por onde, que para estarem as cousas quietas, era mui necessario [7] fazer-se justiça d'elle, e se o não quizessem dar para este effeito tudo punha elle rei nas mãos de Deus, e de sua Magestade, porque nunca fôra, nem dera occasião de trabalhos. Estes e outros recados havia em alguns dias em quanto se espe-

[1] do rei — A.
[2] sem irem mais a nenhuma — C.
[3] alguns mouros buscar o rei — A.
[4] e metteram — A.
[5] que elle que não vinha — A.
[6] era seu senhor — A.
[7] fazer justiça — A.

rava o de Goa, para se vêr o que ordenava o visorei sobre o succedido em Mombaça, de que se tinha avisado na fórma [1] que já fica dito. Chegando Simão de Mello não teve o rei resposta alguma de suas cartas, de que ficou mui sentido, parecendo-lhe que lhas haviam tomado, por não chegarem á mão do visorei, nem [2] se saber a sua innocencia. Simão de Mello, em tomando posse da fortaleza, procurou tomar informação do estado em que estavam as cousas, e assi trabalhou por lhe dar fim e cumprir o que o visorei lhe ordenava em [3] mandar preso ao rei para Goa; para o que lhe mandou recados e visitas por terceira pessoa, a vêr se o podia obrigar a que pessoalmente o viesse visitar; porém o rei, assi com o sentimento de lhe não responder o visorei ás suas cartas, como por lhe não entregarem Munganaje, não deferiu a Simão de Mello na fórma de sua pretenção, até que lhe mandou dizer descobertamente Simão de Mello que sua alteza viesse á fortaleza, porque assi convinha ao serviço de sua Magestade. Ao que o rei respondeu que não era ordem de pessoas reaes entrarem em fortalezas nem casas onde estavam seus inimigos; que lhos [4] mandassem lançar fóra, ou para Melinde, d'onde eram naturaes, ou para a India, ou para onde elles quizessem, e que então viria de mui boa vontade; mas que em quanto estivessem na fortaleza não havia de entrar n'ella, e só a virem inimigos de Europa viria andar ao longo dos muros; pelo que se não cansasse o capitão que não havia de vir, pelas razões que já tinha dito. Com a resolução d'esta resposta de elrei que o feitor trouxe, estando o rei em sua casa sempre quieto, sem cafres na ilha, por se não recear de nada, nem saber o que se ordenava sobre elle, tractou o capitão Simão de Mello com os do seu conselho [5] dar-lhe nas casas, como [6] deu uma madrugada, e o rei se acolheu e foi para [7] Arabaja, terra de um capitão [8] dos cafres, os quaes o levaram e aposenta-

[1] que fica — A.
[2] se saber de sua innocencia — A.
[3] mandar preso para Goa ao rei — C.
[4] mandasse — A.
[5] o dar-lhe — A.
[6] deu de madrugada — A.
[7] Arabaya — A.
[8] de cafres — A.

ram mui bem, estando com elle sempre de guarda, e vieram n'este meio tempo ter com o capitão estes mesmos cafres a pedir-lhe roupas, e que matariam a elrei; e como Simão de Mello não desejava outra cousa, andou por casa dos mercadores e casados, e os fintou em cem corjas de teadas, e as deu aos cafres para que matassem [1] a elrei, os quaes o fizeram á traição, onde acabou este pobre rei a vida [2] a mãos d'estes cafres muzungulos, que a ninguem guardam fé, nem lealdade, mais que a seu interesse, que são roupas. E conforme o pouco fundamento da averiguação da verdade, com que no conselho de Estado se determinou mandarem de tão longe [3] vir um rei preso por causa que não merecia logo a morte, e o muito menos com que Simão de Mello se abalou a mandar-lha dar, veiu a justiça divina a permittir depois as crueldades e tyrannias que em vingança d'esta morte se fizeram.

Morto elrei [4] vieram dar recado ao capitão, que mandou logo a um cunhado seu, chamado Luiz Tello, lhe fosse trazer a cabeça. Os cafres o trouxeram ao passo dos Zimbas morto, [5] d'onde lha cortaram e a entregaram a Antonio Homem de Azevedo, que foi com Gaspar de Abreu de Lima por capitão da outra galeota, e a trouxe a Goa com grande ostentação de quem fez esta morte, como se fôra dada em guerra mui perigosa, e por causa mui justa. Ficou governando Munganaje e o principe de Melinde irmão do rei morto; mas como a tenção de Munganaje não era mais que introduzir-se no reino, armou ao principe outras similhantes, com que o mataram uma noite, e assi ficou elle só governando; que assi como achou sitio nos portuguezes para poder sahir com tão tyranno intento não faltou na Mesa da Consciencia em Lisboa quem requeresse a justiça do filho do rei morto, [6] com que se lhe mandou restituir o reino, como a seu tempo se dirá.

[1] ao rei — A.
[2] a mão de cafre — A.
[3] vir a um rei preso — A.
[4] vieram logo dar — A.
[5] d'onde lha cortaram, e trouxeram, e entregaram — A.
[6] com que lhe mandou — A.

CAPITULO LVII.

COMO GASPAR DE MELLO E ANTONIO PINTO FORAM SOCCORRER A FORTALEZA DE MANORA, QUE ESTAVA DE CERCO, E DERAM NO ARRAIAL DOS INIMIGOS E O DESBARATARAM.

Postoque nos divertimos algum tanto com a relação do que por outras partes d'este Estado n'este tempo succedia, comtudo, Gaspar de Mello não deixava de ir sempre obrando, no muito que fez este verão no serviço de sua Magestade; e assim depois de fazer a sahida relatada, como tinham vindo novas a Baçaim, que a fortaleza de Manora, sita quatro leguas pelo rio acima de Agaçaim, estava de cerco pelos decanis, determinaram ambos os capitães móres, Gaspar de Mello e Antonio Pinto, irem dar no inimigo; para o que se negociaram, e partiram em fevereiro de 614 pelo rio acima de Agaçaim em sanguiceis e manchuas com a gente da armada e alguma do presidio, e chegaram á terra, onde haviam de desembarcar, em tempo que começaram a marchar para a fortaleza no quarto da prima, levando diante por guia alguns peões soldados da mesma fortaleza, christãos naturaes da terra, com que foram andando em todo o silencio, tractando no modo [1] como haviam de dar no arraial do inimigo, que tinham noticia estar alojado pouco distante da fortaleza; e tendo d'antes determinado de ir, ou Antonio Pinto, ou Gaspar de Mello, com ametade da gente, que seriam por todos septecentos portuguezes, afóra alguns topazes tambem espingardeiros, a rodear um teso em cuja fralda estavam os inimigos, para que ficando-os tomando por uma banda, dessem pela outra com o restante [2] da gente, e cerrando os tomassem no meio, com que nenhum pudesse escapar, comtudo, houve toadas, quando desembarcaram os nossos em terra, que havia chegado a este arraial do de Baçaim grande soccorro de gente de cavallo; e não podendo averiguar esta certeza, lhes pareceu melhor conselho não se dividirem, por não acharem mais poder do que imaginavam, e haver logar a alguma

[1] com que haviam — A.
[2] da outra gente — A.

confusão; porque dando todos no arraial, ainda que achassem o soccorro da gente de cavallo que se [1] dizia, indo os esquadrões unidos, nunca podiam deixar de, não tendo logar de lhe fazerem outro damno, [2] irem passando por elle, e entrarem na fortaleza de Manorá, que [3] está perto, a soccorrel-a como determinavam; e postos n'esta determinação foram caminhando todo o quarto da prima, [4] e da modorra, e ant'alva, com particular desejo de se verem já ás mãos com os inimigos, levando as guias referidas; até que chegando perto de um teso, d'onde se descobria o arraial do inimigo, queria [5] Gaspar de Mello ir com os descobridores diante só com sua pessoa um pouco mais apressado, para se certificar com sua vista, e considerar o modo e paragem em que estavam. E assi, chegando ao teso, descobrindo só a cabeça para vêr puramente o que queria, lhe pareceu o arraial do inimigo posto ao pé de um pequeno outeiro, todo cheio de fogos e tendas, tão seguro como quem estava em suas terras sem receio de ninguem [6] os poder ir demandar a ellas. Tornando Gaspar de Mello ao corpo da mais gente lhe deu relação do que vira, facilitando a empreza, exhortando-os com palavras cheias de todo o esforço e christandade. Foram os portuguezes passando o teso, que como os do arraial não estavam [7] arreceosos, e lhe ficavam ainda um pouco afastados os não presentiram, ajudados do silencio e escuridade da noite; e quando já não podiam deixar de os divisar, lhe perguntaram com muita quietação quem eram. Ao que respondiam os peões christãos, que iam diante, em sua mesma lingua, que era gente do Melique seu rei. E sem mais averiguação da verdade os deixaram chegar bem perto de si, sem tomarem armas nem fazerem signal aos mais de que havia gente nova no campo, até que os portuguezes, postos em ordem já n'uma pequena [8] distancia, com as ar-

[1] diziam — C.
[2] de não irem — A.
[3] estava — A.
[4] e o da modorra — A.
[5] Gaspar de Mello com os — A.
[6] os ir — A.
[7] receosos — A.
[8] estancia — A.

mas na mão e santiago na bocca, deram com todo o impeto nos inimigos, espantando-os não menos com os pifaros, trombetas e tambores, do que com gritos, [1] espingardaria e confusão; sendo já pela madrugada, que vinha rompendo a manhã, porque os nossos haviam esperado algum tanto, e puderam melhor divisar uns aos outros onde deviam acudir, convém a saber, os portuguezes aos mouros que viam estar aos fogos, por fazer notavel frio [2] com a geada e orvalho que cahia, aos quaes podiam melhor *vêr* do que serem d'elles vistos, e os mouros alguns a tomar armas para se defenderem, que foram mui poucos, [3] outros a fugirem a quem mais podia, e [4] quem o procurou *fazer* no principio teve melhor guarida do que alguns que querendo-o fazer nos cavallos, que tinham amarrados, se subiam n'elles e sem os desamarrarem os começavam a [5] esporear e apertar para que caminhassem, o que elles faziam cada vez menos, estando, como fica dito, presos e peados, até que chegavam os portuguezes e os matavam com os cavallos; que uma repentina confusão não dá logar a nenhum discurso. Alguns mouros se puzeram em defeza com as armas na mão, e postoque o faziam com valor e deliberação, comtudo, era com mui pouco effeito, porque os portuguezes quanto mais resistencia achavam mais dobravam o esforço, com que a tudo quebrantavam e punham por terra; onde o capitão mór Gaspar de Mello era dos primeiros que [6] chegavam aos mouros, e vendo no principio de uma rua grande confusão e gritos, acudiu com sua pessoa, e foi levando os mouros, que acudiram aqui em maior copia a se defenderem, mas valeu-lhe tudo mui pouco, porque além de não haver cousa que parasse ao impeto dos portuguezes, o fogo que puzeram no arraial, que o mais constava de palhotas, os foi apertando por outra parte, de maneira que, sem nenhuma resistencia, se puzeram logo em fugida pela outra banda d'onde deram os portuguezes, e se houveram seguido o conselho, em que primeiro estava, de accommetterem por duas partes, para ficarem tomando os inimigos no

[1] espingardadas — A.
[2] com o orvalho e geada — A.
[3] e os outros — A.
[4] quem os procurou — A. e C.
[5] espoliar — A. e C.
[6] chegava — C.

meio, não ha duvida que nenhum lhe escapara, porque o soccorro, que imaginavam se havia mettido do arraial de Baçaim, nem se tinha mandado, nem ainda que viera havia tempo de chegar. E sendo já os inimigos fugidos todos, os que os fugentaram chegando á fortaleza de Manorá sahiu d'ella o capitão que a guardava, chamado Thomé do Valle, homem de muito valor, e dando as graças aos capitães móres e mais portuguezes que foram ao soccorrer, mostrou grande magua de o não avisarem por um peão dos soldados da terra, que digo que se chamam belis, que, como frazões d'ella lhe poderiam levar recado para que acudindo pela outra parte não pudesse escapar nenhum d'aquelles inimigos; porém não deixaram de ficar mui bem castigados em os que com seu sangue o pagaram no arraial, que posto não foram muitos, tambem os que fugiram [1] deviam levar penhor do ferro e pelouro dos portuguezes.

Descercada a fortaleza, e provída de tudo o que lhe era necessario por meio de tão bom successo, sem custar aos portuguezes [2] perda alguma, se tornaram a vir marchando para as embarcações que deixavam no rio, onde chegaram sem cousa que os impedisse, e mettidos n'ellas se vieram para Baçaim, onde Gaspar de Mello, vendo como as cousas d'aquellas guerras ficavam em bom estado e os inimigos [3] com dois castigos mais refreados, tractou de sahir correndo a costa até Damão, assi para poder saber da cafila de Cambaia, como para cumprir com o regimento do visorei, que assi lho ordenava, para acudir ao que fosse necessario e se offerecesse do serviço de sua Magestade.

[1] deviam de levar — A.
[2] cousa alguma — A.
[3] com os dois — C.

CAPITULO LVIII.

DO ASSALTO QUE DEU GASPAR DE MELLO COM A GENTE DE DAMÃO NO REI CHOUTIA.

As mais das aldeias que possuimos nas terras de Damão foram do Choutia e do rei de Sarceta, os quaes as largaram a sua Magestade com uma pensão a que chamam choutos, que é como certo foro que cada uma d'ellas lhes paga, que vem a ser cousa mui pouca [1] em respeito do que rendem aos portuguezes, que possuem essas terras com obrigação de pagarem estes choutos e tambem o foro a sua Magestade, e se hão muitas vezes na satisfação de uma cousa e outra com algum descuido e tardança, de que o Choutia e o Vergire sentidos, descem abaixo das serranias e mattos [2] onde habitam, e fazem destruições nas aldeias, roubando gado e captivando as pessoas, e ainda sem ser estimulados d'estes motivos, tem elles natureza tão prompta para fazer isto, que se chama a choutia, por outro nome grecia, que significa viver de roubos, com que algumas aldeias dos portuguezes ficam despovoadas, e em grande miseria, pelas entradas e latrocinios que n'ellas este rei manda fazer. Assi, chegando Gaspar de Mello a Damão, queixando-se-lhe o capitão Manuel de Mello Pereira, já mui velho na edade, mas com as reliquias do valor e esforço de que sempre foi dotado, e não menos o povo e a cidade d'estes males que padeciam, assentaram [3] todos se procurasse a satisfação d'elles por armas, pois não havia outro meio mais conveniente para a paz desejada. E assi, postos em ordem toda a gente da armada, e os portuguezes foreiros com obrigação de cavallos, foram marchando, e passando os limites das nossas terras [4] entraram as do Choutia, que, como costuma, não lhe procurou fazer resistencia de rosto a rosto, senão dos mattos aonde mora sa-

[1] a respeito — A.
[2] d'onde — A.
[3] todos que procurasse — A.
[4] entraram de Choutia — C.

ir com algumas escaramuças de cavallo a vêr se podia [1] desordenar os portuguezes, e com alguma espingardaria, tambem d'entre o matto, fazer-lhe damno, sem elles o receberem nenhum ; ao que tambem lhe respondiam os nossos, de sorte que para nenhuma cousa [2] d'este seu intento pôde nunca achar occasião. E assim foram andando todo o dia até chegarem já pela tarde [3] a uma horta mui fresca, chamada [4] Madabanna, e sendo toda cheia de muitas arvores [5] de fruito, pois não achavam inimigos onde satisfazer sua sanha, se puzeram os portuguezes a lhe mandar cortar todas, pelo grande damno e desprazer que o rei havia [6] d'isso receber ; e repartindo-se por toda a horta as estancias e gente d'armas, começaram os gastadores a cortar as arvores, [7] onde houve portuguez, particularmente um chamado Ruy Quadrado, que pagava [8] aos cortadores de cada mangueira que cortavam uma pataca, por serem arvores que davam estremado fruito, e ficar assim fazendo mais damno ao inimigo. Estiveram toda a noite cortando e destruindo toda a horta, em que não deixaram os inimigos de lhe ladrar sempre e tirarem muitas espingardadas do matto, que parece por particular favor do ceo nenhuma matou, nem feriu nenhum christão, até que pela manhã, por fazerem ainda mais horror na destruição da horta, mataram n'ella muitas vaccas, e com o sangue encheram todo o chão, que, por ser a cousa mais abominavel de todos os gentios d'este Oriente, ficou o rei tendo o logar por tão contaminado que nunca mais se quiz servir d'elle, nem se aproveitou do fruito de nenhuma d'aquellas arvores. O que feito, se puzeram os portuguezes a caminho para as suas terras, vindo-os sempre por elle desinquietando os inimigos, com sahidas que do matto lhe faziam e espingardadas muito mais a miudo do que fizeram á ida ; porém nunca chegando a tiro de arcabuz nem mosquete dos portuguezes, porque a um seu capitão de ca-

[1] desornar — C.
[2] d'este intento seu — A.
[3] a uma sua horta — C.
[4] Madabama — A.
[5] de fruita — A.
[6] d'isso de receber — C.
[7] onde portuguez, particularmente — A.
[8] aos cortadores cada — C. aos cortadores por cada — A.

vallaria, que se desmandou volteando com o cavallo, um Antonio Godinho, filho da India, o pescou com o mosquete, de maneira que logo o derrubou morto; e assi tambem a outro mouro [1] de cavallo, matandolho, foi sobre elle Gonçalo de Queiroz, foreiro, natural da mesma fortaleza de Damão, e postoque o inimigo lhe enristou a lança, elle lhe deu desvio com o corpo, e ao passar do cavallo do inimigo lhe deu algumas feridas, e recebeu outras de que veiu a morrer. E como os portuguezes não tinham paragem segura, onde podessem passar aquella noite n'aquelles mattos, se deram a caminhar com toda a pressa, para chegarem antes d'ella ás nossas terras, vindo por toda a força do sol, que era notavel, de maneira que alguns negros, que levavam [2] pingas, morreram só de pura calma e quentura, e um portuguez soldado veiu a endoudecer, com que se despenhou e morreu; mas por meio de todo este trabalho, que foi o maior que n'esta jornada se padeceu, chegaram todos antes da noite a uma tranqueira dos nossos nas terras de Damão, onde descansaram com mais repouso do que os dois passados dias e a noite tiveram, e d'ahi se vieram para a fortaleza de Damão; achando-se n'esta jornada Gaspar de Mello de Miranda, filho do capitão referido da cidade, Manuel de Mello Pereira, por o pae estar em idade que com justa razão ficava escuso do trabalho das armas, além da obrigação que tinha de assistir na fortaleza de que havia dada menagem. E com esta corrente de fortuna e bons successos [3] proseguiram n'este verão pelo Norte as guerras que as fortalezas e cidades [4] d'elle tinham com os naturaes, em que Gaspar de Mello, com a sua armada e valor de sua pessoa, e dos capitães e soldados, que como experimentados nenhum havia que faltasse á sua obrigação, era a quem se devia muita parte do louvor d'estas victorias, que antes, senão fôra a boa fortuna com que Gaspar de Mello parece que era guardado do muito que se arriscava em ser o primeiro em chegar aos inimigos, poderia ser [5] causa de alguma confusão, se o matassem ou ferissem, porque os capitães móres e cabeças hão se de prezar mais de mostrar es-

[1] do cavallo — C.
[2] pengas — A.
[3] se preseguiu — A. e C.
[4] d'elles — C.
[5] cousa — A. e C.

força e [1] represental-o, do que obral-o sempre com grandes perigos, pondo todo seu fundamento na prudencia, para saberem encaminhar e governar os seus com valor, industria e ardís da guerra, fugindo toda a desconfiança, para poderem guardar sua pessoa, porque com ella ficam sempre os arraiaes e exercitos unidos para por mais [2] desastres e ruins successos que tenham [3] poderem tornar a procural-os melhorar.

CAPITULO LIX.

DO QUE N'ESTE TEMPO SUCCEDEU NAS GUERRAS DE CHAUL, E OBROU GASPAR DE MELLO DE SAMPAIO COM RUY FREIRE DE ANDRADE, NA SAHIDA QUE FIZERAM AOS INIMIGOS.

Ia Ruy Freire de Andrade continuando em Chaul com as guerras na fórma atraz referida, sahindo ao campo todas as vezes que os mouros [4] vinham a elle, e [5] ordinariamente se recolhia com bom successo. Dia de entrudo veiu o inimigo á vargea, a que logo sahiu Ruy Freire com a pouca gente que tinha, que como fica dito não passavam de sessenta soldados, afóra as suas bandeiras de gente preta que tinha alevantado. Sendo capitão mór da dianteira Estevam de Faria, este, vendo que os mouros vinham correndo com grande impeto, se adiantou aos suster, mas, achando-se só, chamou pelos soldados, e lhe foram acudindo Manuel Rebello e outros, dos que os mais foram mui bem feridos de uns mouros frecheiros, que andavam n'uma volta [6] e n'outra assetteando os portuguezes, pelos quaes vinha um mouro de cavallo rompendo com muitos detraz, quando dom Lourenço Soutomaior metteu a espingarda no rosto e o derrubou e

[1] representado — C.

[2] destres — C. E' o que tambem escreveram na copia da A. Mas emendaram para *desastres*, precedendo esta palavra um *digo*.

[3] poderão — C.

[4] sahiram a elle — A.

[5] ordinariamente sahia com bom — A.

[6] e outra — A.

matou; com que pararam os inimigos, e chegaram os portuguezes a andar com elles ás pancadas com as coronhas das espingardas e contos das lanças. Chegou o capitão mór Ruy Freire, com que se acabou de dar nos mouros de maneira, que com muitos mortos e feridos se foram retirando.

Outra vez, tornando os inimigos com grande impeto e muita gente á vargea, lhe sahiu Ruy Freire, e parou na Madre de Deus, para acabar de ajuntar a gente, e com ella se foi para elles, e mettendo nas casas de Ruy Preto, que se sustentavam com as de Gonçalo de Abreu que estavam mais adiante, Antonio Domingues Pereira, Estevam Marinho, dom Lourenço Soutomaior, Diniz de Sousa, Francisco Rodrigues Petara, e outros bons espingardeiros, para de um andaimo que tinha a cerca por dentro com suas setteiras poderem mais seguramente espingardear os mouros, os quaes de cavallo mataram um João Branco, dos padres de são Paulo, e chamando os seus de pé para lhe cortarem a cabeça, um soldado, chamado Domingos de Azevedo, e um Francisco Leal [1] bombardeiro, arremetteram dos muros com os mouros com duas partazanas nas mãos, gritando [2] santiago, que foram seguindo as duas estancias de gente da terra, e logo o capitão mór, e os foram levando e seguindo até defronte das casas referidas, junto das quaes acharam muitos mortos, que os portuguezes que estavam na cerca d'ellas tinham morto; com que ficando os que iam fugindo mais desanimados, foram os portuguezes dando n'elles com mais animo, de sorte que chegaram os chaudares com suas espadas a cortar cabeças de mouros, e ainda os seguindo e matando, cortaram os portuguezes d'esta vez vinte e quatro cabeças dos mouros mortos, que ficaram no campo, afóra outros muitos que os seus levaram a rasto, como costumam, e os feridos, que não [3] devia de ser menos copia.

Gaspar de Mello chegou a Chaul com a sua armada, e como andava com a corrente das victorias referidas, quiz tambem provar a mão com estes mouros de Chaul, para o que tractou com Ruy Freire de passar a Chaul de cima, e ainda mais adiante as casas de Cozequi, em um palmar seu que adiante d'ellas estava, para onde se puzeram a caminho um dia pela manhã, em mui boa ordem, e foram marchando por Chaul de

[1] bombardeiros — A.
[2] santiago, o que foram — A.
[3] devia ser — A.

cima, sem haver quem lhe fizesse resistencia. Passaram as casas referidas, e d'alli ao palmar, e se puzeram ao cortar, repartindo a gente de guerra pelas [1] partes necessarias, para ficarem os cortadores no meio bem defendidos; e estando cortando foram commettidos dos mouros por varias partes, para experimentarem onde achavam menos resistencia, e poderem romper os portuguezes; porém foram tão bem rebátidos, que nenhum logar houve de executarem seus intentos, e os mais dos capitães de Gaspar de Mello foram particularmente commettidos e defenderam valorosamente seus postos; onde não deixou Gaspar de Mello de seguir o mesmo estylo de se arremessar aos mouros com mais impeto do que requeria o logar e disposição da terra; ao que Ruy Freire temperava com não menos valor do que prudencia, e por levar sempre os logares mais arriscados, havendo ido na dianteira, [2] quando vieram veiu na retaguarda, e Gaspar de Mello na dianteira, onde os mouros cuidaram que sem duvida os levavam, [3] porque acudiram a pical-os por muitas partes, e á dianteira veiu um esquadrão de gente de pé, entrando os portuguezes por Chaul de cima, e os commetteram com muita espingardaria. Onde Gaspar de Mello chegou com espada e rodella, que levava, a fazer campo franco em os mouros, com que os fizeram tornar a seu pezar, e vindo logo uma manga de perto de tresentos de cavallo em seu soccorro, tomando os portuguezes n'uma rua estreita, lhe foi de muito mais proveito por não poderem os inimigos todos commettel-os, senão só aquelles que permittia a estreiteza do logar; por onde, fazendo-se fortes para os cavallos com as lanças em riste, mataram a um mouro de cavallo que vinha diante e apertava mais, a cuja sombra tambem voltaram os espingardeiros de pé, e postoque houve alguns soldados d'esta estancia do capitão mór que quizeram romper e dar santiago, comtudo, elle os deteve e não consentiu, por respeito de não saber o corpo [4] de mais gente em que fórma vinha, ouvindo as muitas espingardadas que de todas as partes se tiravam e conhecendo que por todas ellas eram [5] accommettidos, sendo isto no pagode

[1] portas — A.
[2] quando vieram, na retarguarda — A.
[3] porque os picavam por muitas partes — A.
[4] da mais — A.
[5] comettidos — A.

de [1] Remanacer, que está junto de Chaul de cima. Morto o mouro de cavallo referido, que parece era cabeça dos mais, ficaram um pouco frios, com que [2] os portuguezes foram sahindo e dando n'elles, e se desapressaram, e despejaram o caminho [3] para não lhe ficar impedido. Ruy Freire e todo o mais campo foi commettido dos mouros, [4] que arremetteram á retaguarda com maior impeto, porém foram tão bem recebidos que não podendo rompel-a a vinham picando; e recebendo tambem a paga tres irmãos portuguezes, um dos quaes, chamado Manuel Rebello, capitão de uma estancia, em companhia de Ruy Freire lhe deram uma espingardada pelos queixos, com que o levaram a curar. Succedeu em seu logar Ruy Gomes Pereira, seu irmão, e não tardou muito [5] que dessem uma espingardada, que o mataram. O que vendo o terceiro irmão, chamado Simão Velho Barreto, que trazia o guião, enristou a lança d'elle, e dizendo santiago se arremessou aos mouros, como desesperado a morrer entre elles; mas foi detido de muitos, que se lhe puzeram diante e o fizeram vir na ordem dos mais, marchando pelo campo grande até a cidade, deixando feito nos mouros, e em seus palmares não pequeno damno, mas trazendo elles tambem sua parte em alguns feridos e mortos que na occasião tiveram, não deixando de se pelejar com todo o esforço e boa ordem; porque, se assi não fôra, conforme a multidão dos mouros e a deliberação com que se arremessavam aos portuguezes, pudera custar-lhe muito mais irem-nos buscar ás suas [6] proprias terras e destruir-lhe suas fazendas e matal-os, como fica referido.

[1] Romanecer — A.
[2] os portuguezes sahiram e foram dando — A.
[3] para lhe não ficar — A.
[4] que cometteram a retaguarda — A.
[5] que não dessem — A.
[6] mesmas terras — A.

CAPITULO XL.

DA JORNADA QUE FEZ GASPAR DE MELLO E ANTONIO PINTO DA FONSECA Á SERRA DE ASERIM, A PROVEL-A DE MANTIMENTOS E MUNIÇÕES.

A serra de Aserim, sita de Trapor pela terra dentro distancia de cinco leguas, que se possue por sua Magestade assim por segurança da muita madeira que por as terras circumvisinhas há, como tambem das de [1] Salsete e de Baçaim, e aldeias de Damão, padecia n'estas guerras grande falta de [2] mantimentos e munições, porque como ella por si não é mais que uma serra, tão alta e fragosa que com muita difficuldade póde ir uma pessoa acima sem levar mais que seu corpo, e no cume não tem mais que um circuito de obra de seiscentas braças em roda, não ainda em perfeita planicie, d'onde toda a ave, [3] por mais alta que vôe, se não vê senão pelas costas; sem ter em si mais que umas cisternas de agua da chuva, e algumas poucas arvores de fruito, com até vinte casados portuguezes e umas casas para o capitão, era necessario prover-se de fóra de tudo o que haviam mister para seu sustento. E assim determinaram Antonio Pinto da Fonseca, e Gaspar de Mello de lhe levarem os mantimentos e munições [4] que parecessem bastantes; para o que buscaram duzentas carretas, tiradas por bois dos moradores de Salsete, e levando-as em meio da gente de armas, foram marchando egualmente ao passo d'ellas por terra para a referida serra de Aserim; e como os decanis andavam tão accesos na guerra, e estavam por estes districtos em muita copia, acudiram logo a vêr se podiam romper as fileiras e desordenar os portuguezes, porém [5] acharam-n'os sempre com tanta cautela, que não tiveram logar nem atrevimento para os commetterem, não deixando de irem sempre ladrando, por vêr se achavam alguma occasião de fazerem lanço. Fo-

[1] Salsete e Baçaim — A.
[2] mantimento — C.
[3] por alta que voe — A.
[4] que fossem bastantes — A.
[5] acharam-nos com tanta cautela sempre — A.

ram os portuguezes andando até chegar [1] ao pé da serra de Aserim, onde, pelos cinco passos que tem e estavam n'este tempo com mui boas vigias, recebiam tudo o que lhes levavam. Deixando-os seguros com provimento necessario assim para o sustento, como para a guerra, porque isto lhes basta para viverem sem receio, por ser o sitio de sorte, que nem por assalto, nem outra alguma guerra se póde ter esperança, nem presumpção de a tomarem, se tornaram Gaspar de Mello, e Antonio Pinto com a mesma ordem com que haviam ido, marchando ao compasso do andar das carretas; onde, posto que os inimigos tinham e podiam ajuntar aventejadas copias de gente, e tão deliberados como andavam em os accommetter assim de pé como de cavallo, comtudo, não se determinaram ao fazer, parece que por conhecerem que pela fórma em que vinham os esquadrões dos portuguezes lhes custaria muito desordenal-os. E na verdade assim o representavam, porém não deixou de ser jornada esta de muito louvor, assim pelo trabalho d'ella, como por ser fóra da sombra de nenhuma fortaleza nem artilheria, senão pelas terras, tão largas, dos inimigos, onde com muita gente de cavallo e pé podiam fazer commettimentos de muito damno em os portuguezes, a não andarem tão assignalados [2] de seu ferro, postoque tambem o faziam sentir a elles o seu; mas a fama com que esta armada obrou as cousas referidas parece que não deixou discursar aos inimigos conforme o valor com que se mostravam nos arrabaldes de Baçaim, onde podiam ser menos ousados.

Chegaram á cidade de Baçaim Gaspar de Mello e Antonio Pinto com sua gente, e não mostrando as cousas necessidade alguma [3] que Gaspar de Mello houvesse de ir remediar com a sua armada, se sahiu com ella a correr a costa até Surrate, e d'ahi passando a [4] Goga, onde os da terra lhe tolheram a agua, e por não levar ordem do visorei para a fazer com as armas se satisfez com lhe tomar um paguel que vinha para a mesma cidade. O que vendo seus moradores mandaram dizer a Gaspar de Mello que se quizesse agua que lha dariam, com tanto que largasse o seu paguel; mas como a troca não era egual, se veiu com o paguel a prover

[1] ao pé de Asserim — A.
[2] de seu esforço — A.
[3] que houvesse Gaspar de Mello de ir — A.
[4] Gaga escreveram, por ignorancia, no exemplar — A.

a Damão, onde tambem se offereceu ao que fosse necessario obrar em o serviço de sua Magestade, e não havendo por então occasião nenhuma deu a vela, e se veiu andando para Goa, não deixando de fazer o mesmo em Baçaim e em Chaul, onde sahindo em terra e ao campo fez representação de sua gente aos mouros, que parece não estavam onde se dessem por obrigados a sahirem, porque os tinham feito os successos atrazados não tão prestes como d'antes estavam para virem logo a fazer guerra ao campo. E assim, embarcando-se Gaspar de Mello, se veiu com a sua armada para Goa, deixando por todo o Norte obradas as cousas referidas. Do que o visorei dom Hieronymo de Azevedo se deu por mui bem pago e satisfeito, e assim o recebeu [1] com mui particulares favores e honras, e prometteu de dar conta a sua Magestade do bem que o havia feito n'aquella armada, com que fizera aos inimigos mais guerra, e com melhores successos, do que se havia feito havia muitos annos n'este Estado. E porque a minha obrigação é referir tanto uns feitos como outros, não deixarei de dar razão do que n'este tempo aconteceu á armada de Dio, de que era capitão mór Francisco Sodré, o qual, por ordem e mandado de dom Manuel de Azevedo, que servia de capitão da fortaleza de Dio, foi a Cache [2] com doze navios e um sanguicel, que trazia da armada, para lhe dar um açoute, [3] pela soberba e desaforos d'estes negros; parecendo-lhe que o poderia fazer com a facilidade com que Gaspar de Mello castigou os de Por. E assim, chegando á enseada e cidade de Cache, desembarcou Francisco Sodré com obra de tresentos soldados portuguezes e filhos da India, dos que costumam a servir em Dio, e não achando resistencia na desembarcação, parecendo-lhe que assim haviam de achar a terra, se foram andando por ella para a povoação; porém os mouros que d'esta terra são regibutos, de corpos tão robustos e grandes, como não menos animosos, desviando-se do primeiro impeto dos portuguezes, se puzeram em cilada detraz de umas embarcações muita copia d'elles, e depois de passarem adiante e estarem bem alongados dos navios, lhe foram sahindo pelas costas e dando com grande impeto nos nossos, de ma-

[1] com particulares — A.
[2] com um sanguicel e dóze navios — A.
[3] pelos desaforos e soberba d'estes negros — A.

neira que os [1] desordenaram e fizeram virem-se recolhendo com muita pressa, ficando alguns entre os inimigos, que por mais que com as armas procuraram defender-se e offendel-os, como a multidão d'elles fazia escurecer a virtude dos poucos, não puderam deixar de [2] darem a vida, que sendo em defensa da lei de Deus e por mandado de seus superiores, ficaria sempre trocada com outra melhor, conforme nosso Senhor promette a quem leva sua cruz e evangelho por todo o mundo; entrando n'estes mortos, [3] parece que por justo juizo divino, Antonio Serrão, que havia sido capitão mór das manchuas em Chaul com dom Manuel de Azevedo e [4] servido mui bem n'ellas, e juntamente todos os mais seus companheiros que com elle se acharam no alevantamento e saltada, que fizeram com dom Francisco Rolim capitão de Chaul, na fórma que atraz fica referido; porque as leis, tanto divinas como humanas, querem e ordenam que aos capitães das cidades e fortalezas se tenha o respeito como quem representa a pessoa dos reis. Os mais soldados e capitães d'esta armada, juntamente com o capitão mór, se vieram retirando até a praia para os navios que n'ella deixavam, postoque apressadamente, não deixando de brigar, para se poderem defender de tantos inimigos, e tão ousados que com um [5] godorim embrulhado [6] no braço esquerdo e um terçado na mão direita se mettiam entre os portuguezes a brigar com tanto esforço, e pouco temerosos de feridas e mortes, como promptos e ligeiros para dal-as. E assim ficaram antes [7] suberbos do que castigados, e aos portuguezes mostrando-lhes a experiencia como se deviam haver com estes inimigos, sem nunca fazerem pouco caso d'elles, ainda que fossem de muito menos fortaleza que os regibutos; porque se quando os não viram defender-lhe a desembarcação, então foram com muito mais cautela, póde ser que não tiveram logar nem modo para os desordenarem. E assim embarcados se vieram para Dio, onde foram recebidos, postoque não com

[1] desorderam — A.
[2] dar — A.
[3] parecer — A.
[4] servindo — A. e C.
[5] guodorim — A.
[6] no braço, e um terçado — A.
[7] suberbos que castigados — A.

o applauso e festas que se fazem aos victoriosos, ao menos foi com o amor e provimento que pedia a necessidade dos feridos: porque as cousas [1] da guerra são tão varias e incertas, que assim como os bons successos d'ella não devem fazer descuidados e menos acautelados aos que os conseguem, tambem os ruins não devem tirar a esperança e animo para trabalhar de os poder melhorar.

CAPITULO LXI.

DOS MAIS CAPITÃES QUE SE PROVERAM NAS FORTALEZAS, E ORDENS QUE LEVARAM, E DO SUCCESSO DOS OITO SANGUICEIS MALAVARISCOS E ARMADA DO CANARÁ.

Como dom Manuel de Azevedo não servia de capitão da fortaleza de Dio mais [2] que na vagante de Sebastião de Macedo, que n'ella morreu, como atraz se tem referido, [3] em a vendo provída por sua Magestade requereu a entrancia n'ella, que se lhe concedeu. Foi este dom Pedro d'Almeida, a quem o visorei deu um regimento mui largo de como se havia de haver, particularmente por esta fortaleza de Dio, como situada na ilha pegada com as terras do Mogor, estar de guerra com elle, senão de todo aberta, ao menos sem communicação, e com receios de cada hora arrebentarem com ella em alguma de nossas cidades ou fortalezas, pela causa da nau de Meca, de que temos dado razão. E assim a primeira cousa que o visorei lhe encarregou foi que tractasse de pôr a fortaleza em fórma como se cada hora houvesse de ser commettida, procurando ter 'artilharia toda mui bem concertada em seus reparos, e mui bom provimento de munições, com limpa e luzida soldadesca; do que tudo lhe mandaria em chegando certidões [4] da fórma que ficava, para prover o que fosse necessario; e advertindo que por nenhum modo tractasse em mercancia com os naturaes vassallos do Mogor, nem mostrasse desejo de cafilas, se-

[1] de guerra — C.
[2] que vagante — C.
[3] em havendo provido — C. em a vendo provido — A.
[4] da forma em que ficava — C.

não só quando lhe fallassem n'ellas respondesse que se viessem de Cambaia, Goga, e dos mais portos do Mogor áquella alfandega, lhe fariam todo o bom tractamento; e quando se determinassem os mogores a mandal-as o fizesse assi com ellas, mas que por nenhum modo consentisse passassem lá portuguezes, nem fazendas suas, porque não fizessem presa n'elles, ou n'ellas, para que depois pedissem grandes satisfações da nau tomada; e quando elles mandassem [1] alguma cousa sua poderia então consentir fossem lá baneanes, ou mouros, por quanto maiores rigores e prohibições n'isto tivesse, *mais* obrigaria aos naturaes *a que* tornassem mais depressa ao commercio antigo, sem o qual era certo não podiam viver; e pelo contrario se iriam esfriando de o fazerem com amisade e paz declarada, se houvesse algum [2] subrepticio; ordenando que nenhuma pessoa da armada da costa desembarcasse em terra do Mogor, nem a fazer agua, senão quando fosse muito necessaria, e com as armas na mão, sem arriscar para isto mais que alguns marinheiros e andando sempre com toda a prevenção, assi contra parós, como quaesquer naus do Mogor que podessem encontrar sem cartaz, ou de seus vassallos. E como o sangue sempre faz seu officio, lhe encommendava o visorei particularmente se houvesse com dom Manuel de Azevedo, seu parente, em quanto alli estivesse, com toda a boa correspondencia, e tomasse seu parecer e conselho em todas as materias que se offerecessem, como quem devia ter mais experiencia d'ellas, e particularmente das da guerra onde era tão versado; até que se offerecesse occasião de o mandar com armada lançar em Baçaim, para se vir a Goa a servir sua Magestade. Como em effeito fez, e procurou dom Pedro de Almeida dar em tudo inteiro cumprimento a estas ordens e regimento do visorei.

Na cidade de Baçaim estava por capitão d'ella Manuel de Andrade Beringel, fidalgo de conhecido valor, e como nas guerras, em que actualmente estava com o Melique senhor da terra, assistia por capitão mór d'ellas Antonio Pinto da Fonseca, para escusar contendas e differenças, que sempre entre dois que governam se costumam exercitar, mandou o visorei a cada um seu particular regimento da jurisdicção que tinha e onde havia de ser obedecido, para que conforme a elle se governasse, e

[1] alguma cousa poderião — A.
[2] surriticio — C.

não houvesse allegar ignorancia em cousa que se offerecesse de jurisdicção e mando; porque *o de* cada um continha o regimento mui distinctamente, ordenando a Manuel de Andrade fosse obedecido de todos os moradores e casados da cidade como capitão d'ella, dentro da qual poderia trazer bandeira de Christo, e ordenar em [1] seu governo tudo o que lhe parecesse necessario, e conveniente ao serviço de sua Magestade, sobre o que poderia fazer conselho todas as vezes que lhe parecesse, onde o capitão mór da guerra seria obrigado a se achar; porém ainda *que* nas vigias dos muros, e outra qualquer occupação, se servisse o capitão da cidade de alguma gente do presidio e guerra, que lhe daria o capitão mór d'ella quando [2] lha pedisse, sempre [3] na tal occupação estaria sujeita [4] ao seu capitão mór, a que d'antes o era.

E pelo mesmo modo ordenou o visorei a Antonio Pinto da Fonseca que a sua jurisdicção e mandado fosse sómente sobre a gente de guerra do presidio e seu districto, tanto dentro na cidade, como no campo, e nas sahidas, que fizesse a elle, levasse a bandeira de Christo, como capitão mór que era, mas não a desenrolaria dentro na cidade, porque [5] isto era só do capitão d'ella; e que sendo-lhe alguns casados necessarios para qualquer occasião, pedindo-os ao capitão da cidade lhos daria, e em quanto lá andassem obedeceriam a Antonio Pinto da Fonseca, como seu capitão mór que era; e pelo conseguinte seria tambem obrigado o capitão da cidade a achar-se em todos os conselhos que Antonio Pinto fizesse sobre [6] a guerra de que era capitão mór. O que ordenou assim o visorei, com estas e outras mais particulares distincções, conhecendo bem quão necessario era, assim pela natureza de Manuel de Andrade, que elle tinha por inquieta, como pelo que havia já succedido em Chaul entre dom Manuel de Azevedo e dom Francisco Rolim, para que lhe [7] não impedissem pontos o serviço de sua Magestade, que em similhantes occa-

[1] seu serviço tudo — A.
[2] lhe — C.
[3] na tal occasião e occupação — A.
[4] ao capitão mór — A.
[5] isto só era do — A.
[6] a guerra, o que ordenou — A.
[7] não impedissem o serviço pontos que em similhantes — A.

siões podem causar grandes e irreparaveis damnos; o que, comtudo, não foi bastante para os atalhar, como a seu tempo se dirá.

Os oito sanguiceis malavariscos, que despediu Francisco de Miranda da barra de Goa para o Norte, iam com tres capitães móres, para servirem cada um sua semana, convém a saber: Lopo de Sousa, Ignacio de Azevedo, [1] e João de Mello de Castro. E postoque se fizeram com nome de aventureiros, para andarem soltos em busca de parós, com particular regimento que lhe deram de não accommetterem mais de oito, achando-os ao mar, (porque então brigam até esgotarem a derradeira gota do sangue, e como não póde ser senão muito á custa dos que assim os renderem, não queria o visorei arriscar tanto os soldados) nem mais de dez, estando á terra; comtudo, por falta da armada do Norte, por andar lá occupada nas guerras, levaram estes oito navios uma cafila bem grande para elle, e indo entre Dabul e Dandá houve novas que em Dandá estavam vinte parós esperando para dar na cafila. Ao que Lopo de Sousa, que então era capitão mór, [2] preveniu armando mais quatro navios chatins com os portuguezes que iam por todos os outros, e mandou um soldado, chamado Manuel Pessoa de Carvalho, de valor e confiança, fosse diante n'uma almadia descobrindo, a vêr [3] se achava os parós. E não encontrando nada, foram passando por Dandá de noite, e chegaram a Baçaim, onde entregaram a cafila á armada de Dio, e de Baçaim tornaram para Goa, trazendo muitos navios novos, uma galé e mais cafila, que foi causa de não tomarem alguns parós, porque encontrando-os e dando-lhe caça, postoque os iam entrando, como viam que a cafila [4] lhes ia desamparada, voltavam a ella por não perderem o certo pelo duvidoso, [5] importando muito mais um só navio que poderiam tomar d'ella, que muitos parós que tomassem. E chegados a Goa a salvamento tornaram a voltar a Baçaim com alguns navios de cafila e [6] provimentos, (que como estava de guerra era necessario provel-a de Goa) onde chegando sahiram

[1] e Simão de Mello de Castro — A.
[2] prevenia — A.
[3] se havia os parós — A.
[4] lhe ia — A.
[5] importando mais — A.
[6] mantimentos — A.

duas ou tres vezes ao campo a brigar com os decanis, d'onde se recolheram sempre com a melhor; e já no fim do verão se vieram para Goa, trazendo tambem muitas embarcações dos portos do Idalcão, e na bocca do rio de Sifardão tomaram um paró, onde mataram com um pelouro perdido a Antonio Tavares, soldado esforçado, e fizeram varar outro. E chegando a Goa no fim de abril d'este anno de 614, querendo o visorei tornal-os a mandar invernar ao Norte para ficarem assistindo nas guerras, lhe fugiram os marinheiros, de que o visorei se sentiu de maneira que mandou prender aos tres capitães móres nomeados, parecendo-lhe tiveram alguma culpa n'isso: com que se desfez a armada. Os cinco capitães, que foram mais com estes tres n'estes oito sanguiceis, foram [1] Antonio de Prezença, Diogo de Brito, Bernardo Malheiro, Miguel Ferraz, Manuel Freire de Andrade.

Dom Hieronymo da Silveira, capitão mór do Canará, chegando a Cananor para trazer duas jangadas de madeira [2] importantes para a ribeira dos navios, tiveram os seus soldados em terra differença com os mouros, onde houve logo chegarem ás armas, e vendo os quatro navios e o sanguicel a briga em terra, acudiram logo aos pagueis e mais embarcações que estavam na bahia, dos mouros, indo-lhe cortando os cabos, e trazendo-os para fóra, e matando e ferindo aos mouros d'elles, que se lançavam ao mar para se acolherem para terra. E d'esta sorte, postoque os mouros tinham recebido muito damno, elles mesmos vieram a pedir concerto e paz, sem haver falar-se em satisfação, pelo maior mal que podiam ainda receber na detença d'ella; e trazendo a madeira com outras cafilas de mantimentos se recolheu a Goa, com que ficou mui bem provida de todo o necessario.

[1] Assim vêm em ambas as copias.
[2] importante — A.

CAPITULO LXII.

DA VINDA DA FROTA DOS GALEÕES DA CHINA, E DE COMO CHEGARAM A MALACA E GOA A SALVAMENTO, E DO PROVIMENTO QUE FEZ O VISOREI COM A GENTE D'ELLES NAS GUERRAS DO NORTE.

Miguel de Sousa Pimentel e João Caiado de Gamboa, que chegaram á China como temos apontado, como a nau [1] de Japão não fez viagem pela causa da tormenta referida, houveram que não era necessario esperarem pela feira de Cantão, e assim, negociados os mercadores com as fazendas d'ella e as mais que havia na terra, tractaram de se partir em novembro do anno passado de 613, conforme o visorei lhe encarregava, sobre tudo que nenhum dia de dezembro tomassem na China. E assim, postoque a frota de Miguel de Sousa com tantas invernadas em Malaca e na China, e a de João Caiado com a perda do galeão de João Rodrigues Camello, que era a sua nau de prata, que levava os mais dos mercadores e cabedal, ficaram estas duas frotas [2] mui diminuidas do muito que podiam vir acrescentadas, comtudo, pelas grandes riquezas [3] de Macau e grossura do tracto d'ella, ainda vieram arrasoadamente ricas; e assim fazendo-se á vela em novembro, como temos dito, vieram seguindo sua viagem com bom tempo, como é ordinario n'esta monção do cedo. Não achando no estreito inimigos, nem cousa que fizesse impedimento, chegaram a salvamento a Malaca os ditos seis galeões da armada, e mais algumas embarcações de mercadores; onde Antonio Barreto da Silva lhe deu em mui breve tempo todo o aviamento necessario do despacho das fazendas, pelos modos que lhe pareceram mais convenientes para se não desemcaminharem os direitos, que é o que levava mais encarregado pelo visorei; e elle o conseguiu inteiramente obrigando aos mercadores, com todo o favor e facilidade para seus despachos, a que quizessem antes pagar os direitos a sua Magestade, do que buscar outros caminhos de os

[1] do Japão — A.
[2] mui bem diminuidas — A.
[3] de Machao — A.

desfraudarem, pois sempre eram de mais trabalho e risco; e assim fizeram isto, e no apresto de tudo o mais que lhes era necessario só nove dias de detença depois da chegada da China até á partida para Goa, em os quaes fez Antonio Barreto pagamento, com notavel trabalho e inteireza, de todos os [1] quebramentos de dividas que levava feitos pelo visorei, com que ficando todos satisfeitos, [2] e assim a fortaleza e cidade de Malaca mui bem provida, se fez á vela para Goa com treze embarcações, entre [3] as de armada e mercadores, e vindo com tão boa viagem chegaram ao cabo de Comorim, onde acharam Affonso Vaz Coutinho, capitão mór d'elle, que os estava esperando ás voltas d'elle até ás barreiras de Reringão, como levava por ordem, e que se as galeotas viessem primeiro que os galeões, as detivessem até á chegada d'elles, para que todos juntos se viessem para Goa, sem tomar Cochim, pelas razões já ditas; assim que não tomassem terra senão de Panane para cima, onde a armada lhe servisse [4] de fazer aguada e tudo o mais de que tivesse necessidade. E como Francisco de Miranda tambem andava de Cochim para baixo [5] esperando por esta frota, conforme o mesmo regimento do visorei, que levava, a encontrou antes de Coulão, e se foi [6] a ella e deu aos capitães móres as cartas que levava do visorei, em que lhes ordenava o mesmo, sobre não tomarem Cochim; em cujo cumprimento se fizeram todos á vela caminho de Goa, deixando Francisco de Miranda a Affonso Vaz Coutinho no cabo com quatorze navios dos da sua companhia, para trazer as cafilas da costa de Coromandel e Tutucorim para a cidade de Cochim. E elle se veiu com esta frota da China, servindo-a e ajudando-a [7] em tudo que lhe foi necessario até chegar a Goa a salvamento n'este presente anno de 614; onde [8] foi mui bem recebido e o visorei ficou mui alegre, assim das muitas fazendas que entraram, de cujos direitos esperava poder sup-

[1] quebrantamentos — A.
[2] e assim fortaleza — C.
[3] os — A.
[4] para fazer — A.
[5] esperando esta — A.
[6] a ella dando — A.
[7] em tudo que lhe fosse — C.
[8] foi bem — A.

prir os grandes gastos da guerra e armadas, que lhe era forçado fazer, como pela muita soldadesca que viera nos galeões e mais embarcações, todos homens de experiencia e valor, para o que os ajudava não pouco o como vinham luzidos com as riquezas da China e todo o Sul; soccorro de mais consideração do que as naus que tinham faltado do reino, com que ficou supprindo mui adiantadamente sua falta.

Affonso Vaz assistiu no cabo de Comorim até trazer as cafilas da dita costa de Coromandel e Tutucorim, que eram n'este tempo de muita copia de embarcações carregadas de toda a sorte de fazendas e mantimentos, com que chegou a Cochim a salvamento, onde entrando na barra, por assim lho conceder o visorei em seu regimento, fez [1] aprestar a cafila, com que chegou a Goa nos primeiros de maio d'este presente anno, sem lhe succeder cousa que peça particular menção. Os capitães que mais foram com elle são, João Pinto Pereira, dom Miguel Pereira, Bartholomeu de Quadros, Nuno Alvares Teixeira, Theodosio de Oliveira, Domingos de Abreu, Thomé de Valadares, João da Costa de Menezes, Antonio de Abreu Toscano, Christovam de Brito, Simão Ferreira, Antonio de Almeida, Miguel Mansilha, os quaes tres ultimos eram periches.

Em Chaul se continuava a guerra com o Melique, em que Ruy Freire, capitão mór d'ella, se havia com todo o esforço e bom modo, como [2] ao principio que tomou posse d'ella começou a despol-a e [3] governal-a, e sahindo outras muitas vezes ao campo aos mouros, que tambem a elle vinham com duas peças de colher diante, desejava grandemente Ruy Freire tomar-lhas. Vieram uma vez com ellas, e Ruy Freire lhe sahiu. Estando todos á vista, mandou ao capitão da dianteira, Pedro Gomes o Villão, désse santiago nos inimigos, e respondendo-lhe elle que não tinha gente para o fazer, lhe tornou a mandar dizer Ruy Freire que désse santiago de qualquer sorte. E n'isto lhe deram uma espingardada pela barriga, da parte esquerda, e soando logo que feriram ao capitão mór mostraram os portuguezes modo de se querer retirar sem ordem. Ao que Ruy Freire acudiu, bradando: «Santiago, soldados! Aqui estou.» Com que os fez parar e pôrem-se a bataria com os mouros, e elle se cobriu

[1] apressar — A.
[2] a principio — A.
[3] ordena-la — A.

com uma capa, e se poz a passear até á noite, em que os seus se recolheram com ordem, e elle a curar; conhecendo-se então mais seu valor, porque chegou a estar muito mal d'esta espingardada, e no entretanto foi correndo com o presidio e guerra dom Francisco Rolim, capitão da fortaleza, o qual nos recontros que teve com os mouros, que foram tres ou quatro, lhe não succedeu desastre, nem houve desordem mais que darem-lhe uma espingardada por uma [1] perna, com que só [2] lha roçaram, de que lhe tiraram algum sangue. Com que ficou mais gentil homem e acreditado com os moradores de Chaul, do que tachado de ter soffrido muito aos mouros antes de romper com estas guerras.

Antonio Pinto da Fonseca, que assistia em Baçaim com o logar que dissemos, e tinha [3] nos rios de Taná a Francisco Pinto Pimenta, seu parente, por capitão mór d'elles, com uma galeota em que elle andava, e mais seis sanguiceis, de que eram capitães Diogo Freire, Cosmo do Couto, Manuel de Miranda, Francisco Gomes, e outros que não alcançámos, o mandou em março d'este presente anno a Chaul, por dentro dos rios, lançar uns frades que era necessario passarem; e tornando-se para entrar por Mombaim, lhe sahiram doze parós e os foram seguindo á vela e a remo, e como não levava mais que a quatro e cinco soldados em cada sanguicel, receou Ruy Freire tendo vista d'elles algum mau successo, e assi mandou com muita brevidade picar o sino da cidade e ajuntar toda a soldadesca na praia, onde metteu a mais que pôde em seis navios chatins, que alli estavam carregados, de Congo, e a dom Lourenço Soutomaior por cabo d'elles, e os mandou soccorrer a Francisco Pinto. Foram os navios á vela e a remo direitos aos parós, com que tambem os sanguiceis voltaram sobre elles, que como não viram tão bom partido [4] viraram a fugir caminho de Dandá, d'onde tinham sahido; e os foram os nossos seguindo, até os metterem pelo rio dentro, e os metterem á sombra da fortaleza dos mouros, onde lhe não podiam fazer mal sem o receberem maior. Os mouros de Chaul de cima, vendo como Ruy Freire despedia os navios de gente em busca dos parós, vieram logo correr o

[1] Falta a palavra perna no codice — C.
[2] lhe — C.
[3] no rio — A.
[4] botaram a fugir — A.

campo, a que Ruy Freire acudiu com os poucos que tinha, vestido á cortezã como estava, e se foi metter com elles nas casas que foram de Gomes de Abreu, passante a Madre de Deus, que não tinham mais que as paredes; e passando os mouros lhe sahiu pelas costas com grande grita, e foi dando n'elles, onde um, derrubado já do cavallo, lhe havia de cortar as pernas, se elle descendo o estoque lhe não reparara o golpe; porém foi morto [1] este e outros. Onde Pero da Costa Botelho se esmerou como bom soldado que era, recebendo duas cutiladas á custa de muitas que deu nos mouros com bem maior damno do que n'elle fizeram, porque depois de deixarem alguns mortos se recolheram, e os nossos sem nenhum menos. Com o que andavam com a mão tão leve, e os animos fóra de todo o temor que o exercicio da guerra e mortes lhe podia causar, que, como já fica dito, sahiam ao campo com [2] mais alvoroço do que tornavam para a cidade, por onde entravam ordinariamente tão gentis homens, com as cabeças dos mouros pregadas nas lanças, e banhados em seu sangue, que não menos os formoseava do que ás vezes o proprio das feridas que recebiam; [3] com que tambem o amor fazia n'estas duas cidades suas batalhas, do que succediam tão varios casos, que, se entre as armas elles tiveram logar, puderam ser de particular entretenimento d'esta historia.

Succedeu em Baçaim n'este março de 614, que por algumas desordens que os soldados causavam na cidade, como é ordinario onde ha milicia, querendo o ouvidor prender a um, que andava homisiado, lho tiraram os outros das mãos com violencias, sem o capitão mór da guerra, Antonio Pinto, haver acudido a isto. Com que o capitão da cidade, com acordo da camara d'ella, tendo o capitão mór sahido ao campo a um rebate dos mouros, lhe mandou recado ao tempo que se vinha recolhendo, que deixasse os soldados fóra, [4] porque a elle só se havia de consentir recolher-se dentro na cidade; e replicando elle com os inconvenientes que havia para deixar toda a gente fóra, quando tinha provido bastantemente os presidios da necessaria, como até então se fizera, e não

[1] este e os outros — A.
[2] maior — A.
[3] com que o amor fazia tambem — A.
[4] por que elle só — A.

havia logar em que os mais se recolhessem, com que poderia dar-se-lhe occasião a se irem, ficando justificados com esta exorbitancia de os haverem lançado fóra, estando elles alli para guarda e defensa da cidade, [1] ao que tambem ajuntou outras razões de não menos conveniencia que estas, porém nenhuma [2] d'ellas foi bastante para o capitão da cidade e mais povo se levarem a lhe abrirem as portas. E assim se tornaram para os palmares, despedindo logo uns e outros aviso ao visorei, e mostrando Antonio Pinto como o soldado de que se tractava não era dos obrigados ao presidio, senão extravagante, e que comtudo acudira e o achara já recolhido n'uma egreja, e que na volta dos que o tiraram da mão do ouvidor entraram tambem alguns moradores da cidade. Sentiu particularmente isto o visorei pela occasião que se abria a um mau successo, estando a dita cidade cercada de tantos inimigos; e assim propondo [3] a materia no conselho de estado e dizendo n'elle como Manuel de Andrade Beringuel, capitão de Baçaim, estando por capitão da cidade de Columbo, e elle visorei por geral, o obrigara já, com similhante inquietação *em* que andava com a gente da conquista, a despol-o do dito logar; e que era cousa antiga proverem-se nas fortalezas capitães particulares para a guerra, sem embargo de os terem proprios, por estes attenderem mais a seus interesses que á conservação d'ellas; e considerando-*se*, por todos, os caminhos que por aqui se abriam a grandes desastres, e como o talento de Manuel de Andrade não era capaz para se lhe poder fiar tudo, e, ainda que o fôra, já não convinha que da desordem que commettera lhe resultasse este melhoramento; e assim por ser pretenção que já fora d'esta cidade, e sobre que tinha escripto muitas vezes, como de por quão prejudicial exemplo seria para [4] outros haverem que tambem se poderiam melhorar pelo mesmo modo, e o grande escandalo de que fôra a materia commettida com tanto excesso por parte de Manuel de Andrade e dos da cidade, e merecedora de se fazer com ella toda a demonstração: assentaram que se mandasse suspender da dita capitania ao dito Manuel de Andrade, em quanto a guerra durasse, pondo-se n'ella pessoa que

[1] ao que ajuntou tambem — A.
[2] d'estas — A.
[3] a materia d'ella no — A.
[4] outros o haverem — A.

[1] attendesse só ao governo dos muros a dentro, e quando o capitão mór sahisse ao campo vigial-a e defendel-a; porque só d'esta maneira se ficaria fóra do cuidado que a segurança de similhante praça pedia, e devia dar em taes procedimentos e divisões, e se faria a demonstração que o caso merecia, com exemplo para outros se [2] conterem, e não pôrem assim em contingencia as fortalezas e cidades com gente que se achava com as armas na mão; sendo-lhe de particular louvor o soffrimento e modestia [3] com que tomaram esta semrazão dos que deviam esperar mercês e beneficios. E assim mandaram vir a Manuel de Andrade para Goa, ficando em seu logar um fidalgo; onde Gaspar Pereira, a quem cabia a entrancia, começou a litigar para ir entrar na dita capitania de Baçaim, e tendo já sentença da Relação por si, não quiz o visorei dom Hieronymo senão que tornasse Manuel de Andrade a acabar de servir os seus tres annos; parecendo-lhe bastante castigo o vir a Goa desposto, e porque já no tempo que havia de tornar eram as guerras acabadas, de sorte que não militavam as razões por onde fôra Manuel de Andrade desposto.

CAPITULO LXIII.

DOS PROVIMENTOS QUE FEZ O VISOREI ÁS CIDADES DO NORTE QUE ESTAVAM EM GUERRA, E DOS QUE N'ELLES ORDENOU ANTES DA ENTRADA DO INVERNO D'ESTE ANNO DE 614.

Achando-se o visorei com a gente do Sul e das armadas da costa, que se haviam recolhido a Goa, determinou mandal-a invernar toda ao Norte, para ficar assistindo nas guerras do Melique, e tambem se o Mogor quizesse intentar alguma novidade, como se já tinha receio que o fizesse; e assim em quatorze navios chatins mandou metter quinhentos soldados com os capitães logo nomeados que haviam de ser das estancias, [4] os quaes foram dom Diogo de Sousa, que deu com o navio em que ia nos Ilheus

[1] só attendesse ao — A.
[2] absterem — A.
[3] com tomaram — C.
[4] dos quaes — A.

Queimados, (por querer passar entre elles de dia) em uma lagem que que está coberta de agua, aonde se quebrou, e elle com os seus soldados se foi para terra, e estiveram n'ella reteúdos perto de dois mezes, até que os largaram e deixaram vir para Goa; Francisco Pereira de Barredo, Jacome de Mello Pereira, Sebastião de Mendonça Furtado, Antonio Furtado, Balthasar de Chaves. Bernardo Malheiro, Hieronymo da Costa, Antonio de Abreu, Thomé de Valadares, Miguel d'Almeida, Bartholomeu Coelho, João da Costa de Menezes, Alvaro Lobo, Francisco Cardoso, Bernardo Varella, Luiz da Cunha, Pero de Mesquita, Manuel de Moraes, Manuel de Andrade, Nicolau de Abreu. Os fidalgos que foram n'esta companhia são os seguintes: João de Abreu de Lima, Manuel de Sampaio da Silva, Antonio da Costa, Antonio Machado de Carvalho, Miguel Nunes de Carvalho, Luiz de Moura Rolim, Francisco Giraldes, [1] João Teixeira de Magalhães, Duarte da Silva, Antonio de Sousa de Lima, João Gomes de Abreu, Diogo Pereira, [2] Christovam Pereira de Barredo, e dom Vasco da Gama, o qual foi por capitão mór da gente de guerra de Damão, com mais tres estancias: a de Luiz da Cunha, Francisco Cardoso de Almeida e a de Bartholomeu Coelho Sodré. Os mais capitães se repartiram em Chaul e Baçaim, e por Taná, e todas as tanadarias do districto da cidade de Baçaim, ficando em Chaul mais duzentos soldados, assim com os seus capitães que vinham de Goa, como com outros que de novo se fizeram, como foram Francisco de Almeida, Simão Velho e outros [3] cujos nomes nos não puderam vir á noticia.

Mandou juntamente o visorei ordem para se armarem em Chaul quatro manchuas que andassem na guarda dos rios, que havia tempo estavam desarmadas por falta de gente; como em effeito se armaram e se fez capitão de uma, e maior das outras, Antonio Rodrigues, Francisco Petara, [4] Pedro Alvares, por alcunha o Quatro-olhos; que começaram a andar no rio e fazer n'elle muitas guerras, reformando-se de gente conforme a occasião a que iam.

[1] João de Magalhães Teixeira — A.

[2] Christovam Pereira Barreto — A. Mais adiante vem Christovam Pereira de Barredo tambem no exemplar — A.

[3] cujos nomes não puderam — A.

[4] Pedralves — A.

Em Baçaim se reformou o presidio com estes soldados que lhe mandou o visorei a cargo de dom Francisco de Menezes, ficando a estancia do capitão mór de sessenta soldados, afora os mais capitães que foram de Goa; com que mandou fazer uma tranqueira da derradeira ponta do chalé de Marcos Rodrigues até o mar, com palmeiras entulhadas, a respeito da gente de cavallo não passar d'alli para dentro, d'onde ficavam muitos christãos da terra, e uma povoação de pescadores e outra gente mesquinha. N'este chalé ficou assistindo com sua estancia Francisco Pereira de Barredo, e d'ahi té o mar dois capitães mais com suas estancias, um d'elles chamado Luiz Pinheiro de [1] Marym, e outro F. da Fonseca. Em nossa Senhora dos Remedios ficou assistindo um capitão chamado [2] Pero Gomes Correia, com poucos portuguezes e alguns homens da terra. Com o que ficou este districto mui ordenado e provido para se continuar a guerra com a segurança dos mesquinhos, e modo que se não abrisse logar a nenhum ruim successo.

Chegando [3] em 613 novas e ordem a Malaca, como atraz dissemos, a Manuel Mascarenhas Homem, que assistia por capitão geral [4] de mar e terra da gente de guerra d'esta fortaleza, como lhe ia Diogo de Mendonça por successor ao logar, se veiu para Goa logo na mesma monção de 613, e estando em Goa com mui boa reputação e nome, conforme as muitas partes de esforço, liberalidade, e outras similhantes que n'este fidalgo concorriam, tractando o visorei dom Hieronymo de Azevedo de prover a ilha de Ceilão de capitão geral, por lhe parecer que dom Francisco de Menezes Roxo o era sómente para a vagante que até então tinha servido, tendo-se offerecido para este logar [5] dom Diogo Coutinho, capitão de Cochim, (e o visorei lho dava com muita vontade, e depois se desavieram com o que pedia dom Diogo, dizendo o visorei não estar em tempo para lho dar) poz os olhos em Manuel Mascarenhas, que em todas as occasiões em que tinha servido n'este Estado se havia mostrado com o valor e prudencia necessaria, particularmente nas de terra, e em

[1] Mary — A.
[2] Pedro — A.
[3] no anno de 613 — A.
[4] do mar — A.
[5] dom Francisco Coutinho — A. E' erro, e deve-se lêr D. Diogo.

cuja guerra o tinham por mui pratico; e praticando com elle o visorei sobre as cousas de Ceilão, mostrando que desejava mandar-lhe um geral que tractasse, e [1] mui de veras, de dar fim á sua conquista, se lhe offereceu a isto Manuel Mascarenhas, é o visorei lhe lançou mão do offerecimento, parecendo-lhe que assim Manuel Mascarenhas como o serviço de sua Magestade ficavam com egual melhoria. E assim o mandou no fim de abril d'este presente anno de 614 em um patacho com septenta soldados, onde iam Antonio de Moura de Brito, [2] Diogo d'Ouzoro Coutinho, fidalgos, e Francisco de Oliveira e Balthazar de Chaves por capitães de estancias, e mais dois fidalgos, Joséph Pereira de Sampaio e Simão Pereira de Sampaio, que sem paga o quizeram acompanhar.

Fez o visorei um largo regimento a Manuel Mascarenhas do como se havia de haver em Ceilão, assim pela muita experiencia e conhecimento que tinha de todas as materias da ilha, tanto [3] da guerra, que eram as principaes, [4] como as do mais governo; e depois de lhe dizer até a navegação que havia de fazer para poder chegar a Columbo, Negumbo ou Calpety, lhe disse, que tomando posse do logar, se não detivesse em Columbo, nem fizesse [5] conta mais de que tinha alli uma despensa do necessario, porque a sua assistencia toda havia de ser na Maluana, para que a gente da ilha soubesse tinha alli quem os [6] governava, por ser parte onde [7] vem deferir os caminhos das mais partes da ilha. E aqui lhe encommendava désse mesa a todos os capitães, fidalgos e mais hospedes, que o iam demandar, ou para seus requerimentos, ou para visitas; porque, como na Maluana não havia estalagens, convinha que na casa do capitão geral houvesse [8] sustento para todos continuamente, como fizera sempre o mesmo visorei estando n'este logar.

[1] mui bem de veras — A.
[2] Diogo d'Ozorio Coutinho — A.
[3] de guerra — A.
[4] como das mais do governo — A.
[5] conta de que tinha — A.
[6] governasse — C.
[7] vem alli deferir — A.
[8] susto — C.

E assim tambem lhe lembrava tractasse em primeiro logar das cousas de nossa religião, e conversão dos gentios; porque a principal causa que moveu aos reis precedentes a metterem tanto cabedal na conquista d'esta ilha foi a conversão dos [1] naturaes d'ella, que como gentios não repugnavam tanto receberem a lei de Christo nosso Senhor, postoque no guardal-a, [2] e ainda tambem na fé, tivessem depois algumas faltas; porém que o mais efficaz meio para isto era o poder e força, e verem-nos victoriosos, e logo a pureza devida e guarda da [3] justiça distributiva, em que devia ter gram cuidado nos dissavas, que são as cabeças da gente preta e senhores das aldeias, porque no que estes usassem com os chingalas [4] consistia muita parte da obediencia, quietação e conservação d'elles. E assim, por evitar os termos ordinarios, tão vagarosos, de nossas demandas e causas, tinha ordenado o visorei, quando foi geral, uma junta na Maluana, de chingalas nobres e experimentados, com os motiares d'elrei, que todos chegavam a oito, dos quaes ás vezes faltavam alguns, mas nunca eram menos de quatro, que determinavam todas as demandas e causas dos chingalas, e sendo caso grave o vinham sentenciar com o geral, e quando não o fizessem per si; em cuja fórma lhe mandava que tambem corresse.

Conhecia mui bem o visorei a natureza dos soldados de Ceilão, de quão soltos e atrevidos eram, pelo que lhe a elle tinha acontecido com elles; e assim ordenava a Manuel Mascarenhas os castigasse com rigor, para que sentissem imperio; e particularmente as fugidas por terra, para que se não [5] desangrassem todos por este caminho. Para o que lhe apontava quanto convinha ter sempre de sua facção os de mais brio e opinião, e que tivessem mais amigos, para que com estes senhoreasse facilmente todos os mais. E em particular lhe encommendava castigasse com rigor o mau costume, que os soldados d'esta ilha tinham, de se lançarem pelas aldeias vagabundos, obrigando aos pobres lavradores a lhes darem de comer, e muitas vezes do que não tinham, e a voltas d'isto os

[1] naturaes que como — A.
[2] e tambem — A.
[3] justiça da vida, em que — A.
[4] consentia — C.
[5] desengrasem — A. e C.

roubavam, chegando tambem a lhe forçarem mulheres e filhas; o que faziam não só os soldados, mas tambem os casados senhores das aldeias, vidanas, e dissavas; do que nascia fugirem os negros [1] similhantes sem-razões e forças, e irem-se viver por mattos e serras, despovoando as aldeias, e deixando-as muitas vezes por semear; o que era em grave perda e damnificação das terras, além do grande escandalo e odio entranhavel que concebiam d'isto contra o governo portuguez: mostrando-lhe como d'aqui nasciam os mais dos alevantamentos, postoque tambem dizia que esta nação chingalá tinha por cousa mui usada e facil passarem-se ao inimigo, tornando-se tambem com a mesma facilidade; o que sobretudo lhe encommendava o visorei procurasse evitar, trazendo grande vigia sobre as cabeças costumados a isto, para os mandar matar, não publicamente, por não fazer espanto e temor aos mais, não deixando todos de ser culpados, senão em secreto, que, posto depois o soubessem, o levavam de melhor modo. Por onde o visorei disse que tinha consumido grão quantidade de chingalas bandoleiros e alevantados.

CAPITULO LXIV.

DO QUE MAIS ORDENOU O VISOREI A MANUEL MASCARENHAS, DO COMO SE HAVIA DE [2] HAVER EM TODOS OS PARTICULARES DA GUERRA, E DE COMO MANDOU LOPO SARMENTO DE SOCCORRO A MALACA, E DEPOIS JOÃO PINTO DE MORAES COM O AVISO QUE VEIU DE SUA MAGESTADE.

O modo que dom Hieronymo dava a Manuel Mascarenhas para poder fazer a guerra de Ceilão como convinha, era só mostrar [3] a sórte de que elle a fazia, que como não havia com quem se tivesse, mais que dentro em Candia, ficava sendo mais trabalhosa, pelo sitio da terra montuosa e terem os inimigos onde se acoutem, mettendo-se pelas terras e logares intractaveis; por cujo respeito ia continuando com guerra, entrando em Candia duas vezes no anno com todo o exercito, para assim os ir consu-

[1] de similhantes — A.
[2] haver nos particulares — A.
[3] de sórte que ella a fazia — C.

mindo e gastando com mortes e captiveiros da gente, diminuindo-lhe os mantimentos, e fazendo passar todo o gado para as nossas terras; e no verão gastava lá sempre os mezes de janeiro, fevereiro e março, e em abril se recolhia, quando as chuvas o não deixavam campear; porque, se lhe davam logar a isso, se deixavam lá andar até outubro, para com este genero de guerra estancar e consumir aquelle reino, até o despovoar de todo, ordenando que a nenhum macho de quatorze annos para cima se désse vida. E n'esta fórma aconselhava a Manuel Mascarenhas fizesse a guerra; advertindo-lhe que em Candia nunca dividisse o seu arraial por mais espaço que de um dia, para que [1] á noite se tornasse logo ajuntar. E inda isto quando se entendesse andar o inimigo afugentado e afastado d'elle, porque não sendo assim nunca lhe convinha dividil-o, nem fazer jornadas compridas, antes caminhar com tal ordem que a dianteira pudesse ouvir a briga da retaguarda, succedendo havel-a; porque a terra de Candia, dizia dom Hieronymo, era mui perigosa, e a gente d'ella mui importuna, e que sabia executar qualquer occasião boa, se a fortuna ou nosso descuido lha offerecesse.

A gente preta lhe mandava trazer repartida em quatro cabeças, porque assim era necessario pera os ter a seu mandar, e acudirem com mais pontualidade, e sua Magestade ficaria melhor servido; e para estas cabeças buscasse pessoas de valor e experiencia, como eram [2] os que o mesmo dom Hieronymo tinha providos, particularmente Simão Correia, e Luiz Pinto; para o que lhe ordenava fizesse logo uma resenha de toda a gente preta pelos [3] roes do seu tempo, e não menos das armas de toda a sórte, pagando a cada lascarim um larim, [4] e aos araches, que são os capitães, dois, com que nenhum ficaria que não [5] parecesse; fazendo-as depois mui continuamente, para que a falta do exercicio os não fizesse descuidados, nem [6] désse logar para se consumirem as armas e não andarem todos com ellas.

[1] de noite tornasse — A.
[2] as — A.
[3] rios — A.
[4] e os — C.
[5] apparecesse — A.
[6] d'este — C.

Ordenava mais o visorei ao capitão geral que em chegando e se pondo na Maluana fizesse juntar todos os officiaes ferreiros, mestres de fazer espingardas, lanças e todo o genero de armas, carpinteiros de coronhas, hastes de lanças e toda a mais fabrica, e lhes mandasse fazer a mór [1] cantidade de armas que pudesse, e a todos désse vidanas, que são como seus maiores, dos criados de sua casa, para os ter a seu mandar e prestes a tudo o que se offerecesse; e a nenhuma aldeia que tivesse obrigação ou foro de ferro [2] lho perdoasse, nem houvesse descuido em o cobrar, porque importava muito para o serviço da guerra.

Conhecia, e [3] tinha por experiencia bem alcançado o visorei, que uma das grandes guerras que se podia fazer a Candia era tolher-lhe o commercio que tinha por [4] Baticalou, Trinquilamale, Rio de agua doce, e Jafanapatão; porém considerando não estava em tempo o Estado [5] de o poder atalhar com fazer fortalezas em Trinquilimale, [6] Batecalou, e reduzir o reino de Jafanapatão a governo portuguez, tirando-lhe o rei gentio que tinha, comtudo, fez esta declaração a Manuel Mascarenhas, para que procedesse com esta certeza, porque se os successos fossem tão bonançosos não deixasse de seguir o curso d'elles até alcançar estes fins. E assim tambem o advertia das queixas que lhe haviam de levar continuamente de todos os capitães e cabeças, e [7] em particular da gente preta, dos quaes, postoque lhe achasse e visse alguma cubiça e interesse, comtudo, não reparasse n'isto, considerando que a guerra d'aquella ilha era de muito trabalho, e se não fosse levada com proveito não se podia aturar, e que presava muito mais [8] servir-se de pessoas que prestavam com valor e experiencia, do que o interesse que se podia poupar do que ellas [9] n'isto grangeavam; mórmente quando a todos os que se occupas-

[1] quantidade — A.
[2] lhe — A.
[3] tinha bem por experiencia alcançado — C.
[4] Batical — A.
[5] de o atalhar — A.
[6] Batical, ou reduzir — A.
[7] particularmente — A.
[8] servisse — C.
[9] n'isto podiam grangear — A.

sem havia de commetter a mesma cubiça, e a muitos faltar o conhecimento e curso [1] com que aproveitavam mais por outra parte, do que podiam desangrar com seu interesse, os que tinham sufficiencia e partes para os ditos logares.

Ultimamente lhe dava o visorei razão como ordenava sua Magestade fosse estanque toda a canella d'aquella ilha, para se fazer por conta de sua real fazenda, e nunca maior quantia de mil [2] baris, para que do procedido d'ella se sustentasse a conquista; dando-lhe para este effeito provisão particular [3] ao veador da fazenda Antão Vaz Freire, para que [4] o puzesse em execução, debaixo do favor e ajuda do capitão geral, para que feita a canella se mandasse a Goa, encarregada a pessoa que o geral elegesse para a vir beneficiar e vender por conta da fazenda de sua Magestade, e o procedido tornasse a levar para Columbo, onde se guardaria n'um caixão, e se despenderia por mandado do capitão geral, fazendo-se d'esta receita e despeza livros particulares para o feitor; ordenando-lhe que não só esta canella, mas toda a mais fazenda que sua Magestade tivesse na dita ilha, se não despendesse em cousa nenhuma sem primeiro a conquista estar provida, porque d'este ponto dependia a segurança de tudo, e que tirado para este effeito se não entremettesse na fazenda, senão só para dar seu favor ao dito veador d'ella, e cumprir o regimento que trouxe de sua Magestade, por quem foi mandado.

Com estas ordens, e da sórte atraz referida, chegou Manuel Mascarenhas Homem a Columbo em maio de 614, e desembarcando, veiu dom Francisco de Menezes, de Manicavare, onde estava com o arraial fazendo-lhe paga, como já fica dito, e lhe entregou logo o governo, com que ficou correndo, procurando em tudo dar cumprimento ao regimento do visorei. E assi, com as partes que já dissemos tinha este fidalgo, foi tão acceito de todos, e elle sabia haver-se tão bem com elles que esteve em seu tempo a ilha mui quieta; porque com os capitães geraes a não tyrannisarem, nem tractarem mais de seus particulares que do serviço de

[1] com aproveitavam — C.

[2] Baris se lê na copia — C., e *barris* na copia — A. Deveriam escrever *bahares?*

[3] aos veadores — A. e C.

[4] a puzesse — A. e C.

sua Magestade, logo [1] todos os mais capitães, dissavas e cabeças os vão seguindo. E Manuel Mascarenhas era tão estremado n'este particular, que não [2] sómente não tractava de buscar cousa alguma para si, mas [3] tambem o que tinha o dava a quem o queria, e ainda buscava modos para lho quererem e acceitarem, porque não houvesse em quem o recebia a vergonha com que ordinariamente ficam os que acceitam, quando o brio lhes falta *para* considerar a gloria que fazem alcançar aos de quem recebem mercês e datas, que é um particular excesso de liberalidade.

[4] Chegou n'esta monção aviso do Sul dos ministros d'elle ao visorei, do desenho que o Dachem tinha sobre a fortaleza de Malaca, para o que aprestava uma grande armada; pedindo que se soccorresse logo a Malaca, para onde o visorei mandou Lopo Sarmento de Carvalho com cinco galeotas, elle por capitão de uma e maior das outras, e os mais capitães Miguel Ferraz, Agostinho Lobato, Pedro Ferraz, Constantino de Sá de Miranda, que por fazer muita agua arribou para Goa, onde ficou. E mandou tambem o visorei uma caravela, e por capitão d'ella a Lourenço da Costa, para que passasse á China com avisos de sua Magestade, levando juntamente em sua companhia um patacho de castelhanos, que o governador dom João da Silva despediu de Manilha com cartas ao visorei, assim suas como de dom Hieronymo da Silva governador de Ternate, em que lhe davam conta do grande aperto em que ficava com as muitas naus hollandezas que cursavam sempre estes mares de Maluco, e de ordinario estavam sobre Ternate, que se achava em grande necessidade [5] de mantimentos, gente e munições; pedindo ao visorei o soccorresse de tudo, e não menos o governador dom João da Silva pedia ao visorei armada que se pudesse ajuntar com a sua, para que ambas extinguissem [6] os hollandezes e ingrezes no Sul; por quanto a que tinha não era bastante para este effeito. [7] Ao que respondeu o visorei que, como

[1] todos os capitães dissavas e mais cabeças — A.
[2] sómente tractava de buscar algum cousa para si — A.
[3] tambem o dava a quem o queria — A.
[4] N'esta monção chegou aviso — A.
[5] de gente, munições, e mantimentos — A.
[6] aos — A.
[7] a que — C.

este aviso o tomará já no fim da monção do presente anno de 614, não podia [1] negociar armada de consideração para mandar a Manilha, porque para ir em septembro direito a Maluco não convinha senão alguma cousa de remo, a quem as naus ingrezas e hollandezas não podessem fazer mal; e assim que para o anno estivesse apparelhado, porque sem duvida lhe mandaria armada.

Partiu Lopo Sarmento com as ditas galeotas, patacho, e caravela, para Malaca a vinte e nove de abril, com regimento e ordem do visorei para metter o soccorro d'estas embarcações em Malaca, postoque estivesse de cerco, rompendo por todos os perigos que para isso se offerecessem. E depois de partido veiu em maio outro aviso de sua Magestade, por terra, da frota que os hollandezes apparelhavam para vir sobre Malaca e Manilha; ordenando que se lhe mandasse logo este aviso com todo o soccorro possivel, para que passando lá estes inimigos não pudessem conseguir nenhum de seus intentos. E sendo já no fim da monção, pareceu ao visorei que com a gente que tinha ficado de presidio em Malaca, e a que [2] lhe havia mandado por Lopo Sarmento, ficava bastantemente provída; tractou só de buscar pessoa de auctoridade e valor para lhe mandar, por não saber de certo se lá era chegado Diogo de Mendonça, antes haver novas fazia mais detença nas partes de Bengala e Pegú. E não se accommodando Nuno da Cunha, que para isso se offereceu e o acceitou o visorei, com o pouco que em tão breve tempo se podia negociar, mandou em um patacho a João Pinto de Moraes, com titulo de capitão mór da gente de guerra do mar e terra de Malaca, que serviria [3] no caso que não estivesse n'ella Diogo de Mendonça, que fôra com este logar, senão sómente de veador da fazenda, que tambem levava; ordenando o visorei que passasse logo este patacho a Manilha com cartas [4] de sua Magestade, que na mesma occasião tinham vindo, encarregando que se lhe mandassem, as quaes eram sobre se lhe ajuntar o poder d'este Es-

[1] mandar — A.

[2] lhe tinha — A.

[3] em caso — C.

[4] de sua Magestade as quaes eram de Manilha, e as quaes na mesma occasião tinham vindo, encarregando que se lhe mandassem, para com ambos poderes se poder — A.

tado com o de Manilha, para com ambos se poder fazer guerra e lançar os hollandezes do Sul; de que em seu logar se dará mais particular razão. Levava João Pinto o mesmo regimento que se havia dado a Diogo de Mendonça no tocante ás cousas de Malaca, e tambem alguns capitulos do que levou Antonio Barreto da Silva sobre provimentos d'ella, porque lhe pertencia mais particularmente isto, pela obrigação de veador da fazenda e juntamente de capitão mór.

Lopo Sarmento chegou a Malaca com as ditas quatro galeotas, caravela e patacho, padecendo na viagem algumas tormentas, que pelo grande acordo com que se houveram n'ellas as passaram bem; e da mesma sorte chegou depois João Pinto de Moraes, onde acharam já Diogo de Mendonça Furtado, como temos dito. Com que ficou Malaca mui bem provída de gente e tudo o mais que para qualquer occasião lhe fosse necessario.

CAPITULO LXV.

DO QUE SUCCEDEU NAS GUERRAS DE CHAUL E BAÇAIM PELO DESCURSO D'ESTE INVERNO.

Começando já as chuvas d'este inverno de 614 em Chaul, com que os mouros não continuavam o campo como d'antes faziam, quiz Ruy Freire desinquietal-os com as manchuas pelos rios, porque estariam mais descuidados de os poderem ir demandar ás suas terras. E assim, a primeira aonde ordenou se fosse fazer assalto foi ao [1] Estamim, que está quatro leguas pelo rio acima além do valle Quindenagotamba. Foram as quatro manchuas com os capitães [2] referidos bem reforçadas de gente, e ao romper da manhã deram n'uma povoação de lavradores, que, como a terra andava de guerra, em sentindo rumor de gente se puzeram em salvo, deixando o logar desamparado para mais livremente o poderem roubar e saquear, como logo fizeram, pondo fogo á povoação, que, sendo de palhotas, o tomou e ardeu com grande velocidade, não havendo no saco cousa de consideração mais que muito gado vaccum, que como era

[1] Estamy — A.
[2] referidos de gente — A.

prêza mais vantajosa ao bem commum, do que a cada um dos soldados, Amaro Rodrigues, que além do esforço de que era dotado se presava tambem de egual zêlo do bem de todos e serviço de sua Magestade, não se lhe dando do particular interesse, senão do geral de todos, fez recolher á ilha [1] que estava no rio, perto de mil cabeças de gado, de que carregadas as embarcações que seguiram as manchuas da armada, vinte pouco mais ou menos, [2] e posto algum á toa para vir nadando, se passou todo o mais a ferro e fogo, com notavel sentimento dos pobres lavradores. E foi de tanta utilidade este gado para a cidade de Chaul, por haver perto de um anno que estava de cerco, que quasi todo o inverno houve provimento de carne, e assim tambem de lenha, com a muita que se hia cortar pelo rio acima á sombra das manchuas, não sem damno das terras dos inimigos, que com o sentirem grandemente o não podiam remediar, por serem [3] assalteados e commettidos em varias e diversas partes. E assim, no fim de junho foi Amaro Rodrigues dar outro assalto pelo rio acima, no cume de uma serra que parte com uma vista para o rio [4] Nagotomba e de Caranja, e pela outra com o mesmo de Chaul; tão alta que começando a marchar para este [5] porto com cento e cincoenta homens [6] des da tarde ao pôr do sol, se não chegou lá menos do quarto de alva. Chama-se esta aldeia [7] um Bargany, povoação de lavradores com curraes de grandes vaccarias. [8] Houve silencio no chegar, pela noite haver sido chuvosa; e assim tanto que foi cercada dos soldados se começou logo a [9] pôr fogo nas palhotas, para com mais confusão se poder prender e captivar. Alguns mouros houve que, com o sentimento de lhe

[1] que estava perto do rio, perto de mil — A.

[2] e posto que algum — A. e C.

[3] salteados — A.

[4] Nagotomba, que começando — A.

[5] posto — A.

[6] d'esta tarde — A.

[7] um Bargany — A. Seria Unbargany o nome verdadeiro? Comtudo, nem um nem outro, nem cousas que com elles se pareça, encontrámos no Tombo da India, por *Simão Botelho*.

[8] e houve silencio — A.

[9] a por o fogo — A.

pegarem nas mulheres e filhos, se punham em defensa; mas não foi bastante para deixarem de se tomar sessenta cabeças, entre homens, mulheres e [1] meninos. Pela subida ser tão difficultosa se não tractou de gado, por parecer seria mui trabalhoso trazel-o; e assim, depois de feita a prêza e a povoação queimada, os mouros que puderam escapar, e outros convocados a gritos de logares visinhos, vieram inquietando os portuguezes na recolhida com mais que grandes vozes, porque despediam frechas e tiravam muitas espingardadas e muito mais na [2] sciencia do dia, pondo-se, como sabiam a terra, no caminho e paragens d'onde podiam fazer mais damno. O que vendo Amaro Rodrigues, e que lhe convinha usar mais que de esforço, deixou atraz trinta homens mettidos n'uma emboscada ao pé de um monte, bem cobertos de arvoredo, e cuidando os mouros levavam diante aos portuguezes, se acharam de repente commettidos [3] pelas costas com espingardadas e lançadas, de maneira que antes de se poderem pôr em fugida, se mataram alguns, cujas cabeças puzeram os portuguezes nas mesmas lanças com que os mataram, e vindo caminhando com ellas alevantadas, fizeram alevantar de todo os mouros, por não seguirem bandeiras tão pouco apraziveis para elles. Com que d'alli por diante cessaram suas inquietações, até que com a prêza, e sem trabalho de perigo mais que corporal, se puderam metter nas embarcações todos, assim portuguezes como captivos, e chegaram a Chaul, onde foram mui bem recebidos de Ruy Freire, e festejados do mais povo. Os homens e mulheres captivos tractavam logo de resgate, por si, ou pelos baneanes de Chaul, que debaixo de seu rito se queriam mostrar caridosos na occupação d'esta obra de misericordia, com que os soldados se alegravam, assim pelo proveito do resgate, como pelo gasto que lhe ficavam escusando, em tempo que o mantimento [4] era mui pouco. A gente miuda tractavam de a cathechisar para se baptisarem, como em effeito faziam, servindo-lhes este captiveiro de alcançarem a verdadeira liberdade no conhecimento da lei de Deus; e assim onde receavam males e desaventuras achavam o maior bem que na vida podiam alcançar, se o pouco co-

[1] meninos, e pela — C.
[2] sciencia — A. e C. Sahinte?
[3] pela costa — C.
[4] era tão pouco — A.

nhecimento d'elle lho não fizesse estimar tanto como por si o está merecendo.

Por muitas vezes, ou quasi todos os dias, se entrava pelo rio a que chamam do Peso da pimenta, onde os negros do arraial acudiam, por ficarem perto; e assim não faltavam alli escaramuças accidentaes, de que pela maior parte os mouros ficavam perdidosos. De outro assalto tractou Amaro Rodrigues, só com duas manchuas e uma galeota, incitado por Pedro Alvares, que como patricio da terra sabia as paragens onde se podia fazer damno, e assim o levou [1] pela costa brava para a banda de Caranjá, a uma povoação sita ao pé de uma fortaleza dos mouros, chamada Drugo, aonde havia muitos pescadores, ferreiros, caldeireiros, e alguma gente de armas, que todos se asseguravam com o inverno, por lhe parecer n'elle a costa innavegavel; mas não o foi para Amaro Rodrigues, que esperando conjuncção de tempo lhe sahiu com as embarcações referidas, no silencio dá noite, e remando para o norte espaço de duas leguas chegou a esta aldeia, chamada dos Caldeireiros, e desembarcando com toda a quietação foi andando com ella obra de um quarto de legua, e chegando á povoação se lhe foi logo pondo o fogo, e postoque alguns mouros se quizeram pôr em defensa, comtudo, acrescentando ao terror da noite as vozes e alaridos dos que brigavam, e assim dos feridos, e o fogo que com maior furia os ia commettendo, não [2] tractaram de mais que de se pôr em salvo. E para se poder ter este successo por aventejado aos mais, só faltou não ir maior copia de gente n'elle para a prêza ser muito maior; porque entrando-se a povoação se foram maneatando os mouros em tanta copia que já parecia difficultoso poderem tão poucos [3] trazer tanta gente, porque obra de sessenta homens, que foram n'este assalto, se recolheram com mais de cento e vinte pessoas captivas, sem haver oppressão alguma, nem quem lho sahisse a defender.

Em Baçaim, como o poder dos mouros era mui aventejado ao nosso, porque estavam alli com todo o seu arraial o numero que já se tem dito, não conseguiamos [4] d'elles tão bons successos, porque era necessario atten-

[1] para a costa brava pela banda do Caranja — A.
[2] tractaram mais que de se por — A.
[3] trazer a tanta — A.
[4] d'elle — A.

dermos mais á conservação da ilha de Salsete, por cujo districto os mouros estavam repartidos, para em qualquer nosso descuido metterem o pé, e se aproveitarem da occasião. E assim não obrava pouco Francisco Pinto Pimenta, capitão mór dos rios, em poder conservar e defendel-os com a dita ilha de Salsete com os seis sanguiceis e a galeota que trazia, não deixando, porém, de algumas vezes fazer algumas sahidas nas terras dos mouros, procurando dar-lhes assaltos; porém achavam-nos sempre tão prevenidos e acautelados, que o maior esforço a que podia chegar era não receber damno. E comtudo, sempre fazia seus commettimentos, para que pudesse trazer aos mouros [1] inquietos e com a incerteza d'onde lhe poderia dar se divertissem de nos demandar em nossas terras; que não era pequeno ardil de guerra.

Estavam os mouros em Baçaim tão desejosos de nos colherem fóra da sombra da cidade, muros e artilheria da cidade, que com os mais d'este Oriente nunca fazerem suas brigas de noite, [2] vinham elles muitas vezes a demandar-nos a deshoras, pela tranqueira de Marcos Rodrigues, até onde sahia o capitão mór Antonio Pinto, e perseverava toda a noite, e como vinha o dia sahia fóra conforme os mouros estavam, guardando tanto a cautela de nunca se desviar para onde elles se pudessem valer de toda a sua cavallaria e gente de armas, como tambem os mouros se não chegavam a brigar onde nos pudessemos valer contra elles da artilheria dos muros e tranqueiras, e do valhacouto d'elles; por onde, procurando tanto nós como elles o melhoramento dos sitios para nos ajudarem na briga, se ficava de ambas as partes esperando que a outra o não buscasse tanto, para logo se aproveitar de qualquer descuido.

[1] desinquietos — A.
[2] muitas vezes vinham elles — A.

CAPITULO LXVI.

DO QUE MAIS SUCCEDEU PELO DECURSO D'ESTE INVERNO NAS GUERRAS EM CHAUL.

Em Chaul, como os mouros [1] eram mais perdidosos, andavam tambem mais picados, com que já não reparavam nas muitas chuvas do inverno para sahirem ao campo, aonde tambem os portuguezes não faltavam, travando sempre briga, *em* que recebiam o mesmo damno pela mão folgada que os nossos já traziam contra elles. Dia de Sant'Iago sahiram os portuguezes ao campo por festejarem ao santo contra os mouros, em cujo damno elle patrocina toda a Hespanha; levando toda a gente do presidio, e ainda a que costumava andar nas manchuas. Entrou-se por Chaul de cima, cortaram-se mais de duas mil palmeiras, onde vieram ás mãos com os inimigos, e assim de uma cilada que os portuguezes lhes fizeram, como no seguimento que os mouros lhes vinham fazendo, deixaram muitas cabeças que os nossos lhes cortaram. E tal houve que arremettendo com um mouro, não se querendo occupar em o matar o abraçou pelas costas, e o [2] sugigou de maneira que não sendo o mouro pequeno, nem de poucas forças, o trouxe em pêso vivo, com todas as suas armas, que foi não pouco festejado e gracejado dos nossos, não faltando outras similhantes valentias e galanterias de animos valorosos. E era n'elles tão pouco receada a guerra, e o risco d'ella, que convertiam em gosto este exercicio; de maneira que parece fazia pouco qualquer soldado que com alegre animo se mostrava valente, se o não mostrasse em feitos assignalados. E assim que n'este dia foi o glorioso Sant'Iago, tanto e mais festejado, como o podia ser nas mais populosas cidades do mundo.

Ruy Freire, com esta corrente de bons successos, determinou de passar ao palmar de Cojequy, outro mais longe de um que estava adiante de suas casas além de Chaul de cima, a que já tinham ido; e para considerar e fazer eleição do sitio foi o mesmo Ruy Freire uma tarde dis-

[1] eram perdidosos — A.
[2] sujugou — A.

farçado a vel-o pessoalmente, para saber aonde [1] havia de desembarcar e fazer corpo de resistencia. Com elle foi Amaro Rodrigues, capitão mór das manchuas, a cujo cargo estava a passagem, e outras pessoas practicas. O que visto, e considerado, se abalou com tresentos soldados, por terra, e melhoria de outros tantos gastadores, com bom apparelho de cortar; e Amaro Rodrigues com dezoito ou vinte embarcações pela barra fóra, para ir pela costa para a banda do Norte, a entrar pelo rio que divide o palmar das terras de Chaul. Onde chegando em um sitio que chamam Arrana, atravessou as embarcações todas no principio da enchente, que serviram como de ponte á gente de Ruy Freire; de modo que quando se acabou a passagem a uma lingua de terra que ia prender com o palmar seria [2] da meia noite para a uma hora. Onde foram repartidas as estancias pelos vallos do mesmo palmar e logares que mostravam mais commodidade para os mouros commetterem a entrada. E assim, posto em ordem tudo o que pareceu necessario, se poz mão á obra de cortar o palmar, em que se deram a tanta pressa que ao amanhecer estava bemfeitamente um terço do palmar posto por terra, não deixando de aos golpes e ruinas das palmeiras se ir convocando a gente dos inimigos, e em tanta copia que nem o presidio que tinham dentro na fortaleza de Drugo, nem quanta havia em seu arraial, faltou por acudir, e se pôz na lingua da terra por onde os nossos passaram. Amaro Rodrigues ficou em guarda das embarcações com trinta espingardeiros entre brancos e pretos, e com alguns mosquetes das manchuas. O que visto pelos mouros [3] a separação e distancia do mais corpo de gente, commetteram aquella parte com uma manga de cavallos, [4] porém como a lingua da terra era estreita e lhe não ficava logar [5] de grandes voltas, nem poderem brigar todos, necessariamente os de diante haviam de mostrar mais valor e receber maior damno, e se viu bem com o rosto que lhe fizeram os portuguezes, que desparando a primeira carga de arcabuzaria derrubaram os que diante vinham, com cujo exemplo mudaram de parecer os que os

[1] havia desembarcar — A.
[2] de — A.
[3] e separação — C.
[4] porém a lingua da terra é mui estreita — A.
[5] de muitas voltas — A.

seguiam, tornando-se para o posto d'onde vieram; que não foi sem grande apupada dos que os lançaram e dos mais que estavam entre os palmares, a cuja vista se obrava tudo. Acabou-se o cortar das palmeiras ás duas da tarde, com contínuas escaramuças vespera do nascimento da Virgem mãe de Deus, d'este presente anno de 614, tempo em que a maré estava mui crescida e necessariamente se havia de vir á lingua da terra, em que as embarcações [1] ficavam defendidas, com a agua muito por cima do [2] giolho; e tinham os mouros para si que nunca o corpo do arraial dos portuguezes deixasse de ir passar junto a um oiteiro, que elles tinham occupado, e lhes seria de impedimento metterem-se pelas aguas, mas sempre por esta paragem se fazia o caminho mui prolongado. E assim, [3] lançando-se diante os gastadores, e em sua guarda Estevam de Faria, capitão da dianteira, com a sua estancia, deram os mouros uma grande carga de arcabuzaria, com que houve feridos dos nossos, e um d'elles o mesmo Estevam de Faria; porém os soldados lhes deram a resposta de sorte que a não quizeram os mouros esperar a pé quedo, senão com grande perda do campo de que eram senhores. E com esta fuga ordenou o capitão mór Ruy Freire que voltassem as bandeiras sobre a mão direita, contra o logar das manchuas e sitio defendido pelo capitão mór d'ellas, por onde passou toda a gente para a outra parte do rio. E se conheceu que houvera doze feridos, mas nenhum mortalmente, com serem todos de pelouros, em que o reitor do collegio de Chaul da companhia de Jesus foi participante em uma perna, de que sarou.

Foi esta sahida de credito e reputação, assim pelo damno recebido da parte dos mouros, como pelo valor que se mostrou pela dos portuguezes contra todo o seu arraial, em que morreram muitos em quantidade, assim de pé como de cavallo, e soube-se que entre elles foram alguns captivos.

Não se [4] habituava Amaro Rodrigues a muito descanso, [5] porque na noite seguinte foi com duas manchuas pelo rio dentro, com noticia certa

[1] estavam defendidas — A.
[2] joelho — A.
[3] lançando-se os gastadores diante com sua guarda — A.
[4] habitava — A. C.
[5] porque a noite — A.

que junto do mesmo arraial estava uma aldeia de lavradores, situada n'um valle em meio de duas vigias. Ao que chegando, se poz a caminho, e posto que deu trabalho por ser em muitas voltas, comtudo, o bom successo [1] o fez mais suave. Chegaram á povoação, onde as vigias se tinham recolhido por haver alguma chuva, e succedeu que as primeiras casas a que se foi pondo fogo fossem as mesmas onde ellas estavam; os quaes embraçando as espadas e rodellas se puzeram em defensa, com tenção de romperem pelos portuguezes, para se poderem acolher como alguns fizeram, e outros tambem ficaram impedidos com suas armas, e assim ficaram *mortos* alguns [2] mouros e tambem duas ou tres mulheres, e captivas perto de quarenta pessoas. E tirado o primeiro recontro não houve mais trabalho de armas, até os soldados e capitães se embarcarem com a prêsa, que como foi pouca se pôde ordenar melhor, e assim antes de amanhecer se tornaram a embarcar e vieram, tendo obrado o referido. E estas mortes e captiveiro ia custando a guerra a estes inimigos; porém como os reis da India não sejam mais que tyrannos para se manterem do sangue dos vassallos, nenhuma d'estas oppressões o fazia chegar a buscar e pedir a paz, que os portuguezes lhe não negariam; porque nunca a guerra que fizeram foi mais que para por seu meio conseguirem a paz com a decencia e modo conveniente.

Já n'este tempo se trazia em pratica, entre Ruy Freire e algumas pessoas mais de dentro, como se havia de queimar uma nau grande, que estava ao pé da fortaleza de Danda, distante cinco leguas de Chaul para o sul. Era esta nau [3] do rei do Melique, a qual, antes de começadas as guerras tinha sahido do mesmo porto de Chaul para o estreito de Meca, e depois d'ellas principiadas, da volta que fez a mandou recolher em Danda por *ser* logar mais forte e defensavel; sendo a nau tão grande como qualquer formoso galeão. Soube-se que no inverno a tinha coberta de palha, por onde se começaram a fabricar alguns barris de alcatrão para seu [4] damno. O que teve de bem este negocio, e o fez mais festivo, foi o segredo com que se dispoz o necessario, e nenhuma outra pessoa

[1] o fez suave — A.
[2] mouros e duas — A.
[3] do rei de Melique — A.
[4] damno, e o que teve — C.

foi sabedor antes da jornada, mais que quem a levava a seu cargo; e á hora da embarcação, que foi vespera de nossa Senhora da Assumpção, se communicou aos mais que acompanharam. Foram n'esta jornada as quatro manchuas ordinarias, com capitães de novo, que se nomearam. Em quatro galvetas mui ligeiras, que se haviam de encostar á nau, foram nomeados Amaro Rodrigues, João da Cruz, Pedro da Costa Botelho, Paulo de Figueiredo Salgado. Cada uma d'ellas não era capaz mais que de cinco homens, que ao todo faziam numero de vinte, fóra a das manchuas, e por cabeça de todos Amaro Rodrigues. Partiu-se do pé do muro ao dar das avemarias, e se chegou á barra de Danda da meia noite por diante. Ordenou-se que as manchuas grandes se fossem remando para a povoação, (que está um tiro de peça da fortaleza, ao pé de uma lombada que faz a serra) com demonstração de quererem desembarcar, tocando trombetas [1] e os mais instrumentos de guerra; porém com tal ordem que o não fizessem, nem desparassem espingardas, té se não vêr accender fogo junto da mesma nau. Chegaram as galvetas quasi todas a um tempo, porém as duas que primeiro se adiantaram foram as de Amaro Rodrigues e Pedro da Costa, [2] e começando a obra com lanças de fogo e panellas de polvora, fizeram tal effeito que não foram necessarios os barris de alcatrão. Mataram os da nau um marinheiro, feriram a um soldado, e deram uma pedrada ao mesmo Amaro Rodrigues em um hombro, depois de já estar queimado de ambas as mãos, do fogo das mesmas panellas que lançava na nau, d'onde choviam pedras, que não houve logar para outra cousa, e da terra firme muitas espingardadas, e da fortaleza algumas bombas de fogo, em quanto começavam a aprestar artilheria; porém nada foi bastante para que a nau deixasse de arder, e crescer a reputação do nome portuguez, pelo sitio e pouco cabedal com que se havia obrado n'esta jornada. A nau seria meia queimada quando lhe faltaram as amarras, e assim levada [3] do travessão, que ia ventando, foi pelo rio dentro, onde acabou [4] de se queimar, e a manhã mostrando claramente o emprego que da fortaleza se pretendia fazer com a artilheria

[1] e mais — A.
[2] e começando-se — A.
[3] de atraveção — A.
[4] de queimar-se — A.

nas embarcações, que, pelo desviarem, se foram afastando e seguindo a derrota de Chaul, não sem grande trabalho e perigo, por não dar o tempo logar a se passar ávante. Em que os marinheiros, postoque mouros, mostraram tanto esforço em aturar o remo vinte e quatro horas, como os portuguezes em os afervorar, para se livrarem do manifesto perigo em que o tempo os ia pondo.

CAPITULO LXVII.

DE UMAS CARAVELAS [1] QUE SUA MAGESTADE MANDOU DE CALIX [2] A MANILHA, PELO CABO DA BOA ESPERANÇA, A CARGO DE RUY GONÇALVES DE SEQUEIRA, E DE SUA VIAGEM, E CHEGADA DAS GALEOTAS QUE COM GONÇALO RODRIGUES DE SOUSA MANDOU O VISOREI A MALUCO.

Com os avisos, que sua Magestade [3] este anno teve, da muita copia de naus hollandezas que se apparelhavam para vir a este Estado com intentos sobre Malaca e Manilha, [4] como já temos dito, além das ordens que mandou ao visorei por terra, e outras tambem para o governador de Manilha, que elle lhe enviou, quiz tambem mandar algum soccorro de gente a Manilha com a brevidade necessaria. Por onde mandou negociar em Calix seis caravelas, e mui bem provídas de castelhanos as encarregou a Ruy Gonçalves de Sequeira, um portuguez cavalleiro do habito de Christo, para que viesse por capitão mór d'ellas, que, como tinha sido capitão da fortaleza de Maluco, pareceu daria mui boa conta do que lhe fosse encarregado, particularmente com a experiencia [5] que tinha já d'estas partes, e assim com o favor do marquez de Alenquer, presidente do conselho de Portugal, que o desejava honrar, veiu com largas mercês de sua Magestade em ordenados de quatro mil escudos e outras ventagens. Partiu em fevereiro d'este presente anno da bahia de Calix, com as seis

[1] De uma caravela — A.
[2] Calix é o porto de Cadiz.
[3] teve este anno — A.
[4] como temos — A.
[5] já tinha — A.

caravelas, e por capitão das outras [1] Andrés Darambolo, com titulo de almirante, Gonçalo de Sequeira, filho do dito Ruy Gonçalves, e dom Fernando Bezerra. Mandaram estas caravelas pelo caminho que as naus de Portugal o fazem do cabo de Boa Esperança, assim para poderem chegar mais brevemente a Manilha, como para se poder continuar mandar-lhe por esta via os soccorros necessarios, que pudessem chegar inteiros e com a presteza conveniente e pelo conseguinte partirem tambem de Manilha para Castella pelo mesmo caminho as naus que iam a Nova Hespanha, para que de Castella lhe pudessem ir as cousas que lhe vão de Manilha, com dobrados interesses dos vassallos e alfandegas de sua Magestade por onde passassem. Veiu Ruy Gonçalves fazendo sua viagem, onde lhe arribaram duas caravelas, uma ao Brasil e outra a Angola, e com as quatro chegou sem tomar terra nenhuma ao mar de Malaca em junho do dito anno, tempo em que Diogo de Mendonça, capitão mór do mar e terra de Malaca, andava embarcado em uma armada de oito galeotas, as quatro que achou em Malaca, como temos dito, e as outras quatro que tinha levado Lopo Sarmento de Carvalho com mais seis jalias referidas; e trazendo-lhe novas das quatro caravelas de gente que não eram portuguezes, as foi logo demandar e reconhecendo-as se lhe offereceu para tudo o que quizessem, como as serviu com particular diligencia, assim em lhe mandar fazer aguada, como em lhe dar toa pelos estreitos de Sincapur, até onde a monção lhe dava logar. E passando Ruy Gonçalves com bom tempo, chegou a Manilha em agosto seguinte, tendo o primeiro dia na bahia de [2] Maribelles uma grande tormenta, de que esteve quasi perdido, e escapando o foi buscar o proprio governador dom João da Silva, e o trouxe comsigo, e aposentou em um quarto dos seus,

[1] André d'Arambolo—A.

[2] Maribilis — A. Mariveles, Maribella, ou Mirabella, que com estes tres nomes a encontrâmos, porém mais vezes com o primeiro, é a maior ilha que está á entrada da bahia de Manilha. Chamam-lhe tambem — O Corregedor. Fica mais perto da costa N. que da do S., em 14° 28′, lat. N. Vide *Horsburgh*, *Instructions nautiques ser les mers de l'Inde*, T. III, pag. 243; *Taboadas perpetuas astronomicas*, publicadas pela Acad. Real das Sc. de Lisboa, em 1815, pag. 186; e o *Roteiro do Neptuno oriental para a navegação da China*, por J. J. P., impresso em Lisboa em 1783, pag. 38 e 39.

onde o mesmo governador vinha comer com elle, por lhe fazer mais favor e honra; e era tanto seu privado que nenhuma cousa que elle lhe pedisse lhe negava. O que o veiu a desvanecer tanto, que em logar de tirar d'isto agradecimentos e serviços, tirou o contrario, dando em dizer que trazia ordem de sua Magestade [1] para sindicar do governador, o qual, pelo muito que estimava os portuguezes, sendo Ruy Gonçalves pessoa que por si influia respeito a quem o via, não quiz logo lançar mão d'isto, até que elle perseverou tanto, que veiu o governador a buscar-lhe modo com que o fez tomar casas, e depois de mudado para ellas nunca o quiz desauctorisar nem bulir com elle, levando com notavel prudencia esta pouca de Ruy Gonçalves.

Diogo de Mendonça, antes que d'esta vez se recolhesse a Malaca, havendo tido embaixada d'elrei de Pão, em que lhe pedia soccorro contra os manacabos que estavam alevantados contra elle, (sendo seus vassallos) pelo muito que haviamos mister este rei para metter por terra mantimentos em Malaca assentando-se que o fosse soccorrer, lhe mandou a Diogo de Mendonça da Silva com as seis jalias de que era capitão mór, o qual indo sem achar contradicção, nem cousa que o impedisse, foi aos manacabos, e trouxe algumas pessoas principaes d'elles a Pão, onde deram a obediencia ao rei, e elle lhes perdoou, [2] por assim lho pedir Diogo de Mendonça. O que feito, se veiu para Malaca, por ter aviso por Lopo Sarmento que em septembro haviam de ir galeotas para Maluco, para as esperar e ajudar em tudo o que pudesse.

Em Goa o visorei mandou no inverno aprestar galeotas para Maluco, e chegando septembro nomeou Gonçalo Rodrigues de Sousa por capitão mór d'ellas, tres com soldados [3] da armada, uma maior com provimentos de munições e mantimentos, e duas mais de mercadores, não menos carregadas de tudo o necessario para aquella fortaleza. Os capitães das outras eram Francisco Barreto Tavares, com titulo de almirante, Domingos da Costa de Madureira, João Fernandes de Araujo, Francisco de Pinho. Com as quaes embarcações partiu a vinte e um de septembro mui bem negociado de tudo, e com um largo regimento do visorei para

[1] para o tirar de governador — A.
[2] por lhe pedir assim — A.
[3] de armada — C.

que fosse metter por todo o modo este soccorro na fortaleza de Ternate, e para escusar fugirem-lhe em Malaca soldados e marinheiros por nenhum modo a tomasse, senão de qualquer das ilhas de Pulobotum e suas visinhas avisasse a Malaca a Diogo de Mendonça, mandando-lhe as suas cartas para que elle e o veador da fazenda o mandassem prover de tudo o que lhe dissessem tinham necessidade, e juntamente lhes trouxesse mais duas galeotas que o visorei lhe ordenava désse a Gonçalo Rodrigues de Sousa, das quatro que em maio lhe tinha mandado com Lopo Sarmento, e mais quarenta homens para com elles se perfazer o numero de trinta em cada uma das ditas galeotas: o que tudo lhe mandasse ás ilhas de Pulocarrimão, ou Pulopissão, onde Gonçalo Rodrigues as fosse esperar; sem entenderem os soldados que não haviam de tomar Malaca, por não haver n'elles alguma alteração.

Com estas ordens indo Gonçalo Rodrigues seguindo sua viagem tanto avante como Pulobotum, sendo-lhe forçado tomal-o, pela grande falta que levava de agua, estando surto com os mais navios lhe deu uma tormenta das que alli são ordinarias, tão forte que lhe fez dar á costa duas galeotas, a de Francisco Barreto Tavares e a de Francisco de Pinho, de que se salvou toda a gente. E andando por alli Diogo de Mendonça [1] com a sua armada teve noticia d'esta perdição e [2] as foi logo buscar, e trouxe toda a gente comsigo, com que se foi caminho de Malaca com Gonçalo Rodrigues de Sousa e a mais companhia, para se poderem lá refazer, pois pela perdição que tiveram lhes não era possivel darem cumprimento ao regimento do visorei, de que não tomasse Malaca. Onde chegados todos tractou Gonçalo Rodrigues de se negociar e refazer de embarcações para seguir sua viagem, achando o capitão mór e veador da fazenda mui dispostos para lhe darem tudo o que fosse necessario, conforme lhe ordenava o visorei. E assi, dando-lhe duas galeotas em refeição das que se perderam, acrescentaram mais outras duas, de que eram capitães Agostinho Lobato e Miguel Ferraz, com que fizeram quatro da armada, e seis com a de Gonçalo Rodrigues e Domingos da Costa de Madureira. Todas mui bem aprestadas, a trinta soldados cada uma, se partiram para Ma-

[1] com sua armada teve por noticia — C.
[2] os foi — A.

luco por via de Macassá em outubro do mesmo anno; onde o deixaremos seguindo sua viagem, por dar razão do que em Malaca se ficou obrando. O [1] capitão mór mandou cinco jalias com Hieronymo de Mendonça, capitão mór do Estreito, e capitães das outras Antonio de Gouveia, Hippolyto Furtado, Rodrigo Ferreira, Francisco Carvalho da Maia, a esperar as embarcações da China e Manilha, da qual vieram duas, com que tambem tornaram para Malaca duas jalias das que vinham de Manilha. Uma era mandada pelo governador dom João da Silva carregada de cravo para os gastos da armada, que o visorei dom Hieronymo lhe tinha escripto o anno atrazado havia de mandar sem duvida, de galeões, para se ajuntar com a sua; e a outra de João de Moura, [2] portuguez casado em Manilha.

Segundaram a Diogo de Mendonça as novas do Achem fazer grande armada, que já na monção passada se tinham mandado ao visorei; e para o saber por cousa mais certa, e poder mandar aviso de tudo ao visorei, mandou estas duas jalias, que chegaram do Estreito: a de Antonio de Gouveia e Francisco Carvalho da Maia, para que lhe trouxessem alguma gente do inimigo, de que pudesse tomar verdadeira informação. Estas, tanto avante como o reino de Pacem, viram um ballo grande e indo-se a elle conheceram que era do Achem, o qual, como havia só dois dias que tinha sahido do porto, não tinha diminuido nenhuma gente, e assim trazia trinta e septe pessoas. As jalias investiram logo com elle, e brigaram de pela manhã até á tarde com notavel resolução de parte a parte, até que á pura força de mortos e feridos o renderam os nossos, ficando alguns d'elles feridos, em que entrou o capitão de uma jalia, Francisco Carvalho da Maia com uma roqueira pelos peitos. E como tinham feito o para que iam, se voltaram com o ballo para Malaca, onde chegaram a vinte de dezembro d'este presente anno, e acharam já as embarcações que da China vinham para Goa. Porém antes d'este tempo nos chamam outras cousas [3] de que devemos dar razão.

[1] capitão mór cinco jalias — A.
[2] portuguezes casados — C.
[3] a que devemos satisfazer e dar razão — A.

CAPITULO LXVIII.

DO QUE EM GOA SE ASSENTOU SOBRE A FORTIFICAÇÃO DA CIDADE DE MELIAPOR, E OUTRAS COUSAS DE SERVIÇO DE SUA MAGESTADE.

Nas cartas, que este anno vieram por terra, de sua Magestade, vinha uma em que dizia ao visorei d'este Estado como o visorei Ruy Lourenço de Tavora lhe havia dado conta da pretenção que os moradores da cidade de Meliapor tinham, não só de se lhes dar ajuda e favor para se fortificarem, mas para incorporar aquella cidade na jurisdicção d'este Estado, e se pôr alfandega n'ella, e arrecadar por sua real fazenda os quatro por cento que alli se pagam de direitos ao rei de Bisnagá, o qual era tão velho que por horas se esperava sua morte, e com ella muitas dissenções, e occasião de se poderem senhorear aquellas terras. O que propoz o visorei em conselho de Estado, (onde em logar de dom Luiz da Gama se tinha nomeado por mais votos a João Caiado de Gamboa) para se determinar o que mais se devia seguir em cousa de tanta consideração; e assim *foram* considerados por todos o trabalhoso estado em que este se achava, e as muitas partes a [1] que havia que acudir, e quão mal aquelle rei e os que lhe succedessem tomariam este negocio, com que não sómente seria mui difficultoso de conseguir, ainda que se mettesse muito cabedal, mas se arriscaria a que com esta occasião dessem os portos que tem n'aquella costa aos hollandezes, e que tendo-os se ajuntassem uns e outros, e lançassem d'alli os vassallos de sua Magestade. E sobre estas difficuldades se leu tambem uma carta do bispo de [2] Meliapur, em que dizia que com occasião da morte de um Gil Vaz Palha, que alli fôra morto ás lançadas, ficava a dita cidade dividida em bandos e mui arriscada, porque o odio que entre uns e outros havia era de qualidade que se podia recear trouxessem gentios visinhos, para com a sua chegada conseguirem melhor a vingança que os da parte do morto pretendiam, intro-

[1] que ia que acudir — C.
[2] Meliapor — A.

duzir-se n'ella, e apoderar-se d'aquelle commercio, a cujo respeito tinham já alli fundado a fortaleza de Paleacate; e por tambem n'aquelle tempo costumarem muitos d'aquelles moradores embarcar-se para negociarem suas mercancias, que era o de que viviam, ficaria aquella cidade exposta a manifesto perigo, [1] se de cá se lhe não acudisse assim com braço de justiça, como com um capitão de auctoridade, e com gente para a fazer executar, [2] e apasiguar aquelles bandos.

Sobre o que advertiram os mais do conselho que já o anno atrazado, por anteverem estes inconvenientes, se tractara esta materia em conselho, onde foi para isso nomeado dom Bernardo de Noronha, que então se não accommodou a fazer a jornada; e que assim ficava de presente sendo a necessidade maior, pelo que mais havia acrescido. E assim tornaram todos a ser de parecer que para tudo que ficava apontado convinha que alli se enviasse um fidalgo com toda a brevidade, mui qualificado e de muito respeito, que levasse todos os poderes nas cousas de guerra e fazenda e até cento e cincoenta soldados para estarem alli de presidio, e com este poder executar o que cumprisse, castigando e tirando da terra os cabeças de bandos, e mais pessoas prejudiciaes n'ella, e tractando de cumprir e apasiguar os mais, e de ordenar as cousas de modo que apontando inimigos áquella cidade, e intentando alguma novidade, lhes pudesse resistir e defendel-a; e que por meio da assistencia d'este fidalgo se iria vendo e tractando com sua informação do que seria mais conveniente prover-se, assim na materia de que a carta de sua Magestade tractava, como no tocante á fortaleza de Paleacate; e elle poderia tambem levar ordem para se communicar sobre isto com aquelles visinhos, e lançar mão de todos os meios que se offerecessem para deitar d'alli os hollandezes. E no tocante á nomeação da pessoa d'este fidalgo todos houveram que era mui a proposito a de dom Bernardo de Noronha; mas tambem lhe pareceu que se não persuadiria a ir, por mais officios que se de novo fizessem com elle, e postoque logo quizeram eleger outrem, não lhe pareceu ao visorei, até se fazer diligencia com dom Bernardo. Mas não se fez como convinha, nem elle o quiz acceitar, e assim ficaram as necessidades de Meliapur todas em seu rigor.

[1] se cá — A.

[2] e apasiguar os bandos — A.

Tinha ordenado sua Magestade que nenhuma embarcação de alto bordo navegasse n'este Estado senão em companhia da armada. Gaspar Affonso de Mello, que estava por capitão de Malaca, mandou fazer uma petição para lhe darem licença de na monção de septembro ir uma nau sua a Malaca, por ser a em que havia de mandar fazer a viagem da China, que era a cousa de maior importancia d'aquella capitania; apontando muitas razões para isto se lhe haver de conceder. O que posto em conselho de Estado, ainda que aos mais votos pareceu que o visorei o devia assim de haver por bem, não por respeito do dito capitão, senão porque aquella nau havia de trazer na monção de abril a carga da China e as drogas que houvesse em Malaca, por não haver outra n'aquellas partes para isso, e não [1] vindo, haviam de faltar os direitos d'estas fazendas em Goa e em Malaca, que em [2] tempo em que a fazenda real estava tão exhausta era de muita consideração, além da interrupção e falta de commercio, com que os vassallos se consumiam e empobreciam cada vez mais, comtudo, o visorei se conformou com os a quem pareceu que a nau não fosse, e se cumprisse o que sua Magestade mandava; por não ir cahir nas mãos dos rebeldes, que era o com que se tinham mais acreditado, e de que maior cabedal tiravam para as armações que tinham feitas; mórmente tendo sua Magestade avisado pelas caravelas de Ruy Gonçalves de Sequeira, das quaes uma tinha tomado Goa, que eram partidas muitas naus, e outras ficavam para o fazer para o Sul, e que ainda que o prejuizo que o Estado recebia [3] com se lhe tirar por este meio tão grande parte do rendimento das alfandegas, era de muita consideração, todavia, era maior o que se seguia de nos tomarem as naus, e que toda a boa razão pedia que d'estes dois inconvenientes se evitasse o maior.

[1] indo — C.
[2] tempo que a fazenda — A.
[3] por se lhe — A.

CAPITULO LXIX.

DA CONGREGAÇÃO QUE OS PADRES DA COMPANHIA DE JESU ORDENARAM NA CASA PROFESSA DO BOM JESU DE GOA, E DAS QUEIXAS QUE D'ELLA HOUVE, E DO QUE SOBRE ISSO SE ASSENTOU.

Os padres da Companhia de Jesu, como tão zelosos e desejosos da salvação das almas, tinham ordenado n'este anno uma congregação, assim em Goa como em outras muitas partes d'este Estado, que faziam no Bom Jesu da dita cidade, em que ajuntavam todas as pessoas que queriam, em uma casa os portuguezes e n'outra os homens da terra, onde com lições de livros espirituaes, e exercicios da mesma sorte tocantes á salvação, se gastavam as tardes de domingos e dias santos em grande serviço de Deus; porque se ordenou logo isto com uma mesa [1] em que se assentavam os assistentes, com prefeito, e irmãos, e outros nomes, que conforme as regras muitas e mui particulares que tinham n'um livro, fez receber-se a cousa logo no principio com tanto applauso, e acudirem os homens a ella com tanta vontade e fervor, que veiu a resentir-se e recear-se d'isso a irmandade da Misericordia, e não menos a camara d'esta cidade, vindo cada qual com muitas queixas ao visorei, que para as determinar ordenou que cada um as désse por escripto, e juntamente os religiosos da Companhia mostrassem as razões e fundamentos da dita congregação, os quaes trouxeram logo ao visorei, e vistos em conselho de Estado se considerou mui bem a substancia d'elles, cujas particularidades, por serem mui largas e não pertencerem ao [2] instituto d'esta historia, se não referem aqui por extenso; [3] e assim por maior se viu que a Misericordia se queixava que a dita congregação era contra seu estatuto e ministerios, e que havendo-a os não poderia exercitar, porque lhe viria a divertir as esmolas e heranças com que os fazia. E pelo conseguinte a cidade representava tambem sua queixa, pelo quanto interessava nas

[1] em que assentavam — A.
[2] estatuto — A.
[3] e assi se viu por maior — A.

pessoas que a irmandade da Misericordia sustentava e remediava, por serem as mais d'ellas mulheres e filhas de cidadãos, e por outras cousas que mais particularmente apontava. E por parte dos padres da Companhia se mostrava, conforme o que deram por escripto, do estatuto e fórma em que na congregação se procedia, que n'ella se *não* administrava nenhuma temporalidade, nem tinham contribuição, [1] nem estribuição de dinheiro algum, nem gastos para que o haver mister; e que a mesa que tinham servia só para o prefeito e assistentes admittirem os congregados, e despedirem os que não procedessem conforme ao fim que na dita congregação se tinha, a qual estava introduzida em todos os reinos da christandade e nas Indias Occidentaes, e em algumas partes d'este Estado, sem contradicção alguma. E apontavam os exercicios d'ella, todos espirituaes, sem juramento nem encargo que obrigasse a peccado; e renunciavam livremente por parte da dita congregação todo o legado ou herança que se lhe deixar, e deixando-se-lhe algum, cediam de todo em favor da santa casa da Misericordia.

O que visto, e considerado bem o que por todas as partes se allegou, assentou o visorei com os do seu conselho que na fórma em que a dita congregação se fazia, postoque n'ella houvesse mesa e officiaes com livro em que se assentavam os congregados, não encontrava de nenhuma maneira os ministerios e estatuto da santa casa da Misericordia, mórmente desistindo os padres, como faziam, em nome da dita congregação, de todas as heranças e legados, e cedendo dos que deixassem em favor da dita santa casa; e que assim não podia conforme a direito e justiça impedir-se a dita congregação por parte da Misericordia, e muito [2] menos da cidade. Mas por quanto se apontaram algumas outras [3] causas que em razão do governo haviam para se modificar d'alguma maneira a fórma que na dita congregação se tinha no que não era espiritual, se assentou tambem, em quanto não houvesse outra ordem de sua Magestade, se escusasse haver mesa e livro, e da mesma [4] maneira os officiaes assim com o nome, que então tinham, de perfeito e assistentes, e qualquer outro que

[1] ou estribuição — A.
[2] menos pela cidade — C.
[3] cousas — A. e C.
[4] maneira assim os officiaes com o nome — A.

tivessem ; e que se não exercitasse na dita congregação, nem a titulo d'ella, nenhum ministerio temporal, e se deixassem entrar a seus exercicios e praticas espirituaes todas as pessoas que fossem capazes de as ouvir e se aproveitar d'ellas, porque assim fariam mais fruito, que era o que os padres com seu santo zêlo de salvação das almas pretendiam ; e que com esta declaração se podia proseguir a dita congregação. Com o que se ficava tambem cumprindo com um assento, que na mesa da Misericordia se tomou, para se encontrar o temporal da dita congregação, de que se riscassem por irmãos todos os que n'ella se tinham assentado, como em effeito se riscaram alguns. E juntamente se assentou n'este conselho que [1] aos taes fossem tornados a escrever seus nomes nos mesmos livros da Misericordia, por quanto foram riscados indevidamente e contra todo direito ; e que o visorei, como protector que em logar de sua Magestade era d'aquella santa casa, o fizesse assim cumprir, chamando para isso os ditos irmãos, como em effeito fez, e juntamente, por evitar escandalos e outros inconvenientes, mandou que n'esta materia se não fallasse mais em parte alguma, nem se fizesse ajuntamento sobre ella.

Em maio atrazado d'este presente anno de 614, o capitão de Surrate, chamado Cojenisano, ajuntou obra de oitocentos homens de cavallo, e com alguns elephantes de guerra, em vingança da nau de Meca que Luiz de Brito tinha tomado do Mogor seu rei, entrou pela primeira aldeia das terras de Damão, chamada pragana Puare, para a destruir e todas as mais que pudesse do Estado ; e assim discorrendo por ellas destruiu e poz fogo em algumas terras das mesmas aldeias. Ao que o capitão Manuel de Mello Pereira, postoque muito velho, acudiu com o valor acostumado, pondo estancias fóra dos muros, para alli sahir a pelejar, favorecer e amparar os christãos que moram fóra no arrabalde, e os lavradores que vinham fugindo dos inimigos, os quaes discorrendo pelos campos chegaram a dar algumas vezes vista de si da outra banda do rio da cidade, onde n'esta [2] conjuncção estava principiado o forte São Hieronymo. E para se proseguir com a obra se poz presidio dos moradores da mesma cidade, e alguma infanteria sobre algumas trincheiras de madeira e areia, que se tinham erguido para favorecerem os trabalhadores e os

[1] os taes — C.
[2] occasião — A.

[1] soccorrerem em algum caso repentino. E como o animo raramente [2] soffre aos portuguezes convite algum de guerra que se não deem por elle obrigados ao acceitarem, postoque seja mui desegual, sahindo d'esta tranqueira aos mogores alguns arcabuzeiros os fizeram afastar com pressa, e elles, sentindo esta vergonha, engrossaram a cavallaria, e a puzeram em cilada entre um arvoredo espesso, e com poucos de cavallo incitaram aos portuguezes a lhe tornarem a sahir; o que logo fizeram dois valentes soldados com alguns piões espingardeiros, e os inimigos, fazendo que se retiravam, os foram levando até darem com elles na cilada que lhes tinham armado. D'onde sahindo mui grande copia de mouros de cavallo, tomaram os portuguezes e piões no meio; e postoque das primeiras espingardadas mataram alguns inimigos, comtudo, ficando depois sem com que lhe poder fazer rosto, nem os obrigar a ter, os atropelaram com os cavallos [3] e os mataram, não deixando de pelejar, até acabarem, com todo o valor e esforço. Chamavam-se Gonçalo Velho e [4] Affonso Barbosa, patricios da mesma cidade de Damão, e os piões, postoque mereciam ser nomeados, não chegaram seus nomes á noticia. E como era já principio de inverno, recolheram-se os mouros com esta sorte, fazendo treguas por todo elle com o capitão de Damão, por se não estarem temendo e vigiando; sabendo mui bem que os portuguezes em nenhum tempo deixam de exercitar as armas, postoque seja por cima de todas as descommodidades; e assim passaram o inverno na dita cidade de Damão, com o presidio que n'ella tinha dom Vasco da Gama, sem alteração nenhuma da parte dos mouros, nem da nossa, até que acabado elle, como se tambem acabavam as treguas, tractaram uns e outros de se reformar para as guerras, pois já estavam declaradas, e se continuaram na fórma que ao diante se dirá.

[1] soccorrem — C.
[2] sobre — A.
[3] e mataram — C.
[4] Antonio Barroso — A.

CAPITULO LXX.

COMO O VISOREI MANDOU A ANTONIO MONTEIRO CORTE REAL POR EMBAIXADOR AO IDALCÃO, E DESPEDIU A LUIZ DE BRITO DE MELLO POR CAPITÃO MÓR DO NORTE.

O visorei dom Hieronymo, vendo como se lhe offereciam novas occasiões de [1] guerras com os reis visinhos d'este Estado, e que *além* das que tinha com o Melique as começava a mover de novo o Mogor, rei tão poderoso, em tempo que os hollandezes e ingrezes entravam com tanto poder n'este Estado, e o procuravam [2] senhorear com toda a navegação e commercio d'elle, quiz atalhar poder vir a romper tambem com o Idalcão, porque conforme o xarife Melique, seu vassallo, capitão de Pondá [3] o desejava, e buscava todos os modos que o tempo e cousas lhe podiam offerecer, facilmente se [4] chegaria a isso; e assim, offerecendo-se morrer uma filha ao Idalcão, lhe pareceu com esta occasião mandal-o visitar, e dar-lhe os pezames d'isso. Para cujo effeito elegeu Antonio Monteiro Corte Real, pessoa em quem concorriam todas as boas partes que para o grande cargo de embaixador se requerem, e mandando negociar um presente de cousas presadas, e de estima, lho entregou, e com o acompanhamento conveniente o despediu em septembro do presente anno de 614, para ir ao Idalcão, com um largo regimento das cousas que lhe havia de tractar, e o modo por onde o devia fazer, e depois da principal, que lhe dizia propuzesse por causa da sua ida, (o pezame da morte da dita filha do rei) lhe dizia que tambem lhe dissesse fôra parte de sua ida a jornada que o visorei determinava fazer no verão seguinte ao Norte, em cuja ausencia, postoque a cidade de Goa e seus districtos não ficassem tão bem defendidos como ficavam, pela confiança que o visorei tinha em sua amisade iria mui descansado e confiado de que ficava mui segura de-

[1] guerra — C.
[2] negocear — A.
[3] a desejava — A.
[4] chegara — A.

baixo de seu amparo e protecção; e conforme ao modo que lhe melhor parecesse representasse ao Idalcão as tyrannias que o xarife Melique, capitão de Pondá, usava com os mesmos seus vassallos, e os tributos que impunha a todas as cousas que de suas terras haviam de vir para Goa, e tendo o Idalcão mandado por seu formão que se refizesse o forte que se tinha derrubado na aldeia de Colla, pois era da jurisdicção d'este Estado, e *fosse* restituido tudo o mais que se lhe tinha tomado, não sómente o não quizera cumprir o dito xarife, mas accrescentára novos roubos e mortes na dita aldeia, do que postoque [1] o visorei pudera tomar logo satisfação, e trazel-o preso á cidade de Goa sem arriscar um portuguez, só com largar a gente de Salsete, comtudo, pelo respeito do Idalcão o não fazia, certo de que elle não era sabedor d'estas e similhantes extorsões, que devia logo mandar remediar; em o que fazia muito encarecimento o visorei que procurasse o embaixador Antonio Monteiro por todas as vias fazer ao rei capaz d'esta verdade, para que se achasse occasião e favor em Xanavascão, grande privado do Idalcão, e a quem o visorei escrevia e mandava tambem um presente, pudesse fazer tirar o dito xarife Melique, com que ficariam cessando todas as desavenças que entre nós e a gente do Idalcão se moviam.

E não menos mandava o visorei ao embaixador que representasse quanto estranhava, e não podia acabar de crer, dizerem-lhe que em suas terras se estavam fazendo oitocentos homens de cavallo para o Melique; porque, postoque já ouve algumas toadas da ajuda que elle lhe dava nas guerras que trazia com o Estado, com tudo, nunca o pudera crer, por quanto era contra o contracto das pazes e amisade e confiança, com que os portuguezes o tractavam; e assim, que quando o Idalcão não soubesse d'isto, o procurasse *saber* e castigasse com o rigor conveniente; postoque nunca se podia cuidar que similhante cousa se fizesse em suas terras sem elle ser sabedor d'ella. Partido Antonio Monteiro Corte Real para o Idalcão com estas ordens, e mui encarregado pelo visorei que em tudo procurasse conservar e representar a auctoridade de embaixador, foi por suas jornadas e chegou á côrte do dito rei, chamada Visapor, onde o rei [2] Ibrão Idalxá o recebeu com as devidas honras; porque em quarenta e

[1] o visorei quizera e pudera tomar logo — A.
[2] Ibrão e Dalxa — A. e C.

cinco annos que este rei governou, nunca deixou de correr em muita amisade com o Estado. E assim, depois das primeiras visitas, procurou Antonio Monteiro, juntamente por via do privado [1] Xanavascão e de um capitão de Banda, capado, chamado Melique Ambar, a ruina de xarife Melique, onde [2] consistia toda a boa conclusão das cousas para com nosco; e assim vieram todos a conseguir o mandassem tirar, como se poz em effeito, e o levaram preso, onde morreu na prisão; com que não teve o embaixador para que mais particularisar materia nenhuma ao rei, pois por aqui ficavam todas em nosso favor.

Como Antonio Monteiro tocou ao Idalcão na gente que dava de soccorro ao Melique, na fórma que o visorei lhe ordenava em seu regimento, quiz elle [3] metter-se de per meio para se acabarem as guerras e differenças entre o Estado e o Melique; e assim, com licença do visorei, mandou um seu embaixador, chamado Cutecão, em companhia de Antonio Monteiro a Doltabar, côrte do Melique, para se tractar das pazes, como em effeito se concluiram, ficando para se assentarem depois as condições d'ellas; porém que no entretanto se estivesse em treguas. O que já se não conseguiu senão depois de outros recontros que adiante se dirão, até que o visorei o [4] ordenou em particular aos capitães móres d'estas guerras, como em seu logar vai apontado.

Depois de Antonio Monteiro vir da côrte do Melique, estando em Visapor, chegou a ella um [5] framengo mui bem acompanhado, que havia sido morador e [6] casado em Goa, com o officio de ourives da prata na rua direita, o qual, querendo-o prender por casos que mereciam castigo, se acolheu para Hollanda, e vinha n'esta fórma enviado pelos hollandezes com um presente de muita valia para o rei Ibrão Idalxá, e lhe fallou e deu o presente, propondo que a companhia dos hollandezes d'estas partes, pedia a sua alteza lhe concedesse licença para terem na côrte de Visapor uma feitoria, na qual se obrigavam a metter todos os annos nove

[1] Xanavacão — A.
[2] consistia a boa — A.
[3] metter de per meio — A.
[4] ordenou particular — A.
[5] flamengo — A.
[6] casado na cidade de Goa — A.

mil cargas de fazendas de drogas do Sul, e de Europa tudo quanto fosse necessario para o seu reino e os mais visinhos; com que não teriam seus vassallos necessidade de irem buscar nada fóra de suas terras; e que em retorno tomariam fazendas que servissem para as d'elles hollandezes, para assim ficarem pelo conseguinte seus vassallos tendo em seu reino quem lhe comprasse tudo o que n'elle houvesse, sem lhe ser necessario leval-o fóra d'elle. O rei Ibrão Idalxá, ouvindo o dito framengo, remetteu a resposta de sua petição ao dito Xanavascão, que então governava tudo. Do que tendo noticia o embaixador Antonio Monteiro, considerando a importancia da materia, determinou fazer n'ella todo o possivel para que não chegasse a effeito; e assim mandou chamar logo a um mercador portuguez que estava em Visapor, por nome Vicente Ribeiro, a quem Xanavascão fazia muita mercê, e lhe mostrou a obrigação que tinha de acudir por sua nação; por onde, que além dos officios que per si devia fazer com o dito privado, lhe dissesse [1] da sua parte que se o seu rei acceitava embaixadas dos hollandezes rebeldes e alevantados contra seu senhor e rei, em nenhum modo podia haver paz entre elle e o Estado; e assim, que se logo os não [2] deitasse fóra, elle se vinha para Goa. Ao que respondeu Xanavascão que dissesse ao embaixador se aquietasse, que elle tinha a cousa á sua conta; e pedindo os hollandezes resposta, lhe mandou dizer que dentro em cinco dias se sahissem de Visapor e de todas as terras do Idalxá, onde não tornassem, sob pena de morte.

Tendo sabido o visorei a sahida que no principio do inverno [3] d'este anno fizera nas terras de Damão o capitão de Surrate, como atraz fica dito; considerando que em começando o verão, pelas treguas se acabarem, podia tornar a fazer o mesmo para destruir e impedir as novidades das nossas terras de Damão, mandou, com muita pressa, em septembro, aprestar uma galé e treze navios, que encarregou a Luiz de Brito de Mello por capitão mór do Norte: [4] de que iam por capitães, Luiz de Brito capitão mór na galé, e dos mais navios Miguel de Macedo, Manuel de Gouveia Botelho, Francisco Homem da Fonseca, Constantino de Sá de Mello,

[1] de sua — C.
[2] deitava — A.
[3] n'este anno — A.
[4] em que — A.

Bartholomeu Soares, Francisco Vaz de Almada, Domingos Rodrigues de Araujo, João Rodrigues Varella, Lopo Gomes de Abreu, João de Brito de Almeida, José Carvalho de Rojas, Bento de Vasconcellos de Sampaio, Miguel Ferrão de Castello Branco. Fidalgos que foram embarcados n'esta armada foram Antonio de Sousa de Mello, João Gomes Serrão, João Sanches, Ruy de Sousa Pereira, Antonio de Tavora.

Com que partiu a dez de septembro, com ordem e regimento que fosse de passagem por Chaul, Baçaim e Damão, e das duas cidades primeiras tirasse cem soldados de cada uma e na ultima se acabasse de perfazer com os que houvesse mister, e negociado passasse com toda a brevidade até á barra de Surrate, para que com a assistencia da armada n'aquelle porto se não atrevessem os mogores ao desamparar e virem [1] inquietar as terras de Damão, e no entretanto houvesse tempo para seus moradores e lavradores poderem colher as novidades d'ellas; ordenando-lhe assistisse na dita paragem, sem bulir nem apartar d'ella até ir outra armada, que determinava mandar com ordem do que se havia de fazer. Mas não deu o visorei ordem expressa a Luiz de Brito para fazer guerra aos mogores, senão que se houvesse com elles conforme visse que se haviam comnosco; para o que tambem ordenou á armada de Dio, de que era capitão mór dom João de Almeida, viesse para Surrate a estar com Luiz de Brito, para este effeito e fazer o que mais [2] elle lhe ordenasse. Foi Luiz de Brito seguindo sua viagem, com que chegou a Chaul e Baçaim, e tomou os soldados que o visorei lhe ordenava, e d'ahi passou a [3] Damão. Acabando de n'elle de provêr, soube que de Surrate [4] tinham passado mil e quinhentos homens de cavallo a cargo de um capitão chamado sultão [5] Bardin, para que juntamente com dois mil homens de pé e septe elephantes de guerra, armados com grandes castellos e alguma artilheria miuda, [6] procurasse fazer-se senhor das terras de Damão, e [7] aproveitar-se

[1] desinquietar — C.
[2] se lhe ordenasse — A.
[3] Damão, e acabando-se n'elle de prover, soube como — C.
[4] haviam — A.
[5] Berdin — A.
[6] e procurasse — A. e C.
[7] aproveitasse — C.

logo da novidade que estava [1] para se colher. O que o mouro fez sem detença, entrando-as no mesmo mez de septembro, havendo ainda algumas chuvas, e veiu alojar uma legua de Damão na aldeia chamada praganá Colona. D'este logar começou a mandar chamar os lavradores das aldeias, [2] e pedir-lhe a novidade, e repartir as terras. O que estando fazendo, chegou a armada de Luiz de Brito, e dando-lhe os da cidade conta do que passava, puzeram em conselho o que se devia fazer, e assentaram que se fosse buscar o inimigo e dar-lhe batalha antes que lhe viesse mais poder.

CAPITULO LXXI.

DO RECONTRO QUE TEVE A ARMADA DE LUIZ DE BRITO, [3] E GENTE DA CIDADE DE DAMÃO, COM OS MOGORES; E DO QUE LHE SUCCEDEU.

Junta toda a gente da armada, que seriam tresentos e cincoenta soldados, e obra de duzentos da cidade de Damão, com septenta de cavallo, foreiros, e cento e cincoenta piões guardas das tranqueiras, de que ia por capitão Antonio da Fonseca, se formou esquadrão, e passando á outra banda do rio começaram a marchar para o inimigo, levando dom Vasco da Gama a retaguarda com a bandeira de Christo, que como era capitão mór do presidio e guerras de Damão a requereu e se lhe deu, e Luiz de Brito disse que ainda que lhe pertencia não reparava n'isso, por cumprir e fazer o serviço de sua Magestade. E assim foi na dianteira, levando a bagagem no meio com a cavallaria por ambos os lados, de que ia por capitão Gaspar de Mello de Miranda, filho do capitão da cidade já nomeado, o qual, por segurança d'ella e sua muita velhice, pareceu a todos [4] convinha antes ficar na cidade. N'esta fórma caminharam os portuguezes todo o quarto [5] d'ant'alva e o de alva. Ao romper da manhã ti-

[1] para colher — A.
[2] e a pedir-lhe — C.
[3] e mais gente de Damão — C.
[4] antes convinha — A.
[5] dante a lua e o da lua — A. Erro que muitas vezes se encontra, mesmo em manuscriptos mais correctos.

veram vista dos inimigos, que em os vendo sahiram [1] dos seus alojamentos, (que tinham de outra parte n'um campo mui espaçoso accommodado para as escaramuças dos cavallos, fortificados com tranqueiras de madeira com artilheria miuda) e vieram receber aos portuguezes n'um valle ao pé de uma serra pequena, e antes de se chegarem mais, nem haver rompimento de parte a parte, estando já a tiro de espingarda se despararam muitas de ambas as dianteiras, e postoque a dos mouros vinha mais espalhada, logo se viram alguns mortos. Por onde se apressaram os portuguezes, e não menos os mouros com elephantes diante; porém os portuguezes apertaram com elles de maneira que lhe fizeram largar [2] o posto, e irem-se mais apressados do que vieram para os seus alojamentos. Foram em seu seguimento alguns portuguezes de cavallo, como Gaspar Carneiro, Manuel Madeira, Francisco de Miranda da Cunha, Manuel da Trindade Urbano, João da Motta Ferreira, que pregaram as lanças em muitos inimigos; porém elles, vendo-se tão picados, voltaram todos e remetteram com gram furia para romper os nossos, os quaes não fizeram mais que [3] firmar as bandeiras e descarregar toda a espingardaria na dianteira dos inimigos, que os parou de sorte que sem mais consideração viraram as costas e foram fugindo á redea solta para o logar de seus alojamentos. Com que os nossos tiveram tempo para ganhar a serra pequena, e postos n'ella, houve entre os capitães variedade de pareceres sobre haverem de descer a queimar os alojamentos dos inimigos, e por fim se resolveu que não convinha, por serem muitos de cavallo e estarem n'uma grande campina, onde os mouros se podiam aproveitar [4] muito á sua vontade de todos os cavallos, e segundo [5] a desordem do pelejar dos portuguezes, em os inimigos lhe virando as costas, se podia occasionar algum ruim successo. Por onde se não tractou de mais que de fazer alguns tiros d'aquelle posto aos mouros, com dois berços que os nossos traziam, com que lhe mataram um elephante. E elles mostraram bem que todo seu fugir e retirar não era para outro fim mais que para tirar aos portugue-

[1] de seus — C.
[2] o porto e irem-se — A.
[3] formar — A.
[4] mui — C.
[5] as desordens — A.

zes a campo largo, onde a sua cavallaria toda os pudesse cercar, e fazer o damno que [1] n'outra paragem não podiam; porque em vendo os nossos não tractavam de os ir buscar. Sahiram dezesepte ou dezoito mouros de cavallo, e commetteram á redea solta subir a serrinha, mas, os nossos desparando n'elles algumas espingardas, cahiram mortos na [2] falda d'ella; e para os acabarem de matar [3] houve alguns portuguezes que chegaram ás cutiladas e lançadas com os mouros. Onde Francisco Lopes, morador na cidade de Damão, o fez valorosamente com uma lança em cima de um cavallo, chegando a dar com o couto d'ella muitas pancadas nos inimigos; e elles feriram a Francisco Carneiro e Jorge Soares, foreiros de Damão, cada um [4] de sua lançada, porém não deixaram de levar os mouros [5] o peior n'esta occasião. Com que recolhendo-se o nosso arraial, [6] sendo já alto dia, o não quizeram commetter os inimigos, pelo quanto lhe tinha custado haverem-no feito, vindo porém seguindo-os com alguns cavallos ligeiros até Damão, mas não se pondo nunca a tiro de espingarda, porque lhe morreram n'esta refrega, assim dos que ficaram alli logo, como dos que foram feridos, mais de quatrocentos, onde entrou o seu capitão mór Dalapete Rao, e dois elephantes; e da nossa parte morreu Antonio Godinho, bom arcabuzeiro, e seis ou septe feridos. Com que logo os mouros desalojaram, sem mais pedirem novidades, nem partirem aldeias; antes se foram para Balçar, e se desfez o seu arraial, ficando as aldeias e terras de Damão libertas e desoccupadas, com suas novidades. E chegaram a confessar os mouros que se não podia pelejar com gente portugueza, tão valorosa que matava com a mosquetaria, não valendo para a resistir peitos armados, nem corações animosos. Foram os nossos recebidos em Damão com grande alegria, pelo valor com que se houveram em tão desegual partido. Os capitães da nossa dianteira foram João de Brito de Almeida, dom Diogo de Sousa, Francisco Vaz de Almada, Francisco Homem, Bento de Vasconcellos; e todos se aventejaram, porque as-

[1] n'outra parte — A.
[2] fralda — A.
[3] houve chegarem alguns portuguezes ás cutiladas — C.
[4] com sua — A.
[5] a peior — A.
[6] já sendo — A.

sim lhe foi bem necessario, e não menos [1] Manuel de Sousa Larcão, fidalgo, que com uma porqueira nas mãos entre os mouros se fazia largo campo.

Como Luiz de Brito viu que os mogores nos faziam guerra descubertamente, determinou [2] fazer-lha tambem por todos os modos e em toda a parte a que pudesse chegar, e assim, levado d'este bom successo com um poder tão [3] aventejado ao seu, determinou logo ir dar na cidade de Baroche, que está dez leguas acima de Surrate e oito pelo rio dentro. E assi, deixando a galé em Damão se metteu em navio, e partiu com toda a soldadesca que tinha, assim da sua armada, como do presidio que em Damão tinha invernado, e mais dois navios armados pelos casados de Damão, um por Ruy Quadrado Almadão, e outro por Balthazar de Lemos, ambos á custa de cada um d'elles. E chegando ao rio de Baroche, que é de agua doce com uma corrente mui grande, se deteve dois dias, até chegar á fortaleza, que está ao longo da agua, e se vai estendendo por uma ladeira não [4] muito ingreme, feita quasi em [5] quadrado, [6] mais comprida algum tanto que larga, tendo por todas as bandas seus baluartes, e ao longo da agua cinco, e uma porta em cada lanço de muro. Não tinha peças grossas de artilheria, senão alguma miuda e outra similhante, mas d'esta muita copia. Foram os portuguezes matando e assolando tudo o que se lhe [7] poz diante, indo na dianteira Domingos Rodrigues o torto, e dois casados de Damão de que não alcançámos os nomes; e assim não acharam muita resistencia na primeira entrada na povoação, e depois de a levarem, indo para a fortaleza, como os muros eram altos, e não levavam escadas para os subir, houveram por mais acertado não se [8] pôrem a matar a gente sem fruito em os commetter; e assim, pondo fogo á povoação, e a algumas dezesepte naus mouriscas, e outras embarca-

[1] Manuel de Sousa Alarcão — A.
[2] tambem fazer-lha — A.
[3] avantejado — A.
[4] mui — A.
[5] quadrado, mas mais — C.
[6] Refere-se não á ladeira, mas á fortaleza.
[7] pôz por diante — A.
[8] por — C.

ções onde se deu notavel perda [1] aos inimigos, tornaram a vêr se podiam levar a fortaleza, porque viram que os mouros que acudiram não tractaram mais que de se metter n'ella; mas não serviu o esforço com que muitos soldados se chegavam mui perto debaixo dos baluartes, mais que de matarem dois, e ferirem outros, sendo ainda poucos a respeito [2] da muita gente que estava em cima, e os tiros de toda a sorte que faziam aos portuguezes. E algumas vezes sahiram da fortaleza muitos mouros a brigar com elles, mas sempre se recolheram com a peior, por onde desenganados d'isto o não quizeram mais fazer. No mar houve muita bateria dos navios para a fortaleza, e da fortaleza para elles, com falcões e espingardaria; onde nos feriram alguma gente, entre os quaes foi João de Brito, capitão de um navio, e mataram a um soldado. Detiveram-se os portuguezes em queimar a povoação e embarcações um dia e meio e uma noite, com que se vieram [3] pelo rio abaixo, e no meio do caminho, onde está uma cidade dos regibutos, sahiram em terra para lhe darem um castigo, sem saberem o que havia n'ella, que era muitos negros d'esta casta, de grandes corpos e muitas forças, e não menos valentes do animo, e conhecidos por esses. Os quaes estavam emboscados n'uma ribanceira, esperando pelos portuguezes, tão briosos e confiados que muitos largaram os cavallos e ficaram a pé, para assim mostrarem melhor seu esforço. Com a corrente da agua cahiram alguns navios abaixo, de sorte que desembarcaram defronte d'onde os mouros estavam emboscados, os quaes podendo commetter, e póde ser que desbaratar estes poucos portuguezes, o não quizeram fazer, parece que de confiados, e cuidando que, se davam n'elles, ficavam perdendo os outros, [4] fazendo mui facil vencer a todos. Ajuntaram-se os portuguezes em terra, e já n'este tempo se sentia que havia inimigos, porque de um navio os viram e começaram a gritar que alli estavam; com que os nossos tractaram de se pôr em ordem, e quiz Deus [5] advertisse o capitão mór Luiz de Brito, ou por parecer proprio, ou alheio, mandar tres estancias de soldados por cima de uma

[1] ao inimigo — A.
[2] da gente — A.
[3] pelo rio acima — A.
[4] fazendo mui vencer — A.
[5] advertisse ao capitão — C.

ribanceira que a terra fazia, para que fossem andando por ella á vista do mais corpo da gente que caminhava pela praia, para que não houvesse quem detraz da ribanceira fizesse mal aos nossos. E indo assim andando para a povoação, em parte que se não viam os da praia com os que iam pela ribanceira, por lhe ser forçado caminhar por detraz d'ella, chegando-se para o inimigo que estava emboscado, sahiu de repente aos que iam pela praia, com tão grande impeto e valor que apertaram em fórma a nossa dianteira [1] á espada e lança, com pouca espingardaria, de sorte que fizeram deter aos portuguezes, e a pé quedo se brigou valentemente de ambas as partes, indo-se já conhecendo alguma pequena desordem nos nossos; porém tanto que as tres companhias que iam por cima sahiram, e viram a refrega, vieram com tanto impeto nas costas [2] do inimigo dando-lhe, que o fizeram ir afastando e fazendo alto. Com que os nossos tiveram logar de se ir concertando; e indo as companhias da ribanceira apertando com a retaguarda [3] do inimigo e os da praia com a dianteira, se travou a briga de sorte que houve poucos soldados portuguezes que não [4] matassem mouros, e teve fim a contenda com a morte dos mais d'elles, defendendo-se uns aos outros como desesperados, até darem as vidas. E foi esta uma das boas e bem pelejadas victorias que n'este tempo se alcançou, [5] por ser de gente indomita, e não menos valente que qualquer outra do mundo. Os que se acharam mortos seriam duzentos e cincoenta, afora alguns que fugiram, e os portuguezes não mais [6] de tresentos, sendo a principal causa d'esta victoria ás tres companhias que foram por cima da ribanceira: de João de Brito de Almeida, Francisco Vaz de Almada, Manuel de Gouveia Botelho. A perda que houve de nossa parte foi quando os inimigos cerraram com a nossa dianteira matarem um capitão chamado [7] Joseph Carvalho de Rojas, e um fidalgo por nome Luiz

[1] em espada — A.
[2] dos inimigos — A.
[3] dos inimigos — C.
[4] tomassem — A.
[5] por de gente — A.
[6] que trezentos — A.
[7] Joseph Carvalho de Roxas — A.

de Sousa e mais tres soldados, e cinco ou seis feridos, entrando n'estes o capitão João de Brito.

Depois d'esta contenda mandou, o [1] capitão mór a João de Brito de Almeida fosse com a sua estancia, e toda a mais gente que quizesse, queimar a cidade; como foram. Onde não acharam resistencia, nem gente alguma, porque mulheres, velhos e meninos, fugiram para os mattos. Em quanto se punha fogo á cidade mandou o capitão mór pelos marinheiros cortar as cabeças de todos os mouros mortos, e lhas pagou a larim cada uma. O que elles fizeram de mui boa vontade, pelo pouco que lhe custára o chegar a podel-as cortar. As quaes trouxe para lançar na praia de Surrate, e vindo-se recolhendo com esta victoria as mandou lá lançar pelos bateis da nau que havia queimado, para que vissem os mogores o fruito da guerra que moveram ao Estado. E chegando a Damão foram recebidos com grande alegria e festa, chamando ao capitão mór Luiz de Brito Baroche, pelo sobrenome similhante [2] que outro fidalgo na India tevê, de haver dado na dita fortaleza.

Em Damão acharam novas como o mulato arrenegado, capitão do Melique, vinha sobre Trapor com poder de gente; onde estava por capitão mór, mandado por Luiz de Brito, Constantino de Sá de Miranda com cincoenta homens, que havia sahido com elle por capitão de uma fusta. O que ouvindo o capitão mór, sem mais dilação se partiu logo com a sua armada para Trapor, e chegando a elle perguntou pelo mulato, e lhe foi dito que estaria duas leguas da nossa povoação. Com que, deixando chegar a noite, se partiu em principio d'ella em sua busca, e caminhando toda ella até o outro dia e meio não puderam dar com o mulato nem a sua gente, ou por não estarem alli, ou por se não quererem encontrar com os portuguezes, que foi a verdade, como depois se soube. E assim se recolheu Luiz de Brito, de Trapor, deixando-o desassombrado do receio em que estava; porque como andava com este curso de victorias, temiam-no os inimigos de sorte que muitas vezes obrava mais com a fama e deliberação do que com as armas; postoque elle com uma e outra cousa sabia mui bem fazer-se respeitar e temer, quando o chegavam a experimentar.

[1] capitão mór João de Brito de Almeida — C.
[2] a outro — A.

CAPITULO LXXII.

COMO LUIZ DE BRITO E ANTONIO PINTO DA FONSECA FORAM DAR NO ARRAIAL DO MELIQUE, E DO QUE LHE SUCCEDEU.

N'ESTE [1] tempo, que era já em novembro do presente anno de 614, se carteava Luiz de Brito com Antonio Pinto da Fonseca, capitão mór das guerras de Baçaim, para irem dar no arraial dos decanis; e depois de assentarem o dia, tendo tudo preparado com todo o segredo, chegou dom João de Almeida com a armada de Dio, de que era capitão mór, porque estava esperando por assim lho ordenar o visorei, como já fica dito; e juntas estas duas armadas, foram o dia assignalado a Baçaim no quarto da prima, para que os inimigos os não sentissem. E chegando á praia acharam tudo prestes, e um confessor para cada navio, onde se confessaram em breve, e rendido o quarto da madorra se puzeram a caminho, Luiz de Brito na dianteira, dom João de Almeida na vanguarda, Antonio Pinto na retaguarda, onde iam tambem alguns homens de cavallo de Baçaim, até quinze, e Francisco Pereira por capitão d'elles. Caminharam sem impedimento até o romper [2] da alva, que chegaram ao arraial do inimigo; e não pôde ser com tanto silencio que não fossem sentidos. E parecendo aos da dianteira, por umas espingardadas que deram as vigias dos inimigos, era alli [3] o arraial, não o devisando de todo por não ser ainda bem claro, deram santiago ante tempo, e não achando em quem empregar suas armas e furia, foi occasião da gente cansar demasiadamente, pelo muito que correram debalde; e esclarecendo de todo a manhã, acabaram de vêr e [4] reconhecer aos inimigos todos postos em seus esquadrões a cavallo para a parte direita, pouco mais de tiro de espingarda dos nossos, e [5] a gente de pé, que ficava a léste com o rosto á nossa dianteira, onde

[1] tempo era já — A.
[2] d'alua — A.
[3] o arraial do inimigo, não — A.
[4] reconhecer os inimigos — A.
[5] a gente que ficava — A.

tinham a sua espingardaria. E como a nossa retaguarda vinha algum tanto longe, fez alto a dianteira, esperando para nos [1] unirmos como convinha. O que [2] conhecendo o inimigo, commetteu com toda a cavallaria a nossa retaguarda com grande impeto, o qual Antonio Pinto lhe rebateu com muito valor e ordem, passando os inimigos de cavallo por entre os nossos sem os desordenarem, antes [3] cahindo da nossa mosqueteria alguns, a quem fez grande damno. E elles tambem [4] derribaram alguns dos nossos, sendo um d'elles o capitão dos poucos de cavallo, Francisco Pereira Pinto, matando-lhe o cavallo, e juntamente a um frade de são Domingos, de quem me não chegou o nome, e cinco ou seis soldados, e outros feridos; mas os mouros ficaram em maior quantidade tambem mortos. A nossa dianteira esteve sempre fechada, até que se tornou a unir com a retaguarda, e tanto que o fez deu santiago na gente de pé do inimigo, que sem muita resistencia o fez voltar matando-lhe muitos, até entrarem [5] pelos alojamentos, onde lhe mataram alguns cavallos, e puzeram fogo, que ateou de sorte, que dos capitães da dianteira, João de Brito e Bento de Vasconcellos, que se adiantaram, quando quizeram voltar acharam já tanto fogo nos alojamentos que não puderam passar por elles. Vindo-os seguindo gram copia de mouros, e sendo elles só vinte homens, estando n'uma rua estreita, e vendo que o nosso arraial estava afastado distancia de um tiro de peça, sempre com a cavallaria do inimigo pela retaguarda, fizeram da necessidade virtude, e arremetteram com os mouros, que com serem tantos [6] não puderam soffrer o rosto dos victoriosos; e assim lhe fugiram, dando logar para se irem por outra parte juntar com o mais corpo [7] da gente, [8] ficando a retaguarda sendo dianteira. E estando já os nossos mui cansados, pelo muito que tinham pelejado e [9] anda-

[1] virmos — C.
[2] reconhecendo — A.
[3] cahindo alguns da nossa mosqueteria, que lhe fez grande damno — A.
[4] derrubaram — A.
[5] pelos alojamentos, matando-lhe alguns — A.
[6] não puderam sobre o rosto — A.
[7] de gente — A.
[8] ficando na retaguarda sendo da dianteira — C.
[9] andando — A.

do, foram para um alto por tomar um pouco de alento. O inimigo, que se não dava ainda por vencido, tornou a ir ajuntando os seus, reformando-os e chegando-se para os portuguezes, que como os viram voltaram a elles, sem lhe lembrar nenhum descanso, para os acabarem de desbaratar; porém os inimigos lhe voltaram as costas, e não quizeram tornar a experimentar o damno que já tinham recebido; fugindo a todo correr, sem os nossos que os seguiam lhe poderem chegar, nem a bote de lança. E d'esta vez acabaram de pôr fogo no seu arraial, e a dois sanguiceis que alli tinham perto de um esteiro de agua salgada, cuja enchente lhe chegava.

N'esta occasião se houveram mui bem os capitães da retaguarda e dianteira, onde foi a força da briga; e da mesma sorte os poucos portuguezes de cavallo que foram; porque os inimigos seriam mil de cavallo, e mil e quinhentos de pé, que já tinham diminuido n'esta fórma do primeiro numero, que dissemos, com que começaram estas guerras; porém estes todos gente mui boa e exercitada, e [1] os nossos não passaram os que foram n'esta occasião de septecentos de armas entre brancos e pretos, dos quaes morreram seis, ou septe, e vieram muitos feridos. Porém dos inimigos morreu muito maior copia, e muito mais o animo, por [2] verem que já os iamos demandar ás suas terras, onde lhe [3] faziamos mais guerra do que [4] nas nossas proprias. Á uma hora depois do meio dia se puzeram os portuguezes a caminho de se recolherem com mui boa ordem, seguindo-os sempre a cavallaria do inimigo; mas não que chegasse a brigar com elles, nem ainda se puzesse a tiro de espingarda; por onde, sem nenhum impedimento, ás quatro da tarde chegaram a Baçaim, onde foram recebidos com grão prazer, pela differente reputação com que até então tinha o inimigo sustentado estas guerras, e [5] quanto n'esta occasião a perdeu. Com que [6] todos aquelles moradores e vassallos de sua Magestade ficaram desassombrados, e assim os da cidade, como de toda a ilha

[1] os nossos não passaram esta occasião — A.
[2] verem já que os iamos — A.
[3] fizemos — C.
[4] nas proprias nossas — C.
[5] quando — A. e C.
[6] todos os moradores — A.

de Salsete, fazendo já muito menos caso da guerra d'estes inimigos; parecendo-lhe que cada vez que os quizessemos vencer, e dispor-nos a isso, em suas proprias casas o fariamos [1] da sorte que de presente o fizemos.

CAPITULO LXXIII.

DO QUE EM GOA ORDENOU O VISOREI SOBRE O SAMORIM E ELREI DE PARÚ, QUE TAMBEM FAZIAM SEUS MOVIMENTOS DE GUERRA.

O Samorim, postoque o Estado tinha pazes com elle, comtudo, [2] como nunca com este rei se conformaram os portuguezes, depois que entraram n'este Estado, da sorte que o fizemos com outros reis, [3] assim por sua natureza tambem pouco inclinada á nossa amisade, como principalmente pelo desviarem sempre d'isso os mouros malavares, se veiu avisinhando muito n'este tempo á nossa fortaleza de Cranganor, apoderando-se do reino de Cranganor de cima, e cercando com sarames a borda do rio que vae da barra de Paliporto até Cranganor; com que obrigava a todas as embarcações que por alli passavam a lhe darem a obediencia. E postoque não impedia as que eram de portuguezes, comtudo, ficava sendo [4] de notavel oppressão ao serviço da cidade de Cochim e da mesma fortaleza de Cranganor, que o mais d'elle era por estes rios. Do que sendo avisado [5] o visorei, e propondo a materia em conselho de Estado, se assentou por todos, que em quanto não houvesse occasião mui forçosa se não [6] rompesse com o Samorim; não se dando o Estado por entendido d'estas mostras, mas não para deixar de provêr tudo o que fosse necessario para segurança da fortaleza de Cranganor.

[1] de sorte — C.
[2] como com este rei nunca se conformaram — A.
[3] assim tambem por sua natureza pouco inclinada — A.
[4] de oppressão — A.
[5] o visorei, propondo — A.
[6] rompesse guerra com — A.

Porém, vindo tambem n'este tempo novas como o rei [1] de Parú se tinha declarado por inimigo do Estado, e lhe começava a fazer guerra nos rios de Cochim até Paliporto e Cranganor, pareceu ao visorei se não podia dilatar mais o soccorro. Este rei de [2] Parú, postoque nas forças e poder é mui pequeno, porque não possue mais que uma ilha de tres até quatro leguas de comprido e meia de largo, sem ainda ser senhor de toda ella, comtudo, está quasi visinho do Samorim, [3] de quem se dá por grande amigo, [4] como o Samorim por seu; de maneira que se preza o rei de [5] Parú de opposto ao rei de Cochim (posto que esteja dentro em suas terras, e seja cousa mui pequena em sua comparação) por trazer continuas guerras *unido* com o Samorim, o qual o ajuda e favorece [6] com quanto ha mister para se sustentar com elrei de Cochim, e contra este Estado. Por onde mandou o visorei aprestar uma galé com dez [7] navios, de que fez capitão mór a dom Lopo de Almeida, que ia na galé, e capitães dos navios dom Miguel Pereira, Antonio Pereira, Manuel Pessoa, Thomaz Borralho, Christovam de Brito, Miguel Ferreira de Castello Branco, Bento de Freitas Mascarenhas, Manuel Cesar Pereira, Lopo de Sousa, Ruy d'Anhaia. Os fidalgos que iam n'esta armada embarcados são os seguintes: Nuno Borges de Sousa, Balthazar da Camara de Noronha, Antonio Ferrão da Cunha, Simão de Sá de Menezes, Lopo de Sequeira.

E postoque era isto já no fim de outubro e não tinha ainda chegado nenhuma cousa do reino, não deixaram de se provêr de soldados estes navios e galé, mandando-os o visorei a Cananor para que tomassem a gente que alli tinha invernado e os que eram costumados a se embarcar nos periches; ordenando-lhe que não pagasse a ninguem fóra de uma lista em que levava os taes apontados. E lhe deu particular regimento de como se havia de haver no soccorro que ia fazer, e guerra a elrei de

[1] de Parú e se tinha — C. de Parúq se tinha — A.
[2] Parúq — A.
[3] de que — C.
[4] com o Samorim da mesma sorte por seu — C.
[5] Parúq — A.
[6] em quanto — A.
[7] navios que — C.

[1] Parú. Onde lhe ordenava o visorei que mettendo-se em [2] Paliporto com toda a armada, avisasse a dom Diogo Coutinho, capitão de Cochim; porque lhe tinha encarregado todas aquellas guerras de Cranganor, e [3] dado poderes de visorei, sobre ellas; e assim que não fizesse outra cousa mais que o que elle lhe ordenasse. Dizendo-lhe juntamente que postoque o Samorim se conhecia bem o animo com que estava, [4] mui adverso para com o Estado, comtudo, se não houvesse cousa de honra e credito, que o obrigasse a romper com elle de todo, que o não fizesse, porque por ora não estava o estado das cousas para [5] buscarmos tantas guerras com os naturaes.

Com estas e outras particulares ordens chegou dom Lopo de Almeida a [6] Paliporto, depois de metter em Cochim uma grande cafila de embarcações que levava; e como o rei de Parú viu a armada dentro, e que se tractava de lhe fazer guerra, veiu em pazes, que se fizeram com elle sem capitulações, nem modo de juramento, mais que o capitão de Cochim, dom Diogo Coutinho, receber o seu embaixador, e as confirmar com elle de palavra, que se [7] guardava mui inteiramente. E no tocante ao Samorim, não era elle o que desejava quebrar com os portuguezes; mas desejava-*o* muito elrei de Cochim, que, como d'antes o ajudavamos pessoalmente em suas guerras, e depois que sua Magestade lhe concedeu a alfandega na cidade de Cochim em que lhe pagassem direitos todos os casados e baneanes, tirando os portuguezes forasteiros, ficámos isentos de o acompanharmos nas guerras como d'antes o faziamos, e assim agora procurava por todas as vias mover-nos a fazer tambem guerra ao Samorim, para que [8] ficando-nos tendo a nós mais por inimigos lha não fizesse a elle com tanto poder, e nós tambem o ajudassemos. De maneira que, na fortaleza de Cranganor, que está n'uma ponta das ultimas terras d'este

[1] parúq — A.
[2] Paliaporto — A.
[3] dado os poderes — A.
[4] meio adverso — C.
[5] buscar — A.
[6] Paliaporto — A.
[7] guardava inteiramente — A.
[8] ficando-nos tendo-nos mais — C.

reino, onde o rei de Cochim tinha uma cerca diante da nossa fortaleza distancia de um tiro de pedra, de [1] sarames, (que são uma casa pequena quadrada, posta sobre quatro esteios grossos [2] de pau, de obra de uma lança de altura, em que estão de ordinario dez até doze naires de peleja, com uma escada, ás vezes levadiça, que em a levantando ficam os que estão em cima sem *ter* [3] por onde se lhe possa subir, salvo por cousa que para isso [4] tragam) vindo muitas vezes pelejando os naires do Samorim com os d'elrei de Cochim, deixavam estes vir levando dos outros, ainda que fosse da sua cerca para dentro, até que chegando-se ao pé dos baluartes da nossa povoação de Cranganor se acoutavam ao longo d'elles, para que vindo os do Samorim os matassem alli, por vêr se nós o sentiamos de maneira que lhe tirassemos, e alevantassemos guerra. Porém João Gomes Fayo, que então era capitão da fortaleza de Cranganor, tinha dado ordem a todos os soldados, que por mais que os naires que o Samorim tinha se enfrascassem em matar os d'elrei de Cochim, não desparassem nenhuma espingarda; senão, quando muito, se vissem que os do Samorim se chegavam muito perto para os nossos baluartes, lhe tirassem pedradas para que se afastassem, e ainda essas não fossem senão com torrões de terra, mandando-os primeiro afastar. Não deixando muitos naturaes de Cochim bons espingardeiros, quando isto viam, de estarem mui desejosos de poderem ajudar ao rei de Cochim, que o tem alli em grande estima e com mais amor do que a gentio se deve; mas não ousavam quebrar o preceito do capitão. E n'esta fórma se foi procedendo algum tempo, até que o Samorim se foi apoderando de Cranganor de cima, como atraz dissemos, e por estar tão pegado com Cranganor, pareceu a dom Diogo Coutinho vinha com ruins intentos; e assim, requerendo-lhe que se afastasse da nossa fortaleza, e não o querendo fazer, se foram as cousas empeiorando entre nós e o Samorim, postoque não com guerra declarada, mas faltando-lhe mui pouco; porque a fortaleza de Cranganor é a cousa que o Samorim desejava mais que todas, por ter dentro um pagode onde se vinham coroar os que foram imperadores do Malabar, seus

[1] sarrames — A.
[2] de pau, de uma lança — A.
[3] por onde lhe possam — A.
[4] traga; e vindo — A. e C.

antepassados. E como as guerras não estavam de todo abertas, se sahiu dom Lopo de Almeida de Paliporto, por parecer de dom Diogo Coutinho, deixando n'elle tres navíos da armada para o que pudesse succeder, e se foi ao Cabo de Comorim, como levava por regimento, para levar e trazer cafilas, e alimpar a costa de parós; que é o que mais convém a este Estado, para que seus moradores possam navegar seguros e buscar remedio para si, e rendimento ás alfandegas, que é só o patrimonio que ha n'elle, assim [1] da fazenda de sua Magestade, como [2] de cada um dos particulares, para que possam acudir ao que de ambas está dependendo. E dom Diogo Coutinho mandou ao Samorim um cidadão de Cochim, chamado Francisco de Faria Lobo, com uma carta do visorei e um presente, e juntamente foi com elle o arcebispo da Serra, dom Francisco Rós [3]; porém o Samorim, recebendo o presente, não deferiu em fórma ao particular sobre que lhe escrevia o visorei, de tirar os sarames da Aicota; antes em quanto Francisco de Faria e o arcebispo lá estavam se brigava dos ditos sarames com os nossos. Onde chegaram a dizer os do Samorim que se havia de prender a Francisco de Faria, que foi com dez homens portuguezes, todos mui bem trajados, afóra muitos escravos que levavam muitas armas; e Francisco de Faria teve d'isto algumas toadas e receios, por onde se tornou com muita pressa, por mais que o Samorim o queria fazer esperar, e depois o mandou chamar. E por se entender que não concluiria nada não pareceu a dom Diogo Coutinho convinha tornar, e assim ficou a guerra declarada.

[1] na fazenda — A.

[2] de cada uma dos particulares, para que possam — C.

[3] D. Francisco Roz, jesuita, foi sagrado bispo de Angamale em 1601, e mandado para Cranganor quatro annos depois. O papa Paulo V lhe conferiu a dignidade do arcebispo. *Ms. da Bibliotheca Nacional*, A, 2, 15, fl. 166.

CAPITULO LXXIV.

DA PARTIDA DAS NAUS DO REINO PARA ESTE ESTADO O ANNO PRESENTE DE 614, E DE SUA VIAGEM E CHEGADA.

Em Goa se esperavam as naus do reino, com tanta dependencia como o estado das guerras que tinha por muitas partes, e a falta de gente para ellas, e tudo o mais, o estava pedindo; confiando que não menos traziam os ministros de Portugal diante dos olhos estas necessidades que se deviam padecer, para procurarem e trabalharem pelas mandar de maneira que não viessem offerecidas a arribar, como tinha succedido o anno passado a dom Manuel de Menezes. E assim, nomeando sua Magestade por capitão mór de cinco naus, accrescentando mais uma ás quatro que tinham arribado, a dom Manuel Coutinho, fidalgo de tanta qualidade, entendimento e mais partes, que bem se alcançou que postoque o logar se occupava por outros similhantes, comtudo, não eram só os interesses d'elle os que o traziam á India, senão tambem os desejos de vêr a seu irmão dom Diogo Coutinho, capitão da cidade de Cochim, que havia muitos annos assistia n'ella [1] sem tornar ao reino. Começando-se a aprestar as naus com tempo, [2] o applicava o capitão mór como quem conhecia que da presteza, e bondade dos apparelhos e provimentos, a ninguem resultava maior bem, ou mal do que a elle. Com que, vendo a falencia dos mantimentos e o quanto trabalhava por se melhorarem sem o poder alcançar, avisou a sua Magestade a Madrid, por carta propria feita em Lisboa em março d'este anno, de quão enganado era no aviamento que cuidava se dava ás naus que haviam de passar á India; porque padeciam em tudo [3] falta, e a principal era na bondade dos mantimentos, de que dependia a saude de todos os que vinham n'ellas embarcados, por cuja causa morriam tantos na viagem; apontando outras e similhantes circumstancias de não menos importancia. De que sua Magestade se deu por mui satisfeito, e lhe

[1] sem tornar. começando — A.
[2] as applicava — A. e C.
[3] falta, que a principal era — A.

respondeu que se havia por bem servido das lembranças e advertencias que lhe fazia, ás quaes mandava provêr; e o encarregava de que lhas fizesse de tudo o que entendesse convinha a seu serviço para o apresto e partida das naus, pois havia de passar n'ellas á India. Porque a vontade e desejo com que sua Magestade tracta de remediar é tão propria a sua real grandeza, como a protecção que faz *a* toda a christandade, e particularmente á d'este Oriente que com tanto dispendio de sua fazenda e reinos procura augmentar. E assim, sendo-lhe significado não havia piloto, a que se pudesse encarregar a frota com confiança de a trazer a salvamento, similhante a Gaspar Ferreira, piloto mór que já estava aposentado, o mandou vir, e por mais que elle se escusou o não houve por escuso, antes o obrigou mais com mercês. De maneira que com o habito de Christo, e outras muitas, partiu com as ditas cinco naus da barra de Lisboa a dez de abril de 614; onde vinha dom Manuel Coutinho por capitão mór em uma, Paulo Rangel de Castello Branco, por capitão [1] de outra com titulo de almirante, e por capitães das mais Luiz Ferreira de Mendonça Furtado, Manuel de Vasconcellos, João Soares Henriques.

Vinham n'estas naus embarcados muitos fidalgos e homens nobres, porque na [2] capitaina vinha [3] Lourenço Pires Carvalho, sobrinho do capitão mór, (que foi o que fez na viagem [4] quasi sempre o officio do tio) Antonio de Saldanha, Gomes da Silva, Ruy Dias da Cunha, seu irmão, Antonio Telles, Vasco Fernandes Homem. E assim na dita nau e por todas as mais vinham os fidalgos seguintes: Matheus de Siebra, Thomé de Sá, dom Filippe Mascarenhas, dom Diogo Mascarenhas seu irmão, que faleceu na viagem, Antonio de Maris, Julião Paes Dalta, Duarte Pacheco, dom Francisco de Noronha, Bartholomeu de Vasconcellos, Ruy Lourenço de Tavora, João de Saldanha seu irmão, Martim Affonso de Mello, Rodrigo de Mello, Nuno Alvares Pereira Cesar, Manuel de Vasconcellos de Atouguia, Antonio de Andrade do Couto, [5] Hieronymo Dozouro Coutinho, João de Sousa Coutinho, Martim Affonso de Mello, Paio Correia da Silva,

[1] em outra — A.
[2] capitania — A.
[3] Lourenço Pires de Carvalho — A.
[4] quasi o officio — A.
[5] Hieronymo de Zouro — A.

Lourenço da Cunha, Francisco Monis da Silva, Julio Monis da Silva, seu irmão, Jacinto Botto de Lacerda, Antonio de Mello, dom Francisco Manuel de Vilhena, [1] Fernando de Castro Fogaça, Antonio de Mello de Sampaio, Nuno Fernandes de Magalhães, Francisco de Vasconcellos de Mendonça, Rodrigo Affonso de Mello, Antonio Teixeira de Azevedo, Antonio Lobo, Vasco Mascarenhas Homem, Diogo Lopes Lobo, Luiz de Mendonça, Alberto Teixeira, Lourenço de Mendonça Furtado, Antonio de Tavora Pinto, Francisco de Tavora de Ataide, Jorge Valente de Castello Branco, Pero Correia de Azevedo. Por veador da fazenda geral o doutor Antonio da Cunha, juiz dos feitos, Luiz Mergulhão Borges, Bento de Baena Sanches bachareis, [2] dom Nuno Alvares Pereira, Francisco de Mello, Constantino de Sá de Noronha, Luiz Alvares Pereira de Lacerda, dom Garcia da Silva, que sua Magestade mandava [3] por seu embaixador á Persia; fidalgo de muitas partes e qualidade, e assim trazia pessoas entre criados seus e ministros da embaixada, com um [4] grandioso presente de peças de muita curiosidade, estimação e valia. E adiante faremos menção da causa mais [5] particular da sua vinda, do effeito para que veiu, e do como foi recebido e tractado n'este Estado.

Chegaram todas estas naus á costa de Guiné, onde com grandes calmarias tiveram muitas doenças de que lhe morreu copia de gente, acabando tambem o capitão Luiz Ferreira. Em seu logar elegeram os mesmos da nau a Diogo de Sousa de Menezes, fidalgo [6] que tinha já servido na India, e vinha despachado com a fortaleza de Ormuz. E como nunca vieram em conserva a nau almiranta e a de João Soares Henriques com as mais, arribaram e foram invernar á costa de Melinde; a almiranta a Mombaça, e indo já arribada encontrou no caminho a galeota de Gaspar de Abreu de Lima, (que temos referido mandou o visorei dom Hieronymo com outra em busca d'estas mesmas naus que o anno passado arri-

[1] Fernão de Castro Fogaça — A.

[2] D. Nuno Alvares Pereira de Lacerda, D. Garcia da Silva, que sua Magestade — A.

[3] por embaixador — A.

[4] grande — A.

[5] particularmente — A.

[6] que já tinha — A.

baram), a qual reconhecendo a nau, lhe tomou os doentes, e com outras embarcações mais, pangaios e quaes se puderam mais facilmente negociar pela costa, a ajudou e serviu o melhor que pôde, sahindo-se alguns feridos dos que vinham na nau a obrar tambem o que convinha. Com que pôde chegar a Mombaça, e a dita galeota se foi invernar a Ampaza, tendo antes tomado uma embarcação de inimigos, que queimou, e entregou a fazenda ao feitor de Mombaça.

A nau de João Soares Henriques, indo arribada para invernar [1] em Melinde, chegou a elle em dezembro. Onde surgiu, e mandando a terra, esteve muitos dias fóra com determinação de invernar [2] em Mombaça, pela melhor commodidade que n'ella ha para tudo; e levando-se para o fazer, tendo a barquinha em terra, corriam tanto as aguas para o estreito, que depois de andarem dois dias feitos ao mar com mui bom vento, quando tornaram a reconhecer a terra, parecendo-lhe estavam já em Mombaça se viram outra vez em Melinde, e indo para terra de noite deu a nau em uma restinga que corre de Melinde duas leguas ao mar, onde botou logo o leme fóra, e ficou em secco n'ella. O que vendo os officiaes, deram algumas bombarda*das*, a que não acudiu ninguem da terra; e cortando o mastro, para poder mais aliviar, a nau se encostou logo. Com que todos se deram por perdidos; porém ainda assim se salvou toda a gente, que foi para Mombaça e d'ahi [3] veiu para Goa, e alguma fazenda.

As outras tres naus chegaram a Goa em novembro do mesmo anno, postoque em varios dias e com muita gente morta de doenças. E assim de mais de tres mil soldados, que se embarcaram em Lisboa n'estas cinco naus, não chegaram á India mil e quinhentos; e postoque a principal causa da diminuição d'esta gente procedeu das doenças, que acontecem n'um tempo serem mais e de maior perigo que n'outro, [4] comtudo, se todas vieram em conserva seguindo a sua capitaina, pois conhecidamente trazia melhor piloto que as outras, se podiam ajudar em todas suas faltas e necessidades, e chegaram a Goa sem arribarem; além de poderem assim resistir a qualquer encontro de inimigos de Europa, que puderam

[1] a Melinde — C.
[2] a Mombaça — C.
[3] vieram — A.
[4] comtudo todas — A.

achar mui bem, e se assim fora, bem mal se [1] pudera haver com elles cada nau sobre si, vendo quão unidos e em conserva andam elles em suas frotas e armadas; porque, se não fôr assim, debalde se lançaram tantas naus e galeões, e todo o mais de [2] embarcações de frota, cousa tão manifesta que parece querer accrescentar luz ao sol fazer detença em dizer nada sobre ella.

CAPITULO LXXV.

COMO O VISOREI TRACTOU DE FAZER JORNADA AO NORTE EM PESSOA, E MANDOU DIANTE A DOM MANUEL DE AZEVEDO, COM UMA ARMADA POR CAPITÃO MÓR DOS AVENTUREIROS.

Vendo-se o visorei com a gente d'estas tres naus, acabou de se determinar em fazer a jornada que tinha assentado para o Norte, em demandar as naus ingrezas a Surrate, onde tinha aviso estarem quatro; e porque tambem lhe chegou outro dos mouros armadores dos parós lançarem grandes copias d'elles para passarem ao Norte, a se satisfazerem da perda e affronta do anno passado e ajudar a Decanim em suas guerras, e poderem tambem empregar-se nos roubos e prezas, como seu primeiro intento; o que considerando o visorei de quanto detrimento podia ser para todas as cidades, terras, costa, e commercio do Norte, estando tambem com o Mogor de guerra, com que ficavamos tendo a todos por inimigos, tinha antes que chegassem as naus, tirando forças d'onde menos as havia, ordenado uma armada de quatorze sanguiceis aventureiros, os mesmos que dom Diogo de Vasconcellos trouxe [3] de pressa. E com a vinda da gente do reino acrescentou mais oito navios, que, provídos de soldadesca e tudo o necessario, negociou com muita pressa, e os encarregou a dom Manuel de Azevedo, seu parente, com titulo de capitão mór dos aventureiros, e o despediu o derradeiro de novembro d'este presente anno. Onde iam por capitães dom Manuel de Azevedo, capitão mór, Jorge de Mello, João de Andrade da Gama, Gonçalo de Proença, Francisco de Ma-

[1] puderam — C.
[2] embarcação — A.
[3] da preza — A.

cedo, Thomé Delgado, Manuel de Andrade, Antonio Calado da Silva, Francisco Henriques Pinto, Gaspar de Barros, Gaspar da Costa, Domingos de Brito, Gaspar Pita de Almeida, [1] Antonio de Proença, Belchior de Contreiras, Domingos de Aguiar, João Barbosa, Diogo de Brito da Silva, Manuel de Azevedo de Vasconcellos, Manuel Gomes Roás, Bartholomeu Soares. Os fidalgos que foram embarcados n'esta armada *eram*, Antonio Moniz Barreto, dom Pedro da Silva, dom Hieronymo de Azevedo, Thomé de Valladares, [2] Manuel de Vasconcellos de Atouguia, Antonio de Andrade do Couto, Manuel Correia da Silva, Martim Affonso de Sousa, Bartholomeu Lobo, Hieronymo Coutinho de Sá, Manuel de Sousa Chichorro, Luiz Martins Chichorro, Francisco Moniz da Silva, Julio Moniz da Silva, Matheus de Siebra de Sousa, [3] Hieronymo Dozouro.

O regimento que deu o visorei a dom Manuel de Azevedo foi que em nenhum dos portos que tomasse fizesse detença, mais que a que precisamente fosse necessaria, em quanto fosse pelas terras do Idalcão; e passando d'ellas se não occupasse em dar assaltos, nem sahir nas do Melique, senão, dando as cartas e dinheiro que levava para Chaul e Baçaim, sem consentir desembarcar pessoa alguma em terra, fosse passando adiante até se vêr com Luiz de Brito em Surrate, onde a primeira cousa de que havia de tractar havia de ser de impedirem a carga ás naus ingrezas que estavam no poço, assim por mar como por terra. Para o que [4] deviam ter as intelligencias e espias necessarias, para saberem por que parte [5] e com que poder de gente lhe vinham as fazendas, assim ingrezes como mogores, para que [6] considerasse se podia fazer-lhe assalto, porém de sorte que se não puzessem a perigo manifesto, senão de que tivessem esperança de sahir muito bem; porque, postoque a guerra se não [7] pudesse fazer sem riscos e mortes, comtudo, o visorei mais attendia a conservar com aquellas armadas o credito e reputação do Estado, do que arriscar a per-

[1] Antonio de Presença — C.
[2] Manuel de Vasconcellos da Atouguia — A.
[3] Hieronymo do Zouro — A.
[4] haviam de ter — A.
[5] e com que poder lhe vinham — A.
[6] considerassem se podiam — A.
[7] podia — A.

del-as, nem ainda parte d'ellas, postoque fosse á custa dos inimigos, a quem não podia fazer a gente tanta falta, e particularmente aos mogores; que no tocante aos ingrezes [1] arriscaria de mui boa vontade o visorei tudo, porque lhes pudesse tolher a carga, e lançal-os do porto: conhecendo mui bem o grande mal que com elles vinha a este Estado. Mas o intento d'estas ordens, não era outro mais que advertil-o buscasse alguma boa occasião, como na guerra de ordinario tem os que com prudencia, industria e diligencia a sabem procurar. E não menos lhe encarregava o visorei fizesse com esta armada, e por si tambem Luiz de Brito com a sua, e as que mais lhe aggregassem, toda a guerra possivel ás terras do Mogor, particularmente as que estavam pela fralda do mar, como Goga, Cambaia, Surrate, Baroche; sem saber ainda o castigo que Luiz de Brito lhe tinha dado. O que mandava fazer *não* só para [2] as destruir, em satisfação da guerra que queriam fazer ás terras de Damão, e os divertir d'ella, mettendo-lha [3] em suas proprias terras e casas, mas tambem para poder impedir a carga aos ingrezes, com que os podesse achar ainda quando viesse; para o que se ficava apparelhando.

Encommendava o visorei mui particularmente ao capitão mór evitasse toda a desavença e pontos em materia de logares com os capitães móres, e em toda a outra substancia, porque o mandava egual com Luiz de Brito e superior a todas as mais armadas que se lhe aggregassem, e sujeito a Antonio Pinto da Fonseca, a quem haviam todos de acudir, quando os chamasse para alguma occasião das guerras em que andava no seu districto de Baçaim. E como o visorei era tão antigo na India e [4] versado em todas as terras e gente d'ella, apontava aos capitães móres as paragens por onde haviam de [5] commetter, a condição, costumes e cantidade de gente com que de ordinario estavam as terras, e as prevenções e cautelas com que se deviam haver, e não menos os modos de governar os seus soldados, e armas de que os haviam de fazer andar provídos e pra-

[1] arriscaria o visorei tudo de boa vontade, porque — A.
[2] os — C.
[3] em suas proprias casas — C.
[4] cursado — A.
[5] comer — C.

ticos, assim em mar, como em terra. E com ser dom Manuel de Azevedo um capitão tão pratico, e [1] versado em muitas guerras, não deixava o visorei de lhe particularisar [2] tudo isto com muita miudeza.

Feito á vela dom Manuel da barra de Goa, indo seguindo sua viagem encontrou no rio de [3] Sifardão dois parós, e como ia solto de cafila [4] os foi seguindo e cercando até que não tiveram outro remedio mais que entrarem no rio. E á volta d'elles foram tambem os sanguiceis da armada, e como os mouros se viram em terra, onde raramente brigam, lançaram-se a ella e largaram os parós; com que logo foram postos á toa dos que primeiro lhe carregaram e trazidos até Chaul, onde os deixaram, por não se empacharem com cousa alguma. Chegou dom Manuel a Surrate, onde achou a Luiz de Brito trabalhando o que podia por impedir a carga aos ingrezes; mas como as naus estão no poço tão junto [5] da terra que se não podem metter os navios entra ella e as naus sem ficarem expostos á sua artilheria, e em terra andavam com tão bom acompanhamento e cautela que não havia modo [6] de lhe poder fazer o mal que pretendiam, tractaram ambos os capitães móres, juntamente com dom João de Almeida, de irem fazer guerras ás terras do Mogor, como o visorei lhe ordenava fizessem, e assentaram fossem dar em Goga, para onde logo se partiram, e lhes succedeu o que no seguinte capitulo se dirá.

[1] cursado — A.
[2] tudo isto como convinha — A.
[3] Sirfardão — C.
[4] foi-os — C.
[5] de terra — C.
[6] de lhe fazer o mal — A.

CAPITULO LXXVI.

DO ASSALTO QUE DERAM AS TRES ARMADAS, DE LUIZ DE BRITO, DOM MANUEL DE AZEVEDO E DOM JOÃO DE ALMEIDA, EM GOGA, E COMO A TOMARAM E DESTRUIRAM.

A travessa de Surrate para Goga é mui pequena, e assim chegaram a ella as tres armadas á bocca da noite, partindo ás quatro da manhã. Levavam embarcações pequenas para se servirem na desembarcação, porque o rio de Goga é mui capaz, e é mui necessario esperar aguas vivas, e não se sabia porque parte estaria o inimigo mais fortificado, (porque se esperava que houvesse n'esta cidade muito poder e resistencia, assim por ella ser grande, como de gente a mais d'ella lascarins nathias, de muito trabalho e forças) e juntamente para tomar espias como procuravam, e logo á noite as [1] tomaram, das quaes souberam que os inimigos estavam fortificados pela banda do rio, parecendo-lhes que por elle haviam os portuguezes de fazer a entrada; tendo um baluarte na ponta da barra com muita artilheria, e seis naus mais pelo rio dentro envasadas, das quaes uma muito grande da mãe do Mogor, cheia de gente, artilheria, e muitas pedras, e cousas que a defendessem, como tambem estavam as outras cinco. De maneira que tudo o que entrasse pelo rio não podia deixar de levar a carga de todas [2] estas naus; porém o poder da gente de guerra estava em Cambaia e Surrate, com receio de podermos dar em qualquer d'estas terras.

Assentaram os tres capitães móres que se desembarcasse na costa brava, onde ordinariamente envasavam os navios quando a terra estava de paz; e assim, ordenado tudo o necessario, no quarto d'alva sahiu a gente em terra no mez de dezembro de 614, sem haver cousa nem pessoa que lho impedisse, por parecer aos d'ella que o desenho dos portuguezes não era desembarcar n'aquella parte. Ordenaram-se as fileiras da gente, começando Luiz de Brito a marchar na dianteira, dom João de Almeida na vanguarda, e dom Manuel de Azevedo na retaguarda;

[1] tomaram, e souberam d'ellas que — C.
[2] estas cargas — C.

e assim se foram chegando para a cidade, [1] da parte do poente da terra, onde estava a porta principal; e tambem por entenderem estaria d'aquella banda menos fortificada. No campo, antes de chegarem á cidade, sahiram aos portuguezes alguns mouros de cavallo, com que houve pouco que fazer, porque com umas bombas de fogo que lhe lançaram viraram as costas, e se acolheram, não para a cidade. Com que os nossos foram endireitando para as portas d'ella, que estavam para a banda da terra, as quaes acharam francamente abertas, e sem fazer detença, nem haver receio de cousa que dentro os pudesse esperar, entraram e foram [2] atravessando pelo meio da cidade, a demandar as naus e o baluarte que [3] estava na barra do rio. E em chegando os mouros que estavam na praia e no baluarte, vendo os portuguezes virem já senhores da cidade, e os navios no mesmo tempo entrarem pela barra varejando com a artilheria, largaram o baluarte e tudo, *e* se foram acolhendo para o campo; e só a nau Samadi, da mãe do Mogor, se poz em defensão, mas como tinha a artilheria toda abocada para a parte do rio fez pouco damno, passando por alto os mais dos pelouros. E n'isto chegaram os nossos a ella, com um santiago apressado; porém como a nau [4] era mui alta e grande não podiam fazer damno estando envazada; e apparecendo alli uma escada, lha arrimaram de um alto que fazia a terra para a nau, pela qual foram subindo, o primeiro Francisco de Brito de Almeida, que levava o guião de seu irmão João de Brito, e o mesmo irmão, dom Diogo de Sousa, Cosmo Peixoto, Jorge Galvão, e outros. Mas os mouros lhe defenderam mui bem a entrada da nau, ferindo fortemente nos primeiros; e foram carregando tantos a subir pela escada, fazendo por pegar na nau com unhas e dentes, que com o pêso quebrou, e todos cahiram na vasa, onde estiveram alguns quasi afogados. E cercando a nau todos, vendo que não havia modo para a renderem á espada, lhe começaram a lançar muitas panellas de polvora e lanças de fogo, com que se ateou na nau de sorte que os mouros se vieram descobrindo todos como homens desesperados, atirando com as armas que tinham nas mãos, com que feri-

[1] a parte — C.
[2] entrando — A.
[3] ficava — C.
[4] era mui grande — A.

ram alguns; porém eram logo pescados dos pelouros. E assim que entre fogo, pelouros e agua, se consumiu e queimou a nau com muita gente, até mulheres e meninos, que se haviam acolhido a ella por ser a cousa mais forte que alli havia; a que nunca deixára de dar vida a piedade dos portuguezes, se os mouros, que deviam ser seus paes, irmãos, e maridos, com sua obstinação lhe não grangearam a elles, e a si, a morte que parece tomavam por sua maldita seita; porque alguns, vendo as grandes labaredas com que a nau ardia depois de estar ateado o fogo n'ella, fazendo a salema com grandes mostras de devação se lançavam no fogo, que em breve os consumia, para tambem eternamente os começar a atormentar. E assim em breve ardeu a nau e gente, sem ficarem mais que as cinzas de tudo o que dentro tinha; e postoque, no emmentes, das outras naus não cessavam muitos tiros, com que cuidavam poder livrar esta e fazer mal aos portuguezes, nem uma cousa nem outra conseguiram, antes, em sendo commettidas d'elles, todos os que estavam dentro as largáram, e pelo rio a nado se foram para a outra banda, tomando escarmento no fim que viram ter aos companheiros da nau grande; porque pondo-se fogo a estas arderam tambem em breve.

Despejada a praia e cidade de inimigos, como dentro n'ella havia muitas fazendas de roupas, [1] anis e outras sórtes, se desmandaram alguns soldados em irem fazer suas prêzas; porém os capitães móres os fizeram recolher com bom modo, dando-lhe comtudo logar para o fazerem com mais segurança, pondo postas nas ruas e portas da cidade em quanto davam saco aos soldados, em que cada um recolheu o que pôde, e pudera recolher muito mais, conforme estava a cidade cheia de tudo; mas o mais eram cousas de volume. Gastando o dia n'isto se recolheram aos navios, que acharam já envazados. Ao outro dia tornaram os portuguezes a sahir em terra para queimar a cidade, e em demanda de alguns mouros que vinham crescendo; e como eram poucos, e desordenados, em arremettendo com elles os fizeram fugir para o campo, e os que o não quizeram, ou puderam fazer tão depressa, deixaram as vidas. E entrando na cidade lhe puzeram fogo por todas as partes, que começou a arder com grão furia, onde se queimou grão quantidade de fazendas de porte, em que os mouros tiveram mui grande perda. E andando pondo

[1] anies — A.

fogo á cidade, mataram com uma frechada a um soldado chamado David da Silva, pessoa mui conhecida e bom soldado.

Depois de queimada a cidade e estarem alli tres dias, e os capitães e soldados contentes com muitas prêzas, se fez a armada na volta de Dio, levando, além da fazenda que ia nos navios, muitos bateis á toa cheios d'ella. Onde chegados, e feita toda em dinheiro, como andavam enfrascados na guerra determinaram os capitães móres de irem dar na cidade de Patane, por seguirem o curso da victoria e darem a conhecer a estes vassallos do Mogor quão differente cousa era gosar da paz, do que experimentar a guerra dos portuguezes. E assim partiram para lá com grande alvoroço de todos os soldados, porque o andarem elles contentes os faz ser dobradamente esforçados; e chegando á cidade desembarcaram e entraram n'ella sem nenhuma resistencia, porque não [1] havia pé de pessoa que lho defendesse, que como a nova da tomada de Goga, e de Baroche e regibutos, e do estrago que n'ellas tinham feito os portuguezes, tinham corrido por toda a costa, os mouros d'esta cidade de Patane, em vendo a armada e o numero dos navios, não quizeram pôr-se em defensa, senão carregando do fato que puderam, que tambem já por estas toadas tinham mui pouco, e de mulheres e filhos, se foram a mais andar pela terra dentro; e não achando os portuguezes mais que as paredes das casas solitarias lhe puzeram fogo a todas, e se vieram para Surrate, a vêr o que podiam obrar contra os ingrezes, e saber da vinda do visorei, para acudirem ao que lhes ordenasse.

[1] havia pessoa — A.

CAPITULO LXXVII.

DA PIMENTA QUE SE MANDOU BUSCAR PARA AS NAUS, E MAIS APRESTOS QUE SE LHE DEU, E DA VINDA DA ARMADA DO CABO, E APPARELHO DA IDA DO VISOREI AO NORTE.

Como as naus vieram tarde assim foi tardio o aviamento que se lhe deu, postoque o visorei, nem com estar occupado no apresto de sua jornada ao Norte deixou de lhe mandar negociar tudo o necessario o mais depressa que pôde; e como a pimenta é a primeira cousa e [1] de mais sustancia, mandou a Jorge de Castilho, fidalgo que servia com zêlo, fosse com uma galé e septe navios de armada até Cochim e Coulão com toda a brevidade. Capitães dos navios foram Manuel de Azevedo, Domingos de Abreu, Antonio de Araujo Teixeira, Diogo Homem de Castro, Joseph Cabreira, André de Vasconcellos, Francisco de Abreu da Silva. Os fidalgos que foram embarçados n'esta armada eram Nicolau de Soveral, Francisco Alvares d'Atouguia, João Carvalho, Ruy Vaz da Cunha, Francisco de Castro Pacheco, Bartholomeu de Vasconcellos, a buscar a pimenta que lá estava feita para as naus, para o que levava navios fretados que a trouxessem. Ordenando-lhe lançasse em Onor quem ficasse alli fazendo outra, e juntamente em Cananor, e que quando achasse dom Lopo de Almeida livre de occupações lhe entregasse os navios da pimenta, para os fazer carregar e trazer com a maior pressa possivel, e elle Jorge de Castilho se tornasse logo para Goa com a sua armada, parece que para o ir ainda acompanhar, ou buscar ao Norte, porque o tinha nomeado, antes que o mandasse a esta jornada, para ir com elle por capitão de uma galé.

Partiu Jorge de Castilho a este effeito a nove de dezembro, e passando pelas fortalezas do Malavar, como lhe era mandado, ia já de Cochim para Coulão levando os navios para a pimenta, quando encontrou dom Lopo de Almeida com a sua armada, que ia para o cabo, ao qual entregou os navios da pimenta conforme seu regimento, e elle se tornou para Goa sem nenhuma detença, por vêr se podia ainda tomar o visorei

[1] da — C.

em terra, ou ordem sua, como elle lhe disse que deixaria; e quando chegou o achou já partido. O visorei ficou tractando de despedir as naus para o reino, ou ao menos deixal-as negociadas de maneira que pudessem ir-se em elle partindo para o Norte, e não esperarem mais despacho, nem ordem sua; e como Cambaia estava de guerra, d'onde vem as principaes roupas e fazendas para Portugal, tractou de as mandar negociar com as roupas do Balagate, de que não faltavam muitas sortes, esperando juntamente que de Cochim viesse a cafila com as de Tutucorim, Negapatão e Bengala, e mais drogas e fazendas do Sul; procurando e ajudando da sua parte tudo o que podia para que as naus fossem muito ricas; porque bem conhecia que conforme o que rendessem em Portugal á fazenda de sua Magestade, haviam de ser os soccorros que lhe mandassem a este Estado. E assim negociadas, como o tempo e estado das cousas [1] permittiam, até o em que lhe era forçado partir para Surrate, se converteu todo a apparelhar-se para se fazer á vela, e poder ainda achar os ingrezes, a que ia demandar; e as naus acabou de despedir o arcebispo dom Frei Christovam de Lisboa, que ficou governando.

Conhecia bem o visorei, como quem tinha tanto conhecimento e experiencia da India, que uma das principaes cousas que a podia acabar para com os portuguezes, era este tracto e commercio que os ingrezes começavam em Surrate, d'onde, além das roupas, [2] anis, e outras fazendas que levavam para Europa, que costumam ir-lhe do reino de Portugal, com que ficavam tendo muito menos expediente e valia todas as que de cá levavamos, com perda grande dos vassallos e muita maior da fazenda de sua Magestade, tiravam [3] os ingrezes d'este porto as roupas com que eram admittidos por todo o Sul para fazerem o resgate das drogas, [4] de pimenta, cravo, noz, massa, e outras muitas fazendas que por elle havia. [5] Com que nos ficavam tomando o commercio; porque o que nós faziamos em muitas embarcações, e por muitas alfandegas, pagando fretes e direitos em todas ellas e tendo grandes ganhos de umas terras para ou-

[1] promettiam — C.
[2] aniés — A.
[3] os inglezes as roupas d'este porto — A.
[4] da pimenta — A.
[5] com que ficavam — A.

tras, elles só n'umas naus e de uma viagem, e sem pagarem nenhuns direitos, fazem este grosso tracto. Por onde podiam comprar mais caro e vender mais barato, e ainda assim ficarem tendo excessivos ganhos. Sem que, o fazem ao contrario, com que os tem maiores, com as despezas muito menos do que nós fazemos; porque os ingrezes então, e os hollandezes depois, acarretam as roupas e fazendas, fazem os fardos e os levam *a* embarcar. [1] Com que todo o vulgo dos naturaes d'este Oriente conhecem a differença; com que desejam os portuguezes, vendo que o mais pobre e miseravel d'elles para qualquer cousa que compra occupa em quem lha leve, negoceie e embarque, a muitos naturaes, que aproveitam e ajudam com se servirem d'elles; porém são tão grossos os presentes com que estes inimigos, e todos os da Europa que passam a estas partes, entram com os senhores e reis d'ellas, e os interesses que dão a elles, que a esse respeito entraram tanto com o Mogor n'este porto de Surrate, sem respeito nenhum *á* amisade e commercio d'este Estado, particularmente acrescentando a todos estes interesses a segurança de suas embarcações, para [2] lhas levarem a Meca, sem lhe pedirem nada pelos cartazes, que a nós compravam por tanto preço. E com esta parte sómente entraram tambem tanto com os reis do Sul, que vieram a se obrigar a lhe pagarem todas as embarcações que [3] lhe nós tomassemos, como já fizeram a algumas; havendo tambem outros reis que, por engrossarem suas terras, lhes põem por preceito a todos os que vão a ellas, que nem em seus portos, nem á vista d'elles haverá tomar nenhuma embarcação dos que vão para elles; como fazem o rei de Japão [4] e de Macassar. Porém como a fonte de todo o tracto da India começava d'estas roupas e fazendas de Cambaia, e nós podiamos ir brigar com os ingrezes embarcados, como de nossas casas, pelas terras de Damão e todo o Norte, d'onde com brevidade podemos ter o refresco e soccorro conveniente, aqui pareceu ao visorei devia metter todo o resto, para tirar esta quasi affronta que nas partes d'este Estado vinha fazer uma nação de tão longe, onde as armas de sua Magestade senhoreavam com tanta reputação o com-

[1] com que desejam os portuguezes — A.
[2] lhes — A. e C.
[3] lhe tomassemos — A.
[4] e do Macassar — C.

mercio, navegação e senhorio dos mares. E assim ajuntou uma armada de seis galeões, dois patachos, uma caravela, uma galé real e cinco navios, afora as tres armadas de remo, de Luiz de Brito de Mello, de dom Manuel de Azevedo, e dom João de Almeida, que no Norte andavam e esperavam sua vinda. Cujos capitães eram: do galeão do visorei Estevam Teixeira de Macedo, dos mais galeões Miguel de Sousa Pimentel, Gaspar de Mello de Sampaio, dom Francisco Henriques, João Caiado de Gamboa, Francisco de Miranda Henriques; e dos patachos, dom João Mascarenhas, e dom Francisco Coutinho; e da caravela André Coelho; da galé real Diogo de Sousa de Menezes; e dos navios Diogo da Cunha de Castello Branco, ouvidor geral do crime, Affonso Rodrigues de Guevara, secretario do Estado, Gonçalo Pinto da Fonseca, que ia por [1] veador da fazenda, Antonio Barbalho, escrivão da fazenda, Martim Affonso de Araujo.

Toda esta armada ia cheia de muitos fidalgos e gente nobre, artilheria e munições; porque só o galeão do visorei levava duzentos homens brancos, e trinta fidalgos, os mais d'elles casados, e *com* filhos, e despachados. Do que nada lhe era impedimento para irem offerecer tudo, com as vidas, pelo serviço de sua Magestade. Estes eram dom Francisco de Sousa, despachado com a fortaleza de Ormuz, com dois filhos, chamados dom Luiz de Sousa e dom Manuel de Sousa; Antonio de Azevedo Coutinho, Antonio de Azevedo de Vasconcellos, Sebastião de Sousa [2], Fernão Brandão, Martim Affonso de Sousa, Jorge Valente Castello Branco, Chrysostomo Teixeira de Macedo, Ascanio Teixeira de Macedo, dom Pedro de Azevedo, Antonio da Silva, Antonio Ferreira da Camara, dom Manuel de Castro, Luiz Mendes de Vasconcellos, Antonio da Cunha, Henrique de Vasconcellos, dom Philippe de Sousa, Gomes da Silva, [3] Ruy Dias da Cunha, Hieronymo de Sousa Coutinho, Antonio de Sousa Coutinho, João de Sousa Coutinho, Mathias Corte Real, Antonio Carneiro, [4] Pero da Silva Peixoto, Manuel de Brito Barreto, Gaspar de Carvalho de Menezes, Jacomo de Mello Pereira, Belchior Pita de Vasconcellos, Vasco

[1] védor — A.

[2] De Sebastião de Sousa salta a Jorge Valente, no exemplar da Academia.

[3] Ruy Gomes da Cunha — A.

[4] Pedro da Silva Peixo — A.

Mascarenhas Homem, Diogo de Sousa Pereira, Francisco da Silva de Menezes, dom Luiz Lobo, dom Antonio Manuel, dom Pedro Mascarenhas, dom João de Almeida, Lourenço de Mello de Sá, dom Francisco de Almeida, Antonio Telles de Menezes, Antonio Carneiro de Aragão, Manuel de Mello Pereira, Ruy Barreto Rolim, Bartholomeu de Mello Coutinho, Luiz de Mello, Diogo Lopes de Siqueira, Manuel da Camara de Noronha, dom Luiz de Sousa, Antonio Furtado de Mendonça, Martim Affonso de Miranda, Thomé de Sousa Coutinho, Simão da Cunha, Francisco Serrão, Fernão Martins de Sousa, Thomé Lobo Teixeira, Pedro de Almeida Cabral, Antonio Lobo de Brito, Martim Teixeira de Azevedo, Antonio Teixeira de Azevedo, Antonio Rodrigues de Gamboa, Bernardo de Mello de Pina, Christovam Pereira de Berredo, Bartholomeu de Quadros, Antonio de Andrade Gamboa, Vicente Rebello, Francisco Tibau, Balthazar Lobo de Sousa, Manuel de Sousa Coutinho, Duarte Brandão de Lima, Jorge da Silva de Abreu, Alberto Teixeira, [1] Julião Paes Dalta, Lourenço Pires de Carvalho, Luiz de Mendonça, Bartholomeu Pereira de Miranda, Ruy de Brito de Noronha, dom João de Lima, Nicolau de Soveral, João Pereira, João Carvalho, Ruy Dias da Cunha, Francisco de Castro Pacheco, Bartholomeu de Vasconcellos, Christovam de Mello, Vasco Gomes de Abreu de Mello, Gaspar Pereira, Antonio Furtado de Mendonça, Diogo de Sousa de Menezes, por capitão da galé real.

CAPITULO LXXVIII.

DA VIAGEM QUE FEZ O VISOREI [2] DOM HIERONYMO DE AZEVEDO AO NORTE, E DO SUCCESSO D'ELLA.

Com esta armada mui bem provída [3] de tudo o necessario se pôz o visorei na barra, [4] levando só no seu galeão vinte e oito peças de artilheria, entre a qual ia alguma mui grossa, e os outros a quinze e a vinte

[1] Julio Paes Dalta — A.
[2] dom Hieronymo ao Norte — C.
[3] de todo o necessario — A.
[4] levando no — A.

peças, com bombardeiros que a houvessem de menear, senão tão destros como se requeria para com os inimigos com quem se ia brigar, ao menos não com tão pouco conhecimento como de ordinario acontece em nossas embarcações; postoque, tirado o galeão do visorei, os mais levavam mui poucos officiaes portuguezes, porque de vinte que se assentaram a cada um, cinco o não eram de profissão, e assim ainda levavam alguns lascarins que ainda que na occasião de briga sirvam e ajudem a mareação, comtudo, como são mouros, e não andem mais que a fazer proveito, em não havendo occasião d'elle são tão pouco diligentes como até nas embarcações mercantis se conhece.

Deixou o visorei em seu logar em Goa [1] ao arcebispo d'ella dom frei Christovam de Lisboa, sem limitação de poderes, e o escrivão da fazenda que então era, que servisse de secretario nas cousas que se offerecessem, servindo tambem o seu cargo. O que assim ordenado, se fez á vela com as embarcações referidas em fim de dezembro de 614, em que iriam mil e quatrocentos portuguezes, (não se querendo ajudar de nenhuma outra nação, por não parecer que as haviamos mister, ou por ser a guerra a que ia differente d'aquellas para que levavam os visoreis antigos quando se embarcavam tantos malavares e canaris como se sabe) afora as tres armadas de remo que andavam ao Norte, [2] onde andariam oitocentos soldados. E para quatro naus ingrezas pareceu este tão aventejado poder, que não houve quem se não promettesse bom successo, e quando menos que não esperariam os ingrezes; porém os juizos de quem avalia as cousas sem a experiencia e conhecimento perfeito de todas as circumstancias, sahem de ordinario tão differentes, se não é puramente por algum caso, como bem se viu n'esta jornada.

Além da causa principal, que moveu o visorei a passar ao Norte em demanda dos ingrezes, o fez tambem pelas guerras que n'elle tinhamos com o Mogor e Melique, para os poder aquentar de sórte que se tomasse n'ellas alguma honrada resolução. E sempre as do Mogor estavam dependendo do successo que tivessemos com os ingrezes; porque conforme a reputação que d'ahi ganhassemos lhe poderiamos pôr condições de os não admittirem em seus portos, nem lhe darem fazendas. E nas do Melique,

[1] o arcebispo d'ella — A.
[2] em que andariam — A.

o Idalcão, parece que a seu petitorio, se tinha mettido de permeio para conseguir as pazes da nossa e da sua parte; o que tinha tractado com o nosso embaixador Antonio Monteiro Corte Real, que estava em Visapor. E no entretanto que se tractava das condições houveram que convinha haver tregoas de parte a parte, sobre as quaes tinha já o visorei escripto a Antonio Pinto da Fonseca a Baçaim, e a Ruy Freire de Andrade a Chaul, e estavam n'ellas: que foi aliviar estas cidades e fortalezas [1] e seus districtos do continuo sitio em que estavam havia perto de dois annos, e sobresaltos de rebates; postoque os presidios ainda perseveravam até conclusão das pazes.

E é muito para considerar que com se fazer uma armada d'esta sórte não foi necessario ao visorei nem obrigar a ninguem com prisões que se embarcasse, nem pedir emprestimos, nem tomar embarcações de mercadores, nem ir ou ficar alguem descontente. É bem verdade que [2] aos mais d'elles todos parecia a empreza mui facil e sem perigo; porém não aos que tinham brigado com os ingrezes, e sabiam como vendiam caras as victorias. Em Dabul mandou o tanadar visitar o visorei com muitas vaccas, carneiros e outros refrescos. E sem fazer detença [3] foi navegando até Chaul, onde veiu a cidade ao mar visitar o visorei, e os mais dos soldados que alli haviam estado de presidio se queriam embarcar n'esta armada, e o mesmo procurou o capitão mór d'elles, Ruy Freire, que com um mosquete ás costas e uns frascos na cinta, parecendo assim mui bem, se foi metter no galeão do visorei; porém elle não consentiu que nenhum soldado do presidio se embarcasse, e muito menos o seu capitão mór, antes dando-lhe os agradecimentos e louvores merecidos [4] por tudo o que n'aquellas guerras havia obrado, e por aquella honrada resolução, lhe mandou ficasse no seu logar com os seus soldados até ordem sua, porque por ora assim convinha; e passando a Baçaim, deixando tambem ordenado o mesmo, depois de precederem as visitas da cidade, capitão mór, e pessoas do governo e principaes, e seguindo a derrota a Damão fez tambem a pouca detença que nas outras cidades, navegando com toda a

[1] e a seus districtos do continuo cerco — A.
[2] aos mais de todos — C.
[3] foi na vasante até — C.
[4] de todo — A.

brevidade para Surrate, onde chegou a vinte e oito de janeiro de 615, e no mesmo dia o vieram demandar e salvar as tres armadas, de Luiz de Brito, dom Manuel de Azevedo, e dom João de Almeida, com que se ajuntou um corpo de navios mui conveniente para qualquer empreza.

O inimigo ingrez estava dentro [1] em o poço com as suas quatro naus: a capitaina e almirante grandes, e as outras duas mais pequenas. E postoque o visorei lévava desenho de logo as investir, parecendo-lhe que estavam fóra do poço, comtudo, vendo como ficavam dentro e a maré vasava, surgiu com a armada, por não virem todos encalhar na restinga. Aquella noite foi o galeão de João Caiado de Gamboa, por falta de officiaes e pouca vigia, caçando mais de duas leguas ao Norte do inimigo; e em amanhecendo lhe mandou o visorei recado fosse abalroar com a almirante, e elle o ia fazer ás mais com o resto da armada. E vindo já todos levados, acudiu Gaspar Gomes, patrão mór, que andava n'um paró sondando o poço e séu canal junto ás naus inimigas, e fez surgir o galeão de João Caiado já [2] bem perto da restinga; e acudindo logo ao do visorei e aos mais, para os fazer surgir, os achou já surtos, por se embaraçar a capitaina com o galeão de Francisco de Miranda. O que vendo os ingrezes antes que os nossos surgissem, parecendo-lhes que entravam dentro no poço, estiveram levados para se sahirem pela outra banda por cima das restingas, por não serem abalroados; que é o de que mais se afastam.

O visorei mandou ao patrão mór sondasse [3] com toda a brevidade, para saber o canal, e poder entrar com a armada toda e abordar com o inimigo; não fazendo conta de brigar com elle por outro modo. E andando n'isto Gaspar Gomes, se afastou uma nau ingreza, das pequenas, mais de dois mil passos das outras, por dentro das restingas para a parte do Sul; a qual mandou logo o visorei abalroar com os dois patachos e caravelas e juntamente com os navios de remo, que nenhum apparelho nem artificio tinham para esta briga mais que lanças de fogo e panellas de polvora, além de outras armas ordinarias, de espingardas, lanças e espadas; e apressando a ordem do visorei de maneira que nem tempo ti-

[1] no poço — A.
[2] bem posto na restinga — A. bem posto da restinga — C.
[3] com muita — C.

veram alguns para se confessarem, o primeiro que se levou foi dom João Mascarenhas, que passando por cima das restingas, por braça e meia de agua, se foi atracar com a nau inimiga, lançando-lhe arpeos com que ficou amarrado com ella. Dom Francisco Coutinho se levou logo, e foi abalroar com dom João Mascarenhas, pela corrente da maré, que alli é muito grande, lhe não dar logar para o poder fazer pela outra banda da nau inimiga; porque era certo descahir logo d'ella. André Coelho se levou logo tambem, e se foi metter com a sua caravela entre ambos; parece que pela mesma causa. De maneira que só dom João Mascarenhas ficava atracando com o inimigo, e os navios de remo, que foram tambem abalroar pela outra banda; com que ficou a nau rodeada por todas as partes com embarcações nossas. O mastro grande e a gavea do inimigo tomou fogo, e os ingrezes se recolheram para baixo, ficando os nossos senhores da nau por cima, onde estavam já muitos; e só pelos buracos da xareta, que era de xadrez, e pelas portinholas se defendiam, tendo-se já quasi por rendidos. E se os nossos quizeram acabar de queimar a nau o fizeram facilmente; mas não tractaram senão de a tomar rendida. Seriam isto duas horas para as tres da tarde, tempo em que a maré chegou a preamar, sem fazer as grandes correntes que alli ha; com que tiveram logar as outras tres naus ingrezas de se alarem pelas espias que tinham lançadas, e metterem sua nau no meio, com que foram esbombardeando os navios, não deixando tambem os galeões de lhe fazer o mesmo, e ellas de responder; de sórte que não faltaram mortos da nossa parte, e póde ser que tambem os houvesse da sua. Um dos nossos morto foi dom Luiz de Sousa, no galeão do visorei, de uma bombardada. De que o pae não mostrou nenhum sentimento, antes quando lho disseram respondeu que tão bem empregasse elle, e os outros que lhe ficavam, a vida, como aquelle o tinha feito. Os nossos dois patachos e a caravela estavam já [1] todos com fogo mui ateado, ou fosse o que lhe cahiu da nau inimiga, ou pelo tomarem por desastre; de maneira que com a vasante se [2] desatracaram, e juntamente os navios de remo, por não poderem soffrer os muitos pelouros, assim de artilheria como de mosquetaria, que os inimigos lhe tiravam, de que lhe mataram alguma gente. E os tres

[1] todos feitos em fogo, ou fosse — A.
[2] desatravessaram — A.

patachos, ardendo sem remedio, com a grande corrente da maré vieram cahir sobre a restinga, onde acabaram de arder, e a nau inimiga de apagar o seu fogo, que só lhe queimou a gavea grande e o mastareo com algumas obras mortas. Morreram alli alguns fidalgos [1] e soldados todos com grande esforço, e [2] sahiram muitos feridos. Aonde acabou dom João Mascarenhas de um pelouro de bombarda, e Lourenço Pires de Carvalho escapou com uma lançada, com que o [3] deitaram ao mar da nau inimiga d'onde estava, e o salvaram os navios de remo, tendo aquelle dia brigado com todo valor. E assim [4] tambem salvaram os navios de remo alguma outra gente dos patachos; que, pela grande corrente e muitos pelouros, foi obrar muito. Do que só póde julgar quem [5] com a presença viu a refrega. E n'isto se passou aquelle dia com tão ruim effeito de nossa parte, onde, postoque não faltou em muitos animo e deliberação, comtudo, faltou ordem, e acordo, que é o que mais se requere e ha mister em similhantes brigas.

CAPITULO LXXIX.

DO QUE MAIS PASSOU O VISOREI EM SURRATE, E DAS NOVAS QUE LHE CHEGARAM DE ORMUZ, DA PERDA DO COMORÃO; E DO QUE SOBRE [6] ISTO FEZ.

Ao outro dia mandou o visorei sondar outra vez, por vêr se podia entrar no poço a cumprir sua determinação; e foi-lhe respondido que o não podia fazer. Reposta que tinha bem que examinar, e procurar a verdade d'ella; porém creu-se sem nada d'isto. E assim, não fazendo já conta de entrar no poço para brigar com inimigo, mandou buscar a Damão quatro cotias de fogo, para lhas lançar com navios de remo pela banda do Norte no canal onde elles estavam; as quaes vindo na maré de noite,

[1] e soldados com grande esforço — A.
[2] sahiram alguns feridos — A.
[3] botaram ao mar — A.
[4] tambem salvaram alguma outra — C.
[5] com presença — C.
[6] isso — A.

as passaram aos navios por cima das restingas, para n'aquella vasante as lançarem. E depois de estarem os navios surtos, com as cotias, da banda de dentro das restingas, com a grande força da corrente as não puderam ajuntar para as encadearem. O que se houveram antes considerado se podia mui facilmente remediar; e assim dois navios que levavam duas as largaram com a muita corrente, atirando já os inimigos muitas bombardadas. N'uma d'ellas ia um soldado, chamado Antonio da Costa, barqueiro estimado por valente, e na outra um castelhano, chamado dom Agostinho de Leão, tambem de boa reputação. A do barqueiro passou por entre as naus inimigas ardendo, sem ter quem a puxasse; por onde não fez effeito. Á de dom Agostinho acudiu o patrão mór Gaspar Gomes, n'um paró em que andava, e lhe deu um cabo, e a levou á proa da almirante inimiga, pondo-lhe fogo com um tição; e ardeu com tanta violencia que lhe levou logo a cevadeira, e queimou o cabo porque a puxavam. E assim, por não ter em que se pegar, foi passando junto ao costado da nau, sem lhe fazer mais nenhum damno. D'alli a dois ou tres dias se encadearam as outras duas, e se entregaram a dois sanguiceis; um de Antonio de Proença, e outro de Manuel Delgado, que lhe deram toa remando. E buscando a nau inimiga mais perto, e pondo fogo ás cotias antes de chegarem a ella, tirando [1] a nau muitas bombardadas, remou o Delgado tanto como o sanguicel da sua parte para a banda direita que desviou as cotias, e a nau tambem se desviou por espias que tinha. Com que por ora se não [2] tractou mais de fazer damno ao inimigo, particularmente porque n'este tempo, que era em fevereiro de 615, vieram novas ao visorei, de Ormuz, como os persas tinham tomado o forte do Comorão. Para cuja noticia perfeita será forçado [3] apartar-nos um pouco d'esta armada de Surrate, d'onde se partiu logo o visorei com toda a armada para Dio a despedir o dito soccorro, e chegou lá brevemente. Mandava sua Magestade ao capitão de Ormuz fosse á ilha de [4] Queixome considerar o sitio para uma fortaleza, que queria mandar fazer n'ella para segurar a agua, que Ormuz não tinha. Ao que foi dom

[1] as naus — C.
[2] tractou de fazer — A.
[3] apartarmos — C. apontarmos — A.
[4] Queixame — A. e C.

Luiz da Gama, com um grande apparato de armada, e uma galé e muitos navios. A qual sabendo o [1] Cam de Xiray qne se fazia, ajuntou tambem gente para vêr aonde ia dar, e depois que se tornou para Ormuz o dito dom Luiz da Gama, tendo ido a [2] Queixome, não quiz o [3] Cam de Xiray despedir a gente sem obrar alguma cousa, e foi contra o Comorão.

Era costume antigo pagarem os reis de Ormuz certa pensão aos reis de Lara para a dita ilha. [4] Depois que o Xá Abas, rei da Persia, [5] tomou o reino de Lara, pretendeu lhe pagasse tambem a mesma pensão; por quanto elle com mais largueza franqueava os ditos caminhos. A qual pedindo aos capitães de Ormuz dom Jorge de Castello Branco, e dom Luiz da Gama, Alaibeque, grande capitão persio, que em ausencia do Cam de Xiray ficava com o mesmo governo, lha negaram, e lha não quizeram pagar, e ultimamente, apertando Alaibeque com dom Luiz da Gama por ella, vieram a picar-se por recados de maneira que chegou dom Luiz da Gama a lhe mandar dizer que o faria trazer e metter por faraz na sua estrebaria. Com que resentido Alaibeque, tomou este motivo para pôr em execução os intentos que o Xá tinha sobre o forte do Comorão, para que lhe ficasse mais facil a passagem para Ormuz, aonde se dirigiam todos os seus desejos. E assim, depois de começar em agosto de 614 a [6] vir impedir a communicação ao Comorão com alguma gente de cavallo, se ajuntaram até vinte e dois de setembro seguinte quatorze mil homens de armas, com que puzeram um sitio mui apertado ao forte de Comorão, assim por terra como por mar, com cento e cincoenta terradas, e quatro navios grandes de esporão, em que vinham quatro mil guerreiros, afora os arabios que as remavam.

O capitão do Comorão, chamado André de Quadros, se poz em a defensa necessaria, mas como não tinha artilheria grossa com que pudesse fazer afastar os inimigos, mais que alguma miuda de falcões e ber-

[1] Candixiray — A.
[2] Quexeme — C. Quexame — A.
[3] Cam de Xaray — C. Candexiray — A.
[4] Depois do — A.
[5] tomar — A.
[6] a virem pedir — C.

ços, nunca, contra tanta copia de gente tão ousada e robusta como são os persios, podia manter-se muito. Por onde, pedindo soccorro a dom Luiz da Gama, capitão da fortaleza de Ormuz, lhe mandou elle alguma gente, munições e mantimentos, que buscaram occasião de se metter no Comorão em tempo que a dita armada não estivesse sobre elles; porque de ordinario fazia muitas voltas a outras partes, dando açoutes e saqueando toda a costa de Arabia que estava por elrei de Ormuz; e assim não só por esta, mas por outras muitas vezes, lhe mandava dom Luiz soccorros, trazendo os doentes e feridos, e os do Comorão, que não chegavam a quarenta, faziam de noite seus assaltos e sahidas, com que davam *nas terras*, e matavam muitos dos inimigos; porém fazia-lhes menos damno, ainda que lhe matassem muita copia, que um ou dois que elles dos nossos acabassem. E como dom Luiz da Gama estava n'este tempo com mui pouca gente, que entre soldados e casados não passavam de tresentas pessoas, tendo só oito navios de armada, de que era capitão mór Fernão da Silva, considerando lhe convinha mais tractar da segurança de Ormuz que de nenhuma outra cousa, despediu logo em septembro de 614 aviso a dom Hieronymo de Azevedo, do estado em que ficavam as cousas; pedindo-lhe o soccorro necessario; não largando nunca da sombra da ilha de Ormuz alguns navios, quando era forçado despedir outros, como foi n'este comenos irem as ditas terradas e navios dos inimigos dar em Julfar, que tomaram e saquearam. E tendo aviso dom Luiz da Gama mandou ao dito capitão mór que fosse buscar as terradas para as tomar e destruir, levando os navios que lhe parecesse, e deixando alguns para segurança da ilha. Foi Fernão da Silva como cinco; elle por capitão mór em um, e por capitães dos outros João de Araujo, Miguel da Silva, Domingos Nunes, e outro cujo nome se não sabe. Estes dois ultimos lhe pediram licença para ficarem em Queixome fazendo agua, para o irem logo seguindo. Elle lha deu, e foi logo seguindo sua derrota, sem esperar por elles, até que chegando á vista de inimigo, que estava com toda a sua armada, com que sahiu logo para fóra para brigar com os nossos, e pondo-se Fernão da Silva com um barril de polvora a repartil-a pelos soldados, um seu pagem com um murrão, [1] por desastre, poz fogo na polvora, com que se abrasou elle e Fernão da Silva, e

[1] por desastre foi pôr fogo á — A.

quatro marinheiros; de maneira que dentro em dois dias morreu o dito capitão mór. Levou-lhe o fogo tambem a vela, com que ficando o navio manco foi forçado levarem-no á toa os outros dois. O que vendo os inimigos, lhe foram sempre ladrando até que os navios largaram a toa do capitão mór, e os marinheiros tambem, como mouros, lançando-se ao mar, foi o navio [1] rolando a terra; e postoque os de dentro se defenderam grande espaço, comtudo foram entrados dos inimigos, e tomado o navio ficaram captivos. Os dois que ficaram em Queixome, e os outros dois que largaram o seu capitão e se retiraram da armada inimiga, se vieram para Ormuz com as novas do succedido; que deu o devido sentimento, mas sem o castigo que similhante falta merecia. Os parsios, com maior animo, apertaram o sitio por mar e terra ao Comorão, não dando logar a que lhe entrasse nenhum soccorro, por mais que dom Luiz da Gama trabalhou por lhe metter; até que André de Quadros, e os mais que dentro estavam, vendo-se minados pelos parsios por muitas partes, e com mais poder cada hora sobre elles, sem esperança de soccorro, que lhe faltava havia muitos dias, se entregaram com partido das vidas, (em vinte e um de dezembro de 614) que os inimigos bem mal lhe guardaram, como é ordinario n'elles não terem fé nem palavra. Dom Luiz da Gama, antes que soubesse d'esta entrega, vendo como a armada inimiga não largava um momento o posto, para poder metter o soccorro do Comorão, tractou de fazer a sua em fórma que pudesse brigar com ella e desbaratal-a. E assim, perfez doze navios, e por cabeça d'elles Domingos Nunes, e os mais capitães Affonso da Gama, Diogo Giraldes, Miguel da Silva, João de Sousa Pinhel, Francisco Pereira, Antonio da Silva, João de Araujo, Mathias Barbosa, Henrique da Silva, Francisco Machado, Fernão Vaz de Siqueira, os quaes mui bem negociados de petrechos, postoque de gente levavam os mais a oito e dez espains cada um, por não haver portuguezes, foram em demanda da armada inimiga, a qual sabendo, por vigias que tinha, a ida da nossa, se recolheu em um riacho junto de Comorão, que por uma banda tinha um parcel, com que não dava logar aos nossos navios poderem entrar a balravento. E assim, em chegando, parecendo ao capitão mór que tudo era aparcelado abaixo, por não descorrer com o vento que então ventava, com que depois não pu-

[1] e arrolando — C.

desse chegar a soccorrer Ormuz, se fosse necessario, se voltou para elle, por não ter outra gente mais que a d'aquella armada; e d'ahi, reformando-se com mais dez terradas, tornou a ir por mandado de dom Luiz da Gama a soccorrer o Comorão, quando já a armada inimiga se tinha ido, e a fortaleza entregue. E assim, chegando a ella, viram os inimigos estar-lhe desfazendo algumas obras para lhe fazerem outras a seu modo, como fizeram e aperfeiçoaram e fortificaram com muita artilheria, na fórma em que está. Cuja nova sentiu dom Luiz da Gama e todo o mais povo de Ormuz na fórma que era razão, prognosticando logo alguns velhos e antigos de Ormuz, que em se perdendo o Comorão logo Ormuz se perdêra, porque lhe ficava sendo como barbacã, em que os inimigos da Persia quebravam sua furia, para quando vinham a Ormuz estarem já prevenidos. E postoque dizem que quando o visorei ia com a sua armada defronte de Dabul, lhe chegou uma galeota de dom Luiz da Gama com as novas d'este cerco, que pudera haver soccorrido, comtudo, não houve d'isso perfeita noticia, senão d'estas ultimas de sua perda, a cujo soccorro mandou Miguel de Sousa Pimentel, juntamente para veador da fazenda da dita fortaleza, com nove navios, onde foram por capitães Miguel de Sousa, capitão mór, Bento de Vasconcellos, João Barbosa, Jorge de Mello, Francisco Henriques, Manuel de Gouveia, Miguel de Macedo, João Rodrigues Varella, Gaspar Pita, com que chegou a Ormuz em março de 615, já não necessario para o effeito; e assim ficou com o dito cargo, sobre que veiu a ter tantas differenças com dom Luiz da Gama, que se foi Miguel de Sousa para Mascate, por se não irem mais fomentando.

CAPITULO LXXX.

DO QUE MAIS SE PASSOU EM SURRATE, E O VISOREI COM A SUA ARMADA ATÉ TORNAR A GOA.

Em quanto o visorei esteve em Surrate os mogores estavam em terra com arraial formado, parece que com o primeiro intento de defenderem suas terras e juntamente de ajudarem aos ingrezes nas cafilas de fazendas que por terra traziam; e como tinham visto os açoutes que nossas armadas tinham dado este verão em suas terras, chamaram dezenove pa-

rós, e os tinham em Surrate para se ajudarem d'elles em qualquer movimento que contra elles quizessemos intentar, parecendo-lhes que tambem lhe serviriam de segurar suas naus de Meca, que determinavam lançar, postoque a principal [1] confiança que elles tinham era nas naus ingrezas. A nossa armada de remo não deixava, em quanto ali esteve o visorei, de ir fazer agua ao rio de Surrate. E de uma vez ficaram em secco dois navios, com a maré que vasou; o de Bento de Vasconcellos e *o* de Jorge Galvão, aos quaes os mogores acudiram logo até os quererem commetter com elephantes. Mas elles se defenderam de maneira que os fizeram afastar, até que a maré tornou e os navios ficaram em nado, e se vieram ajuntar com os mais.

Despedido o soccorro que se tem dito para Ormuz, se tornou o visorei para a outra costa de Surrate com toda a armada, e ao outro dia em amanhecendo descobriu aos inimigos com todas as quatro naus, vindo á vela na volta do Sul, e já muitas leguas de Surrate. O visorei os foi seguindo, mandando em um patacho, que trazia comprado, ao desembargador Gonçalo Pinto da Fonseca, que ia por veador de fazenda e ouvidor geral para ficar em Damão fazendo muitas cousas do serviço de sua Magestade, de que adiante se dará razão. E o visorei se foi andando com todo o panno traz os inimigos, que lhe iam algum tanto adiante, e navegando pela manhã até o pôr do sol lhe ficaram os mais galeões de sua armada quasi a perder de vista, por ser o seu muito melhor de vela. No quarto da prima rendido chegou o visorei ás naus inimigas com grande desejo de provar a mão com ellas; e conhecendo-lhe esta vontade o seu condestable André da Veiga, disse publicamente que se désse uma carga á nau derradeira, que ia fazendo agua, com dois canhões que levava abocados, de quarenta livras cada um, sem falta a metteria no fundo. Porém sobre isso houve tomarem conselho, onde tractando como os galeões todos ficavam muito atraz e o seu soccorro e ajuda não podia chegar a tempo ao visorei, que por força havia de ter sobre si todas as quatro naus, que eram de tanta força como se tinha visto, e assim *assentaram* não podia deixar de correr muito risco o galeão, onde com a pessoa do visorei e tanta copia de fidalgos, e gente nobre, se punha em notavel risco, além do credito e reputação, a mór parte das columnas e pessoas d'este

[1] confiança para elles — A. e C.

Estado, quando tinha aberto guerras com tão poderosos reis d'elle, que se [1] vissem o visorei desbaratado podiam crear pensamentos de se atreverem a muito mais do que até então o fizeram. Por onde *votaram* que antes convinha, [2] quando não chegassem os mais galeões com que brigar, para o não fazer com tão notavel risco e desegualdade, acudir a Baçaim e Chaul a compôr as guerras do rei Melique, que não poderia deixar de o fazer, com a representação d'aquella armada, na fórma que melhor estivesse ao Estado. O que vendo o visorei, lhe pareceu devia seguir antes este parecer, sem fazer caso de os fazer logo assignar n'elle a todos os que então houveram e insistiram muito que o tomasse; o que depois não quizeram. E assim, o visorei, considerando mais quanto estava obrigado, e no logar que tinha, de se não deixar levar de desconfiança, para por ella se seguirem no bem commum damnos maiores do que á opinião e fama de uma só pessoa, lhe pareceu que seguia bom conselho; porém se tivera esta consideração antes de se vir metter n'esta occasião, nunca a procurára, ou o fizera com a sua armada em fórma que se lhe não seguissem os inconvenientes que depois se lhe representaram; porque, postoque os mais do vulgo, e tambem outros muitos que se querem d'elle exceptuar, tivessem a este visorei, pelo como se houve n'esta jornada e occasião, por de muito menor animo e esforço do que de antes era tido, comtudo, não é de crer que quando um fidalgo de tão bom entendimento, criado na guerra, e que chegou a similhante logar pelos merecimentos n'ella grangeados, se dispoz a ir buscar os inimigos, fosse para [3] faltar em ponto algum de sua obrigação; porque n'esta occasião de os encontrar fóra do poço se lhe conheceu claramente, como já digo, grande desejo de [4] brigar com elles. E, se a sua armada o pudera acompanhar, póde ser que o fizera com algum bom successo; porque as naus ingrezas iam carregadas, e as mais fazendo agua, e os nossos galeões leves e sem mais que a artilheria, com que não podiam deixar de apertar muito com elles.

Antes de chegar o restante da armada do visorei se foram alongando

[1] visse — C.
[2] quando chegassem — A.
[3] faltar em tempo algum, nem ponto — A.
[4] obrigar — C.

os ingrezes e [1] elle fazendo-se na volta de Baçaim, onde foram depois ter os galeões e se acabaram de concluir as pazes com o Melique, postoque n'algumas das circumstancias das condições ficou para se assentarem depois, particularmente a dos palmares de Chaul, [2] e os foros que lhe haviam de pagar, porque não houvesse depois ficarem ainda alli occasiões de desavenças. O que feito, e dando graças a Antonio Pinto da Fonseca, pelo bem que se tinha havido n'aquella guerra, [3] e a todos os fidalgos moradores de Baçaim que tambem procederam com satisfação, e outras pessoas nobres, se fez á vela [4] com a armada para Goa, trazendo a Antonio Pinto da Fonseca. Onde chegou a salvamento, mas com mui pouco gosto; e assim, depois d'esta jornada lhe ficou o animo mui soffredor; parece que conhecendo a desgraça d'ella, d'onde depois lhe sobrevieram todos os trabalhos com que se viu até acabar n'elles a vida.

Quando o visorei se foi, deixou a Luiz de Brito em Surrate com a sua armada e alguns navios de dom João de Almeida, para tolher a sahida aos dezenove parós e ás naus mouriscas para Meca; que por força queriam lançar duas artilhadas, e com ingrezes dentro; mas como não eram tão fechadas como as suas, e sabiam que os nossos navios haviam de investir e abalroar com ellas, postoque o seu arraial estava em terra com artilheria, d'onde tambem tiravam aos nossos, mudando-a de uma parte para outra conforme os navios se mudavam, nunca quizeram arriscar-se a isso. De maneira que, sendo já no fim do verão passada a monção, tractaram os parós de sahir, por não ficarem alli invernando, e assim o fizeram um e um no escuro da noite, pela barra pequena, desemastreados com receio dos nossos navios. Onde os mais dos soldados adoeceram, por lhes ir faltando mantimento e beberem agua salobra, mas ainda assim esteve a armada todo o tempo que o visorei lhe tinha ordenado; que o soffrimento portuguez em servir a seu rei não faz caso da saúde, nem de tudo o mais que se présa depois d'esta, tão estimada de todos.

[1] ella — C.
[2] e dos fóros — A.
[3] e todos — A.
[4] com toda a armada — A.

CAPITULO LXXXI.

DO QUE MAIS SUCCEDEU NO NORTE ATÉ O FIM D'ESTE VERÃO DE 615.

N'esta conjuncção os mogores, sentidos do mau successo que tiveram no arraial de Damão, disseram que aquillo fôra acontecimento de guerra, mas não porque elles não fossem tão valentes como os portuguezes, e para mostra d'isto, doze capitães seus queriam brigar em desafio com outros doze nossos, os quaes, tendo-o por grande alvitre, responderam que de mui boa vontade, com que se dessem refens de parte a parte. E por fim vieram os mouros a dizer que lhe não davam licença. E alguns d'estes recados levou e trouxe um padre nosso da Companhia, que lá estava, e como não se concluiu nada, se veiu com os navios já no fim de abril, em que a armada se partiu visitando as fortalezas do Norte.

Em Chaul, tanto que se effeituaram as pazes, pediram licença muitos mouros para virem vêr Ruy Freire, que pela grande guerra que lhe fazia, e excellente modo com que a governava, havia cobrado muito nome e fama para com elles; e sendo-lhe concedida, mandou Ruy Freire [1] armar os mais de seus capitães e soldados, e com elles em pé, [2] arrimados ás paredes de sua casa, (que tinha fóra dos muros) recebeu os mouros e alguns capitães principaes, que trouxeram muita gente comsigo, a qual estando da banda de fóra das casas, mandou Ruy Freire lançar pelas janellas muitas patacas, que elles apanharam com mais vontade do que recebiam os pelouros, com que em muito maior copia os hospedava este capitão e seus soldados, quando os mouros queriam saber quaes eram em outra fórma do que agora o faziam. Visto o capitão e soldados, de quem tambem foram festejados com sua salva, pediram os mouros licença para verem a cidade, que se lhes concedeu, por verem que não cabia desconfiança em quem se sabia tão bem defender e offender a seus inimigos. Viram-na, e póde ser que o vulgo, particularmente das mulhe-

[1] armar os seus capitães e soldados — A.

[2] arrumados á parede de suas casas, mandou Ruy Freire — A.

res, quando no exterior lhe não mostrassem a má vontade que as obras que d'elles tinham recebido lhe deviam causar, ao menos no interior não deixassem de os desejar vêr tão destruidos, quanto elles o procuravam a ellas e a seus filhos e maridos. Vista a cidade se despediram, não menos satisfeitos de valentia do que da cortezia dos portuguezes, gabando as mulheres de formosas e os homens de valentes e confiados.

O visorei, como ainda não deixava compostas as cousas com o Mogor, mandou a Ruy Freire, pois já não era necessario em Chaul, fosse invernar em Damão com quatrocentos soldados de presidio, encarregando a Gonçalo Pinto da Fonseca, que deixou n'esta cidade, trabalhasse por vêr se podia concluir as pazes com o Mogor em alguma fórma honrada e conveniente, pois nós lhe tinhamos dado tanto motivo para as guerras com a tomada da nau de Meca. Para o que ficou por veador da fazenda e ouvidor geral de todas as cidades e fortalezas do Norte, e *com* largos poderes para effeituar as pazes na fórma e modo que melhor lhe parecesse; deixando em sua prudencia e entendimento a conclusão dos capitulos e condições com que se pudessem effeituar.

Estava por nababo em Surrate um mouro parsio, que tinha vindo a Goa em tempo do visorei Ruy Lourenço de Tavora, chamado Mocarre Bethião, e sendo n'ella tractado com muita familiaridade e benevolencia dos portuguezes, vendo a limpeza, verdade e magnificencia de seu tracto, e modo dos templos e egrejas, cuidado e perfeição do culto divino; e considerando com particular attenção todas as mais obras e circumstancias d'ellas, que havia entre os christãos, veiu a confessar que não podia deixar de ser a sua lei a verdadeira, e que só tractassem de dar ao verdadeiro Deus as honras e glorias, senão tão perfeitas como elle merece, ao menos todas as que podem como homens offerecer e dar a seu Deus e creador. E apertando com elle os que mais de dentro o conversavam e lhe ouviam esta pratica, se veiu em fim, com auctoridade do mesmo visorei Ruy Lourenço, alcançar d'elle que se fizesse christão, como em effeito fez, porém ás escondidas, levando-o um dia de festa o visorei Ruy Lourenço para este effeito á egreja de Santo Agostinho, onde o baptisaram com muito seu gosto e vontade, e o metteram do gremio da egreja para dentro; porém nas acções exteriores não deixava de se mostrar mouro, com medo de seu rei, e tambem por esse respeito dos que o serviam e acompanhavam; faltando-lhe aquella perfeição da fé, que faz des-

prezar todos os bens, honras, e riquezas do mundo, e ainda a propria vida, que este imperfeito christão não sabia trocar com as que podia receber entre os portuguezes, tão aventejadas a todas as que o seu rei lhe podia dar e fazer, quanto era mais subido e levantado o fundamento d'onde lhe nasciam; contentando-se só quando se via com christãos de mostrar em tudo que o era no coração. E assim, quando se foi para Surrate, pediu com muita instancia lhe dessem uma mulher ou duas christãs para as levar comsigo, dizendo que as conservaria em toda a sua liberdade, assim da lei, como da castidade; parece que com tenção de se casar com alguma d'ellas. Porém como ia em trajos de mouro, e professando ainda sel-o, pareceu a todos os que bem o consideraram que não convinha, antes era arriscar as almas das duas mulheres christãs para fazerem o mesmo que vissem fazer a seus maridos.

Este nababo, em sabendo que Gonçalo Pinto tinha ficado em Damão para o effeito e conclusão das pazes, como o havia conhecido em Goa, e tractado sua prudencia e assento, mostrou que recebia d'isso grande contentamento, e entre [1] outras cartas que lhe escreveu foi uma a seguinte, muito para notar virem todas com o nome de Jesu em cima.

JESU.

« Pelas cartas que os padres me escreveram soube da vinda de v. m., »
« com a qual folguei muito, e a festejei como as obrigações o pediam; »
« e se estivera na liberdade em que v. m. está, entenda de certo que »
« não esperara pelo segundo recado, nem perguntára pela causa da vin- »
« da, pois me bastava a fama de seu bom nome, e condição real, para »
« me mover a partir logo d'aqui, para ir em busca de v. m. e offerecer- »
« me a mim e a todas minhas cousas a seu serviço; e certo que não re- »
« cebi pouca magua não podendo cumprir meus desejos e obrigações »
« como era razão. E ainda que em negocio tão grave terá recebido v. m. »
« escandalo, por lhe parecer que não acudo como devo, todavia, escre- »
« vendo-me os padres tantos bens de v. m., concebi logo uma grande »
« confiança que sua prudencia admittiria as causas de minha detença, »

[1] cousas e cartas que lhe escreveu — A.

« e os impedimentos approvaria de não poder ir em pessoa cumprir mi- »
« nha obrigação, desejando-o muito, como terá entendido pelas que »
« d'aqui escrevi aos padres, e depois a derradeira que escrevi, na qual »
« pedia instantaneamente aos padres alcançassem de v. m. quizesse dar »
« uma chegada [1] a esta barra. Estive esperando pela resposta com grande »
« desejo, porém escrevendo elles a causa, que é o tempo ruim e os ven- »
« tos contrarios, pareceu-me impedimento legitimo; mas fiquei muito »
« magoado de não poder [2] ir, ou até um Barçary pelo menos, quando »
« vi as dos padres, que me escreviam de como v. m. me fazia mercê de »
« querer vir até os confins d'estas terras; porque, como é testemunha »
« o padre que aqui está, a mãe do filho mais caro que tenho, depois »
« de parir adoeceu tão gravemente que não foi possivel deixal-a, ha- »
« vendo que sem mim não se lhe dará nenhum remedio para sua cura; »
« que se dentro em poucos dias Deus lhe der melhoria, e v. m. puder »
« ficar mais tempo n'essa fortaleza, dou-lhe minha palavra que vá eu »
« d'aqui para me vêr com v. m. aonde lhe bem parecer, e gosar de »
« sua presença, e fazer taes amisades entre nós que nunca se desfaçam »
« nem com a morte; que se isso não puder ser, entenda v. m. que d'hoje »
« por diante tem v. m. em mim um amigo que o servirá em todo logar, »
« com não menos amor de quantos amigos tem entre os portuguezes. »
« Nem nunca me desviarei dos conselhos que me v. m. der, por mais »
« longe que estejamos um de outro. E se v. m. puder ficar n'esse Da- »
« mão até á vinda do padre Manuel Pinheiro, será mercê mui particu- »
« lar para mim; porque ainda que levou tudo d'aqui de maneira con- »
« certado que não tenho duvida em querer o senhor visorei consentir »
« [3] em tudo, todavia, por sua senhoria ter deixado seus poderes a v. m., »
« póde ser que remetta o padre a v. m. para concluir e confirmar tudo, »
« e indo-se v. m. póde ser que se desencontre com o padre e haja ou- »
« tros trabalhos de novo. Por onde, [4] se póde ser, peço a v. m. espere »
« por elle, e entenda que hei tudo por bem o que o padre fizer, pois »
« leuou o meu assignado de tudo o que quero. Nem reparem os padres »

[1] a esta terra — A.
[2] Desde *ir* até pelo *menos*, ha um espaço em branco no exemplar — A.
[3] a tudo — C.
[4] se puder ser, espere — A.

«em pouquidade, como creio que nem v. m. reparará, para se acabar»
«de concluir tudo com gosto de ambas as partes. O portador leva um»
«signal de amor que tenho a v. m., que, por estar em terra novel, vae»
«cousa pouca; porém tudo vae acompanhado de uma vontade grande,»
«que levarei comigo para a corte, de servir a v. m. com cousas maio-»
«res d'outros reinos, e fazer tudo o que for de seu gosto, em todo o logar»
«aonde me achar.» Vae na do padre João Borges o rol das peças que leva o portador. Nosso senhor guarde a v. m. e o prospere em tudo, etc. De Surrate tres de abril de 615. De v. m. amigo Mocarre Betheão.

Estas e outras cartas escrevia o nababo a [1] Gonçalo Pinto, pondo em cima, além do nome de Jesu que dissemos, juntamente a cruz, tudo ao nosso costume; vindo tambem as cartas em portuguez, porque estavam em Surrate, além dos muitos captivos portuguezes que atraz se [2] refere, alguns padres da Companhia, de muita prudencia e virtude, como o padre Hieronymo Xavier, que foi o que mais trabalhou n'estas [3] pazes, o padre João Borges, o padre Manuel Pinheiro, que como na carta se mostra tinha ido de Surrate a Goa por terra, com apontamentos do nababo tambem sobre as pazes. O presente que mandou a Gonçalo Pinto, em que na carta falla, era de dois cavallos muito formosos, duas alcatifas de estrado muito grandes, e outras [4] miudezas de bofetás, e similhantes cousas. O que tudo Gonçalo Pinto mandou repartir pelas egrejas, sem a elle lhe ficar nada; porque, como por causa das guerras não se lhes pagava nada do que tinham de [5] ordinarias, por não haver [6] rendimentos, quiz Gonçalo Pinto dar-lhe o que tinha seu, porque vissem com quanta mais vontade lhe daria o de sua Magestade, se o tivesse; mandando ao nababo de sua fazenda o retorno mui correspondente, assim ao amor que lhe mostrava, como á opinião que tinha do brio e animo dos portuguezes, e mandando juntamente aos captivos portuguezes, que estavam em Surrate, algumas esmolas com que pudessem sustentar-se; porque lhas

[1] Gonçalo Pinto, além — A.
[2] refere, e alguns — A. e C.
[3] partes — A.
[4] miudas — A.
[5] ordinario — A.
[6] rendimento — C.

[1] mandavam pedir. Porque, postoque o ordinario lho davam os mouros, comtudo, com se haver tomado aos mais d'elles muita fazenda e dinheiro, era tanta a estreiteza com que os sustentavam que padeciam muitas faltas; o que Gonçalo Pinto suppriu com o seu, que posto o pudera fazer com o de sua Magestade, pois tinha poderes em sua real fazenda, comtudo, era tão pouca a respeito das muitas cousas a que tinha que acudir, que com elle não ter muito, houve que para similhante obra devia [2] tirar o mais preciso, porque nunca o despendido n'ella podia, nem [3] póde faltar a quem o faz com a primeira tenção do amor de Deus; porque elle se dá por obrigado e promette que ainda n'esta vida lho tornará muitas vezes dobrado.

CAPITULO LXXXII.

DAS NOVAS QUE VIERAM DO SUL A GOA, E DA ARMADA [4] DE GALEÕES QUE PARA LÁ ORDENOU E MANDOU O VISOREI.

Como sua Magestade tinha avisado a este Estado, e juntamente a Manilha, da copia de naus hollandezas que vinham para o Sul com intentos de se apoderarem de Malaca e Manilha, houve que, para melhor lhe poder resistir, convinha ajuntarem-se os dois poderes d'este Estado e de Manilha, para que ambos pudessem com mais commodidade fazer rosto aos inimigos, segurar as fortalezas do Sul, e lançal-os d'elle, franqueando as navegações e commercios aos vassallos de sua Magestade. E assim, para este effeito mandou uma ordem ao visorei dom Hieronymo, que lhe chegou por via de mar e terra, em que dispunha passasse ao Sul em pessoa com o poder maior que pudesse ajuntar-se em Malaca, aonde viria o governador de Manilha tambem com a maior armada que n'aquellas ilhas pudesse fazer, e ficaria o visorei sendo capitão geral de toda ella, obedecendo-lhe tambem o governador dom João da Silva, e seguindo

[1] mandaram — C.
[2] tiral-o do mais — C.
[3] póde fazer falta — A.
[4] de galeões para lá que ordenou — A.

suas ordens; e que sendo caso que não fosse possivel passar em pessoa o visorei, mandasse a mais armada que pudesse, que ficaria obedecendo e seguindo a bandeira do governador de Manilha. O que assim disposto, chegando o visorei de Surrate com os galeões e mais armada que dissemos, veiu tambem de Manilha um alferes castelhano, e um clerigo, e dois portuguezes, um chamado dom Diogo de Miranda, fidalgo da casa do Papa, e outro João de Moura, casado e morador em Manilha, trazendo todos procuração da cidade, e dois patachos, dos quaes vinha um cheio de cravo para poder fazer os gastos da armada, que vinham buscar da parte do governador dom João da Silva, quando o visorei se não determinasse a passar em pessoa, como sua Magestade lhe ordenava. Um dos dois patachos foi a Cochim a buscar ancoras, amarras, e petrechos para a armada; e o outro, cheio de cravo, veiu a Goa, onde tambem chegou n'esta monção a galeota que o visorei tinha mandado em maio com Lourenço da Costa á China, trazendo algumas embarcações de mercadores.

O visorei, considerando o pouco apparelho que tinha para passar em pessoa ao Sul com a armada [1] conveniente á auctoridade que devia representar, tractou de mandar soccorro de galeões, para o qual nomeou por capitão a Francisco de Miranda Henriques com quatro galeões, e por capitães dos outros Affonso Vaz Coutinho com titulo de almirante, dom João da Silveira, e João Pinto Pereira. E mandou lançar bandos [2] que todos os que quizessem ir para Maluco, para onde cuidavam que o governador de Manilha faria jornada, lhe dariam quatro quarteis, e assim se começou a lançar gente, e aprestar armada, mas postoque [3] o capitão mór era mui affavel, e dos fidalgos naturaes da India que tinham opinião de valentes, não acudiam soldados a receber, sendo que não faltavam em Goa, e assim dos que haviam vindo do reino nas tres naus que em novembro passado chegaram, e na almirante de Paulo Rangel de Castello Branco, que tendo invernado em Mombaça chegou n'este abril de 615 a Goa, trazendo tambem a gente da de João Soares Henriques, que se per-

[1] conveniente, que devia representar sua auctoridade — A.
[2] que quantos se quizessem — A.
[3] o capitão era muy afabel — A.

deu em Melinde e se salvou toda, como dos muitos [1] que então havia n'este Estado, os mais d'elles de experiencia e valor.

Segundou n'esta [2] monção aviso ao visorei, que lhe mandou Diogo de Mendonça, com a certeza que atraz dissemos alcançára das espias do Achem, de sahir este rei com [3] uma mui grande armada, que havia tempos estava fazendo, que não podia ser senão contra Malaca; com o que se applicou mais no apresto [4] dos galeões de Francisco de Miranda, e antes que os acabasse de negociar mandou apparelhar o galeão Todos os Santos, em que elle tinha passado a Surrate, por ser [5] forte, capaz, e mui bom de [6] manhas, e provído mui bem de soldados e artilheria, o mandou diante, com Estevam Teixeira de Macedo por capitão, em companhia da nau da prata e algumas galeotas de mercadores, indo não menos o galeão carregado com muita fazenda e dinheiro de partes para Malaca e China; embarcando-se com condição que todas as que fossem assim n'este galeão, como na nau da prata, além dos fretes ordinarios que haviam de pagar, se lhes havia de fazer um lançamento *pro rata*, de que se tirasse o que fosse bastante para se pagarem as medições da nau e galeão, e para a paga de mantimentos [7] de todos os officiaes, e gente do mar e guerra que levavam, e para o concerto das mesmas embarcações; dando-lhe regimento d'onde haviam de ir tomar para acharem aviso de Malaca do estado em que estava, que se fosse de cerco, esperassem pelos galeões de [8] Francisco de Miranda, que se ficavam acabando de negociar, e partiriam pouco depois d'elles, com os quaes n'este caso iriam em conserva para procurar descercar Malaca, obedecendo a Francisco de Miranda, e seguindo sua bandeira; e quando não achassem nenhumas novas fossem seguindo sua viagem á China, fazendo a menos detença que fosse possivel. O qual galeão e nau foram [9] com bom tempo até Malaca,

[1] que havia — A.
[2] mensão — C.
[3] uma grande — A.
[4] dos galeões Francisco de Miranda — A.
[5] forte e capaz de mui boas — A.
[6] manchas — A. e C.
[7] dos officiaes — A.
[8] Francisco de Miranda Henriques — A.
[9] em bom tempo — A.

sem lhe succeder cousa que peça particular menção. E chegando á barra d'ella desembarcou João Caiado de Gamboa, que ia no galeão de Estevam Teixeira, com toda a sua familia, entrar na capitania; e estando fazendo direitos das fazendas que levava a nau e galeão, um dia de julho d'este presente anno de 615, veiu um soldado chamado Manuel Rodrigues, dos que iam no galeão, da terra para elle em um nabange muito ligeiro, e chegando a bordo subiu, e se foi para o capitão Estevam Teixeira, que estava assentado na cadeira do piloto, e saudando-o com a devida cortezia, depois que o teve seguro levou uma catana que trazia e [1] deu de repente no capitão com ella uma grande catanada, e arremettendo-se o capitão a elle lhe deu outra, e n'isto se lançou do chapiteo ao mar, onde o foi tomar [2] logo *o* nabangue, e o levou com toda a pressa para Malaca, deixando a Estevam Teixeira com duas catanadas mortaes, sem haver soldado, nem pessoa do galeão onde era capitão, que lho pudesse evitar, nem em certo modo acudisse; porque dois que o fizeram houve toadas [3] que estavam em resguardo do aggressor, como tambem não faltaram de que João Caiado lhe mandára fazer isto, por algumas differenças que tiveram na viagem, e acintes que dizem lhe mandava fazer Estevam Teixeira. O que só bastou para depois tirarem a João Caiado de sua capitania, e o mandarem vir a livrar a Goa, como em seu logar se dirá mais largamente. E porque o tempo era já mui entrado, se partiu o galeão e nau para a China, levando a Estevam Teixeira mui mal, e como as feridas eram mortaes em chegando ao estreito morreu, e teve o mar por sepultura, que [4] é a mais ordinaria dos que n'elle andam. Ficou succedendo por capitão Antonio de Moraes Barbuda, com que chegou á China sem contraste no agosto seguinte. E estes são os excessos a que [5] chegam os soldados na India, a que se não acudiu com egual castigo, pela largura de suas terras. Porém a justiça divina é tão justa que em similhantes maldades essa mesma causa, que os livra da humana, toma por instrumento de seu juizo; tanto mais rigoroso quanto se executa entre

[1] deu no capitão — A.
[2] logo no bange — A.
[3] de estarem — C.
[4] é a ordinaria — A.
[5] chegavam — A.

infieis, ou por mãos dos proprios maus, onde nem ha sombra de misericordia. E assim [1] o mesmo aggressor, com outros do seu rancho, que ficaram em Malaca, acabaram miseravelmente.

CAPITULO LXXXVIII.

DAS ORDENS QUE VIERAM DE SUA MAGESTADE SOBRE A VENDA DAS FORTALEZAS, CARGOS E VIAGENS D'ESTE ESTADO, E DE COMO SE PÔZ EM EFFEITO, E DA PARTIDA DAS NAUS DO REINO, DE DOM MANUEL COUTINHO, E DO SUCCESSO QUE TIVERAM.

No principio d'esta historia se deu larga razão da necessidade de dinheiro em que estava o Estado quando tomou posse d'elle o visorei dom Hieronymo de Azevedo, devendo a muita copia de xerafins que tinha tomado o visorei Ruy Lourenço de Tavora emprestados sobre seu credito, os quaes se assentou em conselho de Estado que se pagassem, como em effeito se poz por obra em tempo do visorei dom Hieronymo de Azevedo; e como n'elle tambem esteve quasi todo este Estado de guerra, não só com os reis naturaes, mas tambem com os hollandezes e ingrezes, pelas muitas armadas que se fizeram [2] por sua causa *o foram* de aventejados gastos. O que representando o visorei dom Hieronymo a sua Magestade em principio de seu governo, e mostrando a muita necessidade que havia de metter todo o resto para lançar estes inimigos de Europa de todo o Oriente, antes que tomassem pé n'elle, de sorte que não fosse depois muito mais difficultoso, como se foi fazendo: o que considerado por sua Magestade, como senhor de tanta grandeza e christandade, e que tanto deseja amparar e defender seus vassallos, ordenou que vista a muita falta em que se achava a real fazenda n'este Estado, e a muita importancia de que era lançarem d'elle todos os inimigos rebeldes, hollandezes e ingrezes, se vendessem as fortalezas e cargos todos com que costumava despachar em satisfação de serviços. Cuja ordem me pareceu pôr aqui expressa, e é a seguinte:

[1] o dito aggressor com muitos — C.
[2] por sua casa de aventejados gostos — C.

Carta de Sua Magestade, escripta ao visorei dom Hieronymo de Azevedo, sobre a venda das fortalezas e mais cargos [1] d'este Estado.

« E porque o rendimento do dito dinheiro não será bastante a se »
« ordenar d'elle a armada com aquella brevidade que pede o estreito »
« estado das cousas d'essas partes, para que haja d'onde se possa armar »
« sem mais dilação, tendo respeito ao muito que importa applicar-se re- »
« medio apressado a necessidades tão publicas, que se devem preferir »
« aos interesses dos particulares, e rompendo pelos inconvenientes e dif- »
« ficuldades que para essa resolução [2] se me representaram: Hei por »
« bem e mando que por esta vez sómente, e por tempo de tres annos, »
« se vendam todas as fortalezas, cargos e viagens d'esse Estado, para »
« entrarem n'ellas os que assim as comprarem diante de todos os pro- »
« vídos, sem embargo de quaesquer embargos que elles a isso possam »
« ter, [3] logo como sahirem das ditas fortalezas, cargos e viagens, as pes- »
« soas que estiverem servindo; fazendo-se as vendas em leilão a quem »
« mais der, e em vossa presença e dos officiaes de minha fazenda, como »
« se costuma na arrematação das [4] rendas reaes; de modo que se não »
« deem [5] por amisades, ou valias, nem favores [6] nos preços, senão a »
« pessoas de que o Estado tire mais proveito. Porém procurar-se-ha que »
« comprem as fortalezas e cargos os que estiverem n'elles, porque sendo »
« já approvados [7] ficarão assim melhor provídos, e é de crer que, pelo in- »
« teresse de servir [8] mais, se alargarão nas compras e a dar o dinheiro »
« mais prompto. E havendo-se de vender a outras pessoas que entrem »
« de novo, serão approvados por vós, [9] e pelos do conselho com toda »
« a consideração devida, de maneira que em tempo tão perigoso se não »

[1] Finda aqui o titulo, no exemplar da Academia.

[2] se representam — A.

[3] logo que sahirem — A.

[4] vendas — A.

[5] por amisades, valias, nem favores — A.

[6] do preço senão ás pessoas — A.

[7] ficarão melhor — A.

[8] mais farão melhor as compras, e se alargarão a dar mais dinheiro mais prompto — A.

[9] e por os do — A.

« entreguem as fortalezas a pessoas a que faltem as partes necessarias »
« para as [1] poder bem defender. E assim, antes de sahirem a publico »
« com o lanço, se fará o exame que tenho ordenado ácerca das renun- »
« ciações e com o mesmo segredo, e dos que por este modo [2] forem ap- »
« provados se acceitará logo o lanço, procedendo com tal tento que não »
« [3] succeda dar-se a fortaleza, ou cargo, a quem não seja a proposito »
« para o servir. Para o que, por esta vez sómente, pelo requerer [4] assim »
« a brevidade do tempo, dispenso na ordem dada sobre as renunciações, »
« de que se vos avisou nas naus que partiram de Lisboa em oito e dez »
« do mez passado. De todas as vendas que assim se fizerem se ordenará »
« uma lista, com declaração mui particular d'ellas, e das pessoas que »
« comprarem, e do dinheiro que se deu por cada capitania, viagem e »
« cargo; e outra lista da despeza do mesmo dinheiro pelo miudo, e am- »
« bas me enviareis por vias, para eu vêr como se cumpriu o que man- »
« do. E porque seria de grande inconveniente venderem-se as thesoura- »
« rias, feitorias, cargos de contas, a pessoas mal afamadas e que as não »
« tenham dadas boas de outros cargos, ou não hajam entrado a dal-as, »
« antes de se arrematarem a pessoa alguma, votarão sobre sua sufficien- »
« cia os officiaes de minha fazenda em vossa presença, e será approvada »
« por elles; de que se fará declaração nas listas das vendas, que se me »
« hão de enviar. O dinheiro procedido de todas as vendas se ha de de- »
« positar em uma arca de tres chaves, na fórma que se faz o cabedal »
« da pimenta, para d'elle se acudir á fabrica, apresto e sustento da ar- »
« mada necessaria para lançar d'esse Estado os inimigos de Europa, e »
« destruir os logares em que estiverem; e por nenhum caso nem acci- »
« dente se ha de despender em outra alguma cousa, por precisa e obri- »
« gatoria que seja, postoque da conservação e defensão d'este Estado; »
« nem tomar-se por emprestimo: o que particularmente vos encarrego, e »
« mando que façaes executar com todo o rigor e pontualidade, adver- »
« tindo que de se proceder em contrario me haverei por muito desser- »
« vido, e se vos imputará a vós sómente a culpa que n'isso se commet- »

[1] poderem — A.
[2] fossem — C.
[3] succedam — C.
[4] assim pela brevidade — C.

« ter. Com este dinheiro, e o que fôr rendendo o consulado, que se re- »
« colherá na mesma fórma, dareis logo principio á fabrica dos galeões, »
« fundição de artilheria, munições e mais cousas necessarias para a ar- »
« mada. — Rei. »

Até aqui diz sua Magestade. [1] D'onde se deixa bem vêr o [2] extremado

[1] Quizeramos, segundo o nosso costume, conferir esta carta regia com o original, ou com outra cópia que nos merecesse mais fé. A importancia das disposições n'ella contidas, o pouco escrupulo com que documentos d'esta natureza se acham transcriptos nas obras dos nossos historiadores, ainda os de maior fama, e a falta do principio e da data d'este famoso monumento de mingua de recursos pecuniarios com que então luctava Filippe III, e da incapacidade de buscarem melhores alvitres os seus ministros, nos impunham a obrigação de estudarmos o que houvesse a este respeito, e de publicar o resultado de nossas indagações. Foram, porém, frustrados os nossos desejos. Na copiosa collecção de cartas regias dirigidas aos vicereis e governadores da India, que existe no Archivo Nacional, não descubrimos tal documento; nem tampouco nos livros da Chancellaria d'aquelle rei o encontrámos. Restava-nos uma esperança: a de que viesse em algum dos fasciculos do *Archivo Portuguez Oriental*, impressos em a Nova Goa por conta do Governo, e por diligencia do nosso incansavel e benemerito consocio o sr. Cunha Rivara; mas d'esses fasciculos, de que só possuimos o primeiro, dado á luz em 1857, e comprado por nós ha muito tempo na livraria de Melchiades e Franco, que nunca mais recebeu outros; d'esses fasciculos de que na Academia das Sciencias ha apenas o segundo e terceiro, e mais nada, não se acha a continuação nos livreiros, não dão noticia os curiosos de livros, nem mesmo conseguimos saber se os ha ou houve todos no Ministerio da Marinha e Ultramar. Desistindo pois do nosso primeiro empenho, procuraremos sómente estabelecer de algum modo a data, pelo menos quanto ao anno.

No documento, que Bocarro trasladou mutilando-o, se manda que ás vendas das fortalezas, cargos e viagens, precedam os exames ordenados ácerca das renunciações. Ora nós sabemos, pelo *Indice Chronologico e Remissivo de João Pedro Ribeiro*, Part. V, pag. 24 e 25, que dois alvarás com as providencias a que se allude foram lavrados em 30 de janeiro e 6 de março de 1614. Logo posterior a esta ultima deve ser a data da carta regia, que pôz em almoeda as fortalezas, expedida para a India na armada que largou do Téjo em 614 sob o commando de D. Manuel Coutinho, e não, como pretende Faria y Sousa, na que partiu no anno seguinte, capitaneada por D. Jeronymo Manuel, a qual não podia chegar a tempo de se poderem realisar as vendas em abril de 1615, segundo affirma Bocarro.

[2] destrado — A.

modo com que ordena se ponha em effeito esta obra, para cujo effeito e cumprimento se puzeram em publico leilão todas as ditas fortalezas, cargos e viagens, onde foram vendidas em abril de 615, porque lhe havia chegado ao visorei no mesmo tempo por terra a ordem para isso. Porque o cuidado com que sua Magestade tractava de remediar este Estado lha fez mandar por onde mais brevemente pudesse chegar. O preço por que foram vendidas se arrecadou logo e guardou na fórma que sua Magestade ordenava. O que foi causa, depois que se mandou a lista de tudo ao reino a sua Magestade, como se mostra pela carta que o ordenava, de serem os despachadores muito mais registados e parcos em darem os despachos que d'antes davam aos requerentes pelos serviços que apresentavam, regulando-se pelos preços por que foram vendidos os taes [1] cargos, (por serem muito maiores do que eram os merecimentos dos serviços) e não sei se considerando na muita differença que havia no dinheiro que davam os [2] compradores para entrarem logo no cargo e mercê, ao despacho que se dá aos requerentes na vagante dos provídos, tão prolongado, que raramente [3] vemos chegar alguem a entrar em sua vida em despachos que lhe deram por seus serviços; e que se da sorte que se venderam estes cargos e fortalezas para entrarem logo diante de todos, fôra caso que se vendessem na vagante dos provídos, como se dão os despachos, não houveram de dar a quarta parte do dinheiro que deram por elles. E assim houve em todos os fidalgos, soldados, e mais criados de sua Magestade, que o servem n'este Estado, uma geral queixa d'estas vendas, pelo muito que lhe ficavam atrazadas suas entrancias. Com que se dizia publicamente que nunca d'este dinheiro se havia de haver bom logro, nem conseguir com elle victoria, e muito menos o fim para que foi procurado; e ou fosse pela razão e justiça d'esta queixa, ou pela ruim ordem de quem o despendeu, ordenou e poz em execução, não é menos para sentir o cumprimento d'ella, do que a perda [4] e sentimento com que andavam tantos benemeritos [5], de que se lhe não apressassem, mas se lhe dilatassem, os premios de seus serviços.

[1] cargos e não sei — A.
[2] compadres — C.
[3] vemos entrar alguem e chegar em sua vida em despachos — A.
[4] e sentimento d'ella com que — A. e C.
[5] do que se lhe apressassem e não dilatassem — A. e C.

As tres naus do reino, em que tinha vindo dom Manuel Coutinho por capitão mór, se continuaram em aprestar para a tornada, em o visorei partindo para o Norte; applicando-as com todo o cuidado dom Frei Christovam de Lisboa, que ficou em seu logar, arcebispo de Goa. Para o que, postoque faltavam roupas de Cambaia com cafila particular, pelo Mogor estar de guerra, [1] comtudo, além das que havia na terra, não faltaram empregos para os cabedaes assim [2] das pessoas de Europa como dos moradores d'este Estado, em muitas drogas do Sul e fazendas da China, das que tinham chegado [3] na frota dos galeões de Miguel de Sousa, e João Caiado, e nas roupas que já temos dito vieram de Tutocorim, Negapatão e [4] Bengala, e não menos das do Balagate, de muitas sortes, todas mui requestadas em Portugal e suas conquistas e contornos; e assim tambem alguma pedraria particular de diamantes, que posto não era em tanta copia como depois que foram descobertas as minas d'elles no reino de Golconda, nunca deixava de haver alguns que se levavam e compravam, mas tão caros que se ficava interessando n'elles mui pouco. E assim que acabadas as naus de aprestar partiram em fevereiro de 615; porém tão avolumadas e empachadas que a poucos dias de viagem tornaram a arribar á barra de Goa, d'onde as duas, capitaina, e de Manuel de Vasconcellos, mandaram recado ao arcebispo do estado em que vinham. O qual mandou logo a dom Diogo Coutinho, capitão de Cochim, que tinha vindo a Goa vêr o dito seu irmão, fosse com todos os seus poderes, e fizesse desempachar as naus, pois tambem lhe convinha por parte de seu irmão fossem mui boiantes e desembaraçadas, sem respeito á fazenda, nem interesse de ninguem. Fel-o assim dom Diogo Coutinho, e depois de lançar ao mar muitos fardos, que fôra [5] melhor a quem não tinha aonde os agasalhar poupar o que n'elles gastou, tornou a despedir as duas naus do dito mez, as quaes a poucos dias de sua partida, tendo quando muito passado as ilhas de Maldiva, encontraram a outra nau de Luiz Ferreira Furtado, em que ia por capitão Nuno da Cunha, que se ia

[1] comtudo pelos que havia na terra além d'ellas não faltaram — A.
[2] das peças — A.
[3] da frota — A.
[4] Benguela — A. e C.
[5] melhor já que não tinha — A.

para o reino; a qual tinha aberto uma agua, que fazia tanta que a não podiam vencer, e assim desenganados os que iam n'ella, mandaram recado ao capitão mór que quizesse receber a gente na sua nau, pois não tinham outro remedio para salvarem as vidas. O capitão mór, [1] examinada a verdade, e achando ser na fórma que os da nau diziam, lhe disse que se viessem mui embora, que os recolheria de mui boa vontade; como em effeito vieram em algumas bateladas que se fizeram. Com que ficou a nau despejada sem pessoa alguma, assim á vela como ia, em cuja fórma houve quem disse que [2] a via tres dias depois de larga: que foi causa de se pedir mui estreita conta ao piloto e mais officiaes. O capitão mór, vendo-se com [3] tanta gente, considerando a pouca agua que levava, antes que entrasse em mais necessidade d'ella mandou encaminhar para Angola, para se provêr de tudo o *de* que fosse falto. Foi o piloto tomar Angola, onde se refez mui compridamente, e tornando á sua viagem, entrando pelo inverno, com a detença que havia feito [4] per antre as ilhas Terceiras *atrazou-se* de maneira que na do Faial lhe deu uma tormenta tão forte que, não lhe valendo os muitos e bons officiaes que levavam e o quanto trabalharam, se perdeu a nau, dando á costa na dita ilha; onde morreram mais de duzentas pessoas, e as mais que escaparam puderam só salvar alguma cousa de mão. Entre estas foram o capitão mór Nuno da Cunha, dom Diogo de Vasconcellos, o bispo da China, Frei João Pinto; e dizia Gaspar Ferreira, vendo esta perdição, e as muitas viagens que tinha feito á India a salvamento, que pudera mais a má fortuna de Nuno da Cunha do que a sua boa. E das ditas cinco naus só a de Manuel de Vasconcellos tornou ao reino, e ainda com elle morto já perto de Portugal.

[1] examinando — A.
[2] havia — A. e C.
[3] gente — A.
[4] perante — A.

CAPITULO LXXXIV.

DA CAUSA DA VINDA DO EMBAIXADOR CASTELHANO DOM GARCIA DA SILVA A ESTE ESTADO, E DO EFFEITO PARA QUE VIERA, E RECEBIMENTO QUE LHE FEZ O VISOREI, E COMO ELLE PROCURAVA SUA PARTIDA.

Nas pessoas que vieram [1] nas naus de dom Manuel Coutinho, apontámos como chegara na mesma sua nau dom Garcia da Silva e Figueirôa por embaixador de sua Magestade para o Persa; onde não [2] dissemos nem a causa, nem o effeito para que viera, pela muita pressa com que o visorei andava em sua jornada para o Norte; e assim, ella concluida, convém darmos razão de uma e outra cousa.

Chegado o embaixador a Goa, em novembro, como dissemos, de 614, o mandou o visorei buscar á barra na sua manchua, e tomar-lhe casas ao longo do rio, para que por elle pudessem ter mais facil communicação. D'ahi a poucos dias, em que com recados se tinham communicado mui amigavelmente, tractou o visorei de o receber. E antes que elle o faça, será conveniente darmos razão da causa e o effeito de sua vinda.

Pelas continuas embaixadas que o Xá Abbas, rei da Persia, mandava a sua Magestade, e pelos continuos memoriaes que por sua parte [3] presentaram no conselho real de Estado, em Madrid, por Danisbeque seu embaixador, em que propunha, e pedia a sua Magestade a continuação da guerra contra o Turco, por meio da que lhe fazia o imperador de Alemanha; pedindo-lhe mais quizesse acceitar por contracto o commercio de toda a seda que tinha em seu reino, na fórma que temos relatado, sobre o que lhe pedia o Xá que para conservação da amisade que ambos os reis tinham, e sua Magestade mostrar a conta que d'elle fazia, lhe mandasse um embaixador, pessoa grande de sua côrte, e que elle lhe faria tambem o mesmo, por lhe não parecer licito que similhante tracto

[1] na nau — A.
[2] dissemos da causa — A.
[3] presentavam — A.

e liança se fizesse por meio de frades, com que, dizia o Xá, estava já cansado de tractar, mandando sua Magestade ter com estas razões a consideração conveniente, houveram que se devia eleger pessoa similhante á que se pedia, e não menos á grandeza de sua Magestade, para o que se fez eleição em dom Garcia da Silva e Figueirôa, em quem se achavam todas as partes concernentes ao referido; porque além de ser aparentado com os mais dos grandes de Hespanha, era de mui bom juizo e subtil entendimento, visto e lido e muito pratico na lingua latina e italiana; ao que tudo acresciam os annos da edade que lhe faziam ter a madureza e consideração conveniente para qualquer cousa que se lhe fiasse, em cuja fórma tinha governado o reino de Jaen no tempo que os ingrezes vieram sobre Calix, onde acudiu com muita gente de guerra, assim de pé como de cavallo, e procedeu com inteira satisfação. Deu-se-lhe a dom Garcia para esta jornada da Persia uma grande ajuda de custo na côrte de Madrid, e sobre tudo lhe assignalaram dez mil escudos de ouro castelhanos, de soldo cada anno, para elle e juntamente repartir com os fidalgos e pessoas de qualidade que o acompanhassem, para assim se fazer com muitas a embaixada grandiosa, para o que não faltaram promessas de mercês no cabo d'ella; mandando-lhe mais sua Magestade dar vinte mil cruzados para os gastos, livrados sobre a fortaleza de Ormuz e rendas da India. Com o que se lhe entregou um grande presente para o Xá, de muitas cousas de preço e estima, como foi uma espada com toda a guarnição de ouro massiço, com muita pedraria esmaltada, muitas voltas de cadeias de ouro com esmeraldas pendentes, de grandeza notavel; muitos vasos dourados com [1] obra de bastiães e pratos do mesmo; um bofete de prata, tão grande como os ordinarios; um brazeiro tambem de prata; muito grande copia de peças de panno de differentes [2] cores muito finos, e algumas felpas de veludo de cores; malhas jarserinas, e muitos caixões de aço para formar armas, e n'um particular todos os ferros para se poder trabalhar em qualquer arte; muitos pistoletes [3] de rodas ao modo framengo e francez, todos clavados e dourados, em suas fundas bordadas de ouro; espingardas compridas de passarinhar, com mil en-

[1] obras de bastiões — A.
[2] cores malhas, e muitos caixões de aço — A.
[3] de roda — A.

tretalhos de montaria em suas caixas particulares, tudo em extremo perfeito; e seis concertos de cavallo [1] bordados de alto reclamo de ouro e cores, sorteados, com suas caixas, estribeiras, e borlas, tão extremados que se houve por mal empregados em se mandarem ao Persa, pois não havia de usar d'elles, pelo differente modo que costumam ter nos jaezes de cavallo. Ao que tambem se ajuntava copia de vasos de cristal de differentes feições, guarnecidos de ouro, todos de muita valia, entre os quaes ia uma caixa de cristal, que o feitor do Persa, armenio, chamado [2] Cojesafer, christão, de que em seu logar se dará razão, tinha empenhado por seis mil cruzados, e sua Magestade, sabendo-o, a mandou desempenhar, por valer muito mais, e assim a mandava ao Persa. O que tudo trouxe o embaixador dom Garcia de Madrid, e por suas jornadas veiu a Lisboa com muitas pessoas que o acompanharam n'esta embaixada, os mais d'elles muito nobres, de que faremos menção quando partir para a Persia.

Não trazia ordem este embaixador para assentar com o Xá o contracto da seda na fórma que o Xá queria; porque já sua Magestade tinha resolvido sobre elle que viessem os mercadores a Ormuz com ella, onde se lhe daria embarcações a tempo para poderem passar a Goa, e irem nas naus para Portugal; cuja ordem veiu nas naus de 612, de dom Hieronymo de Almeida. E postoque o visorei mandou ter as embarcações prestes em Ormuz para este effeito, não quiz o Xá mandar a seda, porque parava o contracto feito de uma vez, como o ingrez dom Roberto Sarley o fôra procurar a Inglaterra, de que devia de o avisar.

Aposentado o embaixador nas casas que o visorei lhe tinha mandado tomar por conta de sua Magestade, poz em conselho de Estado o visorei como o havia de receber; onde se assentou que fôsse como era costume receber os embaixadores que o Persa tinha mandado a sua Magestade, e os que sua Magestade tinha mandado a elle, que era a primeira vez na sala real, dando-lhe cadeira rasa de veludo e fallando-lhe por mercê; e que ao mais lhe fizesse todas as honras que lhe parecesse em casa retirada, [3] porque o que se assim fizesse não diminuiria a auctoridade do logar de visorei, da qual dependia poder sua Magestade ser

[1] borde alto de reclamo — A. e C.
[2] Cojesefer — A.
[3] porque se assim — A.

bem servido n'este Estado, e a conservação d'elle; e tudo o que em contrario d'isto se fizesse seria novidade, e cousa não vista n'estas partes depois que o governo d'ellas se foi [1] extendendo; e que o mesmo rei da Persia se resentiria, se soubesse que ao seu embaixador, sendo de rei extranho se fazia menos cortezia que ao que era vassallo de sua Magestade e em suas proprias terras. Onde tambem se declarou que o mais em que o visorei o poderia aventejar, estando em casa retirada, era em lhe dar uma cadeira de espaldas de couro. Em cuja conformidade se recebeu o dito embaixador com todo o acompanhamento de fidalgos e pessoas nobres, e depois o foi o visorei visitar a sua casa por mar, [2] communicando-o muitas vezes com grande afabilidade, e mandando correr pontualmente com seus pagamentos, sobre todas as necessidades que padecia o Estado, até que houve metterem-se de permeio algumas tenções, que não fizeram bons officios, com que o visorei não ficou tão corrente com o embaixador, particularmente com os pagamentos, [3] o que elle dava por escusa de não haver logo passado á Persia, postoque tambem foi outra a mais principal causa, como abaixo se dirá.

Partido o visorei ao Norte em demanda dos ingrezes, o arcebispo de Goa dom Frei Christovam de Lisboa, que ficou governando, escreveu ao dito embaixador um escripto, cuja copia é a seguinte:

«Hontem ia buscar a V. S. para saber de sua saude, que me di-»
«ziam que estava V. S. mal disposto, e juntamente para saber de V. S.»
«o que lhe parece ácerca da sua embarcação, de que não pude tractar»
«até agora, a respeito das naus que me [4] occupavam a mim e aos mi-»
«nistros de todo. E será serviço de sua Magestade que V. S. me avise»
«e se resolva, porque parecendo a V. S. que cumpre a seu serviço ir»
«V. S., estou prestes para dar a V. S. todo o necessario, como lhe te-»
«nho dito. E convém que V. S. me responda com brevidade, por se ir»
«acabando por ora a monção. Nosso Senhor guarde a V. S. etc. De»
«casa 16 de fevereiro de 615. O Arcebispo Primaz.»

[1] entendendo — A.
[2] communicando — C.
[3] a que elle dava por escusa o não haver — C.
[4] occuparam — A.

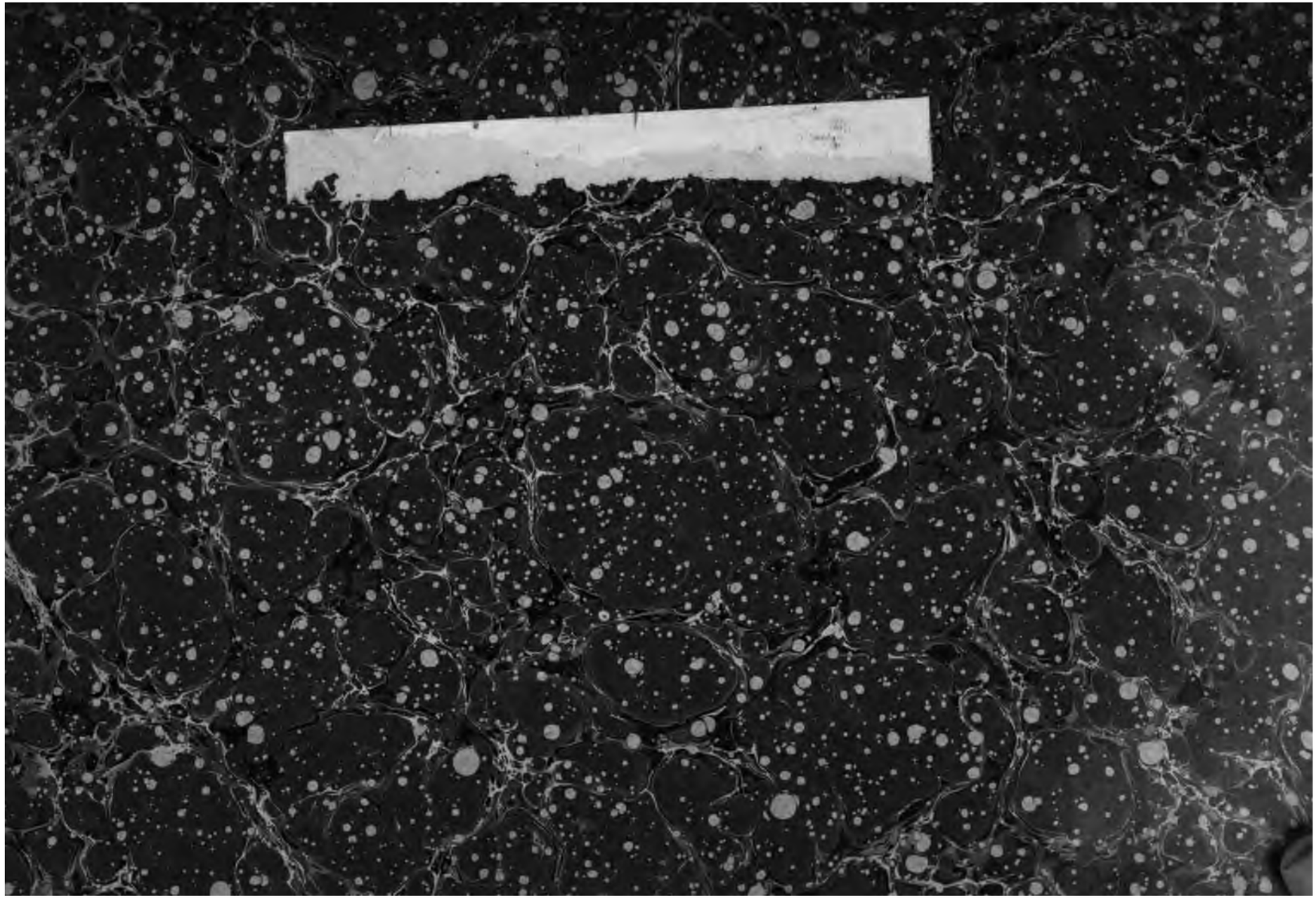
Resposta do embaixador ao escripto acima:

« El no haver se quitado la guerra de Ormus, sinò antes passado »
« muy [1] adelante, haciendo se con las fuerzas del rey de Persia, [2] impide »
« de todo punto proseguir yo la embaxada que Su Magestad ordenò solo »
« hiziese; porque demàs del mal ánimo que este rey ha descubierto, »
« tan contrario a la buena correspondencia que del se esperava, no està »
« Ormus ni su alfandegua en estado de poder darse me lo que su Ma- »
« gestad manda para mi embaxada, que es toda la quantidad de di- »
« nero que para ello me señalo, sin [3] la qual no solo no es possible pro- »
« seguirla, pero ni aun entretener me qualquier poco tiempo en Ormus, »
« adonde no combiene que yo estê necessitado, ni menos que con la de- »
« cencia que se requiere a embaxador suio. Por este mès de Enero pro- »
« ximo passado di mucha priesa a V. S. por mi despacho, por haver se »
« entendido y publicado en esta ciudad, que la guerra de Ormus solo la »
« habian movido los niquiluses de Lara y del Bandel, sin intervenir el- »
« rey de Persia en ello, a cuya composicion venia el governador de Xi- »
« rás, no consistiendo la guerra en mas de la satisfaccion que pedia »
« aquella gente levantada por la muerte y presa de mercaderias y di- »
« nero, hecha a sus vecinos en la [4] toma de ciertas terradas por orden »
« de don Luis da Gama, capitan de aquella fortaleza, y que conforme »
« a esto la guerra se tenia ya por acabada. Esta fama, a que tambien »
« V. S. estuvo persuadido, y ver que se acercava la moncion de los pri- »
« meros dias de Hebrero para llegar con tiempo a Ormus, fue causa de »
« hazer tanta instancia con V. S. ansi por el presente de canela y pi- »
« menta, como por las demàs cosas necessarias a mi embarcacion, apres- »
« tando me en aquellos dias tambien yo por mi parte de las que ha- »
« via menester para mi casa y criados, hasta que en este medio se supo »
« con certeza como la guerra de Ormuz passava muy adelante, y que »
« el governador de Xirás, que se esperava venia por medianero de la »
« composicion de los niquiluses, estava en su favor con un grande exer- »

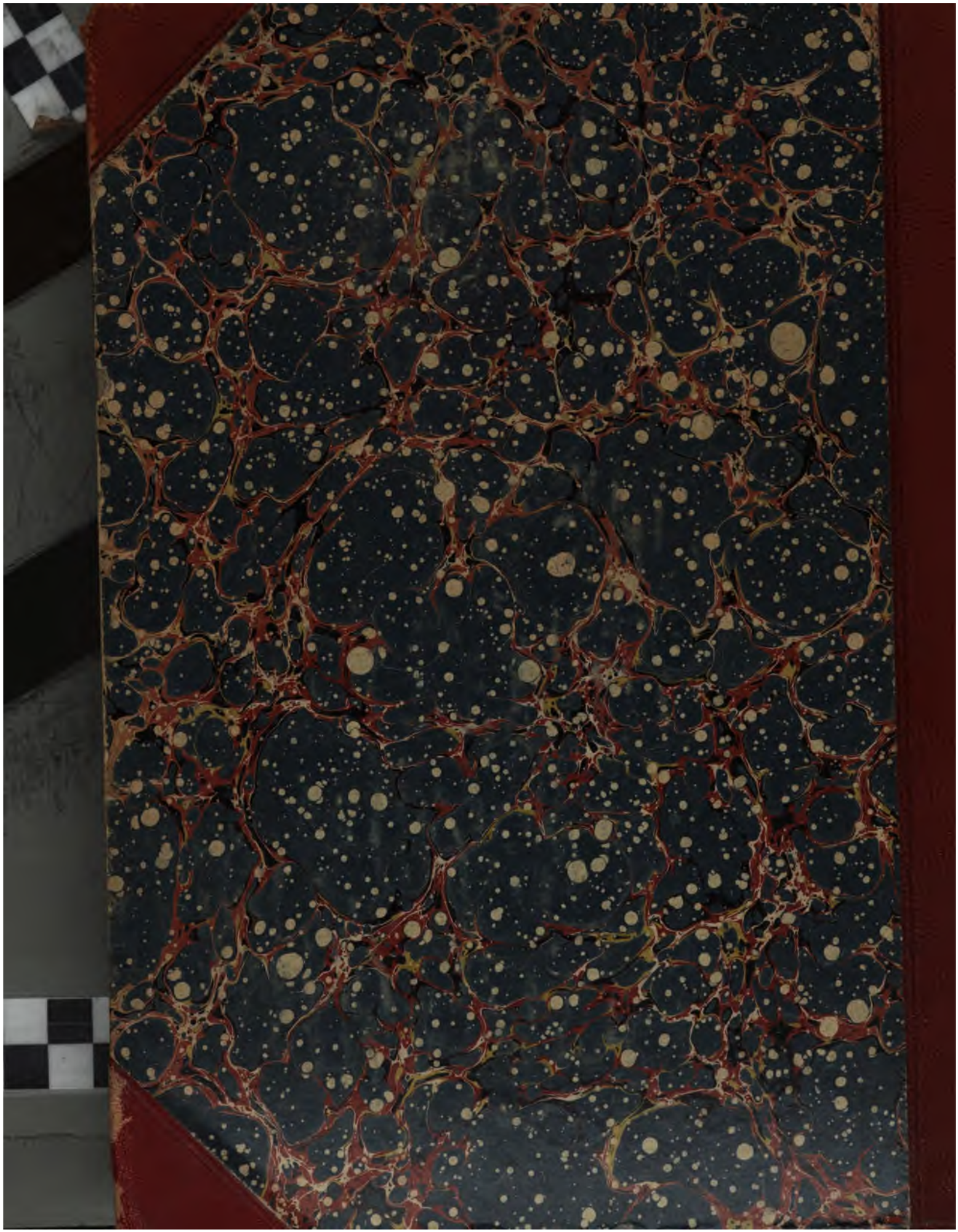
[1] adelante, y haviendose — A.
[2] impedido — A.
[3] lo qual — A.
[4] tomada — A.

« cito sobre la fortaleza del Bandel, haviendo se retirado elrey y goazil »
« de Ormuz [1] dentro de la fortaleza principal. Entendendo esto y la ne- »
« cessidad en que Ormus agora puede allarse para soccorrerme en todo »
« ò en parte con lo que su Magestad manda, no me pareciò, ni me pa- »
« rece que por ningun caso conviene al servicio de su Magestad yo vaya »
« en conjuntura semejante a Ormus, por las causas arriba referidas ; »
« pues en ninguna otra parte su Magestad me tiene señalado mi sueldo »
« y ayuda de costa y gastos de embaxada, sinò en aquella ciudad. Pero »
« quando aquellas alteraciones se puziessen en [2] mayor estado conocien- »
« dose [3] al rey de Persia mejor animo de que hasta ora ha mostrado, y »
« dando me el señor visorey, ò V. S. en esta ciudad lo que sua Mages- »
« tad manda se me dè en Ormus, aunque seia llevar tan mal verano »
« como alli se passa, me embarcarê esta monson de 15 de Marzo en »
« los navios de remo que bastaren para seguridad de mi persona y pre- »
« sente que llevo de su Magestad, a cujo servicio, maiormente en lo que »
« toca en esta embaxada, tanta obligacion tengo de acudir, y V. S. de »
« favorecer me en ella como lo muestra, porque le beso las manos mu- »
« chas veses. Dios guarde V. S. etc. De la posada en Goa 17 de He- »
« brero de 1615. — Don Garcia da Silva y Figueiroa. »

[1] dentro en la fortaleza, principalmente entendendo — A.
[2] mayor — A. e C. mejor (?)
[3] elrey — C.



3 6105 011 782 914

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD AUXILIARY LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(650) 723-9201
salcirc@sulmail.stanford.edu
All books are subject to recall.
DATE DUE

JUL 0 2 2001
JUN 0 7 2001